

FERNANDO HENRIQUE FERREIRA DE OLIVEIRA



O envelhecimento do ser no espaço: memórias de idosos em contextos de luta e conquista da terra no Pontal do Paranapanema - São Paulo - Brasil



unesp

Presidente Prudente - SP
2022



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Tecnologia - Campus de Presidente Prudente

Programa de Pós-Graduação em Geografia

Fernando Henrique Ferreira de Oliveira

**O envelhecimento do ser no espaço: memórias de idosos em
contextos de luta e conquista da terra no Pontal do
Paranapanema - São Paulo - Brasil**

Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em
Geografia (PPGG) da Faculdade de Ciências e
Tecnologia de Presidente Prudente (FCT) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho” (UNESP) para a obtenção do título de Doutor em
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Feliciano.

Presidente Prudente - SP

2022

048 e O envelhecimento do ser no espaço: memórias de idosos em contextos de luta e conquista da terra no Pontal do Paranapanema - São Paulo – Brasil. / Fernando Henrique Ferreira de Oliveira. -- Presidente Prudente, 2022
389 p. : il., tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

1. Espaço. 2. Envelhecimento. 3. Idosos(as). 4. Assentamento. 5. Acampamento.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Título:

O envelhecimento do ser no espaço: memórias de idosos em contextos de luta e conquista da terra no Pontal do Paranapanema - São Paulo – Brasil

AUTOR: FERNANDO HENRIQUE FERREIRA DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: CARLOS ALBERTO FELICIANO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em GEOGRAFIA, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:



Prof. Dr. CARLOS ALBERTO FELICIANO (Participação Presencial)
Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente

Prof. Dr. RICARDO PIRES DE PAULA (Participação Presencial)
Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente

Profa. Dra. ANA TERRA REIS (Participação Presencial)
Geografia / Escola Nacional Florestan Fernandes

Prof. Dr. ROBINZON PIÑEROS LIZARAZO (Participação Virtual)
Facultad de Educación / Universidad Surcolombiana: Neiva, Huila, Colômbia

Profa. Dra. VERA LUCIA SILVEIRA BOTTA FERRANTE (Participação Virtual)
Centro Universitário de Araraquara - UNIARA

Presidente Prudente, 27 de setembro de 2022.

AGRADECIMENTOS

A primeiramente a Deus por minha vida, família e amigos.

A minha família, em especial a minha mãe Rosely, minha avó Ivanilde, meus irmãos Felipe e Rafael, meu avô “Luis” (*in memorian*) e ao meu padrasto Raimundo por todo amor, compreensão e apoio incondicional ao longo desses anos.

Meus agradecimentos aos amigos Lidiana, Ananda, Otávio, Luiz, Laís, Diego, Eusébio, Lucas, Léia, Thais e Marcus.

A Cacildo e D. Maria pela amizade e pela estadia e hospitalidade durante as idas a campo.

A minha tia Zilda pelo apoio e criatividade nas ilustrações das árvores.

Aos colegas da sala de estudo do PPGG, Gustavo, Raisa, Janaina, Ana, Will, Angela, compartilhamos cafés, momentos de trabalho e descontração.

Aos amigos da EMEB Renato Pradi e EMEB Anna Nagel de Jaraguá do Sul (SC), em especial ao Jacir, Raquel, Márcia, Mari e Angela. Aos colegas da Escola Estadual Doutor José Foz de Presidente Prudente (SP).

À FCT/Unesp, pela oportunidade de fazer o curso e pelo ambiente criativo e amigável que proporciona.

Aos professores do PPGG, em especial à Prof. Thomaz, Prof. César Leal, Prof. Bernardo, Prof. Nivaldo e a Profa. Rosangela por todo aprendizado e oportunidade de realizar o doutorado. Agradeço imensamente a secretária Aline pela atenção, paciência e por me salvar nos mais diversos momentos.

Aos professores Ricardo, Raul, Vera Botta, Ana Terra e Robinzon pelas sugestões e por toda contribuição durante a qualificação e defesa deste trabalho.

Ao professor Cacá, pela orientação, apoio e confiança na realização deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado. Por último, agradeço às mulheres e homens idosos assentados na reforma agrária, sem a colaboração de vocês esse trabalho não teria saído.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Além da CAPES, agradeço a Unesp e ao programa de pós-graduação em Geografia pelo acolhimento e desenvolvimento da pesquisa.

O envelhecimento do ser no espaço: memórias de idosos em contextos de luta e conquista da terra no Pontal do Paranapanema - São Paulo - Brasil.

Resumo: O objetivo principal desta tese é compreender como se constrói a experiência do envelhecimento rural e identificar as estratégias de resistência e a espacialidade desenvolvidas pelos idosos no contexto de luta, conquista e formação do acampamento Gercina Mendes e do assentamento Água Sumida. Discute-se também como o envelhecimento é visto na geografia e sua relação com as dimensões espaciais e sociais dos sujeitos. Partindo de um referencial teórico para a geografia do envelhecimento, propomos uma compreensão de como os conceitos espaciais desempenham um papel no exame do envelhecimento em áreas de conflito agrários, justificando uma análise relacional, com foco em múltiplos sujeitos sociais, e para além do mundo dos adultos. Para tanto, tomamos como eixo central a relação entre envelhecimento e espaço na trajetória de pessoas idosas em situações de acampamento e assentamento no Pontal do Paranapanema – São Paulo. História oral, reconstrução de memórias e uso do caderno de campo foram estratégias para geração de dados de envelhecimento. Nossa tese levanta a hipótese de que o envelhecimento constrói espaços específicos relacionados ao uso espacial e temporal em acampamentos e assentamentos, onde o trabalho é a base para que os idosos do meio rural percebam a velhice. Esses sujeitos produzem espacialidade por meio de seus corpos, práticas e relações sociais espacialmente relacionadas. Casas e lotes são entendidos como espaços de memória e trabalho, e a terra como meio de reprodução da vida. De modo geral, o trabalho apresenta as múltiplas possibilidades de se estudar a idade por meio da geografia, buscando ampliar e aprofundar a compreensão do envelhecimento a partir das dimensões dos sujeitos sociais e do espaço, aqui entendido por meio de princípios de indissociabilidade e multidimensionalidade.

Palavras-chave: Espaço. Envelhecimento. Idosos(as). Assentamento. Acampamento.

The aging of being in space: memories of the elderly in contexts of struggle and conquest of land in Pontal do Paranapanema - São Paulo - Brazil.

Abstract: The main objective of this thesis is to understand how the experience of rural aging is constructed and to identify the resistance strategies and spatiality developed by the elderly in the context of struggle, conquest and formation of the Gercina Mendes camp and the Água Sumida settlement. It also discusses how aging is seen in geography and its relationship with the spatial and social dimensions of subjects. Starting from a theoretical framework for the geography of aging, we propose an understanding of how spatial concepts play a role in the examination of aging in areas of agrarian conflict, justifying a relational analysis, focusing on multiple social subjects, and beyond the world of adults. For that, we take as a central axis the relationship between aging and space in the trajectory of elderly people in situations of encampment and settlement in Pontal do Paranapanema - São Paulo. Oral history, memory reconstruction and use of the field notebook were strategies to generate aging data. Our thesis raises the hypothesis that aging builds specific spaces related to spatial and temporal use in camps and settlements, where work is the basis for the elderly in rural areas to perceive old age. These subjects produce spatiality through their bodies, practices and spatially related social relations. Houses and lots are understood as spaces of memory and work, and the land as a means of reproducing life. In general, the work presents the multiple possibilities of studying age through geography, seeking to broaden and deepen the understanding of aging from the dimensions of social subjects and space, understood here through principles of inseparability and multidimensionality.

Keywords: Space. Aging. Elderly(s). Settlement. Camping.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Cenas do acampamento Manuel Carrasco - Teodoro Sampaio/SP.	45
Figura 2. Proporção da população com idade igual ou superior a 60 anos em 2015 e 2050.	97
Figura 3. Disposição espacial dos barracos no acampamento. Barraco de lona no acampamento Gercina Mendes - Mirante do Paranapanema - SP	134
Figura 4. Barraco de lona no acampamento Gercina Mendes - Mirante do Paranapanema (SP).	135
Figura 5. Espaço de socialização e realização de atividades coletivas no acampamento.	136
Figura 6. Utensílios e objetos pessoais no interior do barraco.	137
Figura 7. Locais de coleta da água para o consumo no acampamento.	138
Figura 8. Plantação de feijão e de mandioca no acampamento.	139
Figura 9. Áreas de produção de mandioca e de hortaliças no assentamento.	148
Figura 10. Carroça e forno de lenha no lote de D. Araucária.	150
Figura 11: Objetos relacionados à luta e conquista da terra - Lote do Sr. Café	151
Figura 12: Área de produção leiteira nos lotes de Sr. Oiti e D. Primavera	152
Figura 13. Transformação dos lotes no assentamento em 1990.	350
Figura 14. Espaços de uso coletivo no assentamento (Posto de Saúde e Barracão Comunitário).	351
Figura 15. Pecuária leiteira no lote de D. Primavera	352
Figura 16. Primeiras transformações nos lotes do assentamento através do trabalho agrícola nos anos 1990	355
Figura 17. Cafeicultura no lote do Sr. Café	366
Figura 18. Mangueira de retirada de leite no lote do Sr. Oiti.	367

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Eixos de análise dos dados de pesquisa	27
Quadro 2: Entrevista: quadro paralelo de diferentes fases	40
Quadro 3. Os países mais antigos do mundo na virada do século XX.	95
Quadro 4. Envelhecimento da População Mundial (2015-2050).	98
Quadro 5. Envelhecimento da População Brasileira (1950-2050).	99
Quadro 6. Classificações e valores dos países no Índice Global de Envelhecimento (Global AgeWatch – 2015).	101
Quadro 7. Os BRICS no Índice Global de Envelhecimento (Global AgeWatch – 2015).	102
Quadro 8. Os indicadores sociais dos BRICS no Índice Global de Envelhecimento (Global AgeWatch – 2015).	103
Quadro 9. Perfil dos idosos assentados atendidos pela ESF.	148
Quadro 10: Os BRICS no Índice Global de Envelhecimento (Global AgeWatch - 2015)	241
Quadro 11: Os indicadores sociais dos BRICS no Índice Global de Envelhecimento (Global AgeWatch - 2015)	242

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Pirâmide Etária Brasileira – 2010.	104
Gráfico 2. Proporção de idosos residentes em área urbana	106
Gráfico 3. Proporção de idosos residentes em área rural	106
Gráfico 4. Participação da Agropecuária no Total do Valor Adicionado (Em %) – 2002 – 2018	141
Gráfico 5. População com 60 anos e mais (em %) entre 1980 a 2020.	143
Gráfico 6. População Total - Assentamentos Estaduais	47
Gráfico 7. Assentamentos estaduais/SP - distribuição da população conforme idade - porcentagem.	145
Gráfico 8. Estimativa de População - Assentamentos Estaduais - SP e Brasil.	145
Gráfico 9. Índice de envelhecimento de Teodoro Sampaio (SP) (em %) entre 1980 a 2020.	146

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1: Componentes do envelhecimento camponês	31
Diagrama 2. Geografias do envelhecimento, um diagrama temático	66
Diagrama 3. Sistemas de objetos e sistemas de ações.	80
Diagrama 4. Tipologia de territórios.	81

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Localização do assentamento Água Sumida no município de Teodoro Sampaio – SP.	41
Mapa 2. Localização da ocupação no acampamento Gercina Mendes na Fazenda Santa Cruz do Kurata - Mirante do Paranapanema/SP.	46
Mapa 3. Índice de Envelhecimento da População Brasileira.	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil e origem social dos(as) recordadores(as).	123
Tabela 2: Situação quanto a localização municipal do assentamento.	146
Mapa 3. Índice de Envelhecimento da População Brasileira.	105

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BRICS - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

CCI - Centro de Convivência do Idoso

D. - Dona

ESF - Estratégia Saúde da Família

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITESP - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MS - Mato Grosso do Sul

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NRT - Teoria Não Representacional

ONU - Organização das Nações Unidas

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PCD - Pessoa com deficiência

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

PR - Paraná

SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

SP - São Paulo

Sr. - Senhor

UNESP - Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
INTRODUÇÃO	24
CAPÍTULO 1. A PRODUÇÃO DE DADOS QUALITATIVOS EM GEOGRAFIA: DA PREPARAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO À ANÁLISE DE RESULTADOS SOBRE O ENVELHECIMENTO RURAL	31
1.1 A construção do objeto de pesquisa: da hipótese à tese	31
1.2 O acesso aos sujeitos e suas práticas espaciais: desvendando o cotidiano de idosos rurais por meio da pesquisa qualitativa em Geografia	36
1.3 O “estar em campo”: negociando e construindo as relações de pesquisa.	38
CAPÍTULO 2 POR UMA GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO: UMA LEITURA A PARTIR DO ESPAÇO E DOS SUJEITOS	49
2.1 A construção das geografias ocultas do envelhecimento: espaço, sujeitos e cursos de vida	56
2.2 Contribuição do pensamento relacional nas análises geográficas da idade: intergeracionalidade, interseccionalidade e cursos de vida	73
2.3 O envelhecimento como uma categoria de análise geográfica	78
CAPÍTULO 3 REPENSANDO O ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E HUMANO NO SÉCULO XXI: DILEMAS E PERSPECTIVAS	86
3.1 Como os sujeitos envelhecem no século XXI: a inseparabilidade entre envelhecimento, espaço e sujeitos	87
3.2 Dimensões do envelhecimento populacional e humano	92
3.3 O envelhecimento da população brasileira	97
3.4 Perspectivas teóricas sobre o envelhecimento rural	111
CAPÍTULO 4 TERRA, VIDA, TRABALHO E LUTAS: RECONSTRUINDO MEMÓRIAS NO PONTAL DO PARANAPANEMA (SP)	117
4.1 A questão agrária no Pontal do Paranapanema: análise da complexa trama de tensões e de conflitos	125
4.2 Da luta pela terra à luta na terra: analisando situações de conflitos e resistências em áreas rurais no Pontal do Paranapanema - São Paulo - Brasil.	127
4.3 A luta pela terra no acampamento Gercina Mendes - Mirante do Paranapanema - SP	131
4.4 A formação socioeconômica dos assentamentos do Pontal do Paranapanema	139
4.5 A luta pela permanência na terra no Assentamento Água Sumida	145
4.6 As árvores da memória: vida, morte e vida	151
As raízes como rupturas e reencontros na terra	151
Memórias do Sr. Palmeira – 74 anos	151
Memórias de Sr. Oiti – 67 anos	169
Memórias de Dona Araucária – 74 anos	193
Memórias de Dona Primavera – 67 anos	215
Memórias de Dona Sapucaia – 94 anos	234

Memórias de Dona Aroeira - 77 anos	248
Memórias de Dona Mandacaru - 80 anos	262
Memórias de Sr. Café – 84 anos	275
Memórias de Dona Rosa – 79 anos	297
Memórias do Sr. Cedro – 81 anos	315
Memórias de Dona Ipê – 67 anos	326
CAPÍTULO 5 O ENVELHECIMENTO DO SER NO ESPAÇO: CONSTRUINDO MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS ESPACIAIS NAS RELAÇÕES ENTRE O CORPO, A CASA, O LOTE E A TERRA	343
5.1 Memória da Terra	349
5.2 Memória Familiar	354
5.3 Memória do Trabalho	358
5.4 Memória Política	362
5.5 Memória, corpo e espaço	364
CONSIDERAÇÕES FINAIS	369
REFERÊNCIAS	379



APRESENTAÇÃO

Lembro-me que em 2009, torcia para que a maioria demorasse a chegar, pois temia ser o próximo membro da família a ser iniciado no trabalho da cana como boia-fria, uma condição laboral cruel e degradante, que trouxe muitas dores físicas e problemas emocionais aos meus familiares, inclusive deixando marcas em seus corpos até hoje. Evoco esse momento porque tenho consciência de que seria apenas mais um neste processo, seguindo uma ordem que marcou meu avô, minha avó, mãe, tios, tias, primas e primos.

Naquele momento vivia em uma cidade de pouco mais de 10 mil habitantes e não tinha muitas opções de emprego que não estivesse atrelada ao setor sucroalcooleiro, já consolidado na região. Então, o acesso à universidade por meio do estudo foi o caminho traçado para viabilizar um projeto de vida alheio às condições de exploração delineadas no trabalho na cana.

Quando ingressei na Unesp, meu sonho de cursar uma universidade pública se concretizou, e pude romper com esse destino e expandir meus horizontes, refletindo sobre meu papel de aspirante a geógrafo em um mundo desigual. Uma vez neste espaço, pude conhecer pessoas que marcaram minha trajetória em salas de aula e grupos de pesquisa, bem como no espaço da Moradia Estudantil, acompanhando de perto o papel da universidade na produção de conhecimento.

Enquanto escrevia este texto, pensei um pouco sobre o que me motivou a estudar o envelhecimento de pessoas idosas que lutam pela reforma agrária em acampamentos e assentamentos rurais. Passei horas escrevendo e tentando entender essas questões em minha trajetória pessoal e acadêmica, até mesmo anulando minha capacidade de lidar com elas. Até a etapa de qualificação do trabalho, encontrava-me perdido, como se tivesse afundado em alto mar, com pouca confiança em relação ao objeto, sua importância para a geografia e sua relevância social e acadêmica. Lembro-me de me perguntar como meu trabalho contribuiria geograficamente no estudo da relação entre os sujeitos e o espaço. A meu ver, o aprofundamento das relações de campo e a construção e análise de dados foram essenciais no espírito e na vontade em concluir a pesquisa, servindo de base para examinar a espacialidade do envelhecimento nas memórias autobiográficas dos idosos no contexto de luta e conquista na Terra.

O processo de reconstrução de memórias nos leva a refletir sobre como a dimensão rural atravessa a nossa existência. Ao lembrar desses eventos, percebi que o rural está presente na minha vida desde que me entendo por gente, está nas

primeiras memórias da infância quando emergem imagens da minha avó e mãe falando sobre como o trabalho canavieiro provocava dores e lesões em seus corpos. Lembro da minha mãe de chapéu, óculos, luvas, garrafa de água e café, marmita com comida e, principalmente, enxada e facão todos os dias quando saía de madrugada, itens que simbolizavam essa condição de trabalho.

Recordo-me, também, das lamentações em relação à jornada excessiva de trabalho, pois a colheita e corte da cana ainda se desenvolvia de forma manual, logo exigia bastante esforço físico. Minha avó, nos seus mais de 50 anos na época, reclamava diariamente das dores na coluna e nos braços, pedindo a Deus que chegasse o momento da aposentadoria, pois não tinha mais forças para aguentar essas condições de trabalho. Em geral, a dimensão do rural, traduzida na forma de trabalho está expressa nas minhas memórias e enraizadas nas condições laborais degradantes espacialmente de minha mãe e avó.

Como foi ilustrado até o momento, o rural e o envelhecimento atravessaram minha vida e família de diferentes maneiras, e hoje se apresenta como tema de pesquisa de minha tese de doutorado. Creio que o envolvimento com essas questões estão indiretamente presentes nas pesquisas desenvolvidas anteriormente durante a graduação e mestrado. No curso de geografia, escrevi uma monografia sobre as dimensões do patrimônio cultural (material e imaterial) e dos saberes tradicionais, com foco em práticas de cura, festa e alimentação, onde analisamos a produção da farinha de mandioca de maneira artesanal, descrevemos uma quermesse e analisamos a trajetória de benzedadeiras nos assentamentos rurais. Construindo relações com o tema de pesquisa atual, constatamos que os idosos são os principais mantenedores dessas práticas, muitas vezes como guardiões da memória e do conhecimento do mundo rural tradicional (OLIVEIRA, 2015).

Durante o mestrado, escrevi uma dissertação sobre as primeiras gerações dos assentamentos, com foco nas histórias de vida das famílias que se estabeleceram na região de Araraquara/SP. Como apontamentos do trabalho verificamos que a ausência de atrativos para a permanência dos jovens, a falta de mão de obra para tocar o lote, assim como o processo de envelhecimento dos titulares são alguns dos desafios enfrentados nos assentamentos (OLIVEIRA, 2018). Ressaltamos as pessoas mais velhas como cruciais no processo de reconstrução da luta pela terra e do fazer-se dos assentamentos. As memórias indicaram que o envelhecimento se apresentava como um desses problemas da manutenção das famílias nos lotes.

A pandemia trouxe desafios para o desenvolvimento da pesquisa nesses últimos dois anos. Esta situação instável gerada pela contaminação do vírus, nos impossibilitou de realizar o trabalho de campo nos assentamentos até a etapa de qualificação do nosso trabalho, no ano de 2020 e no primeiro semestre de 2021. Lembro que estávamos preparados para iniciar o campo em março de 2020, pois tínhamos estabelecido o contato com dois informantes, que nos receberiam nos assentamentos Água Sumida e Gleba XV de Novembro na época.

No entanto, com o avanço da pandemia, marcado pelo aumento do número de casos e início da quarentena no estado de São Paulo, um dos nossos informantes retornou nosso contato e sugeriu que adiássemos o campo até que a situação se estabilizasse, pois estava com receio de nos receber por conta da contaminação pelo vírus. Ele também nos relatou que seria inviável realizar a pesquisa naquele momento, pois 100% de nossos entrevistados eram compostos por idosos, considerados como um dos principais grupos de risco da Covid-19.

Na fase final da pesquisa, mergulhamos em espaços vivenciais, construindo relações com nossos sujeitos de pesquisa, possibilitando avanços na produção de dados e informações sobre o envelhecimento em áreas de conflito agrários. Este momento é fundamental para a compreensão da totalidade de nosso objeto de estudo e categorias de pesquisa.

Estar “no campo” com os idosos nos aproximou da situação do envelhecimento de pessoas idosas em contextos de luta e conquista da terra no Pontal do Paranapanema. Essa experiência de pesquisa foi fundamental porque, ao reconstruir memórias, percebemos que muitos desses sujeitos envelhecem mal porque não tiveram oportunidades ao longo da vida, trabalharam em condições degradantes, convivendo com desigualdade e pobreza. Assim, entendemos que os contextos sociais e espaciais influenciam e muitas vezes determinam a forma de envelhecimento. Sob esse prisma, envelhecer envolve não apenas questões ou escolhas pessoais, mas também as dimensões do trabalho e da classe a que o sujeito pertence. Pobreza, discriminação, acesso à saúde e oportunidades são alguns dos fatores que explicam a experiência de velhice.

Ao longo da construção do trabalho descobrimos a existência de um lado sombrio do envelhecimento, em que muitas pessoas têm medo de envelhecer e querem permanecer jovens para sempre. Nesta circunstância, as mudanças no corpo, na pele e o embranquecimento do cabelo passam a ser evitadas. Compreendemos

que a desnaturalização desse processo fortalece o antienvelhecimento, uma das formas de discriminação com base na idade, também identificadas como ageísmo e velhofobia. As cenas de abandono dos mais velhos no mundo do trabalho e o descarte em asilos e instituições de longa permanência bem como o culto da juventude e a valorização dos corpos jovens são reflexos desse sistema de opressões dirigidos ao corpo velho.

Uma das coisas mais tristes de se aprofundar nesse tema é a descoberta de que muitos idosos sofrem com o abandono familiar, a solidão e diversas formas de violência (física, psicológica e patrimonial). A perda dos amigos, o acúmulo de problemas físicos e emocionais nas trajetórias de vida e trabalho degradantes, testemunham o abandono e descarte dos idosos na sociedade capitalista.

No entanto, esses quatro anos de pesquisa nos mostraram que existem outras formas de olhar e abordar esse processo. Notamos que é possível encarar a vida a partir de uma boa e bela velhice. Os velhos que envelhecem na luta pela terra nos dão maravilhosas lições de como reorientar a vida na velhice, de outras formas de trabalho que diferem do modo de produção capitalista, da vida na terra, de uma visão mais positiva e crítica desse fenômeno.

Aprendemos com esses idosos que, apesar de crises e disparidades econômicas muitas vezes se aprofundando entre os pobres rurais, ainda é possível viver a velhice com dignidade por meio de uma relação mais próxima com a terra e a natureza, baseada na autonomia e no trabalho familiar. Eles nos mostram a partir de suas histórias que envelhecer com dignidade, planos de futuro e qualidade de vida é possível.

Ao examinar as trajetórias de idosas lidando com o paradoxo da mudança corporal, Moreira (2005) propôs um princípio fundamental que também utilizamos no trabalho, a saber, que envelhecer é sinônimo de vida, por isso consideramos vida e envelhecimento como processos indissociáveis porque enquanto estamos vivos, também estamos envelhecendo. Em virtude disso, temos a compreensão de que o envelhecimento é um processo universal e único que perpassa nossa existência como sujeito, redefine o corpo e a memória e afeta a relação entre as pessoas e os lugares.

Temos o entendimento de que o envelhecimento não é apenas para as pessoas mais velhas, é um processo contínuo que todos, independentemente da idade, passam por toda a vida, desde o nascimento até a morte. É errado associar o

envelhecimento diretamente ao idoso, pois todos, crianças, jovens, adultos e idosos, passam por esse processo.

Em nossa análise tempo e espaço são concebidos como dimensões coexistentes, portanto indissociáveis na compreensão da vida dos sujeitos. Posto isto, o tempo não deve ser compreendido como inimigo que as pessoas temem, à medida que envelhecem, mas uma dimensão que expressa o pleno desenvolvimento da experiência. Nesse sentido, o tempo tem o poder de estabelecer e mudar nossa trajetória no espaço, onde o envelhecimento se manifesta como um processo contínuo de transformação que caracteriza o ser humano ao longo de sua vida.

A história oral permitiu reconstruir as trajetórias e memórias de mulheres, idosos e sem-terra, sujeitos à margem da história oficial e muitas vezes estigmatizados no imaginário social como atrasados, encenqueiros e violentos (WHITAKER et al., 2010). Nesse sentido, ressaltamos a importância de se estudar as realidades dos sujeitos sociais esquecidos e silenciados pela história oficial, incorporando práticas sociais de mulheres, povos indígenas, negros, camponeses, LBTQIA+, crianças, velhos e outras categorias negligenciadas. Em vista disso, nosso trabalho conta uma outra história, circunscrita na realidade de cada idoso, construída ao longo de sua vida, a partir de um cotidiano muitas vezes corriqueiro, mas sempre relevante (ADES, 2005).

As memórias expressas nas falas descrevem as vivências dos idosos ao longo de suas vidas. Embora tenha uma dimensão pessoal, a memória está inserida em uma série de relações entre pessoas e lugares, como testemunhas da vida coletiva. Desta forma, o tempo é apresentado através da lembrança de acontecimentos e marcos na trajetória de vida de cada idoso. Essa dimensão social da memória é transformada pela cena do acampamento, a trama de despejos da ocupação e o processo de entrada na terra. Portanto, concordamos com a visão de Bosi (2003) que a vida privada é o testemunho do tempo coletivo.

No geral, nosso trabalho propõe uma compreensão científica e crítica do envelhecimento a partir de uma perspectiva geográfica. As memórias partilhadas reconstróem as trajetórias de homens e mulheres idosos que envelhecem em áreas de conflitos, lutas e conquista da terra, materializadas em acampamentos e assentamentos rurais.

Concordamos com Bourdieu (1986) que quando falamos de história de vida, assumimos que a vida é uma história. Diante desse cenário, decidimos apresentar as

histórias desses sujeitos por meio da memória autobiográfica como forma de compreender o conjunto da fala em idosos. Terra, casa e trabalho estão todos enraizados na memória dos mais velhos, que não deixaram de sonhar com o futuro, nem deixaram de viver projetos na terra. Rupturas familiares, experiências em acampamentos, batalhas e reencontros nos lotes representam essa dinâmica.

Ao registrar suas falas e traduzi-las em memórias, buscamos compreender as vidas e histórias de pessoas idosas que arriscaram lutar pela terra em meio à desigualdade e conflito na região do Pontal do Paranapanema. As lembranças se entrelaçam com o esquecimento, e esses sujeitos têm suas vidas dilaceradas e reconstruídas em projeto de reprodução social na Terra. Dimensões da vida e da morte se entrecruzam com eventos de violência, jornadas de luta e estratégias de resistência e (re) existência desses idosos no espaço rural.



INTRODUÇÃO

“Nós, que somos velhos, não temos nada a perder! Temos tudo a ganhar vivendo perigosamente! Podemos iniciar a mudança sem prejudicar empregos ou família. Podemos assumir riscos” (Maggie Kuhn – fundadora do movimento das Panteras Cinzentas).

A pesquisa desenvolvida neste trabalho explora o modo como a experiência do envelhecimento rural se estabelece a partir da intersecção entre espaço e sujeito. A questão para nortear o trabalho é, portanto, compreender se os espaços (rurais) interferem na forma como os idosos vivenciam o processo de envelhecimento. Para responder a essa questão, buscamos compreender como os sujeitos residentes nos acampamentos e assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema percebem o impacto desse processo em seus corpos e espaços. Em outras palavras, partimos da relação sujeito e espaço para examinar como os idosos enfrentam o processo de envelhecimento na vida rural quando são acampados ou assentados.

Ao definir a geografia do envelhecimento como eixo teórico desta tese, demonstra nossa compreensão de como os conceitos espaciais funcionam na análise da idade e do envelhecimento, além de demonstrar que a geografia relacional envolvendo múltiplos sujeitos sociais transcende o mundo dos adultos (HOPKINS; PAIN, 2007). Portanto, nosso trabalho visa contextualizar e aprofundar o pensamento sobre a idade e o envelhecimento a partir de uma perspectiva geográfica, descrevendo como esse processo se constituiu como tema na disciplina e como se relaciona com as dimensões espaciais e o cotidiano dos sujeitos.

Neste sentido, hipotetizamos a relação entre envelhecimento, espaço e sujeito, a partir da ideia de que envelhecer é uma experiência heterogênea e diversa, baseada nas posições identitárias de um sujeito (espaço, gênero, orientação sexual, cor e raça, idade, religião, nacionalidade). Nosso texto discute, assim, a relação do envelhecimento com o espaço nas trajetórias de idosos que acamparam e se estabeleceram no Pontal.

Em princípio, discutimos como o espaço, em suas dimensões, constitui as experiências e trajetórias de homens e mulheres idosos entre acampamentos e assentamentos rurais e as condições de envelhecimento. Também nos propomos a debater a relação entre espaço, envelhecimento e campesinato para compreender as vivências espaciais de pessoas que lutaram pela terra e vivem atualmente no meio rural.

Partindo do envelhecimento como uma experiência única e heterogênea que varia de acordo com os contextos sociais, propomos apresentar as muitas maneiras pelas quais os geógrafos podem lidar com a idade e as dimensões da velhice de forma relevante, visibilizando os idosos como sujeitos sociais a serem compreendidos pela Geografia.

Nosso trabalho visa contribuir para o aprofundamento da geografia do envelhecimento, apresentando perspectivas-chave sobre os desenvolvimentos no campo e as formas como os geógrafos abordam a idade e as dimensões do envelhecimento em termos de relações temáticas e espaciais. Para colocar essa questão em prática, elegemos o envelhecimento como categoria central para esta análise, e definimos o espaço e os idosos como componentes necessários de uma interpretação geográfica desse processo.

Em geral, o estudo se concentra em investigar idosos que acamparam e se estabeleceram em projetos de reforma agrária, com o objetivo de compreender as implicações do envelhecimento em áreas de conflito rural e como esses sujeitos se envolvem e acessam modelos contemporâneos de envelhecimento. Nosso objetivo foi compreender como a experiência do envelhecimento se expressa espacial e territorialmente, principalmente no meio rural.

Numa leitura crítica das formas tendenciosas como os estudos populacionais tratam os processos geográficos e os sujeitos sociais, Moreira (1985); Rua (1997) defendem que é importante destacar as relações de classe, raça, gênero, sexualidade e idade, não apenas como recortes, mas como elemento central na compreensão dos sujeitos, processos e tensões que demarcam essas relações.

Essa leitura permite estabelecer uma relação entre idade e ageismo como construções sociais que afetam diretamente os corpos que envelhecem. Assim, os debates em torno dessas interseções nos levam a ver raça, classe, gênero, orientação sexual e idade como elementos que compõem e dividem nossa experiência espacial, colocando-nos em estruturas sociais e não apenas em identidades.

Dessa forma, propomos reorientar a discussão em torno da idade e do ageismo para compreender o envelhecimento e as relações que constroem essa experiência, considerando que a idade pode se apresentar como um potencial marcador de vulnerabilidade. Nesse sentido, posicionamos os idosos e suas práticas espaciais como objetos de pesquisa, comprovando que a geografia está relacionada à diversidade da vida.

Seguindo esse raciocínio, o espaço se apresenta a nós geógrafos como uma lente capaz de ler processos e fenômenos sociais que ocorrem na relação da sociedade com a natureza. Portanto, entendemos que o espaço não é um produto dado, mas uma relação em constante movimento e, portanto, sempre aberta e em construção (MASSEY,1999). Em uma relação inseparável com o sujeito, ambos coexistem. No final, percebemos que a forma como visualizamos um espaço determinará a forma como agimos sobre ele. Como tal, é uma categoria central porque permite visualizar os processos do sujeito, as relações sociais e as práticas espaciais.

Inicialmente nos propusemos a estudar o fenômeno do envelhecimento na perspectiva dos sujeitos sociais, mas com o andamento do projeto e as discussões no âmbito da pesquisa, aliamos a dimensão espacial para compreender o envelhecimento rural em sua totalidade. Partimos da premissa de que não há envelhecimento sem o sujeito, e nem há sujeitos sem o espaço, portanto indissociáveis. Assim, compreendemos o envelhecimento a partir das dimensões do espaço geográfico e dos idosos no contexto de acampamento e de assentamento.

Nosso trabalho propõe uma interpretação geográfica do processo de envelhecimento rural, com foco em áreas de luta pela terra no Pontal do Paranapanema. No texto, aprofundamos as dimensões do espaço para entender o processo de envelhecimento. Também nos apropriamos de uma literatura que discute a relação entre idosos e o espaço, com o objetivo de proporcionar uma “leitura geográfica” do processo de envelhecimento no Brasil rural, privilegiando áreas de acampamentos e assentamentos como campo de estudo. O trabalho também propõe uma abordagem teórica na qual apresentamos nossas reflexões sobre o envelhecimento e a vivência espacial de idosos rurais.

Inicialmente, o tema surgiu como uma das questões da dissertação de mestrado do autor¹, como um problema relacionado aos processos de sucessão e permanência dentro dos assentamentos na região de Araraquara/SP. O envelhecimento emergiu como uma questão que desafiou a permanência das famílias pioneiras nos lotes.

No momento da redação, encontramos uma série de trabalhos que tratam da experiência do envelhecimento em sociedades urbanas e desenvolvidas (Little, 2016), mas nosso objetivo era focar no envelhecimento em áreas rurais e países em

¹ OLIVEIRA, F. H. F. **Memórias, luta pela terra e permanência na terra:** histórias de vida das primeiras gerações de famílias pioneiras em Araraquara – SP. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente). Uniara, 2018.

desenvolvimento, com o objetivo de apresentar uma leitura geográfica dos idosos e da velhice no Brasil rural do século XXI.

É preciso contextualizar que estamos num cenário em que as pessoas estão vivendo mais, mas isso não significa que vivam melhor, pois ainda vemos desigualdades socioespaciais que se manifestam na velhice. De um modo geral, o atual cenário de envelhecimento é caracterizado por uma crise na implementação dos sistemas de pensões e aposentadorias, o surgimento de novos conceitos de envelhecimento (envelhecimento ativo e bem-sucedido) e a expansão do mercado consumidor para essa faixa etária.

Sendo assim, o principal objetivo do trabalho consiste em compreender como se institui as experiências de envelhecimento no campo, identificando as estratégias de resistência e as espacialidades produzidas pelas(os) idosas(os) no contexto de luta, conquista e formação do acampamento Gercina Mendes e do assentamento Água Sumida.

Este propósito se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

- 1) Levantar o perfil, a origem e a trajetória de vida dos(as) idosos(as) do acampamento e do assentamento.
- 2) Compreender como se constituem as representações da velhice no grupo de idosas(os) do acampamento e do assentamento.
- 3) Compreender como as experiências espaciais de envelhecimento influenciam nas condições de vida e no acesso a bens de lazer, na qualidade de serviços sociais e serviços de saúde nas áreas de estudo.
- 4) Identificar e caracterizar as diferentes estratégias de luta pela terra e de resistência em relação à manutenção das famílias no acampamento e no assentamento.
- 5) Verificar as diferenças entre a memória dos homens e das mulheres idosas em relação às experiências de envelhecimento.
- 6) Aprofundar os estudos em relação a Geografia do Envelhecimento, campo de estudo pouco explorado na geografia brasileira.

Nossa tese pressupõe que o envelhecimento constrói espacialidades específicas relacionados ao uso do espaço e do tempo em acampamentos e assentamentos onde o trabalho é fundamental para a percepção da velhice dos idosos do meio rural. Esses sujeitos geram espacialidades por meio de seus corpos, práticas

e relações sociais espacialmente relacionadas. Casas e lotes são entendidos como espaços de memória e trabalho, e a terra é considerada como meio de reprodução da vida e do trabalho.

Diante do exposto, além da introdução e das considerações finais, este trabalho está estruturado e organizado em 5 capítulos. No primeiro capítulo intitulado **“Produção de dados qualitativos em geografia: da preparação da pesquisa de campo à análise de resultados sobre o envelhecimento rural”** descrevemos o processo de produção de dados qualitativos, aprofundando na construção das relações de pesquisa em campo com os sujeitos.

No capítulo 2 **“Por uma geografia do envelhecimento: uma leitura a partir do espaço e dos sujeitos”** procuramos contribuir para o desenvolvimento da geografia do envelhecimento, apresentando perspectivas-chave sobre o desenvolvimento do campo e as formas de como os(as) geógrafos(as) podem lidar com as dimensões da idade e da velhice a partir da relação sujeito e espaço. Também apresentamos como a relação entre o espaço e o envelhecimento podem se operacionalizar como categorias potentes dentro da Geografia, tendo em vista que essa experiência produz espacialidades específicas.

O terceiro capítulo **“Repensando o envelhecimento humano e populacional no século XXI: dilemas e perspectivas”** debate o envelhecimento populacional e humano a partir de uma interpretação geográfica das condições de vida dos brasileiros mais velhos.

Em seguida, o capítulo 4 **“Terra, vida, trabalho e lutas: reconstruindo memórias no Pontal do Paranapanema (SP)”** apresentamos os recordadores a partir de suas memórias, com o objetivo de reconstruir trajetórias pessoais e coletivas de vida e de envelhecimento e, compreender o fazer-se do assentamento e do acampamento no tempo e no espaço.

No capítulo 5 **“O envelhecimento do ser no espaço: construindo memórias e vivências espaciais nas relações entre o corpo, a casa, o lote e a terra”** discutimos os dados gerados por meio de entrevistas que apresentam as relações dos idosos com assentamento, acampamento, trabalho, famílias e lutas pela vida. Nas narrativas, a terra é revisitada na memória dos mais velhos.

The background of the page is a white surface with a complex, abstract pattern of thin, black, irregular lines. These lines are scattered across the entire page, creating a web-like or organic texture. Some lines are thicker than others, and they intersect and curve in various directions, filling the space around the text.

CAPÍTULO 1. A PRODUÇÃO DE DADOS QUALITATIVOS
EM GEOGRAFIA: DA PREPARAÇÃO DA PESQUISA DE
CAMPO À ANÁLISE DE RESULTADOS SOBRE O
ENVELHECIMENTO RURAL

1.1 A construção do objeto de pesquisa: da hipótese à tese

Sabemos que bibliografias clássicas nas áreas de demografia e ciências sociais discutem aspectos relacionados ao processo de envelhecimento e às condições de vida dos idosos. No entanto, encontramos viés estatístico e epidemiológico na maioria desses estudos, além da interpretação urbana dessa experiência.

Durante a teorização do trabalho, observamos que a idade e o envelhecimento ainda não são temas centrais da geografia brasileira², que são poucos os trabalhos nessa área, e quando citados aparecem sob viés demográfico e epidemiológico, trazendo os dados e estatísticas apresentados de forma específica, sem mostrar os papéis sociais dos idosos, suas práticas espaciais e seus movimentos no espaço e na sociedade. Constatamos também que há muito pouco trabalho sobre a experiência da velhice no meio rural (PHILLIPSON e SCHARF, 2005).

Nóbrega (2020) reflete sobre a conexão entre a vida do idoso e a produção urbana, entendendo assim o cotidiano por meio da relação entre velhice e o espaço urbano. As principais contribuições geográficas para o envelhecimento têm origem no mundo anglo-saxão através do diálogo com a gerontologia social. Nesse sentido, os autores propõem a necessidade de aprofundar esses estudos na geografia brasileira e latino-americana. Do ponto de vista geográfico, o autor vê o envelhecimento como uma importante forma de compreender a dinâmica da sociedade brasileira.

Primeiramente, levantamos a hipótese de que o envelhecimento se apresenta como uma experiência individual, multidimensional e heterogênea que varia de acordo com o status identitário do sujeito (gênero, orientação sexual, cor e raça, idade, religião, nacionalidade e até mesmo espaço).

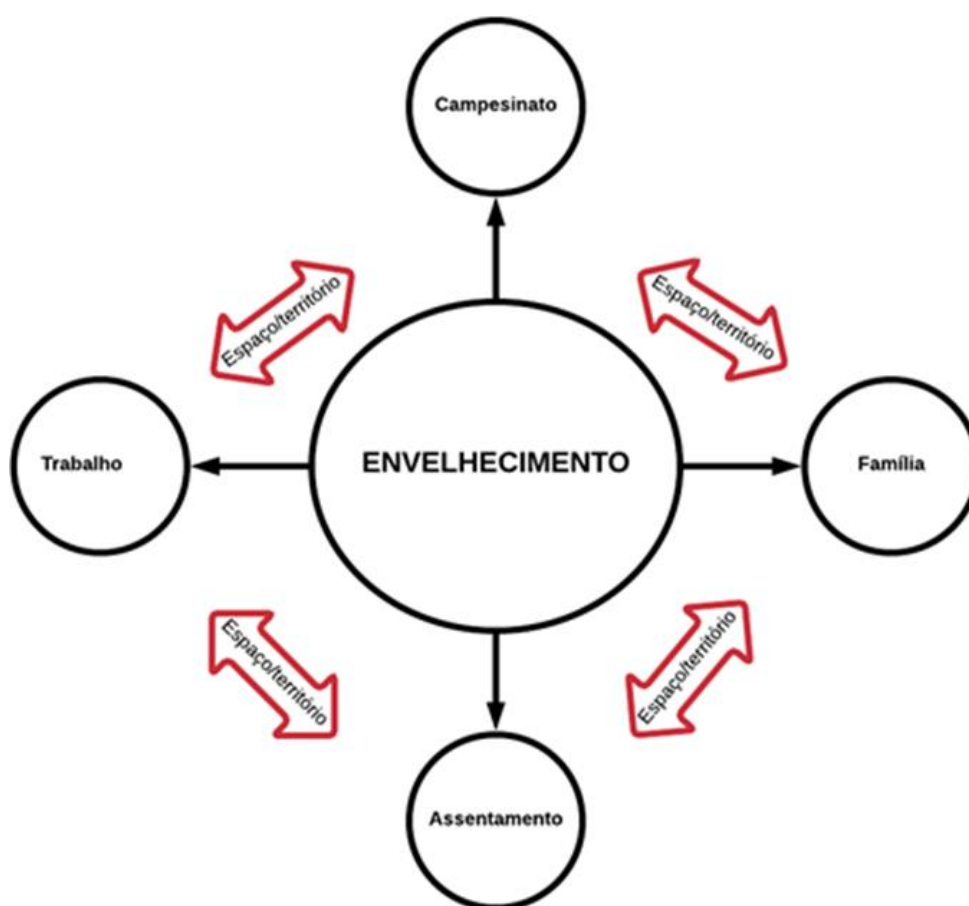
Nesse sentido, a partir do conceito de corpo como espaço, defendido por Silva e Ornat (2016), nossa compreensão do envelhecimento como experiência corporificada é, portanto, espacial e geográfica. Assim, o aspecto corpóreo é definido como um componente fundamental na compreensão da experiência do envelhecimento, pois os sujeitos vivenciam o processo a partir da dimensão do próprio corpo. Por meio dessa leitura, aprendemos que o corpo pode operar como uma dimensão importante, pensando o espaço e a experiência do envelhecimento a partir

² NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. Revisão e aportes sobre a geografia do envelhecimento. **Revista Formação** (ONLINE) Vol. 1; n. 24, Jan-Abril/2017. p.34-62.

de uma perspectiva geográfica, pois corpo e espaço coexistem e, portanto, são indissociáveis.

Nosso trabalho compreende que a relação entre envelhecimento e espaço pode ser compreendida por meio da geografia, pois, mais importante, o ato de envelhecer afirma a existência de um sujeito que internaliza e percebe esse processo subjetivo e individual por meio do corpo.

Diagrama 1. Componentes do envelhecimento camponês.



Elaboração própria.

De modo geral, nosso trabalho visa desenvolver uma interpretação geográfica das formas de envelhecimento camponês a partir das vivências espaciais e memórias de idosos acampados e assentados no meio rural. Para tanto, elegemos o envelhecimento como categoria central da tese e definimos conceitos para fornecer uma interpretação geográfica desse processo. Espaço, território, trabalho, família e saúde, entendidos em termos de qualidade de vida, são componentes dessa escolha. Todos os conceitos são mediados pelas dimensões do espaço e do território.

Em termos de universo empírico, sujeitos e amostra, pretendia-se atuar em dois assentamentos antigos e com um grande número de famílias, levando em conta a maior presença de idosos, o objetivo é mapear o processo de envelhecimento camponês no Ponta do Paranapanema. Dado o contexto operacional do estudo e a dificuldade de geração de dados no contexto de pandemia, optamos por trabalhar apenas com o assentamento Água Sumida (02/1988) localizado em Teodoro Sampaio/SP. Na fase final da pesquisa de campo, incluímos o acampamento Gercina Mendes como um dos recortes espaciais de nossa tese. O objetivo foi compreender a espacialidade do envelhecimento na memória de idosos com trajetórias de vida semelhantes e diferentes no meio rural.

Sugerimos também compreender se as dimensões trabalho e saúde podem ser variáveis relevantes para pensar o envelhecimento, pois acreditamos que a relação entre envelhecimento rural e trabalho pode ser desdobrada a partir das dimensões renda, trabalho familiar e aposentadoria, entendidas como mecanismos de permanência das famílias no campo. De modo geral, acreditamos que nossa sociedade tem diferentes experiências de envelhecimento e que essas experiências são diversas de acordo com o contexto socioespacial e a classe a qual pertence tais sujeitos sociais.

Em princípio, nosso trabalho apresenta uma interpretação geográfica do envelhecimento de idosos em áreas de luta e conquista de terras no Pontal do Paranapanema, discutindo esse processo a partir da memória e da vivência espacial dos idosos rurais, tendo o acampamento e assentamento como os espaços em que se concretizam essas experiências.

Entendemos que o próprio envelhecimento é objeto e categoria de análise do nosso trabalho, o que nos ajuda a ter uma compreensão geral dos temas relacionados ao processo e às interseções espaciais. O envelhecimento é compreendido a partir de duas dimensões: do espaço e dos sujeitos, incorporando o corpo e a memória, explicitando a materialidade e imaterialidade desse objeto que é lido por nós a partir da lógica da indissociabilidade, tendo em vista que ambos coexistem. Partindo dessa leitura multidimensional, que entende as formas de sociabilidade e territorialidade numa perspectiva indissociável, nossa tese debate o envelhecimento do corpo, das memórias e do espaço a partir da inseparabilidade entre espaço e sujeitos.

Esta seção apresenta e descreve o processo de construção da pesquisa de campo em nossa tese. Inicialmente definimos o tema e verificamos sua possibilidade

em se tornar um objeto empírico viável para a realização de uma pesquisa de campo em Geografia. O envelhecimento foi escolhido como tema de pesquisa e a sua operacionalização enquanto objeto relaciona-se com as ideias defendidas por Beaud e Weber (2007) em que se acredita que o tema deve “de um lado, ser realizável na prática. Por outro lado, estar apoiado em questões prévias ou numa “problemática” provisória inicial, brotada de primeiras leituras” (BEAUD; WEBER, 2007, p.23).

De certo modo, a pesquisa desenvolvida nesta tese compreende o modo como se instituem as experiências de envelhecimento no espaço rural a partir das interseções entre espaço e sujeitos. A questão central que norteou o trabalho foi entender se o espaço rural interfere na forma como as (os) idosas (os) vivenciam o processo de envelhecimento.

Nesse sentido, compreendemos que o envelhecimento é um problema social de nível global que apresenta potencial de geograficidade enquanto tema e objeto, pois é um fenômeno contemporâneo que transforma os sujeitos e as dinâmicas do mundo em que estamos inseridos, dimensionando as áreas da previdência social, da saúde, da economia, das relações familiares, entre outras.

Logo, nosso principal desafio foi transformar essa questão geral, que impacta a sociedade e o espaço, em um objeto de pesquisa viável de ser entendido pela pesquisa de campo por meio estratégias qualitativas tais como: a realização de entrevistas aprofundadas com idosos rurais, o uso da história oral como processo de reconstrução de memórias e os registros das informações no caderno de campo.

Após a definição do tema e da construção do objeto, nós elaboramos uma questão inicial para guiar nosso processo de pesquisa e a proposição da tese. De modo geral, essa questão determinou a escolha das leituras e evidenciou a necessidade de realização de trabalhos de campo para aprofundá-la em suas dimensões, ou seja, foi o nosso ponto de partida para iniciar o trabalho de doutorado. Segundo Beaud e Weber (2007) é a definição do campo que permitirá transformar a questão vaga e genérica do início em um possível objeto empírico. De acordo com os autores, o campo e o objeto são inseparáveis, isto é,

não há bom objeto (de pesquisa) sem “bom campo” nem bom campo sem “bom objeto”. Mais exatamente, o objeto faz o campo (a questão permite ler o lugar e ambiente de interconhecimento como significativo) e o campo faz o objeto (a pesquisa permite descobrir boas questões) (BEAUD; WEBER, 2007, p.37).

Depois de formular a questão, selecionamos e delimitamos quais seriam os sujeitos de nossa pesquisa partindo de dois critérios fundamentais: *primeiro*: serem idosos, pessoas com idade superior aos 60 anos, e, *segundo*: serem acampados e assentados, pessoas residentes em áreas de acampamentos e assentamentos rurais. Em termos de estratégias de produção de dados, verificamos que a nossa questão inicial poderia ser respondida a partir da pesquisa de campo, utilizando a história oral no processo de reconstrução de memórias; realizando entrevistas aprofundadas sobre trajetórias de vida e registrando todas as impressões e observações no caderno de campo. Sendo assim, a pesquisa de campo fez sentido em nosso trabalho quando transformamos a nossa questão inicial e central em um tema realizável de ser trabalhado em entrevistas de reconstrução de memórias de velhos.

Nossa intenção é explicitar o envelhecimento como um fenômeno que pode ser compreendido geograficamente a partir de uma visão crítica, positiva e mais próxima do mundo real e das práticas cotidianas dos sujeitos. Além disso, ressaltamos a necessidade em debater a contemporaneidade de nosso objeto, na medida em que o mesmo impacta as dinâmicas da sociedade e do espaço. Sob esses princípios o assentamento expressa-se como uma parte desse todo, ou seja, é uma potente escala de análise da sociedade e do espaço em estágios de envelhecimento.

O segundo momento da pesquisa de campo se deu através da negociação das condições de realização da pesquisa, da preparação e de sua organização em etapas, definidas conforme o cronograma de execução do projeto, tais como: o contato com o informante residente no assentamento e a criação de uma rede de indicação de possíveis entrevistados, a elaboração de um roteiro, a realização das entrevistas (em duas etapas), a transcrição das gravações, a análise e discussão dos dados produzidos em campo.

Após a construção do objeto, a definição do problema central e a seleção da população, definimos como áreas de pesquisa de campo um antigo assentamento rural com um número expressivo de idosos e um acampamento com um número considerável de idosos. Na medida em que organizamos essas etapas percebemos que a experiência em campo poderia transformar o tema envelhecimento em objeto de pesquisa no qual poderíamos aprofundar as relações dos sujeitos idosos com o espaço.

A realização dos trabalhos de campo foi importante para responder às questões estabelecidas no contexto da pesquisa, pois, por meio deles pudemos contextualizar

a nossa hipótese de que o envelhecimento é uma experiência heterogênea, que varia segundo as posições identitárias dos sujeitos, e, também, aprofundar a questão de que como o espaço pode se tornar um elemento apoiador ou desafiador das experiências de velhice no campo. Por exemplo, algumas entrevistas apontaram que os idosos rurais consideram o trabalho como uma dimensão que demarca uma experiência melhor de velhice, na medida em que o corpo e a memória continuam ativos, promovendo uma vida independente após os 60 anos.

A pesquisa de campo explicitou problemáticas que não tinham sido postas e pensadas durante a preparação do roteiro de entrevista, tais como: a solidão na velhice, a sucessão familiar, a relação com o espaço doméstico e produtivo, as dinâmicas familiares, a questão do trabalho e a relação cidade-campo.

1.2 O acesso aos sujeitos e suas práticas espaciais: desvendando o cotidiano de idosos rurais por meio da pesquisa qualitativa em Geografia

Experiências de trabalhos com o uso de fontes orais em áreas de conflitos agrários (VÊLOSO e WHITAKER, 2010) demonstram que o processo de reconstrução da memória é fundamental para que os sujeitos que vivenciaram parte da história possam dar suas versões do fato e narrarem suas estratégias de resistência, falando sobre os seus aliados e inimigos ao longo de todo o processo.

Nosso objetivo é trabalhar no processo de reconstrução de memória de velhos (WOORTMANN e WOORTMANN, 1999; BOSI, 2004) no sentido que esses sujeitos acumulam experiências e saberes de tempos anteriores, tornando-se guardiões do passado.

Ao centralizar nossas investigações nos sujeitos idosos, camponeses em acampamentos e assentamentos, constatamos a hipótese de que há múltiplas experiências de envelhecimento em nossa sociedade, tendo em vista que envelhecer em diferentes conjunturas demarcam experiências diferentes de velhices.

A pesquisa de campo define-se como o eixo metodológico deste trabalho, pois a partir desse processo de produção dos dados pode-se acessar os sujeitos idosos em suas experiências de envelhecimento no campo, compreendendo as múltiplas estratégias de resistência e luta cotidiana, o seu modo de vida e as relações estabelecidas com o espaço e território.

O uso da história oral como estratégia de pesquisa também nos possibilitou acessar a memória dos sujeitos em relação às suas histórias de vida, suas vivências

de envelhecimento, ajudando-nos a reconstruir o cenário dos processos relacionados à luta pela terra e constituição dos assentamentos na região.

Essas estratégias estabelecem uma relação dialógica entre o pesquisador e os colaboradores da pesquisa, contribuindo no aprofundamento de uma geografia preocupada com a reprodução da vida e com o foco nos sujeitos sociais (TURRA NETO, 2012). Nesse sentido, o autor destaca que a pesquisa qualitativa só tem sentido quando damos centralidade aos sujeitos sociais, partindo do entendimento que eles são participantes e resultados dos processos de produção do espaço em que vivem.

Sendo assim, explicitamos a reflexão sobre a posicionalidade do investigador em relação ao processo de pesquisa (HARAWAY, 1995), repensando as relações entre o entrevistador e o entrevistado, priorizando uma forma de ciência modesta e dialógica. Ao falar dessa posição assumida pelo pesquisador a autora mostra que o mesmo deve revelar-se e abrir mão de uma postura de autoridade, no sentido de abrir mão de escrever a última palavra sobre os fatos, revendo os seus privilégios.

A abordagem qualitativa na Geografia nos ajuda a refletir sobre os caminhos da pesquisa, na medida em que, tanto na pesquisa de campo, quanto no processo de escrita do objeto e dos sujeitos, trata-se de discorrer junto e não acima. Pois, a pesquisa com sujeitos não se trata de apenas entender os processos e dinâmicas, mas de experimentar os contextos, assim como aponta Geertz (1989) e Latour (2000), não é falar sobre os sujeitos, mas deixar que falem por si próprios nas entrevistas.

Ao relacionar essa questão metodológica com a produção dos dados da nossa tese, compreendemos que um dos principais desafios dessa autorreflexão sobre a construção do objeto e dos sujeitos da pesquisa, é de fato compreender a totalidade do momento de “*estar em campo*”, repensando as relações estabelecidas com os sujeitos, além de considerar as clivagens de vozes dentro desse contexto socioespacial, que é o assentamento. Sendo assim, partimos da concepção de que esse momento deve se materializar como um encontro de trajetórias, no sentido de uma colaboração.

A pesquisa de campo “não se assenta sobre o universo dos indivíduos, mas, sim, sobre *universos de relações*” (BEAUD; WEBER, 2007, p.31). Nosso desafio foi tentar não reforçar estereótipos e estigmatizar mais ainda a velhice, colocando as pessoas velhas como frágeis, improdutivas e vulneráveis.

Turra Neto (2012) destaca que há uma carência do debate metodológico no campo da pesquisa qualitativa na Geografia. Trata-se de pesquisas que tem seu foco

nos sujeitos sociais, como um instrumento mais dialógico, entendendo que é uma interpretação parcial da realidade. A partir desses elementos, compreendemos a necessidade de fazer um retorno autorreflexivo do processo de pesquisa de campo, direcionando o foco nas práticas sociais e espaciais dos sujeitos, delimitando e valorizando o contexto espacial em que eles estão inseridos.

A pesquisa de campo articulada com o uso de diários de campo e a realização de entrevistas fortaleceu o acesso à memória dos sujeitos, no sentido de reconstruir eventos e trajetórias decorrentes do horizonte de seus cursos de vida. Essas estratégias nos revelaram as formas e as estratégias utilizadas durante a luta pela terra e as diversas clivagens entre os idosos, considerando as diversidades, os conflitos e os dilemas em torno da permanência na terra.

De modo geral, nosso trabalho se orienta nos princípios da pesquisa qualitativa, direcionando o foco nas trajetórias de vida dos sujeitos sociais, suas práticas espaciais e o seu movimento na sociedade. Entendemos que essas estratégias de pesquisa nos permitem investigar os elementos que compõem o modo de vida dos idosos rurais, explicitando suas experiências e vivências de envelhecimento a partir da dimensão do espaço e do seu próprio corpo.

Destacando isso, nos valem da ideia de que a pesquisa de campo é uma estratégia indispensável na produção e construção das narrativas de idosos assentados, na medida em que delimitou o espaço e as práticas espaciais dos sujeitos, além de negociar os conceitos a serem utilizados para visualizar essas dinâmicas dentro dos assentamentos, pois entendemos que esse processo deve estar em permanente negociação.

1.3 O “*estar em campo*”: negociando e construindo as relações de pesquisa.

Nesta seção iremos descrever como se deu o processo de “*estar em campo*” em contato direto com os sujeitos, explicitando as percepções do espaço e das relações cotidianas em um assentamento rural. As entrevistas e os registros no caderno de campo foram imprescindíveis para a construção desse momento de produção dos dados empíricos.

A pesquisa de campo com os idosos rurais ocorreu em duas etapas: em julho de 2021 e março de 2022, períodos em que realizamos as entrevistas. De certa forma, o estar em campo foi uma oportunidade importante para aprofundarmos questões

levantadas durante a escolha do tema e construção do objeto, além de debater novos elementos que não apareceram na elaboração do roteiro de entrevista. Entendemos que a complexidade e a imprevisibilidade da relação de pesquisa contribuíram para uma interpretação mais próxima da realidade do envelhecimento e das condições de vida de idosos assentados no contexto rural brasileiro.

Em todas as circunstâncias fomos bem ambientados e bem recebidos pelos recordadores, que se mostraram interessados pela temática do envelhecimento do ser e do espaço no contexto local. As entrevistas realizadas em campo foram gravadas e duraram em média de 1h30 hora em que todos os recordadores contaram momentos de suas próprias histórias.

O trabalho de campo e a realização das entrevistas ajudaram nossa pesquisa a avançar no percurso final de desenvolvimento da tese, pois, por meio delas foi possível acessar a memória dos recordadores em relação a sua trajetória pessoal, familiar e profissional, com o foco nos momentos de luta pela terra e nos desafios da permanência no lote.

Conforme apontam Beaud e Weber (2007) o campo não é um meio compartimentado em que as estratégias estão dadas naturalmente, ele deve ser construído a partir de uma relação estabelecida com os sujeitos da pesquisa, portanto, não existe uma técnica única e universal que responda todas as questões relacionadas ao objeto. Em nosso caso, as entrevistas associadas à história oral com o uso da memória foram importantes para produção de dados sobre envelhecimento no meio rural.

Basicamente, realizamos 11 entrevistas com idosos, sendo 4 homens e 7 mulheres residentes no acampamento e no assentamento. A entrevista foi escolhida como a estratégia mais adequada para o aprofundamento qualitativo das relações dos idosos com o seu próprio corpo e memória, assim como contribuiu para compreender a forma como esses idosos constroem suas identidades em consonância com os espaços do acampamento e assentamento. Além do que foi citado, os sujeitos revelaram através das entrevistas que demais fatores, tais como a idade e o gênero também podem influenciar nas relações dos idosos com o lugar.

O quadro a seguir descreve as etapas de realização de entrevistas aprofundadas: negociação do lugar e da escolha dos sujeitos, condução, transcrição, análise e o retorno ao campo para completar os dados faltantes no processo de

pesquisa. Baseamos nesse modelo de entrevista para conduzir a relação com os sujeitos e produzir as informações em campo.

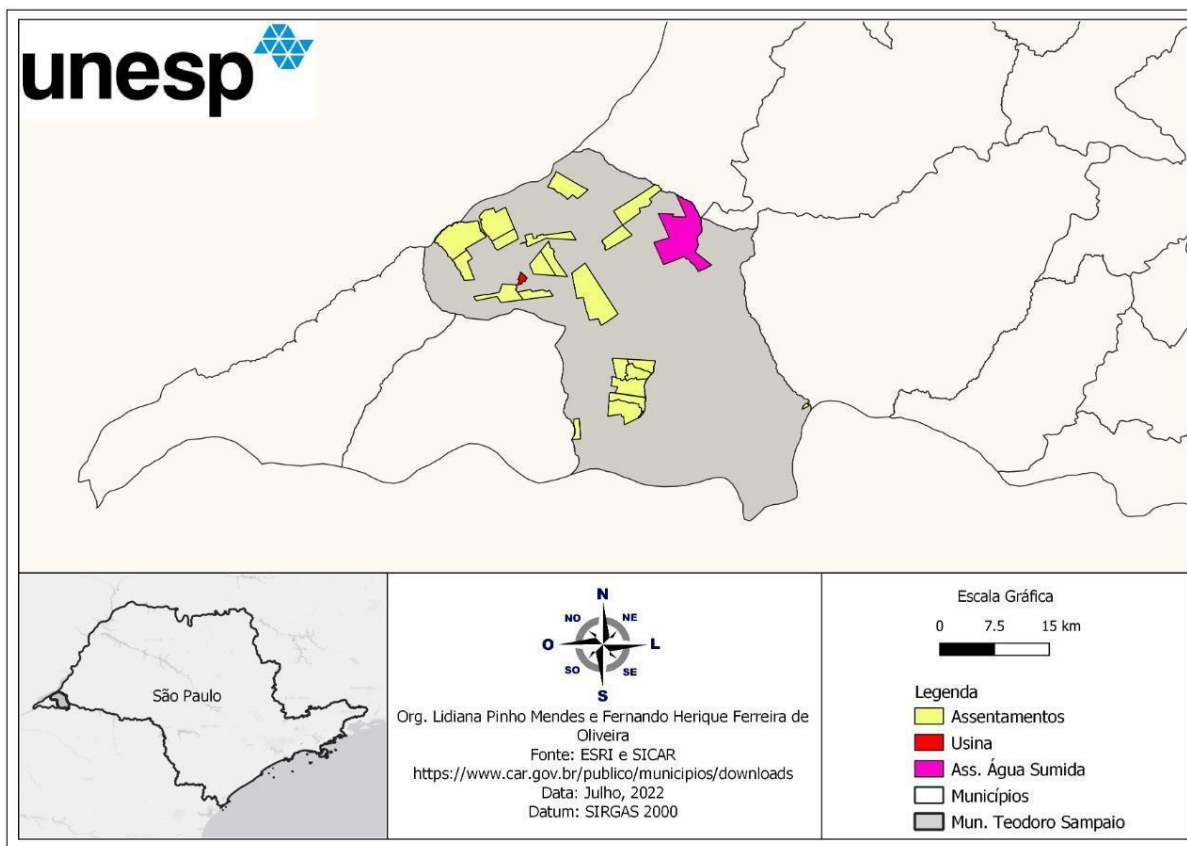
Quadro 2. Entrevista: quadro paralelo das diferentes fases.

1ª fase: negociar seu lugar	Negociar a entrevista (pôr em ação uma colaboração).
2ª fase: <i>in situ</i>	Conduzir a entrevista (intervir como pesquisador). Registrar e observar.
3ª fase: escrever e analisar	Transcrever a entrevista, colocá-la em fichas, analisá-la, relacioná-la com elementos exteriores a ela (boatos, práticas observadas).
4ª fase: controlar	Rever a pessoa. Completar as informações faltantes.

Retirado de Beaud e Weber (2007). Adaptado pelo Autor.

Todas as entrevistas foram negociadas com o contato de um morador do assentamento, através de mensagens e com período de antecedência. Nessas mensagens foram definidas as datas para a visita, as motivações para a pesquisa e como a abordagem com os entrevistados seria feita. As entrevistas no acampamento foram negociadas com uma liderança do movimento sem-terra e também agendadas com antecedência.

Mapa 1. Localização do assentamento Água Sumida no município de Teodoro Sampaio – SP.



Fonte: Mendes e Oliveira, 2022.

Inicialmente, para que o trabalho de campo fosse realizado foi necessário buscar por uma hospedagem no local, esta foi oferecida por tal morador, nosso contato inicial, e sua família. A recepção foi cordial e possibilitou estabelecer relações iniciais para que o trabalho começasse a ser desenvolvido. Estabeleceu-se também, através dessa primeira conversa, possíveis nomes de idosos assentados que poderiam participar das entrevistas. Foi sugerido que o encontro acontecesse em um lugar mais próximo da realidade cotidiana dos idosos, no qual pudéssemos falar calmamente e mais à vontade, nesse contexto surgiu a casa como o local ideal para as entrevistas.

Negociamos as condições dessa etapa “como um encontro, um lugar apropriado e um horário compatível com as limitações das duas partes” (BEAUD; WEBER, 2007, p.129). Entendemos que essa negociação é um dos elementos que preconiza as relações da pesquisa, pois é necessário que haja disponibilidade tanto

dos entrevistados quanto do entrevistador para que ambos se sintam confortáveis em relação ao tempo, sem pressões externas.

Outros motivos que levaram a escolha da casa como o lugar de realização da entrevista foram: por ser um lugar mais próximo à reprodução das práticas dos entrevistados; por ser um local com menos barulho para gravar as falas e, também, pela privacidade em ter um espaço mais íntimo, sem a observação e escuta de outros. Tais fatores auxiliam na criação de um ambiente seguro e confiável, ressaltando a importância de fazer com que os entrevistados se sintam “em casa”, possibilitando a imersão em sua própria realidade.

Não cremos haver receitas simples para conduzir uma entrevista. O problema não é também saber se deve propor boas questões para ter boas respostas. O essencial é ganhar a confiança do pesquisado, conseguir rapidamente compreender o que está sendo dito (a meia palavra) e entrar (temporariamente) em seu universo (mental) (BEAUD; WEBER, 2007, p.134).

Em momentos que antecedem esta primeira visita surgiu a oportunidade de experimentar uma possível forma de abordagem para o encontro, tal experimentação foi realizada com minha avó, também idosa. Esta foi uma forma encontrada para testar a estratégia e a dinâmica do tempo que seria utilizado para a realização das entrevistas. O que auxiliou na construção de um roteiro prévio para conduzir os futuros diálogos com os idosos do assentamento.

Entretanto, em campo percebeu-se a necessidade em flexibilizar o roteiro e de não seguir à risca a sequência de questões preparadas para compreensão da problemática de pesquisa, pois compreendeu-se que ao deixar os entrevistados mais à vontade eles poderiam construir seus próprios raciocínios e argumentar suas ideias de maneira mais dinâmica e fluída. Além do roteiro, também fomos munidos de anotações em nosso caderno de campo sobre alguns temas que gostaríamos de abordar durante a entrevista.

A realização da entrevista foi muito importante para a compreensão da totalidade do nosso objeto, pois até a preparação do roteiro não tínhamos atentado a questões que emergiram com o campo: os desafios da permanência no lote, a questão do trabalho e da saúde, a sucessão familiar, a solidão e a dimensão do envelhecimento do corpo e da memória.

Antes de realizar a entrevista expressamos as razões da nossa ida ao campo, explicando a problemática e os propósitos da pesquisa, depois sinalizamos os temas

a serem abordados e a forma que seria realizado o registro das conversas, pois compreendemos que “gravar às claras faz parte integrante do pacto de entrevista” (BEAUD; WEBER, 2007, p.137). Depois de nos apresentarmos, pedimos a autorização para gravar e iniciamos a conversa com os entrevistados. O roteiro e os temas anotados no caderno de campo nos auxiliaram a desenvolver os diálogos.

Optamos por gravar as entrevistas pela questão do registro das dimensões das falas dos entrevistados, além da possibilidade de retorno à gravação caso surgissem dúvidas sobre a pesquisa de campo. Desse modo, compreende-se que gravar o diálogo.

É uma senha obrigatória. Não há boa entrevista aprofundada *sem gravação*. É *condição essencial*. Não há o que questionar. Cada vez que realizar uma entrevista aprofundada deve fazer de tudo para registrar, pronto a negociar ao máximo com seus entrevistados. Peça sempre autorização para gravar. A proibição de gravações clandestinas faz parte da deontologia da pesquisa etnográfica. Você não é detetive particular; não avança, mascarado em sua pesquisa mesmo que possa acontecer de ocultar seu jogo em certas condições (BEAUD; WEBER, 2007, p.137).

De acordo com os autores, o uso do gravador permite acessar elementos essenciais para interpretação da entrevista, além de adentrar em dimensões não captadas por outros instrumentos de produção de dados. Com a gravação torna-se possível captar o não dito, a entonação, os silêncios, os choros, os risos, as hesitações e as emoções dos sujeitos sociais.

O estar em campo nos ofereceu possibilidades em compreender questões mais subjetivas do campo pessoal dos idosos, tais como: a solidão na velhice e o modo de vida no espaço rural, entender quais são os indicadores de envelhecimento, a relação cidade-campo e as dinâmicas familiares e intergeracionais no cotidiano desses sujeitos. Portanto, estar no campo gerou um estranhamento com a realidade estudada, já que o pesquisador é um ser estranho no meio pesquisado, é sobre estar num lugar onde não vive. Essa experiência nos abriu muitas possibilidades para o aprofundamento da espacialidade do envelhecimento no rural.

Durante nossa última entrevista na segunda fase do trabalho de campo, passamos por uma estrada que levava aos escombros da antiga sede da fazenda do assentamento. No meio do percurso, avistamos pela janela do carro e, do outro lado da estrada, havia uma espécie de organização espacial em barracas de lona com uma bandeira ainda não identificada pendurada acima. Por curiosidade, perguntei ao

contato que possibilitou as entrevistas e saídas de campo. Ele respondeu que era um acampamento organizado pela FNL (Frente Nacional de Luta) para atender a demanda por terras na região. E perguntou se eu estaria interessado em conhecer e conversar com pessoas acampadas na área. Aceitei de imediato, saímos do carro e seguimos em direção à área ocupada do acampamento.

Ao nos aproximarmos do acampamento, eram cerca de 16 horas, dois idosos e algumas crianças estavam comendo, e logo escureceu devido à falta de energia elétrica. Ao entrarmos nessa realidade, surgiu a ideia de conversar com alguns idosos para entender a espacialidade do envelhecimento em seu ambiente, onde não há o mínimo em termos de acesso à água, energia, infraestrutura e conforto. Ao entrar em contato com essa realidade, ao perceber que as diferenças nos modos de vida dos idosos dos assentamentos haviam se aprofundado, inconscientemente pensei na possibilidade de estudar a experiência do envelhecimento dos idosos na luta pela terra no nível do acampamento.

Quando nos encontramos com um dos coordenadores do grupo, ele nos contou que havia cerca de 80 famílias cadastradas para a demanda de terra na Fazenda Cachoeirinha, onde 20 dessas acampavam. O grupo era formado por integrantes de Teodoro Sampaio, Presidente Prudente, Maringá e agregados de outros assentamentos do entorno. Fizemos contato para agendar o próximo campo com o objetivo de conhecer melhor a realidade desses idosos. Porém, duas semanas depois soubemos que a fazenda havia sido retomada, alguns haviam sido dispersos para o trevo em Sandovalina e outros haviam ido para o norte do Paraná. Devido a esse imprevisto, nos deparamos com outras ocupações na área e, por meio de outro contato com um contato de um assentamento em Mirante do Paranapanema, chegamos à ocupação de Gercina Mendes.

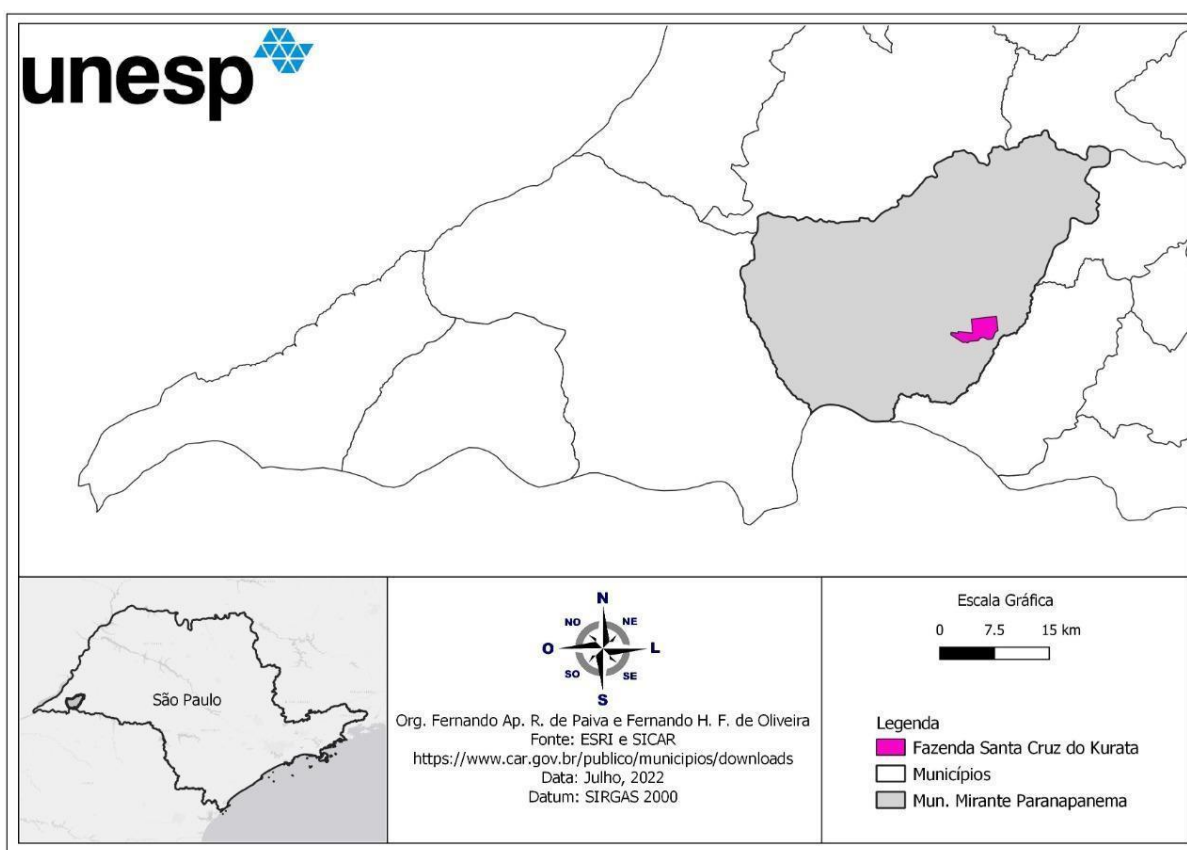
Figura 1. Cenas do acampamento Manuel Carrasco - Teodoro Sampaio/SP.



Fonte: Trabalho de campo em abril de 2022.

Pode-se dizer que as relações estabelecidas no campo nos despertaram o interesse pelas diferentes realidades dos sujeitos rurais nas lutas e conquistas pela terra, por meio das quais podemos acessar as realidades dos idosos em condições de acampamento. Um ponto interessante encontrado neste acampamento é que a ocupação recebeu o nome em homenagem a Manuel Carrasco (*in memoriam*), homem de 92 anos respeitado pelo grupo e um dos protagonistas dessa luta pela terra e pela cidadania.

Mapa 2. Localização da ocupação no acampamento Gercina Mendes na Fazenda Santa Cruz do Kurata - Mirante do Paranapanema/SP.



Organização: Paiva e Oliveira - 2022.

De maneira geral, cada entrevista teve uma singularidade em que cada idoso demonstrou suas especificidades ao narrar seus anseios, alegrias, emoções, medos e sonhos, de modo, que cada história apresentada nesta tese é única e particular. Cada encontro foi construído na base da confiança e do respeito, portanto todo olhar, gesto e fala observados em campo são valorizados nessa pesquisa.

Definimos o campo como um momento importante para a produção de dados e informações relativas ao envelhecimento rural, e um lugar onde conseguimos

conhecer dados objetivos dos entrevistados: origem social e familiar, trajetórias escolar e profissional, estado civil, religião, entre outros. Durante o processo de transcrição dos áudios gravados trabalhamos os dados produzidos nas entrevistas associando-os com os dados históricos e geográficos da região e a bibliografia selecionada.

Após as etapas de realização e transcrição, reservamos um tempo para analisar cada entrevista com profundidade, para depois estabelecer relações com as categorias utilizadas, a fim de responder e aprofundar nossas questões de pesquisa. Portanto, as entrevistas ajudaram-nos a refletir sobre a nossa problemática de pesquisa e construção de nosso objeto de estudo.

Analizamos narrativas autobiográficas de idosos a partir de um processo de codificação manual de entrevistas transcritas. Basicamente, contamos com roteiros, relacionados a conceitos e categorias escolhidos³ para compreender o processo de envelhecimento. Estabelecemos então a relação entre a fala dos idosos e definimos cinco componentes de uma análise da relação entre memória, vivência espacial e envelhecimento na área de luta e conquista do Pontal do Paranapanema. Os componentes definidos são os seguintes: memória da terra; memória familiar; memória trabalho, memória política e memória, memória, corpo e espaço.

Nos próximos capítulos iremos mostrar como o envelhecimento pode se tornar uma questão geográfica potente e interessante para o entendimento das vivências dos sujeitos sociais a partir de uma dimensão espacial que reconhece a diversidade dos idosos e suas contribuições, e, a complexidade das condições socioespaciais desses sujeitos no período atual.

Concluimos essa seção ressaltando a importância da realização da pesquisa de campo em contextos em que há uma aproximação com a realidade dos sujeitos sociais. Em nosso caso, o campo nos fez compreender como o espaço em sua dimensão rural e urbana impacta e transforma a vida das pessoas idosas no que diz respeito à independência e mobilidade.

Também verificamos como as estratégias de reprodução camponesa podem contribuir para uma experiência positiva e saudável de velhice, diminuindo o nível de pobreza e vulnerabilidade social dos idosos e melhorando a qualidade de vida no

³ Diagrama 1: Componentes do envelhecimento camponês.

assentamento. Portanto, o espaço pode influenciar de forma positiva ou negativa, na qualidade de vida das pessoas na velhice.

A partir das entrevistas foi possível entender o papel e o lugar das pessoas idosas no assentamento, em que muitas vezes são caracterizados como dependentes e fracos, porém são sujeitos importantes na contribuição das famílias, da economia e da sociedade. Também analisamos a importância das redes de apoio estabelecidas por meio das relações familiares, de vizinhança e comunitárias na manutenção do bem-estar dos idosos no campo. A partir desses laços de afeto e amizade os idosos demonstraram maior confiança e uma vida independente na velhice.

De modo geral, nosso trabalho apoia-se numa abordagem de pesquisa qualitativa, com o foco nos sujeitos sociais, contextualizando os idosos como objeto de estudo. Em termos metodológicos, a pesquisa de campo permitiu uma maior interação entre o pesquisador e os sujeitos, possibilitando abordar as dimensões da vida do idoso: arranjos familiares, condições de saúde, atividades econômicas, renda, trabalho.

Por meio das entrevistas foi possível ter uma visão aproximada dos sujeitos em relação às percepções do envelhecimento e espaço e sobre as dimensões da casa e do lote em suas vidas, além da compreensão de como é a relação do idoso com o seu espaço e seus hábitos familiares. Nosso objetivo foi fazer uma leitura geográfica sobre o envelhecimento rural, discutindo o processo a partir das experiências de homens e mulheres rurais, utilizando os assentamentos rurais como universo empírico e espaço de pesquisa.

No próximo capítulo, discutimos como as categorias espaço e envelhecimento desempenham um papel na análise das condições de vida dos idosos em ambientes rurais e urbanos. Nele apresentamos as formas como os geógrafos abordaram o envelhecimento e exploramos a contribuição da gerontologia social no desenvolvimento desses estudos.

CAPÍTULO 2 POR UMA GEOGRAFIA DO
ENVELHECIMENTO: UMA LEITURA A PARTIR DO
ESPAÇO E DOS SUJEITOS

“Existem seis mitos sobre a velhice: a) Que é uma doença, um desastre; b) Que somos estúpidos; c) Que não transamos; d) Que somos inúteis; e) Que somos impotentes; e f) Que todos somos iguais.” (Maggie Kuhn – fundadora do movimento das Panteras Cinzas)

Iniciamos esse texto buscando compreender como a relação entre o espaço e o envelhecimento podem se operacionalizar como categorias potentes no estudo de questões relacionadas à idade no âmbito da Geografia. Nosso objetivo é discutir como o envelhecimento se materializa como uma categoria de análise geográfica importante, porém pouco atraente e pesquisada no âmbito da geografia brasileira. Consideramos necessário um maior envolvimento por parte dos(as) geógrafos(as) em relação ao tema, na medida em que o envelhecimento é um processo complexo e uma realidade (em curso) que se desdobra na dinâmica da sociedade, impactando as relações que os sujeitos estabelecem entre si e o espaço. Temos a compreensão de que esse processo afeta todos os indivíduos com a passagem do tempo e tornou-se uma questão social de escala mundial no século XXI, exigindo novas posturas, ações e estratégias do Estado e da sociedade em geral.

Nessa seção, nos propomos a pensar o envelhecimento a partir da Geografia, pois entendemos que a disciplina pode contribuir numa leitura da produção social do espaço, atravessando as relações e os conflitos, para visibilizar o movimento dos sujeitos sociais e suas práticas espaciais. A partir dessa lógica, nosso trabalho pretende contextualizar o sujeito idoso e assentado para além de uma visão estatística e demográfica, representando pessoas sem cor, gênero e sexualidade, retratadas apenas em conjunto de números, pois compreendemos a necessidade de revelar a sociedade e seu movimento, identificando os sujeitos que se utilizam das práticas espaciais para se reproduzirem no espaço.

Portanto, pensar a sociedade em sua dinâmica, nos permite compreender que a construção geográfica das sociedades é resultado das práticas espaciais (LACOSTE, 1988), materializadas em ações que têm o binômio localização – distribuição (MOREIRA, 1997). Essas ações dão mobilidade e movimento aos sujeitos no espaço. O conteúdo social dessas práticas é um dos pontos que nos interessa, pois como aponta Laws (1997), as experiências de envelhecimento também podem produzir espacialidades específicas, se tomarmos como parâmetro questões como acessibilidade, mobilidade, escala e segregação.

Nosso trabalho busca oferecer uma contribuição para o desenvolvimento das

geografias do envelhecimento, apresentando as principais perspectivas desenvolvidas nesse campo e as formas de como os(as) geógrafos(as) podem lidar com as dimensões da idade e da velhice a partir da relação sujeito e espaço. Para operacionalizarmos essa questão, elegemos o envelhecimento como a categoria central de nossa tese e definimos o espaço, o território e os sujeitos como os componentes necessários para realizarmos uma leitura geográfica desse processo.

Como ilustrado até agora, nossa intenção é apresentar as maneiras de como a Geografia pode contribuir na compreensão das experiências de idade, sobretudo o envelhecimento, analisando a relação sujeito e espaço/território e tensionando as estruturas ordenamento geracional e o ageismo enraizado em nossa sociedade. Portanto, essa leitura geográfica do envelhecimento e dos idosos nos permite repensar uma nova forma de Geografia, que considere os sujeitos de todas as idades, envolvendo trajetórias de crianças, jovens, adultos e idosos, numa perspectiva relacional.

De modo geral, esse capítulo tem como objetivo localizar e descrever a sistematização da geografia do envelhecimento como um campo de estudos da geografia humana, apresentando suas principais vertentes e contribuições para a compreensão da dimensão geográfica da velhice e das condições de vida dos idosos. Nele apresentamos a trajetória de pesquisas sobre o envelhecimento na Geografia, desde os estudos de população, os estudos desenvolvidos a partir do diálogo entre a geografia humana e a gerontologia social, com o foco na relação do idoso o seu ambiente e as perspectivas mais recentes na área, compreendidas a partir do pensamento relacional, não representacional e interseccional, que entendem a idade e a velhice como processos multidimensionais.

Argumentamos sobre a necessidade de construção de uma base teórica e empírica de estudos relacionados ao envelhecimento na ciência geográfica. Defendemos também o avanço e a ampliação desses estudos na geografia brasileira, reconhecendo o envelhecimento como uma categoria potente e os idosos como sujeitos sociais importantes na construção do espaço geográfico. Ao escrever essa tese verificamos que o envelhecimento ainda não é um tema central nas pesquisas desenvolvidas no contexto da geografia brasileira, quando citados, aparecem sob um viés demográfico e epidemiológico, partindo de dados e estatísticas, não evidenciando os sujeitos idosos e suas práticas espaciais. Por isso, entendemos a necessidade de ampliar a discussão em torno desses conceitos para pensar a

complexa relação entre o sujeito idoso com o espaço e a experiência de velhice.

O texto tem a intenção de contextualizar e aprofundar algumas reflexões em relação ao tema da idade e do envelhecimento a partir de uma perspectiva geográfica. Nele mostramos como o envelhecimento foi pensado pelas lentes da Geografia e a sua relação com as dimensões do espaço/território e dos sujeitos sociais.

Nosso objetivo é contextualizar e aproximar os conceitos de espaço, território, idade, corpo e envelhecimento no âmbito da Geografia. Do ponto de vista teórico conseguimos identificar duas tendências de estudo em relação ao envelhecimento na Geografia: uma perspectiva clássica, que estuda o envelhecimento a partir dos aspectos demográficos e estatísticos e uma perspectiva crítica, que discute o fenômeno a partir da relação sujeito – espaço, levando em conta as condições de vida dos idosos.

O envelhecimento é um processo complexo que envolve mudanças biológicas, sociais e psicológicas no curso de vida dos sujeitos. É uma experiência individual, subjetiva e heterogênea, que em muitos aspectos, variam de acordo com a classe, a raça, o gênero, a sexualidade e outros fatores sociais (LITTLE, 2016). A construção social dessa experiência muda de acordo com a cultura, o tempo e o espaço, pois compreendemos que ser idoso na contemporaneidade é diferente do que em outras épocas, isso se explica não só pelo aumento da expectativa de vida, mas também por mudanças relacionadas aos valores sociais, as relações intergeracionais e as atitudes em relação aos idosos. Nesse sentido, entendemos que as grandes mudanças sociais ocorridas nos últimos séculos, como a industrialização e a modernização, afetaram as relações e as atitudes em relação aos idosos, contribuindo para a diminuição do prestígio, da influência e do poder que esses sujeitos possuíam em outros contextos.

Nas narrativas construídas em torno da velhice e do lugar dos(as) idosos(as) na sociedade é comum associarmos essa experiência a situações de dependência, perda da capacidade física e mental, em que velho e doente são vistos como sinônimos. No entanto, nosso objetivo é mostrar que existem outras leituras para além da relação velhice e enfermidade, em que os idosos possam ser compreendidos como sujeitos ativos, saudáveis, independentes e com bom nível de qualidade de vida.

No livro “*Velhice: a realidade incômoda*”, Simone de Beauvoir (1970) descreve como as experiências de velhice foram se resignificando de acordo com o tempo e o espaço. Em sua análise, a velhice é compreendida como um processo

multidimensional, comum e irreversível a todos os seres, portanto, deve ser analisada tanto do ponto individual, quanto uma questão social. A autora ressalta que é impossível reconhecer a velhice sem levar em conta os fatores econômicos, mas também, não podem ser suficientes, pois existem outras dimensões que compõem esse processo. Nesse sentido, entendemos que “para compreender a realidade e o significado da velhice é, portanto, indispensável examinar qual o lugar nela atribuído aos velhos, qual imagem que deles se tem em diferentes épocas e em diferentes contextos” (BEAUVOIR, 1970, p. 41).

As sociedades estabelecem uma hierarquia das idades (BEAUVOIR, 1970), com a supervalorização do corpo jovem em detrimento do velho, em que a velhice é representada como um processo de perdas, declínio e decadência física e mental. A autora chama a atenção para o fato de que cada sociedade cria valores e representações sobre essa etapa de vida de acordo com a cultura e o contexto social. Algumas entendem o envelhecimento como declínio e acúmulo de perdas, enquanto outras valorizam a velhice como uma época de ganhos de sabedoria, experiência e conhecimento. Nesse sentido, Beauvoir (1970) aponta que a velhice só poderia ser compreendida em sua totalidade, não representa apenas como uma dimensão biológica, é também uma dimensão cultural.

Ao analisar a velhice nas sociedades menos complexas, a autora concluiu que em alguns grupos, o passar do tempo é concebido como o afastamento da juventude, não como um prenúncio de futuro e mostra que os velhos já exerciam um papel importante dentro dessas sociedades, que em muitos casos, enaltece miticamente a velhice. Algumas dessas narrativas apresentam os velhos como mágicos poderosos, como inventores, como curandeiros e detentores da sabedoria.

No entanto, um dos casos apresentados no livro, mostra que muitas sociedades só respeitam as pessoas idosas “enquanto estas se mantêm lúcidas e robustas, desembaraçando delas quando se tornam decrépitas e caducas” (BEAUVOIR, 1970, p.57). Contudo, a autora demonstra que a maioria das sociedades não deixam que os velhos morram como animais.

Beauvoir (1970) também apresenta exemplos de sociedades estratificadas em forma de gerontocracia, administrada pelos mais velhos, como o caso dos *Aranda*, povo que viviam no interior das florestas australianas. Entre os *Aranda*, os homens de cabelo grisalho, classificados como “os quase mortos” eram os membros mais respeitados dentro da comunidade (BEAUVOIR, 1970).

A memória e experiência desses sujeitos são fundamentais para a manutenção e prosperidade do grupo, na medida em que conheciam as tradições sagradas, os cantos, os mitos, as cerimônias religiosas e os costumes, exercendo uma posição de respeito dentro do grupo. Portanto, os homens mais velhos eram responsáveis por reger a vida religiosa do grupo, celebrando as cerimônias e os rituais, além de ter o papel de instruir os mais jovens.

Segundo a autora, eles eram temidos e seus saberes eram vistos como uma espécie de poder mágico, pois, “o melhor intermediário entre este mundo e o outro mundo é aquele cuja idade se aproxima do além. São as pessoas de idade que dirigem a vida religiosa e esta dimensão domina toda a vida social” (BEAUVOIR, 1970, p. 68). Nessa sociedade, os homens velhos exerciam o poder sobre os mais jovens, o mais idoso era o líder, o que tinha a autoridade em suas mãos.

A questão da velhice foi encarada de múltiplas formas ao longo da história das sociedades, desde uma realidade incômoda (BEAUVOIR, 1970), até como uma questão social, de conquista de direitos e acesso a melhores condições de sobrevivência. Podemos constatar que a velhice se ressignificou com o tempo e que ser velha(o) na contemporaneidade representa ter acesso a um conjunto de possibilidades, como, um mercado de consumo específico para a terceira idade, ter direitos garantidos pelo Estatuto do Idoso, porém, por se tratar de uma experiência desigual, nem todos os sujeitos têm acesso a modelos de envelhecimento mais adequados e saudáveis.

No entanto, é importante destacar que apesar do envelhecimento populacional ter significado uma das principais conquistas do século XXI, ele também é um fenômeno que trouxe consigo grandes desafios para as políticas públicas e para a sociedade. Nesse sentido, há um grande e amplo debate em relação a contribuição e o papel dos idosos, vistos como um contingente da população economicamente inativa, além de se tornar um peso do ponto de vista da previdência social.

Nas últimas décadas verificou-se um intenso processo de envelhecimento populacional no mundo. No Brasil, estima-se que há mais de 20 milhões de idosos, pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. De acordo com o Estatuto do Idoso (2013), “o país está em 6º lugar no ranking de países com maior número de população idosa do mundo” (BRASIL, 2013, p.5). Portanto, partindo desse universo, em que o número de idosas(os) estão aumentando e ganhando destaque na pirâmide etária, justificamos a necessidade de compreender as múltiplas dimensões do

envelhecimento e seus impactos na sociedade atual.

Dessa maneira, o capítulo apresenta as possibilidades de uma leitura geográfica sobre o fenômeno do envelhecimento a partir das formas com que as(os) idosas(os) se relacionam com o espaço. O texto em si explora a dimensão geográfica do envelhecimento, reconhecendo o papel do espaço e do cotidiano na vida das(os) idosas(os) que vivem no campo.

Reconhecemos que a idade e o envelhecimento não são temas centrais dentro do conhecimento geográfico, quando citados, aparecem sob uma abordagem demográfica e estatística, apresentando a dinâmica populacional de determinado lugar e contexto específico. Entretanto, compreendemos a necessidade de avançar no debate sobre as “geografias do envelhecimento”, campo de estudos pouco explorado pela geografia brasileira, para compreender melhor a relação entre envelhecimento e espaço.

De certa forma, buscamos construir e ampliar o debate em relação ao tema do envelhecimento e dos sujeitos idosos partindo das contribuições da Geografia e seus conceitos e categorias. Portanto, a partir de uma perspectiva multidimensional do espaço entendemos como o envelhecimento pode se operacionalizar em uma categoria de análise geográfica importante para entender as relações e as transformações no/do espaço, no cotidiano e na vida de pessoas idosas.

Ao eleger o envelhecimento como categoria central dessa análise, buscamos apresentar ao leitor, as múltiplas construções e representações sociais sobre essa experiência, explicitando como os homens e as mulheres idosas podem se tornar sujeitos sociais importantes de serem compreendidos pelas lentes da Geografia.

Ressaltamos também o papel das(os) geógrafas(os) no sentido de tensionar as matrizes epistemológicas, desconstruindo os conceitos e as teorias, para assim, romper com as invisibilidades e explicitar o protagonismo dos sujeitos sociais. Logo, esse texto foi escrito com o objetivo de contribuir numa leitura mais positiva, crítica e geográfica da velhice e dos sujeitos idosos, desconstruindo estigmas e visões negativas, com o intuito de revelar as práticas espaciais e a relevância desse grupo para a sociedade.

2.1 A construção das geografias ocultas do envelhecimento: espaço, sujeitos e cursos de vida

Nóbrega (2017) mostra que existem diversas leituras sobre o envelhecimento, envolvendo tanto visões negativas, quanto positivas, porém na Geografia, o envelhecimento sempre foi posicionado a partir de uma perspectiva demográfica, que entende a velhice como uma etapa de vida colocada em oposição a juventude, não evidenciando a importância dos idosos e suas práticas espaciais e a multidimensionalidade desse processo nas análises geográficas. Baseando nas discussões teóricas das geografias do envelhecimento, consideramos necessário avançar no debate sobre as múltiplas experiências de envelhecimento na contemporaneidade, abarcando as contribuições dos sujeitos idosos e os desdobramentos dessa experiência na sociedade e no espaço. Desse modo, entendemos que,

Não há porque não assumir a centralidade desta questão, o debate sobre o envelhecimento e a velhice precisam sair da clandestinidade dos números e dialogar com um universo mais amplo que o demográfico; é urgente tratar dos dramas da vida na velhice, por isso, faz-se fundamental entender qual o sentido da produção(reprodução) humana nesta etapa da vida sem negar que a experiência de viver abarca harmonias, contradições, sincronias, diacrônicas em movimentos positivos e outros que refletem negatividades, por isso, a velhice não é uma ruptura, não é uma condição nova, ela faz parte da totalidade da vida (NÓBREGA, 2017, p.36).

De acordo com o autor, os estudos sobre o envelhecimento na Geografia ganharam relevância a partir do século XX em países mais desenvolvidos, devido a mudanças significativas na estrutura demográfica, levando a um aumento da longevidade e a diminuição das taxas de natalidade e de fecundidade. Todavia, é a partir da década de 1980 que a Geografia desenvolve um referencial analítico para tratar do envelhecimento como uma categoria e fenômeno geográfico. Isso se deu por meio de uma aproximação teórico-metodológica entre a geografia humana e a gerontologia social, no sentido de compreender as transformações na velhice como uma questão social relevante, além de considerar a importância de estudar os contextos sociais e espaciais em que os idosos estão inseridos (NÓBREGA, 2017).

De acordo com Nóbrega (2017), os primeiros estudos relacionados às geografias do envelhecimento surgem no início do século XX no contexto da geografia regional, em que questões relacionadas à distribuição e localização no espaço eram

o centro das investigações na época. Hardill (2009) e Nóbrega (2017) situam a origem dos estudos das geografias do envelhecimento no universo anglo-saxão.

Durante as décadas de 1950 e 1960 há uma expansão dos estudos geográficos do envelhecimento nos Estados Unidos e na Europa, com o desenvolvimento de pesquisas voltadas para análise da migração populacional e da distribuição de velhos nesses países. No caso estadunidense a divulgação dos censos demográficos possibilitou o desenvolvimento desse campo, pois percebeu-se o impacto do aumento do número de idosos ao longo dos anos. De acordo com o autor, ainda na década de 1960 surgem estudos sobre migração e perspectivas regionais de envelhecimento nas geografias alemã, francesa, espanhola e australiana (NÓBREGA, 2017).

Do ponto de vista metodológico, localiza-se dois blocos temáticos: os estudos geográficos do envelhecimento demográfico e os estudos geográficos das condições dos velhos e sua relação com o meio. Para o autor, as geografias do envelhecimento se orientaram por meio de três eixos de análise: “as mudanças nas relações com o meio físico e social; a distribuição geográfica do envelhecimento; e a localização de recursos e desenvolvimento dos serviços sociais, sanitários e assistenciais necessários a este grupo populacional” (NÓBREGA, 2017, p.43).

Portanto, os estudos geográficos sobre as condições de vida dos velhos e a relação com o meio estão centrados na análise das relações entre o espaço, que integra os sujeitos as necessidades pessoais, sociais e assistenciais dos mesmos.

Posteriormente, com o desenvolvimento dos estudos, as geografias do envelhecimento buscaram compreender “a evolução do envelhecimento demográfico e suas implicações globais a longo prazo; as dimensões espaciais em relação à vida dos velhos; e a mudança temporal nas interações entre o meio geográfico e os velhos” (NÓBREGA, 2017, p.43).

Segundo Nóbrega (2015; 2017) dentro da ciência geográfica o processo de envelhecimento é analisado a partir de duas perspectivas: pelo viés demográfico e pelas geografias do envelhecimento. Do ponto de vista demográfico o envelhecimento é entendido a partir de elementos voltados à compreensão da dinâmica da população e à caracterização da velhice como uma etapa da vida cristalizada na forma de pirâmides etárias. Já a abordagem das geografias do envelhecimento, estabelecida pelo diálogo entre a geografia e a gerontologia social, busca entender as necessidades reais dos velhos em função do processo de produção e reprodução do

espaço (NÓBREGA, 2017).

Para Sylvestre (1999) as geografias do envelhecimento surgem com o objetivo de descrever o contexto espacial dos idosos e analisar o relacionamento de uma pessoa idosa com o meio ambiente. Analisando os padrões espaciais dos(as) idosos(as) a autora verificou a necessidade em compreender como as relações entre os idosos e o seu ambiente afetam a sua qualidade de vida e a capacidade de permanecer independentes (SYLVESTRE, 1999).

Sabemos que uma bibliografia clássica, no âmbito da Gerontologia Social, da Demografia e das Ciências Sociais, discute sobre os aspectos inerentes ao fenômeno do envelhecimento. No entanto, verificamos que muitos dos estudos apresentam um viés estatístico e epidemiológico, além de uma leitura urbana e masculina dessa experiência. Desse modo, buscamos desenvolver uma leitura geográfica sobre o envelhecimento partindo das experiências e histórias de vida de sujeitos idosos, compreendendo-o como um processo individual, subjetivo e multidimensional, que inclui aspectos biológico, social, cultural e psicológico.

Hardill (2009) e Klima et al. (2014) mostram como a questão do envelhecimento e da qualidade de vida podem se operacionalizar na Geografia a partir da dimensão do espaço. Para as autoras a trajetória de vida dos idosos, a qualidade de suas vidas e seu impacto no uso do espaço, se encaixam perfeitamente como temas de domínio geográfico. Assim, entendemos que a natureza do envelhecimento e a relação que os idosos estabelecem com o espaço também podem ser discutidos a partir de uma perspectiva geográfica.

Hardill (2009) debate sobre as múltiplas abordagens do envelhecimento na Geografia, porém privilegia os estudos que focam na relação entre o envelhecimento e o espaço, pois, entendendo o envelhecimento como uma experiência produtora e reprodutora de espaço. A autora traz o idoso como sujeito central em suas análises e apresenta alguns exemplos de pesquisas realizadas no campo da geografia britânica do envelhecimento, tais como: os estudos sobre as espacialidades do medo para pessoas idosas; sobre as experiências da velhice por meio do uso de espaços de lazer e sobre as relações de gênero e mobilidade na construção espacial (HARDILL, 2009).

Nesse sentido, a autora também destaca como as geografias feministas e o pensamento relacional tensionam e questionam as formas sincrônicas de ordenamento geracional que compartimentam os sujeitos sociais a partir da idade,

segregando e contrapondo as gerações. Essas correntes discutem como o espaço compõe o processo de ordenamento geracional, questionando até que ponto a organização do espaço integra ou segrega os idosos e como se relaciona com o ageísmo. A autora evidencia a relação entre espaço e construção social da idade, na medida em que nossa sociedade, os espaços são delimitados de acordo com a idade, há lugares específicos para crianças, jovens, adultos e velhos, portanto, entendemos que o espaço pode ser um forte elemento de ordenamento de segregação ou integração intergeracional

Ao explorar as relações entre espaço e idade Laws (1995) e Mowl *et al* (2000) mostram como os espaços e os lugares em que vivemos, trabalhamos e realizamos nossas atividades diárias são estruturados e classificados de acordo com a idade. Laws (1997) entende que, “nossa posição metafórica também varia de acordo com o aumento da idade, à medida que a velhice é periférica (sua imensa desvantagem) dos locais discretos, enquanto a juventude está em toda a parte” (LAWS, 1997, p.91).

Esse debate nos permite analisar os sujeitos e suas práticas espaciais para além do contexto material de reprodução da vida, no sentido de incorporar outras dimensões importantes como raça, gênero, sexualidade e idade, materializadas num conjunto de forças que posicionam os sujeitos nas estruturas sociais. Esse raciocínio é um dos caminhos que nos ajuda a compreender o ageísmo e suas formas de opressão contra o corpo envelhecido.

Conceituamos o envelhecimento levando em conta a dimensão da idade, do espaço e das questões inerentes a formação de uma identidade camponesa, pois, acreditamos que essa questão nos ajuda compreender a necessidade da discussão sobre o cruzamento das posições identitárias dos sujeitos sociais e a relação com os sistemas de opressão e dominação na sociedade.

O ageísmo e suas manifestações a partir de atitudes e preconceitos baseados na idade é um dos maiores exemplos de opressões dirigidas em torno dos corpos envelhecidos. Se olharmos para a realidade brasileira, vemos que existe uma dualidade perversa em que há sujeitos que conseguem envelhecer de forma digna saudável e por outro lado, tem indivíduos que ficam pelo caminho, tendo suas vidas interrompidas pelos mais diversos sistemas de opressão.

As formas de opressão e violência extrema em nosso país se relacionam ao passado colonial e escravista, que se materializa nos dias de hoje, numa exposição de alguns grupos sociais à morte, devido ao peso das marcas que carregam em seus

corpos. Silva e Ornat (2016) destacam que essa leitura nos permite compreender a existência e a criação de sentimentos de mortes que são lamentadas e outras que são celebradas, de um modo em que há corpos com intersecções específicas que estão marcados para morrer, como os casos das mulheres, dos negros, dos indígenas e da população LGBTQIA+, que tem suas expectativas de vidas diminuídas por essa complexa trama de opressões.

Esse sistema de opressões faz com que alguns sujeitos não consigam atingir a longevidade esperada, ficando no meio do percurso por conta de opressões e discriminações em torno das dimensões de cor e raça, idade, religião, gênero, sexualidade, nacionalidade e necessidades especiais, exemplo disso, são os casos de crianças e jovens negros mortos em operações policiais com aparato do Estado e o alto índice de assassinatos da população trans e travesti, que não conseguem envelhecer (Silva e Ornat, 2016).

Pautada nas experiências de raça e gênero Crenshaw (2002) aponta que as interseccionalidades são um caminho viável para identificar várias formas de subordinação e opressões a que cada pessoa pode estar sujeita, mediada sempre pelas dimensões do tempo e do espaço. Esses cruzamentos em eixos identitários permitem localizar os sujeitos a partir dos seus corpos, posicionando-os numa hierarquia social, em que os espaços são negociados de acordo com as intersecções. A abordagem interseccional também nos ajuda a ler as a forma que as desigualdades atingem os velhos a partir do ageismo, além de uma compreensão crítica de que,

primeiro, nenhum sistema de desigualdade é mais importante do que outro; eles estão entrelaçados na vida das pessoas e experimentados simultaneamente, mesmo que possam ser analisados um de cada vez. O gênero continua sendo um importante sistema de desigualdade; mas as mulheres não são homogêneas, mas divididas por hierarquias que se cruzam. As mulheres mais jovens se beneficiam do preconceito de idade que as mulheres mais velhas enfrentam no mercado de namoro heterossexual e no mercado de trabalho. As políticas que visam apenas o gênero podem oprimir um grupo de mulheres às custas de outro. **Em segundo lugar**, as pessoas não “envelhecem” com as desigualdades que existem mais cedo na vida. Em vez disso, essas disparidades podem agravar-se na velhice, e generalizações sobre “idosos” podem resultar em pesquisas ou intervenções que diminuem a qualidade de vida de alguns grupos de idosos. **Terceiro**, devemos reconhecer que a idade é um eixo da desigualdade e que a velhice é uma posição de desvantagem que por si só é suficiente para negar a participação social dos indivíduos. Além disso, a idade é dinâmica e as pessoas mudam gradualmente de um status privilegiado para um desfavorecido, criando uma identidade complexa baseada em outras localizações intersetoriais. Os mais privilegiados entre nós acabarão sofrendo a opressão da velhice, se durarem o suficiente (CALASANTI e GILES, 2018, p.6).

Crenshaw (2002); Calasanti e King (2015); Calasanti e Giles (2018) ressaltam que em nossa sociedade existem estruturas de poder que localizam as pessoas com vantagens e desvantagens a partir dos corpos e suas marcas, portanto, há um jogo que posiciona os sujeitos de forma diferenciada, em que essas marcas que cada sujeito carrega, pode colocá-lo em situações de maior ou menor risco. O ageismo e as desigualdades relacionadas ao marcador idade é um exemplo disso.

Nunes (2014) apresenta o corpo como sujeito e objeto da experiência, defendendo a ideia do espaço como uma experiência corporalizada, portanto trata-se de uma *Geografia da Diferença* em que o corpo é um importante elemento do espaço, que indissociavelmente transforma e é transformado por esse.

Neste sentido a autora pressupõe que somos sujeitos marcados pela diferença, seja por gênero, etnia, credo, fé, língua, ideologia e política. E é a diferença que produz espacialidades diversas e outras geografias.

Portanto, partindo do referencial teórico das geografias do envelhecimento nos propomos a compreender como o conceito de espaço pode se operacionalizar nas análises sobre idade e envelhecimento, evidenciando uma geografia relacional, preocupada com os múltiplos sujeitos sociais, para além do mundo dos adultos (HOPKINS; PAIN, 2007). Sendo assim, assumimos no texto a relação entre espaço, sujeitos e envelhecimento, partindo da tese de que o envelhecimento é uma experiência singular e heterogênea, que varia de acordo com as posições identitárias dos sujeitos, como gênero, sexualidade, raça, idade.

Uma das principais contribuições das geografias do envelhecimento foi introduzir uma perspectiva relacional do estudo da idade ao analisar as dimensões da qualidade de vida de pessoas idosas, focando na relação que esse sujeito estabelece com o espaço doméstico. Vários estudos realizados por geógrafos(as) explicitam essa relação e propõem uma abordagem empírica mais efetiva. Skinner *et al* (2014) mostram que,

os geógrafos estão bem-posicionados para estudar as maneiras complexas pelas quais o espaço doméstico influencia vidas e experiências, refletindo sua função material em termos de localização e acesso, e, em relação à independência e envelhecimento no lugar, e as qualidades experienciais em termos de senso de lugar, identidade, significado e apego (SKINNER *et al*. 2014, p.8).

Em um estudo sobre a intersecção entre corpo envelhecido e espaço doméstico, Mowl *et al* (2000) verificaram que essa relação também varia de acordo

com o gênero, pois os homens e as mulheres idosas se posicionam e se relacionam de forma diferente com o espaço doméstico, com a dimensão do lar e encaram a aposentadoria e a velhice de formas distintas. De fato, as autoras apresentam as maneiras pelas quais o envelhecimento é experienciado nos contextos sociais e espaciais nos quais o sujeito idoso, a família, os amigos e estranhos interagem (Mowl *et al*, 2000).

O estudo das questões relacionadas ao papel do espaço e do lugar nas experiências de envelhecimento levou alguns geógrafos(as) a analisar “as maneiras pelas quais os bairros, vilas e cidades, bem como ambientes construídos específicos, como casa, ambientes de atendimento residencial e hospitais, ou apoiam ou desafiam populações vulneráveis mais velhas à medida que envelhecem” (SKINNER *et al*, 2014, p.4).

Ao analisar as relações de idade na Geografia, Tarrant (2011) situou os idosos como uma população pequena, mas significativa, ainda pouco pesquisada na geografia humana. Contudo, nos últimos anos, os idosos e o envelhecimento passaram a ser revisitados pelos(as) geógrafos(os), devido a importância que esses sujeitos dão à vida familiar e ao espaço doméstico. A autora evidencia o papel que os(as) idosos(as) desempenham na contemporaneidade (especialmente na vida de seus filhos e netos), além dos impactos do envelhecimento populacional e a dimensão desse fenômeno nas experiências cotidianas dos sujeitos. Partindo de uma abordagem relacional da idade, discute-se como as identidades dos idosos são construídas por meio dos espaços sociais e das relações, em que a família tem um papel fundamental.

Na atualidade, vemos o surgimento de novas concepções em relação aos idosos e ao envelhecimento, essas mudanças estão relacionadas ao contexto de “aumento da longevidade tanto para mulheres quanto para homens, taxas de natalidade em declínio, taxas mais altas de divórcio e casamento e o progresso tecnológico (TARRANT, 2011, p.2). No entanto, as construções mais tradicionais sobre a identidade dos idosos ainda são carregadas de preconceitos, estigmas e estereótipos, tratando a velhice como uma condição desvalorizada e incômoda.

Diante disso, os autores destacam que as interseções entre envelhecimento e local (espaço, lugar e ambiente) permitem aos geógrafos(as) pensar numa dimensão espacial do envelhecimento, além de compreender de que forma o local pode apoiar ou desafiar os idosos em suas experiências cotidianas.

O desenvolvimento teórico das geografias do envelhecimento se ampliou a partir do diálogo com o feminismo, o pós-modernismo, pós-estruturalismo e o pensamento relacional, perspectivas que aprofundaram o entendimento das dimensões da idade, do envelhecimento e do espaço. Essa aproximação teórica em torno do envelhecimento se difundiu principalmente na geografia cultural e social, a partir dos interesses nas experiências subjetivas de idosos com os ambientes no nível de suas realidades cotidianas.

Também, houve interesse por parte dos geógrafos(as) em compreender os significados em torno da relação dos idosos com a dimensão do lar e do espaço doméstico. Os autores entendem que o espaço doméstico pode ter o papel de proporcionar sensações de conforto, apego, privacidade e segurança de um lado, e por outro lado, pode causar sensações de medo, perdas ou até mesmo de isolamento e retirada.

Em um estudo sobre a vida das pessoas idosas em Newcastle upon Tyne, Inglaterra, Mowl et al (2000) buscaram entender qual é o lugar do corpo na construção de doenças e dos significados diários em torno das experiências de velhice. Para isso, elas focaram no espaço doméstico e na dimensão da casa para demonstrar “como as noções de gênero, bem como os corpos envelhecidos afetam o uso e o significado do espaço” (MOWL et al, 2000, p. 1). As autoras também destacam a importância das teorias feminista e pós-moderna no tensionamento e na construção dos conceitos de espaço e envelhecimento.

O trabalho foca em como os idosos constroem identidades e espaços de velhice. Nesse sentido, as autoras sugerem que construções de lugares e corpos como “velhos” são influenciados por gênero, classe e habilidade. Elas argumentam que a velhice é espacializada e apresentam três construções incorporadas a essa experiência, isto é, três temas que surgiram em resposta à velhice durante a pesquisa. “Elas envolvem fragilidade física (o início de problemas de saúde ou incapacidade), aparência física do rosto e do corpo e capacidade física (a capacidade de continuar funções e atividades anteriores) (MOWL et al, 2000, p.3).

Em um estudo de revisão da literatura geográfica sobre a população idosa e envelhecida, Golant (2013) conseguiu identificar quatro áreas temáticas que tratam desse tema na Geografia. As áreas identificadas pelo autor dividem-se em: localização residencial e padrões de migração; acesso de localização a serviços e instalações; atividade espacial e padrões de transporte e relações entre pessoas e

ambiente. Essa revisão abrangeu uma literatura produzida por geógrafos(as) norte-americanos, britânicos, franceses e australianos por meio das contribuições no âmbito das pesquisas em gerontologia – geografia, também conhecida como gerontologia geográfica.

Os estudos apresentados pelo autor discutem questões relacionadas aos padrões de migração residencial e mobilidade das pessoas idosas, aos fluxos migratórios regionais passados e presentes de aposentados, ao acesso a serviços de saúde e transporte, além das experiências ambientais na vida de idosos para compreender melhor o significado ambiente na vida dessas pessoas.

De modo geral, vimos que nas últimas duas décadas o interesse dos(as) geógrafos(as) pelo envelhecimento e pelos idosos se revigorou, devido ao crescimento em números desse grupo e pelas implicações sociais e políticas desse processo (Mowl et al, 2000). De fato, o desenvolvimento da geografia humana possibilitou um crescente número de estudos sobre aspectos geográficos do envelhecimento e a contribuição dos idosos e suas práticas espaciais.

Skinner et al (2014) mostram que o envelhecimento e suas dimensões passaram a ser compreendidos nos diversos ambientes (do rural ao metropolitano) e em diversas escalas (do agregado familiar ao global). A relação entre a geografia e a gerontologia trouxe diversos avanços em relação ao campo, materializando-se no diálogo de teorias, conceitos e métodos a partir dos estudos sobre o idoso e o espaço doméstico.

Golant (2013) e Skinner et al (2014) discutem o desenvolvimento teórico das geografias do envelhecimento como um campo de estudo da geografia humana, porém observa que ainda existe uma lacuna empírica de estudos sobre a relação entre o idoso e o espaço. Nesse sentido, os autores analisam as maneiras pelas quais os(as) geógrafos(as) responderam os desafios e oportunidades de se estudar o envelhecimento dentro da Geografia. Também assumem o desafio de articular estratégias de como os(as) geógrafos(as) podem progredir neste campo de estudo. Para eles, a primeira onda de estudos sobre os aspectos geográficos do envelhecimento buscou

“repensar o campo à luz do potencial da teoria social para abordar a conexão tênue entre a geografia humana e a gerontologia social, e pediram maior inclusão, empiricamente e teoricamente, de outras partes da disciplina, particularmente a geografia médico-sanitária e a geografia histórica” (SKINNER et al, 2014, p.2).

Com o objetivo de visibilizar as “*geografias ocultas do envelhecimento*” na geografia humana contemporânea, os autores trazem à tona estudos geográficos pouco pesquisados ou amplamente ocultos sobre o envelhecimento na Geografia. Para desenvolver essa ideia, eles se orientam a partir de duas linhas de investigação sobre as dimensões geográficas do envelhecimento. A primeira vai no sentido de compreender as lacunas empíricas das contribuições dos idosos para a sociedade em geral. Já a segunda busca ampliar o debate teórico sobre as perspectivas da relacionalidade e representação já em curso na disciplina.

Entendemos que as(os) geógrafas(os) que estudam o envelhecimento o fazem sob a ótica das geografias do envelhecimento (SKINNER *et al*, 2014). É consenso de que a geografia social, da população e da saúde foram os principais campos que contribuíram para o desenvolvimento desses estudos. As(os) geógrafas(os) britânicas(os) e estadunidenses são pioneiros nos estudos sobre os aspectos geográficos das populações mais velhas, no sentido de entender sua distribuição espacial, movimentos e a relação com o ambiente. No quadro abaixo, mostramos as principais contribuições da geografia humana e da gerontologia social na constituição das geografias do envelhecimento.

Diagrama 2. Geografias do envelhecimento, um diagrama temático.



Elaboração própria. (Adaptado de Skinner *et al* (2014)).

Skinner *et al* (2014) destacam como o diálogo entre a gerontologia social e a geografia humana contribuiu no desenvolvimento de estudos sistemáticos sobre populações mais velhas a partir da década de 1980. De acordo com os autores, as primeiras pesquisas sobre envelhecimento e idosos abrangeu os seguintes temas: - os padrões espaciais do envelhecimento demográfico (movimento e migração de populações mais velhas); - serviços e infraestrutura de saúde e arranjos e ambientes de vida das pessoas mais velhas; - local incorporado das experiências de envelhecimento; - saúde, bem-estar e assistência; - e mais recentemente, a incorporação dessas experiências.

Nesse período, a gerontóloga britânica Sarah Harper e a geógrafa estadunidense Glenda Laws se uniram para compreender o que estava acontecendo de relevante no interior da gerontologia, da teoria social e da geografia humana, que poderiam revigorar as geografias do envelhecimento, que até o momento, não era tão aderida entre os(as) geógrafos(as).

Ao revisitar esses estudos, Harper e Laws (1995) constataram que as análises geográficas do envelhecimento tinham um perfil relativamente baixo dentro da disciplina devido ao menor envolvimento dos(as) geógrafos(as) com essas questões, além de que muitos dos profissionais buscavam denominações diferentes em outras

áreas para tratar desse tema.

Laws (1994); Harper e Laws (1995); Mowl et al (2000); Andrews et al (2006); Hopkins e Pain (2007); Bailey (2008); Hardill (2009); Tarrant (2010); Schwanen et al (2012); Golant (2013); Skinner et al (2014) mostram como as geografias do envelhecimento passaram a questionar o conceito e o entendimento de idade para além de um rótulo descritivo, como uma construção social contestável, que estrutura as formas de ordenamento geracional e segmentação espacial, definindo quais os espaços e os lugares são destinados para os sujeitos de acordo com a sua idade.

Sobre as principais contribuições dessas tendências, Skinner et al (2014) escrevem que,

as orientações da *economia política* apoiariam um foco mais intensivo nas interseções entre lutas de classes e envelhecimento, o papel do Estado em relação às aposentadorias públicas e à força de trabalho, na provisão de habitação e outros serviços significativos na vida das pessoas idosas. O *feminismo* poderia oferecer uma oportunidade para uma consciência crítica das importantes interseções entre envelhecimento, gênero e classe ao longo da vida e em relação à identidade, bem como as ligações entre a idade e o ageísmo. Da mesma forma, o *pós-modernismo* foi visto como um potencial de iluminar a diversidade da experiência humana, em particular, observando como as experiências ao longo da vida não são necessariamente lineares, como as representações visuais do envelhecimento são significativas e como as paisagens pós-modernas podem construir e remover limites entre locais para jovens e locais para idosos (SKINNER et al, 2014, p.4).

Os autores sugerem que os(as) geógrafos(as) podem se envolver teoricamente em pesquisas sobre os idosos e a velhice em diversas escalas.

Individualmente, em microescala, como um processo e um conjunto de experiências ao longo da vida, *coletivamente*, na mesoescala, como um meio de conectar as pessoas mais velhas às comunidades e ambientes (ou locais) em que vivem; e *globalmente*, em escala macro, como uma maneira de entender as implicações do envelhecimento demográfico para políticas relacionadas à aposentadoria, pensões, provisão de serviços sociais e de saúde e migração, por exemplo (SKINNER et al, 2014, p.5).

De acordo com os autores, a partir dos anos 1990 três tendências se destacaram no domínio das geografias do envelhecimento: - tendências espaciais no envelhecimento da população em movimento de populações mais velhas; - concentrações temáticas nas áreas de saúde, assistência médica e prestação de cuidados; - exame dos diversos ambientes e lugares do envelhecimento.

Ao que tudo indica, a primeira tendência de estudos se concentrou na relação entre “envelhecimento e migração”, visando compreender os padrões de migração e os motivos envolvidos nas escolhas dos idosos em se deslocar pelo espaço. Os

padrões de mortalidade e o acesso a serviços de saúde também foram temas associados às pesquisas sobre envelhecimento e idosos.

A segunda tendência se materializou por meio da incorporação de tendências humanistas, feministas e outras leituras críticas que estabeleceram o foco na relação entre envelhecimento, saúde, assistência médica e prestação de cuidados.

Baseando-se em pesquisas na geografia da saúde, a terceira tendência buscou compreender como o espaço, o lugar e o ambiente influenciam as experiências de envelhecimento e o bem-estar de populações idosas (SKINNER et al, 2014).

De fato, essas tendências se definem como os principais temas da segunda onda de estudos das geografias do envelhecimento, que se voltou para a compreensão das espacialidades e dos padrões de migração dos idosos que se deslocam pelo espaço; da relação entre ambiente, lugar, espaço e envelhecimento e das relações entre envelhecimento e serviços de assistência e saúde.

Entretanto, os autores apontam que há uma concentração de estudos sobre envelhecimento em áreas urbanas quando comparado a experiências em áreas rurais, de modo que há também, poucos estudos sobre geografias do envelhecimento no Sul Global (SKINNER et al, 2014).

Schwanen et al (2012) apresentam algumas razões pelas quais é necessária uma aproximação mais consistente com o envelhecimento e os idosos por parte dos(as) geógrafos(as). A primeira é o crescimento do número de idosos em termos absolutos e relativos, tanto em países mais desenvolvidos, bem como nas economias emergentes e em desenvolvimento. De acordo com os autores, esse processo afeta as relações intergeracionais, pois o crescimento do número de idosos é visto como uma ameaça à sustentabilidade dos sistemas de saúde e previdenciário. Também, percebeu-se uma transformação no padrão de diversidade das famílias, com o aumento de famílias de várias gerações, muitas vezes chefiadas por idosos.

A segunda razão vai de encontro com o “embaçamento” das identidades ao longo do curso de vida, o que torna difícil compartimentar “a infância, idade adulta e velhice em estágios distintos da vida ou usar indicadores cronológicos de idade para identificar jovem ou velho” (SCHWANEN et al, 2012, p.1291). Exemplos disso, é o uso da estética, de produtos de beleza e cirurgias plásticas para disfarçar ou “retardar” os efeitos do envelhecimento no corpo. “O resultado disso é o surgimento de novas configurações espacialmente diferenciadas de envelhecimento e idade”

(SCHWANEN et al, 2012, p.1292).

A terceira trata dos discursos neoliberais de “envelhecimento ativo” que busca superar as imagens sobre a velhice na era industrial, associada a situações de dependência, passividade e declínio, nos quais os idosos devem mudar suas atitudes e se tornar indivíduos mais ativos, independentes e saudáveis, para melhorar sua qualidade de vida. Um segundo ponto abordado, é o discurso de que os idosos devem melhorar seu bem-estar e serem mais abertos aos assuntos sociais, as tecnologias e as informações da sociedade contemporânea.

A quarta razão discute o ageismo e as formas de preconceito e estereótipos baseados na idade. São analisados os discursos de opressão contra os corpos envelhecidos e as visões negativas associadas a essa experiência, incluindo a negação da velhice e o desdém e a repulsa por pessoas mais velhas.

Laws (1995) analisa o ageismo como um jogo de relações sociais opressivas dirigidas e construídas dentro de imagens do corpo envelhecido. De acordo com a autora, essa leitura sobre o ageismo e sua materialização no corpo idoso, nos ajuda compreender a maneira como tratamos pessoas de diferentes idades. Os(as) geógrafos(as) podem oferecer contribuições também nessa questão, contestando as formas de envelhecimento que criam desigualdades socioespaciais ou restringem as ações e os acontecimentos na vida dos sujeitos (SCHWANEN et al, 2012).

Como já ilustrado no início desta seção, esse campo, ainda em construção, busca ampliar a compreensão da idade e do envelhecimento, pensando nas formas que essas experiências são concebidas e imaginadas no contexto de vida das pessoas idosas. Sendo assim, os autores ampliam essa ideia ao expor às espaço-temporalidades da velhice.

O que começamos a ver aqui é um complexo amálgama de processos em que o espaço – ou melhor, os espaços-tempos – e a velhice não são apenas co-produzidos, mas co-evoluídos. Ambos são “devires entrelaçados” espacialmente diferenciados (SCHWANEN et al, 2012, p.1295).

Nesse contexto, a complexa relação entre espaço e velhice é analisada não apenas de forma inter-relacionada, como co-constitutivos, mas também como estruturas que co-evoluem com a passagem do tempo. Desse modo, podemos entender as espacialidades do envelhecimento como “conjuntos complexos de devir espacialmente diferenciados em uma escala de tempo em que tanto os espaços quanto a velhice como categoria social co-evoluem e são continuamente criados e

refeitos” (SCHWANEN et al, 2012, p.1295).

Conforme o exposto, temos a compreensão de que a geografia do envelhecimento busca explorar as experiências espaciais dos idosos, a fim de considerá-los como seres únicos e relacionais dentro do contexto de suas famílias e outros sujeitos na comunidade. Portanto, construir uma leitura diferenciada e crítica em relação à velhice e aos idosos sempre foi um dos objetivos das geografias do envelhecimento. Nessa perspectiva, os idosos são considerados em termos de mobilidade, residência, bem-estar, assistência, cuidado e vida cotidiana.

No entanto, uma das críticas feitas a geografias do envelhecimento foi a de que o campo não considerou as contribuições sociais que as pessoas idosas deram ao mundo e a sociedade em geral. Assim como, não conseguiu construir uma relação empírica mais efetiva e próxima a outros campos da geografia humana. Em nosso caso, consideramos a experiência e as trajetórias dos mais antigos no processo de luta pela terra na região, contribuindo na mobilização e nas estratégias de luta e resistência na terra. Esses sujeitos, atualmente idosos, são os guardiões de memórias e histórias de tempos anteriores.

De fato, inicialmente, as geografias do envelhecimento,

não considerou como as pessoas idosas contribuíram, de maneira particular e geograficamente discernível, para as artes, literatura, política, religião, ciência, economia, movimentos sociais e outros campos importantes da agência humana. Os geógrafos também não consideraram suas contribuições e posições comuns nas culturas e na vida cotidiana (SKINNER et al, 2014, p.11).

Os autores demonstram que as pesquisas sobre e com pessoas idosas têm baixa participação entre os(as)geógrafos(as), na geografia humana os estudos dividem-se em duas categorias. “A primeira é a pesquisa biográfica focada nas figuras históricas influentes da “elite” em idade avançada, e a segunda é a pesquisa sobre as contribuições e insights dos idosos “cotidianos” sobre suas experiências e circunstâncias passadas e atuais” (SKINNER et al, 2014, p.11). Essas duas linhas de investigação utilizam a história oral como metodologia para obter informações sobre fatos do passado, além do papel dos idosos na construção de lugares e locais de envelhecimento.

No entanto, apesar dos desafios, a biografia pode ressuscitar pessoas e lugares desconhecidos do passado. Ele pode contar histórias de vida com princípios, meios e fins, ou ser mais móvel e focar em momentos ou episódios

fixos. A biografia desempenha um papel importante na geografia humana e também pode desempenhar um papel igualmente importante nas geografias do envelhecimento (SKINNER et al, 2014, p.12).

Conforme ilustrado anteriormente, Schwanen et al. (2012) também demonstram que os estudos geográficos sobre os idosos e o envelhecimento são bastante limitados em tamanho quando comparados aos estudos de crianças e da infância, mesmo esses sendo menores do que as pesquisas com indivíduos em fase adulta (jovens e de meia-idade).

Ao explorar orientações teóricas contemporâneas, Skinner et al. (2014) destacam que os geógrafos que estudam o envelhecimento e os idosos estão se aproximando de duas linhas teóricas mais atuais: a relacionalidade e a teoria não representacional. A primeira perspectiva trata das contribuições do pensamento relacional nas pesquisas sobre idade, geração e cursos de vida no contexto das geografias do envelhecimento. Apesar de não ser muito visível nas pesquisas sobre envelhecimento, a perspectiva relacional passou a ser incorporada e discutida dentro da Geografia a partir dos estudos de relacionalidade etária (HOPKINS e PAIN, 2007). A base desse pensamento contesta a maneira que o conceito de espaço é concebido, como uma superfície fixa, para pensá-lo como aberto, produto de inter-relações, conexões e ações, como discutido em Massey (1999). Portanto, esse pensamento

Envolve uma compreensão revisada dos conceitos disciplinares fundamentais de espaço e lugar. Em vez de pensar no espaço como uma área discreta e estacionária (como uma única unidade administrativa) e como um centro fixo e isolado da agência social e significado (como uma habitação, bairro ou cidade, o “pensamento relacional” envolve o reconhecimento de que espaços e lugares só emergem através de suas conexões com coisas em outros espaços e lugares. Em outras palavras, sendo abertas e completas em rede, elas sempre são produto de outros espaços e lugares e de várias maneiras e em várias escalas (SKINNER, et al, p.13).

O pensamento relacional reconhece a conexão entre espaços e lugares específicos (como pessoas, objetos, ideias) com outros espaços e lugares, em escalas diferentes. Esse pensamento compreende o espaço e o lugar de forma relacional. De modo que “espaços e lugares são considerados incompletos em todos os momentos, sempre abertos a fluxos (de pessoas, objetos, ideias e práticas) e em constante estado de retrabalho e transição. Em outras palavras, eles estão se tornando “infinitamente” (SKINNER et al. 2014, p.13).

Em linhas gerais, a teoria não representacional (NRT) complementa a

compreensão do espaço e lugar como relações e estruturas dinâmicas e fluídas. Em relação ao primeiro plano potencial para as implicações dessa teoria na Geografia, os autores escrevem que

O argumento para a NRT baseia-se na observação de que a maioria da geografia humana qualitativa ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000, independente de quão crítica ou reflexiva possa ter sido, caiu sob um paradigma “representacional” construtivista social que envolve pesquisas interpretativas orientadas teoricamente e significado. Pensa-se que tal empreendimento mata o mundo ativo na pesquisa empírica com efeito de que boa parte do que realmente está acontecendo no espaço e no tempo é perdida. Como solução, a NRT é uma abordagem que busca chamar a atenção para as muitas performances e práticas não ditas e muitas vezes não reconhecidas envolvidas na reprodução do espaço, lugar e vida social (SKINNER et al, 2014, p.14).

De modo geral, a NRT busca entender os aspectos processuais e dinâmicos da vida cotidiana das pessoas (as práticas, as experiências e as performances), criando uma “geografia do que acontece” (PAIVA, 2017.)

No cerne das teorias não-representacionais está o intuito de perceber os aspetos processuais dos fenômenos, de descrever e explicar o que acontece. Para tal, importa especialmente perceber como é que as relações se desenvolvem na prática, os fluxos e movimentos das coisas e os seus resultados. Esta intenção advém de duas percepções (PAIVA, 2017, p.158).

A leitura geográfica a partir das teorias não-representacionais procura compreender o lugar e as pessoas a partir de relações não dualistas e essencialistas, observando principalmente o movimento, a dinâmica e a instabilidade do espaço, do lugar e da vida social.

Skinner et al (2014) destacam que atualmente três eixos de pesquisa sobre envelhecimento se desenvolvem de forma mais consistente na Geografia: o biográfico, o relacional e o não representacional. No entanto, o campo ainda não atingiu seu pleno potencial e continua incompleto, devido ao baixo número de pesquisas empíricas sobre idosos e envelhecimento.

A partir dessas críticas, buscamos ampliar essa concepção, apresentando as geografias do envelhecimento como um eixo de estudos coerente dentro do campo de possibilidades da geografia humana. Isso vai de acordo com a nossa intenção em visibilizar os estudos que discutam as dimensões geográficas da velhice, evidenciando as espacialidades inerentes a essa experiência e as contribuições sociais das pessoas idosas à sociedade.

Os(as) geógrafos(as) podem se envolver de inúmeras maneiras com o tema do envelhecimento, preocupando-se com questões relacionadas à mobilidade, serviços, bem-estar e qualidade de vida, papel do lugar e do espaço na velhice e os significados em torno dessa experiência. Além do mais, compreendemos que o envelhecimento se tornou uma questão política e científica na atualidade, portanto pode se operacionalizar como um tema geográfico relevante nas análises da dinâmica da sociedade.

Sobre os desafios e oportunidades dos(as) geógrafos(as) em entender o envelhecimento e as pessoas idosas, os autores argumentam que é importante que os geógrafos entendam que as desigualdades socioespaciais

aumentam a vulnerabilidade das pessoas mais velhas, mantendo-se sensíveis às qualidades das pessoas idosas e dos locais de envelhecimento que aumentam a resiliência e mantêm a doença e o declínio afastados e gerar o conhecimento que contribui para atender as necessidades dos idosos e de suas sociedades em envelhecimento no futuro (SKINNER et al, 2014, p.20).

Apesar do potencial total de estudo da velhice não ter sido atingido ainda e o persistente fracasso da idade e do envelhecimento em se tornar temas relevantes na geografia humana (SKINNER et al, 2014), consideramos necessária a compreensão teórica e empírica do envelhecimento populacional em suas dimensões e das condições de vida dos idosos como questões geográficas importantes na atualidade.

2.2 Contribuição do pensamento relacional nas análises geográficas da idade: intergeracionalidade, interseccionalidade e cursos de vida

Hopkins e Pain (2007) apresentam uma visão relacional da questão da idade na geografia, propondo superar a hierarquização e a oposição geracional. Baseando-se na discussão dos conceitos de intergeracionalidade, interseccionalidade e cursos de vida, os autores propõem o desenvolvimento de uma geografia relacional que considere outros sujeitos sociais além do mundo dos adultos.

Partindo disso, nosso trabalho busca dar centralidade aos idosos, sujeitos sociais negligenciados pelo discurso social e geográfico. Sendo assim, defendemos uma visão relacional da idade na geografia para romper com a ideia de uma geografia pensada e voltada apenas para os sujeitos adultos.

Os autores demonstram como os idosos, as crianças e os jovens foram sujeitos sociais esquecidos e marginalizados nas análises geográficas. Em muitas vezes,

esses sujeitos apareciam descritos de forma estereotipada, representados como dependentes, fisicamente menos capazes e socialmente excluídos (HOPKINS; PAIN, 2007). Portanto, há uma escassez de pesquisas relacionadas à infância, à juventude e à velhice dentro do discurso geográfico, em que os sujeitos inseridos na faixa de idade dos adultos ganharam maior visibilidade.

De acordo com os autores, nas últimas décadas houve mudanças em relação ao estudo da idade na ciência geográfica, a partir do interesse em compreender as dinâmicas espaciais presentes na vida de crianças e jovens. Nesse trabalho buscamos aprofundar as reflexões entre o espaço e os idosos na Geografia, tendo em vista que, “a atenção à vida dos idosos tem sido muito mais remendada. Além de mapear problemas de saúde e prestação de serviços, a literatura crítica sobre a velhice é minúscula (HOPKINS; PAIN, 2007, p. 288).

Em nossa tese, entendemos que o envelhecimento não se define apenas uma realidade biológica, é também, uma experiência cultural e histórica, que varia de acordo com as posições identitárias, incluindo cor, classe, gênero, renda, portadores de deficiência e até mesmo o espaço. Nesse sentido, concordamos com a ideia defendida por Hopkins e Pain (2007), sugerindo mudanças na concepção e entendimento da idade como um simples descritor geracional, compreendendo-a como uma categoria socialmente construída para classificar as pessoas ao longo de suas vidas.

Com o propósito de aprofundar essa ideia, Hopkins e Pain (2007) propõem a criação de geografias relacionais de idade, considerando a questão das intergeracionalidades, das interseccionalidades e dos cursos de vida, pensando numa geografia das crianças, dos jovens e dos idosos. Entretanto, esses conceitos não são novos, possuem certa tradição nas ciências sociais, porém estão sendo revisitados por parte dos(as) geógrafos(as) preocupados(as) em entender as espacialidades e os modos de vida dos sujeitos não enquadrados na faixa etária adulta.

A intergeracionalidade é definida por meio das interações e das relações entre os diversos grupos geracionais. Nesse sentido, os autores revisitam o conceito de geração e o ampliam para explicitar sua dimensão espacial, mostrando que as transformações no espaço também podem demarcar as diferenças geracionais, não só o tempo.

A visão da intergeracionalidade como um aspecto da identidade social sugere que o senso de si e dos indivíduos e dos outros grupos são baseadas na diferença geracional ou na mesmice. Essas identidades não são fixas, mas dinâmica, afetada pelas relações entre diferentes grupos etários ou gerações que podem variar (HOPKINS; PAIN, 2007, p. 288).

Os autores mostram que o contato intergeracional pode contribuir na qualidade de vida a partir das experiências de cooperação e interação entre as pessoas jovens e as mais velhas. Entende-se que as múltiplas formas de contato entre as gerações permitem explorar os sentimentos de afeto entre os sujeitos, em que os mais novos e os mais velhos aprendem juntos.

Laws (1995) demonstra que o espaço pode ser um componente que pode segregar, mas também pode promover a integração entre gerações. Além disso, a autora ressalta que o estreitamento dos vínculos e a empatia podem promover uma compreensão melhor entre as gerações, de forma inter-relacionada, a desconstrução das hierarquias também são importantes nesse processo.

As geografias feministas (SILVA, 2010) têm avançado no debate intergeracional, tensionando a forma sincrônica em que a noção de geração é colocada. Questiona-se também, como o ordenamento geracional é compartimentado a partir da idade, segregando e colocando em oposição os mais novos e os mais velhos.

A noção de geração na Geografia é utilizada como uma forma de ordenamento da humanidade, separando os sujeitos por etapas da vida. Em nossa leitura, esse conceito pode se tornar potente quando trabalhado na sua dimensão espacial, pois permite que a Geografia estude as transformações no espaço a partir das múltiplas trajetórias de vida e experiências dos sujeitos.

O conceito de interseccionalidade se apresenta como uma possibilidade para os estudos sobre a idade dentro da Geografia. A partir dele é possível compreender como as experiências de infância, juventude e velhice variam de acordo com o gênero, a sexualidade, a raça e até mesmo o espaço. Conforme apontado pelos autores, uma das principais contribuições das geografias feministas para a Geografia foi introduzir a compreensão das diferenças que marcam os corpos e a complexidade das posições identitárias a partir do conceito de interseccionalidade. Nesse sentido, as clivagens cor e raça, o gênero, a sexualidade e até mesmo a idade, passam a ser considerados elementos importantes nas experiências espaciais dos sujeitos.

O debate interseccional nos permite analisar os sujeitos e suas práticas

espaciais para além do contexto material de reprodução da vida, a partir dessa noção é possível incorporar outras dimensões importantes, como raça, gênero, sexualidade e idade, materializadas num conjunto de forças que hierarquizam e posicionam os sujeitos nas estruturas sociais.

Claramente, as formas em que a idade é vivida podem variar de acordo com diferentes marcadores de diferença social; pois as experiências cotidianas de pessoas pertencentes a grupos etários específicos são diversificadas e heterogêneas (HOPKINS; PAIN, 2007, p. 290).

Compreendemos que os diferentes marcadores de identidade podem se cruzar com a idade, um exemplo, é o caso dos mais velhos que podem ter uma experiência espacial com a acessibilidade e a mobilidade reduzida em relação aos jovens, na medida em que a grande maioria das cidades são planejadas para o estilo de vida dos adultos, não incluindo os idosos.

A ideia dos cursos de vida baseia-se na constituição de eventos diários vivenciados de diferentes maneiras em cada uma das etapas da vida como a infância, a adolescência, a vida adulta e a velhice. Nesse sentido, entende-se que as pessoas têm experiências e vivências de cursos de vida diferenciados.

Hopkins e Pain (2007) questionam a fixidez da idade cronológica dos ciclos de vida, na medida em que são categorias socialmente construídas. Portanto, entendemos que “uma abordagem de curso de vida envolve o reconhecimento de que, em vez de seguir fases de vida fixas e previsíveis, vivemos dinâmicas e variadas vidas que têm, si mesmos, diferentes significados situados” (HOPKINS; PAIN, 2007, p. 290).

Do mesmo modo, Bailey (2008) demonstra como a incorporação do pensamento relacional contribuiu no estudo dos cursos de vida. Entre os principais temas dessa abordagem destaca-se: “mobilidade, trabalho, moradia, infância, mudança de famílias e redes sociais, idade, geração, deficiência, saúde e bem-estar e vulnerabilidade” (BAILEY, 2008, p.1). De acordo com o autor a geografia comportamental, a ciência regional, a geografia feminista e os estudos populacionais são algumas áreas que contribuem nas análises geográficas dos cursos de vida.

De modo geral, as pesquisas sobre os cursos de vida em Geografia reconhecem que os contextos espaciais não são passivos e tece críticas ao determinismo do estágio de vida e ao tempo de forma sincrônica, entendidas como categorias normalizadoras e politicamente problemáticas, que não revelam o

movimento da sociedade e as desigualdades ao longo dos cursos de vida dos sujeitos.

De acordo com Bailey (2008) é comum o uso de biografias na análise das trajetórias de cursos de vida, com o intuito de compreender as transições e os eventos. Os estudos de mobilidade, das trajetórias e transições no trabalho, emprego e meios de subsistência também são focos de trabalho dessa abordagem. As descrições das etapas de vida e suas transições também se enquadram nesse referencial analítico.

Depois de apresentarmos algumas formas de como a questão da idade pode ser trabalhada na Geografia, reconhecemos as limitações e as potencialidades dos conceitos de intergeracionalidade, de interseccionalidade e dos cursos de vida para explorar a questão do envelhecimento de uma forma relacional, considerando-o como uma experiência espacial.

Acreditamos que o espaço é uma categoria potente para a compreensão das experiências de idade, sobretudo o envelhecimento, principalmente quando pensamos nas relações sociais, pois, ele não é um produto dado, mas está em permanente construção (MASSEY, 2008). Portanto, a partir do pensamento relacional vimos que há possibilidades de entender a vivência espacial de idosos(as) a partir dos conceitos da intergeracionalidade, da interseccionalidade e dos cursos de vida, pois o envelhecer produz espacialidades específicas de acordo com o contexto espacial.

Buscamos neste tópico, apresentar e debater a importância dos conceitos de intergeracionalidade, interseccionalidade e cursos de vida e a relação entre espaço e velhice para a Geografia, na medida em que ela é uma disciplina que estuda a dimensão espacial dos processos estabelecidos entre a dimensão sociedade e natureza, entendida como o seu eixo epistemológico.

Partindo do envelhecimento como uma experiência singular e heterogênea, que varia de acordo com as posições identitárias (gênero, sexualidade, cor e raça, sexualidade), apresentamos nessa seção, as múltiplas formas de como os(as) geógrafos(as) podem trabalhar as dimensões da idade e da velhice de maneira relacional, além de dar visibilidade aos homens e as mulheres idosas como sujeitos sociais importantes a serem compreendidos pela Geografia.

2.3 O envelhecimento como uma categoria de análise geográfica

A forma como Moreira (1987) descreve e debate os estudos de população e a relação entre as práticas espaciais e as categorias espaciais, nos fez repensar como a neutralidade do termo população a transforma em uma categoria ampla e genérica, mascarando processos e fenômenos, não permitindo de fato, identificar as inúmeras interseções e o protagonismo dos sujeitos sociais, estratificados em classes, com determinados papéis na sociedade. Logo, entendemos que esse conceito não evidencia a totalidade das relações, do conteúdo e dos conflitos expressos na relação capital- trabalho.

Nesse sentido, Moreira (2001) defende a ideia de que as práticas e as categorias espaciais nos ajudam a revelar o papel dos sujeitos e a mapear a organização da sociedade, explicitando os processos e o conteúdo político das relações. Elas também nos ajudam a pensar sobre o peso dos contextos socioespaciais na reprodução social da vida, considerando as dimensões temporal e espacial no cotidiano dos sujeitos. Sendo assim, é possível alinhar essas perspectivas teóricas no estudo sobre os (as) velhos (as) camponeses (as) assentados (as) e suas vivências espaciais em contextos de reforma agrária no Pontal do Paranapanema, em que o espaço e o trabalho são componentes que demarcam as situações de envelhecimento.

De fato, acreditamos que o espaço é uma categoria potente para a compreensão das experiências de idade, sobretudo o envelhecimento, principalmente quando pensamos nas relações sociais, pois, ele não é um produto dado, mas está em permanente construção, conforme argumenta Massey (2008). Assim como a juventude, entendemos que o envelhecimento também pode se operacionalizar como uma categoria importante dentro da Geografia, tendo em vista que essa experiência produz espacialidades específicas. Portanto, partimos da tese de que há experiências plurais e heterogêneas de velhice em nossa sociedade.

Seguindo esse raciocínio, o espaço geográfico se apresenta para nós, geógrafos(as), como uma lente capaz de compreender os processos e os fenômenos sociais que ocorrem na relação entre a sociedade e a natureza. Sendo assim, entendemos que o espaço não é um produto dado, mas sim uma relação que está em constante movimento, portanto, sempre aberto e em construção. Estando numa relação indissociável com o sujeito, em que ambos se produzem (MASSEY, 1999).

Por fim, temos consciência de que a forma que concebemos o espaço vai determinar a forma que agimos sobre ele. Portanto, ele é uma categoria central, pois nos permite visualizar processos, as relações sociais e as práticas espaciais dos sujeitos.

Na tese nos propomos aprofundar nas dimensões do espaço para compreender o fenômeno do envelhecimento. Também nos apropriamos de uma literatura que discute sobre a relação entre espaço e velhice com o objetivo de fazer uma “leitura geográfica” sobre o processo de envelhecimento no campo brasileiro, sob a ótica dos sujeitos e do espaço, privilegiando os assentamentos rurais como o universo empírico da pesquisa.

Inicialmente, propomos entender o processo do envelhecimento a partir dos sujeitos sociais, mas também, com o andar da pesquisa, incorporamos as dimensões do espaço e território para entender o envelhecimento no campo, partindo da premissa de que não há envelhecimento sem o sujeito, e nem há sujeitos sem o espaço e território. Portanto, entendemos o envelhecimento a partir das dimensões do espaço/território e dos sujeitos sociais.

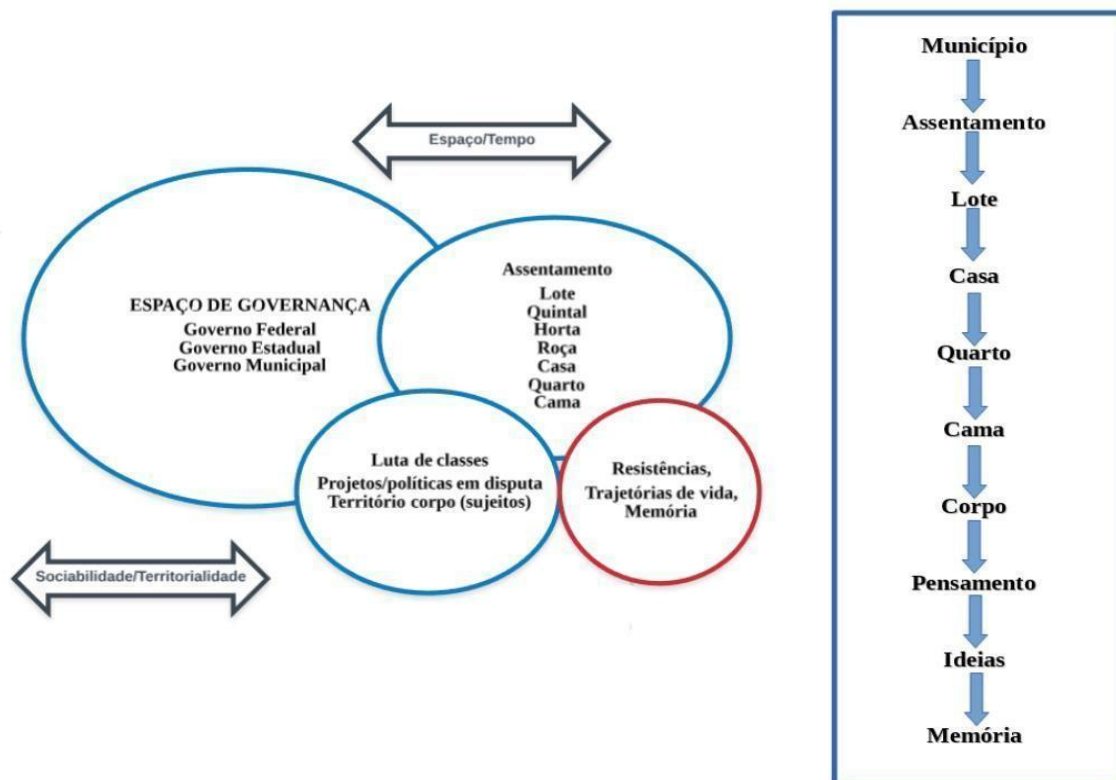
Fazendo uma relação com a nossa realidade empírica, consideramos a possibilidade em analisar as experiências de envelhecimento do sujeito e do espaço/território por meio das dimensões do trabalho e seus componentes, da família, da saúde, da infraestrutura do assentamento e das formas de organização, do modo de vida e das resistências vivenciadas pelo sujeito idoso e camponês. Portanto, nossa tese discute a relação entre envelhecimento e espaço na trajetória de sujeitos idosos assentados no Pontal do Paranapanema – São Paulo. Para analisar essa questão nos propomos a debater o tema do envelhecimento a partir de uma perspectiva geográfica, considerando a questão do espaço e dos sujeitos, para assim, entender os elementos relacionados ao fenômeno da velhice e os seus impactos nos sujeitos e no espaço/território.

Diagrama 3. Sistemas de objetos e sistemas de ações.



Org: Elaboração própria.

Nos diagramas (1 e 2) apresentamos uma das possibilidades de lidar com o nosso objeto. Para isso, buscamos realizar uma leitura geográfica sobre o envelhecimento no campo por meio da construção teórica dos sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 1996) e da tipologia de territórios (FERNANDES, 2009) com o objetivo de compreender geograficamente esses processos. Para dar sentido a essa leitura, entendemos que esses elementos devem ser compreendidos a partir da lógica da indissociabilidade do espaço/território e sujeito e da perspectiva multidimensional que considere a sociabilidade e a territorialidade.

Diagrama 4. Tipologia de territórios.

Org: Elaboração própria.

De modo geral, a questão que norteia nosso trabalho é entender se o espaço (rural) interfere na forma como as(os) idosas(os) vivenciam o processo de envelhecimento. Para responder tal questão, buscamos entender como as(os) idosas(os) camponesas(es), residentes em acampamentos e assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema, compreendem a velhice e vivenciam essa experiência. Ou seja, investigar como esse sujeito idoso, camponês e assentado percebe o seu próprio processo de envelhecimento vivendo no campo.

Para tentar responder essa questão, nos propomos a debater como o espaço e o território em suas dimensões podem compor a vivência e a trajetória de homens e mulheres idosas nos assentamentos rurais, entre situações de envelhecimento. Nesse sentido, buscamos discutir a relação entre espaço, envelhecimento e campesinato, com o objetivo de compreender as experiências espaciais de pessoas idosas que lutaram pela terra e que atualmente vivem na terra.

Nossa pesquisa compreende o envelhecimento como um processo multidimensional que envolve aspectos cronológicos, físicos, psicológicos e comportamentais. Entendemos o envelhecimento como um fenômeno inerente à

dimensão do ser, como um processo irreversível e comum a todos os sujeitos. A velhice também se apresenta como uma experiência complexa e heterogênea, logo, envelhecer não é apenas uma questão individual, ligada a uma dimensão subjetiva, é também social, pois envolve aspectos ligados ao papel do Estado, da saúde e da previdência social, uma experiência que deve ser facilitada pelas políticas públicas.

Beauvoir (1970) mostra que envelhecer em nossa sociedade possui múltiplos significados, abarcando tanto representações negativas, em que a velhice é entendida como um problema, quanto visões que valorizam essa etapa da vida, em que as pessoas buscam ter um envelhecimento saudável. Contudo, a velhice ainda é tratada como um problema social.

Debert (1996) destaca que o discurso gerontológico brasileiro tentou transformar o envelhecimento em uma questão política ou em propor práticas que promovam um envelhecimento bem-sucedido. Ao pensar a relação entre a vulnerabilidade e a qualidade de vida dos sujeitos idosos. A autora evidencia que “a pobreza e a miséria da população brasileira em geral se tornam, então, paradigmáticas na velhice” (DEBERT, 1996, p.39).

De fato, entendemos essa questão como um tema importante, tendo em vista que estamos vivendo numa sociedade que está em processo de envelhecer. No caso brasileiro é um fenômeno recente, ou seja, ainda está em curso. Para nós, a velhice é compreendida como uma experiência heterogênea, individual e subjetiva, portanto, “é vivenciada de maneira variável, de acordo com o contexto social” (BEAUVOIR, 1970, p. 14). Essa pluralidade de velhices nos ajuda a refletir sobre a multidimensionalidade que envolve esse processo.

No imaginário social a velhice é entendida como uma etapa de vida oposta à juventude, essa hierarquização que estrutura e divide as pessoas de acordo com a faixa etária, muitas vezes, reforçam os estigmas e os valores negativos associados às pessoas idosas. Por isso, é comum relacionar o termo velhice a doenças, a situação de dependência ou como um declínio que antecede a morte. Todavia, pessoas idosas podem se manter ativas, independentes e saudáveis usando suas potencialidades, recursos e forças psicológicas.

Nosso trabalho busca mostrar que o envelhecimento e os idosos se enquadram como temas e questões geográficas relevantes, pois entendemos que o envelhecer se apresenta como uma experiência singular, multidimensional e heterogênea, que varia de acordo com o contexto social, o espaço, o gênero, a

sexualidade, a cor e a renda dos sujeitos. A partir dessa lógica, compreendemos que o envelhecimento pode se materializar como uma experiência corpórea, portanto espacial, tendo em vista que o envelhecer preconiza a existência de um sujeito, isto é, de um corpo.

Nossa tese propõe ampliar o debate em relação ao tema do envelhecimento partindo das contribuições da Geografia e de seus conceitos e categorias balizadoras. Portanto, a partir de uma perspectiva multidimensional do espaço e do território (FERNANDES, 2009) mostramos como o envelhecimento pode se tornar uma categoria de análise geográfica importante para entender as relações e as transformações no/do espaço e na vida de pessoas idosas, em que a dimensão do corpo tem um papel fundamental do ponto de vista da mobilidade e da circulação pelo espaço geográfico.

Neste capítulo apresentamos as possibilidades de estudo da idade pela Geografia procurando ampliar e aprofundar o entendimento do envelhecimento a partir da dimensão do espaço, entendido aqui por meio dos princípios da indissociabilidade e da multidimensionalidade. Em nossa compreensão o espaço é como um todo multidimensional que compõe a realidade, suas múltiplas dimensões são produzidas por meio das relações sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais (FERNANDES, 2008; 2009). De modo geral, construímos essa pesquisa com a finalidade de compreender como a questão do espaço, do corpo e do envelhecimento podem ser trabalhados e aprofundados de forma relacional dentro do campo de possibilidades da Geografia.

Buscamos nesta tese, construir e ampliar o debate em relação ao tema do envelhecimento partindo das contribuições da Geografia e de seus conceitos e categorias balizadores. Portanto, a partir de uma perspectiva multidimensional do espaço e do território mostramos como o envelhecimento pode se tornar uma categoria de análise geográfica importante para entender as relações e as transformações no/do espaço e na vida de pessoas idosas, em que a dimensão do corpo tem um papel fundamental do ponto de vista da mobilidade e da circulação pelo espaço geográfico.

Evidenciamos a contribuição dos conceitos de intergeracionalidade, interseccionalidade e cursos de vida e a relação entre espaço e velhice para a Geografia, na medida em que é uma ciência preocupada com a dimensão espacial dos processos estabelecidos entre a dimensão sociedade e natureza, entendida aqui

como o eixo epistemológico da Geografia.

Nosso objetivo é abordar o desenvolvimento da geografia do envelhecimento na Geografia, procurando compreender a idade como uma relação social, portanto uma dimensão de um conjunto complexo de relações entre as pessoas (LAWS, 1995). Nesse processo, reconhecemos o trabalho e as contribuições da gerontologia social, do feminismo, do pós-modernismo, do pensamento relacional e da teoria não representativa, no sentido de validar e ampliar o escopo de pesquisas sobre envelhecimento e idosos como um tema coerente para a Geografia, e proporcionar um maior envolvimento dos(as) geógrafos(as) com essas questões.

A Geografia enquanto ciência pode contribuir numa leitura da produção social do espaço, percorrendo as relações e os conflitos, no intuito de revelar os sujeitos sociais e suas práticas espaciais na dinâmica da sociedade. Nosso trabalho parte da premissa de que o espaço é um receptáculo multidimensional onde todas as dinâmicas e os processos inerentes à relação Sociedade-Natureza acontecem, de fato, ele é receptáculo e relação ao mesmo tempo (FERNANDES, 2008). Desse modo, o espaço também pode ser compreendido através das práticas espaciais, um dos elementos que nos ajudam a decifrar e identificar os sujeitos sociais em sua totalidade, as suas formas de organização e os papéis que ocupam e desempenham na sociedade.

As práticas espaciais é um dos caminhos que nos ajudam a pensar o mundo e suas dinâmicas a partir da Geografia, vinculando o sujeito e o espaço de forma indissociável. Essa leitura nos permite pensar geograficamente o envelhecimento e suas dimensões como um processo complexo que se materializa na dinâmica da sociedade, definindo-se como uma realidade em curso, tanto em países desenvolvidos, quanto em países em desenvolvimento, portanto um fenômeno de espacialidade global. Sendo assim, ampliar o significado de envelhecimento a partir de uma leitura geográfica nos permite ter um melhor entendimento desse fenômeno e os impactos na vida dos sujeitos e no espaço. Em nossa leitura, o espaço e os sujeitos são entendidos de forma indissociáveis, na medida em que uma dimensão dá sentido à outra, pois o sujeito não existe sem o espaço e o espaço não existe sem o sujeito.

No capítulo a seguir, analisamos as características do envelhecimento da população brasileira, com foco nas desigualdades socioespaciais que definem os cenários de declínio das taxas de natalidade e aumento da população idosa em todo

o país. Debateremos algumas reflexões sobre as implicações sociais, econômicas e familiares desse processo na sociedade e no espaço. Por fim, apresentamos a dimensão teórica do envelhecimento rural.

CAPÍTULO 3 REPENSANDO O ENVELHECIMENTO
POPULACIONAL E HUMANO NO SÉCULO XXI:
DILEMAS E PERSPECTIVAS

“Até o ano 2020, o ano da visão perfeita, os velhos superarão os jovens.” (Maggie Kuhn, fundadora do movimento das Panteras Cinzas)

3.1 Como os sujeitos envelhecem no século XXI: a inseparabilidade entre envelhecimento, espaço e sujeitos

Neste capítulo propomos ampliar o debate em torno do envelhecimento populacional e humano a partir de uma leitura geográfica das condições de vida dos idosos brasileiros. Nesse sentido, torna-se necessário compreender o contexto em que esses sujeitos envelhecem, pois estamos inseridos numa estrutura de sociedade pautada em modelos neoliberal, com tendências antienvelhecimento e ageista que prioriza o jovem e oprime os mais velhos, enxergando a velhice como um problema social e como uma condição a ser evitada. Nessa lógica, os sujeitos que envelhecem são lidos a partir de uma ótica catastrofista, portanto, são culpabilizados pelo Estado, pela mídia e até mesmo por outros setores da sociedade, como os responsáveis pelas falhas e problemas decorrentes na economia e pelo colapso nos sistemas de saúde e previdenciário.

Paiva (2014) demonstra como o capitalismo transformou o envelhecimento em uma tragédia social, no sentido de jogar a culpa dos problemas relacionados a essa experiência, nas mãos dos indivíduos que envelhecem entendido como sujeitos descartáveis, dependentes, inativos e dementes.

A relação envelhecimento, espaço e sujeitos é o eixo central de nossa tese, pois partimos da hipótese de que o envelhecimento não é um processo externo ao espaço e aos sujeitos, é, portanto, uma espacialidade intrínseca vivenciada por homens e mulheres no horizonte de suas vidas, constituindo-se como uma questão importante de ser compreendida pelas(os) geógrafas(os) na contemporaneidade, pois traz consigo grandes desafios.

Ao privilegiar uma leitura multidimensional do espaço entendemos que assim como o ser envelhece, o espaço envelhece também, portanto há uma relação indissociável entre sujeito e espaço, onde ambos se produzem e coexistem juntos. Dessa maneira, o espaço geográfico é ao mesmo tempo uma dimensão e um recorte da realidade, portanto, uma totalidade em que a vida se materializa a partir das relações entre os sujeitos e o espaço.

A perspectiva da indissociabilidade não separa o material do imaterial e nem o espaço dos sujeitos, portanto, se explica como uma totalidade. Nesse sentido,

Fernandes (2008) aponta que a partir dessa lógica o espaço pode ser compreendido como uma superfície e uma relação ao mesmo tempo, na medida em que essas dimensões coexistem juntos. Desse modo, entendemos que o espaço e as relações sociais que o produzem são o ponto de partida para pensar as experiências espaciais de idosos.

Por se tratar de um processo complexo e não linear, uma realidade contemporânea que se espacializa a nível global, o envelhecimento da população pode ser analisado a partir de duas dimensões: do ser (inerente ao sujeito) e do espaço e território. De acordo com Santos (2006) cabe à geografia estudar o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que formam o espaço de maneira inseparável. Nesse sentido,

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico (SANTOS, 2006, p.63).

Essa leitura só faz sentido se entendermos os sistemas de objetos e os sistemas de ações juntos, um condicionando o outro, pois é a partir dessa dinâmica que o espaço se materializa e se transforma. Ao não privilegiar uma lógica essencialista e dualista do espaço compreendemos as possibilidades de uma leitura geográfica que permita entender a realidade em seu movimento, incorporando as dimensões do material e do imaterial, dos objetos e das relações em sua totalidade, evidenciando assim, o papel ativo do espaço nos processos sociais e dos sujeitos e suas práticas espaciais na dinâmica da sociedade.

Esse pensamento vai de encontro com as ideias de Santos (2006), que propõe compreender as dimensões do espaço e do tempo, mediante a inseparabilidade das duas categorias, destacando o papel dessas dimensões na composição da realidade, portanto devemos analisá-las juntas, de forma indissociável, isto é, o espaço e o tempo como constitutivos e operacionais.

Desse modo, compreendemos que o que é material não está separado do

imaterial, o que é corpo não está separado da mente, o que é concreto não está separado do abstrato, portanto, partindo dessa ideia, entendemos que não é possível pensar o espaço e os sujeitos sociais sem pensar corpo e mente como dimensões coexistentes, de forma indissociável. Portanto, compreendemos que romper com as polaridades e as dualidades é um exercício necessário para pensar o nosso objeto. Também, compreendemos que toda imaterialidade ou pensamento surgem de uma materialidade, ou seja, de um sujeito, corporificado e posicionado no espaço, portanto defendemos a lógica da inseparabilidade dessas categorias.

É consenso de que o envelhecimento populacional se tornou uma questão social relevante para o mundo contemporâneo, pois é um processo complexo em curso que acarreta mudanças estruturais na dinâmica da sociedade, impactando sujeitos, Estado, sistemas de saúde, previdência social e as políticas públicas. Nesse sentido, Little (2016) propõe examinarmos o envelhecimento como um problema global que demanda atitudes e posturas por parte dos governos e da sociedade em geral. Temos a compreensão de que esse processo se tornou um dos principais desafios do novo século, assumindo novas posturas por parte do Estado e da sociedade em geral.

O envelhecimento tornou-se uma questão social importante a ser compreendida pela sociedade, que requer desafios para a sua complexidade. Um dos nossos objetivos é compreender quais as condições em que vivem os(as) idosos(as) do campo, se envelhecem bem e com dignidade, para romper com a relação entre envelhecimento e dependência.

Nossa tese parte do princípio de que o envelhecimento não é um processo homogêneo e nem linear, mas multidimensional, sendo influenciado por fatores biológicos, culturais, condições sociais e econômicas e modos de vida. Portanto, compreendemos que a relação entre esses elementos acarreta as mudanças na estrutura etária da população, produzindo um aumento do peso relativo das pessoas acima de determinada idade, considerada como o início da velhice (CARVALHO e GARCIA, 2003).

Camarano et al (2004) aponta que o crescimento da população idosa é resultante de dois processos: “a alta fecundidade no passado, observada nos anos 1950 e 1960, comparada à fecundidade de hoje, e a redução da mortalidade da população idosa” (CAMARANO et al, 2004, p.26). Neste sentido, as autoras mostram que a idade traz desafios aos idosos:

Assume-se que a idade traz vulnerabilidades, perdas de papéis sociais com a retirada da atividade econômica, aparecimento de novos papéis (ser avós), agravamento de doenças crônicas e degenerativas, perdas de parentes e amigos entre outras. Supõe-se, também, que esse processo é diferenciado por sexo, grupo social, cor/raça, localização geográfica, e que pode ser minimizado por políticas públicas. As suas condições de vida vão depender das capacidades com que nasceram (básicas), das capacidades adquiridas e da inter-relação entre as duas capacidades com as facilidades/dificuldades criadas pelo meio ambiente, políticas públicas etc. (CAMARANO et al, 2004, p.2).

Blaikie (1999) aponta que até o final do século passado a velhice era um assunto pouco atraente e pouco glamouroso no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, havia poucos estudos relacionados a essa experiência, que de modo geral era visto como um tema marginal e secundário por essas ciências.

A velhice é normalmente lida como um território desconhecido e até mesmo como uma condição a ser evitada pela sociedade. Para analisar a trajetória das pessoas na velhice é necessário considerá-las no contexto de suas histórias de vida. Nesse sentido, compreendemos que “o problema é que a velhice não interessa até que se chegue lá, um país estrangeiro com uma língua desconhecida” (BLAIKIE, 1999, p.1).

De acordo com a autora, as classificações baseadas na idade surgem num processo de burocratização do sistema social, levando-se em conta o impacto em questões de alta política (sistemas de pensões e aposentadoria), questões industriais (gestão da força de trabalho) e percepções populares alteradas de adequação à idade (BLAIKIE, 1999). A terceira idade surge como um fenômeno social do final do século XX, sendo resultado do aumento da expectativa de vida e da queda dos níveis de fecundidade.

Em nossa leitura compreendemos que a idade pode atuar como um princípio organizador da sociedade, estruturando relações de poder, espaços e posições sociais. Idoso(a) é uma categoria construída socialmente para definir as pessoas de acordo com uma determinada idade. Apesar dessa definição homogênea do grupo, entendemos que há uma heterogeneidade de velhos(as) dentro dessa categoria, portanto há experiências plurais de velhice, que variam de acordo com o espaço, a classe, a cor e raça, o gênero e a sexualidade.

Esta visão de homogeneidade muitas vezes provoca ofensa, a ponto sendo o uso do artigo definido: falar de pessoa idosa é bom, a velhice sendo uma qualificação referente à sua condição (são pessoas que por acaso são idosas), mas falar de idosos é criar uma categoria de pessoas definível

apenas por sua idade (elas não podem possuir existência independente de sua idade avançada e, portanto, são consideradas 'não totalmente humanas'). De acordo com tal posição, 'idoso' é aceitável quando usado como um adjetivo, mas não quando usado como substantivo. No entanto, o substantivo 'ancião' parece não criar tal problema (BLAIKIE, 1999, p.16).

Andrews et al (2006) reconhecem as potencialidades do estudo da idade e do envelhecimento na Geografia e defendem um maior envolvimento dos(as) geógrafos(as) com o passado das pessoas velhas por meio de suas histórias de vida, com o objetivo de explorar e compreender a totalidade da vida social desses sujeitos. Nesse sentido, os autores argumentam que, os(as) geógrafos(a) podem ir além “para considerar os idosos com mais frequência em suas representações históricas da vida social, lugar e paisagem” (ANDREWS, 2006, p.153).

A década de 1970 demarca o inicial interesse dos(as) geógrafos(as) pelo tema da idade e do envelhecimento, porém, isso se intensifica a partir da década de 1980 com a expansão desses estudos no âmbito da geografia social e da saúde, com a introdução de títulos disciplinares “geografia do envelhecimento e gerontologia geográfica” para tratar das questões geográficas relacionadas às dimensões da idade, do envelhecimento e dos idosos (as) (ANDREWS et al. 2006).

De acordo com os autores, a maior parte desses estudos focam na descrição e no mapeamento do envelhecimento das populações e nos padrões espaciais dos(as) idosos(as). No entanto, a análise das experiências reais de envelhecimento só aparece a partir dos estudos com o foco na relação sujeito e espaço, num contexto em que “as geografias do envelhecimento se expandiram significativamente em termos de escala e foco e começaram a enfatizar a relação variada entre as pessoas mais velhas e seus ambientes imediatos e locais (ANDREWS et al. 2006, p.154).

É importante ressaltar como a dimensão espacial pode se operacionalizar como um componente importante na análise das experiências de velhice, pois entendemos que a dimensão do espaço doméstico sustenta a independência dos(as) idoso(as) e o seu senso de identidade pessoal com o lugar. Concordamos com os autores, quando apontam que,

o lar é visto como um lugar onde o controle sobre a própria vida pode ser exercido livremente. Além disso, é conceituado como um espaço físico e um contexto significativo para a vida cotidiana é um recurso inestimável para os idosos se ajustarem ao declínio físico que surge com o aumento da idade (ANDREWS et al. 2006, p.154).

Ao demonstrar a importância da relação entre as histórias orais e a dimensão local, os autores destacam que “a vida e o lugar dos idosos são fortemente inter-relacionados e co-criados” (ANDREWS et al, 2006, p.156). A partir disso, eles trazem a história oral como uma estratégia para desvendar e reconstruir o passado, considerando os lugares e os eventos de forma relacionada.

O enfoque espacial, compreendido a partir da questão dos lugares e a conexão que as pessoas estabelecem com eles, é um dos elementos importantes no estudo das vivências espaciais de idosos. Essa perspectiva nos ajuda a compreender os aspectos da vida cotidiana e as dimensões do envelhecimento, analisando as histórias entrelaçadas entre pessoas e lugares, e a memória e a percepção dos sujeitos em relação aos eventos e aos lugares. Com o foco na dimensão da vida cotidiana, nas estratégias de luta e permanência, podemos entender a forma que se estabelecem as relações dos idosos com o seu próprio corpo e o espaço. A partir das vivências espaciais buscamos compreender as maneiras de como o espaço pode apoiar ou dificultar as experiências de envelhecimento e o dia a dia no assentamento.

O relatório AgeWatch (2015) produzido pelo “*Institute Help Age*”, instituição responsável pela criação e avaliação do Índice Global de Envelhecimento, aponta os principais dilemas de envelhecer no século XXI, pois, no mundo todo, a cada segundo, duas pessoas completam 60 anos, demonstrando a velocidade e a dinâmica desse processo que se define como uma via de mão dupla, é uma celebração e um desafio ao mesmo tempo.

A *Help Age* também destaca que o aumento da longevidade é um dos triunfos do desenvolvimento, entendido como uma das maiores conquistas da humanidade. Porém, a instituição alerta que infelizmente a política não acompanha a demografia (AgeWatch, 2015).

3.2 Dimensões do envelhecimento populacional e humano

Ao discutir o envelhecimento populacional e suas dimensões, Oliveira (2016) identificou a saúde, a previdência social e atenção à pessoa idosa como os principais eixos de proteção social. Segundo o autor, os dois primeiros eixos são tipicamente analisados a partir de uma perspectiva catastrofista, com foco nas questões de custos e assistência à saúde dos idosos e nos problemas nas contas previdenciárias. Eixos relacionados às preocupações e cuidados com os idosos raramente são discutidos.

Ao pensar nas implicações sociais, econômicas e familiares do envelhecimento, o autor tende a fazer uma leitura crítica e alternativa do processo, em oposição a uma visão catastrófica em que o problema é muitas vezes abordado por meio de aumentos de impostos, reforma previdenciária e privatização de saúde (Oliveira, 2016).

Outro ponto destacado pelo autor é que o envelhecimento por si só não é uma grande ameaça à sustentabilidade financeira do sistema público de saúde, pois há outros fatores a serem considerados além do aspecto demográfico. Nesse sentido, entendemos que, apesar de seu impacto, o envelhecimento também promove benefícios sociais por meio da contribuição dos idosos para as comunidades, economias e famílias.

Compreender a importância dessas pessoas e os benefícios do envelhecimento é o foco de nossa leitura, pois, assim como Oliveira (2016), entendemos que existem múltiplas possibilidades para os governos implementarem políticas públicas que levem em conta as oportunidades decorrentes desse processo, ajustem enfrentar as questões populacionais atuais.

Do ponto de vista estritamente demográfico, soluções para a redução dos volumes populacionais e para o envelhecimento devem vir do aumento dos níveis de fecundidade e da atração migratória. Por tudo que foi assinalado acima, no que diz respeito às condições estruturais no país, observar a inércia demográfica sem que sejam implementadas políticas públicas que afrontem as questões populacionais pode implicar na reprodução e até no aprofundamento das desigualdades (OLIVEIRA, 2016, p.44).

Little (2016) mostrou que o acesso aos cuidados e aos serviços de saúde afeta a vivência do envelhecimento, influenciando a longevidade e a qualidade de vida dos sujeitos. Entende-se que a disponibilidade de recursos possibilita que as pessoas se preparem de forma otimizada para vivenciar o envelhecimento.

Segundo o autor, nos países desenvolvidos, a população idosa pode ser subdividida em três subgrupos etários: os mais jovens (65-74 anos), os de meia-idade (75-84 anos) e os idosos (85+ anos). Em países como o Brasil, pessoas com 60 anos ou mais são consideradas idosas. Nos países menos desenvolvidos, as pessoas de 50 a 55 anos são consideradas mais velhas (LITTLE, 2016).

Um dos nossos problemas é entender o que realmente define a pessoa idosa. Quais definições e dimensões englobam o que se entende por envelhecimento e idoso na atualidade. É um problema de saúde física ou é simplesmente definido pela

idade cronológica? No geral, entendemos que existem trajetórias distintas e diversas de envelhecimento para além das faixas etárias.

Nesse sentido, ao definir a velhice como um processo individual, entendemos que nem todas as pessoas envelhecem da mesma maneira, que existe entre homens e mulheres, orientação sexual, cor da pele e raça, e até mesmo entre os espaços (rural e urbano) diferenças. Um exemplo disso é o fato de as mulheres viverem mais do que os homens.

O impacto econômico do envelhecimento é uma área de preocupação do governo, pois afeta todos os aspectos do trabalho, saúde e previdência social. Nesse sentido, destacamos como a aposentadoria pode ajudar a reduzir os níveis de pobreza na velhice. A pobreza dos idosos é uma grande preocupação para os governos, e cada economia lida com o envelhecimento de forma diferente se o olharmos sob a perspectiva da disponibilidade de recursos e políticas sociais para atender às necessidades dos idosos e dos idosos.

Harper (2000) define o envelhecimento populacional como uma realidade do século XXI que afeta significativamente a disponibilidade de emprego, a família e sua estrutura, serviços de saúde e bem-estar, padrões de consumo, disponibilidade de moradia e transporte, lazer e redes de interação social. Ao discutir vários aspectos de uma sociedade em envelhecimento no século XXI, a autora lista quatro mitos comuns sobre o envelhecimento populacional nos países ocidentais.

- 1) Os serviços de saúde em todo o mundo ocidental estão entrando em colapso sob a pressão de um número crescente de idosos;
- 2) A taxa de dependência, isto é, trabalhadores e não trabalhadores, se tornarão tão aguda que as economias de muitos países ocidentais entrarão em colapso;
- 3) Todos nós vamos viver em famílias multigeracionais, que enfrentarão uma crescente tensão emocional à medida que um grande número de pessoas mais velhas dependerá de um número cada vez menor de crianças para cuidar delas em sua velhice dependente;
- 4) O envelhecimento é uma característica do mundo desenvolvido e tem pouca relevância para os países em desenvolvimento.

Esses cenários são fruto de uma visão neoliberal do envelhecimento, uma leitura catastrófica que vê os idosos como um problema devido à ruptura do sistema. No entanto, a autora aponta que

não é o envelhecimento da população o principal fator explicativo da pressão sobre os serviços de saúde, mas os efeitos mais amplos da renda, das características do estilo de vida e das novas tecnologias. Da mesma forma, a taxa de dependência prevista não se deve tanto à presença de um grande número de pessoas idosas que são incapazes de trabalhar por causa da idade, mas aos mercados de trabalho que usaram a aposentadoria como mecanismo regulador em tempos de excesso de oferta de trabalho, e sistemas de pensões que têm permitido que indivíduos ativos e saudáveis se retirem da atividade econômica (HARPER, 2000, p.18).

Harper (2014) aponta que essas visões neoliberais que culpam os idosos sugerem que a idade é um fator importante no crescimento dos gastos com saúde e previdência. Sabemos que há a necessidade de romper com essa visão catastrófica e econômica de que os gastos e os custos dos cuidados com a saúde têm precedência à medida que envelhecemos.

Estamos em um mundo envelhecido e, demograficamente, 60 e 65 anos marcam a velhice. Os países em desenvolvimento estão vivenciando o que os países desenvolvidos vivenciaram ao longo do século XX, mas de forma mais dinâmica e rápida.

Quadro 3. Os países mais antigos do mundo na virada do século XX.

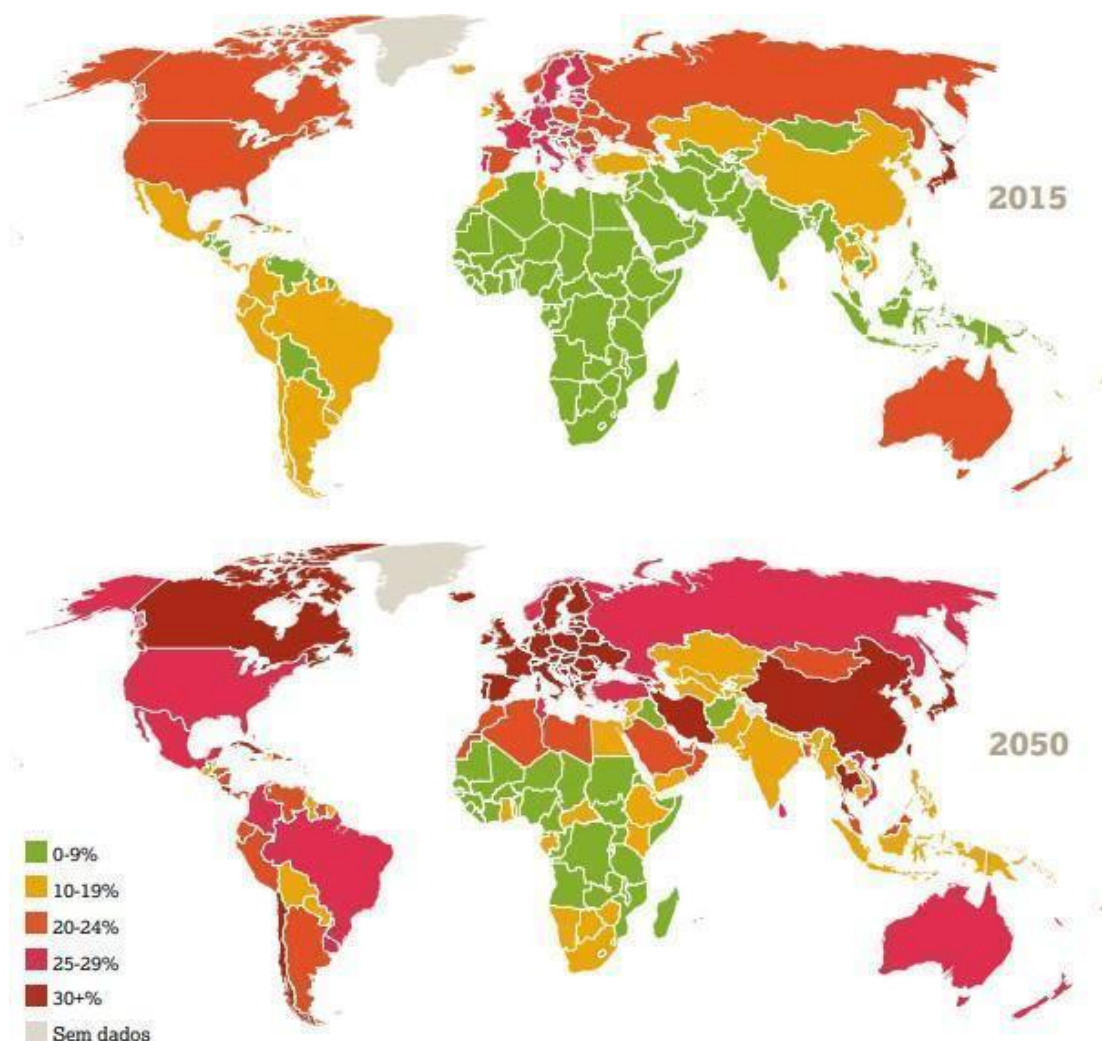
País	Proporção de população com 65 anos ou mais
Itália	18,2
Japão	17,7
Grécia	17,3
Suécia	17,2
Espanha	16,9
Bélgica	16,9
Alemanha	16,2
França	16,1
Reino Unido	15,6

Portugal	15,5
Áustria	15,5
Suíça	15,4
Noruega	15,1
Finlândia	15,0
Croácia	15,0
Letônia	15,0
Dinamarca	14,8
Sérvia	14,8
Hungria	14,6
Estônia	14,5

Elaboração própria. Fonte: Nações Unidas, 2014

Globalmente, entre os países europeus, a Itália tem a maior proporção da população idosa com 18,2%, enquanto países como a Irlanda têm 11,2%. Os Estados Unidos têm a maior concentração de idosos nos países desenvolvidos, com 35 milhões de pessoas com mais de 65 anos e 50 milhões de pessoas com mais de 60 anos, representando 12% da população idosa.

Figura 2. Proporção da população com idade igual ou superior a 60 anos em 2015 e 2050.



Fonte: Help Age Institute – 2015. Disponível em <https://www.helpage.org/>.

A figura 2 nos dá um panorama de como o envelhecimento transformará a estrutura demográfica em uma escala global, impactando as dimensões da família, da economia, da saúde e da sociedade de modo geral. De acordo com o Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental - ligado às Nações Unidas – “a população mundial está a envelhecer e todos os países do mundo estão a assistir a um crescimento no número e na proporção de pessoas idosas da sua população” (NAÇÕES UNIDAS, 2021).

3.3 O envelhecimento da população brasileira

O Brasil é um dos países com rápido envelhecimento, desigualdades

socioeconômicas e regionais (NEUMANN; ALBERT, 2018). No caso brasileiro, Camarano et al (2004) observaram que, apesar dos avanços nas políticas públicas voltadas para grupos etários mais velhos, as disparidades socioeconômicas e regionais entre os idosos não mudaram significativamente nos últimos 10 anos. A relação entre pobreza, dependência e velhice continua sendo uma realidade que o governo aborda por meio de políticas públicas.

Analizando o panorama global do envelhecimento, notamos diferenças claras entre as regiões, sugerindo uma forte relação entre envelhecimento e níveis de desenvolvimento econômico, bem como indicadores de bem-estar e qualidade de vida. Por exemplo, em 2012, 6% da população do continente africano tinha 60 anos ou mais, em comparação com 10% na América Latina e no Caribe, 11% na Ásia, 15% na Oceania, 19% na América do Norte e 22 % na Europa (AGEWATCH, 2015).

Quadro 4. Envelhecimento da População Mundial (2015-2050).

Ano	Número de pessoas idosas	População Idosa Total
2015	901 milhões	12,3%
2030	1,402 bilhões	16,5%
2050	2,092 bilhões	21,5%

Elaboração própria. Fonte: Global AgeWatch, 2015.

Do ponto de vista de gênero, os dados levantados pela HelpAge (2015) mostram uma tendência feminilizada no envelhecimento, já que, globalmente, as mulheres compõem a maioria dos idosos em todo o mundo, com 84 homens para cada 100 mulheres com 60 anos ou mais. A proporção foi ainda mais acentuada entre o grupo mais velho de pessoas com mais de 80 anos, com 61 homens por 100 mulheres.

No caso do Brasil, os dados do censo (2010) mostram um cenário condizente com a tendência mundial de mais mulheres idosas do que homens mais velhos nas áreas urbanas, mas o contrário ocorre nas áreas rurais, onde a taxa é maior dos homens mais velhos em relação ao número de mulheres, com 107 homens para cada 100 mulheres no Brasil rural. No geral, os dados mostram que existem aproximadamente 20 milhões de idosos no Brasil, sendo 55,7% mulheres (IBGE, 2010).

O declínio da fecundidade, associada ao aumento da longevidade tem

promovido o envelhecimento populacional ao redor do mundo. O principal resultado disso é a redução do número de nascimentos e um aumento do número de idosos, com destaque ao segmento mais velho. Segundo Camarano et al (2004) a redução da mortalidade da população idosa e a queda no nível de fecundidade são os principais elementos que explicam o envelhecimento e o crescimento da população idosa.

Apesar desse contexto, é notável as mudanças ocorridas na estrutura demográfica brasileira nas últimas décadas, percebe-se um alinhamento com a realidade global do século XXI, vivenciada tanto em países desenvolvidos, quanto em economias em desenvolvimento.

Quadro 5. Envelhecimento da População Brasileira (1950-2050).

Ano	Milhões de pessoas idosas (60+)	População Idosa Total
1950	2,2	4,2%
1990	9,9	6,7%
2000	13,9	8,1%
2010	19,3	10,0%
2014	27,8	13,7%
2016	30,0	14,6%
2019	33,2	15,9%
2024	38,1	17,9%
2039	54,2	24,4%
2050	66,4	29,3%

Elaboração própria. Fonte: PNAD/IBGE, 2014.

A UNA/SUS (2010) observou que um aspecto que precisa ser enfatizado em relação ao movimento populacional no Brasil é a feminização do envelhecimento, com maior proporção de mulheres ocorrendo em idades mais avançadas. Outra característica do envelhecimento da população do país é o aumento da proporção de idosos com mais de 80 anos. Segundo a agência, a população idosa do Brasil já supera a população total de vários países europeus, como França, Itália e Reino Unido. São mais de 22 milhões de brasileiros com mais de 60 anos, enquanto a população desses países varia entre 14 e 16 milhões. Minayo (2011) destacou o

rápido aumento da expectativa de vida dos idosos. De acordo com a autora, “entre 1997-2007, enquanto a população brasileira entre 60-69 anos apresentou crescimento relativo de 21,6%, o grupo de 80 anos ou mais aumentou 47,8%, chegando a 65% em alguns lugares”, (MINAYO, 2011, p.8).

Segundo a PNAD (2010), 85% dos idosos brasileiros são ativos e produtivos. Muitas pessoas trabalham para aumentar sua renda, mas continuam sendo o chefe da família. Em relação às questões sociodemográficas, a agência apresenta e destaca alguns dados interessantes.

- há um aumento do número de idosos que vivem sozinhos (6,7 milhões), sendo que desses 40% são mulheres;
- participação dos idosos na composição da renda total familiar, o que já ocorre em 53% dos municípios;
- concentração da população idosa em algumas regiões (no Sudeste vivem 9,4 milhões e no Nordeste, 5,1 milhões) e nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul; na área urbana (17 milhões em relação os 3,4 milhões na área rural);
- diminuição da parcela vivendo em situação de pobreza, 12,2% (correspondendo a 2,5 milhões) com rendimento médio mensal domiciliar per capita de até $\frac{1}{2}$ salário-mínimo, a maioria, da área rural do Nordeste;
- incremento de famílias intergeracionais: 9,7 milhões de domicílios e 38 milhões de moradores de várias gerações numa mesma casa (MINAYO, 2011).

O índice global de envelhecimento criado em 2013 pelo “*Institute Help Age*”, é definido como uma medida multidimensional do bem-estar dos idosos com base em quatro domínios: renda; saúde; capacidade (educação e emprego) e um ambiente propício ao envelhecimento. O Brasil ocupa a 56ª posição com bom desempenho de renda (13ª), alta cobertura previdenciária (83%); alta taxa de bem-estar relativo regional; baixa taxa de pobreza na velhice (8,8%); classificação moderada em saúde (43ª); classificação moderada em domínio da capacidade (58º); menor em ambiente propício devido à baixa insatisfação com o transporte público (45%) e segurança (28%) (Global AGEWATCH, 2015) 87º). O índice mostra que o país está em melhor posição nas relações com outros países devido à existência da Política Nacional do Idoso, que se reflete no Estatuto do Idoso (2003).

Quadro 6. Classificações e valores dos países no Índice Global de Envelhecimento (Global AgeWatch – 2015).

Posição	País	Valor
1	Suíça	90,1
2	Noruega	89,3
3	Suécia	84,4
4	Alemanha	84,3
5	Canadá	84,0
56	BRASIL	46,2
92	Paquistão	12,7
93	Cisjordânia e Gaza	12,3
94	Moçambique	4,5
95	Malauí	4,1
96	Afeganistão	3,6

Adaptação. Fonte: Help Age Institute – 2015. Disponível em <https://www.helppage.org/>.

O relatório Global AgeWatch (2015) afirma que a população mundial está envelhecendo em um cenário de declínio das taxas de fecundidade e aumento da expectativa de vida, e espera-se que a população idosa cresça em todas as regiões do mundo.

A partir desses dados, notamos que existem relações espaciais por trás da experiência global da velhice. Os países mais bem classificados, localizados em regiões industrializadas com indicadores sociais elevados, têm investido mais em políticas e programas voltados para o envelhecimento ativo, promovendo habilidades, saúde e proporcionando um ambiente propício para os idosos.

Os últimos países da lista estão localizados em uma região com baixos níveis de industrialização e indicadores sociais insuficientes, indicando uma falta geral de políticas de desenvolvimento voltadas para a população. Além disso, alguns desses

países estão atualmente em zonas de conflito, o que afeta negativamente as regiões avaliadas pelo índice. Nesse sentido, entendemos que “as experiências de vida das pessoas em idades mais avançadas variam significativamente consoante o local onde vivem” (GLOBAL AGEWATCH, p. 1, 2015).

No entanto, o índice mostra que o Brasil é uma sociedade envelhecida, com aproximadamente 10% a 19% da população com 60 anos ou mais. A previsão afirma que, até 2050, o país entrará em uma sociedade que envelhece rapidamente, com 20% a 29% da população com 60 anos ou mais.

Quando comparado com os indicadores dos países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), o relatório afirma que o Brasil está bem-posicionado nas questões previdenciárias, com melhor cobertura e segurança de renda no sistema de pensões e aposentadorias. Dentro desse grupo de países, o Brasil fica atrás apenas da China no Índice de Envelhecimento Global.

Quadro 7. Os BRICS no Índice Global de Envelhecimento (Global AgeWatch – 2015).

Países BRICS	Posição Geral	% Idosos em 2015	Idosos (2015)	% Idosos em 2030	Idosos (2030)	Taxa de Envelhecimento (2015-2030)
China	52	15,2	209.2 mi	25,3	358.1 mi	3,6%
BRASIL	56	11,7	24.4 mi	18,8	42,9 mi	3,8%
Rússia	65	20,0	28.7 mi	24,0	32.2 mi	1,0%
Índia	71	8,9	116.6 mi	12,5	190.7 mi	3,3%
África do Sul	78	7,7	4.2 mi	10,5	6.3 mi	2,7%

Adaptação. Fonte: Help Age Institute – 2015. Disponível em <https://www.helpage.org>.

Quadro 8. Os indicadores sociais dos BRICS no Índice Global de Envelhecimento (Global AgeWatch – 2015).

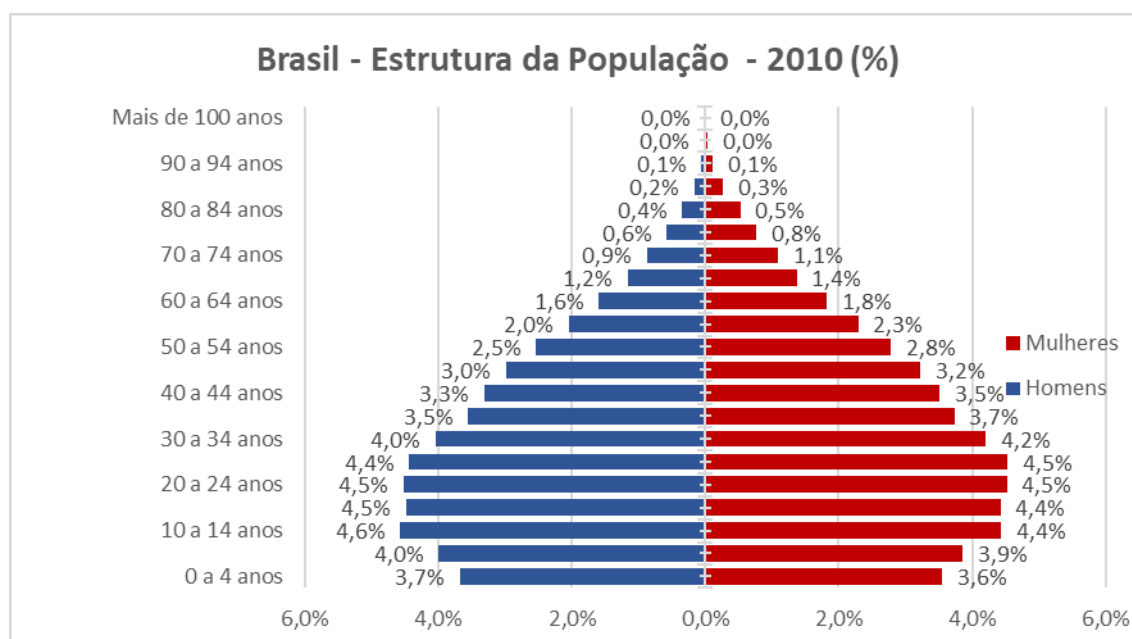
Países BRICS	% da população com idade igual ou superior a 65 anos a receber a uma aposentadoria ou pensão	Esperança de vida aos 60 (anos)	% da população com idade igual ou superior a 60 anos com educação secundária ou superior
China	74.4	19	30.1
BRASIL	86.3	21	26.6
Rússia	100.0	17	70.1
Índia	28.9	17	22.4
África do Sul	92.6	16	47.2

Adaptação. Fonte: Help Age Institute – 2015. Disponível em <https://www.helppage.org/>.

Comparado aos países do BRICS, o Brasil apresenta a maior taxa de envelhecimento populacional; a melhor expectativa de vida aos 60 anos e boa cobertura previdenciária, cerca de 86,3%. No entanto, indicadores relacionados à educação sugerem que o país ainda precisa enfrentar algumas questões sociais e desigualdades socioespaciais, pois possui a segunda menor proporção de sua população idosa na educação básica e superior.

Apesar das políticas neoliberais e da última crise que afetou esse grupo de países nos últimos anos, houve algum progresso nas políticas e práticas que protegem e promovem os direitos dos idosos em todas as regiões do mundo.

Portanto, entendemos que, para compreender o envelhecimento de forma plena, é importante considerar definições que incluam o que significa ser mais velho, seja relacionado às dimensões biológicas, culturais, ou simplesmente definido por questões cronológicas. Portanto, é necessário tornar visíveis esses sujeitos, suas práticas espaciais e seu papel na sociedade. No caso do Brasil, são considerados idosos as pessoas com mais de 60 anos, conforme definido pela legislação brasileira na Lei de nº 8842/1994 e no Estatuto do Idoso, Lei de nº 10.741/2003.

Gráfico 1. Pirâmide Etária Brasileira – 2010.

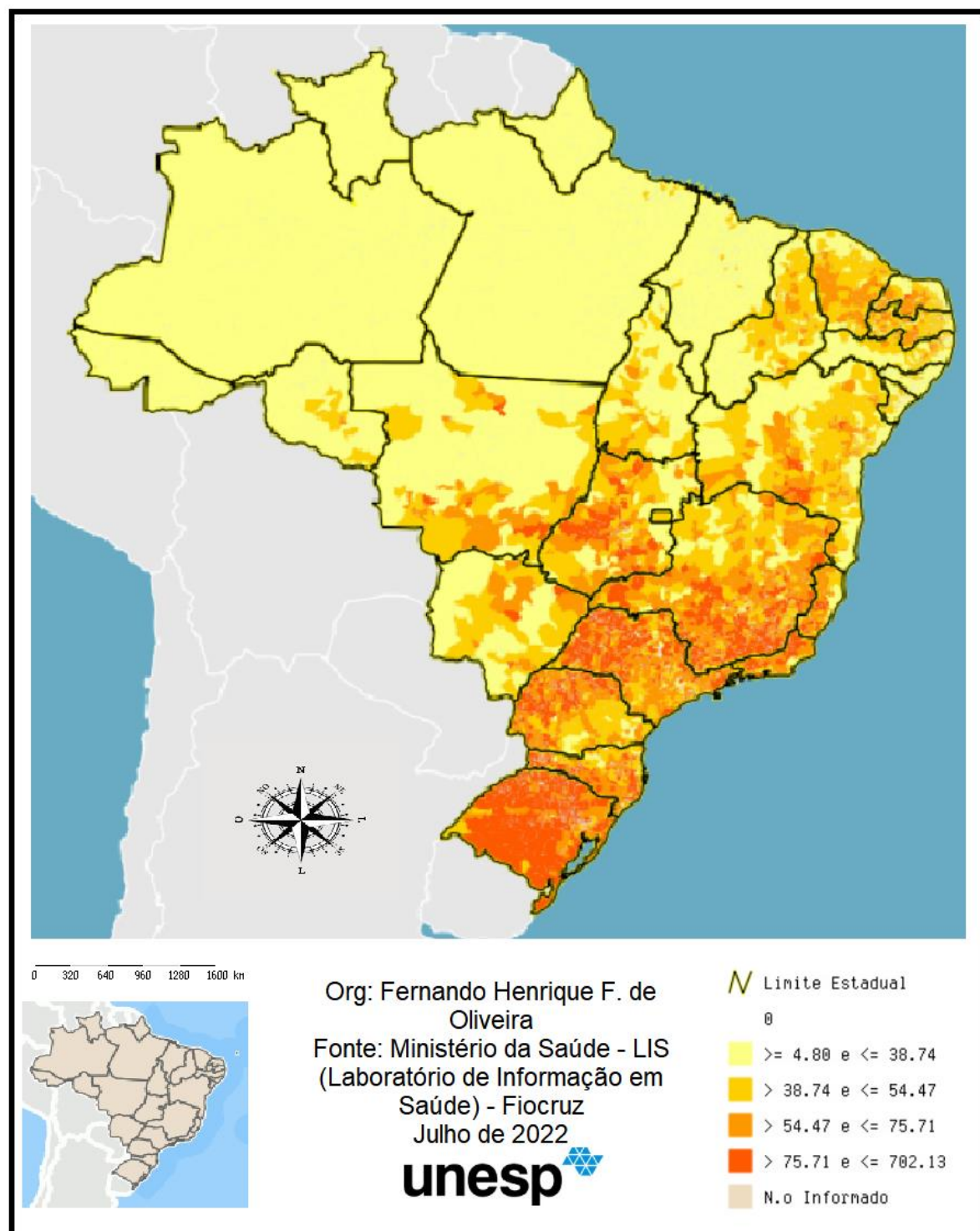
Elaboração própria. Fonte: PNAD/IBGE, 2014.

Nas últimas décadas, o processo de envelhecimento da população mundial tem sido intenso. No Brasil, estima-se que existam mais de 20 milhões de idosos, ou seja, pessoas com 60 (sessenta) anos ou mais. De acordo com o Estatuto do Idoso (2013), “o país está em 6º lugar no ranking de países com maior número de população idosa do mundo” (BRASIL, 2013, p.5). Assim, partindo desse universo onde as mulheres idosas estão crescendo em número e ocupando destaque na pirâmide etária, demonstramos a necessidade de compreender as múltiplas dimensões do envelhecimento e suas implicações para a sociedade atual.

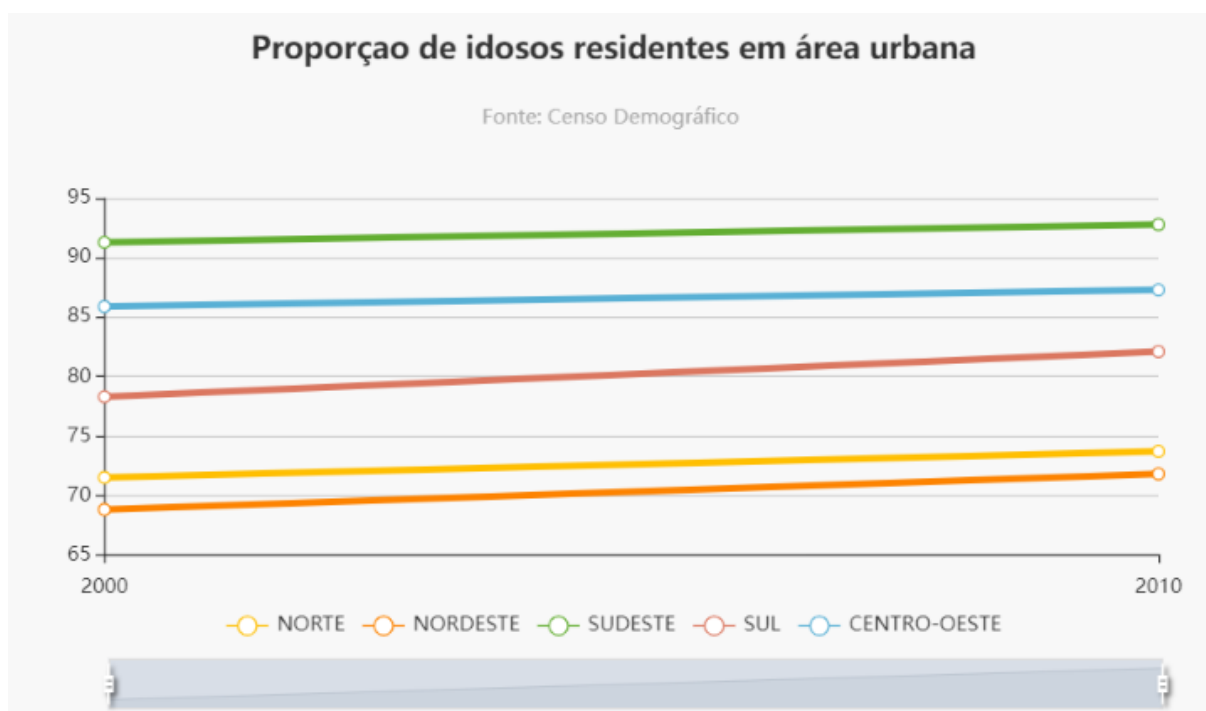
O mapa⁴ a seguir espacializa o envelhecimento a partir da proporção de idosos no nível dos estados do Brasil. Observamos um maior índice de envelhecimento nas regiões Sul e Sudeste, seguido pelo Nordeste e Centro-Oeste. Os estados da região Norte apresentam o menor índice de envelhecimento do país.

⁴ Utilizamos os dados disponibilizados no Portal Saúde do Idoso, no site da Fiocruz para produzir o mapa no software I3Geo. Disponível em https://www.saudeidoso.icict.fiocruz.br/novo2/td_munic_5.php. Acesso em 04/07/2022.

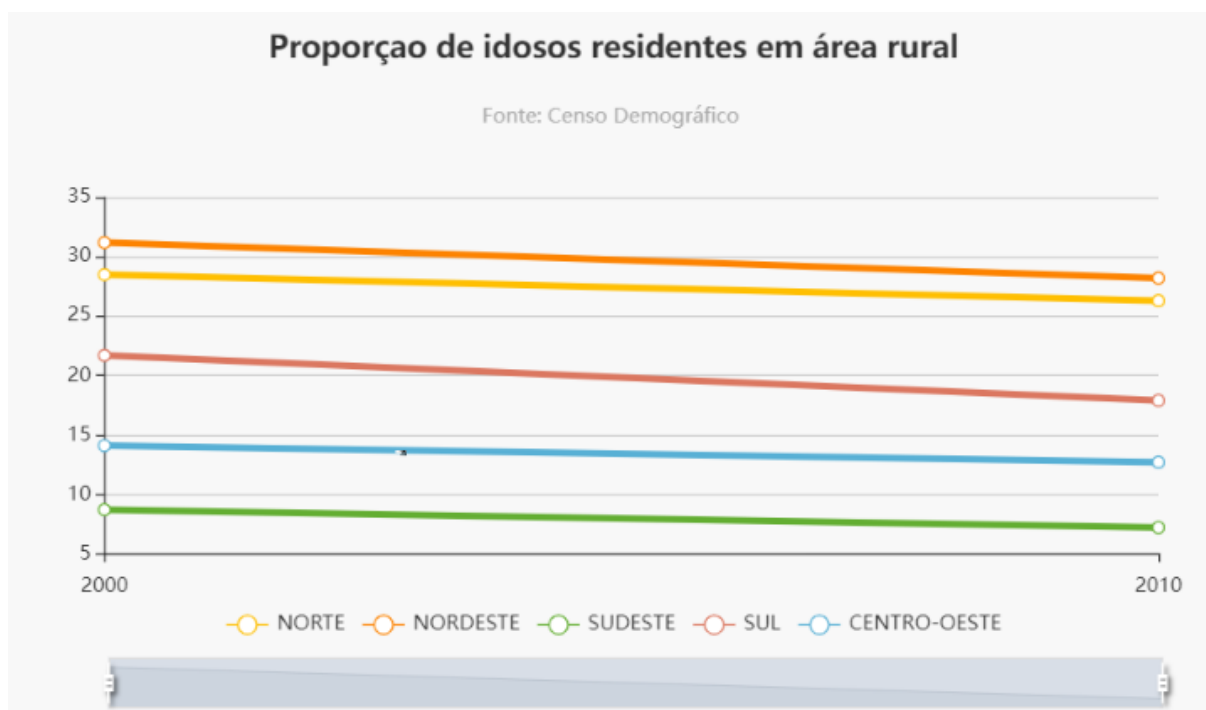
Mapa 3. Índice de Envelhecimento da População Brasileira.



Fonte: Elaborado pelo autor - 2022.

Gráfico 2. Proporção de idosos residentes em área urbana.

Elaborado pelo autor (2022).

Gráfico 3. Proporção de idosos residentes em área rural.

Elaborado pelo autor (2022).

Os gráficos acima, vinculados ao mapa, mostra que há diferenças significativas no envelhecimento entre áreas urbanas e rurais nas regiões brasileiras. As áreas urbanas do Sudeste e Centro-Oeste apresentam maiores proporções de idosos. Nas décadas de 2000 e 2010, a região Sul apresentava a terceira maior proporção de população idosa, seguida pelas regiões Norte e Nordeste, e municípios com a menor proporção de população idosa.

Na zona rural, a situação se inverteu, e em 2000 e 2010 o Nordeste apresentava a maior proporção de idosos rurais do Brasil. Seguem-se as regiões Norte e Sul, depois o Centro-Oeste e, por fim, o Sudeste, como a região com a menor proporção de população idosa do país. A partir desses dados, é possível determinar a correlação entre o gráfico e como funciona o processo de urbanização do Brasil, com foco nas áreas litorâneas, especialmente no eixo centro-sul do Brasil

As pesquisas sobre envelhecimento abordam a questão central da reprodução social dos idosos. Debert (2004) mostra como o envelhecimento é uma questão pública em nossa sociedade, pois o envelhecimento é um elemento essencial para a efetivação de direitos sociais como a aposentadoria e o Estatuto do Idoso, instituído pela Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que visa proteger e garantir uma série de direitos sociais a população com 60 anos ou mais.

Art. 8.º O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação vigente. Art. 9.º É obrigação do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade (BRASIL, 2004, p.8).

Dados do censo de 2010, mostraram que houve um aumento do número de idosos no Brasil, população com 60 anos ou mais, com o topo da pirâmide etária brasileira crescendo cerca de 7,4%.

A representatividade dos grupos etários no total da população em 2010 é menor que a observada em 2000 para todas as faixas com idade até 25 anos, ao passo que os demais grupos etários aumentaram suas participações na última década. O grupo de crianças de zero a quatro anos do sexo masculino, por exemplo, representava 5,7% da população total em 1991, enquanto o feminino representava 5,5%. Em 2000, estes percentuais caíram para 4,9% e 4,7%, chegando a 3,7% e 3,6% em 2010. Simultaneamente, o alargamento do topo da pirâmide etária pode ser observado pelo crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010 (IBGE, 2010, p.5).

Por outro lado, o número de jovens diminuiu, de 4,9% em 2000 para 3,7% em 2010. A partir desses dados pode-se traçar um cenário de crescimento da população adulta do país, com destaque para um aumento significativo da população idosa (IBGE, 2010).

Segundo Jahn (2018), existem duas maneiras de explicar o processo de envelhecimento populacional. O primeiro é o envelhecimento da base, que se caracteriza por uma queda nos níveis de fecundidade, resultando na diminuição da proporção da população jovem e no aumento da população idosa. A segunda forma baseia-se no envelhecimento de cima para baixo, que se caracteriza por menor mortalidade em idosos e, portanto, maior expectativa de vida nos mais velhos. A autora aponta que,

a alta fecundidade do passado, aliada à redução da mortalidade em todas as idades, resultará em um crescimento elevado da população idosa nos próximos 30 anos, constituindo o que está sendo chamado de “onda idosa” e demarcando o século XXI como de envelhecimento populacional (JAHN, 2018, p.39).

No caso do Brasil, todas as pessoas na faixa etária de 60 anos ou mais são consideradas idosas, conforme definido pelo marco legal da Política Nacional do Idoso e pelo Estatuto do Idoso (Camarano et al, 2004). A idade foi utilizada como principal critério para definição da população idosa. No entanto, entendemos que além desse padrão, os idosos não são um grupo homogêneo, havendo várias divisões dentro dessa faixa etária, marcada por diferentes trajetórias de vida e diversas experiências da velhice.

Também chamamos a atenção para a discussão dos conceitos de idoso, velhice, envelhecimento como construções sociais que variam de acordo com as culturas no tempo e espaço. Geralmente, o limite cronológico é o critério mais utilizado para definição dos sujeitos por idade e classificação dos idosos.

Importante considerar que há diferenças conceituais com relação aos termos: idoso, velho e terceira idade. Como é perceptível, no início deste texto, trabalho com as expressões idoso, idosa, velho e velha. As primeiras são porque o termo é utilizado nas legislações vigentes no Brasil. O segundo de modo a ir desconstruindo os estereótipos que foram sendo produzidos em torno da palavra e porque no meio rural, as pessoas se identificam como mais velhas. (JAHN, 2018, p.42).

Chamamos também a atenção para as discussões sobre os conceitos de idoso, velhice, envelhecimento, que são estruturas sociais que variam entre culturas

no tempo e no espaço. Em geral, o limite cronológico é o critério mais utilizado para definição dos sujeitos por idade e classificação dos idosos. Entendemos a velhice como relativa e relacional, ou seja, “sua percepção depende das relações sociais ao longo da história de vida da pessoa” (WOORTMANN e WOORTMAN, 2009, p. 338).

Ao analisar a construção social das categorias de idosos e sua importância para a sociedade, Papaléo Neto (1996) definiu e diferenciou o envelhecimento como processo, a velhice como etapa da vida e o idoso ou sujeito idoso como o processo resultado desse processo.

A construção social da velhice e os papéis dos idosos variam entre as culturas, o tempo e o espaço. Os idosos contemporâneos diferem de outras épocas não apenas pelo aumento da expectativa de vida, mas também por mudanças nos valores sociais, relacionamentos intergeracionais e atitudes em relação a si mesmos.

Entendemos que as grandes mudanças sociais ocorridas no último século, como o processo de industrialização e modernização, afetaram as relações e atitudes em relação aos idosos, levando a um declínio de seu prestígio, influência e poder em outros períodos. Little aponta que o prestígio relacionado à idade diminui à medida que a sociedade se desenvolve economicamente.

Os idosos se beneficiaram e sofreram com essas mudanças sociais. Nas sociedades modernas, uma economia forte criou níveis de prosperidade para muitas pessoas. Os cuidados de saúde tornaram-se mais amplamente acessíveis e a medicina avançou, permitindo que os idosos vivessem mais. No entanto, as pessoas idosas não são tão essenciais para a sobrevivência econômica de suas famílias e comunidades como eram no passado (LITTLE, 2016, p.398).

Além das faixas etárias, existem outras explicações que categorizam os idosos de acordo com as funções que perdem e ganham ao longo de suas vidas, como experiências de aposentadoria ou assumir novos papéis sociais em sua família quando se tornam avós. No entanto, reconhecemos a existência de noções ultrapassadas e preconceituosas da velhice, que os idosos são sujeitos inativos, improdutivos e dependentes, um fardo para a família, o Estado e a sociedade.

Analisando sujeitos vulneráveis durante a pandemia, Mendes e Oliveira (2020) constataram que, no contexto da exposição dos idosos a piadas e atitudes baseadas na idade, os estereótipos sobre a velhice tornam-se mais explícitos quando esses sujeitos foram acusados como os responsáveis por crises na economia, na saúde e nos sistemas previdenciários.

A pandemia de Covid-19 tornou explícito o preconceito contra os idosos e amplificou o preconceito de idade (MENDES e OLIVEIRA, 2020). Na nossa sociedade, os idosos, as crianças, os jovens e as pessoas com deficiência continuam a ser vistos como cidadãos dependentes e improdutivos. Desta forma, entendemos que todas as formas de ageísmo devem ser combatidas.

Como uma resposta social ao estigma e opressão contra os corpos envelhecidos, o The Grey Panthers, ou Movimento dos Panteras Cinzentas, nasce como um dos principais movimentos contra o preconceito de idade. O grupo foi criado pela ativista americana Maggie Kuhn na década de 1970 em um cenário de aposentadorias compulsórias, desigualdade etária e desprestígio associada a pessoas mais velhas. Esta organização social procura defender os direitos dos idosos e combater os estereótipos do envelhecimento e da idade. Um dos pontos importantes desse movimento foi destacar os benefícios das relações intergeracionais, da integração etária e a interdependência entre todas as faixas etárias. Em geral, as visões reducionistas e estigmatizadas de velhice contribuem para a manutenção de práticas ageistas, colocando os mais velhos em posição de subordinação.

É importante ressaltar que o preconceito de idade se baseia em uma visão do processo de envelhecimento e da velhice construída histórica e socialmente em um contexto de industrialização, no qual o tempo foi organizado e a vida dos seres humanos passou a ser compreendida como um processo construído em etapas: infância, adolescência, adultez e velhice. Sendo que a última etapa, em geral, é considerada como: saída do mundo do trabalho; anúncio da proximidade da morte; declínio físico, cognitivo e social; adoecimento; uma etapa de perdas; problema e peso social. Nessa visão, a/o velha/o passa a ser vista/o como alguém que deixou de ser adulta/o e jovem, pois a juventude está no centro do sistema capitalista como o ideal de produtividade (Conselho Regional de Psicologia 3ª Região Bahia, 2021, p. 7).

Apesar de todos os esforços para quebrar estereótipos e leituras catastróficas sobre a velhice, vale notar que as visões neoliberais sobre os idosos ainda predominam em termos econômicos, definindo o envelhecimento como um custo para a saúde e bem-estar e questões de crise ao sistema de saúde e a previdência. Sabemos, no entanto, que existem outras formas de abordar esse processo, em que o envelhecimento pode ser visto como um investimento que, coordenado e apoiado por políticas públicas, pode melhorar as condições de vida das sociedades, além de reduzir as desigualdades aprofundadas na velhice.

O relatório Global AgeWatch (2015) destaca que os países que investem e

apoiam o desenvolvimento humano ao longo da vida têm no futuro um ambiente mais favorável ao envelhecimento, com pessoas vivendo mais e melhor na velhice. Ao basear-se na experiência japonesa, o relatório mostra como o Japão tornou-se um país mais velho, mas também um dos mais saudáveis, ativos e desenvolvidos do mundo

um investimento em uma política social abrangente, que introduziu um sistema universal de saúde, uma pensão universal e um plano para a redistribuição de rendimento, baixas taxas de desemprego e tributação progressiva. Este investimento foi recompensado com uma força de trabalho mais saudável e uma maior longevidade (GLOBAL AGEWATCH, p. 2, 2015).

Diante do exposto, em nossa leitura, além de reconhecer as contribuições dos idosos para as famílias, economias e sociedades, é necessário reconhecer a heterogeneidade entre as populações idosas e rever os estereótipos associados a tais experiências. Estamos vivenciando uma verdadeira revolução da longevidade na qual o envelhecimento se tornou uma das maiores conquistas sociais da humanidade, impulsionando mudanças nas famílias, sociedades e desenvolvimento econômico.

3.4 Perspectivas teóricas sobre o envelhecimento rural

Keating et al (2011) encontraram alguns problemas com a forma como o envelhecimento rural é discutido na literatura acadêmica canadense, onde o processo é explicado por meio de duas dimensões de lacunas de conhecimento. A primeira dimensão aborda os idosos com problemas de saúde, mas exclui os idosos marginalizados pela pobreza ou pela desigualdade de gênero. A segunda abordagem enfoca o bom envelhecimento e a independência física em idosos, mas não analisa as relações sociais e a dinâmica familiar que permeiam essa experiência.

Ao revisar essas abordagens, os autores destacam a importância do estudo do envelhecimento rural nas relações dos idosos com o lugar, demonstrando a dimensão espacial desse processo. Compreensivelmente, o lugar é um espaço e dimensão que pode dividir experiências boas e/ou ruins de envelhecimento de acordo com o contexto socioespacial em que o sujeito está inserido.

Elas também analisaram pesquisas sobre trabalho, aposentadoria e lazer no meio rural e constataram que os idosos enfrentam desafios particulares em relação aos do espaço urbano, principalmente em termos de renda, aposentadorias e pensões, oportunidades de emprego e acesso a lazer e serviços de saúde, indicando níveis mais elevados de pobreza em ambientes rurais.

Ao estabelecer a relação da independência com o espaço, Keating et al (2011) observaram que, no contexto canadense, os ambientes rurais são vistos como um espaço desafiador para os idosos viverem de forma independente, pois a maioria dos idosos da época morava em casas antigas e sem acessibilidade a sua mobilidade espacial.

Os adultos rurais mais velhos valorizavam muito a vida independente, mas a independência foi dificultada pelo ambiente rural. Em comparação com os idosos urbanos, os idosos rurais viviam em casas mais antigas e com menos amenidades, e estavam preocupados com os altos custos da manutenção das casas (KEATING et al, 2011, p.325).

A literatura sobre a relação entre espaço doméstico e independência pressupõe que uma boa estrutura habitacional leva a uma boa experiência de envelhecimento no local HARPER, 2000; MOWL et al., 2000; ANDREWS et al., 2006; KEATING et al., 2011; SCHWANEN; et al. 2011; STUTZ, 2013). Nesse sentido, pode-se entender que, nesta fase, locais com moradias adequadas e acessíveis para idosos podem se tornar um espaço conveniente e de apoio à velhice. Em nosso trabalho, constatamos que, mesmo com essas dificuldades, os idosos entrevistados ainda manifestam o desejo de ficar em casa devido ao apego e à identificação com o lugar no assentamento.

Phillilpson e Scharf (2005) analisam questões atuais nos campos de pesquisa rurais e urbanos aplicáveis à compreensão do envelhecimento. Eles examinam o pensamento atual sobre a vida rural e urbana na pesquisa gerontológica europeia, aprofundando as dimensões rurais e urbanas que compõem esse processo. Eles mostram que campo da gerontologia possui pesquisas teóricas sobre a situação social dos idosos, mas destacam a carência de pesquisas sobre a experiência do envelhecimento rural.

a falta de uma base empírica suficientemente bem desenvolvida sobre o envelhecimento rural oferece ampla margem para desenvolver novas pesquisas. Isso é importante, porque a ausência de pesquisas recentes sobre aspectos do envelhecimento rural significa que a gerontologia inevitavelmente se baseia em descobertas decorrentes de estudos anteriores díspares e muitas vezes não comparáveis sobre o envelhecimento em áreas rurais. A confiança em estudos rurais em dados gerados há quase 20 anos tende a reforçar a impressão de que as áreas rurais permaneceram inalteradas durante o período seguinte (PHILLILPSON e SCHARF, 2005, p. 66).

Uma das precauções necessárias para comparar a situação de envelhecimento de idosos rurais e urbanos é medir a relação apenas a partir de uma perspectiva urbanocêntrica. Ao classificar o campo como atrasado e a cidade como moderna,

estamos contribuindo para difundir o estereótipo de que a cidade é um destino rural. Em geral, os autores apontam para a necessidade de uma base empírica que permita à gerontologia e à geografia explorar as diferenças dentro e entre diferentes tipos de áreas rurais, reconhecendo o impacto de variáveis como classe social, gênero, etnia e saúde na experiência de envelhecimento dos idosos.

Segundo as autoras, o envelhecimento rural é muitas vezes associado a problemas de produção, e a dimensão econômica do trabalho agrícola é priorizada. Esse cenário sugere que poucas pesquisas têm sido feitas sobre lazer e outras dimensões na velhice. Tomando como exemplo a realidade canadense, elas observam que as reduções nos serviços sociais e de saúde nas áreas rurais também afetam a participação dos idosos na comunidade. Essa redução nos serviços cria muitos desafios para as comunidades, muitas vezes agravando problemas de longo prazo devido à falta de cuidados de saúde e restringindo a mobilidade dos idosos, e está sujeita a “*prisioneiros do espaço*” (KEATING et al, 2011).

Revisitando um estudo de uma vila de pescadores em Newfoundland, elas discutem o trabalho como componente central da compreensão dos estilos de vida dos idosos rurais, pois os pescadores dizem “continuar trabalhando” em atividades produtivas quando questionados sobre práticas associadas ao bom envelhecimento, como marcenaria, coleta, pesca e costura são as chaves para uma vida independente na idade adulta.

Nesse sentido, o trabalho aparece como um importante aspecto de complementação da renda familiar, pois a maioria dos aposentados da zona rural recebe em média de 1 a 2 salários-mínimos, sendo também uma atividade física que mantém a força, pois muitos afirmam que se eles param de funcionar, seus corpos e memórias declinam. Em relação à vida independente em idosos, os autores apontam para duas abordagens diferentes do envelhecimento rural na literatura canadense.

Na primeira área, a pesquisa está focada em envelhecer bem, a recriação da identidade pessoal e as formas pelas quais os adultos rurais mais velhos interagem com seu ambiente social e físico para manter senso de si mesmo diante das mudanças à medida que envelhecem. Na segunda área, a literatura sobre a fragilidade e a necessidade de assistência tem destacado a capacidade de viver em casas sem altos níveis de assistência formal ou familiar/amigos (KEATING et al. 2011, p.329).

As autoras destacam que o desenvolvimento de pesquisas em áreas rurais “têm grande potencial para aumentar a compreensão do processo de envelhecimento

e fornecer uma antítese ao foco contínuo e forte em questões de vulnerabilidade e dependência” (KEATING et al., 2011, p. 329). Outro ponto observado é que as comunidades rurais se beneficiam da contribuição social e da participação econômica dos idosos, obtidas por meio de aposentadorias e pensões, no cuidado às famílias e na preservação da história rural local.

Além da disponibilidade e uso de serviços rurais, a saúde é um tema dominante na pesquisa sobre o envelhecimento rural, especialmente em termos de estado de saúde física e mental. Keating et al (2011) descrevem que os idosos nas áreas rurais e remotas têm piores resultados de saúde em comparação com os idosos nas áreas urbanas, em grande parte devido ao acesso desigual a serviços e equipamentos de saúde.

A saúde mental dos idosos também é uma preocupação crescente nas pesquisas sobre envelhecimento rural (PANAZZOLA; LEIPERT, 2013). Além das doenças crônicas, muitos idosos apresentam sintomas como tristeza, solidão e depressão em seus últimos anos. Segundo os autores, a solidão, a viuvez e o conflito nas relações familiares são fatores que contribuem para esse estado emocional vulnerável. No entanto, o nível de doença mental não difere significativamente entre os idosos rurais e urbanos.

Apesar dessas questões, as autoras mostram que os idosos em ambientes rurais melhoraram os resultados de saúde. “Há também evidências de que alguns aspectos da saúde rural melhoraram em adultos mais velhos. O risco de morrer por doenças cardiovasculares, pneumonia e gripe foi reduzido” (KEATING et al, 2011, p. 331).

Ao revisitar o trabalho de Rowles, Stutz (1979) aponta para falta de estudos empíricos de envelhecimento na Geografia. Baseando-se neste trabalho, o autor escreve que a contribuição de Rowles foi

tratar não só de experiências geográficas de envolvimento pessoal com os lugares, mas também com a totalidade do espaço das pessoas idosas com suas experiências, incluindo ação, orientação, sentimento e imaginário. [...] Sugere-se frequentemente que como a área de movimento de uma pessoa idosa diminui de tamanho, há compensações em outros reinos de sua experiência (STUTZ, 1979, p.473).

A Comissão Econômica para a Europa das Nações Unidas destaca a importância do debate sobre as experiências de envelhecimento em áreas rurais e remotas em função da vulnerabilidade e da desigualdade no acesso à renda, serviços

de saúde e lazer. De acordo com a organização:

As zonas rurais e remotas em muitos países experimentam um envelhecimento populacional mais pronunciado do que as zonas urbanas e, subsequentemente, têm uma maior percentagem de residentes mais idosos. Uma menor densidade populacional e populações geograficamente mais dispersas tornam mais difícil e dispendiosa a criação e manutenção de uma infraestrutura de serviços abrangente, comum nas áreas urbanas. Consequentemente, as populações rurais têm menos acesso a serviços e atividades e a sua situação pode agravar-se ainda mais quando combinada com condições socioeconômicas mais pobres. Isto coloca as populações rurais em desvantagem em comparação com as urbanas e pode ser particularmente problemático para as pessoas mais velhas que podem enfrentar um maior risco de isolamento social, mobilidade reduzida, falta de apoio e défices de cuidados de saúde em resultado do local onde vivem (UNECE, 2017, p.1).

Em sua tese de doutorado sobre “envelhecimento, campesinato e crédito” Jahn (2018) observou que os idosos camponeses em assentamentos do Rio Grande do Sul compreendem o envelhecimento no campo a partir da seguinte premissa.

Para os idosos e idosas esse modo de vida vem relacionado ao fato de viver com autonomia, seja do tempo, do trabalho e ou da decisão sobre o que produzir, onde a propriedade camponesa aparece como se fosse a extensão e continuidade da sua própria vida (JAHN, 2018, p.146).

Apesar dos impasses encontrados em seus estilos de vida, os idosos do nosso estudo mostram-se satisfeitos com a vida no assentamento. Em termos de saúde, o departamento de saúde local presta serviços a todos os residentes, incluindo profissionais, vacinas e medicamentos.

No geral, esta seção apresenta algumas perspectivas teóricas entre envelhecimento rural e geografia. Nosso objetivo foi compreender como os idosos interagem com os lugares em que vivem, mostrando a dimensão espacial desse fenômeno. Sabemos que o envelhecimento é um tema que requer atenção geográfica no que se refere à sociedade e ao espaço.

Em nossa tese, analisamos os estilos de vida dos acampamentos e assentamentos, buscando compreender as dimensões relacionadas ao cotidiano, identificando as principais atividades dos idosos no contexto de luta e conquista da terra, a fim de compreender o impacto do envelhecimento nestes lugares. Também observamos como os idosos do meio rural estabelecem sua relação com o espaço na velhice para verificar se existe um padrão espacial entre os idosos dos acampamentos e os idosos dos assentamentos.

Como forma de compreender os papéis sociais desempenhados por idosos rurais, investigamos as dimensões da vida familiar e social e suas relações de trabalho. Também entramos na percepção do corpo e da memória para entender as sensações associadas às diferentes experiências de envelhecimento.

Nosso trabalho visa fornecer contribuições teóricas e empíricas para pesquisas geográficas sobre envelhecimento em idosos. Nesse sentido, exploramos o processo de envelhecer de idosos rurais, discutindo questões de independência, bem-estar e acesso a serviços sociais e de saúde, com foco na qualidade de vida desses sujeitos.

No geral, realizamos uma pesquisa sobre as condições sociais do envelhecimento em acampamentos e assentamentos rurais porque pouco se sabe sobre essas experiências e as trajetórias de vida dos idosos que vivem nesses espaços. Portanto, aprofundar esse debate teórico e estabelecer uma base empírica as dimensões da vida das pessoas em processo de envelhecimento rural no Brasil é um dos objetivos de nosso trabalho.

No próximo capítulo, apresentaremos o cenário da pesquisa e a gama de sujeitos que o compõem. A complexa teia de tensão e resistência entre os trabalhadores rurais será revelada nas memórias de idosos que lutam por terra e dignidade no Pontal do Paranapanema, conhecido como uma das áreas de maior conflito agrário do país.



CAPÍTULO 4 TERRA, VIDA, TRABALHO E LUTAS:
RECONSTRUINDO MEMÓRIAS NO PONTAL DO
PARANAPANEMA (SP)

Nesta seção iremos apresentar os(as) recordadores(as) a partir de suas memórias, com o objetivo de reconstruir trajetórias pessoais e coletivas de vida e de envelhecimento e, compreender o fazer-se do assentamento e do acampamento no tempo e no espaço.

As memórias foram contadas por meio de entrevistas no qual os recordadores(as) compartilharam seus conhecimentos, sentimentos, anseios, tristezas, alegrias, sonhos e perspectivas para o futuro. Cada sujeito narra a trajetória de vida e de envelhecimento no rural partindo de sua experiência pessoal. Quando acessamos a história dos conflitos agrários da região e o percurso de construção do acampamento e do assentamento é que temos a noção de como a dimensão da memória individual conflui com a memória de grupo, em que os momentos de luta e as estratégias de reprodução e de resistência na terra se cruzam.

Gauer e Gomes (2006) trazem que, para a memória autobiográfica, a experiência do recordar pode ser observada por meio de duas perspectivas teóricas. 1) A memória é uma experiência de lembrar; 2) A memória como desempenho de aprendizagem. Nesse sentido, postulam que este tipo de memória é definido como a rememoração consciente da vida de um indivíduo ou de experiências vividas, acompanhada de um senso de experiência do episódio original e da crença de que o evento realmente aconteceu (GAUER e GOMES, 2006).

A escolha de fazer da memória autobiográfica a substância de nosso trabalho tem a ver com a ideia de que os idosos têm a capacidade de contar fragmentos de suas vidas. Neste sentido, Saraiva (2022) pressupõe cinco ideias do que seria, para o idoso, a experiência de narrar: 1) contar histórias de sua vida; 2) falar do tempo vivido/experimentado; 3) transmissibilidade de um legado; 4) dar testemunho de sua vida; 5) resistir.

É importante enfatizar que nossas habilidades de lembrar precisam de suporte para manter nossas memórias, e que tais suportes podem ser reconhecidos como os lugares, objetos e pessoas que atravessam nossas vidas. Neste cenário os velhos desempenham tanto o papel de recordadores, como também assumem a função de se utilizar de tais suportes.

Nossa opção por preservar a integridade das memórias autobiográficas está em entendê-las como a força motriz de nossos esforços de reconstrução, pois são a matéria-prima das narrativas que sustentam e dão coerência às experiências de envelhecimento dos idosos rurais. Coletivamente, essas memórias apresentam

experiências diversas que rompem a subordinação a formas degradantes de trabalho e exploração e remodelam suas trajetórias em acampamentos e assentamentos. Enfrentamento com latifúndio, desagregação familiar e migração, luto, sofrimento e resistência perpassam a vida desses idosos que lutam por melhores condições de vida. A terra foi revisitada na memória dos mais velhos, que viam o assentamento como um meio de mudança social em suas vidas.

A transposição do espaço em lugar, em sua dimensão afetiva, foi um dos suportes encontrados para que os(as) recordadores(as) conseguissem se lembrar de acontecimentos marcantes de suas vidas, dos lugares onde nasceram, por onde passaram até a chegada na terra. Portanto, o lugar é um elemento importante na construção das narrativas, tendo em vista que a memória remete a vários lugares. Em nosso trabalho, o sítio é um elemento que demonstra esse apego e afetividade dos idosos ao lugar em que vivem.

Os lugares, os objetos e os velhos são entendidos como apoios de evocação e reconstrução de memórias, pois, a partir deles os sujeitos conseguem compartilhar suas histórias individuais e coletivas. Por meio da intersecção memória e velhice, propomos desenvolver um estudo sobre memórias de velhos no contexto rural.

As trajetórias de vida reconstruídas a partir da memória mostram que é possível superar visões reducionistas de envelhecimento, explicitando os idosos como sujeitos independentes e com perspectivas de futuro. Constatamos também que, apesar das leituras essencialistas que definem os idosos como pessoas teimosas, solitárias e frágeis, os(as) recordadores(as) reforçam a tese de que não existe uma velhice universal que homogeneíze as pessoas de acordo com a idade. Os sonhos e os projetos de futuro não envelhecem e nem morrem com a velhice.

Em campo, observamos situações de constrangimento em relação a pessoa idosa, expressas em conflitos familiares, em que os mais jovens questionam e “condenam” as relações de amor e sexo na velhice, evidenciando uma perspectiva ageista sobre essas relações. As práticas de ageismo pressupõem que corpos envelhecidos não podem ter uma vida sexual e amorosa ativa na velhice. Outra dimensão identificada em campo é de que a orientação sexual e as práticas sexuais alheias ao padrão heteronormativo é visto como um tabu entre os idosos rurais.

As memórias evidenciam como o preconceito de idade associa-se a outras formas de opressão e discriminação social, como o sexismo e a cobrança da aparência jovem em relação as mulheres velhas que são pressionadas a esconder os

sinais e as marcas da velhice; as situações de constrangimento de que os idosos solteiros e viúvos são submetidos para não se relacionar com mais ninguém durante a velhice; a pressão sobre os homens velhos em manter-se uma vida sexual ativa na velhice.

As trajetórias de idosos do campo vão na contramão dos discursos do envelhecimento ativo que colocam a responsabilidade de uma experiência bem-sucedida de envelhecimento como sendo pessoal. Entendemos que envelhecer melhor não é resultado apenas de uma escolha individual ou um estado de espírito, mas um processo que se relaciona às oportunidades ao longo da vida e as condições sociais e materiais de saúde, lazer e de trabalho menos degradantes.

Em suas falas, os(as) recordadores(as) demonstram que há uma diversidade de idosos e de velhices, reforçando a ideia de que a juventude e a velhice não são escolhas pessoais, mas como processos resultantes de contextos específicos.

Entrevistamos sujeitos que têm em comum a idade, superior aos 60 anos e, um espaço social dominante em suas vidas, o assentamento, com o objetivo em aprofundar as relações estabelecidas entre o sujeito idoso com as dimensões do espaço. Deste modo, compreender se o espaço impacta de maneira positiva ou negativa as experiências de envelhecimento no contexto rural foi uma das intenções de nossa pesquisa de campo.

Partimos da memória individual e pessoal dos sujeitos com a intenção de atingir o nível de reconstrução de memória familiar e social. Cada memória contada oralmente foi transcrita em forma de narrativa autobiográfica. Essas narrativas abordam algumas dimensões que compõem a velhice desses idosos, entre elas podemos destacar: a solidão, os desafios da vida independente; as relações familiares; a intergeracionalidade; os dilemas da sucessão e da permanência na terra e a relação campo-cidade.

Nas narrativas a terra é representada como um encontro dos(as) recordadores(as) com as suas raízes camponesas. A casa e o lote são retratados como um lugar de morada, expressando tranquilidade, sossego e segurança em relação às cidades. As relações dos sujeitos com a casa e o lote fortalecem o elo dos sujeitos com a terra e suas raízes. Outro ponto abordado nas memórias dos recordadores é a valorização do trabalho na terra, entendido como uma estratégia de reprodução socioterritorial das famílias no assentamento.

De modo geral, esta seção exterioriza memórias reconstruídas na forma de narrativa autobiográfica em que cada idoso compartilha fragmentos de suas vidas antes, durante e após a conquista na terra. As entrevistas foram realizadas nas residências e barracos dos recordadores para que eles se sentissem mais à vontade ao narrarem as suas histórias.

Ao final de cada memória, interpretamos os pontos mais marcantes da trajetória de cada recordador. Nesse balanço, destacamos a espacialidade do envelhecimento nas narrativas autobiográficas dos idosos no contexto de luta e conquista da terra no Pontal do Paranapanema. Geralmente, cada memória é reconstruída em um tempo e espaço específicos, e cada idoso pode voltar ao seu passado e reavaliar diferentes momentos de sua vida.

Os “*pontos brilhantes*” trabalhados em Silva (2004; 2006) descrevem os momentos mais importantes na trajetória de vida de cada idoso entrevistado. Essas narrativas aprofundam-se como dimensões relacionadas à representação da vida do recordador fazendo surgir assim, imagens da terra, da natureza, da casa, da família e da construção de lutas e resistência em contextos rurais.

As memórias convergem em diferentes trajetórias, mas se encontram nas dimensões da terra, do trabalho e da vida idealizada a partir da reprodução do assentamento. A terra está enraizada na memória dos mais velhos, o campo é o ponto de partida e o ponto de chegada de cada trajetória reconstruída, e a luta pela terra é o espaço de mudança social, de ruptura com a deterioração das condições de vida e de trabalho de tempos anteriores.

As narrativas mostram que o entendimento de envelhecimento vai além de uma perspectiva biológica, os entrevistados conceituam essa experiência como um fenômeno socialmente construído. Tal fenômeno incorpora inúmeras visões da velhice e estas perpassam o critério da idade. Em suas memórias, a construção do significado do idoso se baseia no princípio da diversidade, portanto, pressupõe uma heterogeneidade de velhices e de velhos com variedade de cor e raça, gênero, sexualidade e renda.

Como uma forma de preservar a identidade dos sujeitos dessa pesquisa, optou-se por nomeá-los com expressões de árvores e plantas encontradas no assentamento e marcantes em suas histórias. Em campo verificamos que muitos dos recordadores mostraram-se animados ao expor o cuidado e o carinho que tinham por essas espécies vegetais em seu cotidiano.

Palmeira marcou a entrada do entrevistado 1 na terra, foi a primeira árvore plantada pela família quando chegaram ao assentamento. **Oiti** denota o cuidado e o carinho pelas espécies vegetais no lote do entrevistado 2. **Araucária** simboliza a origem e a história familiar da terceira recordadora, que é paranaense.

A **Primavera** marcou a beleza e o carinho pelas plantas distribuídas no quintal da entrevistada 4. **Sapucaia** expressa toda a sabedoria e experiências de vida da quinta entrevistada, a mais velha do assentamento. A **Aroeira** remonta à infância e ao momento vivido em terras baianas pela sexta entrevistada. **Mandacaru** simboliza a resistência e a origem nordestina da sétima.

A importância pessoal, familiar e econômica do **Café** traduz a trajetória do entrevistado 8. A **Rosa** explicita os momentos de luta e resistência na trajetória da nona entrevistada. **Cedro** foi escolhido espontaneamente pelo 10º recordador e, segundo ele, é uma excelente árvore para a produção de móveis. O **Ipê** corresponde às lutas diárias da última entrevistada e os sonhos familiares na terra.

As árvores representam a origem da vida, o estabelecimento de famílias e o vínculo entre os idosos e suas raízes. O cair e o brotar dos galhos, das folhas e flores simbolizam o movimento desses sujeitos pelo espaço, marcado por encontros e desencontros, onde prevalecem os sonhos da vida e reprodução na terra.

Tabela 1. Perfil e origem social dos(as) recordadores(as).

Nome	Idade	Estado Civil	Origem	Escolaridade	Profissão	Cor/Raça
Palmeira Assentamento Água Sumida	74	casado	Rio do Antônio/BA	Ensino Fundamental Incompleto	Lavrador	Negro
Oiti Assentamento Água Sumida	67	casado	Dourados/MS	Ensino Fundamental Incompleto	Pecuarista	Branco
Araucária Assentamento Água Sumida	74	viúva	Diamante do Norte/PR	Ensino Fundamental Incompleto	Lavradora	Branca
Primavera Assentamento Água Sumida	67	viúva	Narandiba/SP	Ensino Fundamental Incompleto	Lavradora	Negra
Sapucaia Assentamento Água Sumida	94	viúva	Teófilo Otoni/MG	Ensino Fundamental Incompleto	Lavradora	Branca
Aroeira Assentamento Água Sumida	77	viúva	Feira de Santana/BA	Ensino Fundamental Incompleto	Lavradora	Negra
Mandacaru Assentamento Água Sumida	80	viúva	Santana do Mundaú/AL	Ensino Fundamental Incompleto	Lavradora	Branca
Café Assentamento Água Sumida	84	casado	Rio Branco/MG	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultor	Branco

Rosa Acampamento Gercina Alves	79	viúva	São João do Paraíso/MG	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultora	Negra
Cedro Acampamento Gercina Alves	82	viúvo	Anhumas/SP	Ensino Fundamental Completo	Agricultor	Branco
Ipê Acampamento Gercina Alves	67	viúva	Nossa Senhora das Dores/SE	Ensino Fundamental incompleto	Agricultor	Negra

Elaborado pelo autor (2022).

4.1 A questão agrária no Pontal do Paranapanema: análise da complexa trama de tensões e de conflitos

Em um estudo sobre os entraves e contradições em torno da posse irregular das terras do Pontal do Paranapanema, Feliciano (2009) mostra que a região foi construída sobre a estrutura de violência, desmatamento, degradação de recursos naturais e grilagem de terras. Olhando para as histórias desses conflitos, nota-se que no contexto da expansão do modo de produção capitalista, desde povos indígenas, ribeirinhos até camponeses, todos foram atingidos pela violência de grileiros, fazendeiros e jagunços. Ao reescrever a história dos conflitos fundiários da região o autor aponta que:

O uso e o domínio das terras no Pontal do Paranapanema, desde sua ocupação, sempre esteve em disputa. Em primeiro momento, no embate entre os povos indígenas e os primeiros desbravadores/grileiros; logo depois, na disputa entre pequenos e grandes posseiros e grileiros loteadores, para transformá-las em sua propriedade; depois, nas tentativas de intervenção estatal, procurando retomar suas terras e destiná-las como áreas de preservação; e mais recentemente, na disputa entre fazendeiros (ocupantes grileiros)/articulados com capital e camponeses sem terra (FELICIANO, 2019, p.7).

Do ponto de vista territorial, o Pontal do Paranapanema possui 117 projetos de assentamento, com cerca de 6.200 famílias assentadas em diversos municípios. Em geral, a região é conhecida por seu histórico de conflitos agrários e mobilização de lutas pela terra desde a década de 1980. O Pontal abrange uma área de 18.441,60 quilômetros quadrados, incluindo 32 municípios, com uma população total de 853.766 habitantes, dos quais 59.911 são da zona rural, representando 10,26% do total. Além disso, são 12.349 agricultores e 5.853 famílias (DATA LUTA, 2014). A região se destaca por sua vasta extensão territorial e pelo número e diversidade de assentamentos rurais.

Com o processo de ocupação iniciado no final do século XIX, o Pontal do Paranapanema revelou em sua história fundiária um dos casos mais famosos de grilagem do país (LEITE, 1998). Ao longo do século XX, posseiros e grileiros quase sempre lutaram pelo território do Pontal à bala. Apesar das evidentes irregularidades em torno da ocupação do território, seu desenvolvimento econômico seguiu mais ou menos a trajetória do restante do estado, principalmente na primeira metade do século passado. Como resultado desse processo, o Pontal do Paranapanema tornou-se um dos maiores problemas fundiários do Brasil devido a questões de grilagem e violações de títulos de propriedade. A ocupação territorial intensificou-se na década de 1920 devido ao impulso para a cafeicultura e à necessidade de incorporação de novas áreas (terras urbanas e rurais), além da expansão dos mercados fundiários regionais.

A pressão dos camponeses em torno das terras irregulares se manifestou na retomada das terras devolutas no Pontal do Paranapanema. As ações dos movimentos sociais em marchas, ocupações e acampamentos deram origem a políticas de assentamento regional. As décadas de 1980 e 1990, destacam-se pela participação e a importância do MST na luta pela terra e reforma agrária na região. Fernandes (1996) demonstrou como o panorama da reconhecida irregularidade e concentração fundiária impactou na territorialização do MST no espaço rural do Pontal do Paranapanema.

Ferrante e Barone (2010) mostram que os sujeitos envolvidos nas lutas pela terra na região vêm de diferentes fontes. O primeiro foi o arrendatário rural na lavoura de algodão das décadas de 1950 a 1960. Com a implantação da pecuária de corte na década de 1960, os arrendatários perderam suas terras para o gado. As décadas de 1970 e 1980 marcaram o declínio do ciclo do algodão, devido às mudanças na divisão geográfica do trabalho em escala nacional e internacional, havia muitos trabalhadores desempregados que se manifestaram no futuro, mobilizando-se pela terra. O terceiro grupo de sem-terra é composto de trabalhadores de barragens que trabalham na Usina Hidrelétrica “Sérgio Mota” em Rosana/SP.

Em sua obra os autores destacam uma das mais dramáticas ações dos sem-terra na região, manifestada entre os municípios de Rosana e Euclides da Cunha Paulista/SP durante a conquista do assentamento da Gleba XV de Novembro na década de 1980. A primeira geração de assentamentos no Pontal do Paranapanema ocorreu durante o governo de Mário Covas (1985-1988), quando o estado alistou áreas para abrigar trabalhadores rurais sem-terra na área devido a pressões e negociações sobre terras públicas.

Bergamasco e Norder (1996) mostram que, diante de um cenário de desigualdade social dominado pela fome, desemprego e baixo crescimento econômico, os assentamentos rurais representam uma importante iniciativa nacional em termos de geração de renda e emprego. Os autores reafirmam que a implementação das políticas de assentamento no Brasil trouxe novos elementos para a discussão e reavaliação dos projetos de reforma agrária e de reestruturação da estrutura fundiária brasileira. Em geral, os assentamentos rurais no Brasil são resultados de políticas de reforma agrária que são fruto de pressões e lutas de camponeses, agricultores familiares e trabalhadores migrantes sem-terra em busca do direito à terra e da redução da desigualdade social.

No entanto, a experiência dos idosos que acamparam e se estabeleceram na região confirma a visão de que a implantação de assentamentos no Brasil não decorre de políticas de desenvolvimento sociais voltadas para a melhoria das condições de vida da população rural, mas sim de um processo de luta pela terra. Em resposta a essas ações, na tentativa de acabar com a violência e os conflitos no campo, o Estado destinou áreas para abrigar famílias.

As narrativas construídas pelos idosos são condizentes com a situação de permanência na terra. Isso se deve à falta de apoio do governo, assistência técnica inexistente, falta de incentivos de capitalização e acesso a programas de crédito e questões ambientais como solos degradados e pobres que dificultam a agricultura. Em geral, as áreas normalmente utilizadas para implantação de projetos de assentamento são resultantes de um histórico de degradação do uso da terra, bem como dos recursos naturais.

Os assentamentos representam a “territorialização da luta pela terra” (FERNANDES, 1996), enquadrando-se como novos espaços sociais, em que os idosos enfrentam muitos desafios para permanecer na terra e se reproduzir socialmente com suas famílias. Isso se deve à retirada de políticas públicas, crédito e outros recursos. Neste sentido,

[...] os assentamentos significam uma nova etapa da luta: o processo pela conquista da terra. Ainda é necessário conquistar condições de vida e produção na terra: resistir na terra e lutar por um outro tipo de desenvolvimento que permeia o estabelecimento estável da agricultura camponesa (GIRARDI e FERNANDES, 2008, p. 77).

Girardi e Fernandes (2008, p. 77) reiteram que a reforma agrária é a base histórica para a solução dos problemas agrícolas do Brasil, na medida em que “uma reforma agrária completa no Brasil deve, simultaneamente, reformar a estrutura fundiária do país, possibilitar o acesso dos camponeses a terra e fornecer-lhes condições básicas de vida e produção”.

4.2 Da luta pela terra à luta na terra: analisando situações de conflitos e resistências em áreas rurais no Pontal do Paranapanema - São Paulo - Brasil.

Neste item, descrevemos o movimento de sujeitos que buscam melhorar suas perspectivas de vida a partir da reforma agrária. Para detalhar melhor essa questão levamos em consideração o processo de luta pela terra na região e a constituição dos projetos de assentamentos. Girardi e Fernandes (2008); Fernandes (2001; 2013) escrevem que no contexto brasileiro, as ocupações de terra são a principal estratégia de

luta dos trabalhadores rurais e em resposta a essas ações o Estado promove a criação de assentamentos rurais.

O Brasil apresenta atualmente um cenário caracterizado por crise, estagnação econômica e desemprego, pobreza e acentuado aumento da desigualdade. Uma das formas que os trabalhadores rurais e urbanos encontraram para superar essas assimetrias é o movimento de luta pela terra, que promove o estabelecimento de assentamentos, melhora a qualidade de vida desses sujeitos e influencia a economia local ao produzir alimentos ligados à agricultura.

Apesar do cenário instável, em que predomina o conflito e os tensionamentos, o acampamento é também um espaço de resistência, lutas e interesses em comum. As narrativas construídas pelos sujeitos evidenciam que permanecer na terra é um dos desdobramentos da luta pela terra, no qual as famílias assentadas têm que criar estratégias para se manter e se reproduzir nos lotes. Os idosos revelam a partir de suas memórias que as trajetórias de lutas e de resistências foram importantes na construção de suas identidades enquanto sem-terra.

Nós estamos no sítio até hoje por conta desse vínculo forte que temos com a terra. [...] A terra para nós é uma coisa boa, é tudo pra gente, pois, se não estivéssemos aqui estaríamos vivendo lá cidade e isso é uma coisa que eu nunca quis para minha vida. Viver na cidade não é para mim. Não dá de jeito nenhum porque na cidade o povo fica muito preso. Lá as pessoas fecham as portas, fecham tudo e se você quiser sair, fica preso. É muito ruim isso! Aqui no sítio tenho mais liberdade e posso fazer o que quero, entrar e sair a toda hora, é muito diferente. Ando para todo canto sem ninguém me prender, vejo um pé de mandioca lá na roça e depois volto para casa. É muito bom! (Sr. Palmeira - 74 anos / Assentamento Água Sumida).

Os sujeitos demonstram que o entendimento sobre a reforma agrária vai além da questão da terra, ela perpassa outras dimensões estruturais de nossa sociedade, incluindo a saúde, a educação, a distribuição de renda, alimentação e a preservação ambiental. "Lutar pela terra significa lutar pela inclusão social, pelo fim do desenraizamento imposto, pela conquista do lugar, do território para morar e viver" (SILVA, 2004, p.90). Portanto, a luta pela terra corresponde às reivindicações em torno de reconhecimento de direitos, cidadania e justiça social.

[...] a conquista da terra, do lugar para morar e viver, para ter sossego, constitui-se no projeto de vida dos pobres do campo por vários motivos: para criar os filhos longe das drogas, da violência, da criminalidade urbana; para livrar-se do pagamento do aluguel, das dificuldades financeiras, da fome, do desemprego, da dominação; e para um possível reencontro com um mundo deixado para trás, mas que permaneceu no imaginário como uma espécie de paraíso perdido (SILVA, 2004, p.92).

Luta e resistência são os elementos mais marcantes das falas dos idosos entrevistados. Além dessa dimensão política, a experiência do acampamento tem seu lado emocional e místico, visto pelos sujeitos como um ritual para a plena realização de sua vida na Terra.

No entanto, esse período de transição também tem suas adversidades, e é marcado por muitas dificuldades. A vida sob lonas pretas não é fácil, e ao longo desse trajeto, algumas pessoas acabam não resistindo, pois o incômodo gerado por condições climáticas instáveis, como mudanças de temperatura e chuva, pode gerar desconforto térmico até destruir a estrutura dos barracos. Os conflitos decorrentes da insegurança e da violência, bem como as condições frágeis relacionadas à falta de infraestrutura básica, também são responsáveis por inúmeras dificuldades na vida do acampamento.

Imagens captadas por meio de memórias de vida em acampamentos e assentamentos ajudam a explicar as motivações e trajetórias dos idosos entrevistados. Suas memórias revelam a transformação e evolução espacial do acampamento e do assentamento, bem como o envelhecimento de sistemas de objetos construídos como plantações e hortas, estruturas produtivas em lotes, configuração dos barracos e casas. O uso da memória tem a capacidade de reconstruir fatos, objetos e lugares em relação a dimensões passadas e é necessário para a compreensão das experiências dos idosos em áreas de disputa de terras.

O tempo e o espaço do acampamento ainda são preciosos na memória dos recordadores que tiveram tais experiências. Testemunhamos que alguns carregam em seus corpos memórias das dificuldades e sofrimentos da época do acampamento. A experiência nos barracos de lona é retratada como um momento difícil relacionado à vida, luta e trabalho.

Antes de vir para cá, bem antes, eu sofria muito para tocar arrendamento e era muito ruim porque ficávamos um ou dois anos naquela vida e depois tinha que desocupar aquele arrendamento e ir atrás de outra terra para gente tocar, era tudo em terra de fazenda. E hoje o que sinto é resultado de tudo que passei nessa vida, eu trabalhei demais, lavei muita roupa debaixo de água e andava o dia todo com balde em cima da cabeça no sol, então foi uma vida bem sofrida para chegar aonde eu cheguei. Eu trabalhei muito mesmo e hoje eu já não faço tanto porque não aguento, mas antes eu fazia de tudo, mexia com maquinário, trator, tirava leite e pegava tudo que era serviço. Hoje eu não quero saber de mais nada, eu não estou aguentando (D. Primavera - 67 anos / Assentamento Água Sumida).

Os primeiros momentos do assentamento revelam uma fase em que os assentados enfrentaram muitos desafios, com a permanência do local ameaçada pela falta de infraestrutura básica de habitação, falta de água e energia e problemas nas estradas. Relacionado a isso, as famílias tiveram que esperar meses pelo que era

produzido na terra. A fragilidade e a pobreza da vida na lona definem as primeiras cenas dos idosos do lote.

Foi um sentimento bom conseguir essa terrinha, mas, mesmo assim, a gente ficou um tempo acampado na beira do rio até conseguir fazer o nosso canto. No começo não tinha nada e nós entramos com a fé e a coragem para fazer as coisas. Não tinha casa e não tinha nada, o que tinha era uma capoeira do tamanho daquele mato ali, era aquele matagal alto pra gente derrubar. Nós entramos e só tinha mato e nós pagamos um facão para derrubar, também não tinha força e nem água. Nessa época nós ficamos na beira do rio, nós não entramos direto aqui não, demorou um pouco para subirmos pra cá. Nós ficamos quase 1 ano lá na baixada, lembro que nós plantamos roça lá na beira do rio, colhemos milho e feijão. Eu não sei quanto tempo demorou para construirmos essa casa, faz tanto tempo que já não me lembro mais (D. Sapucaia - 94 anos / Assentamento Água Sumida).

No assentamento, nasceu um novo modo de vida de acordo com a estratégia de reprodução territorial e resistência da terra. Entendemos que a luta pela terra não termina com a entrada no lote, mas é uma luta contínua dentro do assentamento. Com o passar do tempo, o trabalho e os sujeitos transformam os espaços sociais da luta pela terra em um “lugar” de múltiplos significados.

Ao analisar a construção de lutas pela terra na região foi possível apresentarmos algumas evidências de resistências e lutas camponesas em nosso trabalho. A sujeição aos arrendamentos da usina canavieira, a produção de alimentos para o autoconsumo e a adoção de estratégias econômicas ligadas ao trabalho familiar, no caso da pecuária leiteira e da venda de mandioca, foram algumas dessas estratégias de reprodução socioterritorial identificadas em campo.

Em suas memórias, os idosos definem a terra como um elemento de segurança e reencontro com a família e suas raízes. Por meio dela, muitos conseguiram mudar as condições desiguais na vida, rompendo com as condições de trabalho degradantes nas cidades. Portanto, o desejo de ter o próprio lugar e poder reproduzir-se nele foi uma das razões que moveram a trajetória desses sujeitos pelo espaço.

Ter sossego foi a principal razão para deixar aquela vida de arrendamento em fazenda e ir atrás do sonho de ter a terra. Não tem coisa melhor do que você está no que é seu, lembro que eu chorava toda noite para sair daquela vida e conquistar esse sitiozinho, aí Deus abençoou e nós conseguimos essa terra aqui. Só aqui eu consegui ter a minha paz e a minha tranquilidade (D. Primavera - 67 anos / Assentamento Água Sumida).

Além das questões pertinentes ao envelhecimento, nosso trabalho também busca analisar as vivências dos idosos nos acampamentos, desde o momento da chegada à terra até o processo de divisão do lote, formas de produção e resistência e estratégias de

reprodução social - desdobramentos da luta pela terra. Nesse sentido, acampamentos e assentamentos foram se modificando à medida que se lutavam pela terra, e um novo espaço social surgia na construção de barracos de lona, hortas, casas e estruturas produtivas no meio rural.

Usar a memória como estratégia de produção de dados permitiu reconstruir fragmentos da vida de idosos que lutaram e, ainda, lutam por terra e cidadania. Nas narrativas, os velhos descrevem as relações e as estratégias da luta, os bastidores da decisão de se aventurar no acampamento até chegar ao assentamento. Eles compartilharam seus anseios, dificuldades financeiras, problemas de alimentação e saúde, desconforto com a vida na lona e medos contínuos de violência e morte. Elementos materiais e simbólicos cruzam-se com memórias de um passado e futuro difíceis, em que o sentimento que prevalece é o amor à terra.

4.3 A luta pela terra no acampamento Gercina Mendes - Mirante do Paranapanema - SP

A luta pela terra no acampamento Gercina Mendes se espacializa por meio de ações do MST que ocupa a Fazenda Santa Cruz do Kurata desde 1995. De acordo com as informações produzidas em campo, a fazenda foi ocupada mais de 10 vezes pelo movimento e possui uma área equivalente a 1.400 hectares, localizada em Mirante do Paranapanema/SP.

Os idosos entrevistados relataram que o nome do acampamento homenageia a militante Gercina Mendes que coordenou por mais 10 anos as ações do movimento de luta pela terra na região e veio a falecer em função do câncer de pâncreas.

Essa ocupação está relacionada a uma demanda por terra na fazenda, organizada pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Conforme as informações obtidas em entrevista com uma liderança local, o acampamento possui atualmente 40 famílias cadastradas, totalizando 120 pessoas, com média de 8 idosos no grupo. A demanda por terra é constituída por pessoas de várias origens e trajetórias, com destaque aos grupos de Mirante do Paranapanema, Sandovalina, Presidente Prudente e agregados dos assentamentos da região. Essas terras foram identificadas como improdutivas e declaradas devolutas.

Coordenadores locais dizem que a retomada da ocupação é necessária para forçar o governo a tomar as terras devolutas e construir mais assentamentos para abrigar famílias sem-terra. As condições socioeconômicas relacionadas ao contexto da pandemia mostram como a demanda por terra aumentou no Brasil diante do desemprego,

da fome e da desigualdade nos últimos anos. Nesse sentido, a terra manifesta-se como um mecanismo de reprodução da vida e do trabalho.

Em geral, a organização espacial do acampamento é composta por lonas pretas e barracas de madeira, e lugares coletivos como a cozinha comunitária, fugindo da ordem da paisagem urbana. No local, pudemos identificar os componentes da cena do acampamento, espaços públicos e privados socializados. De modo geral, analisamos as dimensões do espaço social e do viver e envelhecer em acampamentos de sem-terra. As lembranças dos velhos sugerem que o momento foi dramático, representando a transformação da área da fazenda em um espaço social de conflito, luta e resistência. Em suas memórias os idosos relataram que a ida para o acampamento é sempre

[...] um momento dramático, carregado de sentimentos ambíguos, difusos, que envolvem muita emoção. Alguns decidem ir sós, outros em família; alguns levam todos os pertences, até mesmo a casa, enquanto outros partem somente com a roupa e as panelas. Outros levam os animais domésticos, bicicletas, automóveis velhos e até mesmo os passarinhos em gaiolas. Tudo é feito às pressas, sem planejamento, pois a ordem de partida é dada repentinamente (SILVA, 2004, p.80).

Figura 3. Disposição espacial dos barracos no acampamento.



Fonte: Trabalho de campo - maio de 2022.

Figura 4. Barraco de lona no acampamento Gercina Mendes - Mirante do Paranapanema (SP).



Fonte: Trabalho de campo - maio de 2022.

Ao acompanhar as trajetórias de camponeses em acampamentos e assentamentos, Silva (2004) define o acampamento como um espaço-tempo intermediário, como um momento de passagem que tem por objetivo visibilizar a luta pela terra dos trabalhadores.

A autora aponta que a decisão dos sujeitos que se aventuram no movimento de luta pela terra nem sempre é racional, e que há uma dimensão afetiva e inconsciente por trás dessa escolha, composta de fatores objetivos e subjetivos. As narrativas das pessoas em situação de acampamento incluem sentimento de revolta e injustiça, onde emergem memórias de pobreza passada e condições degradantes de trabalho. Restabelecer a

conexão com a terra, a segurança da vida no lote e a fuga do ambiente dominado pelo desemprego, fome e desigualdade são as razões que levam esses sujeitos a migrar pelo espaço e participar da luta pela terra.

O trabalho na terra é uma dimensão valorizada pelos idosos que idealizavam melhoria na qualidade de vida com ida para o lote, enfatizando a importância do trabalho familiar, a produção de alimentos decorrentes da agricultura e da pecuária, e refletindo sobre o papel estratégico dos assentamentos na dinamização das disparidades regionais e no movimento da economia. Os idosos acampados se orgulham da participação nas atividades relacionadas à ocupação na no acampamento.

Figura 5. Espaço de socialização e realização de atividades coletivas no acampamento.



Fonte: Trabalho de campo - maio de 2022.

Nos domingos, as famílias se reuniram na área coletiva do acampamento para traçar estratégias de luta, debater as atividades e agenda do dia e planejar os próximos passos do movimento na ocupação.

As barracas não seguem um arranjo ou plano pré-determinado, elas são posicionadas com base na ordem de chegada e distância das pessoas. Há também um espaço coletivo para reuniões e atividades no acampamento. Além de banheiros feitos de lona e madeira, o acampamento também possui uma cozinha comunitária em uma barraca de uma das famílias.

Figura 6. Utensílios e objetos pessoais no interior do barraco.



Fonte: Trabalho de campo - maio de 2022.

Cada barraco possui colchões, roupas, utensílios de cozinha, mesas, cadeiras e fogão para cozinhar. Nesta ocupação, os acampados não possuem geladeiras em suas barracas porque não há energia elétrica ou água encanada no local. No acampamento de base, próximo à fazenda, sua estrutura é melhor, fornecendo eletricidade e água para as famílias.

Figura 7. Locais de coleta da água para o consumo no acampamento.



Fonte: Trabalho de campo - maio de 2022.

Apesar das dificuldades, algumas famílias se organizaram para produzir coletivamente no acampamento. Há uma área do terreno para uso da terra onde são cultivadas várias culturas como feijão, milho, mandioca, melancia e árvores frutíferas. No caso das lutas e resistências no campo, a relação com a terra era ainda mais forte.

Figura 8. Plantação de feijão e de mandioca no acampamento.



Fonte: Trabalho de campo - maio de 2022.

Em entrevistas com idosos acampados, alguns fatores marcantes em suas trajetórias anteriores à entrada no acampamento podem ser encontrados: vínculos com o trabalho no meio rural por meio de arrendamentos, assalariamento e a diária como boia-fria. Delineamos origens sociais, trajetórias de trabalho, dimensões familiares e o cotidiano. Também verificamos algumas situações de conflito e constrangimentos

relacionados à luta pela terra, como a presença de jagunços e ações de despejos na presença da polícia.

4.4 A formação socioeconômica dos assentamentos do Pontal do Paranapanema

Os assentamentos na região do Pontal do Paranapanema são fruto da luta dos trabalhadores por meio dos movimentos sociais pela desapropriação de grandes latifúndios. Nacionalmente, a partir de 1980, o processo de expropriação pela reforma agrária foi alimentado pela redemocratização e pela estagnação econômica do mesmo período.

O processo de desapropriação de terras e instalação de assentamentos de reforma agrária na região do Pontal se estende para além dos anos 2000 em meio a conflitos, resistências e progressos. Nesse caso, o primeiro dos atuais 21 assentamentos rurais em Teodoro Sampaio surgiu em 1988, denominada Água Sumida, composta por 121 famílias (SILVA, 2003); (SILVA e FELICIANO, 2011).

O município de Teodoro Sampaio faz parte da Região Administrativa de Presidente Prudente. Se localiza, conforme já mencionado, na região conhecida como Pontal do Paranapanema, no extremo sudoeste do Estado de São Paulo. Com relação à ocupação de terra no município, segundo Leal (2003), as primeiras ocupações no município ocorreram em 1970 na Gleba Ribeirão Bonito e desde então o local abriga assentamentos geridos tanto pelo Incra quanto pelo Itesp. Em relação à economia, o município tem o setor terciário como principal atividade econômica, seguido pelo setor secundário. A relevância do setor terciário para a economia do município tem suas origens na construção da usina hidrelétrica Taquaruçu nos anos 70, o que atraiu grande contingente de trabalhadores que se tornaram relevante parcela de consumidores no comércio local (VALENCIANO, 2001).

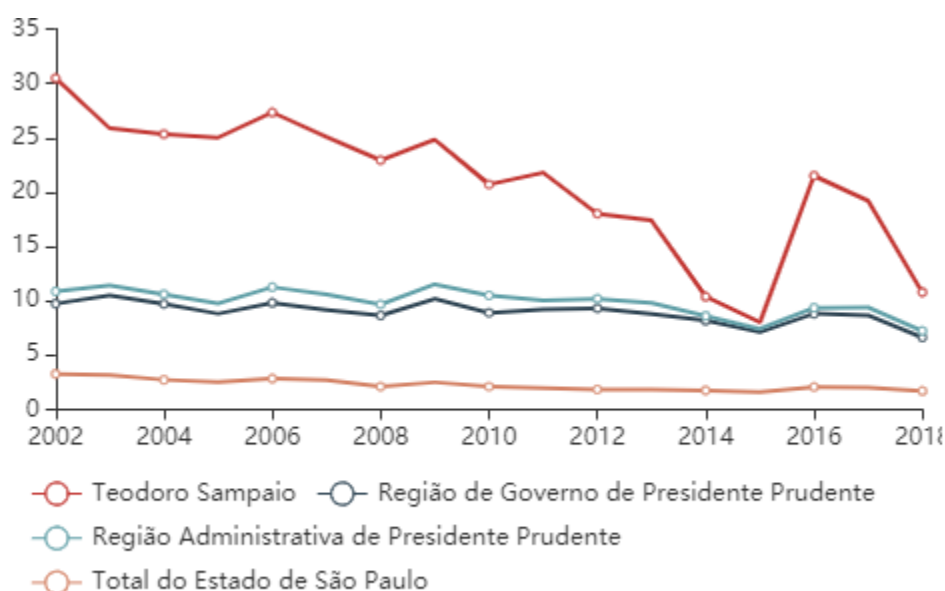
Além do histórico de construção de usinas hidrelétricas, outras instalações de grande porte, como a Destilaria de Alcool Alcídia S/A, modificam não somente a economia do município como também a paisagem. Estas construções modificaram brutalmente a paisagem seja com as barragens no caso das hidrelétricas, seja com o predomínio do monocultivo da cana-de-açúcar em locais onde antes eram cobertos por florestas (LEAL, 2003); (PIRES, 2003). Atualmente o município também conta com a presença do Laticínio de Quatá, que pasteuriza o leite in natura e produz alguns derivados de leite.

O setor industrial, entretanto, contribui pouco para a economia do município, se comparada sua importância no restante do Estado, condição característica da maior

parte dos municípios localizados no Pontal do Paranapanema⁵, incentivada sobretudo pelo processo de “agropecuarização” que esta região sofreu ao longo dos tempos por conta da dificuldade de se estabelecer uma agricultura diversificada (CUNHA, 1992).

Com relação à potencialidade do setor agropecuário para a economia do município, podemos apontar que se caracteriza como oscilante, de acordo com cenários políticos e econômicos mais favoráveis ou não. Contudo, esta participação permanece muito acima quando comparada com o restante do estado, conforme podemos observar no Gráfico 4.

Gráfico 4. Participação da Agropecuária no Total do Valor Adicionado (Em %) – 2002 - 2018.



Fonte: Seade – Perfil dos municípios paulistas. 2021

No gráfico acima, podemos visualizar a importância do setor primário com relação ao total do valor adicionado da agregação geográfica. Valor adicionado do setor agropecuário é o valor que a atividade agropecuária agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo. A queda abrupta no ano de 2015 acompanhou um cenário nacional de retração da economia, dominado por números negativos na

⁵ A criação de animais para a produção de leite como principal alternativa frente as dificuldades da produção agrícola na região, tornou o Pontal do Paranapanema conhecido como “Grande Bacia Leiteira”. A criação de gado se torna uma “poupança de quatro patas” na medida que possibilita uma versatilidade na origem da renda dos assentados. A produção de leite, entretanto, também enfrenta dificuldades, ocasionando episódios de ganhos inferiores ao mercado e impulsionando muitas vezes criação de cooperativas com a finalidade exclusiva de fortalecer os produtores leiteiros e os tornarem competitivos no mercado. Ver em: Mazzini, E. D. J. T., Martin, E. S., & Fernandes, B. M. Assentamentos Rurais no Pontal do Paranapanema-SP: Uma política de desenvolvimento regional. *Formação (Online)*, 1(14), 2007; Silva, M. E. S., Barone, L. A., & Izidoro, L. T. A Produção Leiteira em Assentamentos de Reforma Agrária: Renda, Organização e Resistência. *Retratos de Assentamentos*, 14(1), 265-282, 2011.

grande maioria dos indicadores econômicos. O aumento do índice do ano seguinte acompanha não somente a retomada da economia⁶ em cenário nacional, como também investimentos públicos no setor e a retomada do decréscimo nos últimos cinco anos pode ser atribuída a cortes orçamentários dos principais programas voltados à agricultura familiar, como o PAA e o PNAE. De modo geral, a importância da agropecuária no município é resultado do impacto dos assentamentos rurais na economia municipal, que dinamizam também, conforme já citado, o setor de serviços.

Em seu estudo sobre o impacto dos assentamentos rurais na economia do Pontal do Paranapanema, Silva (2003) faz uma análise específica da contribuição dos assentados na economia municipal de Teodoro Sampaio (SP). Este tipo de análise se faz importante, quando consideramos que o município abriga, segundo Carmo e Brússolo (2015), 875 famílias assentadas que representam cerca de 86% da população rural e, portanto, compõem uma parcela significativa da população residente no município e deste modo, são expressivos na dinâmica econômica municipal, conforme aponta Pires (2003):

No município de Teodoro Sampaio, o fato de os assentados representarem 17% da população residente com uma renda em torno de 1,8 salário-mínimo significa que as ações de consumo deles tornaram-se indispensáveis para algumas atividades econômicas do município. O consumo dos assentados no município não é só de alimentos, mas também de outros bens de consumo geral: móveis; eletrodomésticos; roupas; materiais de construção; insumos e implementos/máquinas agrícolas. Com isso, seus gastos estão impulsionando o comércio local. Para o comércio e o setor de serviços, o consumo dos assentados está sendo fundamental para sua continuidade (PIRES, 2003, p.78).

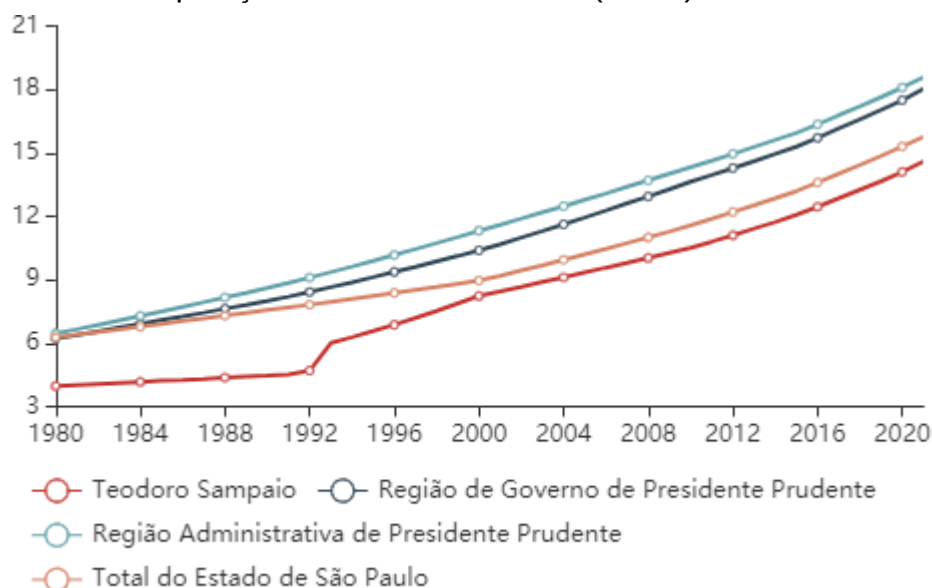
Considerando, portanto, a representatividade da população assentada dentro do total da população residente no município, lançamos mão de outras categorias de análise do território, mais próximas da temática do presente trabalho. Embora a população do assentamento Água Sumida represente uma parcela ainda menor do total da população teodorenses, partimos da premissa de que contextualizar a situação demográfica da população do município pode ser extremamente enriquecedor para analisarmos a distribuição etária (e questões correlatas) do assentamento, embora os dados deste sejam mais escassos e de difícil acesso como veremos mais adiante.

Com relação à população com mais de 60 anos ou mais em Teodoro Sampaio temos um cenário de crescimento contínuo que acompanha o cenário estadual. Entretanto, chama atenção que a proporção da população de 60 anos e mais em relação

⁶ Ver em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/12/economia-em-2015-o-ano-em-que-o-brasil-andou-para-tras.html>. Acesso em abril de 2021

ao total da população do município, seja menos expressiva que a proporção encontrada em Presidente Prudente e quando comparada com a proporção do Estado de São Paulo, conforme mostra o gráfico 5, a seguir:

Gráfico 5. População com 60 anos e mais (em %) entre 1980 a 2020.



Fonte: Seade – Perfil dos municípios. Acessado em abril de 2021.

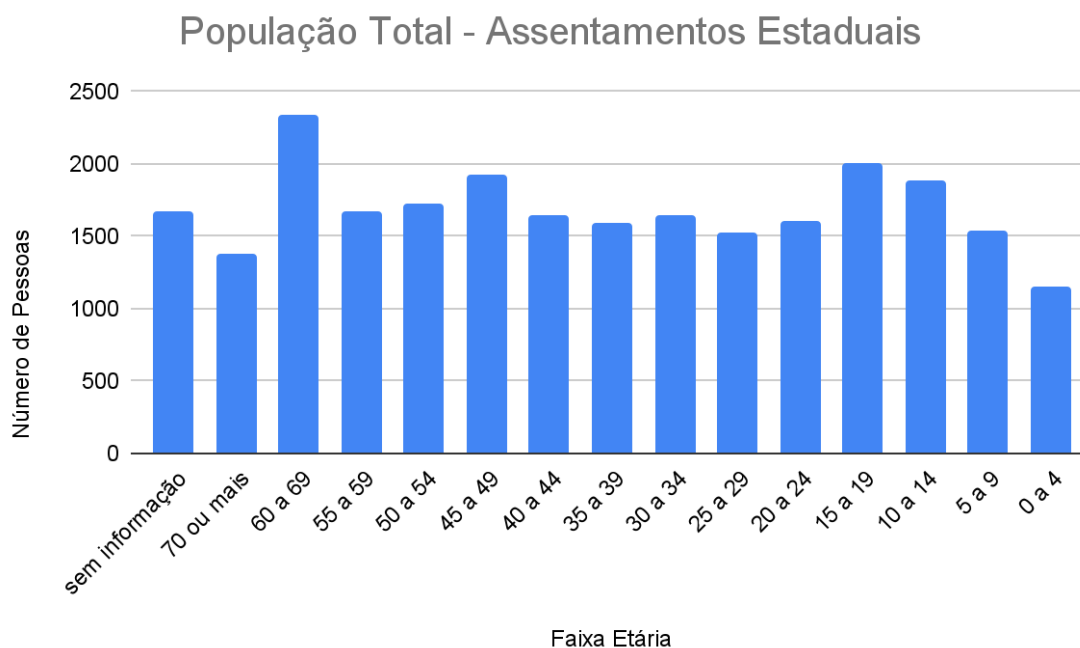
Pelo limitante de tempo e também por conta do recorte temático, não consideramos viável nos aprofundar nos fatores que compõe o cenário da distribuição etária da população do município, entretanto, é sabido que Teodoro Sampaio passou desde sua criação em 1964 por diversas dinâmicas populacionais resultantes de processos econômicos e sociais, como por exemplo a instalação de usinas hidrelétricas e da usina Alcídia além dos conflitos fundiários, já citados e também pelos fluxos migratórios que ocorreram na região do Pontal do Paranapanema devido à dificuldade de industrialização e períodos de estagnação econômica (CUNHA, 1992); (DO CARMO; BRÚSSOLO, 2015).

De acordo com a Caderneta de Campo (2013/2014), 25.272 pessoas vivem em assentamentos rurais sob controle do ITESP no estado de São Paulo, deste número, há uma maior concentração de pessoas idosas na faixa dos 60 aos 69 anos, expressando um elevado nível de envelhecimento no espaço rural, cerca de quase 10% de todo o universo empírico. Também existe uma proporção maior de adultos na faixa entre 45 a 49 anos e de crianças e adolescentes na faixa dos 10 a 14 anos.

O gráfico abaixo mostra o número e a proporção da população assentada nas áreas de reforma agrária regidas pelo Itesp. Como pode ser observado pelos dados, há uma maior concentração da população na faixa etária de 60 a 69 anos, que corresponde

aos idosos.

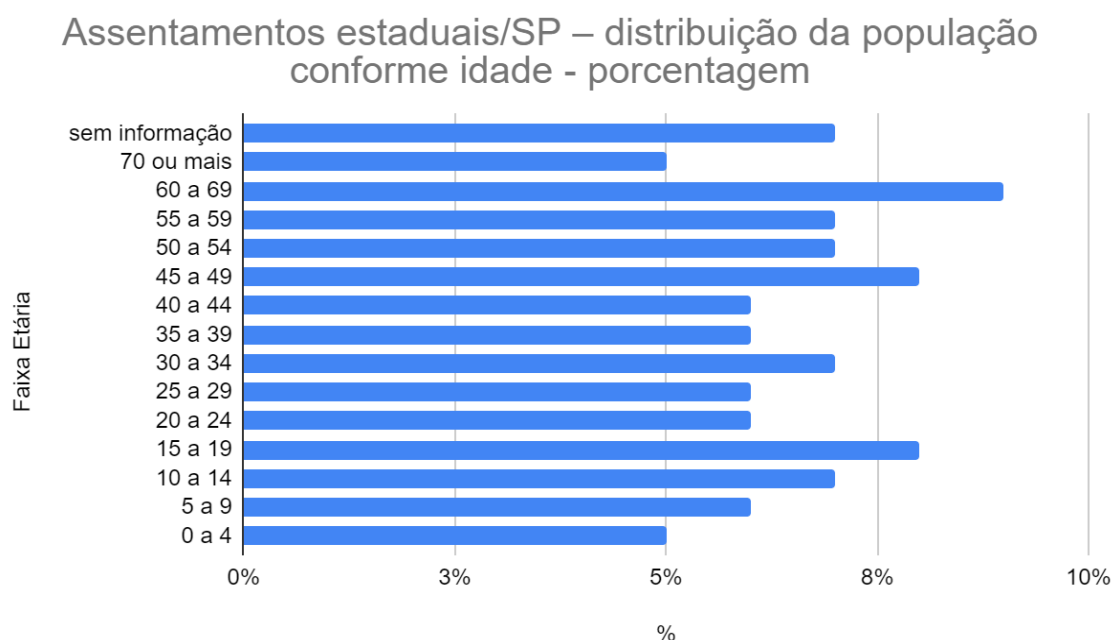
Gráfico 6. População Total - Assentamentos Estaduais.



Fonte: ITESP - Caderneta de Campo Safra 2013/2014. Elaborado pelo autor.

Proporcionalmente, verifica-se a predominância de idosos nos assentamentos paulistas, representando cerca de 10% do total da população assentada. No que se refere à propriedade dos lotes, a faixa etária entre 51 e 65 anos também domina, respondendo por quase 40% do total de proprietários (ITESP, Caderneta de Campo Safra - 2013/2014).

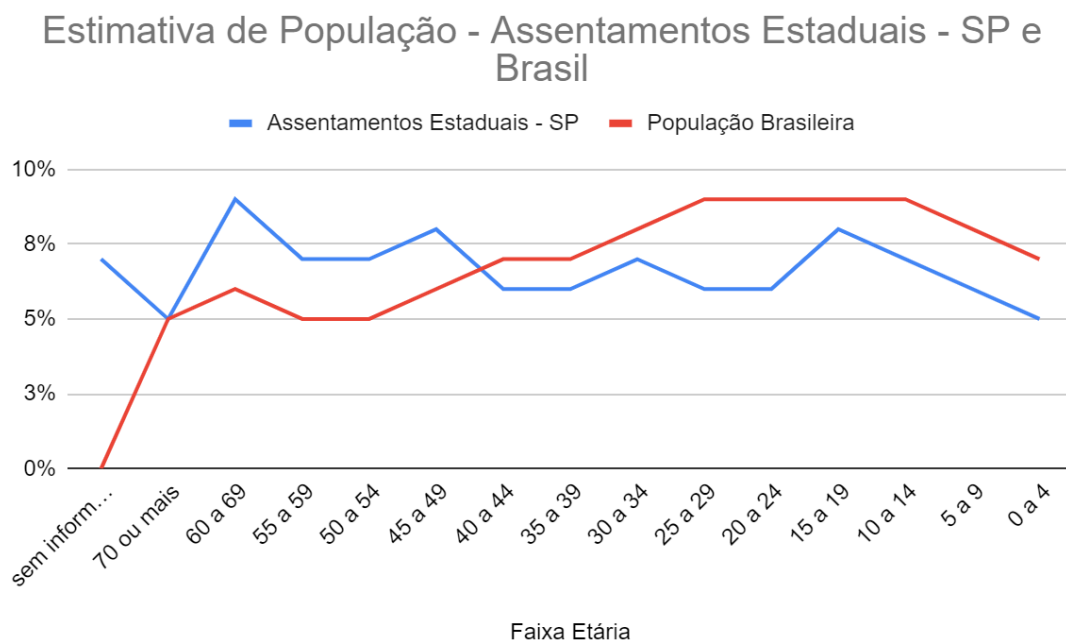
Gráfico 7. Assentamentos estaduais/SP - distribuição da população conforme idade - porcentagem.



Fonte: ITESP - Caderneta de Campo Safra 2013/2014. Elaborado pelo autor.

O gráfico abaixo compara a população estimada dos assentamentos rurais de São Paulo e da população brasileira. As linhas mostram que os assentamentos apresentam maior proporção da população acima de 45 anos, principalmente adultos e idosos. O Brasil tem a maior concentração da população em termos de proporção de crianças, adolescentes, jovens e adultos com menos de 44 anos.

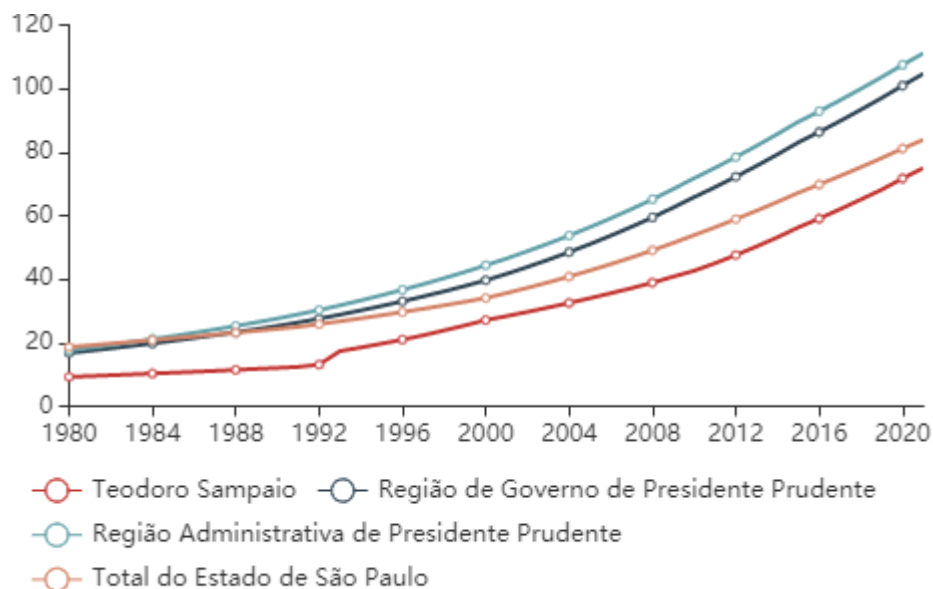
Gráfico 8. Estimativa de População - Assentamentos Estaduais - SP e Brasil.



Fonte: ITESP - Caderneta de Campo Safra 2013/2014. Elaborado pelo autor.

Acompanhando a tendência apresentada nos dados sobre a proporção da população com 60 anos e mais, o índice de envelhecimento desde 1980 em Teodoro Sampaio (SP) também acompanha o cenário estadual e regional (gráfico 9).

Gráfico 9. Índice de envelhecimento de Teodoro Sampaio (SP) (em %) entre 1980 a 2020.



Fonte: Seade – Perfil dos Municípios. Acessado em abril de 2021.

A perspectiva de estudo que nos interessa, conforme já mencionado, é observar o cenário municipal para então ter instrumentos de análise comparativa com o assentamento Água Sumida, selecionado como universo empírico para este trabalho.

4.5 A luta pela permanência na terra no Assentamento Água Sumida

O assentamento Água Sumida, constituído por 121 lotes atualmente, localiza-se no município de Teodoro Sampaio, inserido numa das regiões mais pobres do interior do Estado de São Paulo, dominada de Pontal do Paranapanema. A história de formação do assentamento é resultante do processo de luta pela terra na região, mobilizado por trabalhadores rurais e sem-terra.

Tabela 2: Situação quanto a localização municipal do assentamento.

Município	Projeto de Assentamento	Início	Domínio da Terra	Lotes	Área Total (ha)
Teodoro Sampaio	Água Sumida	02/88	Federal	121	4.210,64

Fonte: ITESP – 2021. Disponível em <http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes/assentamentos.aspx>. Acesso em 14/05/2021.

O projeto de assentamento materializou-se por meio de ocupações na antiga fazenda Água Sumida, por acampados que estavam ao longo das rodovias: trevo de Euclides da Cunha Paulista, trevo da Destilaria Alcídia e Acampamento 27 de Setembro, localizado no distrito de Planalto do Sul no município de Teodoro Sampaio (SILVA e FELICIANO, 2011).

Os autores mostram que a implantação do Água Sumida ocorreu no contexto da desapropriação de terras devolutas e griladas no município de Teodoro Sampaio, sendo implantado em área outrora ocupada por pastagem.

As constantes lutas entre os latifundiários e os trabalhadores Sem Terras, liderados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), consolidaram a desapropriação da área para fins da reforma agrária, em 27 de maio de 1986. De modo geral, o processo de luta pela terra durou cerca de três anos (1985 a 1988) sob um contexto de construção de lutas protagonizados por trabalhadores sem-terra durante as décadas de 80 e 90 na região do Pontal do Paranapanema. A terra aparece como elemento central nas trajetórias dessas famílias, descrita como uma possível mudança em sua visão de vida.

Como forma de obter informações atualizadas sobre o assentamento, realizamos uma breve entrevista com um morador do assentamento que foi o principal informante e facilitador do trabalho de campo e contato com os idosos do assentamento. Durante a conversa, ele nos contou que, atualmente, o assentamento está passando por um replanejamento de seu ambiente produtivo, tendo em vista que cerca de 26% dos posseiros alocados pelo INCRA estão alugando lotes para cultivo de mandioca, segundo ele, essas áreas estão arrendadas. para produção em ciclos de 8 a 12 meses. Atualmente, existem duas plantações de milho, uma de amendoim e outra de amoras para alimentar os bichos-da-seda. Ele nos contou que os aluguéis nessas áreas variam de 2.500 a 3.000 reais por alqueire.

Figura 9. Áreas de produção de mandioca e de hortaliças no assentamento.

Fonte: Trabalho de campo - junho de 2021.

Por ser um dos assentamentos mais antigos da região, com mais de 30 anos, ele nos disse que há uma considerável população idosa. De acordo com os relatos, existem atualmente cerca de 12 casais de idosos morando sozinhos nesta área; 08 casais de idosos moram juntos; 12 idosos viúvos ou separados moram em grupos e 06 idosos viúvos ou separados moram sozinhos. Essas informações foram produzidas em conversas com enfermeiros da equipe de saúde domiciliar que atendem famílias em assentamentos, conforme apresentado na Tabela 9.

Quadro 9. Perfil dos idosos assentados atendidos pela ESF.

Casais idosos que residem sozinhos	Casais idosos que residem com agregados	Viúvos/viúvas que residem com agregados	Viúvos/viúvas/separados que residem sozinhos(as)
12	08	12	06

Elaboração própria. Fonte: Entrevista com informante assentado – 2021.

De acordo com entrevistas com a enfermeira responsável pela equipe de saúde da família do assentamento, o posto atende atualmente 390 famílias, incluindo as do assentamento Água Sumida e pontos de apoio em Santa Terezinha da Água Sumida, Fusquinha, Santo Expedito e Santa Edwiges, e propriedades rurais do entorno. Em

relação às comorbidades dos idosos atendidos no posto, foi encontrada predominância do sexo masculino na Água Sumida, sendo 69 hipertensos e 19 diabéticos. O núcleo familiar médio é composto por 3 a 4 pessoas. Um ponto interessante relatado por informantes e enfermeira é o problema populacional dentro do assentamento, onde há poucas crianças e adolescentes em relação aos adultos e idosos.

No processo de reconstrução o lugar, os objetos e as pessoas são o suporte fundamental para o idoso lembrar de suas raízes, traçar suas origens e refletir sobre a experiência do envelhecimento rural. As memórias trazem uma sensação de nostalgia, momentos dramáticos anteriores à em acampamentos e assentamentos, assim como a descontração.

Na figura abaixo, encontramos dois exemplos de objetos que auxiliaram na reconstrução da memória em idosos. A carroça trouxe uma sensação nostálgica para Dona Araucária, lembrando os momentos que viveu com o marido. Mencionou também a produção de leite, que há muitos anos é a principal fonte de renda da família. O carrinho era o veículo que o marido usava para comercializar e entregar laticínios na área do assentamento. O segundo objeto é o forno a lenha, que traz à tona uma memória alimentar de toda comida assada em seu interior. D. Araucária recorda com satisfação as fornadas de pão assado no forno. A partir desse objeto, ela conseguiu se conectar com seu passado e relembrar a infância de sua mãe cozinhando em um fogão a lenha.

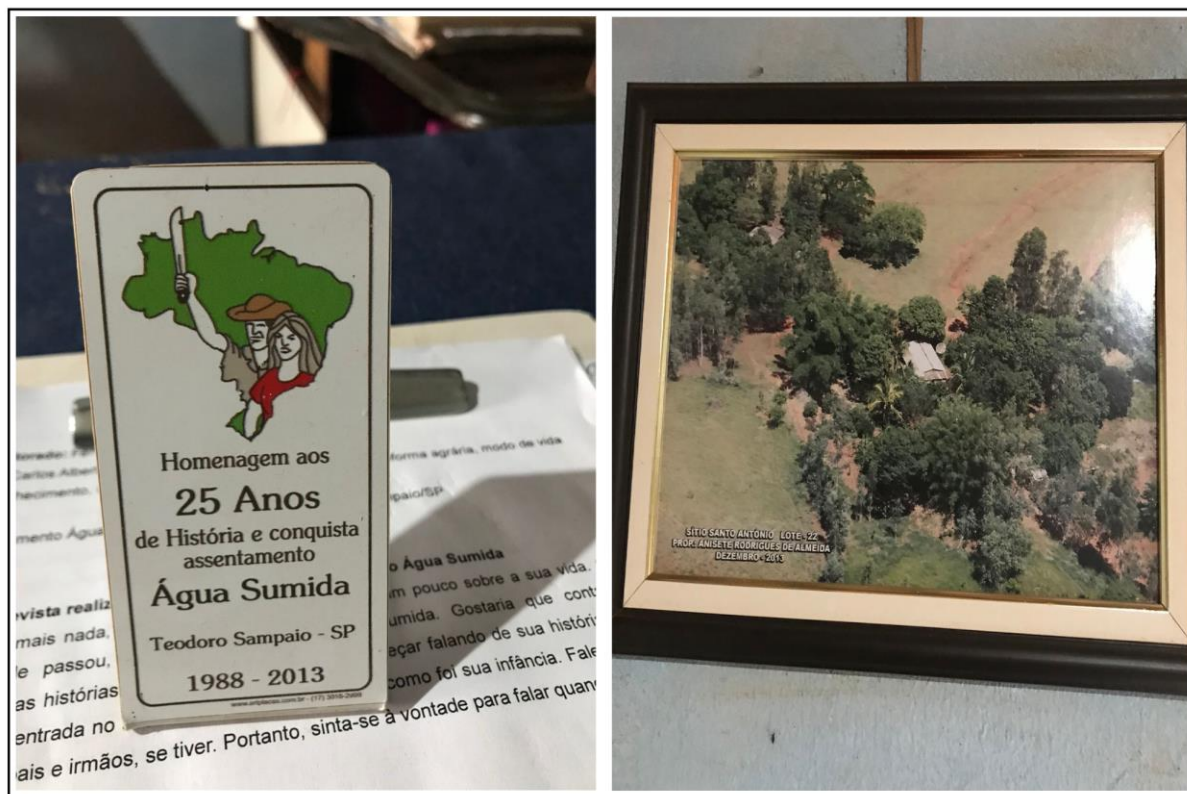
Figura 10. Carroça e forno de lenha no lote de D. Araucária.



Fonte: Trabalho de campo - junho de 2021.

No caso do Sr. Café, os objetos abaixo remontam a lembranças do período difícil que viveu em acampamento, mas também foram exibidos como um troféu da conquista da terra. O primeiro objeto refere-se à comemoração dos 25 anos de história do assentamento e o segundo ilustra a área do lote do entrevistado.

Figura 11. Objetos relacionados à luta e conquista da terra - Lote do Sr. Café.



Fonte: Trabalho de campo - abril de 2022

Um dos pontos levantados pelos idosos foi o início da construção do assentamento, na época devido à instabilidade das estradas e do transporte e a falta de infraestrutura com água e energia elétrica. Entrar em um assentamento representou uma mudança de projeto de vida. No início, porém, essas famílias vivenciavam fome, pobreza e vulnerabilidade social.

Outro ponto relatado nas narrativas é o problema econômico de projetos relacionados às atividades agrícolas, como é o caso do leite, que pode ser visto no Sr. Oiti. Os idosos também descreveram as origens das relações comunitárias, associações e cooperativas por meio do fazer-se do assentamento.

Figura 12. Área de produção leiteira nos lotes de Sr. Oiti e D. Primavera.



Fonte: Trabalho de campo - junho de 2021.

Os dados produzidos em campo mostram que atualmente as principais fontes de renda no assentamento são decorrentes da pecuária leiteira, da força de trabalho nas usinas de cana de açúcar, do sistema de arrendamento da mandioca e do amendoim e da aposentadoria entre os idosos. As estratégias adotadas pelos idosos demonstram as dificuldades em permanecer na terra. Conforme visto em Silva (2004), no assentamento Água Sumida, o trabalho familiar e o sistema de parcerias externas são responsáveis pela renda e manutenção das famílias no assentamento.

No campo, percebemos um contraste entre o espaço do assentamento e o entorno, dominado pela monocultura da cana-de-açúcar. Concordamos com a autora, em que as marcas do trabalho familiar mudaram o espaço e a paisagem, antes dominada pelo agronegócio, em sítios, transformando o lugar. Em geral, a terra é compreendida pelos assentados como dimensão do trabalho e reprodução econômica e de vida.

No próximo item apresentamos os idosos a partir de suas memórias autobiográficas. Por meio delas eles contam suas frustrações e expectativas nos projetos de vida, narram de onde partiram e como chegaram no acampamento e no assentamento. Fome, frio, violência, rupturas, resistências e realizações marcam esses momentos. As árvores da memória: vida, morte e vida foi a metáfora que encontramos para explicar a trajetória desses sujeitos que romperam com o rural no passado e se reencontraram na terra através da reprodução da vida e do trabalho no assentamento.

4.6 As árvores da memória: vida, morte e vida. As raízes como rupturas e reencontros na terra

Memórias do Sr. Palmeira - 74 anos

Eu nasci na Bahia e vim pra cá com seis anos de idade. Na época, eu vim junto com a minha família: meu pai, minha mãe e meus irmãos. Nós somos cinco irmãos, todos vieram juntos da Bahia, são quatro homens e uma mulher. O primeiro lugar de São Paulo que chegamos foi em Venceslau, depois nos mudamos para Marabá/SP e nós nos criamos lá e ficamos por lá tocando roça e depois surgiu a oportunidade dos assentamentos e estamos aqui até hoje.

Bom rapaz! Eu fiquei um tempo acampado lá no trevo de Euclides/SP, fiquei dois anos lá acampado debaixo de uma lona. Uma hora dessa, quando o sol esquentava não tinha como ficar debaixo da lona, era muito quente e de noite quando você entrava no barraco a lona estava gelada. Fiquei nessa vida de acampado por dois anos e depois de dois anos eu fiquei morando no meu irmão, lá na Gleba XV, tocando roça e depois eu vim pra cá e me mudei para o meu lote no Água Sumida em 1990.

Eu fiquei acampado em 82, em 1982 por aí em diante. Eu tenho até um papel do sindicato que eles entregaram pra gente na época. Só em 1988 começamos a nossa vinda pra cá e nós mudamos de vez para o lote. Quando nós estávamos acampados lá na Gleba foi que surgiu esse acampamento aqui e na época eles foram passando nos acampamentos para tentar trazer as turmas pra cá. Lembro que tinha muitos lotes aqui e lá pros lados da Gleba XV, mas preferi vir pra cá, pra Água Sumida.

Nosso começo aqui foi bem complicado, foi sofrimento demais rapaz. Mudou bastante coisas desde que pisamos pela primeira vez aqui. Quando nós chegamos aqui era uma “quiçaça”, era só mato. Quando cheguei aqui ficamos morando lá no meio do mato, que nem bicho, perto de um córrego cercado por mato, lá embaixo⁷. Aí, foram desmatando um pedacinho e nós fomos entrando e tocando de rocinha e rocinha e quando eles garimpavam tudo foi quando nós nos mudamos aqui pra riba. Depois, fizemos essa casinha com quatro cômodos e viemos pra cá e com o passar do tempo fomos aumentando e devagarzinho e fomos crescendo.

No começo não tinha água e energia. Não tinha nada! A água estava só lá embaixo no córrego. Foi um tempo bem difícil, a gente pelejava e passava por sufoco. Entramos aqui sem estrutura e apoio do governo e tivemos que lutar e batalhar pra

⁷

O recordador aponta na direção do córrego e da primeira morada no assentamento.

conseguir alguma coisa. Lembro que tinha um senhor que morava ali, um policial aposentado, ele sempre passava por aqui em uma estrada ali para baixo, porque não tinha essa estrada aqui ainda. Ele passou por mim e perguntou: - “*O senhor veio de onde*”? E eu respondi que tinha vindo lá de Euclides, da Gleba XV. Aí, ele falou: “*Só ficava ali quem tivesse dinheiro, quem não tem nem adianta vir pra cá porque vai morrer de fome*”. Só sei que no final nós ficamos e estamos aqui até hoje, já ele vendeu o lote e foi embora, graças a Deus estou aqui. Não morri de fome, não. (aos risos relembra o recordador). Pretendo ficar aqui por um bom tempo ainda.

Nossa vida no assentamento foi melhorando com o andar dos anos e hoje levamos outra vida, temos tudo isso hoje porque lutamos demais, não foi fácil, mas valeu a pena. Aqui, mora eu e minha esposa e tem os meninos, mas eles só vem aqui nos fins de semana. Todo fim de semana eles estão aqui. Eles trabalham né! O problema é que quem mora no lote não tem renda suficiente para sustentar os filhos e por isso, eles têm que sair para trabalhar fora. Os meus trabalham a semana toda e quando dá sexta-feira de tarde eles chegam aqui pra passar o final de semana com a gente e na segunda-feira voltam para o serviço de novo.

Nós temos quatro filhos, dois são professores e duas trabalham na creche. Antigamente, quando nós viemos pra cá foi falado assim: - “*Que os filhos dos assentados é para trabalhar e morar no assentamento*”. Eu tenho quatro filhos, nesse caso eles nem podiam trabalhar fora, teriam que viver aqui no assentamento e não sair pelo mundo para trabalhar, pois teriam que ficar aqui e trabalhar no lote. Mas, ainda o governo não colocou essa liberdade ainda de obrigar as pessoas a ficar nos lugares. Por isso, eles acabam tendo que ir para fora, um exemplo disso é o meu menino, ele mora aqui, mas, vai dar aula lá na Santa Sé, todos os dias vai e volta, vai e volta. É longe porque a escola fica em outro assentamento, tem que pegar a estrada que vai no rumo da usina, depois entrar e descer⁸, bem longe rapaz.

Bom, eu acho que a vontade e o sonho em ter um pedacinho de terra foram os principais motivos que me levaram para o acampamento. Naquela época tinha os companheiros e eles chegaram chamando o povo todo para participar dessa luta. Nisso, pegamos a lona e fizemos os barracos na estrada e fomos em busca de lutar por nossos direitos e receber a terra, aí nós fomos atrás disso e graças a Deus deu certo e estamos aqui até hoje. Com a graça de Deus e muita luta eu consegui esse lote aqui e estou por aqui com a mulher e a minha família.

⁸ Neste momento, o recordador gesticula mostrando o trajeto que um dos filhos percorre até chegar ao trabalho.

Ah, eu me lembro que naquele tempo tudo era sofrido, principalmente quando ficamos no acampamento, era muito sofrimento. Quando nós estávamos do lado de lá, nós saímos num caminhão de Euclides e vinha colher algodão aqui em Itaguajé. Lembro que naquele tempo o povo andava montado num caminhão cheio de tábuas para poder trabalhar, hoje em dia mudou bastante, tem ônibus e, com certeza, deve ser mais confortável que os daquela época.

Era uma luta, penamos bastante para trabalhar, lembro que nós saímos quatro horas da manhã para colher algodão e só voltava pra casa às quatro ou cinco horas da tarde e, chegando em Euclides ainda tinha que fazer as coisas de casa, buscar água na cabeça numa lata lá embaixo, fazer comida e no outro dia ir para o serviço de novo. Era essa a nossa vida e mesmo assim não podíamos desanimar. É rapaz, lá no acampamento era sofrido, tinha muitas famílias, bastante famílias. Quase esse povo todo que está aqui dentro estava acampado com a gente na época. Vixe Maria, o acampamento era sofrido demais.

Antes de vir morar no assentamento eu trabalhei em muitas coisas nessa vida, desde menino sempre trabalhei na roça ou em fazenda e foi nessa época que me aconselharam a largar essa vida e vir acampar para tentar ganhar um lote de terra. Trabalhava bastante para os outros e no fim não tinha nada pra gente, trabalhava muito e não ganhava nada. A verdade é que o patrão só quer a gente quando tá são, pois quando a gente adoece ele não quer saber de mais nada e manda embora. Simplesmente descarta a gente já que não tá dando renda pra eles. Eu trabalhei muito em fazenda, trabalhei bastante tocando arrendamento para os outros e a melhor decisão que tive foi sair dessa vida.

Quando eu entrei nesse movimento de acampar na beira da estrada eu já era casado e tinha os 4 filhos e o bacana de tudo isso foi que recebi o apoio da minha esposa para acampar, ela nunca me abandonou, sempre pensamos no melhor para nós todos e hoje estamos aqui no assentamento. Foi um tempo de muita luta, foi, mas acredito que valeu a pena.

Naquele tempo recebemos apoio do Sindicato e eles ajudavam as famílias e sempre dava um pouquinho de comida para as pessoas que estavam acampadas, não era muito não, era pouco, mas, ainda assim, eles davam uma assistência pra gente. O Sindicato é o único que lembro, o único que ajudava o povo naquele sofrimento.

Nossa! Lembro que foi muito difícil a nossa chegada aqui no assentamento, pois não tínhamos nada e tivemos que começar do zero de novo. Não tinha água, energia e

muito menos comida. Quando nos mudamos pra cá fizemos um barraco lá embaixo⁹, era um barraco feito de lona. Assim que chegamos fomos nos ajeitamos, colocamos uns colchões no chão, mas para nossa sorte São Pedro mandou uma chuva naquela noite que molhou tudo que tinha dentro do barraco. Enfrentamos isso no primeiro dia aqui no assentamento. Na hora do desespero, saímos levantando tudo que dava e por uma benção divina nós tínhamos um vizinho que morava no lote aqui perto e fomos nos abrigar lá. Ele ainda falou que estava molhando lá também. Não é fácil, não. Nunca vou me esquecer do tanto de água que caiu naquele dia, veio e molhou tudo, levou todas as nossas coisas com essa chuva.¹⁰

Como falei pra você, o começo aqui foi complicado, não tinha estrutura pra nada. Quando chegamos a primeira coisa que fizemos foi tentar produzir alguma coisa, plantamos uns pés de mamona e milho, porque no começo deu bastante lavoura aqui, as terras eram novas e também foram mexidas e tudo isso ajudava as plantações. Plantamos bastante mamona e até vendíamos pra fora, foi uma época boa para plantar. Mas, agora acabou tudo isso, acabou a mamona, acabou o algodão e não tem mais nada.

As coisas eram tão difíceis naquela época que tínhamos que trabalhar arrancando braquiária pra poder comer, trabalhava a semana toda pra no sábado fazer alguma comprinha para comer. Sei que foi um tempo muito difícil pra nós, sofremos demais.

Aqui no sítio nós sempre plantamos de tudo que você pode imaginar, plantamos mandioca, que foi uma época boa para gente conseguir alguma renda, pensa num tempo bom para produzir. Se eu te mostrar o tanto de notas que tenho ali guardado você ficaria impressionado com o tanto que a gente produzia no começo.¹¹ Olha, tenho nota de vários lugares que eu vendia, nota de Bataguassu/MS, nota de Prudente/SP, nota de Venceslau/SP, de vários lugares aqui da região. Olha, aqui, para você ver que não estou mentindo, nós vendíamos bastante naquela época.

Pelo que lembro, nós plantamos mandioca até 1994, 95 por aí, por um bom tempo. Olha para isso aqui, isso é tudo nota da produção de mandioca, ajudou bastante muita gente aqui do assentamento a sobreviver. Hoje em dia não compensa muito não, pois nós não temos o domínio da produção, está tudo nas mãos dos grandes. Eles têm a estrutura, tem o maquinário, tem o técnico, tem o trator pra plantar, tem a plantadeira e

⁹ Nesse momento o recordador aponta na direção mais baixa do lote, onde foi construída a primeira moradia para a família no assentamento.

¹⁰ O recordador finaliza essa história dando bastante risada e lembra como o início da vida no assentamento foi muito difícil.

¹¹ Neste momento, a esposa do recordador traz uma bolsa e uma pasta com os talões de nota da venda da mandioca no lote. Durante a entrevista os recordadores apresentam as notas para observarmos.

tem tudo, tem quem planta e colhe, já a gente não tem nada disso e acaba perdendo para eles. Infelizmente não temos condições de competir de igual pra igual, mas se tivéssemos algum apoio do governo, com certeza aqui seria um lugar forte na produção de mandioca e de outras plantações, porque a terra nós temos de sobra. Sabe qual é o maior problema disso? É a falta de apoio, a gente não tem mais o apoio de ninguém para tocar essa terra. Quando plantamos mandioca aqui nós arrancamos tudo na mão, aí colocava o caminhão no meio da roça e carregava tudo no balainho e depois lotava o caminhão e assim ele ia embora. Hoje já é tudo diferente, agora eles arrancam a mandioca e já tem um trator preparado para colher, depois colocam num caminhão e vão embora, é uma coisa muito mais moderna. É uma grande facilidade pois eles lotam o caminhão deles e vão embora, como nós não temos nada disso, ficamos em desvantagem perto deles. Por isso, que vai indo e acaba não indo para frente.

Depois da mandioca nós também plantamos bastante algodão e quando colhemos foi até que bom, deu para tirar alguma coisinha para sobreviver. Mas, agora tá ficando difícil para o pobre mexer com isso, pois, os mais novos estão se casando e indo embora e os velhos que ficam já não estão aguentando fazer mais nada por conta da idade, é uma situação complicada para nós que vivemos na roça. Teve uma época que mexemos com o gado, mas também não deu muito certo e aí parei de vez.

Para sobreviver no lote nós tivemos que ir atrás de alguns programas para ajudar na produção, como o Pronaf que antigamente nos davam mais opções, mas agora parou tudo, não tem mais nada. São tempos difíceis para o povo do sítio hoje, não tem mais opções de programas que ajudam a gente a crescer. Uma outra coisa que percebi foi a diferença da política deste governo para os anteriores, o Lula foi muito bom para gente, muito bom mesmo. O Lula precisa voltar de novo para os assentados, ele foi muito bom para os assentados! Fez muitas coisas para nós. Agora esses outros que entram aí nem lembra dos coitados mais não, nem lembram da nossa existência e ficamos no esquecimento para eles.

O nosso começo aqui no assentamento foi o tempo mais difícil de todos, nós tivemos que nos virar sem nada. Não tinha nem crédito naquela época. Quando chegamos aqui tinha um pessoal que já estavam acampados na baixada do assentamento e quando saíram, deixaram umas mamonas, e o que a gente fazia para sobreviver? Eu e a minha filha íamos até lá e quebramos aquelas mamonas para vender. Lembro até hoje que íamos lá no Planalto vender as mamonas para poder comprar as coisinhas para a gente comer. Foi bem difícil, foi muito sofrido para nós, principalmente para as crianças que eram pequenas e estavam passando por tudo isso. Aqui não tinha

nada quando entramos, tivemos que arregaçar as mangas com o pouco que tinha e ir para frente. Ficamos mais de um ano nessa luta, para conseguir plantar e produzir, foi muito difícil. (D. Jambo – Esposa¹²).

Uma situação diferente é quando o cara vem para cá com um pouquinho mais de recursos, pois leva essa vida de uma forma mais fácil, mas para quem não tem nada tudo é muito difícil. É uma peleja.

Graças a Deus quando pegamos o lote foi tudo de bom para nós, não tivemos nenhum conflito forte entre os assentados aqui na Água Sumida. Eu só me recordo de conflitos quando estávamos acampados na beira da estrada no asfalto. A gente se preparava para entrar na fazenda, corria todo mundo de madrugada e entrava lá para ocupar. Nisso, quando nós fazíamos os barracos é que dava os problemas com os caras da fazenda, os fazendeiros brigavam com a gente, depois ligavam para a polícia para colocar a gente pra fora de lá.

Era uma doideira rapaz, eu participei bastante disso! Participei de muitas ocupações nessas fazendas, umas boas eu participei e outras eu caía fora. Naquela época o povo falava de algumas fazendas que tinham muitos jagunços que se o povo entrasse, eles matavam. Aí, não tinha jeito, dessa eu fugia e saía, pois tinha amor pela minha vida. Era muito perigoso, teve algumas que até me arrisquei, mas em outras eu nem aparecia. Toda vez que a gente entrava nas fazendas ficávamos um ou dois dias e eles já chamavam a polícia para nos tirar de lá. Por mais que eles nos tirassem nós entendíamos que aquilo era uma forma de luta que tínhamos para pressionar a desapropriação da fazenda e assim, conseguir a nossa terra.

A terra para nós é uma coisa boa, é tudo pra gente, pois, se não estivéssemos aqui, estaríamos vivendo lá na cidade e é uma coisa que nunca quis para minha vida. Viver na cidade não é para mim. Não dá de jeito nenhum porque na cidade o povo fica muito preso. Lá as pessoas fecham as portas, fecham o portão e fecham tudo, se você quiser sair, fica preso. É muito ruim isso. Aqui no sítio tenho mais liberdade, posso fazer o que quero, entrar e sair toda hora, é muito diferente. Ando para todo canto sem ninguém me prender, vejo um pé de mandioca lá na roça e depois volto para casa, é muito bom. Se não tivesse isso aqui, nem sei como seria minha vida. O assentamento é muito bom, a única coisa que falta é ter ajuda, mas de resto é muito bom, pelo menos penso dessa forma, porque aqui o cara tá sossegado né! Tá no sítio, tá sossegado. Eu prefiro a vida aqui no campo do que na cidade, é mil vezes melhor viver aqui do que viver na cidade. Deus me livre ter que ir para lá e ficar preso (*risos*). Aqui, nós temos essa sensação de

¹² A esposa do recordador é identificada em nosso trabalho como Dona Jambo.

liberdade, podemos ter os animais e as plantações perto da gente, se quiser ir ver os porcos e as galinhas é só atravessar o sítio que você encontra, já na cidade seria tudo diferente, quase não tem árvores, muito menos animais.

Viver aqui no assentamento é muito bom, eu só enxergo pontos positivos na vida no sítio. Igual, nós moramos aqui e outro ali, temos uma boa relação com todos, os nossos vizinhos são pessoas boas no qual podemos confiar, pois, sabemos que são gente boa e aqui não tem gente ruim. Já na cidade você anda praticamente em cima do outro sem se cumprimentar, sem contar que lá é me parece ser bem mais violento e inseguro do que aqui no assentamento.

Os prefeitos que tivemos sempre ajudaram como podem e às vezes alguns aparecem com uns projetos para gente conhecer. O lado bom foi que eles fizeram umas estradas para entrar e sair do assentamento e graças a Deus temos essas estradas. A maioria deles foram bons para a gente aqui do assentamento, construiu aquele posto de saúde ali para nos atender. Tem a escola também, tem tudo. Desde o começo eles nos ajudaram e, pelo menos, tentam fazer o que podem. No começo era muito sofrido sem estradas, a minha filha ia e voltava a pé da escola todos os dias. Era bem difícil, pois tínhamos que caminhar bastante a pé e na terra, agora tá uma beleza, todo mundo têm carro. Lembro que quando chegamos aqui era difícil encontrar alguém que tivesse carro, hoje o povo tá numa vida menos sofrida que antes.

Já a nossa relação com o INCRA foi boa por um tempo, porque de primeiro nós tínhamos assistência deles com as plantações, com a terra e com os animais, mas, com o caminhar do tempo isso foi diminuindo e hoje nem existe mais. Também tinha o ITESP que ajudava gente, mas com essa pandemia as visitas pararam, não tem mais nada. Agora, o INCRA apareceu com a história da venda do título da terra e ouvi dizer que eles estão visitando os lotes para ver a situação. Ano que vem é ano político e nós não sabemos se eles passaram aqui por conta disso também, vamos ver se isso sai né. Na eleição passada eles fizeram a mesma coisa, só que não deu em nada.

Opa, já sim. Sempre participei dessas coisas de associação e foi bem no começo ainda quando o povo era tudo besta. O governo deu uns tratores para gente, mas tínhamos que nos associar para dar certo. Lembro que tinha umas 40 a 50 pessoas na época para poder trazer esses tratores para o assentamento. Mas, no fim acabou não dando certo porque alguns quiseram virar donos deles e só deixarem em seus lotes, teve época que quando quebrava alguma coisa nesses tratores ninguém queria pagar para arrumar. Foi indo e acabou que isso não deu muito certo, porque saiu todo mundo e hoje nem faço ideia onde estão os restos desses tratores.

Com fim dessa associação quem ficou deve ter vendido o que sobrou. Só sei que deu um rolo isso depois, porque saiu que a associação tinha que pagar uma dívida na receita federal por conta dos tratores e acabou sobrando para o presidente na época ir atrás disso. Sei que um dos tratores ficou no lote dele, mas se o povo entrasse na justiça ele perdia, porque o trator foi doado para o assentamento, então todo mundo teria o direito de usar.

É muito complicado essa desunião rapaz! Por exemplo, quando você chega no assentamento que nem nós, que nunca tinha pisado por aqui e nós fomos os primeiros, assim que entra no lote o povo fica tudo besta quando vê uma coisa nova e diferente, aí todo mundo quer entrar nessas frias porque acredita que isso vai dar certo. Nisso, entrou o povão tudo, mas os problemas acabaram afastando todo mundo e no fim perdemos os tratores e o que sobrou tá em apenas um lote. No começo veio o trator, o tombador e uma carreta, aí nós compramos outro tombador e no fim foi parar tudo com uma pessoa só.

Era assim que funcionava o uso do trator, nós que éramos sócios podíamos usá-lo para e tombar um alqueire de terra cada um, aí o trator vinha e tombava a terra de cada sócio com o pagamento do óleo, que era o combustível para ele funcionar. Então, se o sócio arcasse com o óleo ele podia usar o trator no seu lote. Além disso, o dono do lote era responsável por pagar a diária do tratorista. Era um esquema que funcionava bem na época, mas no fim foi indo e acabaram com tudo.

Hoje posso te dizer que saiu bastante famílias daqui do Água Sumida, dos primeiros, são poucos que ficaram e estão se mantendo na terra até hoje. Muitos venderam os seus lotes e tem lugar que já venderam o lote umas 4 vezes. Tem lotes que já é a quarta família que está morando.

O negócio é o seguinte, um vende e outro compra. O pior é que quando vende o lote eles não avisam ninguém, porque eu sou da opinião de que se eu for comprar o lote, tenho que chegar na casa de fulano da vizinhança e explicar que vou comprar. O problema é que os caras comprem o lote e não avisam ninguém e quando a coisa aperta ele chega na casa das pessoas pedindo assinatura para não perder o lote. A gente sabe que essa venda é irregular. Nisso, você vai e assina, outro vai e assina e assim vai, porque a gente fica com dó da pessoa ser despejada e perder o lote. Mas, eu acredito que não deveria ser desse jeito, tem um caso de agora que uns caras do Paraná compraram quatro lotes ali em cima, compraram do finado Valdete, do finado “Naô” e compraram também aquele lote que era do Nezinho, esses caras compraram tudo isso. Agora eu ouvi falar que eles estão tentando comprar mais lotes, é muito difícil a situação

meu filho, parece que toda essa história que participamos não vale nada hoje em dia, o que vale é o quanto as pessoas têm em dinheiro.

Ultimamente vem saindo uma conversa de que o pessoal do INCRA passou aqui para fazer essa vistoria nos lotes com a ideia de mudar o título da terra, mas aí eu me pergunto: como esses caras vão comprar esse lote agora, se na hora de trazer o novo documento eles vão colocar no nome do dono do lote. Eu acho uma loucura esses homens querendo comprar o lote, porque eles nunca vão pegar a escritura dessa terra porque está no nome do titular do lote.

Eu sou contra a venda do lote e jamais apoiaria ou pensaria nisso. Tem muitos que saem porque não conseguem se adaptar à realidade do sítio e acabam indo embora. Eu mesmo não vendo o meu por nada. Eu não tenho nem para onde ir mais, porque se eu vender aqui vou ter que ir para a cidade né, e eu não quero isso por nada desse mundo. Daqui não saio, quero ficar por aqui mesmo. Só saio se eles me tirarem (*risos*).

Os meus meninos amam isso tudo aqui, só estão vivendo fora por conta do trabalho mesmo. Eles trabalham fora, mas quando dá sexta-feira eles já me ligam para buscá-los para passar o fim de semana com a gente. Quando estão por aqui é muito bom, eles ajudam a plantar e a cuidar da terra e gostam mesmo de trabalhar com o sítio, só estão fora por conta do trabalho mesmo, pois por eles estariam aqui com a gente. Graças a Deus temos eles nos ajudando, porque seria difícil só nós dois tocando o lote sozinhos, já estamos ficando mais velhos e é duro dar conta de tudo isso.

Nós estamos no sítio até hoje por conta desse vínculo forte que temos com a terra. Eu mesmo, nunca morei na cidade e mesmo quando morava em Marabá, o prefeito Leno dava datas de terra para o povo trabalhar e construir suas casas para assim aumentar a cidade, eu não peguei essa data porque nunca quis morar na cidade. Na época, eu trabalhava todo dia em caminhão de boia-fria, então eu preferi ficar na roça mesmo, pois sempre quis batalhar por um lugarzinho no sítio.

Nunca trabalhei na cidade, só na roça mesmo. Lembro que quando morava na Bahia toda a minha família trabalhava na roça, meu pai e minha mãe morreram sem saber escrever nada, só trabalharam, os coitados não tiveram nem a chance de ir para escola e aprender a leitura. Nasci naquela terra boa, em Rio do Antônio/BA. Eu tenho um irmão que mora em São Paulo e os outros estão todos aqui em Euclides, acampados na Gleba XV, esse foi um dos primeiros assentamentos que saiu aqui no Pontal e depois foram saindo outros. Já a minha esposa é daqui de São Paulo, é de Marabá Paulista, nos conhecemos aqui na região mesmo. Toda a família dela mora por aqui perto.

Atualmente, eu produzo só para o nosso consumo aqui de casa mesmo. Planto mandioca, uns pés de milho e umas canas ali para dar para as criações e é só isso mesmo.

Hoje, eu estou com 74 anos, se eu estivesse na cidade já estaria com 90 anos e teria envelhecido bem mais rápido do que no sítio. *(risos)*. Eu nunca vivi lá, porque a preocupação na cidade é muita, já aqui estou sossegado, creio eu que a minha qualidade de vida é muito melhor aqui no assentamento. Viver aqui é bom demais para mim, não troco isso por dinheiro nenhum. Acho que se estivesse na cidade já estaria bem mais velho, dependeria dos outros para tudo e daria trabalho, Deus me livre disso. Isso não é vida não.

Eu só fui perceber que estava ficando velho pela questão da ocupação do serviço, quando senti que poderia demorar mais tempo para dar conta do trabalho mesmo, parecia que o corpo estava mais devagar. Então, eu senti que estava ficando velho por conta da força do trabalho, a gente acaba ficando mais fraco e devagar com a idade, faz as coisas certo ainda, mas demora um pouco mais de tempo que antes.

A idade não me assusta e sei que isso não me afeta, é algo que vai acontecer com todo mundo. Para mim não é algo ruim, se sinto alguma coisa no meu corpo ou alguma dor eu já vou atrás disso e marco uma consulta com o médico e vou levando a vida. O mais importante para nós que estamos ficando velhos é cuidar da nossa saúde e graças a Deus eu tô me sentindo bem e tô levando. Tenho alguns probleminhas de saúde, mas vou levando como dá. Hoje, eu tenho um probleminha de pressão alta, mas me cuido, faço acompanhamento certinho com o médico.

Eu acredito que as doenças, a falta de disposição para o trabalho e a falha na memória são umas das coisas não muito boas de ser velho. Eu também sinto que o cansaço é uma coisa negativa do envelhecimento, porque eu já trabalhei demais nessa vida, peguei friagem, porque antes de vir pra cá eu trabalhei muito em fazenda e naquele tempo chovia muito e a gente tinha que entrar de madrugada na mangueira e tirar leite na lama. Naquele tempo não tinha estrutura como temos hoje, não tinha barracão e não tinha nem luz, naquele tempo era tudo a base do lampião, foi muito sofrido.

Trabalhei muito de trator para os outros, pegando chuva e frio, era sofrido demais trabalhar daquele jeito, hoje as coisas são melhores, os tratores têm cabine para proteger da chuva e do vento, é tudo mais equipado. Naquele tempo era uns tratores velhos, que ao mesmo tempo que estava quente, vinha a chuva e molhava tudo, aí desse jeito, não tem corpo que aguenta tudo isso, acaba com a saúde da pessoa. Vixe, eu já fiz de tudo nessa vida e sofri também.

Lá em Marabá/SP, eu trabalhei num encalço desmanchando pontes e acabei pegando um frio muito doído, era em 80 ou 84, fazia um frio de doer as juntas, não tinha como fugir do trabalho, então entrávamos debaixo de água e no frio para desmanchar as pontes e aquela geada caindo, mas não tinha jeito, a gente precisava trabalhar de empregado para os outros. Não tinha como eu me negar a fazer, a gente era obrigado porque o fiscal ficava em cima da gente, era muito sofrido.

Depois, as coisas foram melhorando um pouquinho porque fui trabalhar com caminhão levando a turma para trabalhar num trecho de 12 km, e devagarzinho as coisas foram melhorando até chegarmos aqui no assentamento, mas eu sofri muito para trabalhar nesse mundo. Agora, eu estou muito mais tranquilo, se eu puder ir trabalhar hoje eu vou, se não der eu não vou, mas se tivesse de ser empregado pelos outros, mesmo eu não podendo teria que ir, mesmo que obrigado.

Hoje, a nossa principal fonte de renda é a aposentadoria, nós dois somos aposentados, tanto eu como ela. Rapaz, eu me aposentei com 60 anos e ela foi com 55, faz pouco tempo e é o que nos ajuda em outras coisas também. Não tem como sobreviver sem ela, é algo muito importante, principalmente para os velhos, todo mês nós vamos ao banco e retiramos o dinheiro que nos ajuda a comprar remédio, a fazer uma comprinha e pagar umas contas, pois, imagina se não tivesse isso aí. Como que o povo ia sobreviver na velhice? Seria bem pior. Antigamente não tinha, mas hoje temos, é bom demais, principalmente para os mais pobres e velhos, é uma segurança para nós. Se bem que o governo poderia aumentar nossa aposentadoria (*risos*), quando aumentam o salário é sempre uma “*mixariazinha*” que não dá pra fazer quase nada, não dá nem para comprar um pacotinho de arroz. Eita, o ventinho está começando, parece que vai esfriar, amanhã vai fazer frio¹³.

Não arrendamos o sítio para a usina, nunca arrendamos. Só arrendamos uma vez para um vizinho colocar as vaquinhas dele, porque ele estava sem pasto na época, ele colocou umas 10 cabeças aqui no nosso pasto.

Viver aqui no assentamento é bom demais, não me arrependo de nada até chegar aqui. Não troco o meu sítio por nada nesse mundo. Se pudesse dar um conselho para uma pessoa eu falaria para ela ter um lote, porque viver no campo é mais sossegado, pois você mexe no que é seu, mas não é todo mundo que pensa dessa forma e prefere viver na cidade. Aqui no lote eu mexo no que é meu, posso ter minhas criações de bichos, plantar e produzir o que quero, já na cidade é ruim porque você não pode

¹³ O recordador fala sobre as condições de tempo no momento da entrevista.

plantar nada, tudo lá é comprado. Se a pessoa precisa comer vai ter que ir a um mercado e comprar, aqui já é diferente, porque podemos comer o que a terra dá pra gente.

Eu acordo cedo todos os dias, já estou acostumado, até no domingo eu acordo cedinho, não consigo ficar na cama deitado, quando é umas 4 horas eu já estou levantando e vou fazer meu café e 4h30 eu já estou acordado. Assim que eu me levanto já vou fazer minhas por aqui, dou uma olhada nos animais e nas plantações e depois vou trabalhando no que vai aparecendo, se precisar carpir, cortar, plantar eu tô fazendo. Só sei que não fico parado, eu não consigo.

Quando eu ia trabalhar na fazenda ali perto de Mirante eu levantava era 2 horas da manhã para tirar leite, nós tirávamos em média 350 litros de leite, eu e meu companheiro. Eu me levantava às 2 horas da manhã e o ajudava a tirar o leite, enquanto ele ia terminando eu pegava o trator e trabalhava o dia todo direto. Eu já trabalhei em tudo nesse mundo, só não ganhei dinheiro mesmo e pelo tanto que trabalhei, já era para eu estar rico. Vixe Maria, trabalhei demais nessa vida.

O que mudou na minha vida com a velhice? Muita coisa, por exemplo, quando é novo você tem mais força e disposição para trabalhar, quando vai chegando na velhice o corpo da gente cansa mais rápido, não é a mesma vontade que antes. Nós queremos trabalhar, mas não conseguimos do mesmo jeito que antes, parece que o corpo ficou mais lento. Nós trabalhamos, mas não é a mesma coisa de quando a gente era novo, o corpo já está cansado. Eu acho que é uma coisa física, pois por mais que tentamos, o corpo não obedece do jeito que a gente quer. Mas, também acredito que a velhice trouxe coisas boas para mim, eu vivi bastante coisas nessa vida, ganhei experiência e só de estar vivo e com saúde já é uma vitória.

Pontos brilhantes na narrativa de Sr. Palmeira

Lembro que foi muito difícil a nossa chegada aqui no assentamento, pois não tínhamos nada e tivemos que começar do zero de novo. Não tinha água, energia e muito menos comida. Quando nos mudamos pra cá fizemos um barraco lá embaixo, era um barraco feito de lona. Assim que chegamos fomos nos ajeitando, colocamos uns colchões no chão, mas para nossa sorte São Pedro mandou uma chuva que molhou tudo que tinha dentro do barraco (Sr. Palmeira - 74 anos. Assentamento Água Sumida - julho de 2021).



Ilustração: Zilda Oliveira.

O Sr. Palmeira foi o primeiro idoso que visitamos durante o trabalho de campo realizado em julho de 2021. Chegamos em seu nome através de indicações de um contato no assentamento que o descreveu como um dos pioneiros que desbravaram as terras da Água Sumida. Palmeira é um homem negro de 74 anos, de baixa estatura, casado e pai de quatro filhos. Baiano, orgulhosamente revelando suas raízes nordestinas, compõe a história de migrantes que afluíram intensamente no eixo nordeste-sudeste no século passado devido à relação capital-trabalho e a busca por melhores condições de vida.

Suas memórias de infância reconstroem as mudanças e reencontros de sua família ao deixar o interior da Bahia para se estabelecer no estado de São Paulo no final da década de 1940. A chegada a São Paulo ainda está viva em sua memória, pois ele se lembra de ter se estabelecido em Presidente Venceslau com a mãe, o pai e cinco irmãos quando tinha 6 anos.

Sua história se confunde com a memória dos conflitos agrários que demarcaram o Pontal do Paranapanema a partir da década de 1980, tensões e enfrentamentos entre fazendeiros, jagunços e sem-terra compõem esse cenário. As memórias desse período estão repletas de sofrimento e resistência na batalha com o latifúndio. Tramas de violência e confronto percorrem sua memória, atestadas politicamente no cotidiano e nas lutas pela permanência no lote.

O cotidiano no acampamento e nas ocupações foi revisitado em sua memória política. Palmeira conta com orgulho como participou no movimento de luta pela terra, ocupando barracas de lona à beira da estrada. O percurso dessa luta durou cerca de três anos, de 1985 a 1988, dividindo-se ao longo do trevo de Euclides da Cunha, do trevo da Destilaria Alcídia e do Acampamento 27 de Setembro no distrito de Planalto do Sul de Teodoro Sampaio (LEAL, 2003). Palmeira, no entanto, teve uma trajetória de quase 10 anos na luta pela terra, e 1982 foi um momento extraordinário na sua memória, pois foi a primeira vez que pisou um acampamento nas terras da antiga fazenda da Gleba XV de Novembro em Euclides da Cunha.

A possibilidade de mudança social relacionada à luta pelo reconhecimento de direitos e a vontade de viver e se reproduzir em um pedaço de terra é a principal motivação que levou o recordador a participar desse movimento. A liberdade ampliada, o controle do tempo e a autonomia do trabalho também foram articulados em sua fala. Ao acessar memórias, partes importantes de sua história de vida podem ser extraídas. O início do assentamento é descrito como um período doloroso e de muita luta, marcado pelo desbravamento desse território desconhecido, com os assentados derrubando todas

as árvores e mata do entorno e construindo novos espaços através do trabalho na terra. Palmeira contou que, apesar das dificuldades, a entrada no lote aumentou sua disposição de permanecer no assentamento. Em alguns momentos da entrevista, ele disse que se sentia um "*bicho*" porque convivia com outros assentados sem infraestrutura básica, água, energia e investimento no desenvolvimento do lote. Viver em uma barraca de lona ao redor do córrego reforça esse sentimento de indignação.

Nesse sentido, o acesso à infraestrutura, água e energia elétrica só foi possível por meio da pressão dos assentados. Entrando em um espaço com pouca organização e serviços básicos, o Sr. Palmeira e outros sujeitos travaram uma nova batalha pelo reconhecimento de direitos e dignidade, uma prova da dimensão da luta pela manutenção das famílias na terra.

Embora tenha superado esses obstáculos, o entrevistado comentou que o estabelecimento no assentamento melhorou seu bem-estar e ampliou suas condições de vida. Ao conquistar a terra, ele conseguiu se reconectar com a terra, percebendo-se em um novo modo de vida baseado nas atividades agrícolas. Mesmo depois de se estabelecer, este início na terra é lembrado como um momento difícil. Palmeira contou em detalhes as dificuldades de acordar de madrugada e entrar em um caminhão sem a menor segurança e conforto durante a colheita do algodão em Itaguajé - Paraná, do outro lado do estado.

Essa rotina desgastante vive em sua memória de trabalho, e ele relata com precisão toda a exploração dos trabalhadores rurais da época. Basicamente, a rotina de Palmeira era sair às 4h e só voltar para casa às 17h, e quando chegava ainda tinha que lidar com a falta de estrutura básica no assentamento, buscando água na cabeça no córrego, para tomar banho e preparar comida. As dificuldades desse período de adaptação são um ponto do lote que precisa ser enfatizado e sua narrativa.

A chegada do assentamento marcou um momento desafiador para a implantação de um novo modo de vida, mas foi muito importante e de grande valor na memória de Palmeira. A tentativa de produzir alimentos para o consumo familiar foi a primeira estratégia de reprodução social adotada pelos assentados e, apesar de algumas perdas, o entrevistado revisitou com muito prazer as primeiras culturas como mamona, algodão, mandioca, milho e feijão. Em geral, a mamona e mandioca foram duas culturas fortes nos primeiros anos para o aproveitamento da terra e geração de renda. Ao lembrar as grandes safras daquele período, Palmeira mostra-nos orgulhosamente algumas notas da venda dessas plantas no auge da agricultura e comercialização da Água Sumida. Esse é

um ponto a ser enfatizado em sua narrativa, pois essas produções ajudaram muitas famílias a se manter e sobreviver na terra.

No entanto, a situação refletida no período atual é diferente da destacada anteriormente, o entrevistado opina sobre os entraves à produção agrícola na área do assentamento. Para ele, aumentaram as assimetrias na estrutura de produção, maquinário, domínio tecnológico e investimentos entre pequenos e grandes produtores rurais. Em geral, os assentados não conseguiam competir com os grandes proprietários de forma semelhante e, embora enxergasse um grande potencial nos assentamentos, argumentou que a falta de apoio e recursos limitava sua competição com o agronegócio.

O trabalho no campo foi muito importante em sua memória, recriando os ofícios que desenvolveu ao longo da vida, explicitando toda a exploração sofrida pelos patrões nas fazendas e arrendamentos. A desvalorização e as más condições de trabalho levaram Palmeira e sua família a abandonar os arrendamentos e entrar no acampamento para lutar por um pedaço de terra para expandir sua liberdade. Este momento foi visto por Palmeira como motivo de orgulho e foi descrito como a melhor decisão que alguma vez tomaram na vida.

A família foi uma dimensão importante na narrativa do entrevistado, que contou como sua esposa teve um papel importante na luta pela terra, como mantenedora da estrutura familiar, figura fundamental na criação dos filhos, apoio e participação no acampamento. Sobre a importância da esposa e dos filhos na conquista da terra, Palmeira mostra como esse sonho se tornou um elemento da luta da família por melhores condições de vida.

Sua memória política explicita um pouco da tensão que viveu na luta pela terra, lembrando os confrontos quando acampou à beira da estrada. No momento em que tiveram que ocupar a fazenda, prepararam-se para entrar de madrugada durante o dia, e então se organizaram espacialmente em barracas de lona. A operacionalização das estratégias de luta e resistência empregadas está viva em sua memória, sempre valorizando toda a socialização e aprendizado que o movimento sem-terra oferecia na época. A situação reconstruída na entrevista é sobre os perigos e ameaças dos jagunços, que aterrorizam quem estava no entorno da fazenda com potencial de ocupação.

A terra é um elemento central do Sr. Palmeira, através do qual mudou seu campo de possibilidades e conseguiu se estabelecer efetivamente no assentamento. Além disso, a vida na terra equivale a condições autônomas de espaço, tempo e trabalho, nas quais as cidades são vistas como prisões. Sua fala apresentou questões urbanas e rurais em uma leitura enviesada, expressando as vantagens da vida no campo e o impasse da vida

urbana. Assim, sentimentos de paz, segurança e liberdade são temas que merecem ser lembrados na memória do entrevistado. Em defesa dessa ideia, Palmeira trouxe elementos naturais como árvores, plantas e animais para dar coesão à vida no meio rural.

A qualidade de vida e o bem-estar só melhoraram com a entrada dos assentamentos e o desenvolvimento de indivíduos e famílias. Palmeira não se imagina vivendo fora do assentamento e entrar no lote representa uma reconexão com a terra, pois sempre viveu e trabalhou no meio rural. Ao contrário de outros idosos, o entrevistado nunca morou e trabalhou em cidades.

Ao narrar a trajetória das organizações coletivas do assentamento, Palmeira relembra as origens das associações e cooperativas da Água Sumida, destacando os entraves ao seu funcionamento, e para ele, a inexperiência e os conflitos entre os cooperados estão entre os motivos do fim dessas organizações. A memória desse período é carregada de indignação, pois muitas famílias herdaram dívidas e inadimplências em decorrência do fracasso dessas organizações. Um fato marcante em seu relato é o histórico de cooperados comprando tratores para uso coletivo, que acabou não dando certo por falta de experiência com o sistema e desunião entre alguns membros. Segundo ele, perdas e dívidas acabam por desestimular as famílias a participar dessas associações.

A permanência da família no lote foi uma questão destacada na entrevista. Na situação atual, desde a primeira geração do assentamento, poucas famílias permaneceram na terra, algumas morreram, outras venderam suas benfeitorias e deixaram o lote para viver na cidade, segundo o Sr. Palmeira tem muitas famílias que já são a quarta a viver na terra. A venda irregular de terras foi citada como um dos problemas de evasão nos assentamentos, que o entrevistado disse estar relacionada ao processo de adaptação, falta de investimento, envelhecimento e viuvez das pessoas assentadas. Ao aprofundar a questão do projeto de titulação de terras levantado pelo Incra, o Sr. Palmeira se opôs à decisão por abrir caminho para a privatização de terras públicas.

Palmeira celebra a vida e o envelhecimento no assentamento porque acredita que, se morasse na cidade, estaria em um estado de dependência da velhice e se sentiria mais velho do que sua idade real. Para ele, ao observar as vivências de seus amigos, percebeu que as pessoas que vivem em espaços urbanos envelhecem mais rápido porque, ao se aposentarem, acabam confinadas aos espaços da casa e não podem se movimentar ou realizar as mesmas atividades de antes. Ele brincou que os idosos da cidade acabam sendo prisioneiros do espaço familiar porque a vida urbana não oferece

muitas opções para os idosos, limitando sua liberdade, sossego e a circulação entre lugares diferentes.

Refletindo sobre o próprio envelhecimento, o entrevistado disse que percebeu um aumento na idade por causa do seu trabalho. Ele se sente velho quando descobre que seu corpo não tem mais a força, agilidade e mobilidade de sua juventude. A perda de memória e a perda de força para realizar certos tipos de trabalho foram alguns dos sinais que notou quando percebeu que estava envelhecendo. Ainda assim, ele não vê problemas com o envelhecimento, pois sabe que é um processo natural e único para todos, mas acha que as condições passadas de exploração e degradação do trabalho afetaram sua fadiga física como um homem velho.

As trajetórias dos assentamentos são vistas como elementos que sustentam a qualidade de vida e uma boa experiência de envelhecimento. Palmeira comentou que a autonomia relacionada à liberdade de tempo, trabalho e espaço é a base de seu bem-estar, envelhecer equivale ao acúmulo de experiência e conhecimento, portanto, na opinião dele, morar no lote é uma coisa boa para uma velhice.

Boa tarde! Estou com 67 anos e vivo aqui no Água Sumida desde os anos 1990, mas não sou nascido aqui, sou natural do Mato Grosso do Sul e vim parar aqui no assentamento por conta do sonho em viver na terra, plantar e ter minhas criações. Estou aqui desde os anos 90 e pretendo não sair nunca mais. Sempre quis isso para minha vida e graças a Deus estou aqui até hoje. Te digo que desde pequeno fui criado em lavoura e acho que isso foi um quesito importante que me fez chegar nesse assentamento, pois eu sempre gostei da roça e de mexer com os bichos e o meu maior sonho era um dia ter um sítiozinho para viver em paz com a minha família.

Quando entrei aqui tinha uma casinha de quatro cômodos no lote, porém, chovia muito dentro e não tinha condições da gente morar naquele momento. A família que morava nela era muito fraca e muito pobre, pois não tinha benfeitoria nenhuma, só essa casinha mesmo. Eles não conseguiram se manter na terra e venderam a casinha e foram para cidade, a senhora mesmo, a Dona Dirce mudou para cidade e foi embora para o Mato Grosso do Sul, acho que hoje em dia ela mora em Nova Andradina.

O primeiro dinheiro que consegui trabalhando eu usei para trocar o telhado da casa e mexi nos quatro cômodos, porque não tinha condições de morar ainda. E eu deixei os móveis na fazenda em que eu morava porque não cabia na casa, era muito pequena. Aí, nós fomos melhorando de situação e ganhando um dinheirinho e fomos aumentando a casa aos poucos, fizemos esse aumento em três etapas. Foram três reformas. Fizemos uma peça maior para caber o guarda-roupa, porque não cabia nos cômodos na época, além disso, o banheiro era muito ruim, tivemos que refazer também e aos poucos fomos fazendo tudo e melhorando a situação da casinha. A última reforma, foi quando fizemos essas áreas, é bem recente, tem uns 4 a 5 anos que a gente fez.

Nosso começo aqui foi bem difícil nós moramos um tempão naquelas 4 peças, era um aperto danado, pensa numa dificuldade, aí, fomos fazendo devagar e hoje já faz uns 5 a 6 anos que fiz o poço artesiano que temos no sítio, também fomos melhorando a mangueira. Não tinha nada, nadinha, tudo que tem aqui foi eu que fiz, foi uma luta para conseguir. Nós fomos lutando e fazendo, pouco a pouco.

Rapaz, posso dizer que nosso sustento foi todo tirado da pecuária, tudo que temos e conquistamos até hoje é por conta da pecuária. Depois, que aposentei, nós tivemos um pouco mais de tranquilidade, mas, mesmo assim, tenho meus três filhos e só depois que eles foram fazer faculdade eu pude me aposentar, porque aí já tinha uma renda para poder ajudar eles e era uma renda que daria para contar todo mês né. Não é

igual tirar leite, que tem mês que você tá tirando uns 100 litros nas águas e na seca cai para 30 a 40 litros, o leite é uma atividade que a produção varia, então a renda cai muito. Já a aposentadoria não, a aposentadoria é pouca, é um salário-mínimo, mas, sabendo usar você consegue fazer muita coisa. Também, tenho a mulher trabalhando, não ganha muita coisa, ainda mais com esse recesso da pandemia em que baixaram o salário de todo mundo e ela chegou a ganhar 1 salário e meio por mês, porque tinha adicional noturno e tal, mas agora caiu muito o salário.

A minha mulher é uma guerreira e se não fosse pelo esforço dela não estaríamos aqui até hoje. Eu me lembro da época em que morávamos em Dourados e quando tomei a decisão de vir para a fazenda ela topou na hora e depois para vir para cá foi a mesma coisa, porque eu não queria voltar para trás, a minha família mora toda em Dourados, mas sempre tive a opinião de ir para frente. Então, eu não quis voltar para trás.

Esqueci de falar no começo que eu tenho uma casa em Dourados, essa casa eu nunca quis vender para investir aqui. Eu nunca vendi e ela sempre esteve alugada, aliás, foi essa casinha que ajudou a estudar meus filhos, porque eles moravam junto com os avós e foi o “*aluguelzinho*” dessa casa, que ajudou eles a se manter na época da faculdade. Inclusive tem um que está estudando lá em Dourados e o aluguel dessa casinha dá uma ajuda boa para ele.

Eu não vendi essa casa, ela está alugada há uns 27 anos, desde que estamos aqui, há quase 30 anos, porque morei dois anos e pouco na fazenda e desde então ela ficou alugada. Eu nunca tive ideia de vender, o aluguel é pouco, mas toda a vida ajudou a estudar os meus filhos. O mais velho fez a faculdade lá em Dourados, um menino esforçado que de manhã fazia Arquitetura e a noite fazia Geografia, era puxado e o aluguel dessa casa junto ao apoio dos avós foi que ajudou ele a se formar aos 22 anos de idade. Depois que ele se formou, passou em um concurso e começou a trabalhar, com essa idade ele começou a se manter, para você ver, os gêmeos com 25 ainda dependem da gente e esse com 22 anos já se mantém financeiramente. Esse menino já ajudou bastante a gente que não precisamos investir mais nele, porque ele começou a se sustentar sozinho.

Eu me considero uma pessoa vencedora por isso e creio que temos que nos orgulhar quando os filhos dão o bom exemplo e se interessa por alguma coisa na vida, por estudar e trabalhar e eu não tive problemas com os meus filhos, graças a Deus. Eles sempre foram interessados, não quiseram ficar aqui no sítio, mas deram conta do recado na escola e na vida e, isso nos deixa muito orgulhoso, porque até hoje eles não me deram trabalho, só orgulho e alegria.

Quando entramos aqui meus meninos ainda eram pequenos e não davam tantas despesas, dava menos do que hoje, então, essa casa alugada ajudava a nos manter aqui. Esse foi o começo, a gente tirava leite de duas vacas, dava uns 10 litros de leite e aí, com o tempo foi aumentando, mas, o que nos sustentou no começo mesmo foi o aluguel da casa.

Nesse meio período, meus pais faleceram e nós recebemos um dinheirinho de herança, não era muita coisa, mas ajudou a comprar umas vacas melhores e um carro para termos um certo conforto. Isso foi bem no começo do assentamento, com 5 ou 6 anos aqui já e esse carro ajudou a gente demais, principalmente para fazer compra, porque na época nós íamos sempre de ônibus, dependia de ônibus para ir até a cidade. Ainda bem que naquele tempo tinha uma linha de ônibus que corria 1 vez na semana e nós dependíamos dele para tudo, principalmente para fazer compra, porque se fossemos a pé não iria ter como trazer as coisas e foi assim por vários anos até conseguirmos comprar um carro.

Então, foi muito difícil, se eu não tivesse amor pela terra e pela profissão de trabalhar na roça, eu teria sido como outros que venderam o lote e voltaram para a cidade, mas eu nunca quis fazer isso, pois nunca pensei em voltar para trás. O que me mantém aqui até hoje foi que sempre eu gostei desse lugar e tive amor por tudo isso aqui, acredito que conhecer melhor os nossos vizinhos e fazer amizade foi o primordial de tudo isso.

Eu sempre gostei de trabalhar para o povo e de fazer alguma coisa social aqui, nisso, surgiu no assentamento a ideia de fazer um salão comunitário e eu me animei junto aos companheiros e pegamos essa frente para trabalhar naquela época e conseguimos fazer esse salão que está aí até hoje. Eu me sentia bem fazendo isso aí e gostava de participar das coisas que aconteciam aqui no assentamento, lembro que na época recebemos uma ajuda do prefeito para finalizar a construção desse salão comunitário.

Hoje, eu percebo que ele não tem muita importância para os assentados, pois parece que o pessoal do assentamento não quis fazer mais festas e casamentos nele, principalmente agora na pandemia que as coisas pararam de vez, mas na época em que o fizemos, ele tinha uma importância muito grande para o povo daqui. Era bem bacana, o pessoal gostava de socializar mais e faziam vários casamentos nesse salão comunitário.

Eu sempre fiz a frente na luta por esse salão, saí pedindo saco de cimento para o pessoal, saí cortando madeira de sítio em sítio para depois fazer o escoramento da construção, foi muito difícil. Foi uma luta de três anos trabalhando nisso, mas nós vencemos e tá aí o nosso salão comunitário do assentamento Água Sumida. A

construção dele é um orgulho para mim, tem gente que mora aqui e que não dá muito valor, mas tem muitos assentamentos por aí que não tem um salão como o nosso. É a mesma coisa com as igrejas, para trazer as igrejas aqui foi uma outra luta, hoje temos duas igrejas, uma evangélica e outra católica, e eu ajudei participando do processo de construção de ambas, pois, tudo que me foi solicitado para ajudar, eu ajudei indo atrás de recursos e como mão de obra. Fiz o que pude e o que não pude para sair essas igrejas aqui no nosso assentamento e graças a Deus deu certo.

Hoje o nosso assentamento está completo comparado com outros que são mais novos, aqui nós temos uma escola estadual que por sinal é uma escola muito boa, tanto que teve uma época em que o prefeito queria municipalizar ela, mas nós batemos o pé e fomos contra, depois fizemos uma reunião com o INCRA para não tirar a escola das mãos do estado e graças a Deus isso não foi para frente. Nós sempre quisemos que ela fosse do estado, porque o estado tem mais recursos para oferecer e tudo isso que temos aqui nós lutamos muito para conseguir. Temos de tudo aqui, tudo que precisamos para viver bem, tem escola, tem igreja, tem salão comunitário para o povo usar e até posto de saúde.

Voltando naquela questão de como foi o nosso início no lote, posso dizer que as dificuldades foram enormes, por isso eu volto naquela tecla de que a mulher ajuda muito o homem e o homem ajudam muito a mulher e a minha mulher foi guerreira, nunca deixou a peteca cair e nunca reclamou de estar no sítio ou de estar em dificuldades. Eu também tinha que aguentar firme quando a situação apertava, porque às vezes as coisas ficavam difíceis e tínhamos que ser fortes, porque se não agíssemos com uma certa maturidade e não gostasse da terra, eu teria feito como os outros, posto o lote a venda e iria embora para a cidade.

Eu acredito que são muitos fatores que fazem com que as pessoas deixem os seus lotes, pois além das dificuldades de não ter uma estrutura boa nos lotes, tem pessoas que também não tem muito conhecimento daquilo que se propôs a fazer no sítio que é no caso, mexer com a agricultura e com o gado leiteiro, que são os principais ramos aqui do assentamento. Eu fui criado nesse meio a vida toda, então já tinha uma certa facilidade e gostava do que fazia, mas tem pessoas que não sabem criar nem uma vaca, não sabem mexer com a terra e não sabem plantar e eu acredito que junto das dificuldades que vão aparecendo, faz a cabeça da pessoa esquentar porque a situação fica difícil, aí ela coloca o lote a venda e vai embora para a cidade. Muitos fizeram isso, tem pessoas que não tem tanto gosto e amor pela terra. Já eu sempre gostei de tudo isso, acho que o ponto principal é que você precisa gostar da vida que vai levar na roça,

precisa gostar de tirar leite, gostar de trabalhar com o gado e gostar de plantar, porque isso vai influenciar muito para a pessoa ficar.

Nunca passou pela minha cabeça vender o meu sítio, mesmo com a ideia de que o governo tem hoje em dar o título da terra para o assentado, quando isso acontecer as terras ficarão mais valorizadas, as terras vão se valorizar e ajudar a região a se valorizar também. Nós estamos aguardando por isso, entendemos que a grande tacada do momento é receber o título para coroar todo esse tempo que estamos vivendo aqui, afinal já são 27 anos, mas tem outros colegas que estão há mais tempo que eu, tem uns aí que está com 30 anos na terra, contando com os três anos que ficaram na beira do asfalto.

Eu sou favorável ao governo dar o título para nós, pois acredito que é uma forma de valorizar a nossa terra, pois se na região um alqueire de terra vale 50 mil reais, com o título a nossa terra vai passar a valer a mesma coisa, equilibra essa desigualdade de valores. Rapaz, se fossemos vender hoje não conseguiríamos muita coisa, pois a terra não tem valor real, ela é do INCRA e pertence ao governo, no caso você só vende o direito de uso da moradia aqui e alguma benfeitoria que tiver no lote. Apesar de toda essa possibilidade, eu não tenho planos em vender a minha terra, pois a ideia é continuar por aqui, não saio daqui por nada, só se me tirarem.

Antes de vir para cá eu vivi por uns três anos na cidade e naquele tempo eu arrumei um emprego na política ajudando a fazer campanha para um candidato a deputado, naquela época tinha que trabalhar no que aparecia, eu não podia recusar trabalho, pois estava desempregado. Esse emprego durou uns 90 dias. Depois disso, eu trabalhei de ajudante de pintor, porque eu não sabia pintar, mas quando fiquei com mais prática na pintura vi que até dava para trabalhar sozinho, mas no mesmo momento me apareceu uma oportunidade de emprego na “*Brazuê*”, uma empresa que mexia com algodão e soja e eu consegui entrar através de um teste que fiz e passei, a minha função era para trabalhar com algodão.

Foi meio difícil nessa época, pois houve uma crise nas lavouras na região de Dourados em que os produtores perderam tudo, com isso, a empresa resolveu sair de Dourados e levar toda a sua estrutura para Rondonópolis, no estado do Mato Grosso. Com essa mudança eles começaram a mandar o povo embora, demitiram uma boa parte dos funcionários, mas eu não, eles não me mandavam embora. Encucado com isso, um dia eu cheguei no meu chefe e perguntei: – “*Que negócio é esse de mandar o povo embora*”? Aí, ele respondeu que ia fazer uma reunião com o grupo e no fim eles quiseram me levar junto para trabalhar com eles em Rondonópolis, já que toda a estrutura da empresa iria para lá. Analisei a proposta, mas acabei não aceitando, porque aquela

questão de mudar de lugar pesou muito para nossa família, o meu menino mais velho tinha três anos na época e junto da esposa resolvi ficar em Dourados e não ir para o Mato Grosso com a “*Brazuê*”.

Depois que saí dessa empresa surgiu a chance de vir para uma fazenda aqui no estado de São Paulo, um parente meu me chamou para vir tomar conta dessa fazenda que estava localizada para os lados de cá, na época ele me disse que estava faltando funcionários, então, eu saí de Dourados e vim parar com a minha família aqui em São Paulo. Ele me contatou e disse que estava sem empregado, nisso eu vim conhecer a fazenda e gostei logo de cara, a mulher topou também e foi companheira, pois sem ela eu não viria. Nisso, nós viemos e o fazendeiro mandou buscar nossa mudança em Dourados e trazer para fazenda, mas só que eu acabei não gostando muito dessa vida de fazenda, não me dei bem trabalhando para os outros, eu queria mesmo era ter algo para minha família e foi aí que surgiu a ideia de comprar o lote. Eu tinha um dinheirinho guardado que recebemos de herança e foi a partir disso que tive a ideia de investir esse dinheiro em terra, pois é um negócio seguro.

Uma outra coisa importante para a nossa sobrevivência naquela época foi o acesso ao financiamento Procerá, em que cada lote pegou 12 mil reais para investir no assentamento. Sei que uns pegaram mais e outros pegaram menos, mas no meu caso eu peguei 12 mil reais e investi uma parte na pecuária, naquela época uma novilha de leite valia mais ou menos 300 reais, então nós conseguimos comprar um gado não tão bom de leite, mas foi um gado que acabou dando futuro para nós, pois daquele “*gadinho*”¹⁴ conseguimos melhorar um pouco de vida. Se for pensar era um dinheiro meio caro na época, era 12% ao ano, juros muito altos, mas quando começamos a pagar as prestações vimos que era muito difícil pagar por conta desses juros.

Para nossa sorte, no terceiro ano o governo resolveu baixar os juros como uma forma do povo abater essa dívida logo, foi um negócio até bom, porque dava um desconto de 90% para quem pagasse à vista aquele dinheiro. Como eu tinha condições de pagar eu paguei na época e o valor que era de mais de 12 mil que eu devia, ficou por 1200 reais, paguei e liquidei essa dívida. De fato, seria uma dívida impagável, porque os juros de 12% ao ano são muito alto, ou o governo tinha que derrubar os juros ou se não negociar da forma que fizeram, porque nós não teríamos condições de pagar. O bom de tudo isso foi que eles pegaram e deram 90% de desconto e assim conseguimos quitar tudo, saímos no lucro.

¹⁴ Refere-se ao gado.

Meu filho, em 27 anos que moro aqui, ninguém nunca falou a hora que preciso levantar, se é mais cedo ou se é mais tarde, sempre levantei no horário que eu quis, pois não dependo dos outros e sou eu mesmo que controlo o meu tempo e o meu trabalho. Então, essa é uma vantagem de morar no sítio, não tem alguém controlando os meus horários e o meu serviço. Aqui no sítio eu não tenho patrão e eu mesmo faço o meu trabalho.

Vir morar no sítio foi a melhor coisa que fiz na vida, até hoje eu só vejo vantagens em relação a essa decisão. Primeiro, aqui as coisas se tornam mais baratas do que na cidade, pois no sítio você pode ter criação de galinha, de porco, de carneiro e de gado, então tudo se torna mais barato, porque a gente consegue consumir as coisas produzidas aqui e muitas vezes nem precisamos ir comprar fora, então saí mais barato. Eu mesmo já tive criação de um monte de bichos, é bem melhor pois, se você for comprar uma carne no açougue da cidade fica muito mais caro e aqui no sítio conseguimos ter a mesma carne através dos bichos que criamos, além de ser sair mais barato também sabemos da procedência da carne.

Tudo isso se torna mais barato para a gente, por exemplo, as verduras e as frutas nós também conseguimos produzir no sítio sem precisar comprar no mercado. Eu já tive muitos pés de fruta aqui, mas o estado arrancou tudo por conta da praga nas laranjas, na época eu tinha mais de 130 pés de poncãs e laranja, depois disso, eu não quis saber de plantar mais. Hoje não tenho tanta frutífera no sítio como antigamente, mas antes eu tinha muitas frutas por aqui e era muito mais barato do que agora.

Segundo, hoje eu vejo que temos muitas facilidades com a vida no sítio, aqui em casa não precisamos comprar a carne, nem o ovo, o frango, o leite, nem as verduras e as frutas, só algumas coisas temos que comprar e geralmente é aquilo que não produzimos no lote. Então, geralmente nós compramos arroz, feijão e óleo, mas, ainda assim, é possível substituir o óleo por banha de porco. Aqui em casa nós usamos pouco óleo na cozinha, na verdade nunca saímos da banha, apesar de que teve uma época que chegaram a falar que ela fazia mal, mas sempre tive a certeza de que esses produtos químicos que passam na produção de soja são muito pior para nossa saúde, então, para nós a banha acaba sendo mais econômica e mais saudável que o óleo de soja.

Para você ter ideia do quanto a vida no sítio é mais econômica eu te dou exemplo de uma novilha, aqui na nossa propriedade nós conseguimos criar a novilha e uma parte dela a gente vende para fora e a outra colocamos no freezer para nosso consumo, então ela é uma carne que se torna barata para nós, pois, podemos vendê-la e consumi-la ao mesmo tempo.

Outra vantagem da vida no sítio é a questão da economia de energia, aqui a luz é mais barata do que na cidade, porque lá eles pagam o imposto ICM e aqui, até hoje, não precisamos pagar, sei que tem estado no Brasil que esse imposto é 18% ou até mais e nós não pagamos o ICM da energia elétrica, então esse é um outro fator vantajoso que torna a nossa vida mais barata.

Posso dizer que tudo facilita nossa vida aqui no sítio, pois se hoje você tiver um salário bom trabalhando de empregado que chega perto de 2800 reais você tem que pagar o Imposto de Renda, já nós aqui no assentamento, podemos ganhar até um pouco mais que esse valor e não ter que pagar o Imposto de Renda. Então, eu penso que tudo se torna mais fácil para a gente. Eu nunca quis sair do sítio porque sempre tive tranquilidade aqui, pois, além de econômica, a vida aqui é mais calma e segura, já na cidade é aquela loucura e aquela correria e não é nada tranquilo.

Lembrei agora de quando surgiu aquele programa de entrega de leite frio para o laticínio, onde o governo foi modificando a lei e fazendo muitas exigências, já que o leite é um produto muito perecível e com isso, nós passamos a ter tanques aqui no assentamento para armazenar esse leite. Então, eu passei a levar o leite no tanque, porque não querem mais pegar o leite quente na banca, pois a intenção disso era acabar com o caminhão e foi assim que cada produtor passou a levar o leite no tanque. Já faz uns 15 anos que levo o leite no tanque, é um problema levar o leite? É. Só que eu não tenho um horário fixo para tirar o leite, se eu tirar uma hora mais tarde ou uma hora mais cedo, não tem problemas, porque sou eu que vai levar o leite depois no tanque. Eu vejo isso como uma coisa positiva de morar aqui no sítio, porque eu consigo organizar meu tempo e o meu serviço de acordo com a minha rotina, então acaba sendo muito mais tranquilo do que se eu estivesse em um emprego na cidade. Hoje, eu sou o responsável pelo meu tempo e o meu trabalho no sítio.

Eu acho que o fundamento de estarmos no sítio até hoje é a questão do gosto pela terra, mas também tem outra questão importante, que é o econômico, eu não me via, por exemplo, apto a trabalhar de empregado para outros e eu sempre achei que o que eu ganharia de empregado aqui no sítio poderia empatar ou até mesmo ganhar em termos de renda o que eu receberia trabalhando na cidade. Então, eu acredito que esse é o fundamento, a principal questão de estar aqui é econômica. Outra coisa importante é aquela tranquilidade que só o sítio dá para gente, mas tem pessoas que não se sentem bem e acham que tudo é difícil na roça, mas eu não, como eu fui criado em sítio e tenho origem rural, levo essa vida numa boa. Eu tenho facilidade para fazer os serviços do sítio, porque desde pequeno sempre aprendi a fazer de tudo um pouco e digo para você que

essa tranquilidade econômica é o que me mantém até hoje no assentamento. Aqui você não vê um querendo ser melhor do que o outro, não ficamos reparando se o outro está melhor que a gente, já em alguns lugares da cidade eu percebo que as pessoas ficam reparando nisso, se o outro está melhor de vida, aqui nós temos a cabeça boa em relação a isso.

Eu e minha família gostamos demais dessa tranquilidade que temos aqui no sítio, já na cidade você não pode deixar uma porta aberta, nem o portão aberto por conta da segurança. Aqui não, aqui você pode ficar sossegado em relação a isso, apesar de que hoje está tudo mudado, mas, mesmo assim, nós ainda nos sentimos mais tranquilos no sítio. Alguns anos atrás era bem melhor ainda, só que hoje já requer alguns cuidados, porque a violência e a falta de segurança estão por todo canto. O sítio é muito mais tranquilo, nós só vamos até a cidade buscar aquilo que é necessário e aqui não tem, pois de resto conseguimos produzir aqui, tanto alimentos como criar os bichos. Então, falo para você que a tranquilidade e o bem-estar que encontramos vivendo aqui deixa nossa vida ainda melhor.

Rapaz, eu também fiz outra façanha aqui que eu esqueci de contar. Eu sou uma pessoa cooperativista e toda a minha família lá do Mato Grosso também sempre pensou assim, sempre tivemos um pensamento puxado para o lado do cooperativismo. A façanha que vou te contar é sobre o leite, eu lembro que teve uma época que aqui só tinha apenas dois laticínios para o assentamento todo e eles judiaram demais da gente no preço do leite e assim faziam um cartel entre eles. Além deles, tinha uma cooperativa lá em Prudente só que era muito longe, mas como queria me livrar desse cartel eu fui fazendo com o pessoal dessa cooperativa, assim fui conhecendo um ou outro e um dia eles falaram que se eu fundasse uma linha e trouxesse o leite até Prudente, que em troca, no futuro eles trariam um tanque de leite para o nosso assentamento. Fui negociando aos poucos e um dia fui até Prudente e falei para eles: – *“Espere, eu vou alugar um caminhão e trazer leite aqui para vocês”*. (disse aos risos).

Depois disso, eu comecei a fazer reuniões com os produtores daqui para pensarmos numa solução melhor para a gente, então foi o que te disse agora pouco, eu sempre fui cooperativista, eu sempre gostei de cooperativa e lá no Mato Grosso eu e minha família éramos cooperados em cooperativas de lavoura, e depois dessa reunião nós nos organizamos e com pouco tempo já estávamos mandando o leite para Prudente. Sei que ficamos nessa um tempão, foram uns 6 ou 7 anos mandando leite para lá, mas uma hora tivemos um problema e fomos infelizes porque a cooperativa era muito boa, era uma cooperativa de primeiro mundo, era muito estruturada, mas eles deviam muito.

Então, devido essas dívidas eles quebraram e nós até hoje não sabemos como isso aconteceu. A partir da quebra deles surgiu um problema para nós, já que eles ficaram devendo dois meses de leite para a gente, pensa no meu desespero, éramos uma sociedade de 75 produtores e eu era o responsável, porque fundei ela. Naquele tempo eu cuidava de tudo, eu tinha remédio de gado e fornecia, porque a cooperativa confiava em mim e mandaram esse remédio. Então, com esse problema nas minhas mãos eu tive que ir atrás deles para negociar a dívida e ver se nós receberíamos o dinheiro, foram quase dois anos dando viagem para Prudente até que eles entregaram dois tanques grandes como uma forma de abater essa dívida.

Ao receber esses dois tanques no lugar da dívida nós ficamos com o desafio de transformá-los em dinheiro, o lado bom foi que cada associado recebeu os seus troquinhos e eu como o responsável corri atrás de uma firma lá de Ouro Verde/SP, uma firma lá na Sorocabana e assim, eles se interessaram em comprar os tanques e em puxar nosso leite. Essa empresa tinha sede em Ouro Verde e Martinópolis, eles se interessaram na nossa produção e vieram aqui e compraram a nossa dívida a troco dos resfriadores e também pediram um ano de prazo para pagar o leite que nós fornecemos todo mês, além de pagar parcelado aquela dívida dos resfriadores. Em um ano eles pagaram aquela dívida e também pagavam o leite normal que entregamos todo dia no tanque.

Essa foi uma das façanhas que nós passamos, foi um momento em que tivemos que nos reinventar com essas dificuldades, foi um bom acordo para nós e para empresa. Só que com uns dois ou três anos eles quiseram sair do nosso assentamento e foram embora, nisso surgiu um outro problema e foi quando eu tentei fundar uma outra associação. Com muito custo, nós fundamos uma associação e começamos pedir uns resfriadores para o INCRA que nos ajudaram com dois resfriadores através da administração da prefeitura.

Depois dessa conquista fomos lutar para encher esses resfriadores de leite e eu era o presidente da cooperativa, isso aconteceu lá pelos anos de 2006 e 2007, pois em 2005 nós começamos com as ideias e em 2007 nós tínhamos os resfriadores. Mas, daí eu comecei a fazer reunião com os produtores e surgiu um grande problema, ninguém queria levar o leite nos tanques. Eles alegavam que só entregaria o leite se passasse um caminhão na porta deles recolhendo, por conta desse problema eu senti bastante dificuldade e não consegui tocar os resfriadores e para eu não ficar com toda essa responsabilidade nas minhas costas eu preferi repassar para uma outra associação que surgiu na época. Eu transferi os tanques, porque além desse custo, eu ainda teria que

pagar a energia e outras contas e se eu não assumisse esse compromisso uma série de problemas recairia sobre mim.

Também me lembro que tínhamos uma horta comunitária, um transformador e um motor elétrico, todos em meu nome, e ainda bem que consegui transferir para essa associação que é do assentamento mesmo. Essa associação tocou os resfriadores por vários anos, nem leite para ela eu entreguei e passei a entregar em um tanque particular. Hoje, eu sei que todos esses tanques que passaram pelas associações estão em mão particular, essa última não conseguiu tocar e repassou para frente, tanto que a associação já não existe mais. O tanque continua nas mãos da comunidade, só que de uma outra forma, de forma particular.

Eu só fiquei com uma associação em meu nome e está até hoje, os sócios saíram todos e associação é uma firma que eu estou tentando transferir, mas ninguém tem interesse. Para você ter ideia ela está no meu nome e todo ano tenho que declarar e gastar dinheiro do meu bolso, porém de todo mal eu acredito que foi uma vitória perante todos esses problemas, eu faço uma declaração e gasto uns 200 reais todo ano, mas isso não é problema, o duro é se ela estivesse com aquela responsabilidade, um maquinário tudo no meu nome aí sim seria pior.

Foi uma outra façanha que fiz, primeiro foi para cooperativa que quebrou e deu esse trabalho todo para gente receber, hoje essa cooperativa está em mão particular também, pois não conseguiu pagar as dívidas e acabou vendendo todo o patrimônio. Você até deve conhecer essa cooperativa de Prudente, Colvapi o nome dela, tem aquele banco que é cooperativa é dela também, parece que existe até hoje em Prudente.

Depois desses tropeços eu dei uma abandonada nisso tudo, foi difícil retomar a produção porque nós tomamos muitos prejuízos com essa cooperativa, pois em vez de fazer o bem para a comunidade ela acabou fazendo um mal muito grande para os cooperados, muitos se endividaram e ficaram sem receber. No começo ela foi muito boa para gente sair daquela dominação dos laticínios, mas depois fez um mal muito grande, porque ela quebrou e foi mal administrada, nós não tivemos sorte com a cooperativa.

Se estivéssemos dado certo com ela, talvez hoje estaríamos com outro padrão de produção, com um gado melhor talvez, porque essa era ideia na época, ter um gado melhor e com inseminação, se conseguíssemos com a cooperativa seria muito melhor, porque o custo seria menor do que fazer em particular. Eu particularmente nunca quis fazer uma sofisticação no meu gado, fazer uma inseminação, uma ordenhadeira e essas coisas, porque sei que é um custo muito alto e se você é pequeno é muito difícil dar certo, tem que ter uma certa estrutura. Com a cooperativa a gente até sonhava alto com isso

aí, mas infelizmente não deu certo e eu abandonei a ideia. O meu programa aqui hoje é um feijão com arroz e eu tiro leite de mão, tento tirar uma quantidade boa para dar produtividade da mangueira e assim vou vivendo, ou melhor, sobrevivendo (*risos*).

Eu fiz outra façanha para sobreviver no sítio. Como você já deve saber aqui é uma região que não é muito boa para quem cria gado bom de leite, é muito difícil arrumar uma vaca de leite de qualidade por aqui, por conta disso, eu fiquei durante 15 anos selecionando vaca com touro girolando para tentar conseguir um gadinho mais ou menos e eu vejo que isso foi uma vitória que eu obtive. Hoje, eu tiro um leite até mais ou menos porque eu fiz minhas vacas de leite, eu mesmo fiz com o touro essa combinação. Atualmente nós já mudamos um pouco, hoje em dia consigo colocar um touro nelore para melhorar isso.

Quando era mais novo a ideia era tirar uns 100 a 150 litros de mão, mas ao longo desse tempo eu já cheguei a tirar mais de 200 litros de leite de mão e tudo por causa desse gado que fiz, não foi gado comprado, ou seja, nós compramos uma semente e daquela semente fizemos essa estrutura melhorada. Hoje eu ainda tenho umas 4 vacas que vieram de fora, mas já cheguei a ter 30 vacas crioulas boas de leite aqui no sítio e fui eu quem fiz também. Eu digo a você que é muito difícil você fazer uma vaca de leite, tem que ter um touro bom e uma vaca boa para que através de combinação nasça uma fêmea né, só assim você tem condições de tirar um leite bom dessa futura vaca. Então, meu filho, eu acredito que essa minha ideia em melhorar o gado também foi uma façanha que fiz para sobreviver aqui, eu e vários companheiros do assentamento fizemos isso e foi uma coisinha que deu certo para nós.

Hoje o carro-chefe do nosso assentamento é o leite, posso dizer que é a principal estrutura que ajuda muitas famílias aqui atualmente. Porém, com o passar do tempo muita gente não vendeu o lote, mas, foi trabalhar na usina pra ter uma renda e por esse lado, eu acho que a usina ajuda muito o morador aqui do assentamento, pois se o pai não trabalha, um dos filhos sempre trabalhou ou estão trabalhando na usina e assim podem ajudar a família a se manter no lote.

A usina dá muito emprego para os moradores daqui, então as pessoas que não vivem do leite vivem em função da usina, teve uma época que eles arrendavam lotes aqui no assentamento, mas hoje em dia praticamente diminuiu essa prática, pelo menos aqui. Naquela época, o fazendeiro não arrendava a terra porque o gado dava mais lucro que a cana, porém isso mudou com o tempo, o gado deixou de ser mais rentável e a cana passou a dar mais renda, por isso o fazendeiro começou a arrendar suas terras e com isso a usina perdeu o interesse nos assentamentos.

Eu mesmo nunca pensei nisso e nunca quis arrendar, eles já vieram aqui várias vezes, mas nunca arrendei, porque sempre quis viver em função do meu trabalho no sítio. Então, com o fazendeiro arrendando suas terras hoje, eles não se interessam mais pelos assentados, para eles não compensam mais arrendar sítio pequeno, lote por lote e o INCRA naquele tempo exigia só arrendar a metade do lote, porque a outra metade você tinha que tocar, então eu nunca quis arrendar.

Então, além do leite, te digo que a cana também foi um dos carro-chefe para dar renda e sobrevivência aos assentados, para mim não, mas muita gente viveu anos dessa forma, arrendando o seu lote para a usina, o que não foi o meu caso. Agora é uma outra relação com a usina, diferente do arrendamento, o que acontece é que hoje as pessoas estão indo trabalhar lá dentro, principalmente os filhos que são os agregados, pois muitos pais e mães ficaram de idade igual a eu, e eles foram todos trabalhando para a usina.

Eu nunca quis trabalhar para fora de empregado para os outros, mas em outros casos eu sou da opinião de que a usina ajudou muito o povo aqui, ajudou entre aspas né, porque a pessoa também entrou com o trabalho, mas ela deu emprego para muita gente e dá até hoje.

Em relação a assistência técnica eu lembro que no começo nós tivemos uma boa e regular, mas quando o INCRA se estabilizou aqui em Teodoro nós tivemos uma assistência técnica melhor, porque antes era terceirizada e depois passou para o INCRA. Mas, isso foi por pouco tempo, acho que no primeiro ou segundo governo do Lula não foi terceirizado ainda, mas durante o governo Dilma já terceirizaram de novo. Depois do governo Dilma a assistência continuou terceirizada, mas com a pandemia piorou ainda mais a situação, porque antes já era mínima a visita dos técnicos, com a pandemia já nem existe mais.

Eu acredito que com a pandemia tudo piorou para nós aqui do assentamento, desde a saúde até a questão do emprego e da assistência em geral, ficamos mais largados ainda. De qualquer forma, eu sinto que o governo já está nos deixando mesmo, a assistência técnica já era muito irregular e acho que a ideia do governo em dar o título da terra e regularizar é um jeito para não tirar essa responsabilidade com a gente. Se não me engano, em nível federal já existe um projeto de lei de regularização das terras que passou no Congresso, já no nível do estado ainda está em processo esse projeto de dar o título da terra para os assentados.

Na minha cabeça, o governo já tinha construído essa ideia de dar o título da terra para o povo, pois eles já vinham terceirizando a assistência técnica nos assentamentos, em que um ano tinha contrato e outro não tinha e quem mais sofria com isso era o

produtor. Antes tínhamos vacinas como a da brucelose, agora temos que ir atrás tudo sozinho ou ficamos dependentes de pessoas para pagar um veterinário particular, porque não tem mais essa assistência. Então, isso é um grande problema, essa falta de orientação para o produtor. Aqui no nosso assentamento todo mundo faz as vacinas certinho, porque também é uma coisa do interesse do produtor em fazer e estamos pagando para fazer essas vacinas.

A assistência técnica na pandemia não acontece, nem existe mais, desse um ano e meio de pandemia não tem assistência técnica nenhuma para nós. Creio eu que se eles derem o título, aí acaba mesmo, porque tiram de vez essa responsabilidade com os assentamentos.

O que eu posso falar sobre o envelhecimento? Agora você me pegou, mas vamos lá. Bom, até os 60 anos é uma coisa, principalmente no trabalho na roça, percebo que antes eu tinha mais força e mais agilidade para trabalhar e fazer qualquer tipo de serviço, a minha vida era montar num cavalo e sair andando pelo assentamento. Mas, quando cheguei aos 60 eu entendi o porquê que a aposentadoria é muito importante, porque a pessoa muda a cada ano e uma hora ela vai sentir no corpo e na cabeça como é envelhecer. Graças a Deus eu estou envelhecendo com saúde, porque se não tiver saúde até mesmo antes dos 60 a pessoa envelhece. Até os 60 anos eu não me sentia velho, estava pronto para fazer qualquer serviço, mas quando chegou nos 60 começou a surgir os problemas, aí passei a me considerar uma pessoa velha (risos).

O principal problema que senti com a idade foi a perda das forças no corpo, é uma coisa inexplicável, de uma para outra você perde um pouco das forças e sente que não é a mesma pessoa para montar em um cavalo, nem para laçar uma vaca ou domar um bicho, até mesmo para fazer uma cerca ou qualquer serviço no sítio, que geralmente é mais pesado. Nisso, você vai se sentindo fraco e percebe que o seu corpo não reage da mesma forma que quando era mais novo e a cada ano que passa você se sente mais fraco, e eu já estou quase fazendo 67 e te digo que a cada ano você sente uma diferença no seu corpo. Ainda bem que o governo colocou a aposentadoria aos 60 anos, é muito necessário, principalmente para o homem e a mulher que trabalham na roça.

Eu acho que a principal diferença de envelhecer aqui no sítio em relação ao povo da cidade é a questão da qualidade de vida, aqui eu sinto que temos mais liberdade e tranquilidade. Na cidade se você aposenta e fica parado é pior, para é algo ruim pro nosso corpo, porque temos sempre que estar ativo e fazendo alguma coisa para não acostumar ficar parado. Aqui no sítio não acontece isso porque tem bastante atividades, mesmo quando estamos aposentados não paramos, pois continuamos mexendo com a criação

de bichos, com as plantas, tirando leite, plantando e cuidando da roça para deixar tudo ajeitadinho e essa é a grande diferença para a cidade. Eu ouço falar que tem gente na cidade que envelhece e não quer ficar parado, quer continuar trabalhando, mas o problema é que tem outros que se acomodam em casa e ficam o dia todo no sofá ou sentado numa cadeira, aí acaba ficando dependente dos outros no futuro. Nós não podemos ficar parados, temos sempre que fazer alguma coisa e se movimentar.

Na velhice nós perdemos um pouco da agilidade, das forças e até mesmo da memória, parece que é mais demorado para lembrar das coisas, isso quando ainda não esquecemos, aconteceu mais vezes depois dos 60. Por isso, eu acho muito importante ter a aposentadoria para ajudar as pessoas na velhice, porque os idosos não vão fazer a mesma coisa que faziam antes, o corpo fica mais devagar. Eu fui sentir essas diferenças só depois dos 60 anos.

Com a velhice, a mulher e os filhos ficam mais em cima da gente, porque você não consegue fazer as coisas e os trabalhos no sítio do mesmo jeito e no mesmo tempo que fazia antes, eles falam que estou maduro, que não aguento fazer e que tenho que parar. Às vezes ainda temos algum projeto para tocar ou aquela ideia, temos que continuar lutando para conquistar, eu por exemplo, sonho em comprar um carro novo, o problema é que agora não ganho o mesmo dinheiro que ganhava antigamente, então é mais complicado para manter as coisas.

E essa preocupação que surge dos filhos e da mulher quando a gente fica velho é normal, eu consigo entender eles, quando eu comprei o primeiro carro eu era novo e com pouco tempo eu paguei, eu era outra pessoa né, hoje não, por isso que às vezes eles falam para eu tomar cuidado e ser mais cauteloso com o que estou fazendo. Eles acabam dando mais palpites em nossa vida porque se preocupam com a nossa idade, por isso, eu estou cuidando mais da saúde hoje em dia e até faço caminhadas periódicas para envelhecer melhor.

Também estou cuidando da alimentação, porque a alimentação manda muito na saúde e eu sei que não pode exagerar em algumas besteiras e bebidas principalmente. Quando eu era novo eu tomava duas, três cervejas e não sentia nada, agora, se eu passar de uma já não dá certo, o corpo já amanhece mal e com dor de cabeça. (*risos*). A velhice muda tudo na gente, meu filho.

Outra parte afetada pelo envelhecimento é a memória, com o passar da idade você já não lembra das coisas com facilidade, você não grava mais as informações como antes, se você ler um livro já é diferente de quando você era novo, tudo em você vai mudando e eu espero não ter uma mudança muito brusca, porque conheço muitos que

perderam a memória, eles estão vivos, mas sem memória e lembranças. Isso é muito ruim, a pessoa fica sem histórias e não consegue guardar nada, é uma coisa triste, porque a pessoa trabalhou a vida inteira e chega na velhice e não consegue descansar.

Eu posso dizer para você que hoje até existe um olhar diferente para o idoso, vejo que as pessoas olham com menos preconceito pois entendem que é uma coisa normal, todo mundo vai envelhecer e vai passar pela mesma situação. O problema que sinto é que às vezes você quer fazer alguma coisa e a pessoa não confia mais como antes e fica amolando o juízo para você não fazer, sinto essa desconfiança, principalmente dos mais novos em relação aos mais velhos, parece que vamos perdendo a credibilidade com a idade.

Com isso, as pessoas já oferecem mais ajuda para a gente, mas eu considero isso normal. Vou te contar um caso que aconteceu há um tempo, foi na fila do banco, eu já tinha os meus 60 e por eu ser uma pessoa pequena, existia aquela fila para o povo entrar no banco e foi quando um funcionário da agência chegou e perguntou se eu já tinha os 60 mesmo, então eu tive que provar que tinha os 60, porque tinha acabado de completar na época, depois disso ela viu o documento e conferiu e fui para outra fila. Isso é um tipo de coisa boa que surgiu para gente, dá um certo respaldo para os idosos, porque já sofremos tanto para trabalhar nessa vida.

Eu acho muito bacana a fila, o estacionamento para os idosos, é uma atitude legal reconhecer esse direito e essa preferência né, acho importante usufruir de tudo isso, porque de fato já passamos por toda a fase da vida, fizemos família e trabalhamos muito para chegar bem até a velhice.

Eu costumo falar para a família que trabalhar não mata ninguém, eu vejo o exemplo dos meus irmãos mais velhos que trabalharam com machado e enxada e eu trabalhei muito na roça também, por isso, penso que o trabalho não envelhece e nem mata ninguém, eu acho que o trabalho rejuvenesce as pessoas, porque ficam mais ativas. Eu por exemplo, trabalhei muito nessa vida e nunca escolhi nenhum tipo de serviço. A velhice é isso, agora temos mais tempo para descansar, mas eu não quero descansar e vou continuar fazendo aquilo que posso e consigo fazer, mas com uma certa moderação em função da idade.

Acredito que a coisa mais importante na velhice é a pessoa ter saúde, porque ela é a base para nossa vida, você não precisa ter dinheiro, nem bens e riqueza, você só precisa do suficiente para poder viver e ter saúde, que é o primordial de tudo isso. Esse é o grande carro-chefe em qualquer fase da vida, seja criança, jovem ou idoso, você tem que ter saúde para viver melhor.

Envelhecer é algo natural, é um processo de amadurecimento importante para todas as pessoas e eu penso que a boa convivência com a família e os amigos ajudam a tornar esse momento melhor. Nós vamos nos desenvolvendo e nos enxergando com a idade, por isso, é muito importante você aceitar a velhice para lidar bem consigo mesmo. É importante aceitar e naturalizar essas mudanças dentro da pessoa que você é, então, eu me aceito como velho, penso pelo lado positivo e vejo que vivi bastante, ganhei experiência, fiz amigos e família ao ponto de ver uma pessoa nova e não me sentir menos que ela, ou até mesmo ter inveja, pois sei que é normal envelhecer, é um caminho que todos vão ter que passar em algum momento da vida.

Então, eu enxergo a velhice como um grande amadurecimento da vida, uma coisa que deve ser naturalizada, pois é uma conquista você chegar bem nessa fase. Tudo isso só é possível se tivermos uma boa relação com os outros, uma consideração com a família e os amigos, o respeito e o amor-próprio, eu acho que conquistamos tudo isso com a velhice.

Em cada dia de nossas vidas recebemos uma prova de Deus e elas são feitas do mesmo jeito que acontece na escola, sempre em silêncio, eu acredito que todos nós recebemos certas funções aqui na Terra por um ser criador e é em silêncio que temos que exercer essa função. Quando a situação fica ruim ou quando ela está boa, temos que agir com naturalidade e amor e eu te falo que com a velhice nós aprendemos a ter amor, ter respeito com as pessoas e se colocar no lugar do outro em qualquer situação. É importante ter mais serenidade e não agir como um jovem que quando não concorda com algo fica bravo e explode, com o ganho de experiência passamos a agir de outra forma e pensamos duas vezes antes de falar certas coisas para não machucar os outros e isso é uma coisa que aprendi com a velhice, essa tranquilidade e ganho de experiência.

Eu já estou com 27 anos levantando de madrugada por conta do leite, eu acordo antes das 4 horas da manhã e essa é a minha rotina há vários anos, entre 4 h e 6 h eu já tenho que estar de pé para tirar o leite. Mas, tem algumas coisas aqui no sítio que já não faço tanto por conta da idade, hoje, se precisar fazer uma cerca ou alguma benfeitoria mais pesada eu prefiro pagar para fazer, pois já não tenho a mesma força que antes.

A minha principal função aqui no sítio é tirar o leite, porque é um serviço que não é pesado e eu tiro bem ainda e é uma coisa que gosto muito de fazer. Eu ainda vou continuar com o leite pelo fato de ser uma função que gosto de realizar e vai ser assim até quando eu puder. Atualmente, eu tiro uma média de 60 a 70 litros diários ao longo do ano, isso na média, porque tem mês que tiro 50 e no outro tiro 100, esse ano cheguei a tirar 140 litros, mas agora está com 50.

Eu estou ficando mais velho, vou fazer 67 no final de semana, meia sete. Espero viver muito ainda, cada vez mais e melhor.

Pontos brilhantes na narrativa de Sr. Oiti

[...] “Quando eu era novo eu tomava duas, três cervejas e não sentia nada, agora, se eu passar de uma já não dá certo, o corpo já amanhece mal e com dor de cabeça. (risos). A velhice muda tudo na gente, meu filho. Outra parte afetada pelo envelhecimento é a memória, pois com o passar da idade você já não lembra das coisas com facilidade, você não grava mais as informações como antes, se você ler um livro já é diferente de quando você era novo, tudo em você vai mudando e eu espero não ter uma mudança muito brusca, porque conheço muitos que perderam a memória, eles estão vivos, mas sem memória e lembranças. Isso é muito ruim, a pessoa fica sem histórias e não consegue guardar nada, é uma coisa triste, porque a pessoa trabalhou a vida inteira e chega na velhice e não consegue descansar” (Sr. Oiti - 67 anos. Assentamento Água Sumida - julho de 2021).



Ilustração: Zilda Oliveira.

Oiti foi o segundo entrevistado durante nosso trabalho de campo. Chegamos em seu nome de acordo com as instruções do Sr. Palmeira, a quem ele nomeou como uma das figuras responsáveis pela introdução das organizações sociais de produção no assentamento. Conhecido por sua participação ativa em associações e cooperativas, Oiti está empenhado em encontrar alternativas econômicas para melhorar a renda e a qualidade de vida de sua família.

Dos onze idosos, apenas o Sr. Oiti não chegou diretamente a Água Sumida por meio do movimento de luta pela terra. Ele entrou no assentamento comprando benfeitorias de uma família que não conseguiu se manter na área. Ao se estabelecer no início da década de 1990, Oiti se autodenomina a segunda geração do lote. Embora não tenha participado da luta que gerou os assentamentos, o entrevistado tem um histórico de trabalho no rural e atualmente batalha para melhorar as condições de vida na terra.

O Sr. Oiti é um homem branco de 67 anos, casado e pai de três filhos. Natural de Dourados, interior do Mato Grosso do Sul, veio para a região com o interesse de conquistar um pedaço de terra para morar com a família e fugir das condições de vida e trabalho encontrados no espaço urbano. Sua chegada ao assentamento é descrita como a realização de um sonho que o acompanha desde a infância, quando já ajudava os pais trabalhando na roça. Através desse sonho, ele pôde encontrar segurança e tranquilidade, desenvolvendo a pecuária leiteira, atividade que, além de gerar renda, permitiu que os filhos estudassem e permanecessem na universidade.

A primeira lembrança reconstruída na entrevista é que, ao chegar ao assentamento, conseguiu descrever em detalhes o estado do lote e as condições da casa. O entrevistado lembrou que era uma casa muito humilde, com quatro cômodos, e quando chovia, tudo dentro ficava encharcado. Segundo ele, um dos motivos que levaram a antiga família a sair foi a pobreza e a falta de infraestrutura encontrada no assentamento. Ele relembra as dificuldades de morar em uma casa que não oferecia conforto ou condições básicas de vida, e mostra com orgulho como melhorou sua estrutura e depois aumentou os cômodos e um banheiro para proporcionar o bem-estar à sua família. A reforma da casa é um dos pontos altos de sua memória, realizada em três fases, e Oiti conta como a vivência no assentamento e as atividades agrícolas melhoraram as dimensões de seu lar e, conseqüentemente, sua qualidade de vida.

De modo geral, a transformação dos espaços e lugares do assentamento é marcante em sua memória, lembrando-se com orgulho da construção do primeiro poço artesiano para extrair água, a ampliação das partes da casa e o levantamento de uma

mangueira, o que possibilitou o trabalho de retirada de leite. Todos esses fatos são de grande valia em sua fala, pois são fruto de muita luta e esforço familiar.

Conforme mencionado, a pecuária segue a existência do Sr. Oiti desde a infância, onde trabalhava com a família na roça. Atualmente, junto com a aposentadoria, o leite é a principal fonte de renda do lote, entendida como um mecanismo de reprodução social da família dentro do assentamento. Apesar dos bloqueios e da variação de preço, com o leite, Oiti pôde expandir seus horizontes de vida e melhorar suas condições materiais e econômicas.

Sua memória evoca o início do assentamento, uma época extremamente difícil em que sua família lutava todos os dias para sobreviver e encontrar o mínimo em termos de estrutura. Além disso, Oiti acredita que a capacidade e o entusiasmo para trabalhar na terra são fundamentais para a adaptação e manutenção das famílias do assentamento, pois muitas delas acabam saindo porque não suportam a precariedade e a instabilidade de um ambiente sem água, luz e alimentos. Comentou que o conhecimento das práticas agrícolas e o desejo de trabalhar a terra facilitaram sua vida neste novo espaço, o assentamento. Ao reconstruir a trajetória de sua vida, vemos que Oiti nasceu e cresceu no campo, e desenvolveu suas habilidades nos trabalhos na roça.

Embora muitos trabalhos considerem a evasão como o processo de desistir/sair do lote, entendemos que existem vários conceitos para isso, “saída”, “desistência”, “rotatividade”, “abandono”, “venda” e “troca de lotes” (COSME, 2015, p. 3). No entanto, nos valem do entendimento defendido por Fernandes (2013), que compreende a evasão como o processo pelo qual os assentados são expulsos de seus territórios.

Nesse sentido, Ribeiro et al (2011) descrevem que os motivos da evasão estão relacionados às ações das instituições responsáveis pela criação do projeto de assentamento, considerando que mesmo após a conquista da terra, a adaptação a um novo modo de vida é um dos principais dilemas enfrentados pelas famílias.

Como afirma Silva (2001), a falta de infraestrutura produtiva, assistência técnica e crédito tornou-se uma das barreiras que impedem a presença permanente dos beneficiários no lote, o que se tornou uma verdadeira “batalha” para a manutenção das famílias assentadas na terra. Em geral, os autores perceberam que os índices de evasão nos assentamentos estão atrelados aos problemas com infraestrutura básica, a origem não rural das famílias e a inexperience com atividades agrícolas.

A relação entre desenvolvimento, liberdade e espaço rural se aprofundou em sua memória quando o entrevistado mencionou uma série de benefícios de viver no campo. Sendo assim, a qualidade de vida foi afirmada pelo Sr. Oiti quando perguntamos sobre

as diferenças entre o envelhecimento rural e urbano. Para ele, o envelhecimento rural traz uma série de vantagens relacionadas ao seu bem-estar, baseado em uma sensação de liberdade e tranquilidade. O seu ponto de vista defende que morar em um assentamento é uma condição de saúde, pois acredita que se morasse na cidade, se aposentaria e ficaria na frente da TV vendo a vida passar. No lote, ele se mantém ativo trabalhando nas necessidades da terra.

Sua esposa é uma figura importante na memória de sua família, reconhecida por sua persistência, não desistindo da luta por um mundo melhor e mais justo, e oportunizando aos filhos o acesso à universidade pública. Companheira e guerreira são alguns dos adjetivos que o entrevistado utiliza ao falar sobre o papel da esposa em sua vida, sempre apoiando e incentivando-o a lutar pelo sonho da terra, entendida como uma luta comum.

Na memória de Oiti, os filhos são vistos como motivo de orgulho e felicidade, e o caminho de aprendizado para a faculdade era a alegria de sua vida, pois ver seus filhos se formando e com estabilidade era um de seus maiores sonhos. Eles costumam visitar os pais mesmo longe da cidade, e Oiti disse que seu objetivo é que pelo menos um filho queira se apoderar da terra, passando a viver no assentamento depois dele e da esposa.

O amor pela terra e pela profissão de pecuarista é o que mantém o entrevistado e sua família no assentamento até hoje. Oiti revela que se não fosse a facilidade que tem em lidar com as atividades agropecuárias, ele teria vendido o lote como fez outros que passaram pelo assentamento e foram embora. Ele sempre imaginou nesse lugar, morando e trabalhando no campo.

Esse ânimo em trabalhar e fazer a vida acontecer no lote se reflete em sua participação na construção dos espaços coletivos, igrejas e barracão comunitário utilizado para festas e casamentos. Oiti descreve como o trabalho coletivo por meio dos mutirões possibilitou a criação de lugares de sociabilidade e de manifestação religiosa. Ele se orgulha em compartilhar sua história e comenta que o empenho dos assentados tornou a Água Sumida um dos assentamentos mais organizados em termos de infraestrutura da região, pois além dessas áreas coletivas, possui uma Escola Estadual e uma Unidade de Estratégia de Saúde da Família.

Oiti contou que sua vida mudou com a velhice, onde aprendeu lidar com as alterações causadas em seu corpo e memória de forma positiva e natural. No geral, sua fala enfatizou que os 60 anos marcam a chegada de novos desafios atrelados a perda de força e agilidade para o trabalho, e Oiti brincou que fazer cerca, montar a cavalo,

domar animais e realizar atividades mais pesadas passaram a ser feitas de maneira mais cautelosa devido a idade.

O Sr. Oiti naturaliza a velhice e a vê como um enorme processo de amadurecimento na vida que deve ser celebrado como uma conquista, pois nem todos conseguem se manter saudáveis nessa fase. Segundo ele, isso se deve ao bom relacionamento com familiares e amigos, além da experiência de trabalhar no lote, que o mantém ativo e desperto em suas atividades diárias.

Em geral, a velhice o ensinou a agir com mais leveza e espontaneidade na vida, a se guiar pelo amor e respeito pelas pessoas e a se colocar no lugar dos outros, independentemente da idade e da situação. A velhice traz experiência e sabedoria, pois o Oiti de hoje lida com os problemas de forma diferente de quando era mais jovem, lidando com as adversidades de forma calma e serena que lhe é característica à medida que envelhece.

Sua opinião sobre a pandemia é um ponto destacado em sua narrativa. Oiti está insatisfeito com a ausência do Estado com a assistência técnica e com a falta de incentivos e investimentos para que as famílias assentadas tenham condições mínimas de sobrevivência na terra. Para ele, no contexto pandêmico, tudo no assentamento piorou, tudo o que resta é uma sensação de abandono.

Diferentemente dos demais respondentes, o Sr. Oiti foi o único que apoiou a titulação fundiária, estabelecido no projeto de Lei nº 17.557 / 2022 que cria o Programa Estadual de Regularização de Terras. Ele vê esse processo como uma forma de valorizar a terra do assentamento, mas não tem intenção de vender ou deixar o lote. Outros idosos veem o projeto como uma ameaça à estabilidade do assentamento porque cria a possibilidade de privatização de terras públicas.

O tempo que viveu na cidade é um ponto alto de sua memória, pois durante esses três anos conheceu novas pessoas e lugares e aprendeu novos trabalhos como auxiliar de pintura e gente nas campanhas de candidatos à representação política. Foi uma época muito precária, ele não tinha muitas opções de trabalho, e só depois de um tempo conseguiu um emprego em uma empresa de cultivo de algodão e soja.

Este momento é de apoio à reconstrução do ambiente agrícola na cidade de Dourados, onde vivia na época. Ele relembrou com detalhes a crise que devastou as lavouras de algodão e soja na época, quando demissões em massa e produtores rurais perderam quase tudo e tiveram que começar do zero. Esse evento foi um ponto chave na saída de Oiti do Mato Grosso do Sul para se estabelecer em São Paulo. A crise nas

lavouras e o desemprego levaram o entrevistado a fazer a transição do espaço rural para o urbano, permitindo que seus projetos entrassem na terra.

O acesso à terra deve-se à herança adquirida após a morte dos pais. Ele usou o dinheiro para dar entrada em melhorias no local, tornando-se a segunda família a ocupar e usar a terra. O Sr. Oiti destacou a importância das políticas públicas que viabilizou o Proterra (Programa Especial de Crédito para Reforma Agrária), o primeiro dinheiro que usou para comprar o gado da pecuária leiteira, atividade que se tornou o sustento de sua família até hoje.

O controle sobre o espaço, o tempo e a dinâmica do trabalho (como evidenciado pela autonomia) é um elemento que reforça o discurso de sua vida plena no assentamento. Nessa lógica, Oiti teve vantagens na permanência na terra, como o trabalho doméstico, redução de impostos em relação ao espaço urbano e abastecimento de alimentos por meio da produção no assentamento. Segundo ele, é muito mais barato viver na terra porque ele tem mais acesso a carnes, leite e ovos, produzidos em seu lote, sem precisar recorrer ao mercado. Assim, além da tranquilidade e autonomia, há uma questão econômica associada à sua fala.

A experiência cooperativista é marcante em sua memória, e ele lembra em detalhes suas primeiras entregas, dívidas e o fechamento da organização. Mesmo tendo vivido o apogeu da cadeia produtiva do leite, o entrevistado também relembrou toda a instabilidade revelada pelo impasse nesta atividade que fortaleceu a renda de muitas famílias no assentamento. Assim, os problemas da fragilidade da pecuária leiteira aparecem em sua narrativa, refletido na perda financeira das famílias cooperadas.

A história mostra que, mesmo diante de todos esses problemas, Oiti se apegou à pecuária e não desistiu do leite, mas por meio dessa atividade continua lutando para se manter na terra. Essas memórias do trabalho na pecuária mostram as diferentes estratégias das famílias assentadas na obtenção de renda e manutenção da terra.

Apesar de todos esses obstáculos e limitações na experiência cooperativista, o entrevistado detalhou como se reinventou ao longo desses anos. Hoje, consegue se sustentar e sobreviver por meio dessa atividade econômica. Com o tempo, melhorou seu rebanho e investiu em gado de melhor qualidade, criando suas próprias vacas através do cruzamento de raças mais produtivas. Essa estratégia é considerada um importante feito de expansão de seus horizontes de vida na terra. Para Oiti, a cana-de-açúcar também foi revisitada como mais um modelo de trabalho e renda, principalmente para os jovens, mas ele se orgulha de não precisar arrendar o lote, pois vive apenas da produção do leite.

Nós saímos do Paraná, que era o lugar onde morávamos e viemos para cá com a intenção de ter uma vida melhor e mais digna, naquele tempo nós trabalhávamos de volante para os outros e o meu velho sempre falava que um dia nós íamos ter a nossa casinha e sair dessa vida de viver em propriedades de patrão. Nós sempre tivemos essa vontade de sair dessa vida porque nessas propriedades teríamos que seguir as regras dos donos e quando estamos no que é da gente, nós podemos fazer o que tiver vontade, nós lidamos com as coisas do nosso jeito e temos a liberdade de viver no que é nosso. Ele sempre dizia que um dia iríamos ter a nossa casa e nossa terra, ele sonhava com isso.

Eu nasci em Diamante do Norte, uma cidadezinha do Paraná e sempre vivi em área rural, foi lá que eu cresci e me criei, depois fui para Guarujá/PR e me casei, lá também morei em área rural e depois voltei para Diamante do Norte onde tive os meus filhos e Diamante eu vim para cá e só saio daqui em um caixão, só depois de morta.

Toda minha família vivia no rural, os meus pais mexiam com lavoura e minha família em peso era envolvida com lavoura. Meus pais mexiam com arrendamento e com café e tirava uma porcentagem para tocar por dois, três, quatro, cinco anos e por fazenda que nós morávamos por anos. A maior parte da vida do meu pai foi tocando café na fazenda e minha mãe o acompanhava, então posso dizer que isso também fez diferença no porquê de eu ter parado aqui no assentamento, a minha família inteira mexia com lavoura e eu acabei seguindo esse mesmo caminho.

Nessa mesma época nós ficamos sabendo das terras da Gleba XV de Novembro em Euclides e a conversa que ouvimos no Paraná era de que esse povo estava todo acampado e ganhando a terra. Com isso nós ficamos animados com essa chance e viemos participar desse acampamento também para ver se conseguíamos um pedacinho de terra para nossa família. Logo de início, começamos a nos preocupar com a questão da mudança, pois nós nunca tínhamos vindo para esse oco de mundo e os primeiros que vieram foram meu velho e meu irmão, eles saíram na frente para ver como era a situação aqui e depois trazer a gente.

Eles vieram em 1985, nessa época nós morávamos em Diamante/PR ainda, eles dois tomaram a coragem e fizeram as barraquinhas de lona aqui e ficaram durante três meses trabalhando e ajudando na organização do acampamento. Depois desses três meses debaixo da lona eles foram nos buscar lá no Paraná, o meu irmão buscou a minha cunhada e o meu marido me trouxe junto com as crianças e assim viemos.

Rapaz do céu! Eu nunca tinha vindo para essas bandas, não conhecia nada aqui, não sabia de movimento sem-terra, nem de acampamento e nunca imaginei que ficaria debaixo de um barraco. Nós viemos na loucura, viemos só de mala e cuia com as molecadas, ficamos por uns três meses no barraco e depois fomos buscar a nossa mudança em Diamante. Ficamos nessa vida durante uns três anos, pensa numa vida sofrida, era duro ficar naquela situação. Nesses três anos passamos de tudo que você imaginar, passamos fome, passamos sede, passamos frio, a vida era muito dura com a gente. Até aparecer um servicinho foi um tempo, nós pelejamos bastante.

Com o tempo as coisas foram melhorando e aos poucos foi aparecendo um serviço aqui e outro ali, era o que ajudava a nos manter. Esses servicinhos, pelo menos, ajudavam a gente ter comida na mesa, com esse dinheiro já conseguíamos viver um pouco melhor, com o trabalho já dava para fazer uma comprinha no Porto até que graças a Deus saiu a terra aqui para a gente.

Com a vinda para a terra no assentamento nós continuamos sofrendo ainda, foi um tempo de luta e muito sofrimento e eu acho que aqui foi mais difícil ainda, porque chegamos e não conhecia ninguém, também não tinha serviço, foi duro demais rapaz. Foi muito sofrimento pra gente. Naquela época nós tínhamos um conhecido que morava no Planalto, hoje ele é falecido, mas foi ele que arrumou serviço para turma na usina, ele tinha um caminhão e começou puxar o povo para trabalhar e só a partir daí que a nossa vida aqui foi andando.

Nós ficamos um ano e meio acampados num barraco na beira de um córrego aqui no assentamento, então foram três anos e meio na beira da pista e um ano e meio na beira do córrego. Nós ficamos nessa situação até a divisão do assentamento em lotes e quando cortaram os lotes nós fomos para o nosso sítio e com o tempo fomos melhorando a vida, foi devagarzinho, mas graças a Deus saímos daquele sofrimento que a levávamos antes. Era muito sofrimento.

Hoje nós ainda passamos apurados, nada está fácil, mas agora as coisas estão melhores que antigamente, porque aquela vida que vivemos no acampamento e depois quando foi para pegar o lote aqui na beirada do córrego eu não desejo para ninguém, foi muito sofrido. Eu lembro de sair daqui para ir em Teodoro/SP pedir comida junto com o meu menino que hoje mora no Porto 10, ele era molequinho ainda, bem pequeno e juntos ia eu ele para Teodoro pedir alimentos, eu ia para um lado e ele ia para o outro, o bichinho morria de vergonha, mas nós estávamos passando precisão em casa, então tínhamos que pedir, eu penso que era melhor pedir do que roubar. Ele sempre ia comigo e as outras crianças, eu deixava tudo em casa e levava só ele que era o mais grandinho, tinha as

minhas meninas, uma mora atualmente no Mato Grosso e a outra trabalha no posto, eu as deixava em casa para cuidar dos irmãos.

Eu não tenho vergonha de ter feito isso, pois a gente passava muita precisão das coisas em casa, naquela época não tinha serviço e a gente se virava com o que tinha, mas graças a Deus aguentamos essa fase difícil e conseguimos pegar o sítio. Daí em diante, nós ainda passamos por necessidade, mas era bem menos porque agora já tinha a usina que pegava o povo para trabalhar. O pai deles sempre pegava empreitada dos outros e levava os filhos para ajudar, a partir disso creio que as coisas foram melhorando e o governo também começou a ajudar mais a gente aqui do assentamento.

Nós entramos aqui em 1988 e naquela época eu já era mãe de oito filhos e depois tive mais um no assentamento, aliás, quando eu entrei no acampamento eu tinha sete filhos, aí lá no acampamento eu tive um e aqui na beira do córrego eu tive outro. Então, eu tive dois filhos na época da lona e quando fui para o acampamento essa menina¹⁵, ela era muito novinha e nem andava ainda, hoje está uma mulher, olha como o tempo passa. O meu filho que nasceu aqui tem trinta e poucos anos e está casado, mora lá em Álvares Machado/SP e tem outro que é motorista.

Eu não era uma pessoa que participava de tudo, era mais o meu velho que ia atrás das informações, ele era uma pessoa que gostava das reuniões e de conversar com a turma, eu ficava mais em casa cuidando das crianças e do serviço. Naquele tempo nós passamos muitos perrengues e o que mais marcou foram as dificuldades que nossa família e o restante dos acampados passaram, muitas vezes era até humilhante.

Minha vida era essa, eu saía para trabalhar de boia-fria e tentava tirar alguma coisinha e na maioria das vezes não sobrava tempo nem para ter contato com o pessoal do acampamento. Sempre que aparecia serviço para a gente era de boia-fria, tanto que hoje o povo posta no “face”¹⁶ algumas coisas do passado e eu gosto de ver por que essa época me marcou bastante, uma das coisas que sempre lembro é do caminhão que carregava a gente, tinha vezes que era uma viagem mais demorada. Nós íamos para todo tipo de roça, eu acordava 4 horas da madrugada para colher café, às vezes era 5 horas e nós tinha que atravessar uma balsa para ir colher café em Terra Rica, no estado do Paraná. Então, isso me marcou muito, lembro que a gente também ia no caminhão de boia-fria catar algodão aqui no estado de São Paulo, também colhemos amendoim na época, o tempo na roça como boia-fria marcou demais, era essa nossa vida no tempo de acampamento.

¹⁵ Nesse momento, a recordadora se refere a uma das filhas que estava presente no dia da entrevista.

¹⁶ A recordadora refere-se a rede social Facebook.

Depois que passamos por esse tempo de acampados nós viemos para o assentamento para seguir nossa vida. No primeiro ano aqui não deu tempo de plantar nada, mas no segundo ano plantamos milho, mamona, arroz, feijão, mandioca, algodão, foi um ano bom, pois plantamos de tudo um pouco. Só que do algodão foi assim, meu velho fez um financiamento no banco para plantar, só que a colheita não saiu do jeito que ele esperava e acabou não dando tanto algodão, nisso nós ficamos devendo e o meu velho teve que se virar plantando mandioca para poder pagar a dívida do banco. Depois que pagamos o banco ele não quis mais trabalhar dessa forma, com o banco envolvido no meio, porque podia dar um rolo com as contas.

Teve época que plantamos arroz e colhemos, plantamos feijão e colhemos e também plantamos mamona, mas a mamona não foi para frente porque não aparecia mais comprador. Hoje eu ainda tenho vontade de plantar um pedacinho de mamona, mas não para a venda e sim para eu fazer remédio, com a mamona dá para fazer muita coisa, até azeite, sabia? Eu tenho vontade de plantar para fazer o azeite, porque quando a gente tinha a mamona nós fazíamos o azeite e hoje não tem como, porque não tem mais pés de mamona, mas eu estou com umas sementes para plantar e fazer o azeite. Apesar dessa minha vontade, hoje em dia não é muito bom plantar a mamona se você tiver a intenção de vender, pois já não tem tanto comprador como antigamente, não existe mais.

O que plantamos aqui no sítio é só para nosso gasto mesmo, de vez em quando plantamos uma abóbora ou uma mandioca e essas coisas são só para o nosso consumo mesmo. Teve uma época que plantamos milho, mas foi só para perder, foi um milho bom, mas acabamos perdendo por conta do tempo, plantamos e colhemos de um tudo, arroz, feijão e depois fomos desanimando. Já plantamos cana, mas era um arrendamento para usina, aí depois paramos e ficamos só com umas cabecinhas de gado mesmo. Atualmente, nós também mexemos com leite e estamos nisso até hoje porque é uma ajuda boa, nós retiramos e entregamos para o povo aí.

Aqui no lote só mora eu e elas, essa minha filha e a menininha dela, tinha o meu velho que morava com a gente, mas já faz três anos que ele faleceu. Também tenho um filho, mas ele teve que se mudar para Teodoro por conta do trabalho na usina, então aqui no sítio é só eu, ela e a menininha dela. Graças a Deus tenho elas aqui comigo, a minha filha é trabalhadeira ela só não tira o leite, mas faz tudo que é tipo de trabalho que tem aqui, ela prende o gado, mexe com o bezerro, tira o mato, cuida dos bichos, ela faz bastante coisa e me ajuda porque já não estou aguentando fazer as coisas como antes. É um trabalhão porque a terra é grande, o sítio tem nove alqueires.

Nós duas é que mantém tudo em ordem aqui no sítio, principalmente a minha filha, pois é ela quem mexe com tudo. Ela faz bastante coisas e até cria umas cabecinhas de porco, porque eu com esses problemas na coluna não consigo fazer mais nada, ela carpe e rastela, tudo que é trabalho é com ela mesmo. Rapaz, o problema é ter que pagar toda hora para uma pessoa resolver os problemas que aparecem aqui no sítio, assim a gente não vence, então tem coisas que temos que pagar para alguém fazer, pois não aguentamos, por exemplo, nós duas não damos conta de fazer cerca e nem de tirar o leite, pois já é um trabalho mais pesado, mas as outras coisas eu tento fazer do meu jeito e o que não der é ela que faz e assim nós vamos levando a vida e tocando o sítio. É muito trabalho manter isso aqui, pois é muita coisa para fazer.

Eu sou a primeira dona do sítio, estou aqui desde 88, fui a primeira e creio que vou ser a última, porque isso aqui eu não vendo por nada nesse mundo. Depois que meu velho faleceu muita gente falou assim para mim: - *“Vende esse gado, vende esse sítio e compra uma casinha na cidade e vai viver a sua vida”*. E eu pensei comigo mesma, vou viver a minha vida ou acabar com ela? Se eu fosse seguir esse conselho acabaria com a minha vida, porque eu não gosto de barulho, não gosto de barulheira de carro, de barulheira de som, eu não gosto de muitas coisas que tem na cidade. Já aqui no sítio eu deito e me levanto a hora que eu quero e faço o que quero, entendeu? E tem o espaço no quintal para eu andar, se eu quiser sentar debaixo daquele pé de manga eu vou, se eu quiser mexer com as minhas plantas eu mexo, se eu quiser cuidar da horta ou da galinha e do porco eu vou também, já na cidade eu cruzaria os braços e ficaria olhando o tempo passar até morrer.

Então, eu não pretendo vender isso aqui de jeito nenhum, esse lote foi muito sofrido para ganhar, meus filhos sofreram demais, pois vieram tudo pequeno para o acampamento, todos sofreram. Eu e eles passamos fome, passamos sede, porque na época não tinha água no acampamento e tínhamos que andar dois quilômetros para ir atrás de água, meus filhos sofreram e mesmo assim, criei todos eles graças a Deus. Hoje, só tem ela dentro de casa, mas eu não pretendo vender, não sei se depois que morrer eles têm essa intenção de vender, mas creio que eles também não pretendem. Eu sempre lembro da época que íamos acampar e o pessoal do movimento falava que isso aqui era para os pais criarem os filhos, criar netos, bisnetos e tataranetos e assim por diante, é uma coisa que é de família para família, então nós vamos vender para quê?

Se nós vamos na cidade na casa de um parente e vejo aquele quintalzinho apertadinho já me dá uma agonia, se você faz um churrasco nesse quintal já vai incomodar o vizinho por conta da fumaça. Também não pode juntar tanta gente na casa

e receber a família e os amigos porque a casa é pequena, já no sítio não, no sítio é tudo diferente. Teve uma época que fizemos um Natal aqui e veio gente em peso, a minha família é muito grande e você acredita que dentro de casa, na área e na cozinha não cabe essa gente toda. Teve uns que dormiram debaixo daquelas árvores em rede, dormiu gente para tudo que é lado. Se fosse na cidade não ia caber ninguém, porque não tem tanto espaço. Deus me livre de um dia ter que ir para a cidade, lá não consigo dormir com aquela barulheira de rua, de carro e moto, isso não é para mim. Aqui no sítio eu estou sossegada. Graças a Deus eu nunca morei na cidade, mas ela já. Algumas vezes eu ia visitar os parentes e ficava na casa da minha filha, cidade para mim é só para visitar mesmo.

Eu tenho uma filha que mora em Bataguassu/MS e toda vez que vou na casa dela eu me sinto presa, se eu saio na porta da sala tem um quintal que é pequenininho, se saio na porta da cozinha é outro quintalzinho pequenininho, não tem espaço para sentar numa sombra de uma árvore, só tem uma sombra pequena da casa e da área, mas depende do lado do sol ainda, Deus me defenda de um lugar assim!

Na cidade a água você tem que gastar, não que a gente não gaste, mas aqui o poço é da gente, já na cidade tudo você tem que gastar e fazer uma economia danada porque lá é tudo mais difícil né. Se você vai na casa de um parente não tem como tomar um banho tranquilo debaixo do chuveiro, porque quando chega a conta ela vem alta. Na nossa casa é nós que pagamos, é muito mais tranquilo porque temos o poço. Aqui, nós também fazemos as nossas hortas e deixamos o gerador ligado de cedo até o meio dia, dá para molhar tudo, dar banho nos porcos, já na cidade não tem como fazer isso, lá você não pode criar nem uma cabeça de porco, pois tudo tem que ir no mercado comprar, se quer uma batata, compra, se quer uma mandioca, compra, pé de alface, compra, tudo tem que comprar, no sítio não existe isso, porque aqui temos a terra e sabemos plantar.

Aqui no sítio o que tem de mais fartura é a manga, que em época boa chega até perder, além de comer nós damos para os porcos e para o gado, é muita manga, e na cidade se você quer uma fruta tem que comprar e Deus me livre de cidade, eu só quero ir lá para comprar as coisas que precisa e pagar as contas, mas para morar não quero não. Eu tenho um filho que está lá só por causa do serviço dele, mas está agoniado para voltar para cá, ele não gosta de morar lá, tanto que ele sempre fala que se um dia ele perder o serviço dele, ele abandona tudo na cidade e vem construir uma casa aqui no sítio. Hoje ele tem família, mas a vontade dele era morar aqui com a gente, pois não é fácil morar na cidade.

Teve uma mulher que entrou aqui em 88 junto comigo, ela já tinha família formada e os filhos já eram todos casados, só que ela, coitada, depois que o marido morreu ficou sozinha e vendeu o sítio e foi para a cidade. O povo diz que o dinheiro que ela ganhou do sítio não foi suficiente para ela cobrir a casinha que comprou lá, ela teve muitos gastos, teve que mexer na casa, arrumar e reformar e isso tudo gasta. Depois que se mudou para lá a coitada ficou doente e não foi mais a mesma, até que a filha dela diz que a mãe ficou doente porque se arrependeu de ter vendido o sítio e ter se mudado para a cidade. Ela se arrependeu muito, muito mesmo. O duro que depois que vende não tem mais jeito e não dá para voltar atrás, por isso, eu sou da opinião de que não vendo, pois eu e meu velho sofremos demais para conseguir essa terra. Na época nos interessamos e fomos atrás de acampar, sofremos muito e passamos até necessidade, mas hoje vejo que foi uma coisa que compensou.

Hoje ele é falecido, eu não tenho meu marido comigo, mas nem por isso penso em vender isso aqui. Se os filhos quiserem acompanhar, acompanhem, mas enquanto eu estiver viva, não vendo de jeito nenhum, porque sei que as coisas estão difíceis para todo mundo, mas lá fora está muito pior. Nós sofremos para conseguir essa terra, por isso eu acho que compensa segurar, tem que segurar porque não está fácil e cada dia as coisas estão ficando mais difíceis.

Por isso, todo os dias eu agradeço muito a Deus por esse pedacinho de terra e vou levando a vida até o momento que ele tem marcado para mim, todos tem o seu dia marcado, então eu creio que se Deus amparou até agora e nos sustentou, ele não vai nos abandonar e vai amparar até mais para frente, dando a direção e o discernimento para resolvermos nossos problemas e é dessa forma que vamos seguindo.

O início da vida aqui no assentamento foi difícil e demorou um tempo para nos estabilizarmos no lote, demoramos quase três anos para construir a nossa casinha, antes disso moramos por muito tempo em barraco de lona, tanto no acampamento como na beira do córrego, nós moramos em barraco de lona. Eu lembro que o meu velho fazia os barracos com pau e colocava a lona para depois amarrar ele bem amarradinho com corda e só colocava capim por cima, ele cortava o capim e colocava por cima para não esquentar muito por causa do calor. Aqui no assentamento foi a mesma coisa, fizemos o barraco e ficamos um tempo acampado até ir para o lote.

Quando saiu uma oportunidade do governo em ajudar a comprar o material de construção foi quando construímos a nossa casa, primeiro fizemos quatro cômodos e depois as coisas foram melhorando. Também teve uma época que o governo ofereceu um custeio e nós pegamos para comprar o carrinho de leite e as primeiras cabecinhas de

gado, foi isso que ajudou a gente nesse comecinho. O carrinho nós temos até hoje e é só nós que temos o carrinho comprado com esse dinheiro do governo, eu acho que é só nós, parece que só nós temos o carrinho até hoje. Ele estragou uma vez, aí meu velho foi e reformou ele, agora está aí todo quebrado, mas com fé em Deus eu vou arrumar ele de novo e vou mandar fazer o varal dele, porque ajudou bastante a gente.

Nessa época nós compramos o carrinho e compramos um animal também e a partir disso é que as coisas foram melhorando aos poucos, depois começamos a entregar leite e alugar pasto para nos ajudar financeiramente, graças a Deus. Então, rapaz, depois que pegamos esse custeio nós passamos a ter condições de comprar o material para aumentar a nossa casinha, depois que ele faleceu eu ainda fiz um bocadinho de coisas para ajeitar tudo aqui, tem bastante coisa para fazer ainda, mas devagarzinho a gente chega lá.

É a liberdade, o que me faz ficar no sítio até hoje é a liberdade que sinto em viver aqui. Não troco essa tranquilidade por nada nesse mundo. Aqui, não preciso dar satisfação e nem incomodar ninguém, se eu quero fazer uma coisa vou lá e faço, por exemplo, se eu quero fazer um chiqueiro para criar porco eu vou lá e faço sem ter alguém falando onde e como tenho que fazer. Eu tenho o controle do meu sítio, se eu quiser deixar o mato grande ou pequenininho vou lá e pronto, além disso quando é tempo de fruta, como a manga, nós sempre temos fartura, se quiser fazer uma horta ou uma roça eu faço a hora que quero, tem espaço e tempo, aqui no sítio nós fazemos os serviços de acordo com a nossa vontade.

Eu tenho um pedaço de terra reservado para fazer minha rocinha e nela eu vou ter milho, feijão catador, mandioca e bastante verdura, vai ficar do jeitinho que gosto. Eu acredito que tudo isso me motiva a ficar por aqui e por isso que não tenho vontade nenhuma de ir embora para a cidade, pois viver lá é a mesma coisa que estar numa prisão. É uma prisão, às vezes penso se na cidade eu conseguiria criar galinha e porco, sendo que não pode ter criação de animal. Lá eu seria muito infeliz, ficaria presa em casa e cercada por aquele quintalzinho. Deus me livre!

Aqui no sítio é bom porque se no final do ano você quiser um leite ou quiser comer um assado com a família tem aquela cabecinha de gado que a gente cria, não é muita, mas dá para matar e depois comer. Já na cidade seria diferente porque lá as pessoas não tem costume de criar os bichos, então se eu quiser comer, teria que ir num açougue ou mercado para comprar. Então, o lado bom de tudo isso é que você mata o gado e pega a carne para se alimentar, ninguém te impede porque o animal é seu e pronto. Se eu morasse na cidade, como ficaria? Eu teria que comprar para comer.

Caso queira matar uma novilha tem que pagar caro para pegar uma boa que alimente a sua família toda no final de ano, ou tem que ir comprar até o açougue e ver por arroba, já no sítio não existe isso, aqui sempre combinamos de matar uma novilha no final de ano e ninguém nos impede, pois é você que manda no que é seu. Você pega, mata, limpa, põe no freezer e assa, depois a família chega e come juntos, pronto e acabou. Na cidade não seria possível isso.

É que nem porco, eu já matei alguns depois que o meu velho morreu, ele nunca gostou de criar porco, mas eu toda a vida sempre gostei e depois que ele faleceu comecei a criar de verdade. Eu já matei umas cabeças para os meus filhos comerem, é um prazer para mim, um prazer que tenho. Se eu estivesse na cidade e tivesse com vontade de comer um pedacinho de carne teria que ir lá no açougue e comprar, no sítio é diferente, aqui eu tenho a carne porque crio meus bichos. Ontem mesmo a leitoa criou sete leitõezinhos, uma alegria danada.

Quando morei no Paraná a minha família mexia muito com lavoura de café e no meio dos pés de café plantamos arroz, feijão e milho para ter essa variedade de alimentos além disso, as propriedades sempre tinham uma área separada para os empregados fazerem suas hortas e nós aproveitamos esse espaço para plantar. Nós moramos muito tempo em colônia, lá no Paraná tinha muitas colônias, já aqui é diferente, cada um tem a sua casa e faz o que quiser, nas colônias as casas são mais próximas, uma pertinho da outra, mas é muito bom morar em sítio, melhor ainda é morar no que é nosso.

Quando eu nasci a minha mãe morava numa colônia pertinho da cidade, numa fazenda chamada Bela Vista, eu lembro como se fosse hoje. Lá minha mãe teve três filhos e eu saí de lá com uns quase cinco anos e eu lembro que morávamos numa casa em que as escadas eram de madeira, o assoalho dessa casa tinha os quatro cantos feito de pau que ajudava levantar a casa, dentro dela tinha esse assoalho e uma escada para entrar e depois subir. Nós moramos cinco anos nessa fazenda e lá a minha mãe teve três filhos, teve eu e meus dois irmãos mais novos e de lá meu pai saiu para ir trabalhar com outro patrão, era um japonês que tinha uma propriedade do outro lado do Rio Paranapanema, em frente onde é Primavera/SP, mas só que do outro lado, ainda no estado do Paraná.

Nessa fazenda meu pai morou 14 anos e lá ele tocava o café e uma roça da colônia, ficamos 14 anos nesse lugar e de lá fomos para Terra Rica, também no Paraná, pois o meu pai sempre mexeu com fazenda e trabalhava com café. De lá nós voltamos para Diamante de novo e do Diamante ele veio para o acampamento, morreu no acampamento lutando para conseguir um pedaço de terra como a gente, foi bem triste.

Meu pai e minha mãe faleceram e quem toca e mora no sítio deles hoje é o meu irmão, eles tinham o sítio lá perto de Euclides da Cunha/SP.

Na verdade, o sítio que o meu pai veio morar era do meu irmão, não era do meu pai, porque quem foi acampar foi o meu irmão, mas como a minha mãe tinha um sonho de ter o sítio dela junto do meu pai eles foram morar lá. Nessa época o meu pai andava doente e com isso a minha mãe falou que ia acampar lá para os lados da Primeiro de Abril para pegar um sítio para os dois e ela foi acampar e ganhou o sítio, só que quando ela pegou o lote o meu pai faleceu. Ela continuou lá no sítio dela, mas quando faleceu o sítio dela ficou para o meu irmão que morava lá para os lados da São Bento. Depois que morreu é ele que cuida do sítio e o meu outro irmão mora num outro sítio aqui perto de Euclides, para você ver, veio a família toda para cá e estamos assentados até hoje.

Aqui na região eu tenho umas irmãs que estão acampadas, também tenho um filho que tem um sítio na Primeiro de Abril e tenho outra filha que mora aqui no assentamento, o sítio não é dela, é do sogro, mas está na família dela. Graças a Deus estamos todos no sítio, minha sobrinhada e meus irmãos, a família toda. Isso é muito bom, sempre que podemos estamos nós visitamos, a coisa boa é que todo mundo está no sítio, quando vou na casa de algum parente sei que dá para dormir tranquila, que tem espaço a vontade e tem vezes que ficamos a noite toda conversando e contando os causos, é uma coisa boa demais. No sítio é muito bom, na cidade não tem como ser igual, a diversão não é a mesma.

Eu acordo bem cedo, madrugo junto com o galo (*risos*) e vou fazer minhas coisinhas, ajeito o café e depois vou mexer com as minhas plantas, cuido da minha horta e assim vou passando o dia. Sempre invento alguma coisa para não ficar muito tempo parada. Eu também mexo com a máquina e conserto a roupa para o povo aqui do assentamento, eles sempre trazem umas peças para eu arrumar e pregar um zíper na calça, ou fazer barra ou remendo. Também corto e costuro as roupas para o povo daqui. É um serviço que gosto de fazer, distrai a minha cabeça e não fico parada.

Eu praticamente faço pouco serviço, o corpo não ajuda muito devido aos problemas que tenho, principalmente a minha coluna, mas sempre ajudo a minha menina no que eu consigo. O que gosto mesmo de fazer é mexer com a horta, limpar o quintal e cuidar das plantas, eu não mexo com muita coisa por causa da minha saúde, mas estou sempre dando uma força para ela no trabalho aqui do sítio. A gente se ajuda e o que tiver que fazer a gente faz, se cair um forno somos nós que levantamos, a gente trabalha e se ajuda bastante. Eu ela fez um forno de barro, ou seja, tudo que pensamos em fazer nós

vamos lá e resolvemos, não temos preguiça para nada. O que eu não aguento fazer ela faz, mas a maior parte das coisas do trabalho é ela que faz.

Eu acho que estou envelhecendo bem apesar dos meus problemas e uma coisa que percebo é que as pessoas têm muito preconceito com esse negócio do envelhecimento, eu não, porque sei que uma hora ou outra todo mundo vai envelhecer e vai ficar velho. Tem pessoas que reclamam: - *“Ah, eu não quero ficar velha!”*. Eu tenho pavor quando escuto isso daí, porque gente, ninguém nasceu para a semente.

Tem gente que está ficando de idade e quando o cabelo começa a ficar grisalho já fica desesperada e pinta para tentar esconder que está envelhecendo, mas não adianta nada, porque a feição da pessoa mostra tudo e mostra que ela está envelhecendo. Mas, isso é uma coisa que não tem jeito de fugir, é uma dádiva que todo mundo vai passar e por mais que o povo tente evitar ou esconder que está envelhecendo, o cabelo, a cara ou a identidade já mostra a idade verdadeira dela. Então, eu acredito que o envelhecimento não é algo que deve colocar medo nas pessoas, temos que assumir isso e ser feliz, eu vejo como uma coisa boa.

Eu acho que a pessoa tem que aceitar a velhice porque ninguém nasceu para semente, você nasceu para ficar velho um dia, então tem gente que tem preconceito com o envelhecimento e não quer ficar velho. Rapaz, me dá uma agonia quando eu escuto a pessoa falar que não quer ser avó, pois ter netos é a coisa mais bonita desse mundo. Acho lindo quando a criançada vem e pede a benção e fala: - *“Bença Vó!”*! O povo tem preconceito com isso e eu já escutei tanta gente falar que quer morrer antes de ficar velha, eu acho isso um absurdo.

Ser velho é muito bom porque você já curtiu a vida e viveu muitas coisas, têm jovem aí que morre cedo e não consegue aproveitar nada, por isso acho que a velhice não é um coisa ruim e só quando chegamos nessa fase é que percebemos que passamos por muitas situações e vivemos muitas coisas nessa vida, tanto boas como ruins. Deus deu a gente vida e saúde para conhecer o mundo e tudo que existe nele, por isso, eu penso que a idade é um sinal bom de que estamos aproveitando a nossa vida.

Bom! Se fosse para escolher, eu quero viver muito ainda e só morrer depois que a minha cabeça estiver toda branquinha. Rapaz, eu acho a coisa mais linda quando vejo um velhinho ou uma velhinha com a cabeça branquinha. É a natureza gente! Isso mostra que a pessoa viveu e acumulou experiências e é simplesmente a natureza da vida.

Quando estou ficando com o cabelo mais grisalho, a minha menina fala para eu dar banho de brilho, mas não gosto quando falam para eu o pintar, eu me revolto e digo não, porque eu acredito que o meu cabelo ficando branquinho mostra que estou com

saúde e vivendo minha vida. Eu tenho uma filha que mexe com cabelo e ela sempre quer dar um banho de brilho no meu, e eu deixo porque ela gosta de cuidar de mim, mas sempre aviso antes que tinta eu não aceito no meu cabelo, mesmo assim eu não faria nada, a minha vontade é deixá-lo do jeito natural. Eu nunca fui vaidosa e nem fui de usar nada, já as minhas filhas gostam de cuidar da beleza, de se pintar e tingir o cabelo, já eu não, não gosto e nunca fui chegada nisso.

Se eu te mostrar as minhas unhas você vai ver que é cheio de terra embaixo delas porque eu gosto é de mexer com as coisas do sítio, de cuidar das plantas e da minha horta, não tenho essa vontade de pintar e também não tenho vaidade de espécie alguma. Eu acho que todo mundo tem que aceitar a sua velhice, eu aceito a minha e se Deus prometer que vou morrer com 80 anos, quero estar bem velinha e com a cabeça branquinha porque sei que cumpri minha missão aqui na terra.

Uma coisa que eu acho tão linda é quando os filhos cuidam dos seus velhinhos e demonstram aquele amor, isso é a coisa mais bonita que existe. Esses dias eu vi um vídeo no face de um filho cuidando do pai, ele carregava aquele senhorzinho no colo e eu achei muito bonito, ele dava banho e comida, quando vejo essas coisas eu me emociono, é abençoado esse carinho dos filhos com os seus pais, principalmente quando estão mais velhos. Eu acho tão bonito isso, quando os filhos cuidam de um pai e de uma mãe ou quando pegam no colo e dão atenção, igual ao do vídeo que assisti em que o filho dava uma mamadeira para o pai, porque o senhorzinho não conseguia comer sozinho, essa demonstração de amor é a coisa mais bonita desse mundo.

Outra coisa que eu penso é que se nós chegamos nessa idade foi porque Deus permitiu e eu não tenho preconceito e nem medo em relação a isso, porque sei que Deus nos deixou aqui para viver de um tudo e tem muitos que não aceitam ficar velho por ignorância da própria pessoa, ou até mesmo pelo preconceito contra a idade.

As minhas meninas ficam na minha cabeça: - *“Mãe, a senhora tem que comprar uns cremes para o rosto e cuidar desses braços, a senhora tem que se cuidar”*, (risos), elas me falam direto, mas eu nem ligo para isso. Olha para minha pele e veja como tá, eu não tenho vergonha de mostrar ela, olha como eu sou¹⁷. Quando morei no Paraná eu trabalhei muito debaixo de sol e sem blusa para me proteger, eu só usava o chapéu e uma calça comprida, trabalhava o dia inteirinho naquele sol quente e por conta disso a minha pele cozinhou com o sol, olha o jeito que ficou. Aqui no estado de São Paulo já passei em vários dermatologistas e todos falaram que a minha pele não tem mais jeito, que ela cozinhou com o sol. E agora eu vou ter vergonha disso aqui? Vou ter vergonha

17

A recordadora mostra as marcas na pele causadas pela exposição ao sol.

de mim? Nunca! Eu me aceito desse jeito e eu acho que é uma marca que ficou no meu corpo por causa do trabalho, eu trabalhei muito nessa vida debaixo de sol quente.

As minhas meninas sempre falam para eu ir atrás de cremes para melhorar a pele, mas já usei tantos, eu falo pra deixar meu braço assim e pronto, eu não tenho vergonha e nem devo nada para ninguém. Eu sempre vou para a cidade e nem ligo se reparam nos meus braços, se as pessoas olharem ou me chamar de velha por conta disso eu não ligo porque sei que não é pela idade e sim porque trabalhei muito tempo embaixo do sol e sem proteção, eu nem me preocupo com isso.

Eu fui percebendo que estava envelhecendo por conta dos anos que vão passando, ninguém fica novo para sempre e a cada ano nós ficamos mais velhos. Só que a cada ano nós ficamos mais velhos e mais experientes também. Sobre a minha pele, não é que eu percebi que fiquei velha por conta dela, porque meus meninos começaram a falar que a pele ficou desse jeito por causa da idade e até falavam que tinha mulheres mais velhas que não tinha um braço igual ao meu. Já eu penso que cada um é cada um.

De tanto eles pelejar eu fui atrás de um dermatologista e pelos exames eles descobriram que a minha pele é assim por causa do sol, mas eu não estava me preocupando com isso não, foram eles que começaram a me apurar: - *“Mãe. A senhora tem que ir num médico de pele ver isso, porque essa pele no seu braço não é normal. Tem mulher mais velha que a mãe e tá com a pele lisinha e limpinha e não é enrugada, a mãe está ficando velha já. Tem que ver isso”*. Tem um menino meu, o caçula que mora em Machado/SP, que veio me visitar e quando bateu o olho em mim, me abraçou e começou a chorar dizendo: - *“Eita minha mãe, eu nunca ia esperar ver a senhora tão velhinha desse jeito”*. Fazia um tempinho que ele não me via e por isso teve essa reação, mas na hora que abracei ele eu falei: - *“Filho! A mãe está ficando mais velha e experiente”*. Eu expliquei para ele que isso é da natureza da gente e é uma coisa da vida, que não devemos nos chatear por causa da idade. Então, depois deles me apurar bastante eu passei no dermatologista e ele descobriu que a minha pele é assim por conta do trabalho no sol e não só pela idade. E eu não ligo para isso, eu estando de barriga cheia e pagando minhas contas certinho tá bom demais.

Envelhecer é muito bom e eu penso que nós só temos a ganhar com essa experiência, mas às vezes a idade atrapalha um pouco quando ficamos mais velho, principalmente para o trabalho, hoje já não temos a mesma disposição de quando éramos mais novos. E a disposição é importante para tudo nossa vida aqui no sítio, tem que ter disposição para andar, para abaixar e se mexer e conforme vamos ficando de idade o

nosso corpo vai travando e vai aparecendo vários problemas. É problema na coluna, artrite, artrose, problema com colesterol, ácido úrico, só problemas, meu filho.

Eu mesma tenho um problema nas costas que dependendo de onde eu me sento, na hora de levantar dá um trabalho que eu peno com a dor. Tem vezes quando estou na horta mexendo com as verduras que se eu abaixar muito e fizer esforço eu travo na hora, só minha menina sabe o jeito que fico, fico toda travada por causa da coluna. Hoje em dia eu não posso mais lavar roupas porque não aguento mais e fico travada. Então, a idade atrapalha por conta disso e o nosso corpo começa a mudar, é dor num canto, é dor em outro lugar, mas são coisas da idade né.

Rapaz, parece que perdemos nossas forças com a idade e isso atrapalha no nosso trabalho, pois já não é qualquer serviço que podemos fazer, se fosse na época de jovem seria diferente, eu acho que a idade nos limita nisso. Antigamente eu e o meu velho trabalhávamos na roça e pegávamos na enxada e saía varando duas ruas, ia um para cada lado da roça e a gente dava conta de todo serviço. Hoje eu carpo na enxada, mas não é igual eu fazia antes, é um pouquinho e devagarzinho porque se não o meu corpo não aguenta. Hoje eu tenho problema de varizes e de coluna e não dou conta mais de trabalhar como antes.

Então eu acredito que o único problema da idade seja isso, quando nós perdemos um pouco das nossas forças e disposição, mas de resto é só coisas boas. Quando vejo as pessoas falando que não quer envelhecer para ficar nova e bonitona para sempre eu penso: - *“Para que isso”? Hoje, boniteza não está servindo para nada é apenas uma ilusão do povo*”.

A idade só atrapalha nos movimentos que temos que fazer com o corpo, você tem que se mexer e se locomover para continuar vivendo. O problema é que têm pessoas que envelhecem e quer parar de se mexer, de andar e assim resolve parar, porque tem os filhos que fazem as coisas para eles, isso é a pior coisa. Eu falo isso porque o doutor disse para mim que só não me mandava fazer caminhada por conta dos meus problemas na coluna e nas juntas, na hora eu o respondi: - *“O senhor vai me mandar fazer caminhada para quê? Mais do que ando no meu quintal”*. Ele respondeu: - *“Então, por isso que não vou mandar porque sei que a senhora se movimenta e anda bastante pelo seu quintal, por isso não precisa de uma caminhada”*. Então, o que me ajuda bastante é que eu levanto cedo todo dia e já faço meu café, depois começo a me movimentar pelo sítio e vou atrás de fazer os serviços, cuidar da horta, dar comida para os porcos e assim vai, e outra coisa, se eu parar é pior para mim porque sei que vou travar. Eu me

movimento o dia inteiro e se eu paro eu fico travada, então a gente tem que se movimentar porque a idade atrapalha nessa perda do movimento do nosso corpo.

Todo mundo tem que passar por isso, mas eu vejo muita gente que chega nessa idade e não se movimenta mais como antes, a pessoa fica velha e não quer fazer mais nada, só quer ficar de boa aproveitando a aposentadoria, mas o problema é que se a pessoa não se movimenta o corpo dela vai parando aos poucos e o fim dela vai ser numa cadeira de roda. Por isso, eu acho muito importante a gente se mexer e se movimentar, mesmo que seja devagarzinho, você se mexendo, e se movimentando vai fazer um bem danado para os nervos do nosso corpo não travar e isso é uma coisa normal que vai aparecer com a idade.

Muita gente tem preconceito com as pessoas velhas porque acham que nós vamos ficar inválidos e caducos quando envelhecemos, mas eu graças a Deus nunca sofri preconceito por causa da idade. Eu não sofri preconceito de nada dessa vida, uma das coisas que aprendi com meu pai e minha mãe é que a gente não tem que ficar cuidando da vida dos outros e viver a nossa vida e pronto. As coisas que acontecem na vida de um ou na vida de outro, se tem alguém com isso ou com aquilo é problema dele, deixa ele para lá a gente tem que cuidar da nossa vida e graças a Deus não tenho preconceito com nada, nunca tive e nem tenho.

O que mudou na minha vida com a velhice? Tirando essa parte dos movimentos e da falta de disposição no corpo a minha vida não mudou quase nada por ser velha, eu continuo sendo a mesma pessoa só que mais experiente. E para falar a verdade a única coisa que mudou na minha vida foi que eu perdi o meu marido e depois que ele morreu eu não quero saber de arrumar outro. Eu não tenho vontade de arrumar um homem porque foi com ele que saí aos 14 anos da casa dos meus pais e depois me casei, eu vivi com ele por 44 anos, foi o pai dos meus filhos, todos os meus nove filhos são dele.

E agora nessa idade que ele veio a falecer eu não vou por outro homem dentro de casa para poder destruir com a minha vida e a vida dos meus filhos. Na idade que tô eu acho que tenho que viver de forma tranquila. Então, quando penso sobre o que mudou a minha vida foi essa parte em que perdi o meu velho, quando eu o tinha nós levávamos uma vida de marido e mulher, mas já que Deus me tirou ele eu vou viver a minha vida ao lado dos meus filhos.

Hoje essa minha filha está comigo, mas amanhã ou depois ela pode arrumar um casamento porque está solteira e ela tem o direito de seguir a vida dela também. Todos meus filhos estão com a família e caso eu fique sozinha, eu posso ir visitá-los de vez em quando e ficar um pouco na casa de cada um e assim vivendo minha vida. Eu não tenho

vontade de colocar outro homem na minha companhia, porque foi o meu velho que puxou a frente para termos tudo isso aqui hoje, por isso não quero ninguém me atormentando com as coisas, ou implicando se eu for para casa de um filho, ou de um filho vir para minha casa, isso é direito deles, é a minha família. Eles têm direito de vir me visitar e se divertir, porque eles tudo foram criados aqui no sítio e eu não vou deixar outra pessoa entrar na minha vida para implicar com eles e atrapalhar a nossa família. Meus filhos são tudo para mim e eles tem o direito de vir passear quando quiserem, seja final de semana, feriado ou final de ano, porque isso aqui é deles também, eles vieram tudo pequeno pra cá e ajudaram bastante eu e meu velho.

O que eu quero é estar sempre perto dos meus filhos e não quero um homem para empatar a minha vida, nem meu velho me amolava, eu saía e viajava tranquila, já fui para o Mato Grosso ver minha irmã e fiquei uns dias fora e ele não falava nada e ficava aqui cuidando das coisas. Hoje, eu não tô indo porque não tenho ninguém para tomar conta do sítio, mas agora, imagina eu colocar um homem aqui no sítio para implicar comigo e os meus filhos, não ia prestar. Fora que eu não ia querer ninguém se metendo nas coisas do sítio, dando palpite nos meus bichos ou nas minhas coisas nem meu velho fazia isso.

Hoje eu estou bem e graças a Deus eu devo tudo ao meu velho e aos meus filhos que nunca me abandonaram, agora eu vejo que nós estamos muito melhor do que antes de vir para o assentamento, eu sou uma pessoa muito feliz e realizada aqui no sítio.

Acredita que eu tenho um primo que mora lá em Limeira/SP que está doidinho para comprar um sítio aqui na região, nós sempre tiramos fotos do lote e mandamos para ele e aí ele fica doido. Ele sempre liga e fala: - *“Gente, eu tô com sessenta e poucos anos e não aguento mais essa vida aqui, a cidade não é um lugar para a gente viver, a cidade é lugar de doido. É um atropelo, é um atormento”*. Eu só sei que ele tá doido para vir para cá, tanto que a irmã dele está arrumando um sítio para comprar perto de Venceslau/SP e mês que vem ele vem para cá conhecer. Toda vez que ele liga pede as fotos aqui do assentamento e fica doido para querer sair da cidade, ele sempre diz: - *“Gente, vocês estão de parabéns, estão no céu. Aqui na cidade, tudo que preciso tenho que comprar em mercado”*. Ele também reclama que tem vezes que o salário não dá para pagar água, luz e aluguel. Junta com os problemas de saúde e com a necessidade em comprar os remédios e o dinheiro não aguenta, não dá nem para quitar as contas direito.

Eu acredito que essas são as principais diferenças do sítio para a cidade, viver no sítio é bem melhor, é tranquilo, sossegado e econômico e por isso que sou bem feliz aqui, graças a Deus.

Pontos brilhantes na narrativa de D. Araucária

“Olha para minha pele e veja como tá, eu não tenho vergonha de mostrar ela, olha como eu sou. Quando morei no Paraná eu trabalhei muito debaixo de sol e sem blusa para me proteger, eu só usava o chapéu e uma calça comprida, trabalhava o dia inteirinho naquele sol quente e por conta disso a minha pele cozinhou com o sol, olha o jeito que ficou” .(D. Araucária - 74 anos. Assentamento Água Sumida - julho/2021).

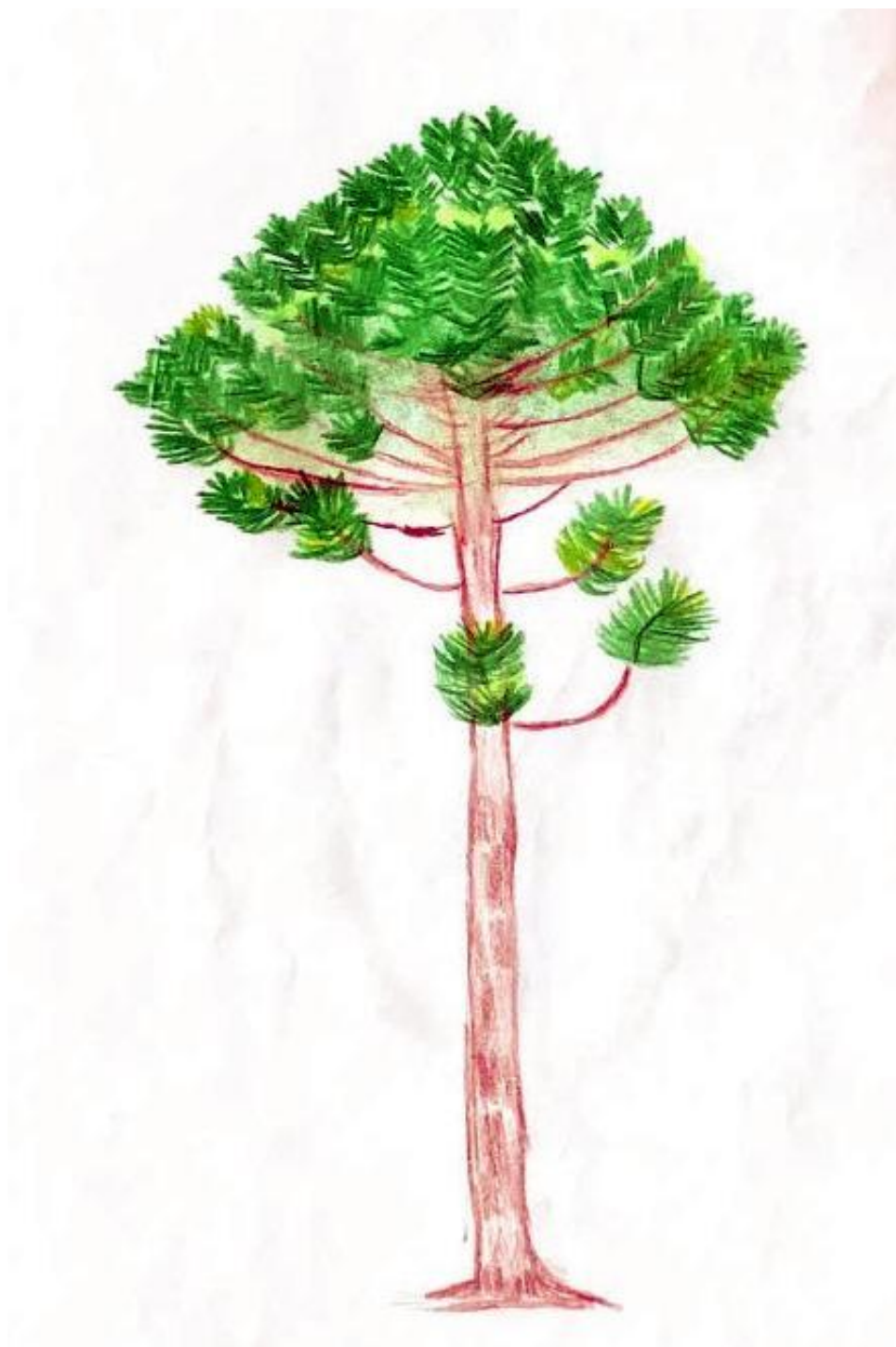


Ilustração: Zilda Oliveira.

A história de Araucária é marcante em nossa memória, pois ela foi uma das primeiras idosas que entrevistamos no trabalho de campo. Nós a encontramos através das indicações do Sr. Oiti e do Sr. Palmeira que a citaram como uma das referências na luta pela terra e pioneira no assentamento. Lembro que chegamos na casa dela numa tarde fria, e quando abrimos a porteira, fomos recebidos pelos seus cachorros latindo, desconfiados da nossa presença no lugar. Inicialmente, sua filha mais nova nos acolheu e me levou para conhecê-la no quintal. Ao me aproximar, pude me apresentar e explicar o objetivo da minha ida ao assentamento. D. Araucária estava sentada em uma cadeira de madeira preta enquanto tirava as palhas de um grande saco de milho que depois viraria curau e pamonha. Suas primeiras palavras foram pedir à filha que nos trouxesse café e bolo para comer antes da entrevista. Esse momento foi crucial para quebrarmos o gelo e a tensão em nosso primeiro encontro.

D. Araucária é uma mulher de 74 anos, branca, de estatura baixa, cabelos grisalhos e manchas senis em partes do rosto, colo e braços. Essas marcas em sua pele são resultado dos inúmeros trabalhos realizados na exposição ao sol sem nenhum tipo de proteção. Viúva e mãe de 9 filhos, Araucária nasceu em Diamante do Norte, no interior do Paraná, onde passou a infância, casou-se e permaneceu até o final dos anos 1980. Assim como os demais entrevistados, possui uma trajetória migratória em fazendas e sítios em função das formas de trabalho realizadas no meio rural.

Ao abordar a questão do trabalho nos sistemas de arrendamento no Paraná, Araucária conta como sentia-se explorada pelas más condições de trabalho e pelas incertezas decorrentes das mudanças dos lugares que ocorriam sempre ao final da colheita do café. Sua vinda para o estado de São Paulo foi relacionada ao desejo de viver uma vida mais digna e conquistar uma terra para trabalhar com a família. Assim, a origem rural, a liberdade e o sonho em viver na terra explicam os motivos de deslocamento e o processo de migração de D. Araucária naquela época. A dimensão familiar está tão arraigada na memória da entrevistada que ela relembrou a importância de seus pais no trabalho na roça e no sustento da família através da lavoura de café.

Ao saber da ocupação da Gleba XV de Novembro, na segunda metade da década de 1980, ela e o marido aderiram ao movimento de luta pela terra. Em 1985, o marido e um irmão de Araucária saíram do Paraná e seguiram em direção a Euclides da Cunha para se juntarem ao MST, e ficaram acampados por três meses em barracos de lona. Após esse período, eles retornaram à pequena cidade de Diamante do Norte em busca de esposas e filhos.

Araucária detalha suas primeiras impressões ao cruzar a fronteira para o interior de São Paulo. Tudo era novo para seus olhos aguçados e, até então, ela não tinha ouvido falar da luta pela terra, muito menos da organização em assentamentos, tanto que as barracas dos acampamentos lotadas de gente, na beira da estrada, foi o que mais a impressionou quando adentrou com a família no território conflituoso do Pontal do Paranapanema.

O processo de adaptação em terras paulistas foi descrito como um período de muito trabalho, durante o qual a família sofre com a falta de recursos, emprego e um mínimo conforto. D. Araucária disse que veio para São Paulo praticamente sem nada, só com a roupa no corpo, e nos primeiros anos de acampamento foi extremamente difícil para eles sobreviverem devido à falta de infraestrutura, passando frio, fome e sede. No entanto, reconhece a importância do processo em sua vida, pois a partir dessa luta sangrenta, conseguiu voltar ao lugar de origem, tendo forças para retomar suas raízes no rural.

A memória reconstruída de D. Araucária mostra que no primeiro ano a família não conseguiu plantar muito devido ao processo de adaptação a esse novo espaço, no segundo ano foi melhor porque conseguiram cultivar algodão, mamona, arroz, feijão, milho e mandioca, alimentos essenciais para a sobrevivência da família no assentamento.

Araucária revela que muitas famílias estão desestimuladas com cultivo e aproveitamento do potencial da terra devido ao baixo investimento do governo em recursos, dificuldades de comercialização e a desvalorização do sujeito assentado e da agricultura familiar. Por outro lado, a entrevistada indicou que a pecuária leiteira se tornou a principal atividade econômica no assentamento, vista como uma importante estratégia para as famílias se reproduzirem na terra.

A filha mais nova, que atualmente mora com Araucária, é a principal força de trabalho no lote. Devido às limitações do corpo de sua mãe, ela realiza todas as atividades produtivas, desde a retirada do leite, criação de aves e porcos até as práticas agrícolas na terra. De acordo com a recordadora, o seu lote está produtivo e ocupado por conta da divisão de trabalho entre ela e sua filha, fundamental para sucessão e manutenção da família no assentamento.

A trajetória laboral como boia-fria é uma passagem marcante na memória da entrevistada. A experiência de trabalho como cortadora de cana é recordada como uma época de muita dureza, em que Araucária acordava às 4h, passando o dia todo na roça e só retornava para casa no entardecer, evidenciando uma jornada exaustiva de trabalho.

Sem equipamentos de proteção individual e coletiva, o transporte era feito em caminhões sem o mínimo de segurança e conforto.

A recordadora comentou que as relações de trabalho degradantes tiveram vários efeitos em sua saúde, inclusive deixando marcas em seu corpo velho. Ela conta que o calor do sol causava desconfortos como tontura, dor de cabeça e ânsia de vômito na época do trabalho na cana. Além disso, Araucária mostra como a exposição ao sol deixou sequelas em sua pele. Outro ponto lembrado por ela é de que muitas vezes tinha que trabalhar com sede, pois quando acabava a água não tinha onde buscar, e não podia parar a produção, pois poderia ser punida pelo fiscal da roça.

Ao mostrar as marcas do trabalho em seu corpo, a entrevistada conta como herdou vários tipos de dores por esforço físico excessivo no trabalho, tendinite, bursite, hérnia de disco, dor nas costas, artrite e artrose foram listados por ela. Em geral, a memória profissional de Araucária reforça sua trajetória de trabalho no rural, com experiências em arrendamentos de café e como boia fria em usinas de cana de açúcar e roças de algodão, amendoim e milho no interior paulista.

Seu marido, já falecido, é um ponto de destaque em sua narrativa, aparecendo várias vezes como referência à luta e companheirismo da entrevistada. D. Araucária disse que ele foi a base para a conquista da terra, pois teve a coragem em sair do Paraná sem se preocupar com o que esperar de São Paulo, enfrentando a violência dos jagunços, fazendeiros e policiais para garantir a realização do sonho da família na terra. Araucária conta que o marido era atuante nos acampamentos, gostava de acompanhar e participar das reuniões em que o movimento traçava as estratégias de luta na região.

Pai e mãe também foram importantes na reconstrução da trajetória de D. Araucária, que reviveram muitas vezes na memória da família. Seus pais foram figuras centrais em sua construção como sem-terra, inclusive participando de momentos importantes desta jornada. O pai morreu no acampamento lutando pela terra, infelizmente não pode aproveitar a vida no assentamento. A mãe sempre sonhou com um lugar para morar, e mesmo quando já era velha e viúva, ela foi acampar para realizar esse sonho. Os irmãos também foram atravessados por esse destino, lutaram por terra e hoje vivem em assentamentos no entorno.

A ida para o assentamento é vista como um momento marcante na realização e conquista do lote, porém D. Araucária descreve o lado obscuro e difícil desse processo e conta que os primeiros anos na terra foram muito árduos. Ela, o marido e os filhos acamparam à beira do rio por quase dois anos até surgir o primeiro projeto de financiamento de infraestrutura e incentivos à produção. Naquela época, as famílias não

tinham condições suficientes de acesso aos lotes, não havia água, eletricidade e estradas.

Realizar a vida no assentamento é outro ponto destacado na memória de D. Araucária, onde a casa e o lote representam um lugar de construção de afeto e de identidade familiar, em que os filhos e netos se reúnem todos os anos para comemorar suas conquistas. Apesar de todas as adversidades, a entrevistada destacou a luta pela terra como um processo que mudou sua trajetória e melhorou as condições de vida de sua família. Diante de todas as dificuldades que passou para entrar no assentamento, o estar na terra atualmente representa um trunfo no destino da entrevistada.

Liberdade, tranquilidade e felicidade explicam a persistência de Araucária nesta terra. Para ela, estar assentada é a satisfação de vida que vem perseguindo, e também se reflete em seu desejo pela vida rural. Chegar ao assentamento Água Sumida representou um restabelecimento dos vínculos com a terra, rompendo as trajetórias de migração e exploração vividos no passado. Nesse sentido, o assentamento é concebido como um espaço de fartura, de realização do trabalho, de produção de alimentos e de valorização da natureza, onde prevalece a dimensão do bem-estar e da qualidade de vida.

A entrevistada expressa a vontade em permanecer no lote se opondo ao processo de titulação proposto pelo Incra ao conceder a titulação das terras às famílias assentadas¹⁸. No entanto, é preciso reavaliar a forma como esse processo de titulação foi estabelecido, pois abre espaço para a privatização das terras conquistadas na reforma agrária. Assim como Dona Araucária, outros idosos denunciaram algumas situações de irregularidades na compra e venda de benfeitorias e criticam alguns dos novos moradores pelo perfil e falta de aptidão para trabalhar na terra.

Em geral, a pobreza e a miséria estão presentes na memória sobre o começo da vida no assentamento. Araucária revela com tristeza o momento em que se viu obrigada a pedir dinheiro e comida para garantir o mínimo de alimentação para as crianças. As dificuldades para o trabalho e vida na terra estão relacionadas às lutas que as famílias enfrentam para sobreviver nesse universo desconhecido e incerto.

Na memória da Araucária, envelhecer é visto como um processo natural compartilhado por todos os seres humanos. Mesmo com alguns problemas associados às dores no corpo, ela acredita que está envelhecendo bem e com saúde. Suas rugas,

¹⁸ Essas mudanças vão de encontro com o Projeto de Lei nº 4348, de 2019 que altera a legislação que regulamenta de regularização fundiária das ocupações incidentes em terras situadas em áreas de domínio da União ou do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária inclusive em áreas rurais fora da Amazônia Legal.

cabelos brancos e manchas do sol são marcas registradas de sua experiência de vida, sendo reveladas com muito orgulho. No entanto, a entrevistada identifica o preconceito de idade como um dos desafios que lida na velhice, e reconhece que muitas pessoas têm medo de envelhecer e de se tornar velho. Sua narrativa se baseia em uma boa velhice, dando às pessoas uma nova compreensão da vida dos idosos no meio rural.

Diante do exposto, as memórias de Araucária nos ensinam a importância em respeitar os idosos porque, como outros sujeitos, os mais velhos continuam contribuindo de maneira efetiva para o desenvolvimento da sociedade. Acreditamos que a educação baseada em relações intergeracionais é uma forma relevante de reconhecer a história de luta e conquista da terra como uma experiência relevante nas trajetórias e memórias dos idosos.

Oi, bom dia, meu filho!

Bom! Antes de vir para o sítio eu morei em uma propriedade na região da Fazenda Mosquito, no município de Narandiba/SP e lá nós tocávamos arrendamento para os Junqueira e ficamos por um bom tempo por lá, mas não era uma situação muito boa trabalhar para os outros, não tínhamos liberdade para produzir ou mandar no que é nosso.

Depois dos Junqueira nós ficamos sabendo de algumas movimentações que estavam acontecendo na XV de Novembro na época, e sempre víamos aquelas pessoas na lona na beira da estrada, com isso eu decidi que queria sair daquela vida de arrendamento, porque passava um ano e pouco a gente tinha que sair da fazenda e procurar um outro arrendamento para tocar, eu já não aguentava mais essa vida, era tantas mudanças e estava decida a arrumar um lugarzinho para morar. Nisso, meu falecido perguntou se eu tinha coragem de ir para o acampamento para tentar realizar esse sonho e eu respondi para ele que tinha coragem sim. Com essa vontade em ter a terra nós saímos da Junqueira e entramos no acampamento, enfrentamos muitas dificuldades e ficamos um tempão nessa vida de sofrimento, mas logo fomos abençoados com um lote na Gleba, mas no momento eu não quis ir para lá na e preferi vir para a Água Sumida.

Quando viemos para cá, nós moramos por um tempo lá embaixo, na beirada de um córrego, ficamos lá até sair dessas terras aqui, depois veio os lotes definitivos e assim fomos indo, trabalhando e lutando pela vida. Eu sou uma pessoa que sempre trabalhei, trabalhei a vida toda na roça, isso depois que me casei né, porque quando era solteira eu não trabalhava.

Tem muitos anos que viemos para cá, deve ter mais de 30 anos, acho que uns 35 mais ou menos, eu tenho o documento que o INCRA deu quando nós entramos aqui, mas agora não sei onde que está guardado. Nós somos o começo de tudo isso aqui e eu e outras famílias fomos pioneiras, fui uma das primeiras que entrou aqui no assentamento, não teve nenhuma família antes da minha nesse lote. Lembro que nosso lote foi sorteado junto com outros três, mas meu marido acabou escolhendo esse aqui e foi a partir desse sorteio que viemos para o nosso sítio na época. Assim que chegamos fomos morar lá na baixada do córrego e só depois de um tempo pudemos vir para cá de definitivo e escolher o lote a partir desse sorteio. Graças a Deus não houve conflitos e

nem briga pelos lotes e cada um ficou feliz com o seu, porque foi tudo sorteado e ninguém podia reclamar.

Eu fiquei acampada na beira da estrada, não fiquei muito tempo, mas fiquei junto do meu marido. Nós fomos para o acampamento quando eu percebi toda essa movimentação das pessoas na beira da estrada e nos barracos tentando uma vida melhor. Teve uma vez que fizemos um barraquinho numa fazenda que entramos, mas infelizmente os homens vieram e nos tiraram e mandaram o povo para beira da estrada de novo, mas logo depois fomos para o sorteio e viemos para cá.

Foi uma emoção muito grande quando entrei nessa terra, foi a realização de um sonho e para você ver, eu estou aqui sozinha até hoje e uma coisa que eu te falo: - *A melhor coisa do mundo é quando você tem o seu cantinho e sua casinha.* Porque só assim você vive em paz, tem as suas coisas e é livre, já a cidade é um lugar que não é para mim, eu espero nunca ter que ir viver lá. Lembro que quando adoeci tive que ficar em Prudente/SP com a minha filha, foi uma semana sofrida, me batia uma tristeza sempre que eu lembrava do meu lugarzinho e até as pessoas mandavam fotos do sítio para eu me acalmar. Só sei que quando batia aquela saudade eu chorava com vontade de ir embora porque eu queria ir para minha casa. Rapaz, eu não gostava de ficar na cidade porque lá não tinha espaço para nada, era tudo cercado, já aqui não, eu me sento na minha área e vejo tudo no sítio, sinto essa liberdade. Não é verdade? Imagina com essa pandemia, misericórdia! O povo ficou todo confinado que nem bicho dentro de casa, me bate uma agonia só de lembrar em ficar presa.

Quando entramos aqui era só mato, não tinha nada. Era um matagal que foi duro para tirar e eu lembro que nós perdemos umas 10 cabeças de novilhas por causa desse mato, tudo abortadas porque ficaram doentes, aqui tinha aquela erva que o gado comia e abortava a cria, nós perdemos e tivemos que vender o que sobrou, mas nunca desistimos desse sonho e sempre continuamos lutando. Quando tentaram barrar o povo por conta da mudança na entrega do leite eles vieram no nosso sítio e viram que tava bem limpo e adequado para mexer com isso. Graças a Deus. Meu filho, vou falar a verdade, te digo que estar aqui é uma dádiva de Deus e é a melhor que tem na vida da gente.

O nosso começo aqui foi muito difícil, entramos no lote praticamente do zero, não tinha nada na época, nem luz e nem água para fazer o básico, nós tivemos que batalhar e correr atrás de tudo isso. Tentamos ajuda do governo, mas era difícil, até que saiu um financiamento na época que pegamos para construir a nossa casa, e isso ajudou e muito, fizemos as coisinhas aqui com esse dinheiro de fundo perdido que o governo soltou para

fazer as casas e depois saiu outro para comprar gado e nós compramos umas cabecinhas de gado também.

Nós não fizemos uma casa bem construída, mas fizemos o que dava com o recurso naquele momento, pegamos um pedreiro de meia tigela e usamos 10 sacos de cimento e mais areia do que terra, é por isso que hoje a minha casa está toda danificada, cheia de rachaduras e sem colunas, porque fizemos ela às pressas e com pouco dinheiro. Infelizmente foi tudo mal-feito, mas não reclamo porque era o que tínhamos naquele momento e além disso, foi aqui que fiz minha vida com meu marido e criei todos os meus filhos.

Eu agradeço a Deus por ter esse lugar, mas passei por muitas coisas meu filho, foi muito difícil para gente, pois não tinha nada aqui no começo, agora, imagina como é viver sem água e sem luz, nós só tínhamos um poço cacimba. Foi muito sofrido, lembro que tínhamos que andar uns dois quilômetros para conseguir lavar roupa, nós lavávamos roupa lá embaixo, na beirada do córrego, eu saía cedo de casa e só voltava à tarde com um balde pesado, que às vezes nem dava para carregar na cabeça. Nós sofremos demais para conquistar esse sonho.

Antes de vir para cá, bem antes, eu sofria muito para tocar arrendamento, era muito ruim porque ficávamos um ou dois anos naquela vida e depois tinha que desocupar aquele arrendamento e ir atrás de outra terra para gente tocar, era tudo em terra de fazenda. E hoje o que sinto é resultado de tudo que passei nessa vida, eu trabalhei demais, lavei muita roupa debaixo da água e andava o dia todo com balde em cima da cabeça no sol, então foi uma vida bem sofrida para chegar aonde eu cheguei. Eu trabalhei muito mesmo e hoje eu já não faço tanto porque não aguento, mas antes eu fazia de tudo, mexia com maquinário, trator, tirava leite e pegava tudo que era serviço. Hoje eu não quero saber de mais nada, eu não estou aguentando.

Depois que comprei o gado foi que eu comecei a mexer com leite, tirei muito na época, mas agora to sem gado, o pouco que tenho está no meu filho e eu quero trazer de volta. Nós também mexemos com plantação, plantamos arroz, plantamos mandioca para o nosso consumo, plantamos cana, plantamos algodão, plantamos milho, mas o problema é que as terras aqui do assentamento não são apropriadas para lavouras, só serve para pasto mesmo. Nós só plantamos de teimosia mesmo, porque aqui nunca saiu uma produção boa que desse para vender para fora, só plantamos para o nosso gasto, uma mandioca, uma melancia, uma abóbora ou um milho só essas coisas mesmo.

Sobre me sentir velha eu acho que hoje eu não tenho a mesma disposição de quando era mais nova, eu sou uma andorinha só e para você estar plantando alguma

coisa para depois colher, você tem que ter, pelo menos, mais uma pessoa para te ajudar, infelizmente eu não tenho ninguém porque sou sozinha aqui no sítio e tudo que eu preciso resolver tenho que pagar para fazerem para mim. Sozinha não dou conta, meu filho. Ainda mais agora que estou com esse braço todo cheio de problema¹⁹ e não consigo nem movimentar direito.

Não é fácil, não. Olha que aqui eu já passei por uns bocados, sofri demais e estou aqui até hoje porque tenho amor e zelo por esse lugar. Estar aqui no sítio foi o que sempre quis, por isso eu dou valor nisso aqui. Eu lembro de quando eu ficava sonhando com o dia em que eu iria conquistar um pedacinho de terra para morar, então hoje eu dou muito valor no meu sítio. Eu já pelejei, já pensei em vender, até veio gente aqui com propostas para comprar, mas eu coloco um preço muito alto pois sei que ninguém vai pagar, porque se jogasse um preço mais em conta e que as pessoas conseguissem pagar eu já teria ficado sem ele. As minhas vizinhas estão de prova que vem muita gente de fora procurar sítio aqui para comprar.

Quando fiquei viúva, a minha família me aconselhou para vender o sítio, os meus filhos ficam na minha orelha até hoje: - *“Porque a senhora não vende logo esse sítio. Não sei o que a senhora está fazendo aí sozinha”. Porque a senhora não vai morar em Prudente, tem a nossa irmã lá, é bem melhor para a senhora*. Aí, eu já respondi a eles: - *“Eu não gosto de Prudente. Não gosto de Londrina/PR. Não gosto de Jataizinho/PR. Não gosto de Teodoro/SP. Deus me livre de ir para a casa dos outros se eu tenho a minha”*. Eu falo para eles que esses lugares para mim são só de passagem, vou visitar eles e depois volto para o meu cantinho.

Ainda mais com essa pandemia que está tudo perigoso e o povo tudo doente e morrendo, então eu só saio daqui de casa se for muito urgente ou para resolver as coisas de banco, sempre saio bem cedo, umas 4 horas porque quando chego lá não tem ninguém, sempre sou uma das primeiras a ser atendida, faço isso quando vou na lotérica também. Saio cedo para resolver meus problemas e depois volto para o meu canto sem incomodar ninguém. O duro é que eles ficam na minha cabeça para sair daqui do sítio para morar com algum deles na cidade, eles não aprovam eu ficar sozinha no lote.

Ter sossego foi a principal razão para deixar aquela vida de arrendamento em fazenda e ir atrás do sonho de ter a terra. Não tem coisa melhor do que você está no que é seu, lembro que eu chorava toda noite para sair daquela vida e conquistar esse

¹⁹ Nesse momento a recordadora se lamenta das constantes dores que sente no braço e diz que isso a impede de fazer muitas atividades no lote.

“sitiozinho”, aí Deus abençoou e nós conseguimos essa terra aqui. Só aqui eu consegui ter a minha paz e a minha tranquilidade.

Meu filho! Era muito sofrido a vida no barraco, principalmente em época de frio quando a gente não tinha casa e tinha que colocar nossas coisas tudo no meio do tempo para fazer um barraco para a gente ficar, era bem sofrido dormir no barraco de lona, até hoje eu lembro dessa sensação ruim, era um frio que doía os ossos. Naquela época o tempo era bem mais frio que hoje, tinha geadas e tudo. Hoje eu posso dizer que estou no céu, levo uma vida sossegada e sei que todo esse tempo que ficamos lutando valeu a pena.

Deus preparou essa terra para nós, então temos que nos valorizar. Naquele tempo a gente se preocupava com o frio e as chuvas, porque tinha que sair correndo e pegando as coisas para não se perder. Outra coisa é a preocupação do aluguel para quem mora na cidade, é uma coisa ruim isso, de toda hora estar se mudando ou de não saber até quando você vai ficar no lugar. Não é fácil.

No acampamento nós também plantávamos para sobreviver, plantava mamona, arroz, feijão, algodão, mandioca e milho, plantávamos de tudo. Apesar de todas as dificuldades, o pessoal do acampamento era bem-organizado e unido, não tinha brigas e todo mundo se respeitava. A união ajudou as pessoas a lutar por esse sonho e conquistar o sítio.

O acampamento era um lugar tranquilo e sem violência, quase não tinha brigas e era bem sossegado, teve momentos que até a polícia chegava para nos dar apoio, pois alguns deles entendiam o objetivo da nossa luta. Um acontecimento marcante que me lembro foi quando estávamos na Gleba XV e a polícia de lá chegou algumas vezes para nos despejar e nós tivemos que sair correndo lá para baixada da Santa Rita por conta desse despejo. Nós fomos despejados de fazenda várias vezes. Eu fiquei mais ou menos sete meses lá acampada e quando saiu o lote eu vim para a Água Sumida, mas o começo não foi nada fácil porque nós também ficamos acampados na beira do córrego até dividirem o assentamento e sair os lotes definitivos.

A organização do nosso assentamento não foi tão tranquila como em outros lugares que quando saía os lotes as pessoas já entravam, ficamos sabendo que alguns o povo aproveitava as casas de benfeitorias deixadas pela fazenda. Para nós aqui do assentamento foi mais complicado e mais difícil, pois tivemos que recomeçar do zero até pegar o lote. Foi uma verdadeira luta, passamos por tudo que vocês imaginarem, fome, sede, frio, raiva e fomos despejados várias vezes entre Teodoro, Euclides e Planalto, aquela turma toda sofria saindo de um lugar e indo para outro, tendo que recomeçar e

fazer os barraquinhos tudo de novo, mas graças a Deus que logo depois desses despejos saiu essas terras para nós.

Na época do acampamento nós recebemos apoio dos sem-terra que organizavam as reuniões para negociar com os fazendeiros. Eu não era chegada nas reuniões, porque quem sempre ia era o meu falecido marido, mas sempre que ele chegava em casa, falava que as reuniões eram boas e que tinham apoio das pessoas para ajudar a lutar pelas terras que a gente estava. Quando foi para sair os lotes definitivos, o pessoal se reuniu e escolheu um grupo de pessoas para ir até Brasília lutar por esses lotes, pois já estava demorando demais. Eu lembro que os sem-terra organizaram um ônibus e levou o povo para pressionar o governo a liberar as terras e graças a Deus depois que eles foram lá não demorou muito tempo e saiu os nossos lotes aqui na Água Sumida.

Eu sempre digo para todos os meus amigos e a minha família que a terra é muito importante para nossa sobrevivência, pois por meio dela nós podemos plantar e produzir comida. É muito gostoso você plantar e depois colher, sentir que aquilo foi você quem fez a partir do seu trabalho e perceber que tudo que tem ali é seu. É a melhor sensação. Aqui no sítio você pode plantar, criar uma galinha ou uns porcos, tem a fartura das frutas dependendo da época do ano, já na cidade você não consegue isso, porque tudo você tem que comprar, então as coisas acabam saindo bem mais caras.

Eu mesma fui criada de uma forma que não precisava comprar arroz e nem feijão, a única coisa que meus pais compravam era o açúcar, no tempo que eu era criança era assim, a gente plantava os alimentos e criava os bichos, então nem precisava comprar tanta coisa. Até café nós tentávamos plantar. Hoje em dia não plantamos arroz pois não temos máquinas para beneficiar mais arroz, mudou muito.

Hoje já não está compensando plantar para vender, porque o tempo não está ajudando muito, olha a seca que estamos passando, nós plantamos bastante milho por aí e perdemos tudo por causa da seca, o tempo está ficando maluco, uma hora chove demais, outra hora fica muito seco, vai entender isso. E outra coisa é que meu corpo não aguenta mais a carga de trabalho, tenho esse problema no braço que atrapalha os meus movimentos e as minhas pernas estão mais fracas.

Você quer saber a minha rotina? Então tá! Eu acordo cedo quase todos os dias, mas tem vezes que acordo um pouquinho mais tarde e vou fazer meu serviço. Minha vida aqui no sítio é assim, eu me levanto e vou cuidando de uma coisa, depois cuido de outra, mas nunca deixo de fazer o serviço de casa. Eu também gosto de cuidar dos meus

bichos, eu crio galinhas, e tenho os cachorros que são os meus companheiros aqui, eles sempre avisam quando está chegando alguém.

Eu também gosto de carpir, eu carpo mesmo sem aguentar, mas ainda dou jeito de carpir e deixar o sítio bonitinho e limpo, porque tem época que junta muitas folhas que caem das árvores. Hoje em dia está difícil você pagar uma diária para pessoa fazer os serviços, tá bem difícil, então me viro como posso. Eu vou levando a vida devagarzinho, não esperava por tanta coisa que tenho hoje, não esperava por essa doença, então tudo está mais diferente que antes. Eu estou com medo da mudança de tempo que vai acontecer, vi na televisão que está chegando uma massa de ar na nossa região e tá trazendo um frio que não se via desde 1955. Em 1955 eu não tinha nem dois anos de nascida, eu sou de 53, então me preocupo porque faz anos que não dá uma geada, dizem que vai ser o maior frio dos últimos anos e se for pior as que a gente viu, Deus me livre. Naqueles anos a geada praticamente acabou com tudo.

Antigamente era só o INCRA que cuidava de tudo, mas depois o assentamento passou a receber o auxílio do ITESP, mas a responsabilidade mesmo, é do INCRA. No começo eles ajudavam bastante, mas agora nem sinal deles temos mais e com a pandemia ficou pior ainda. Lembro que quando entramos aqui eles apareciam sempre, visitavam os lotes e perguntava como a gente estava e o bom é que eles passavam algumas informações para cuidar dos animais e das plantações, mas com o tempo isso foi se acabando, tanto que hoje em dia não passa mais ninguém nas nossas casas. Tinha agrônomo e veterinário que ajudavam a gente, mas isso foi desaparecendo e agora se tiver que vacinar uma bezerra, por exemplo, nós temos que sair procurando um veterinário por aí e ainda pagar no particular, é complicado, porque antes nós tínhamos um veterinário que nos ajudavam.

Eu não cheguei a participar da associação aqui no assentamento, mas meu marido esteve envolvido uma época com isso, mas depois que mudou a organização ele saiu, teve várias associações aqui, mas sempre vai mudando porque não dá muito certo. Na verdade, o povo aqui não tem muita união para isso, porque a pessoa quando vai entrar numa associação tem que ter entendimento, tem que aceitar as opiniões do outro e ajudar aquilo a crescer de alguma forma, mas tem pessoas que entram e não se dão conta disso. Acredito que tem que ter união para as coisas darem certo. Rapaz, saiu uma associação com o dinheiro das mulheres, foi uma correria porque nós largamos o que tinha de fazer para assinar papel e correr atrás de documento e tudo, mas acabou que isso não foi para frente.

Olha, eu lido bem com o meu envelhecimento, mas o duro é que conforme vamos ficando de idade vai aparecendo uma canseira, uma dor no corpo, uma diabetes, uma pressão alta e eu mesma, tomo todos os dias de manhã cinco tipos de medicamentos e a noite tomo quatro porque sou diabética e tenho pressão alta. Eu acho que com o envelhecimento nós temos que ter todo cuidado né, pois com essa idade nós ainda enfrentamos muita coisa, principalmente com os movimentos do corpo. Quando chega o frio por exemplo, você tem que estar num lugar bem reservado e estar aquecido para não passar frio, na cidade é tudo fechado já no sítio não. Quando vai chegando certa idade nós vamos percebendo que nosso corpo está mudando, tudo vai ficando mais lento, a pele já não é mais a mesma e o cabelo cai mais que antes, eu sinto que o corpo está diferente de quando eu era mais nova.

Com a velhice a gente fica se sentindo mais fraca, vai perdendo as forças e eu não imaginava que o passar dos anos afetaria o nosso organismo e as nossas forças, eu sinto muita diferença sendo mais velha. No tempo que eu era mais nova eu fazia muitas coisas e me sentia com mais disposição para trabalhar e não tinha inveja de ninguém que carpisasse, que batesse matraca, que passasse aqueles adubos na terra ou de carregava água na cabeça, tudo isso eu já fiz, mas hoje eu não faço. As coisas foram ficando diferentes e eu não tenho mais a mesma força, antes eu esticava cerca e puxava arame, já hoje eu não faço, até quando eu abaixo e pego uma mangueira para jogar água no quintal eu sinto aquela dor no corpo que acaba comigo.

Sinceramente, eu não consigo pensar se a cidade é melhor para envelhecer do que no sítio, a única coisa que posso dizer é que a cidade é um lugar em que as pessoas ficam mais tempo dentro de casa e elas não tem um terreiro para ficar andando então, eu acho que na cidade as pessoas ficam mais paradas quando envelhecem. No sítio eu sinto que é diferente, aqui você tem que fazer os serviços, tem que cuidar do quintal e dos bichos, plantar alguma coisa na horta, então, mesmo ficando velha, ainda temos que fazer essas obrigações.

Sobre a cidade eu não tenho muito o que falar também, porque ela não tem muito significado para mim, eu sempre morei em sítio ou em fazenda e acredito que aqui foi o melhor lugar que eu vivi e, com certeza, é o lugar em que vou passar o resto da minha vida. Não tem nada nesse mundo que pague o que eu vivi e ainda vivo nesse sítio, aqui é o meu cantinho e não saio por nada.

O que me mantém viva são os serviços que faço aqui no meu sítio, eu cuido da minha casa, trato dos meus bichos, também, tenho as minhas galinhas e os meus

cachorros e às vezes até tiro leite por aí, porque rapaz, se eu ficar parada eu sinto que vou adoecer, então não posso parar para depois ficar dando trabalho para os outros.

Já aconteceu aqui no assentamento uma situação em que a pessoa ficou doente por ter ficado parado, eu lembro do caso de um senhorzinho de idade que foi passar um tempo na cidade na casa dos filhos, mas não deu outra, tiveram que trazê-lo de volta porque o velhinho ficou doente de saudade daqui, parece que não gostou de ficar preso na cidade com aquele quintalzinho pequeno e ele sentia muita falta da vidinha dele aqui. Ele era um senhor que fazia de tudo, mesmo sendo de idade, ele carregava adubo, saco de cimento, areia, cal, pedra e foi até uma maldade que fizeram levando ele para lá, porque o senhorzinho fazia de tudo aqui, era um homem muito trabalhador. Quando voltou para o sítio ele ainda dizia que se parasse de fazer as coisas o corpo dele pararia e isso era a mesma coisa que o meu falecido marido falava, que se ficasse muito tempo parado ele travaria, por isso que sempre temos que tá mexendo com as coisas se não o corpo da gente para de vez.

Eu acredito que a velhice só me atrapalha nos trabalhos que preciso fazer força, pois a gente não tem mais aquela potência de quando era mais novo, aqui é gostoso de morar, mas as vezes é ruim quando ficamos sozinha e de idade, pois tem muito trabalho para fazer e a gente não dá conta de mexer com o serviço. Nós vamos ficando de idade e perdendo as forças no corpo, eu mesma que tenho que dar conta de tudo sozinha, tenho os meus filhos, mas, eles não ajudam, tanto os que moram na cidade, quanto os que moram aqui no sítio.

É uma situação meio complicada, tenho os meus filhos, eles dizem que se preocupam comigo, mas dificilmente aparece alguém aqui para me ver, então prefiro falar a verdade. Quando eu peguei Covid, todos eles queriam saber informações de como eu estava, ficavam me ligando e mandando mensagens toda hora, mas ninguém veio aqui saber se eu estava bem e precisando de algo, eles são mais presentes pelo celular do que pessoalmente.

Hoje mesmo eu estava falando para minha filha, a que sempre eu converso pelo celular: - *“Bom dia! Deus abençoe.”* Aí, passa dois ou três dias que ela vai me responder e fala: - *“Oi mãe, tudo bem com a senhora? Está sumida”*. E eu respondi: - *“Sumida não sou eu, sumida são vocês”*. Então, eu penso se eles realmente se preocupam deviam aparecer para me ver por que estou sempre no mesmo lugarzinho e se tem tempo para responder os outros, porque não tem tempo para mim, não é verdade? As vezes fico pensando que o povo deve achar que sou muito ruim porque os filhos não me dão atenção, isso passa pela minha mente.

Esses dias eu fui levar um leite na casa de uma amiga aqui do assentamento e trombei com um dos meus filhos pelo caminho e ele deu uma buzina, eu dei outra buzina, para você ver, ele estava andando pelos lotes, mas, não vem aqui me ver. Tem outro que passa sempre aqui na frente, mas pergunta se ele vem aqui no sítio. Então, qual é a consideração deles por mim? São todos assentados como eu e sabem do sofrimento, quase todos moram aqui, uma só que tem o sítio, mas mora em Teodoro. Tem um que mora no Paraná e se eu chegar a faltar e morrer e pedir para ele ficar aqui é capaz dele me xingar ainda, porque hoje ele tá bem de vida lá e não vem para o assentamento. Tem a outra que não quer saber de falar de sítio, a preocupação dela é a cidade.

Eu estou aqui hoje de teimosa mesmo e vou ficar até morrer. Eles querem me levar embora para a cidade, mas eu já disse que não vou, pois foi uma luta e muito sofrimento para eu estar aqui hoje e tudo que tem neste sítio é resultado do esforço que fizemos, tudo aqui fui eu que fiz ou fui atrás. Eu quem fiz a maior parte do trabalho, eu que lutei e meu marido enfrentou junto comigo porque eu não desanimei, eu insisti nesse sonho e lutei até onde eu pude e graças a Deus conseguimos o nosso sítio.

Isso de você hoje viver aqui e amanhã ter que procurar outro lugar para morar, igual nós fazíamos no tempo de arrendamento não é vida para ninguém, não é uma vida digna, pois a qualquer momento você pode ficar sem o seu canto, nós levávamos uma vida dura. Eu vivi muitas coisas nessa vida, tenho muitas histórias por esse mundo, mas agora estou bem e sossegada, tenho os meus vizinhos que me ajudam. Tenho uma amiga que vou na casa dela toda semana e durmo lá e depois volto embora pro meu canto, cuido das minhas coisas e depois vou de novo ver ela, vou na igreja e vou levando a vida do jeito mais alegre possível.

Eu gosto da vida que levo aqui e esse sítio é muito importante para mim, apesar de ser sozinha, viver aqui me deixa mais feliz e disposta para a vida. O meu único medo é passar mal a noite e não ter como pedir ajuda, por isso sempre vou pousar na casa dessa minha amiga, a única coisa ruim é isso, de passar mal e não ter alguém para me dar socorro, porque morrer eu sei que vai acontecer uma hora, não tem jeito. O duro é passar mal, porque às vezes não consegue nem pegar isso aqui²⁰ para dar notícia para fulano e dizer que estou passando mal, não adianta ter só o telefone, meu filho, porque tem dias que o sinal da torre acaba e o celular não pega por nada. É capaz da pessoa passar mal e morrer aqui sem conseguir ligar para uma ambulância vir buscar, esse é o

²⁰

A recordadora faz referência ao celular que estava em uma de suas mãos.

meu receio de estar sozinha, mas, mesmo assim, nenhum dinheiro paga a felicidade que tenho nesse lugar.

Apesar de todas as dificuldades, eu gosto muito daqui. Se eu tivesse as forças que tinha antigamente, eu duvido, meu filho, se esse serviço que eu tenho em volta já não estaria tudo arrumado, é que agora eu não aguento mais e não tem mais força. Eu ainda dou um jeito de tentar fazer as coisas porque sou teimosa, hoje mesmo eu cavuquei uns pés de mandioca ali para arrancar e já que a terra está muito seca e aproveitei para arrancar umas moitas de colônia e agora estou com meu braço todo dolorido (*risos*), mesmo com essa situação não consigo ficar parada, vou fazendo devagarzinho porque senão fica tudo abandonado.

Eu gosto de trabalhar e para falar a verdade se eu pudesse não ficava dentro de casa, minha vontade mesmo era deixar as coisas da casa e ficar o dia inteiro cuidando do sítio, ficar cavucando umas coisas e outras, plantando, tirando leite e tudo que precisar. Eu fazia cerca meu filho, cavucava os buracos e colocava as lascas e esticava o arame ainda. Agora eu não aguento fazer quase nada, a velhice vai chegando e o corpo não responde do jeito que a gente espera, não é a mesma coisa que no passado, a mocidade foi indo e uma coisa eu te digo, agora eu vou mexer com outras coisas e depois te falo.

Na época que eu dançava não sentia nada igual do que estou sentindo agora, falo mesmo, eu não sentia, me lembro que tinha vezes que eu chegava às três e meia, quatro horas da manhã em casa, dormia um pouco e de repente já levantava para tirar o meu leite e ia entregar e depois cuidava do serviço. E olha que eu fazia as coisas e nem dormia depois, era só serviço. Eu tinha muito mais disposição que hoje.

Lembro da época dos bailes, tinha o forró de Itaguajé, era muito animado e eu me acabava de dançar, dançava a noite toda e no outro dia acordava ainda melhor. Era muito bom isso e agora tô sentindo esses incômodos porque fiquei muito tempo com o corpo parado. Essa pandemia acabou com o baile e todas as festas, uma tristeza né.

Meu filho um conselho que dou para você hoje é que trabalhe bastante nessa vida, mas não se esqueça de manter o corpo e a cabeça ativa, se mexa e se movimente para não ficar travado ou dependente dos outros quando ficar velho, porque isso é a maior tristeza.

Pontos brilhantes na narrativa de D. Primavera

Ter sossego foi a principal razão para deixar aquela vida de arrendamento em fazenda e ir atrás do sonho de ter a terra. Não tem coisa melhor do que você está no que é seu, lembro que eu chorava toda noite para sair daquela vida e conquistar esse “sitiozinho”, aí Deus abençoou e nós conseguimos essa terra aqui. Só aqui eu consegui ter a minha paz e a minha tranquilidade. [...] Meu filho! Era muito sofrido a vida no barraco, principalmente em época de frio quando a gente não tinha casa e tinha que colocar nossas coisas tudo no meio do tempo para fazer um barraco para a gente ficar, era bem sofrido dormir no barraco de lona, até hoje eu lembro dessa sensação ruim, era um frio que doía os ossos. Naquela época o tempo era bem mais frio que hoje, tinha geadas e tudo. Hoje eu posso dizer que estou no céu, levo uma vida sossegada e sei que todo esse tempo que ficamos lutando valeu a pena (D. Primavera – 67 anos. Assentamento Água Sumida/julho 2021).

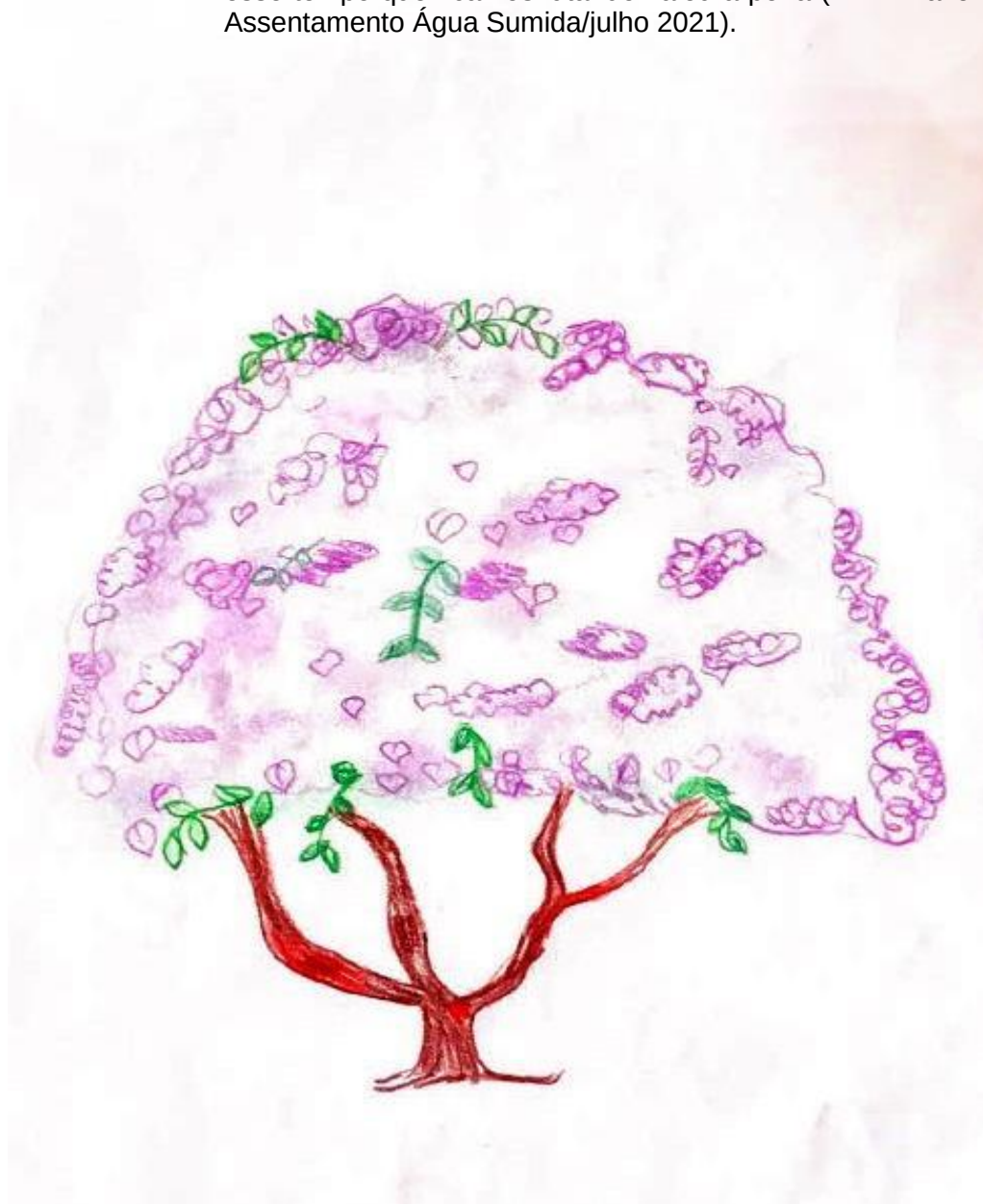


Ilustração gráfica: Zilda Oliveira.

No nosso segundo dia de trabalho de campo no assentamento, chegamos à casa de Dona Primavera ao entardecer. Lembro-me de andar para cima e para baixo em muitos lotes e estradas, sentindo-me cansado e a temperatura caindo, o que delineia nossa busca incansável por novas entrevistas. Ventos fortes anunciam outra noite fria de inverno. Essas sensações estão frescas na minha memória, como o aroma do feijão cozido pela Primavera naquele final de tarde. Nossas entrevistas aconteceram em uma mesa cheia de comida e café, com Colorau²¹ conversando com a entrevistada em uma clareira perto de um quintal florido e arborizado. Fomos todos bem recebidos e após este encontro pudemos nos conhecer e começar a reconstruir as memórias.

Primavera é uma mulher negra de 67 anos, viúva, e uma das pioneiras na conquista das terras no assentamento. Outros idosos entrevistados a citaram como uma mulher guerreira e persistente no lote, a guardiã das cenas da luta pela terra e da memória histórica da Água Sumida.

A entrevistada, natural de Narandiba, contou que antes de entrar no assentamento, ela e o marido eram arrendatários em uma fazenda da região. Essa memória de trabalho é considerada um momento muito difícil porque eles não tinham liberdade e autonomia para produzir o que queriam e as condições de trabalho eram muito desgastantes. Enquanto isso, Primavera tomou conhecimento de algumas movimentações em torno da Gleba XV de Novembro e ficou curiosa para saber quais eram os motivos para essas pessoas acamparem nas lonas à beira da estrada e quais eram suas demandas. Ao saber que esses sujeitos lutavam por melhores condições de vida e de trabalho na terra, decidiu renunciar ao arrendamento com a família e seguir na ocupação para lutar por esse sonho e por uma vida mais digna. Os detalhes da conversa com o marido sobre a decisão de ir acampar são um ponto alto de sua memória.

Sua memória política mostra o momento de chegada ao acampamento na Gleba XV, explicitando as dificuldades e resistências vivenciadas nesse espaço de luta, socialização e aprendizado. Primavera evoca o “*tempo do ranchinho*”, quando acampavam sob uma lona à beira de um riacho, à espera do sonho de estabelecimento na terra. A entrevistada lembra que quando estava acampando na fazenda, os fazendeiros mandavam os jagunços destruir as barracas que eles construíram, e eles voltaram para a beira da estrada. Em geral, o trabalho rural e a vontade de viver na terra foram as dimensões que fortaleceram suas lutas nesse período.

²¹ Colorau (também idosa e assentada) é a melhor amiga de D. Primavera e estava em sua casa no dia da realização da entrevista.

Ela e sua família foram os primeiros a explorar a Água Sumida e vivem na terra há mais de 30 anos. Como uma das pioneiras da região, D. Primavera recria meticulosamente os primórdios da vida nesta terra, onde as famílias tiveram que lutar por acesso a crédito, políticas públicas, alimentação, emprego e infraestrutura. A origem e a formação do assentamento no tempo e no espaço são destacadas em sua memória. Primeiro, ela reconstruiu as adversidades em acampar novamente na baixada do assentamento, enquanto esperava que a vegetação fosse removida, o terreno fosse nivelado e os lotes fossem sorteados. Sua fala condenou a instabilidade desse começo e mostrou que quando se pensa em acesso à água, energia elétrica e alimentação, há pouco em termos de infraestrutura.

Sua chegada, no entanto, foi a força de sua memória, e ela falou com emoção sobre como se sentiu quando pisou pela primeira vez no assentamento. Para a entrevistada, entrar na terra representou a realização de um sonho e, embora sozinha agora, ela não pensa em sair da terra, onde encontrou a paz e a liberdade que tanto almejava, enquanto não se sentia na cidade.

Quando eles entraram no assentamento, era uma paisagem completamente diferente do período atual. D. Primavera comentou que o excesso de vegetação dominava o ambiente. Também não tinham casas, plantações e infraestruturas, tudo isso foi realizado ao longo do tempo por meio da luta e do trabalho das famílias que transformaram os espaços do assentamento.

A Primavera reiterou a dificuldade deste início difícil, entrou no lote sem estrutura para morar e a primeira estratégia que utilizou para sobreviver foi a transposição da barraca do acampamento para este novo espaço até conseguirem construir a sua casa. Ela também lembra da burocracia das políticas públicas e, graças ao financiamento, conseguiu erguer sua casa e comprou gado para investir na pecuária leiteira.

As lembranças explicitam que a fé era essencial para a sobrevivência na época, pois eles tinham que viver sem suprimentos básicos, eletricidade e água, que eram retirados de poços cacimba. Ela se lembra de andar por quilômetros para lavar roupa num córrego, vivendo uma rotina cansativa de sair de manhã e voltar à tarde com um balde pesado na cabeça. Sua história confirma todo o sofrimento das famílias que lutam pela terra em nosso país.

Em outro momento, ela relembra as dificuldades e a exploração que sofreu como arrendatária, quando não tinha autonomia para produzir o que queria. Além disso, a transição de ter que encontrar novas fazendas para trabalhar a cada final de contrato foram as razões pelas quais sua família abandonou o sistema.

Assim como Araucária, D. Primavera vinculou seus problemas de saúde às condições de exploração laboral que experimentou durante seu período de arrendamento. Ela lamenta que hoje não possa fazer algumas atividades por causa disso, já sofreu muito na roça, no sol, sem nenhuma proteção. A sobrecarga de certos tipos de ofícios também pode ser destacada em sua memória de trabalho. Antes de conquistar a terra, D. Primavera assumiu as funções de tirar leite, tratorista e lavradora.

Do ponto de vista produtivo, o gado tem sido um importante mecanismo de geração de renda e manutenção das famílias. Quando se trata das conquistas da pecuária, o falecido marido é a figura principal. Ela lembra o apogeu da lavoura, quando plantavam algodão, cana-de-açúcar, milho, arroz e mandioca para consumo familiar. Apesar de toda a alegria que teve com o uso do potencial do solo, D. Primavera comentou sobre a degradação das terras do assentamento que, segundo ela, não é adequada para o desenvolvimento agrícola. Devido ao mau uso passado desse recurso no cultivo de algodão, pastagem e cana-açúcar, muitos assentados não conseguem produzir para fins comerciais. Segundo ela, as terras foram entregues sem nenhuma recuperação de solos e áreas degradadas, e as famílias continuam plantando por teimosia.

Em relação ao próprio envelhecimento, a entrevistada tem uma visão mais biológica desse processo e comenta que só percebeu que estava ficando velha por conta da perda das forças físicas e da resistência em seu corpo. Para ela, a principal dificuldade que enfrenta atualmente é ter que cuidar do sítio sozinha, pois a vida na terra exige muito esforço e, infelizmente, sua disposição para certos tipos de trabalho diminuiu com a idade. Em certo momento da conversa, ela aponta para um dos braços e reclama das dores que a incomodam na realização dos trabalhos no lote.

Apesar de todo o sofrimento para conquistar essa terra, D. Primavera demonstra muito amor e zelo pelo lugar em que vive. As fases mais difíceis a levaram a questionar o seu projeto de vida no campo, inclusive pensando em vender o lote que construiu com muito trabalho. Todavia, ela fala que todos esses anos mostraram a importância desta luta contínua em sua vida. Um certo momento ela lembra que havia sonhado que um dia conquistaria um pequeno pedaço de terra para morar e por isso têm respeito pelo assentamento.

Encontrar sossego e segurança para viver e trabalhar na terra permitiu à Primavera desfazer-se da instabilidade do arrendamento e alargar os horizontes de possibilidades da sua família. Durante o processo de reconstrução ela contou a dor que passou nas noites claras, chorando e pensando que um dia conquistaria sua terra e viveria uma vida mais digna por causa das muitas dificuldades que passaram na época.

Os impasses do acampamento ainda estão frescos em sua memória, e ela detalha os desafios de viver na lona, exposta a condições climáticas como calor, chuva e frio. O período de geada foi destaque em sua fala, pois ela lembrou a sensação de dor óssea em seu corpo devido ao frio extremo. O desconforto no espaço devido ao tamanho da barraca e a falta de alimentação também foi lembrada pela entrevistada.

Um detalhe interessante do nosso encontro é que em determinado momento da entrevista Primavera se lembrou de uma geada em 1955, dois anos depois de seu nascimento. É um fato surpreendente na memória de sua família, pois ela conta que seus pais sempre disseram que aquele período foi o mais frio que já viveram. Ela comenta que naquela época, a geada era um problema para a população rural, pois as condições climáticas causavam destruição das lavouras e prejuízos financeiros para os agricultores.

Ainda que tenha vivenciado situações instáveis e desconfortáveis na barraca de lona, Primavera valoriza os aspectos de aprendizado, social e trabalho em grupo das famílias no acampamento. À medida que se vão na luta, os acampados ocuparam os espaços na fazenda, produzindo mandioca, milho, algodão e feijão para o autoconsumo. Apesar de toda peleja, ela tem boas lembranças daquela época e disse que estava feliz por se ver lutando pela terra porque então percebeu o quanto valeu a pena batalhar por seus sonhos.

No geral, o acampamento é retratado como um espaço organizado, livre de brigas e violência, e a união dos acampados prevalece. O único incidente significativo de conflito foi quando o fazendeiro ligou para pedir à polícia para expulsá-los da ocupação da Gleba XV de Novembro e eles tiveram que recomeçar seu acampamento em Santa Rita após a reintegração de posse da fazenda. Primavera e seus companheiros foram repetidamente expulsos das ocupações, ponto que merece destaque em sua memória política. Sete meses após o último despejo, as famílias conseguiram entrar na Água Sumida e se estabelecer na terra, mas permaneceram acampados por algum tempo até que a terra fosse oficialmente demarcada.

Diferente de outros assentamentos, em que as famílias entraram nos lotes com benfeitorias e um melhor nível de infraestrutura, Primavera relata que na Água Sumida o processo de adaptação das famílias à terra foi um pouco mais complicado. Eles literalmente tiveram que começar do zero, vivendo em condições precárias, sem moradia adequada, sem água e eletricidade, passando fome, sede e frio.

D. Primavera volta à infância enfatizando os benefícios de viver no campo. Estar no lote é o melhor de sua existência, pois trabalhando na terra ela consegue plantar, colher e produzir comida para sobreviver. Foi no assentamento que encontrou fartura de

alimentos, tranquilidade e liberdade que estavam fora de lugar nos espaços urbanos. Ela se lembra de seu modo de vida no passado sem ter que ir ao mercado da cidade para comer porque toda a alimentação era derivada da terra, comiam arroz, feijão, banha, café, verduras, legumes e carnes que eram produzidos no sítio. No seu ponto de vista, esse modo de vida é economicamente mais barato.

Descrevendo seu cotidiano, Primavera se define como uma idosa ativa que não consegue ficar em casa mesmo após a aposentadoria. Ela acorda cedo todos os dias para cuidar das tarefas domésticas e das necessidades do lote. Tratar dos animais e plantas é seu trabalho favorito. A entrevistada retratou a perda de força física e as dores que se acumulavam no corpo como fatores limitantes para a realização de trabalhos mais pesados, e reclamou que atualmente não tem disposição para se dedicar às atividades agrícolas como antes. Assim como no caso de dona Araucária, constatamos que os níveis de sobrecarga e exploração laboral deixaram cicatrizes em seu corpo velho, limitando sua mobilidade e sua resistência para determinados tipos de trabalho. Ela comentou que mesmo com todas essas questões não deixou de fazer os seus serviços, continuou capinando, limpando o quintal e cuidando dos animais.

O problema do envelhecimento parece estar relacionado à condição física, pois Primavera só se reconheceu como uma mulher mais velha quando percebeu sinais de diminuição da mobilidade e da resistência. Segundo ela, envelhecer pode trazer alguns problemas de saúde, e as pessoas podem ficar cada vez mais cansadas, lentas e fracas. Para ela, as mudanças físicas na pele e no cabelo são as principais marcas do envelhecimento.

Primavera sentiu os efeitos desse processo em seu corpo através da dimensão do trabalho. Ela comentou que a forma como lidava com as atividades da casa e lote mudou quando ficou mais velha, e agora trabalha com mais cautela porque entende que o corpo funciona de uma forma diferente. Ela mantém o espírito de antes, mas agora continua a viver, ajustando-se ao seu estado físico e mental.

A solidão na velhice é um sentimento que aflige D. Primavera, e ela diz sentir falta da companhia dos filhos no dia a dia. Ela lamenta a falta do contato com os filhos que acabaram ficando distantes após a morte do pai. A sensação de abandono nessa etapa da vida é algo que a entristece.

No percurso final da entrevista, ela realiza um balanço de toda a sua trajetória de vida e argumenta que apesar do urbano não atravessar diretamente sua existência ela acredita que não conseguiria envelhecer na cidade, porque é um lugar onde as pessoas estão "presas" dentro de suas casas, ao contrário da liberdade espacial do sítio. E é por

isso que ela acha que eles se tornam mais estáticos à medida que envelhecem. Para ela, as pessoas do meio rural se deslocam mais pelo espaço porque têm que lidar com as tarefas de criação de animais e plantas. Portanto, o trabalho na terra a mantém viva no lote, pois ela consegue realizar todas as atividades que planejou para sua vida, onde retira o leite, cuida das plantações, trata dos animais e da casa. Caso contrário, ela teria adoecido há muito tempo.

Um fato marcante é o relato de Primavera sobre um idoso assentado que adoeceu quando foi retirado de sua casa e levado de maneira forçada para morar com os filhos na cidade. Esta memória carrega dor e sofrimento e se agrava com o distanciamento do idoso com o seu lugar de moradia. Segundo ela, este senhor ficou acamado e entristecido pela saudade do lugar onde construiu sua vida e desenvolveu relações de apego e identidade.

Sem solução para o problema, os filhos mandaram o pai de volta para o sítio, onde ele retoma a felicidade e a autoestima, se recupera e continua a viver e trabalhar na terra. Esta mudança forçada pode ter impactado a sua saúde física e mental, destruindo sua ligação com a casa e a terra que se estabeleceram há décadas. D. Primavera entende essa retirada como uma forma de violência contra os idosos, pois é um mecanismo de opressão que apaga a história e as memórias que esses sujeitos construíram ao longo de suas vidas por meio das relações com as pessoas e lugares.

Primavera relata uma experiência ruim quando teve que passar uma semana na casa da filha em Presidente Prudente, lembrando-se de estar doente no espaço urbano, sofrendo de saudades de casa e dos afazeres de sua vida na terra. Ela não via a hora de voltar ao conforto de seu lar porque não conseguia se adaptar à dinâmica da cidade, que é dominada por áreas construídas, com maior mobilidade de pessoas e carros, todos esses elementos que fazem a Primavera recusar a vida numa cidade porque a vê como uma prisão.

No geral, a vida no sítio foi celebrada como a realização de um sonho familiar que a acompanha desde sempre. No assentamento ela pôde recuperar sua dignidade e romper com os padrões de exploração e de degradação do trabalho vivenciados nos tempos dos arrendamentos. Sua memória confirma que a terra foi essencial na sua reprodução enquanto assentada, possibilitando a criação dos filhos e o desenvolvimento de atividades agropecuárias importantes na geração de renda familiar.

A condição da velhice apresentou novos desafios à sua sobrevivência, levando-a refletir sobre o papel de seu corpo no espaço, avaliar as condições de trabalho e as relações familiares. Nesse sentido, os filhos tentam convencer sua mãe a deixar o lote e

morar com eles, pois sabem que estar sozinha na terra numa condição de viúva e idosa não é um estilo de vida para qualquer um, tendo em vista que há muitas demandas nas atividades domésticas e produtivas. Mesmo assim, Primavera mantém-se resistente em sua decisão de permanecer no lote, porque passou por muitas lutas e dificuldades para conquistar esta terra, onde vive os melhores momentos de sua vida, onde quer envelhecer e viver.

- Olá, boa tarde! Qual é o seu nome? E quantos anos a senhora tem?

Oi, meu filho. Meu nome é Sapucaia. Eu não sei que idade eu tenho, na verdade eu não lembro. Tenho quantos anos mesmo filha?

- Ela tem 94. Tem 94 anos. (Buriti).

Eu tenho essa idade, 94 anos e estou esperando Deus me chamar.

- Onde a senhora nasceu?

Eu nasci em Teófilo Antônio, em Minas Gerais. Não é bem em Teófilo Antônio, como é mesmo? É em Fidelândia eu acho.

- Bacana. Eu gostaria de ouvir um pouquinho sobre a história de vida da senhora. Poderia começar falando sobre os tempos de quando era criança. Como foi a sua infância em Minas quando a senhora era pequena?

Se eu contar minha história lá de Minas você fica aí o dia inteiro porque é muita coisa que passei nessa vida. Foi uma vida muito dura, foi tudo muito sofrido. Meu filho, eu fui criada de uma maneira muito sofrida, o meu pai era pobrezinho e tinha um monte de filhos e ele criou a gente na roça com todo mundo trabalhando. Naquele tempo a gente tinha uma roça de café e eu já ajudava a colher o café, trabalhava em casa, fazia rapadura e doce também, nós tínhamos que ajudar porque nossa família era muito pobrezinha e vivia aquela vidinha sofrida.

- Como era a sua família na época?

Tinha eu, meu pai, minha mãe e uns irmãos. Éramos em quantos mesmo, filha? Quantos irmãos eu tinha, eram 5 eu acho?

- Vixe, mãe! Eu não sei não. Não me lembro quantos irmãos a senhora tem. Tem que ver depois. Eu também não sei por que já faz tempo que nós nos separamos e cada um foi para um canto e perdemos o contato. Mas, eu acho que são 5 irmãos porque em Maringá/PR tem dois né.

- Não mãe. Ele tá falando dos irmãos da senhora, não dos filhos.

Ah! Então, eu não sei não. Não sei onde eles estão hoje. São 5 irmãos, 5 irmãos homens e 6 mulheres. Eu lembro do meu pai e ele me criou, lembro que nós morávamos juntos, fazia rapadura e fazia doce todo mundo junto. Lembro que nós éramos 5 irmãos e era uma união, nós trabalhávamos juntos e levava a vida na roça colhendo café. Eu também tinha o meu velho que agora está morto e eu morava [...] onde é que eu morava?

²² A entrevista foi feita com o suporte e acompanhamento da neta, identificada como Dona Buriti – 40 anos. Foi necessário esse apoio pois a recordadora está em um estágio de progressão do Alzheimer e apresenta lacunas em lembrar de fatos e acontecimentos do passado e do presente.

Morava lá perto do Porto, mas, antes morei em Terra Rica no Paraná e de Terra Rica fomos para o Porto e depois viemos para cá e estamos aqui até hoje.

- Quando foi isso? A senhora se lembra?

Foi lá em 80 ou 90, não sei o ano certo, mas veio eu e meu velho para cá, primeiro veio só nós dois e só depois vieram os filhos para acompanhar a gente. Hoje, mora eu, ela e o menino, nós 3.

- Eu sou neta dela. Foi ela que me criou e eu a considero como mãe, mas ela é minha avó.

Ela é minha neta, mas quem criou fui eu. Ela sempre morou comigo e desde pequenininha sou eu que crio. É a minha filha mais nova.

- Ela me criou, mas agora eu que crio e cuido dela. Invertemos os papéis.

Para você ver isso. Agora ela diz que me cria e me trata igual uma criança (*risos*).

- A senhora lembra como foi a chegada aqui no assentamento? Você participou de alguma ocupação ou ficou no acampamento?

Lembro sim. Eu lembro que nós ficamos muitos anos debaixo de um rancho²³ de capim e lona na beira de um rio lá embaixo. Nós ficamos um tempo morando no rancho perto do rio e só depois que nós pudemos vir para essa terra. Primeiro, fizemos o rancho onde está minha casa lá, naquela casinha lá atrás. Aquela casinha é minha.²⁴ Essa daí é dela e aquela lá é minha, mas, eu fico mais aqui do que lá, porque não gosto de ficar sozinha e Deus levou meu velho.

Meu filho, naquela época era tudo muito difícil, sabe onde nós buscávamos água? Lá naquela passagem que vocês entraram para vir para cá, era muito longe, longe demais. Depois, tinha uma poça d'água de um fazendeiro, mas ele ameaçava e corria atrás de nós por causa dessa água. Eu lembro que a gente ia escondido de noite para buscar água para ele não descobrir e essa água a gente não usava para gastar a toa, usávamos em casa e nas criações que a gente tinha. Lá embaixo a água era muito suja e é por isso que nós esperávamos o fazendeiro dormir e ia pegar água. Foi um sofrimento para estarmos aqui, passamos por muitas dificuldades e sofrimento. Foi tudo muito sofrido. E no ano passado meu velho faleceu. Foi no ano passado?

- Não, mãe. Já tem anos que ele faleceu, tem anos já. Faz muitos anos, mãe.

²³ O rancho refere-se ao barraco de lona utilizado nos tempos do acampamento e da ocupação no início no assentamento.

²⁴ Nesse momento Dona Sapucaia aponta em direção a uma das casas no lote, construída no início do assentamento.

Ah! Depois de muito sofrimento para conseguir esse sítio Deus o levou. Foi uma vida bem difícil no começo e eu e ele entramos aqui sozinhos e só depois vieram os filhos e o restante da família. Naquele tempo nós viemos na frente e deixamos os filhos lá no Paraná, eles foram vindo de pouco em pouco e depois se esparramou de novo e hoje só tem ela aqui comigo. Também tem outra filha aqui no assentamento, você desce e vira lá embaixo e o primeiro sítio que você achar é de uma filha minha, uma gordona que mora lá embaixo. Já os outros estão todos esparramados, uns estão em Maringá, outros em Santa Zélia e tem outra que tá em [...] onde ela tá mesmo?

- Em Sandovalina/SP, tem uma em por lá.

Estão todos espalhados pelo mundo, meus filhos estão todos esparramados por aí. E sua mãe onde é que ela tá? Em Curitiba?

- Em Penápolis/SP, mãe. Já tem um tempo que ela está morando em Penápolis.

Isso mesmo, lembrei agora, ela está em Penápolis. Agora que lembrei, também tenho essa filha que é a mãe dela. Os filhos esparramaram tudo, só ficou eu e ela. Se eu não tivesse criado ela, como seria? Graças a Deus eu a tenho para cuidar de mim e ela me ajuda muito, se não fosse ela eu estaria sozinha por aí, estaria abandonada pelo mundo.

- Como vocês ficaram sabendo das terras aqui da Água Sumida na época?

Nós morávamos em Terra Rica e na época nós ouvimos uns comentários que estava saindo umas terras pros lados de cá, nisso eu e meu velho, morávamos numa colônia lá no Paraná e ele sempre falava que queria sair daquela vida de tocar café, porque era muito sofrido ter que ficar mudando todo ano. Me lembro que na época nós tocamos café de porcentagem e só um tempo depois que ficamos sabendo das terras que tinham por aqui. O meu velho estava doido para vir mas, eu não queria deixar, nós não conhecíamos ninguém pra esses lados, mas, mesmo assim, ele veio, deu o nome e foi chamado para ficar no rancho na beira da estrada. Essa foi a nossa vinda para cá. Foi isso né filha?

- Isso mesmo, antes de vir em definitivo para o sítio eles ficaram acampados no trevo em Euclides da Cunha/SP, sabe aquele trevão lá de fora da cidade? Eles ficaram um tempo vivendo em um barraco no acampamento e só depois que saiu a terra para eles vir pra cá de vez.

É, foi isso mesmo. Nós ficamos um tempo no trevo, morando no rancho, ficamos muito tempo nesse trevão. Foi um sofrimento danado para pegar essa terra aqui, Deus levou meu velho e ficou eu aqui no sítio.

- A senhora lembra o que plantou aqui no sítio?

Nós plantamos muita coisa, plantamos milho, feijão, arroz. Nós plantamos de tudo nessa terra, teve uma época tão boa para o feijão, só que agora não dá do mesmo jeito que dava de primeiro, antes era muita fartura nas plantações. Isso aqui era cheio de pés de feijão, ficava espalhado nessa terra toda aqui. Eu sempre gostei de plantar e até o arroz que nós plantamos lá embaixo deu, meu Deus que tempo bom! Meu vó sempre mexia com a terra e ele gostava demais e nós sempre plantava para gente comer, hoje em dia o povo busca tudo no mercado, mas antigamente nós plantávamos tudo isso. Nós colhemos tanto feijão aqui nessa terra, de primeiro a gente colhia muito feijão. Eu vim comprar feijão esses dias, mas de primeiro não precisava comprar porque dava tanto feijão aqui.

- A senhora já chegou a morar na cidade?

Não! Eu nunca morei em cidade, a vida toda morei em sítio. Nunca né?

- Não, ela sempre morou no sítio, ela morou uma época em fazenda quando tocava café e depois veio para o sítio.

Eu morei lá nos três morrinhos em Terra Rica e depois vim para cá. Eu nunca senti vontade de morar na cidade, sempre gostei dessa vida no sítio porque aqui a gente cria os “bichinhos” da gente, né, cria uma galinha, cria um porco e umas vaquinhas que dá para tirar leite. Tudo é fartura aqui para gente, agora imagina ter que ir na cidade comprar isso tudo. Fica caro.

- E sua família sempre mexeu com roça também?

Eu fui criada na roça e meu pai sempre teve sítio e depois que me casei e vim para o Paraná meu pai perdeu tudo. Ele perdeu o sítio e minha mãe ficou sozinha e sem nada. Ele acabou com tudo, tinha gado, perdeu tudo por causa da farra. Que Deus me perdoe e que ele esteja em um bom lugar, mas ele botou fim em tudo que minha família tinha. Acabou com tudo que tinha lá em Teófilo Antônio.

- A senhora chegou a ir para escola?

Não, eu nunca fui para escola. Eu estudei em casa e só aprendi a assinar o meu nome, mas eu acho que nem sei escrever mais. Eu esqueci como assinar o meu nome (risos). Eu nunca entrei na escola, de primeiro os pais não deixavam a gente estudar. Eu lembro que meu pai falava que não ia deixar a filha dele entrar na escola porque ficava sabida demais. Então, naquele tempo, a mulher não podia ser sabida e tinha que estar em casa, por isso que não estudei, meu pai nunca deixou.

- Como a senhora conheceu o seu marido?

Eu e ele fomos criados quase juntos e ele morava num sítio bem do lado do meu. Eu lembro dele muito porque foi um bom marido pra mim. Se nós conseguimos essa terra

hoje é por causa dele, foi muita luta para estarmos aqui. Ele era um marido bom e trabalhador, não deixava faltar nada pra gente, sempre buscava o melhor para nossa família.

- Sobre a vida aqui no sítio, o que a senhora gosta de fazer?

A minha vida inteira eu gostei de sítio, sempre gostei de plantar, de fazer roça e ter criações. Eu gostava de tudo aqui, gostava tanto de plantas as coisas aqui, gostava e gosto ainda. Eu sinto muita falta de ter minha roça e de plantar. Eu lembro que nós colhíamos muito feijão aqui, tinha tanto feijão esparramado por essa terra que não dava conta. Era bom demais isso. A gente já mexeu com leite também, mas de um tempo pra cá que nós não mexemos mais com leite para vender, só pra gente mesmo.

- O que levou você e o seu marido a vir para o assentamento?

Foi a terra, nós saímos dos morrinhos no Paraná e viemos para cá em busca de um pedacinho de terra. A gente sempre quis ter o que era nosso. Eu lembro que morava em Terra Rica. Vocês conhecem Terra Rica? Eu morava pertinho daqueles morrinhos e naquele tempo nós tocávamos café de porcentagem numa fazenda de lá. Aí, soubemos de uma notícia que o governo ia dar terras aqui, nisso meu velho ficou caduco e botou na cabeça que a gente tinha que vir pra cá. Nisso, o nosso menino veio e falou: - *“Vai pai! Vai que lá o senhor consegue a terra”*. Ele nos largou por lá e veio na frente, ficou no rancho de capim e logo depois saiu essa terra pra gente.

- Qual foi a sensação que vocês tiveram quando entraram no assentamento?

Foi um sentimento bom conseguir essa terrinha, mas, mesmo assim, a gente ficou um tempo acampado na beira do rio até conseguir fazer o nosso canto. No começo não tinha nada e nós entramos com a fé e a coragem para fazer as coisas. Não tinha casa e não tinha nada, o que tinha era uma capoeira do tamanho daquele mato ali²⁵, era aquele matagal alto pra gente derrubar. Nós entramos e só tinha mato e nós pegamos um facão para derrubar, também não tinha força e nem água. Nessa época nós ficamos na beira do rio, nós não entramos direto aqui não, demorou um pouco para subirmos pra cá. Nós ficamos quase 1 ano lá na baixada, lembro que nós plantamos roça lá na beira do rio, colhemos milho e feijão. Eu só não sei quanto tempo demorou para construirmos essa casa, faz tanto tempo que já não me lembro mais.

- Como foi a escolha do sítio?

Foi por sorteio! Teve sorteio, não foi cada um escolhendo não e pelo sorteio nós caímos aqui, né. Meu cunhado e meu genro caíram ali. Graças a Deus não teve briga, não teve briga de jeito nenhum porque o povo era unido. Todo mundo ficou feliz. Quando

²⁵ A recordadora aponta na direção de uma área com bastante mato no lote.

nós entramos fizemos um barracão de palha para morar, nós ficamos por muito tempo vivendo nesse barraco, buscando água lá na beira do rio e plantando o que dava pra comer. Tinha água aqui perto, mas o fazendeiro não deixava a gente pegar. O duro era quando chovia, porque molhava o barraco e tudo o que tinha dentro, mas, tinha vezes que molhava e nós dava graças a Deus porque dava para encher as bacias de água. Molhava tudo nosso barraco quando chovia porque ele era feito com “*tabinha*”²⁶ e uns pedaços de capim.

Ah! Nós sofremos muito para pegar essa terra que às vezes eu fico pensando o tanto que meu velho sofreu para pegar isso aqui e no fim ele nem conseguiu aproveitar, porque morreu foi embora. Meu velho amava essa vida e esse sítio era um céu para ele, ele gostava demais daqui. Ele veio antes de nós pra cá, ele fez bastante coisas nesse sítio, plantou e trabalhou muito na vida. Hoje, tenho essa menina mais nova e o menino aqui comigo, também tenho uma filha e um genro que mora aqui no assentamento, já os outros estão todos espalhados pelo mundo.

- Vocês receberam ajuda do governo no começo?

Não, tudo que nós fizemos aqui foi pela nossa força de vontade. Meu velho e eu sofremos demais para conseguir essa terra, foi muita luta e trabalho. Nós viemos pra cá com um pouquinho de dinheiro que sobrou do café que a gente tocava por porcentagem nas fazendas lá do Paraná. Governo e Incra não ajudaram muito aqui não.

- Como vocês mantêm o lote?

Hoje quem faz as coisas aqui no lote é essa minha filha, é ela que dá conta de tudo, eu gosto de cuidar das criações e do quintal. Antes, quando eu aguentava trabalhar, nós fazíamos bastante roça e plantava bastante coisas, mas, hoje em dia eu estou com o corpo mais cansado, fiquei velha. Hoje, a minha filha planta cana e capim para dar para o gado, não é filha?

- O que?

Que hoje em dia a gente não faz mais roça. Que só plantamos a cana pro gado poder comer. É isso? Minha filha sabe responder mais do que eu.

- É! O que a gente mantém aqui é só para o gado. Nós temos a pastagem e eu plantei a cana para poder complementar, lá embaixo tem o amendoim que eu arrendei. Eu tive que arrendar para o amendoim para melhorar o pasto. Aí, o cara vai tirar o amendoim no começo desse mês pra plantar a pastagem pra mim e deixar o pasto pronto para usar. Hoje, no caso do trabalho, quem mais mexe com as coisas do sítio sou eu e esse meu

²⁶ A recordadora refere-se a tábuas de madeira.

menino, nós tentamos dar conta de tudo, mas é bem complicado, pois é muito trabalho. A gente faz o que pode.

Já eu trabalho bastante no prato (*risos*). Gosto de comer (*risos*).

- Olha! Vou te falar a verdade. Ela ainda faz muitas coisas aqui no sítio, faz de teimosa, mas faz. Ela tem 94 anos e eu posso deixar uma bacia de roupa que ela vai e estende no varal, e tem vezes que ela ainda quer lavar. Vê se pode (*risos*). Rapaz, tem dia que ela pega esse quintal e varre ele todinho e eu e meu menino ficamos bravos porque ela fica fazendo esforço nesse sol quente, é perigoso passar mal. Mas, aí, meu menino fala que é melhor deixar a vó quieta pra lá porque pelo menos ela tá se movimentando, então tá bom. Graças a Deus ela tá bem, apesar dessa doença. O duro seria se ela tivesse entrevada numa cama.

- Eu e o meu menino tentamos dar conta das demandas aqui do sítio, cada hora aparece uma coisa diferente, mas estamos aprendendo a se virar na marra, esses dias mesmo nós estávamos tentando fazer cerca com esses palanques que estão aqui. Agora, eu até falei com um rapaz e nós estamos comprando material para fazer uma mangueira para colocar ordenha porque senão eu não aguento por causa do braço.

- E eu só estou segurando mais um pouco por causa desse menino, não podemos vender esse sítio porque ele está aqui porque gosta daqui. A minha mãe ama esse lugar, seria uma judiação tirar ela daqui. Eu tenho esses dois meninos, esse tem 13 e o outro 18, o de 18 saiu daqui para morar com pai porque queria uma vida melhor, só que no fim ele mora em sítio também, tá lá mexendo com bicho, não quis estudar, não quis nada, pois, sempre gostou de mexer com bicho. Eu sempre o aconselhei a fazer um curso, uma faculdade ou uma coisa que dê para se manter, mas, ele sempre respondia que não, pois, o que ele queria para a vida dele era mexer com leite. No fim ele acabou nessa vida de sítio e tá lá tentando tirar habilitação pra depois comprar um carrinho. Já eu tô aqui tentando fazer esse barracão e colocando a ordenha para trabalhar, porque aí sim eu e esse menino damos conta. O gado que tenho aqui é fraco, só que o laticínio que eu entrego o leite me ajudaria a trocar as vacas por umas melhores, já que o meu gado é fraco. Então, as minhas expectativas são essas e enquanto isso eu vou plantando cana, tentando carpir porque ali já está enchendo de mato, eu carpo uma rua e quando o sol esquenta eu corro e assim vai. É difícil, porque para se manter aqui no assentamento você tem que ter fé e muita opinião, principalmente se você for mulher. As mulheres que estão aqui alugam tudo e não mexe mais em nada do sítio, tem uma colega minha que recebeu toda a renda do aluguel de uma vez, pegou 10 mil de uma vez só, já eu não, eu prefiro ir recebendo aos poucos, pegando 1000 reais todo mês com a garantia de que

todo mês você vai ter para receber. É melhor do que pegar de uma vez, pois, o dinheiro vai rápido ainda mais nos tempos de hoje que está tudo tão caro. Aí, fica assim.

- Hoje nós vivemos dessa forma, tiramos renda do leite e do arrendamento. Como ela é aposentada e de mais idade eu não posso trabalhar porque tenho que cuidar dela, não posso deixá-la sozinha nesse sítio. Eu já trabalhei na época que ela estava boa e mais sã da cabeça, lembro que o meu avô ainda era vivo e eu trabalhava lá no Lar do Ancião lá de Teodoro, acho que eu trabalhei lá durante dois anos e depois trabalhei 5 anos na prefeitura dando aulas de artesanato para as mulheres dos assentamentos, esse projeto era bem legal pois ajudava elas a buscar uma fonte de renda para se manter. E eu ensinava o artesanato para elas, gostava muito. Hoje em dia a minha vida é essa, sou eu que cuido dela, pois se fosse pela vontade dos outros parentes ela estaria num asilo, porque além do problema do Alzheimer ela está com uma artéria comprometida, o pessoal da saúde me disse na última vez que ela está desenganada pelos médicos e se está viva até hoje é pela graça de Deus²⁷.

Meu filho! Eles não querem me deixar aqui sozinha, eles ficam em cima e cuidam de mim, tem que ficar olhando para eu não ficar sozinha, é como se eu fosse uma criança. Já pensou? (risos). É duro pro lado dela, eu não gosto de dar trabalho, mas ela se preocupa.

- Em relação ao trabalho, que tipo de serviço a senhora não consegue fazer mais por conta da idade?

É tudo meu filho. Hoje em dia não dou conta de fazer várias coisas, não consigo carpir, nem plantar, e olha que eu tenho muita vontade, mas não aguento mais. Se eu tivesse força eu ia fazer tudo. Sempre gostei de trabalhar. Eu gostava de ir pra roça, gostava de plantar feijão, de plantar arroz, lembro que lá embaixo dava tanto arroz e agora não dá mais nada. Quando meu velho estava vivo nós fazíamos tudo nesse sítio.

- Como é envelhecer aqui no assentamento?

Foi bom, muito bom. Aqui eu sempre tive de tudo, eu sofri com meu velho pra ter essa terra, mas foi aqui que a gente foi sempre feliz. Ele gostava de trabalhar na roça, de mexer nessas terras, pensa num homem trabalhador, ele trabalhava até doente. Desde que a gente morava no Morrinho tocando café por porcentagem ele já tinha esse sonho de ter uma terra, mas agora Deus levou o pai da casa junto com ele e acabou. Eu gosto daqui e agradeço a Deus por ter essa terra pra viver.

- Como a senhora percebeu que estava ficando velha?

²⁷ D. Buriti compartilhou essa informação sobre o estado de saúde em voz baixa para que a D. Sapucaia não escutasse.

Eu não lembro não, não lembro de mais nada.

- Mãe, o rapaz quer saber como a senhora se sentiu mais idosa?

Ah, sim. Talvez a idade, pois vem vários problemas com a idade. O nosso corpo fica diferente. Eu não me acho velha, eu tô bem do jeito que tô e penso que o importante é ter saúde e Deus no coração. Eu tô bem e graças a Deus ainda faço as minhas coisinhas, limpo minha casa, cuido desse quintal, então, tá bom demais.

- Como a senhora definiria seria uma pessoa idosa?

Igual eu mesma, de cabelo grisalho e de idade. Acho que a pessoa idosa é desse jeito. Eu tenho essas dores de velhice, o corpo fica ruim as vezes, mas tirando isso eu tô bem. Eu faço minhas coisas, eu consigo caminhar sozinha, varro meu terreiro e quintal e ainda por cima lavo as minhas roupas. Tudo isso eu faço. Por isso não me sinto velha! (risos).

- Qual o segredo para a senhora ter chegado bem aos 94 anos?

(Risos) Isso só lá em cima pode explicar, só Deus mesmo. Só ele pode revelar isso para nós porque eu não sei. Graças a Deus sempre tive vontade de trabalhar e tô aqui até hoje.

- O que a senhora mais gosta de fazer aqui no sítio?

Se o meu corpo aguentasse eu faria de tudo, pois, eu gosto de trabalhar, sempre plantei, carpi e mexi com os bichos, eu sempre gostei de fazer essas coisas, sempre mexia com roça, mas hoje eu não consigo fazer mais nada disso.

Se eu pudesse dar um conselho para as pessoas, falaria para elas virem pro sítio, a cidade é muito perigosa, lá as coisas são difíceis e é só uma pessoa sabida para conseguir morar naquele lugar. Já a pessoa pobrezinha não adianta ir para a cidade porque vai passar dificuldade e é perigoso passar até fome. Lá é tudo mais complicado e graças a Deus eu tenho minha terra pra ficar sossegada. Eu gosto muito daqui, não quero ir para a cidade, tenho meu cantinho e já estou acostumada. Eu sempre fui criada na roça, desde que nasci já vivia na roça, meu pai tinha um sítio grande que eu gostava tanto, mas depois que eu me casei e vim para o Paraná ele jogou o sítio fora por causa da "vagança". Era quase uma fazenda aquelas terras, mas meu pai perdeu tudo na farra, tenho muita dó da minha mãe, uma coitada, ele gastou tudo e não deu um tostão pra ela. Ela ficou sem nada e foi Deus que levou ela.

Pontos brilhantes na narrativa de D. Sapucaia

“Igual eu mesma, de cabelo grisalho e de idade. Acho que a pessoa idosa é desse jeito. Eu tenho essas dores de velhice, o corpo fica ruim as vezes, mas tirando isso eu tô bem. Eu faço minhas coisas, eu consigo caminhar sozinha, varro meu terreiro e quintal e ainda por cima lavo as minhas roupas. Tudo isso eu faço. Por isso não me sinto velha!” (risos). (D. Sapucaia - 94 anos. Assentamento Água Sumida - abril/2022).



Ilustração: Zilda Oliveira.

Sapucaia é uma mulher branca de 94 anos, estatura mediana, cabelos brancos, independente e bastante ativa. Ela é natural de Teófilo Otoni em Minas Gerais e é considerada a pessoa mais experiente do assentamento. Há muito tempo viúva, ela atualmente mora com a neta e o bisneto no lote.

D. Sapucaia foi um dos primeiros nomes citados pelo contato do assentamento nas conversas pré-campo, e foi selecionada para a entrevista pelos seguintes motivos: ser idosa, ter participado do movimento de luta pela terra e ser a pessoa mais velha do assentamento. A conjunção desses elementos foi a base para a escolha da entrevistada, uma mulher notável de inteligência, sabedoria e experiência.

No entanto, quando chegamos ao local, fomos informados de que a entrevistada estava em estágio progressivo de Alzheimer, o que comprometeu sua função inerente de memória e capacidade de lembrar. Admito que essa situação nos deixou um pouco preocupados em atender às expectativas, já que a memória é a essência de nosso trabalho. Até pensamos em possíveis obstáculos para esta entrevista, criando muitas lacunas em dados pessoais, familiares e profissionais que dificultavam a reconstrução de sua trajetória e posteriormente a transcrição dos dados na forma de memória autobiográfica.

Mais uma vez, fomos surpreendidos porque cometemos o erro de idealizar o típico idoso com Alzheimer, associando a dependência à condição intrínseca da velhice. Uma vez no território da entrevistada, nossa idealização entrou em colapso quando Sapucaia apareceu de forma ativa no quintal com uma vassoura e uma garrafa de café em suas mãos. Quando ela se apresenta de maneira cordial, as noções de dependência e vulnerabilidade remetidas aos idosos nonagenários subvertem-se e desmoronam à nossa frente.

A idealização do idoso típico e universal tem relação com a forma que as pessoas de nossa sociedade veem esse sujeito, considerando a idade e usando o corpo e as características físicas como indicadores da velhice. No caso de Sapucaia, essa construção fincada na vulnerabilidade, habilidade e aparência se deu a partir de informações recebidas por outros em campo. É importante refletir sobre essa questão, pois corremos o risco de reforçar o argumento de que envelhecer bem se resume apenas a uma escolha pessoal, no qual aqueles que não atinjam as expectativas seja definido como fracassado e culpabilizado pelo próprio processo. Portanto, a desnaturalização do envelhecimento impõe uma responsabilidade individual à pessoa idosa, medindo essa experiência por meio de um paradoxo baseado no fracasso e no sucesso, onde a velhice e seus sinais devam ser evitados.

A relação de entrevista foi realizada com o apoio da neta, identificada como Buriti. Esse suporte foi fundamental para preencher lacunas de dados e informações na memória da Sapucaia. Durante o processo de transcrição da entrevista percebemos o quão significativo é a dimensão do não dito, pois o silêncio e os lapsos de esquecimento também representaram as percepções que a entrevistada estava sentindo naquele momento em específico.

A narrativa da Sapucaia é construída na intersecção da lembrança e do esquecimento, onde a memória se realiza em um complexo jogo de evocação e lacunas. Nesse jogo de idas e vindas, a infância da entrevistada foi representada como um período de extrema penúria, e sua fala expressa a dor de uma grande família vivendo na pobreza e na desigualdade em meio a todas as dificuldades. Apesar de toda essa peleja, Sapucaia valorizava seus pais trabalhando duro para oferecer o melhor que tinham na época. Nesse sentido, ela é extremamente grata por seu trabalho na cafeicultura, pois seus pais conseguem sustentar a família por meio dessa atividade econômica.

A composição da família confunde Sapucaia, pois ela não consegue se lembrar de quantos irmãos tinha ou onde eles estariam hoje. A entrevistada evoca o pai como figura fundamental em sua formação, revelando toda sua dedicação e empenho em manter a família unida e minimamente feliz. Ela se lembra com carinho de seu vínculo com seus irmãos, cada um ajudando em casa e trabalhando na roça, mesmo quando eram muito jovens.

Nesta análise, o tempo é uma dimensão que precisa ser enfatizada, pois Sapucaia apresenta momentos de esquecimento de lugares, pessoas e datas devido ao impacto do Alzheimer em sua memória. No entanto, ela pode se lembrar de eventos marcantes com o marido, que é a figura central de sua narrativa. Revivido, em sua fala, como “*meu velho*”, ela o evoca com muito amor e gratidão pela conquista do lote no assentamento.

A neta, criada como filha é outra referência na memória familiar da Sapucaia, Buriti se posiciona como uma pessoa responsável e carinhosa com a avó, além de ser o suporte básico durante o processo de reconstrução das lembranças. No local, notamos uma relação mais próxima entre elas, marcada pelo respeito e carinho. A neta expressou todo seu amor pela avó, que abriu a mão de sua vida na cidade para se dedicar a todos os cuidados de Sapucaia na terra.

Quando mergulhamos em sua memória política, vemos que a vida na terra sempre esteve nos planos de Sapucaia. A experiência de exploração em arrendamentos de café foi decisiva para a recordadora mudar seu destino e seguir em sonho da luta pelo pedaço de terra. Inicialmente, o marido foi informado de que o governo do estado de São Paulo

estava destinando terras para famílias de origem rural que não tinham residências nem empregos. Para verificar a veracidade dessa informação, seu companheiro foi em frente e acampou em uma barraca de capim e madeira, antes de poder voltar ao Paraná para buscar a esposa e os filhos depois de um tempo.

Embora tenha algumas lacunas na continuidade dos fatos e na periodização das datas, as dimensões da luta e da chegada no assentamento são lembradas por meio de acontecimentos marcantes em sua trajetória, sempre com a presença do marido. De modo geral, as primeiras impressões da vida na terra estão associadas à assimetria e à pobreza, devido ao fato do governo não investir em infraestrutura básica e produtiva para manutenção das famílias pioneiras em seus lotes. Imagens do matagal e colônia que cobriam toda a área da antiga fazenda ganharam vida em sua memória, Sapucaia consegue lembrar-se dessa época com detalhes e aponta na direção do lugar em que estabeleceram pela primeira vez ao chegar ao assentamento. Os quase dois anos de acampamento às margens do ribeirão Água Sumida são retratados como um período de muito trabalho na divisão das terras, na organização das roças e da primeira produção, onde se colhiam milho e feijão.

Silva e Feliciano (2015) descrevem os primeiros anos como um período de adaptação emergencial, com famílias vivendo em barracas ao redor do ribeirão e utilizando água para higiene pessoal, preparo de comida e produção de alimentos para consumo familiar. Sapucaia relembrou em detalhes as etapas do sorteio e a situação de viver em uma barraca de lona em meio a condições de tempo e clima instáveis, sofrendo com calor, frio e chuva extremos. A entrevistada lembrou de uma vez que perdeu todos os seus pertences e objetos pessoais porque a chuva molhava toda a sua barraca feita de madeira, capim e lona. Este momento preserva a dor e a luta dessas famílias que buscam expandir suas vidas e liberdade por meio da reprodução na terra.

Atualmente, Sapucaia e Buriti vivem da aposentadoria e do arrendamento de amendoim e pastagem para criação de gado, e a roça é pouco produtiva devido aos cuidados necessários com a saúde da avó. As entrevistadas planejam investir em uma mangueira para explorar a pecuária leiteira como forma de obter renda. Essas atividades foram identificadas como uma estratégia para a permanência dessas famílias no assentamento.

Em relação à sucessão familiar, Buriti manifestou vontade de continuar morando na terra ao lado do filho e de D. Sapucaia. Para ela, seria uma crueldade tirar a avó de casa, local onde formou sua família, criou seus filhos e netos, e construiu relações de afetos e de pertencimento. Embora alguns familiares tenham pedido que Sapucaia seja

retirada de casa e colocada em uma instituição de longa permanência, Buriti disse que se opôs à decisão e permaneceu firmemente empenhada em cuidar de sua avó e das demandas do lote. O filho é também um dos motivos de sua permanência na terra, onde a vida é entendida como uma dimensão de paz, liberdade e fuga dos problemas sociais da cidade.

Em sua memória, Sapucaia vê o envelhecimento como o acúmulo de experiências ao longo da vida. Viver e envelhecer no assentamento teve um impacto positivo em sua trajetória pessoal, pois ela celebra ativamente a vida e a velhice como conquistas decorrentes dos relacionamentos com a família e o trabalho na terra. Embora não se considere uma mulher idosa, Sapucaia reconhece que cabelos grisalhos e rugas são sinais de que seu corpo está envelhecendo. Apesar dos impasses do envelhecimento rural, Buriti disse que sua avó ainda estava ativa aos 94 anos, inclusive fazendo tarefas domésticas, cuidando do quintal e das plantas e lidando com a terra.

Com base no que foi apresentado, a realidade de Sapucaia explica a atual dinâmica demográfica do país, no qual a entrevistada se insere no grupo etário dos nonagenários, a faixa demográfica que mais cresce no Brasil (IBGE, 2010). Sua trajetória valida o atual contexto populacional brasileiro, marcado pelo declínio do número de crianças e aumento dos idosos.

Entrevistar D. Sapucaia foi uma das coisas mais interessantes da pesquisa de campo, pois pudemos acompanhar de perto a situação da pessoa idosa em condição de Alzheimer em seu contexto de envelhecimento, incorporando as especificidades do corpo e da memória da entrevistada.

Memórias de Dona Aroeira - 77 anos

- Boa tarde! Gostaria que a senhora falasse um pouquinho sobre sua história de vida. Pode se apresentar, por favor.

Eu estou com 77 anos, sou viúva, tenho 9 filhos, mas, criei 8, são dois homens e o restante é tudo menina. Aqui no assentamento mora dois, uma filha viúva e outro casado que mora naquela casinha ali no fundo. O meu menino que mora aqui nunca saiu e sempre trabalhou com o pai aqui no sítio, o pai dele faleceu e ele ficou aqui no sítio até hoje. Ele se casou e mora com a família nessa casa, eles não estão em casa hoje porque foram visitar a filha que foi pegar um serviço lá no Mato Grosso. Essa minha neta estudou e fez faculdade num negócio que eu não sei falar, mas sei que mexe com o ouvido.

- Fonoaudióloga?

Isso! Ela trabalha com isso aí lá no Mato Grosso do Sul. Já eu nunca estudei, quando eu estava no Norte ainda fui um pouquinho na escola, mas depois tive que sair para trabalhar e depois não fui mais. Para falar a verdade eu acho que não fiz nem o primeiro ano, porque não sei nada, não sei ler e nem escrever, não estudei mais.

- Antes da gente falar sobre o envelhecimento, gostaria de ouvir um pouco sobre sua história de vida e sobre o lugar em que nasceu. Como foi a sua infância até a chegada no assentamento?

Bom! Eu nasci no estado da Bahia, em Feira de Santana. Eu fui criada por um tio e vim com eles até Maringá/PR e depois fui para Paranavaí/PR onde conheci o meu marido e me casei. Os tios que me criaram acabaram voltando para o norte e depois faleceram. Meu marido era do Norte também, mas acabou vindo parar em Paranavaí e assim foi que nos conhecemos. Eu sei que tenho um irmão e uma irmã de sangue, mas, eu não cheguei a conhecê-los, sabia que eles existiam, mas não fomos criados juntos, nunca tive contato com eles. O meu pai foi casado duas vezes e eu não os conheci, quando a minha mãe faleceu eu nem cheguei a conhecê-la. Eu não cheguei a conhecer minha mãe, era muito novinha quando ela morreu. Já o meu pai faleceu depois que eu vim para o Paraná e depois fui para o estado de São Paulo.

A única lembrança que tenho é de que fui criada com os meus tios, apesar das dificuldades e de todo sofrimento eu vivia muito bem com eles, só que naquele tempo as coisas eram bem difíceis, mas graças a Deus eu vivia bem. Depois que viemos para São Paulo eu fiquei um tempo no acampamento junto dos meus meninos e do meu finado. Lá no acampamento a gente fazia o que dava para sobreviver, plantava alguma coisinha e o finado e os filhos saíam para trabalhar e eu ficava no barraco na beira da estrada lá perto do Porto. Naquele tempo a nossa casa era um barraco de lona e mato e depois que

viemos para o assentamento ficamos uma época morando na beirada do rio em outro barraco e só depois de um tempo é que conseguimos fazer a nossa casa. A gente levava uma vida bem sofrida e só aguentamos tudo isso pela necessidade em ter a nossa terra.

- Como vocês ficaram sabendo das terras aqui do Água Sumida?

Quando saiu os comentários sobre essas terras nós morávamos em Terra Rica trabalhando em fazendas colhendo café e nisso falaram pra gente do acampamento e das chances de pegarmos um pedaço de terra e assim viemos parar aqui, foi assim que aconteceu, e, do acampamento nós viemos para cá. Lembro que antes de vir para o acampamento eu conversei com o falecido para ter certeza de que era isso que a gente queria mesmo, para depois não nos arrependermos. Foi uma decisão que tomamos juntos.

Quando chegamos no acampamento nós fizemos bastante amizade com o povo que estava lá, era um pessoal muito unido e organizado, mas acabei perdendo o contato com eles e uns até esqueci os nomes. O que sei é que alguns já faleceram e outros pegaram terra lá no Porto e os demais vieram para cá. Muitos dos que acabaram vindo pra cá já não estão mais aqui, uns morreram, outros venderam e foram embora para a cidade, tanto que das pessoas que estão aqui hoje eu não conheço boa parte. Agora que eu fiquei com as vistas ruim, piorou, eu não conheço mais ninguém. Eu operei das vistas, mas, mesmo assim, eu não enxergo com esse olho.²⁸ É ruim demais.

Antes de entrar aqui no assentamento eu e o falecido trabalhávamos numa fazenda lá no Paraná colhendo café. Não era uma coisa ruim, mas nada paga a gente ter o nosso pedacinho de terra para viver sossegado. A gente já estava acostumado com essa vida de ficar de fazenda em fazenda colhendo o café, porque lá só tinha café e só em São Paulo que fomos ver a cana. Quando meu filho fez 17 anos ele foi fichado na usina e está trabalhando até hoje, ele começou cortando cana, mas hoje ele trabalha na máquina. Esse ano eles ainda não mexeram com máquinas, tão esperando esse tempo mudar para poder começar, ele foi para a usina fazer esses cursos para mexer na máquina.

Lembro que meu finado sempre falava do tempo que ficamos no rancho, nós ficamos quase 3 anos no trevão, ficamos dois anos e oito meses acampados na beira da estrada, isso aí eu nunca esqueci. Aqui, nós ficamos uns dois anos na beira do rio e só depois que nós mudamos para cá. O problema era que na beira do rio a gente ficava sofrendo com o tempo, era ruim quando chovia porque molhava todas as nossas coisas e era ruim também quando estava quente, parecia que a gente cozinhava com a

²⁸ A recordadora aponta para o olho esquerdo indicando o problema com a visão.

“quentura”. Outra coisa ruim era para buscar água, porque tinha que andar bastante e até achar um animal que pudesse ajudar era difícil. Graças a Deus que naquela época eu tinha uma colega que veio junto com nós, infelizmente o marido dela faleceu e ela teve que ir embora para Nova Londrina/PR e desde então eu não tive mais notícias dela. Mas, graças a Deus as coisas deram certo, o tempo que ficamos lá valeu a pena porque só assim conseguimos nosso pedaço de terra, então a gente não pode reclamar da vida. Naquele tempo os meus meninos já trabalhavam bastante e antes de serem fichados na usina eles trabalhavam com braquiária, catavam algodão e faziam todo tipo de serviço de roça e depois eles foram para a usina. Naquele tempo eles cortavam cana queimada, depois veio as máquinas e a usina mandou o povo todo embora, mas graças a Deus eles fizeram cursos e continuaram trabalhando lá dentro da usina.

Apesar de todos os problemas que passamos na vida, eu sempre tive saúde e por isso reclamar e nem posso falar mal dessa época, porque foi através dessa vida sofrida no acampamento que nós conseguimos garantir essa terra. Ainda hoje eu acho que estou bem de saúde e graças a Deus não preciso usar tanto remedinho como o pessoal que fica mais de idade também, o meu único problema é o da vista, eu não consigo enxergar direito de um olho, tirando isso eu estou bem para a minha idade.

Muita coisa mudou desde que pegamos o sítio! Isso aqui era muito diferente da primeira vez que pisamos nessa terra. Eu lembro que quando entramos aqui era tudo pasto, só tinha mato, capoeira e pasto, não tinha nada por aqui e só depois fomos plantar roça. Quando nós chegamos o governo liberou um dinheirinho para a gente comprar o gado e a cerca para fazer nosso pasto e estamos com os bichos até hoje. Nós plantamos bastante coisas no começo, mas depois paramos e ficamos mexendo só com o gado.

Hoje em dia eu vejo que está muito diferente de quando nós entramos, agora temos a casa, uma hortinha, também, tem o pasto com o gado, mas, antes era só mato, agora tem essa montoeira de pau que o finado gostava de plantar, todas essas árvores que você está vendo foi ele que plantou. Ele não podia ver uma árvore ou planta diferente que ele já plantava aqui no sítio e o bom que hoje tem essa sombra boa para refrescar da quentura. Ele que plantou tudo que tem aqui, os pés de manga foi ele também, os pés de eucalipto, de limão e de abacate e se você descer aí pra baixo vai encontrar mais uma montoeira de pau que ele plantou. Tudo isso que plantamos o ITESP deu as mudas na época, que nem o pé de jaca, aqui tem um, lá embaixo dois e no fundo mais um, ele sempre gostou de plantar e de mexer com esses paus e a terra.

O único tempo que morei na cidade foi em Terra Rica e antes de vir para cá nós morávamos por lá, mesmo colhendo o café a gente morava dentro de Terra Rica mesmo.

Eu vou falar para você, eu nunca gostei de morar na cidade, já me acostumei com o sítio. A vida toda eu morei em sítio e criei os meus filhos trabalhando nas fazendas colhendo café, aí depois que mudamos para Terra Rica nós ficamos trabalhando no caminhão de boia fria e depois que mudamos para cá não quis saber mais de cidade. Desde que entrei aqui eu nunca pensei em sair para mudar para cidade, eu gosto do meu sítio e de mexer com as minhas criações, gosto de cuidar dos meus porcos e galinhas e da cidade eu não gosto não. Eu já falei com meus filhos que quero morrer aqui e não saio desse sítio por nada.

Quando entramos aqui nós plantamos de tudo e até arroz chegamos a plantar aqui, algodão, milho e só feijão que não foi para frente e não deu muito certo, só aquele feijão de corda mesmo. Plantamos mandioca e até hoje plantamos a mandioca também. O meu menino gosta de fazer horta, ele está ajeitando as coisas para fazer uma horta, mas não fez ainda por causa do calor, mas, já está tudo limpo e no jeito para fazer. Ele já montou os canteiros e está esperando as mudas que pediu lá no ITESP para poder fazer. Agora mesmo ele estava enchendo uns sacos de esterco na mangueira para levar lá na horta. Sabe, nós sempre gostamos de plantar, eu e ele já plantamos abóbora e só a mandioca que não saiu porque plantamos naqueles dias que teve a seca e não saiu. Agora nós plantamos de novo e saiu até uns pezinhos, ele plantou mais um pouco de mandioca para dar para as criações, ainda ontem nós arrancamos umas mandiocas e levou lá para dentro do pasto porque ela ficou velha e aqueles toquinhos que brotou delas nós estamos arrancando para dar para a criação.

Nós viemos parar aqui por causa do meu finado e era ele que tinha essa vontade de lutar para pegar um pedacinho de terra que fosse da gente mesmo. Naquela época nós não podíamos comprar, a gente não tinha dinheiro para isso e assim nós fomos parar no acampamento. Quando o povo apareceu com esses negócios do acampamento foi que nós conversamos e nos mudamos de Terra Rica para cá. O Sindicato e o ITESP ajudaram o povo a se organizar na época, era mais eles que apareciam por aqui quando mudamos e tinha vezes que eles traziam mudas de árvores para a gente plantar, mas agora eles sumiram de vez, depois que começou essa epidemia eles não vieram mais aqui no assentamento.

No momento nós não estamos produzindo nada no sítio, o que tem plantado é o amendoim que arrendamos em troca do pasto, pois, quando o homem terminar de colher ele vai reformar o pasto para a gente. Nós arrendamos, mas, não foi para pegar o dinheiro e sim para eles reformar, já que a gente está sem condições e sem dinheiro para reformar o pasto. Por enquanto, nós alugamos o pasto do vizinho para colocar o nosso gado lá

enquanto está arrendado. Meu menino às vezes vende umas cabecinhas quando nós precisamos de dinheiro e assim, vamos nos virando do jeito que dá. Nós vendemos para fazer o poço que temos aqui e ajeitar as coisas que precisam aqui no sítio.

Já a prefeitura, não dá muito apoio para a gente que é assentado, eles nem aqui vem mais. No começo, quando nós chegamos, eles ajudaram a gente com as casas, por exemplo, eles faziam uma casinha de quatro cômodos para o povo aqui do assentamento, né! Aí, depois fomos trabalhando e melhorando a vida e conseguimos aumentar a casa, mas no começo eles fizeram quatro cômodos para a gente. Demorou um tempo para conseguirmos aumentar, depois ainda, nós plantamos cana para a usina e só depois disso aumentamos a nossa casa.

O poço que nós temos aqui no sítio foi furado com o dinheiro do gado. O menino fez a casa dele logo quando se casou e com o tempo as coisas foram melhorando. Você sabe que no começo não tinha nada, aí a prefeitura ajudou bastante, mas depois eles não ajudaram mais em nada.

O meu lote hoje está com uma parte arrendada para o amendoim para reformar o pasto para criar o gado. Eu até comprei as madeiras para fazer a cerca depois que o rapaz fizer a reforma, primeiro, eles arrancam o amendoim, tomba a terra, depois planta o capim, mas a cerca é a gente que faz.

- Como é o dia a dia da senhora aqui no sítio?

O que eu faço? Eu passo o dia mexendo com as minhas criações, que nem você chegou agora e eu já estava indo dar comida para os porcos e as galinhas. Eu crio porco, galinha, pato e todo tipo de bicho. Meu finado gostava mais de mexer com os paus e de plantar, já eu sempre mexi com as criações.

Hoje a minha menina mais velha está morando aqui comigo, depois que o marido dela faleceu ela veio para cá. Já faz uns 7 anos que o marido dela faleceu. Ela me ajuda bastante, ela faz mais as coisas do serviço de casa e eu cuido mais do quintal e das criações.

A velhice me atrapalha em algumas coisas aqui do sítio, por exemplo, eu não consigo mais carpir como antes, se eu pegar a enxada e tentar carpir a dor no corpo vem na hora. Outra coisa que não dou conta de fazer por causa da dor é abaixar pra mexer com a horta ou quando vou dar comida pros bichos. Tirando isso, eu ainda faço bastante coisas, tenho minhas criações e sempre que a minha menina sai de casa sou eu quem faço as coisas. A única coisa ruim é essa minha vista que às vezes me atrapalha, mas de resto não sinto nada.

Eu acredito que envelhecer no assentamento foi algo bom para mim porque a gente mora aqui sossegado e sem preocupação, aqui é muito bom para viver. Eu só vou na cidade quando preciso ir à minha igreja assistir à missa. Nem os meus colegas que moram aqui no assentamento eu estou conseguindo visitar, então, acabo ficando mais em casa mesmo. Depois que a velhice chegar, nós vamos perdendo a coragem para andar. Antigamente eu andava a pé em todos esses cantos do assentamento, mas, hoje em dia não dou mais conta de fazer isso, ainda mais com esse sol quente. Pra você ter ideia, no começo não tinha estrada e nem transporte, e eu ia andando do assentamento a pé até o Planalto²⁹. Naquele tempo a gente não tinha carro e só depois que fizeram as estradas e começou a passar um ônibus para irmos até o Planalto resolver as coisas e fazer a compra. Mesmo assim, nós andamos muito tempo até o Planalto de a pé, porque demorou para sair essas estradas.

Hoje em dia eu não iria até o Planalto (*risos*), mas acho que conseguiria ir na casa de alguns vizinhos, mas os meus filhos não gostam muito por causa do sol e tem medo que eu passe mal, mas eu acho que ainda consigo. Eu agora não vou porque tô ruim dessa vista, mas sempre que eu preciso eles me levam de carro para eu não cansar muito porque esse sol judia demais da gente.

Para mim a velhice é a mesma coisa, só o corpo e a vista que as vezes falha, mas não acho ruim não. Mas, tem muita gente que acha que envelhecer é uma coisa ruim porque você acaba ficando ruim da cabeça e doente, mas graças a Deus eu tô bem de saúde e faço as minhas coisinhas no meu tempo. Eu não vou mentir que às vezes me sinto idosa, não tem jeito (*risos*), a idade aparece para todo mundo e é um sinal de que o povo está vivendo mais, né. Então tem que sentir mesmo (*risos*).

O primeiro sinal que eu senti que estava ficando velha? É [*pausa*]. Eu acho que foi a dor no corpo. Quando ficamos de idade, uma das primeiras coisas que sentimos é o corpo doendo e a coluna ficando bem ruim. A coluna dói sempre que precisamos fazer alguma coisa agachada e a gente fica com o corpo doendo. Apesar dessas dores eu ainda durmo bem e acordo cedo.

A dor no corpo aparece mais vezes quando estamos ficando velho. A minha memória é boa, mas tem vezes que dá um branco e a gente acaba esquecendo, mas isso é uma coisa normal da idade. Às vezes você coloca uma panela no fogo e esquece, isso já aconteceu comigo, teve uma vez que botei uma água para ferver o café e acabei esquecendo. Teve outra vez que deixei uma água enchendo a caixa para os patos beber e esqueci derramando lá, só depois que lembrei, mas já tinha vazado a água. Isso de

²⁹ Distância de aproximadamente 5,6 Km.

esquecer eu acho que não é uma coisa só da velhice, todo mundo acaba esquecendo alguma coisa, é normal.

Eu não tenho vontade de sair desse sítio, tenho um apego nessa casa que eu e o falecido fizemos juntos. Só saio daqui quando Deus me chamar. Não, não tenho vontade, filho. Não tenho vontade de sair para outro canto. Quando eu era mais nova eu viajava bastante e andava sempre para a casa das minhas meninas lá pros lados do Mato Grosso, ia sempre para Primavera/SP, Terra Rica/PR e Nova Alvorada/MS. Eu sempre andei, mas depois que fiquei mais de idade perdi a vontade de andar, hoje é mais difícil sair andando por aí.

Para não ficar sem fazer nada eu gosto de acordar cedo e fazer meu café, depois vou cuidar das minhas criações e fazer o serviço de casa, depois, rastelo e limpo as folhas do quintal, porque essas árvores deixam cair muitas folhas. Quando dá meio-dia eu ligo a tv e assisto a minha missa e depois vou almoçar. À tarde cuido dos bichos e vou fazendo os serviços que aparecem em casa. À noite assisto minha novela, depois janto e vou dormir. E assim vou levando minha vidinha aqui no sítio.

Eu vou falar a verdade, se eu pudesse e aguentasse iria fazer tudo nesse sítio, a única coisa que eu não gosto é de carpir e de fazer as coisas “agachada”, porque dói o meu corpo todo, mas, o restante eu gosto de fazer. Porque no sítio, você sabe né, tem que fazer todo tipo de trabalho, o duro que a gente fica de idade e não consegue fazer mais as coisas como antes, então, eu faço o que posso. Gosto muito de mexer com as minhas plantas, se você olhar elas tão meio feias, mas ontem mesmo eu molhei todas.

Eu falo para você, ainda bem que eu fui ficando de idade aqui no sítio, porque se fosse na cidade acho que já estaria mais travada, porque lá o povo não se mexe, eles se aposentam e ficam dentro de casa, principalmente os homens, porque as mulheres ainda têm de fazer o serviço de casa. Eu não vou para a cidade por causa da bagunça e graças a Deus eu no sítio estou bem, criei meus filhos e tenho os meus netos que até hoje não deram um pinga de trabalho e nem desgosto para a gente. Graças a Deus eles não seguiram para o mau caminho, nem meus netos e nem meus filhos.

Quando eu preciso ir à cidade resolver as coisas no médico, no banco ou na igreja são os meus filhos que me levam e me acompanham. Agora não sou nem eu que está indo receber a aposentadoria, eu fiz uma procuração para o meu filho ir pegar para mim e essa procuração é para ele mexer com tudo que envolve o sítio também. Ele vai e recebe, compra as coisas pra mim e para as criações, eu não vou né, a conta tá lá e ele recebe e paga as dívidas e é isso.

Algo ruim da velhice? Deixa pensar. [*pausa*] eu acho que quando a gente tenta fazer alguma coisa e não consegue fazer direito, parece que o corpo fica mais cansado e doendo, mas quando você ainda faz as coisas leves não sente tanto essas dores, eu não sei como é com os outros, mas eu não sinto. Para você ver, hoje eu fiz bastante coisas, limpei esse quintal e dei comida lá para os bichos e não estou sentindo nada. Já cuidei das minhas criações cedo e agora ia de novo, então, eu não senti nada.

Um conselho que dou para as pessoas sobre a vida no sítio é que estar aqui é muito bom. E que as pessoas têm que seguir um bom caminho e não se envolver com coisas erradas, tem que cuidar da família e fazer o bem sem olhar a quem. Que nem hoje, a minha menina levou dois frangos para uma mulher lá em Teodoro, essa mulher arrumou os dentes dela e, minha filha comentou comigo que a mulher falou que estava com vontade de comer um frango caipira e como uma forma de agradecimento eu mandei levar um hoje para ela. Fiz isso porque temos que fazer o bem sem olhar a quem. Se você faz de bom coração Deus recompensa e é isso que eu falo para as minhas meninas.

Eu acho que as pessoas vendem o lote porque fica velho e sem saúde, aí não tem como cuidar, principalmente se é um viúvo ou viúva, se não tiver apoio dos filhos as coisas não vão pra frente. Teve uns que venderam quando ficaram sozinhos e acompanharam os filhos para outras glebas. Não é muito fácil cuidar dessas terras, tem que ter ajuda da família, graças a Deus tenho esse menino que cuida e resolve as coisas. Como a gente não tá plantando é mais fácil, porque só temos a responsabilidade de cuidar do gado e do pasto.

Pontos brilhantes na narrativa de D. Aroeira

Eu não tenho vontade de sair desse sítio, tenho um apego nessa casa que eu e o falecido fizemos juntos. Só saio daqui quando Deus me chamar. Não, não tenho vontade, filho. Não tenho vontade de sair para outro canto! (D. Aroeira - 77 anos. Assentamento Água Sumida - abril/2022).



Ilustração: Zilda Oliveira.

Fomos ao encontro de D. Aroeira ao entardecer durante a segunda fase da pesquisa no assentamento. Chegamos ao seu lote sob a orientação de D. Sapucaia, que é muito grata pela amizade. Ela foi nomeada por nosso contato, que disse que a entrevistada e seu marido foram pioneiros na ocupação e desbravamento das terras da Água Sumida.

Inicialmente, fomos recebidos de maneira desconfiada pela entrevistada que tinha a timidez como sua principal característica. No decorrer da conversa os pensamentos foram fluindo de maneira mais leve, onde realizamos uma entrevista para tentar desvendar dimensões do cotidiano de uma mulher que buscou na luta pela terra formas de melhorar suas condições de vida através da cidadania e reconhecimento de direitos.

Apesar de não falar muito, Aroeira é uma idosa de muita personalidade. Ela é a matriarca de uma grande família, uma mulher negra e mãe de nove filhos. Natural de Feira de Santana, a entrevistada no auge dos 77 anos destaca a capacidade de transformação dos projetos de reforma agrária nas trajetórias sem-terra.

Fizemos a entrevista no quintal da entrevistada, debaixo da sombra de pés de manga que compunham a paisagem do sítio naquele dia. Iniciamos a conversa perguntando detalhes sobre a infância e sua composição familiar, porém Aroeira não disse muita coisa, pois não guardou muitas memórias desse período. Embora tenha poucas informações da época em que viveu na Bahia, a entrevistada se recorda que foi criada pelos tios num cenário de pobreza e de muitas dificuldades. Como Aroeira não tem memórias de seus pais ou irmãos, não houve muita exploração das memórias da infância.

Aroeira sabia da existência de seus irmãos biológicos, mas devido às circunstâncias de sua vida, acabou não os conhecendo. Ela teve uma infância difícil, cresceu sem os pais e, graças aos tios, conseguiu alimentação, assistência médica e educação básica. Sua trajetória de estudos é curta, pois não teve oportunidades de estudar e logo foi tirada da escola para trabalhar e ajudar na renda da família. Ela não tem muita memória do ambiente escolar, acha que estudou 1 ano porque não aprendeu a ler e escrever. A família morou no Paraná, mas depois de um tempo, os tios que a criou voltaram para a Bahia e morreram, e os únicos vínculos familiares restantes eram o marido, filhos e netos.

Assim como os demais entrevistados, Aroeira e o marido trabalhavam como arrendatários em uma fazenda de café quando moravam no Paraná. Segundo ela, eles estavam acostumados com o funcionamento da cafeicultura, mas não se sentiam valorizados. Afligida pela precariedade do trabalho e pela falta de moradia após a

colheita, ela abandonou o estilo de vida do arrendamento e aderiu ao movimento de luta pela terra para conquistar sua estabilidade. Aroeira disse que não sabia nada sobre cana-de-açúcar na época, cultura que só conheceu quando se mudou para o estado de São Paulo. Parte de sua família trabalha atualmente em uma usina de cana-de-açúcar.

As trajetórias migratórias são um elemento importante da memória da entrevistada, e ainda criança ela se lembra dos detalhes de sua migração da Bahia para o Paraná. Esse deslocamento pelo espaço se deve à busca por trabalho e melhores condições de vida. Maringá foi a primeira cidade em que se instalaram e depois se mudaram para Terra Rica/PR para trabalhar em uma fazenda de colheita de café, e a experiência depreciativa de trabalho no arrendamento foi um dos motivos pelos quais sua família adentraram no movimento de luta pela terra.

Assim como outros entrevistados, D. Aroeira tomou conhecimento das terras devolutas por meio de ocupações de fazendas em vários lugares do Pontal do Paranapanema. A luta pela terra possibilitou a publicização do conflito e da resistência das famílias que buscavam ampliar os horizontes de vida no assentamento. Antes de acampar, ela e o marido decidiram lutar juntos pela terra, e ela não se arrepende dessa decisão até hoje.

A transição do arrendamento no Paraná para o acampamento em São Paulo marcou a memória da entrevistada, que descreveu exatamente como chegou ao interior paulista. Ao entrar no acampamento com o marido e os filhos, organizaram-se para cultivar a terra para obter alimentos para consumo próprio, enquanto procuravam trabalho na cidade. Na época, o tamanho da casa se limitava a um pequeno barraco de lona que dividia com a família, o que não era motivo para se envergonhar de sua trajetória. Aroeira conta que a partir desses enfrentamentos conseguiu melhorar suas condições de vida.

A passagem para o assentamento é retratada como uma etapa complexa, pois tiveram que recomeçar do zero, sem estruturas básicas que garantissem sua reprodução na terra. Mesmo depois de conquistarem a terra, tiveram que viver em barracas por um tempo até sair a divisão dos lotes, e esse período de adaptação foi um verdadeiro teste de sobrevivência.

A dimensão política da memória é expressa com mais força quando Aroeira relata sua jornada pelos tempos difíceis de escassez, fome e frio, acampando à beira da estrada por quase 3 anos. Esse período marca a construção de sua trajetória como sem-terra, testemunho da resistência cotidiana da luta contínua por direitos e dignidade.

Após se estabelecerem em terra, a entrevistada relatou a situação de viver em barracas ao redor de córrego sem água, energia e comida. Os desafios de morar numa

barraca se manifestam na instabilidade das mudanças do tempo associadas à percepção de temperatura e umidade do ar no acampamento. Ela relatou que toda a área foi inundada quando choveu, molhando sua barraca e pertences. Nesse sentido, as mudanças de calor e frio também são consideradas fatores que corroboram o desconforto térmico da pessoa acampada na lona.

Dada a importância da água na produção de energia, hidratação corporal, higiene pessoal, limpeza e preparo de alimentos, o acesso desse recurso se posiciona como um dilema das primeiras famílias que se estabeleceram na terra. D. Aroeira comentou que a falta de água inviabiliza a organização e o modo de vida das famílias assentadas, pois seria absolutamente impossível seguir a vida sem este recurso.

O desemprego também se destaca em suas primeiras lembranças do assentamento, pois demorou para se estabilizar, lembra ela, antes de serem registrados na usina da cana-de-açúcar, os primeiros empregos dos filhos e do marido foram na braquiária e no algodão.

Aroeira descreve as mudanças espaciais do assentamento e conta como os matagal e pastagens foram substituídos por um sistema de objetos formado por casas, roças, mangueiras de leite, igrejas e galpão comunitário. O trabalho dos assentados reorganizou a paisagem com a construção de casas, lotes e espaços comunitários na Água Sumida.

A forte ligação do marido com a dimensão da natureza foi a força motriz para transformar o espaço do local com o plantio de árvores nativas e frutíferas. Aroeira lembra que uma de suas atividades favoritas era o cultivo da terra, onde plantou todas as estruturas vegetais do lote. Ao final da entrevista, ela nos apresentou os locais do sítio e mostrou a primeira árvore que seu marido plantou na terra, um abacateiro, que é carinhosamente nutrido até hoje

O ponto mais importante da memória de sua família é o marido, que a revisita com amor e gratidão, pois através dele viabilizaram a entrada na luta pela terra e, posteriormente, no assentamento. Naquela época, eles não tinham condições materiais para comprar uma casa ou uma terra, então tinham que ir ao acampamento lutar por melhores condições de vida. Em geral, ele é lembrado como o protagonista da história da Aroeira.

A época das lavouras é lembrada com entusiasmo, e D. Aroeira descreve todas as culturas que foram cultivadas nas suas terras ao longo dos anos. Cultivam milho, mamona, abóbora para consumo próprio. Atualmente, a agricultura também é feita de

forma familiar, com a filha, o filho e a nora cultivando hortaliças na horta, mandioca, abóbora e milho em seu lote.

Os benefícios da pecuária leiteira também se refletiram na memória de trabalho da entrevistada. Ela descreveu as conquistas por meio dessa atividade, que já foi um importante mecanismo para a reprodução social e econômica das famílias nos assentamentos. Por meio de suas conquistas, consegue acumular recursos e investir em melhorias em locais, residências e cotidiano. Atualmente, Aroeira e seu filho criam algumas cabeças de gado e alugam as pastagens para o amendoim para aumentar sua renda.

Analisando o seu próprio processo de envelhecimento, D. Aroeira descreve o seu cotidiano como ativo e diz que vive uma vida independente e acorda cedo para realizar tarefas do sítio. Ela cuida de galinhas, porcos, patos e vacas todos os dias. Depois que o marido faleceu, ela assumiu as funções de lidar com o cuidado das plantas e árvores espalhadas no quintal.

Aroeira avalia sua trajetória no assentamento e desvenda os principais desafios do envelhecimento no meio rural. Para ela, a velhice só é ruim quando precisa realizar trabalhos mais pesados que afetem a resistência do seu corpo. Dor e fadiga podem ocorrer ao fazer algumas atividades na terra, capina, plantio ou limpeza do terreno. Para ela, o aumento das dores no corpo, a perda da força física e a diminuição da resistência ao trabalho na terra são consideradas marcas da velhice.

Com o passar dos anos, Aroeira se aposentou, desacelerou e passou a ter um estilo de vida mais tranquilo devido à proximidade com a terra e a família. As atividades anteriores continuam sendo feitas com mais cuidado, respeitando as especificidades do seu corpo envelhecido. Sendo assim, o trabalho na terra acontece ocasionalmente com a ajuda dos filhos, que são mais cuidadosos e zelosos com ela. No entanto, Aroeira lamenta não poder fazer tanto trabalho no lote, mesmo assim não fica parada e faz o que pode.

A partir de sua perspectiva, Aroeira argumenta que, apesar de todos os obstáculos nos lotes, viver e resistir na terra contribui para uma experiência mais positiva do envelhecimento. Para ela, morar no assentamento é uma conquista pessoal e familiar, sinônimo de liberdade e paz.

No final da entrevista as emoções vêm à tona ao evocar a companhia do marido nessa luta permanente, no qual sempre será lembrado com carinho e afeto. Sua voz se projeta com imponência quando diz que sair deste lugar nunca esteve em seus planos, pois nele estabeleceu sua identidade através dos espaços, objetos e pessoas com quem

interage ao longo de sua jornada. Aroeira reivindica sua permanência neste local e brada que só sairá desta terra quando envelhecer e morrer.

Diante do exposto, a entrevistada desconstrói o estereótipo do idoso frágil, rompendo com o estado de inatividade e dependência. A experiência de lutas pela terra e estabelecimento no assentamento confirma a ideia de que os idosos não param de viver depois dos 60 anos, continuam trabalhando e contribuindo com a sociedade, e usam suas memórias para impactar espaços e pessoas.

No geral, sua história mostra que a cooperação intergeracional é uma forma viável de eliminar preconceitos e reduzir desigualdades, tornando essas pessoas visíveis nos âmbitos político, social e econômico, com o objetivo de fornecer uma narrativa positiva que capacite os idosos a serem independentes e integrados à sociedade.

- Boa tarde Dona Mandacaru! Hoje estou aqui no assentamento ouvindo histórias de vida dos pioneiros. Gostaria de conhecer um pouquinho de sua história, o lugar onde nasceu e como chegou no assentamento, tudo bem? Estou estudando a história do assentamento e o processo de envelhecimento dos idosos aqui da Água Sumida.

Oi, meu filho, eu me chamo mandacaru e tenho 80 anos. Estou aqui faz tempo, nem lembro mais, mas é bastante.

- Ela está com 80 anos. Fez 80 na sexta feira, você tinha que ver o festão que fizemos para ela, veio os filhos e os netos todos comemorar esse dia com ela.

- Ah! Que legal. Meus parabéns. Hoje é o meu aniversário, estou ficando mais velho, também (*risos*).

Obrigada! Que Deus te abençoe, meu filho.

- Obrigado a senhora. Dona Mandacaru, agora gostaria de ouvi-la sobre sua infância até a chegada no assentamento?

- Vó, o moço quer saber como a senhora chegou aqui no sítio e como foi a sua infância?

Ah sim. Antes de sair os lotes aqui eu passei um tempo morando lá no Planalto e só depois me mudei para cá. Sei que demorou uma base de dois anos para a gente se mudar, mas com os lotes saindo nós conseguimos entrar aqui. Se não me engano já faz mais de 30 anos que tô nessa terra.

- A senhora é natural do Planalto mesmo?

Eu? Não. Eu sou nordestina e nasci no Nordeste, em Alagoas. Nasci em Mundaú, Santana do Mundaú, porque mudaram o nome depois. Morei pouco tempo em Alagoas, saí de lá pequena e não lembro de muita coisa.

- Com quantos anos a senhora saiu de Alagoas?

Oi? Não entendi. Não escutei direito.

- Vó, o moço quer saber com quantos anos a senhora saiu de Alagoas?

Quando eu saí de lá era bem pequena ainda e vim acabar de me criar aqui no estado de São Paulo. A minha mãe morreu e os meus irmãos foram nos buscar e trouxe a gente para esses lados de São Paulo.

- Quantos irmãos a senhora tem?

Irmãos? Vixe! Eu não sei, não (*risos*), são muitos espalhados neste mundo. Eu tenho irmãos tanto por parte de mãe, como por parte de pai. Mas, meus irmãos morreram tudinho, só tem eu e um outro que mora ali em Epitácio, só nós dois vivos.

³⁰ Entrevista feita com o auxílio da neta, tendo em vista que a recordadora tem problemas com a audição. A neta foi identificada como Camomila, devido a sua calma e paciência com o processo de entrevista.

- Como a senhora ficou sabendo das terras aqui do assentamento?

Foi através do meu marido. Naqueles tempos o meu marido ainda era vivo, ele que veio acampar na beira da estrada e depois na beira do rio para podermos pegar o sítio. Eles fizeram a invasão de umas fazendas e depois que saíram as terras foi quando nós viemos para cá. Veio eu, o marido e os filhos.

- Como era o sítio no começo, mudou muita coisa depois que a senhora veio para cá?

Sim, era bem diferente de hoje, naquele tempo não tinha água e nem força, era só mato. Também, não tínhamos casa ainda e ficamos nos virando com um barraquinho até ter condições para construir um lugarzinho para a gente morar. A água nós tínhamos que buscar no rio lá para baixada e só depois que conseguimos puxar de um poço lá em cima, onde ficava aquela caixa branca, e a água só chegava em casa por causa desse poço. Depois, com a graça de Deus, as coisas foram indo para frente e o meu menino mandou furar um poço aqui no sítio e hoje a gente não precisa pegar mais a água daquele lá de cima. A força foi a mesma coisa, não tinha energia e nem luz para fazer as coisas, tivemos que ficar no escuro a base de lamparina e só depois que conseguimos. Eu passei um ano pagando para puxar a energia aqui pro nosso lote.

- Entendi. E as estradas? Já tinha?

Oi? Que foi?

- Estrada? Ele quer saber se aqui já tinha estrada quando a senhora entrou?

Vixe Maria! Tinha não. Eles só fizeram estradas depois que a gente pegou os sítios e demorou bastante pra eles abrirem uma estrada pra gente andar aqui e pra ir à cidade. Primeiro, eles abriram estradas lá pra baixo e só depois fizeram essas aqui perto da gente.

- Quanto tempo demorou para a senhora construir a casa?

Oi? Que casa? Não entendi, filha.

- O rapaz quer saber quanto tempo demorou para a senhora fazer a casa aqui no sítio? Como que foi quando a senhora chegou?

A casa aqui foi construída pelo governo. Foi o governo que financiou ela pra nós. Acho que a primeira foi eu, meu marido e os filhos que fizemos, mas a segunda a gente usou dinheiro do governo para reformar. Na época nós trabalhávamos de boia fria. A nossa vida era mexer com roça, já trabalhamos plantando de tudo, café, algodão e cana. Era um tempo sofrido demais, nós passamos muita precisão e já chegamos a passar

muita coisa até pegar essa terra, só Deus sabe.³¹ [*voz trêmula e embargada de choro*].
Foi muito sofrimento, meu filho!

- E a senhora chegou a estudar?

O quê? Estudar? De jeito nenhum. Meus irmãos eram muito ruins comigo e não me deixavam ir à escola. Eu fiquei sem pai, fiquei sem mãe quando morava no Nordeste, meus irmãos me trouxeram para cá, pra São Paulo. Eu vivia largada pelos outros, era um dia na casa de um, depois me mandavam para a casa de outro e assim ia, vivia jogada pelo mundo.

- A senhora chegou a produzir alguma coisa no sítio?

Hoje em dia, não. Mas, teve época que nós produzimos bastante aqui no sítio, plantamos algodão, milho, mandioca e depois que saiu um mantimento bom nós plantamos capim para o gado, que é o que a gente mexe agora. O bom do sítio é isso, aqui dá para criar e plantar para comer. A única vez que morei na cidade foi no Planalto, mas não sinto saudade, aqui no sítio é melhor para nós viver.

- Por que a senhora gosta de morar aqui?

Eu gosto de morar no sítio porque aqui é sossegado, não tem zuada, não tem nada, aqui é bom demais. Não tem barulho e nem bagunça, é tudo calmo. Tranquilo demais. Eu agradeço todo dia a Deus por meu marido ter participado daquela movimentação na época. Eu ficava em casa e ele ficava embaixo daqueles barracos de lona, ele ficava lá debaixo de sol e chuva sofrendo, só Deus sabe. O coitado nem pode aproveitar o sítio, pois com pouco tempo que nos mudamos pra cá ele morreu, já faz uns 20 anos ou mais que ele morreu. Se não tiver 20 anos já deve tá beirando.

- Quanto tempo ele ficou acampado no barraco de lona?

Oi?

- A senhora lembra quanto tempo o avô ficou no barraco de lona?

Lembro não. Acho que não demorou muito não, porque lembro que na época quem cuidava e fazia o movimento era o Mauro Bragato e o finado Gelson que ganhou para prefeito aqui no Planalto, mas logo que ele ganhou tiraram ele. Pensa num tempo difícil, eu ficava no Planalto e ele no barraco e depois que conseguimos entrar aqui tivemos que montar outro barraco lá perto da represa e só depois fazer uma casinha.

Eu sempre lembro do meu marido quando penso na primeira vez que pisei meus pés nessa terra, foi uma conquista muito abençoada. Primeiro, nós saímos do Planalto e viemos para cá morar no barraco perto da represa e só depois mudamos para essa casa

³¹ Dona Mandacaru se emociona ao falar da vida difícil que levava durante os tempos de trabalho na roça. Fizemos uma pequena pausa até a recordadora sentir-se confortável em continuar a entrevista.

feita por eles, mas agora desse pedaço pra lá foi o meu filho que fez³². Essa reforma foi toda feita por eles. Sei lá. Tenho mais lembrança não. [*choro e lágrimas*].³³

- Se você quiser perguntar dos filhos e dos netos, acho que ela vai gostar de falar. ³⁴
- Tudo bem. Os filhos moram aqui no assentamento?
- Ele quer saber quantos filhos a senhora tem e como fez para criar?

Criei todos os meus filhos com muita luta, foi como Deus quis. Sofrendo e passando fome, nós sofremos para criar esses filhos. Eu tive 11, são 9 filhos homens e 2 filhas mulheres. Bastante né (*risos*).

- Pois é! (*risos*). E os netos são bastante, também?

Não lembro direito, acho que deve ser uns 15. É isso, minha filha?

- Isso. Ela tem no total uns 15 netos.

Acho que são 15 ou 16. Uma filha tem 4, outra tem 2, tem mais uma que também tem 4 e o que mora em Epiácio tem 1. Eu também tenho 3 bisnetos.

- Quantos moram aqui no assentamento?

Aqui? Meus filhos todos moram aqui comigo, eles moram tudinho comigo.

- Aqui moram mais ou menos quantas pessoas?
- Eles estão em 5 aqui no sítio, tem uma que também já tem a casa dela que também foi conquistada pelo movimento. Tenho um outro tio aqui na Água Sumida, outro que mora em Planalto, outro em Epiácio e o restante fica aqui com ela.

Também tem outro que trabalha ali no Posto 10 também mora no assentamento. Tem um que é casado e morava no Planalto e hoje mora aqui comigo. O bom é que aqui cabe a família toda. Tem um povo que sai do assentamento, mas eu nunca pensei em sair daqui para ir morar na cidade, eu só saio daqui quando morrer.

- E os filhos e os netos? Também gostam de morar aqui?
- Gostam. Eu mesma, sempre fico ansiosa pelo fim de semana quando tenho que vir pra cá. Aqui é uma delícia e é muito diferente da vida na cidade. O mundo que a gente vive hoje na cidade é completamente diferente, se cada um conhecesse um pouquinho como é bom viver no interior, seria outro mundo.
- Atualmente vocês produzem alguma coisa no lote ou mexem só com o gado?

³² Dona Mandacaru descreve e indica o lugar que fez a primeira casa no lote e depois a parte que aumentou os cômodos.

³³ Neste momento, a recordadora se emociona ao lembrar do marido e do início do assentamento. Fizemos outra pausa até deixá-la à vontade para continuar a entrevista.

³⁴ A neta intervém e relata que a avó sempre se emociona ao lembrar do marido, já falecido.

Não, hoje em dia a gente não está plantando mais nada, só produzimos para o gado mesmo. A gente tem uma plantação pequena, mas é pra nós mesmo, é o caso da mandioca e do feijão de corda que a gente planta só pra família.

- O que motiva a senhora e sua família a permanecer no assentamento até hoje?

Eu ainda estou aqui porque sou muito feliz junto a minha família, eu não tenho vontade de vender o sítio, eu criei meus filhos todos aqui.

- E para você? Por quais motivos algumas famílias acabam saindo da terra e vendendo o sítio?

Então, eu não era daqui e eu sou bem da cidade grande e parte da minha família mora a 800 km. Quando eu casei eu vim embora, só que aqui as pessoas saem pela falta de oportunidades de emprego, aqui é bem difícil, ou você procura expandir para a cidade grande ou você aceita aqui que você tem. Eu acho que a questão do emprego e da renda acaba desanimando as pessoas, porque você acaba trabalhando muito e ganhando pouco, é muito desvalorizado. Quem vem da cidade grande tem dificuldades em se acostumar e sente bastante, mas no caso dela, isso aqui é a vida dela. O sítio é tudo na vida dela, ela tem muito amor por esse lugar. Dificilmente ela vai para a cidade, ela gosta de viver aqui.

- Dona Mandacaru, agora vou fazer umas perguntas sobre o envelhecimento. Como é envelhecer aqui no assentamento?

Eu acho que aqui é muito melhor para envelhecer. Aqui no sítio eu tenho tudo que preciso. Aqui eu faço o que quero, faço tudo, cuido da casa, dos bichos e ainda lavo roupa.

- Isso é verdade. Ela ainda faz bastante coisas e é muito independente. Ela faz tudo, se precisar ela rastela o quintal inteiro, além dos serviços da casa. Ela é bem independente.

- Como é o seu dia a dia aqui no lote? Que atividades costuma realizar? O que a senhora costuma fazer durante o dia?

Eu gosto de acordar cedo para resolver minhas coisas. Eu lavo e passo roupas, limpo o terreiro, mas, agora não tô podendo limpar mais e tenho que esperar pelos outros porque tenho alergia a poeira. Por conta disso tenho que esperar Deus mandar chuva porque não posso mexer com terra devido a essa poeira do tempo seco. As outras coisas eu faço tudo, faço comida, eu lavo, eu limpo, eu remendo e costuro, tudo que você pensar, eu ainda faço meu filho.

- Tem muita gente que mora na cidade e tem a sua idade e não faz metade do que a senhora faz, qual o segredo para ter uma velhice independente?

Eu me sinto feliz por conseguir fazer as minhas coisas sem dar trabalho para ninguém. Graças a Deus, mesmo idosa, eu ainda faço minhas coisas e não dou trabalho para os meus filhos. As coisas são difíceis, mas dá pra ir vivendo. O que eu mais gosto de fazer no sítio é lavar roupas e de fazer comida para a família.

- Para a gente ela ainda não é uma pessoa idosa, ela continua ativa do mesmo jeito, até parece que ela não envelheceu. Ela continua do mesmo jeitinho, não consegue ficar parada.

- Quais foram os primeiros sintomas ou sinais que a senhora percebeu que estava envelhecendo?

Eu acho que me senti mais idosa quando comecei a ficar ruim das vistas e da cabeça.

- Isso, hoje em dia ela ouve muito pouco. Faz um tempinho que ela não escuta direito e perdeu a audição.

Eu fiquei assim com a cabeça desse jeito por causa do tanto de remédio forte que o médico passou para mim. Eu tenho essa certeza para mim, que foi por causa dele, eu não posso nem lembrar do nome desse médico que já me dá raiva. Ele estava me dando remédio para a depressão, mas eu sabia que o meu problema não era depressão, ele que estava com essa história que eu estava depressiva. A pessoa com depressão fica muito diferente. Ele meteu remédio forte em mim e depois que passei por outros médicos eles tiraram esses remédios de mim porque era forte demais. Tinha vezes que eu tomava e ia para beira da cama e me acabava dia por dia, parecia que eu estava morrendo, ficava ruim das pernas e da cabeça, não aguentava ficar em pé de tanta tontura.

É muito triste, trabalhei igual uma condenada, sofri demais nessa vida, eu fui criada sem mãe e sem pai e acabei nas mãos dos meus irmãos carrascos, eles eram uns condenados, que Deus me perdoe, pois eles já morreram. Eles eram tão carrascos comigo que me botavam pra fazer tudo, eu fazia o que podia e o que não podia, senão eles judiavam de mim. Eu já sofri muito minha filha, eles eram muito ruins comigo, o irmão que eu morava, que Deus me perdoe, juro por essa luz de Deus que não estou mentindo, ele amarrava a corda na minha cintura, uma corda no filho dele mais velho e colocavam a gente pra puxar carga de rolete de madeira pesado e grande, nós puxávamos e se esticávamos todo, porque senão apanhava. Eu era menor ainda e era obrigada a passar por tudo isso, devia ter uns 16 anos [*choro*].³⁵

³⁵ Mais um momento de afloramento da emoção em que Mandacaru recorda-se de todo sofrimento passado quando vivia com os irmãos mais velhos. Também fiquei emocionado com esse fragmento triste da história da recordadora.

- Ela sempre se emociona e fica triste quando lembra desses irmãos, eles foram muito ruins com ela, fizeram ela sofrer bastante.
- Dona Mandacaru tem alguma coisa que a senhora não consegue fazer por causa da idade?

A idade me atrapalha para trabalhar nas coisas do sítio, eu sinto muita canseira quando vou mexer com as coisas, eu quero trabalhar ainda, mas parece que o meu corpo não deixa. Eles falam que eu já trabalhei bastante e que agora é o momento de descansar (*risos*). Eu não consigo parar quieta, quando vejo já tô pegando a enxada e saio carpindo, limpo o terreiro, corto uma coisa aqui e outra ali, mexo com as plantas, depois os bichos e assim vou indo até o dia que aguentar. Eu não paro de jeito nenhum, fico o dia inteiro mexendo com as coisas, se eu parar já me dá uma agonia.

- Ela é desse jeito mesmo, não para em nenhum momento do dia, toda vez que a procuramos, ela está fazendo alguma coisa. Ela é a primeira a levantar, geralmente acorda entre 5 e 5h30 da manhã e sai fazendo tudo. Sempre falamos pra ela que ela tem que ir devagarzinho, ir diminuindo o ritmo, mas ela não escuta (*risos*) e não consegue ficar parada ou descansando, ela tá sempre ocupada com alguma coisa. Se você ficasse uma semana inteira aqui com a gente ia ver que ela não para.

- Quando a senhora precisa ir na cidade alguém a acompanha?

Quando preciso ir ao médico, banco ou fazer mercado são os meus filhos que levam. Eles que fazem tudo hoje em dia, e, também são responsáveis pelo sítio e pelo gado. Não gosto muito de ir à cidade, dá muito trabalho e lá tem muita bagunça e zueira. Se eu morasse por lá não ia conseguir fazer metade das coisas que faço aqui no sítio, tudo lá é mais difícil e complicado e não ia dar certo eu morar na cidade com a idade que eu tô. Aqui é bem melhor junto da família.

- Gostaria que a senhora me falasse de uma coisa boa e uma coisa ruim da velhice.

Eu já senti muita coisa boa e muita coisa ruim. A coisa boa é estar com o corpo bom e a cabeça sã, mas a parte ruim é quando meu filho morreu, caiu uma árvore em cima dele e o matou. [*choro*].³⁶

- Se fosse dar um conselho sobre a vida no assentamento, o que diria?

Eu falaria para você que aqui a vida é muito tranquila e sossegada, bom demais. Diria também que devem trabalhar para ter as coisas, não fazer coisas erradas e um ajudar o outro, andar todo mundo direito e saber respeitar.

- Muito obrigado pela conversa. A sua história é muito bonita e gostei muito de ouvi-la. Por nada, meu filho. Deus te abençoe sempre.

³⁶ A recordadora se emociona ao falar do filho falecido.

Pontos brilhantes na narrativa de D. Mandacaru

Eu gosto de morar no sítio porque aqui é sossegado, não tem zuada, não tem nada, aqui é bom demais. Não tem barulho e nem bagunça, é tudo calmo. Tranquilo demais. Eu agradeço todo dia a Deus por meu marido ter participado daquela movimentação na época. Eu ficava em casa e ele ficava embaixo daqueles barracos de lona, ele ficava lá debaixo de sol e chuva sofrendo, só Deus sabe. O coitado nem pode aproveitar o sítio, pois com pouco tempo que nos mudamos para cá ele morreu, já faz uns 20 anos ou mais que ele morreu. Se não tiver 20 anos já deve tá beirando. (Mandacaru - 80 anos. Assentamento Água Sumida - abril/2022).



Ilustração: Zilda Oliveira.

A história de Mandacaru está enraizada na situação de uma migrante que se aventura em uma jornada complexa para lutar pela segurança na terra, direitos e cidadania. O confronto e a resistência a acompanharam desde cedo, colocando-se em uma complexa trama de tensões caracterizada por disparidades socioeconômicas, pobreza e perda familiar. Constatamos que todos esses problemas afetaram sua reconstrução de memória, causando esquecimento e deixando o silêncio em seu caminho.

A chegada a sua casa acontece por meio de instruções de nossos contatos, que a definiram como uma mulher forte e resiliente que reinventou sua história através da vida na terra. Nosso encontro aconteceu no início de uma tarde quente de domingo, quando a entrevistada estava junto com sua família após o almoço. Fomos recebidos imediatamente e o processo de reconstrução começou com o apoio de uma das netas, pois Mandacaru não ouve direito devido a problemas auditivos. Segundo a neta, o problema foi resultado de um tratamento mal-sucedido, que deixou seu corpo com sequelas.

Mandacaru é uma mulher branca de 80 anos de raízes nordestinas. Essa forte alagoana guarda a memória da luta pela terra que fez do Pontal do Paranapanema uma das áreas mais conflituosas do país desde a década de 1980, e desde então vive em um assentamento rural onde encontrou paz e dignidade.

A entrevistada vivenciou vários acontecimentos durante sua infância que afetaram diretamente sua existência e mudaram a trajetória de sua vida devido às circunstâncias do destino. Mandacaru ainda era jovem e a morte de sua mãe a atingiu com força e gerou incertezas sobre seu futuro, pois acabara de perder sua maior referência e afeto familiar. Para não ficar sozinha neste mundo, seus irmãos voltaram a Alagoas para buscá-la para morar com eles em São Paulo. No geral, a morte da mãe e a migração com os irmãos marcam as memórias de infância da entrevistada.

De início, Mandacaru conta que conheceu as terras do assentamento por meio do marido, que também queria renunciar à vida de aluguel em busca de melhores condições de vida. Ele foi o primeiro familiar a ir para o acampamento, onde pôde redescobrir a importância das organizações coletivas e movimentos sociais na luta e conquista da terra. Armados com a força de sua família, eles montaram barracas de lona à beira da estrada e acamparam lá por vários anos até serem assentados na Água Sumida.

No assentamento, eles repetem o mesmo ritual, levantando a lona, acampando à beira do córrego até que possam construir a tão esperada casa para morar e, finalmente, encontrar sentido na vida nas terras do assentamento. O marido é a primeira figura

familiar mencionada por Mandacaru, pois encontra nele uma vida mais tranquila e segurança emocional e ao mesmo tempo fica com o coração partido pela perda da mãe na infância. Com o marido, a felicidade ressurgiu em uma vida baseada na resistência, no amor e no companheirismo.

Sua época como cortadora de cana foi uma das mais comoventes de sua memória, ao descrever o dia a dia de trabalho nas lavouras de café, algodão e principalmente cana-de-açúcar, todas as condições de trabalho eram interpretadas como ruins, o que deixava sequelas em seu corpo. Naquele tempo, eles experimentaram muitas dificuldades econômicas na forma de pobreza e fome. Sua voz estremece ao falar dessas circunstâncias, sua memória é interrompida por lágrimas ao lembrar dos algozes que a atormentaram no passado.

As memórias mostram que o início do assentamento foi um momento difícil, um pouco diferente do que encontramos agora. Mandacaru completa de forma coesa as outras narrativas do mesmo período, pois apresenta o desafio de se adaptar a um novo modo de vida que é escasso em termos de infraestrutura. Quando a entrevistada entrou no lote, ela disse que não havia água, eletricidade, estradas e a paisagem estava coberta por um grande matagal. Não tinha estrutura de casa, então construíram outro barraco e se estabeleceram na terra.

A lembrança do trabalho árduo ficou mais clara em sua fala, onde destacou as idas e vindas da busca de água no rio. Alguns anos depois, conseguiram perfurar um poço artesiano para manter a casa funcionando. Depois de viver na terra por um ano, eles acessaram a eletricidade, um processo árduo alcançado por meio de lutas e pressão dos assentados. Ela disse que tudo era feito no escuro sob a luz de uma única lamparina antes que a luz chegasse a sua casa. A memória da entrevistada mostra como essas mudanças afetam o espaço e a vida familiar, descrevendo o processo em detalhes.

A estrada para a cidade também é considerada um dos principais obstáculos para o início da vida nos assentamentos, que Mandacaru disse terem sido construídos sob enorme pressão de famílias que se sentiam isoladas de tudo ao seu redor. Devido à falta de meios físicos para permitir o acesso ao espaço, as pessoas não podiam sair para trabalhar. Em outras memórias, conta-se que os assentados tiveram que caminhar vários quilômetros para chegar aos distritos do Planalto ou Teodoro Sampaio, pois ainda não havia estradas para pessoas e veículos chegarem aos assentamentos.

Nossa entrevistada não tinha memória da escola e lembrou que seus irmãos a proibiam de estudar e se concentrar apenas nas atividades de trabalho da família. Este período foi o mais difícil de sua história. Ao evocar os irmãos, ela exterioriza todo o

remorso e mágoa ao longo dos anos. Eles foram muito rigorosos com sua educação, privando-a de sua liberdade e direito de aprender e brincar como uma criança livre. Nos poucos minutos da entrevista, ela falou comovente sobre como suportou toda a exploração e abuso por parte de seus irmãos, que a trancaram em uma prisão particular. Em sua memória, o luto e a dor, e até mesmo a morte, estavam associadas à compreensão dos irmãos como os carrascos de sua vida. Apesar de todo o desconforto, esse momento é significativo para seu relato, pois a entrevistada viaja no tempo para refletir sobre o papel da família, assim como dos irmãos e como foi criada e tratada.

Quando ela mencionou seu marido, suas emoções inundaram novamente, e toda vez que ela lembrava da primeira vez que pisou nesta terra, ela pensava nele. Eles lutaram por esse sonho. É uma conquista familiar que vem com a entrada no lote. No entanto, a perda do filho em um acidente no assentamento também foi um momento emocionante, pois revelou todo o amor e a dor que uma mãe enlutada expressa na perda prematura de uma pessoa muito importante em sua vida.

Em meio à dor e à luta, sua família permanece unida na terra e firme no assentamento por causa da segurança da terra. Todos os 5 filhos moram com ela na Água Sumida e não vão abandonar a mãe em vão. Nora, genro, neto e bisneto completam a vida dessa família extensa. Ela comentou que eles não deixaram o assentamento para conhecer a vida, mas para encontrar paz e segurança no interior rural de uma pequena cidade.

A neta disse que eles se reuniam para almoçar nos fins de semana para celebrar a vida da matriarca da família, Mandacaru. Suas memórias indicam que as condições de liberdade se expandem com a reprodução na terra. Atualmente, os filhos são responsáveis pelas atividades de produção do lote, e D. Mandacaru revelou que tem tanto orgulho deles que optaram por ficar no assentamento ao lado dela. Segundo ela, a família cultiva mandioca e feijão verde para consumo próprio.

Olhando para trás em seu próprio envelhecimento, Mandacaru disse que viver e envelhecer no assentamento foi a melhor escolha que ela fez em sua vida. Lá, ela encontrou condições favoráveis de se manter saudável, ativa e independente. No sítio ela encontra tudo o que precisa para viver, tem sua casa, animais, plantas e uma horta que cuida todos os dias.

Em outras memórias, o trabalho é parte importante para explicar a experiência de envelhecimento das pessoas idosas na reforma agrária, ela não se sente velha porque consegue fazer todas as atividades que se propõe, lavagem de roupas, limpeza de

quintal, costurar, cozinhar e cuidar plantas e animais. Em seu ponto de vista, somente quando não puder mais trabalhar e estiver acamada, ela se sentirá uma velha.

Nesse sentido, a neta disse que, apesar da idade, sentia que a avó não estava envelhecendo, pois desde que nasceu via a avó fazendo as mesmas coisas de antes. Para sua neta, Mandacaru não tem costume de ficar parada ou até mesmo descansada. Ela cozinha, limpa, cuida de todos, mantém a família unida e isso é o mais importante.

Diante disso, nossa entrevistada disse que percebeu que estava envelhecendo porque sentia que estava perdendo a visão e tendo cada vez mais dores de cabeça, refletindo sobre seu estado emocional. Os marcadores de velhice identificados na entrevista foram a perda de parte da visão e da audição, comprometendo sua capacidade de ver e ouvir. Segundo ela, o uso do medicamento prescrito pelo médico pode explicar esses problemas em seu organismo. Falando no profissional, ela desabafa toda amargura e raiva dele, pois acredita que essas medicações prejudicaram seu estado físico e mental, e mesmo sua perda auditiva.

Para a entrevistada, a idade não atrapalhou sua vida em nada, pois ela ainda exerce algumas atividades no sítio, e o cansaço e a resistência eram as únicas limitações do envelhecimento dentro do assentamento. Os familiares aconselham a ficar mais tranquila e descansada por conta das especificidades de sua idade, porém Mandacaru conta aos risos que não consegue se manter parada e que se sente mais viva quando está trabalhando.

Descrevendo sua rotina, ela disse que costuma ser a primeira a se levantar, acordando por volta das 5h30 ela passa um café, depois segue em direção ao quintal para alimentar as galinhas. No restante do dia ela cuida das plantas, limpa a casa, faz o almoço, costura, e no final da tarde prepara o jantar para a família. Falando sobre sua rotina, a entrevistada comenta que, quando ficou muito tempo parada, tinha um mau pressentimento de que seu corpo ia adoecer e é por isso que continua trabalhando diariamente, porém num ritmo mais adequado ao seu corpo.

A vida no sítio é celebrada como uma vitória na trajetória de Mandacaru, pois ela encontra a tão esperada paz com sua família e, com isso, consegue se reconectar com o rural por meio do trabalho na terra. A experiência neste espaço é algo que ela sempre idealizou, e ela lembra que quando conheceu o marido, juntos traçaram um destino em um lugar onde os animais pudessem viver da agricultura e cuidar dos animais.

Mandacaru avaliou sua trajetória e disse que suas chances de vida melhoraram com a reforma agrária. Apesar de suas muitas provações e tribulações, ela se orgulha de estar envolvida na luta pela terra, pois com esse processo conquistou um lote e realizou

o sonho de sua família. Sua única queixa é que seu marido, o primeiro a deixar a família em casa e ir ao acampamento para lutar por eles, cuja vida foi interrompida pelo acaso do destino, não pode desfrutar desse sonho com ela.

Olá, bom dia! Me chamo Café e estou com 84 anos, completei agora no dia 27 de março. Eu moro há mais de 30 anos nesse sítio, mas eu não sou daqui, nasci na cidade de Rio Branco em Minas Gerais. Sou casado com a minha esposa, ela tem 73 anos e a neta que criamos e mora com a gente tem 27 anos. Desse lugar chamado Rio Branco eu não lembro muita coisa, porque só nasci lá, não cheguei a ser criado nessa cidade. Eu sei que nasci em Rio Branco porque o meu pai sempre falava, mas me formei mesmo pelos vários lugares em que passei.

Eu não lembro muita coisa de Rio Branco, sei que tirei o meu RG com 16 anos. RG não, foi minha certidão de nascimento, tirei só depois de crescido e saber por quê? Por que quando eu completei 16 anos saiu uma chamada para o exército e eu tinha muita vontade em ir. Pra eu poder me alistar o meu pai foi e deu entrada no meu registro de nascimento, só que naquele tempo não existia cartório para fazer o registro, lembro que meu pai teve que ir no farmacêutico e conversar com ele pra fazer o meu registro. Então, meu pai conversou com ele e disse que eu tinha vontade de fazer para ir para o exército, nisso o farmacêutico mandou pai fazer um registro para mim só que com a idade de 18 anos para que eu conseguisse ser aceito. Eu tinha muita vontade em ir e as coisas pareciam que iam dar tudo certo, eu tinha a altura que era 1 metro e 74, tinha o peso que era de 60 kg. Deu tudo certo o que eu precisava, mas na hora de assinar o documento não deu certo, porque eu não sabia ler e escrever, nem assinar o meu nome. Fiquei muito chateado por não conseguir ir, infelizmente não deu certo porque eles estavam completando a chamada final.

O tempo que passei na cidade eu estudei pouco tempo, mas não consegui aprender e isso não é culpa do meu pai, mas, sim porque eu era um cabra muito enjoado, se o cabra olhasse para mim com a cara ruim pra mim eu já queria brigar com ele, isso eu ainda devia ter uns 9 anos na época. Eu ia até a escola, mas, não conseguia aprender, meu pai falava, já que é desse jeito que você não aprende, você tem que ficar burro e vai ter que trabalhar. Meu pai me tirou da escola e me criou junto com ele.

No tempo que morei com meu pai só conheci 3 irmãos, inclusive teve um que morreu aqui, já tem outros irmãos que eu não tive a oportunidade de conhecer. Naquele tempo eu e meu pai trabalhávamos mexendo com o estábulo e naquele tempo a gente trabalhava muito, ganhava pouco, mas as coisas eram baratas. Você não conhece porque é novo ainda, mas eu lembro da época que a gente recebia em mil réis, e o mil réis era parecido com a cor da sua bermuda só que amarelo. Então, naquele tempo você pegava mil réis e ia no mercado e conseguia fazer uma compra boa que durava o mês

todo. Também peguei uma época em que a gente recebia o tal do vintém, acho que você também não lembra, só vai lembrar do cruzeiro para cá. Teve os mil réis, depois veio o cruzeiro, veio o vintém, pra depois chegar nesse real.

Quando eu trabalhei no Paraná eu cheguei a ganhar tanto em cruzeiro quanto em mil réis, naquele tempo, eu tocava café por mesada e ganhava um mil réis por cada pé, disso eu ainda lembro, mas com o vintém eu não cheguei a comprar nada. No tempo dos mil réis você pegava a moedinha do tostão, que era uma moedinha bem pequena do tamanho dos 10 centavos de hoje, você ia no mercado com essa moedinha e conseguia comprar um pacote de bala com esse tostão, mas hoje você não compraria uma bala com esse tostão. Naquele tempo você ganhava pouco mas conseguia se virar bem para comprar as coisas pra casa, já hoje em dia o povo ganha mais, mas não consegue comprar nada e ainda mais numa crise dessas era pra gente ter um salário melhorzinho. Hoje em dia o povo ganha um salário de 1200 e só consegue fazer a compra do mês, pagar uma luz e uma água e não sobra mais nada.

Quando eu morava com meu pai em Minas Gerais foi que aprendi a tocar café, só que em outra parte de Minas, acho que era num município chamado Guiricema. Eu e meu pai sempre trabalhamos na roça, eu mesmo, já toquei café, plantei cana, plantei arroz e isso até os anos 60. Em 59 eu morava numa cidade chamada São Sebastião da Vargem Alegre/MG e foi o mesmo ano em que meu pai morreu, e eu e minha mãe tivemos que ficar com 3 irmãs pequenas e mais esse irmão que morreu aqui no sítio. Como eu era grudado junto do meu pai, eu assumi a responsabilidade de cuidar da minha mãe e das minhas irmãs. Para tentar melhorar nossa vida eu me mudei para o Paraná pra tentar ganhar melhor, naquela época o povo ia pra lá pra ganhar dinheiro, teve um caminhoneiro que foi pra lá e voltou com 250 mil réis no mês. Eu lembro que lá nós ganhamos 20 mil réis por semana. Esse caminhoneiro entrava em contato com o fazendeiro e depois levava as famílias para trabalhar com a garantia de transportar a mudança e aí você ficava colhendo café ou fazendo qualquer coisa, mas se você fosse embora teria que pagar a mudança. Eles faziam um acordo, se caso colhesse o café, não precisava pagar o café. Como o café era bom para colher e eu ganhei bem, então não precisei pagar pela mudança.

Depois que saí de lá fui andando por outros cantos pra tentar melhorar de vida e só consegui essa melhora quando cheguei aqui no assentamento. Eu e a minha mulher vivemos aqui desde o começo e continuamos nessa terra mesmo com a nossa idade. Nós vivemos da aposentadoria e passamos um apuro danado pra nos mantermos aqui,

com esse salário a gente não consegue fazer nada, ainda temos essa neta que é deficiente, então tudo se torna mais difícil.

Eu sou aposentado, a mulher é aposentada e essa menina tem o salário, mas quem pega o benefício dela é a minha filha, que é mãe dela, porque eu não posso pegar. Nós fizemos o benefício dela com as minhas notas, porque quando a mãe dela conversou com os advogados eles disseram que se eu tivesse as notas de produtor do tempo em que ela era independente, ele conseguiria puxar um benefício pra ela. Ele também falou que não tinha como fazer no meu nome porque já tinha dois aposentados no sítio e na hora de fazer os documentos não iria dar certo. Depois que passei as notas de produtor conseguimos fazer, mas quem pega o benefício dela é a mãe que sempre compra as coisas de comer e as roupas que ela usa, já os remédios é a prefeitura que dá, mas quando falta eu sempre compro fiado na farmácia que tenho nome. O dinheiro que sai só dá pra fazer o básico e não sobra, comida graças a Deus nunca faltou.

Hoje, eu estou com problemas de saúde, há um tempo eu tive um derrame nas vistas e lembro que eu sentia uma dor forte na cabeça e as vistas falhando. Quando eu andava na rua e precisava atravessar, parecia que eu via dois carros, mas era um só, eu via dessa forma por causa desse problema nas vistas. Eu deixava aquele carro passar e ficava esperando outro, mas não eram dois carros e sim um só, as vistas que faziam eu ver tudo errado. Com isso, meus meninos me levaram ao médico em Prudente e viram que era começo de um derrame nas vistas, e hoje em dia eu tomo remédio direto para a dor de cabeça.

Mesmo com esses problemas eu não posso desanimar, porque graças a Deus ainda tô de pé e sou eu sozinho que dá conta de tudo nesse sítio. Eu e a mulher sempre nos demos conta de tudo e ninguém ajudou em nada, teve uma época que plantei uma colheita boa de café só que uns homens me passaram pra trás, eu tinha 26 sacas de café de qualidade boa, mas me roubaram. Era um tipo de café floresta que uma encarregada do IPÊ³⁷ trouxe pra gente. Quando eles me trouxeram até comentei que achava que plantar café debaixo de árvore não dava certo não, o meu pai plantou tanto café nessa vida e nunca fez desse jeito, nisso, eles me levaram em uma escola em Teodoro e mostrou uma plantação no Colégio Agrícola e eu me surpreendi porque era um café cercado por árvores que deu certo. Mas, sempre tinha que podar o topo das árvores para o café ir pra frente.

Depois que conheci esse jeito de produzir café eu comecei a fazer igual aqui no sítio, plantei aqui em cima e lá pra baixo, que é onde tem um pouquinho ainda, porque o

³⁷ IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas de Teodoro Sampaio/SP.

daqui de cima acabou. Eu colhi 26 sacas desse café e veio um pessoal querendo comprar, já chegaram oferecendo 510 pela saca, já jogaram esse preço porque já sabia que não iam me pagar. Eles pegaram 7 sacas limpas e ofereceram 3500 e pediram pra pagar parcelado, na hora eu aceitei, pois, o importante era receber esse valor. Se me pagassem já estaria bom. Mas cadê? Não recebi um centavo desse dinheiro até hoje. Eles falaram que iria colocar esse dinheiro na Caixa por conta desse serviço e vencia as parcelas que eles combinaram, mas, nunca caía. Virava o mês e ia no banco atrás dessa parcela, mas nada e até que venceu as quatro parcelas e nada do dinheiro entrar.

Quando percebi que estavam me enrolando, eu perdi a paciência e fui ao escritório deles para resolver isso, eu posso ser velho, mas não sou besta. Eu estou com 84 anos, mas sei mais ou menos como as coisas de banco funcionam, na Caixa se você leva um dinheiro para depositar no seu nome ou de outra pessoa, quando você aperta o botão sai um extrato daquilo que você depositou e se você depositar um dinheiro na conta de uma pessoa, você vai tirar o extrato daquilo que você pagou.

Agora nesse caso não, me enganaram e eu não consegui pegar o dinheiro dessas sacas de café até hoje. Quando cheguei nesse escritório eu os cobre sobre o dinheiro e eles me disseram que tinham depositado, eu ainda mostrei os extratos que não tinha caído dinheiro nenhum na minha conta. Ainda falei que o dinheiro estava nas mãos deles ou tinha ficado nas mãos do gerente. Eles me enrolaram e falaram que o dinheiro não ia sair no extrato e sim num comprovante que não sei o que é até hoje. Aí voltei ao banco com a minha menina e falaram que descontaram esse dinheiro de uma conta que tinha feito no banco, nem sei que conta é essa, e até hoje não recebi um tostão. Foi dureza me virar com essa situação.

Eu e a mulher chegamos em 87 aqui no assentamento, na época nós morávamos em Terra Rica lá no Paraná. Nós ficamos sabendo dessas terras pelo Zé Rainha que junto do pessoal daqui da região fizeram um barraco lá no trevo em Euclides para tentar conseguir a terra. E quando ficamos sabendo, eu vim junto com meu sogro, que é o pai da minha esposa, para fazer um barraquinho e por aqui ficamos, só depois fomos buscar o restante da família. Eu lembro que nós ficamos esperando um tempão, esperamos bastante mesmo. Também, tinha uma mulher que apoiava o Zé Rainha que quando viu a gente falou que podíamos fazer o barraco e ficar na terra.

Nessa época meu sogro também tocava café com mais dois filhos casados lá no Paraná, ele tinha três filhos, mas eram dois que tocavam café junto com meu sogro, minha mulher e eu. Nós trabalhávamos até sexta feira, depois pegava a bicicleta e vinha andando pro rumo do trevo para assistir às reuniões e assim era a nossa vida. O duro é

que não era sempre que eu podia estar aqui, por isso, eu dava o meu barraco para o meu primo tomar conta quando eu precisava estar no Paraná. Eu sempre falava com ele: - *“Você toma conta do meu barraco, e quando tiver reunião, se tiver jeito, eu agradeço se você dá um toque pra mim. Bem! Se não tiver, eu vou ter que dar um jeito e sair de novo”*. Eu não podia ficar direto lá porque tocava o café no Paraná. Eu tinha que estar lá porque o meu café era sem financiamento e por isso, tinha que tá trabalhando com minha mulher e os meus meninos para depois dar um jeito de colher.

Nisso, esse meu primo ficou tomando conta do meu barraco e nada dessa terra sair. Eu vinha pra cá e toda vez ouvia a mesma coisa, que era pra gente aguardar e esperar. Foi aí que Deus me ajudou. Lembro que falei pro meu primo: - *“Bastião, na segunda feira você pode arrancar esse barraco e se quiser pode levar as madeiras para você, pode levar. Se você não quiser, pode colocar elas aí dentro do seu barraco e deixar aí. Porque você não pode estar aqui direto, e eu também não posso. Eu acho que essa terra não vai sair, não”*. Sei que mandaram a gente invadir uma terra tombada e não deu em nada, por isso comentei com meu primo, que era melhor deixar quieto aquilo ali e desmanchar o barraco. Quando foi na segunda-feira, Deus me ajudou e saiu o sorteio. Aí, meu sogro soube da notícia e me avisou, isso no tempo do Zé do Sindicato, ele me falou para gente se organizar, porque era quinta-feira e sexta-feira seria o último dia. Ele falou: - *“Você vai amanhã cedo para Teodoro para fazer um crachá pra poder ir a São Paulo ver o negócio da terra”*. Aí, eu vim e pousei dentro do barraco e no outro dia o carro passou e me pegou e assim conquistei essa terra.

Eu lembro que peguei os papéis da terra com o Oreste Quércia ou com o Franco Montoro, eu não lembro direito, mas sei que foi um dos dois, a gente foi até São Paulo e pegamos os documentos da terra das mãos do governador. Até hoje eu tenho esses papéis e o título da terra, só não tenho a escritura. Eu fui em Brasília em 2007 e me falaram que não existe escritura para o assentamento, só o título como comprovante caso a gente precise fazer algum financiamento, mas se quiser vender um dia, não tem a escritura. Aqui tem muita gente envolvida com rolo de escritura para depois vender a terra, mas rapaz, eu mesmo sei que isso está errado, porque fui lá em Brasília em 2007 e falei com os deputados Paulo Paim e Eduardo Suplicy sobre isso e ele mesmo disse que não existia escritura para os assentamentos. Pensa num tempo bom, a gente andava por esse Brasil e viajava nos congressos, eu lembro que nessa época tinha uma turma do Pernambuco nesse congresso que fomos, também tinha um povo de São Paulo e do Paraná, nós ficamos todos numas barracas até o final do congresso. Aí, essa turma do Pernambuco perguntou para o Eduardo e pro Paulo sobre o título e eles disseram que a

gente só tinha o direito de uso da terra, não a escritura. Eles fizeram uma reunião entre eles e depois apareceram para falar com a gente e perguntou: - *“Vocês querem saber da escritura ou do título?”*. Aí, a turma falou: - *“Não é tudo a mesma coisa? Uma coisa só”*. Nisso, eles responderam que não, que o título era um documento que a gente ia usar para pegar financiamento pelo banco, agora a escritura vocês nunca vão pegar, porque a escritura seria para vocês serem donos do lote. Mas, a escritura vocês nunca vão pegar. Eu lembro que ele ainda comentou que os primeiros assentamentos pegaram quase 8 mil reais na época do Fernando Henrique Cardoso para comprar vaca, novilha e fazer barraco e desse montante, as pessoas tinham que pagar 50%, pagaria no final 13 mil e pouco e ninguém conseguiu pagar tudo. Alguns pagaram uma parte, outros pagaram só 10%, então, não tem escritura por isso, porque a terra não é de graça e não existe terra de 10 mil reais hoje. Nisso, ele perguntou para um senhor: - *“Quantos alqueires tem o seu lote?”*. E o cara respondeu: - *“Tenho 10 alqueires”*. Agora, se você tem 10 alqueires. Agora, pensa bem! Se você pagar 3500 reais do empréstimo que fizeram. Agora, se você tem 10 alqueires e a terra custa 10 mil reais, daria 100 mil reais. Me diz como é que você vai pagar essa terra para pegar a escritura? Vocês não pagam. Então, é por isso que vocês não têm a escritura”.

A reforma agrária é isso, é tipo um órgão criado pelo presidente para dar terra para o povo trabalhar, agora se o povo não aguenta e não conseguem trabalhar, ele deixa a terra para outro. Não pode vender! Tem que deixar a terra para outra pessoa. Eu mesmo não tenho interesse em vender isso aqui, porque a minha vontade é ficar nessa terra até o dia que Deus me chamar.

Os meus filhos não sei se vão tocar pra frente, tem uns que tão lá para os lados de Campinas ganhando bem, as filhas mulheres estão todas casadas já, tanto a caçula como a mãe dessa menina têm o lote e moram aqui no assentamento. Eu ficaria feliz se algum dos meus três filhos homens se interessasse em ficar no lote, porque aí damos um jeito de passar a terra para o nome deles. Agora, se nenhum deles quiser vir para cá, aí já sabe que vai ficar para o Estado, né.

Vender nunca foi uma opção para mim. Eu não vou vender a minha morada de jeito nenhum, pois só Deus sabe o que pelejamos para conseguir essa terra. Foi um sofrimento para conseguir essa terra, se não fosse a mulher e os meus filhos mais velhos jamais teria conseguido entrar e ficar nesse lote, eles ajudaram bastante. Quando eu precisava ir lá para o trevo eles ajudavam minha mulher a cuidar das coisas. Se precisasse de carpir, plantar café ou trabalhar em diária eles faziam, eu não vendo por isso, porque eles me ajudaram a ter esse lote. Agora, imagina se eu vou pensar em

vender, nunca. Teve gente aqui que vendeu o lote por 3 cruzeiros e tão pagando aluguel na cidade, porque perderam tudo. Três cruzeiros hoje não compra nem um pacote de arroz, porque Cruzeiro nem existe mais (*risos*).

Teve um homem que vendeu o lote dele por 170 mil reais e foi embora pra Teodoro Sampaio, dizem que o coitado se arrependeu e vive chorando direto. Falam que ele vive acuado e triste, que não tem nem um pé de árvore no quintal para ele se esconder do sol. Parece que ele é mais velho do que eu e que só vive chorando e doente de saudade da vida que tinha no assentamento. Na cidade é outro jeito de viver, pouco espaço, muito barulho, parece uma prisão. Deus me livre!

Hoje mesmo eu falei com a mulher sobre essa mesma situação. Nós temos uma filha que tem um lote aqui no assentamento e tá com essas ideias de vender o sítio e se mudar para a cidade. É capaz de quando você sair daqui para ir embora passar na frente do lote dela. O marido dela ligou pra gente falando que ela queria vender o lote e eu sou uma pessoa que pensa muitas coisas certas, é difícil eu pensar e as coisas não darem certo. Meu genro comentou comigo que ela quer vender o lote para comprar uma casa mais próxima de um filho que é casado e pastor lá em Maringá/PR. Então, o que acontece, até falei pra ele que se ela vende esse lote e compra uma casa lá em Maringá eles vão sofrer com a roubalheira e a violência que têm nessas cidades maiores, todo dia vemos na TV o que acontece em lugares assim.

É dureza se eles largarem a segurança e a tranquilidade aqui do sítio para irem atrás dessa vida em cidade, eu sou da opinião de que não vale a pena fazer isso. Ela pega esse lote e vende para comprar a casa, mas no dia que chegar um bandido e roubar tudo que ela tem aí ela vai chorar e se arrepender de ter saído do lote. Tem que tirar esses pensamentos da cabeça.

Eu falei para eles que não apoio isso. É melhor eles sossegar o faixo e ficar dentro do lote, porque aqui eles não pagam aluguel nem nada, só a água e a luz, como é só ela e o marido eu acho melhor eles fiquem por aqui mesmo. Além desse menino, ela tem mais duas meninas, uma mora lá em Epitácio e a outra trabalha como professora em Prudente.

Teodoro é um lugar bonzinho para morar e eu falo para ela que o assentamento é muito tranquilo, aqui você não vê bandido nem gente fazendo coisas erradas. É raro chegar um bandido aqui para roubar a gente, não que não aconteça, mas na cidade é muito mais violência do que no sítio.

Para você ver como é essa situação é difícil, desde os antigos que entraram junto comigo até os mais novos, muita gente que morou aqui já passou o lote pra frente,

acredito que dos quase 125 lotes do assentamento, mais de 40 já foram vendidos. Desde que entramos aqui escutamos a conversa de que quem pega o lote não pode vender nem comprar em outro assentamento. Você pode comprar as terras, mas não em assentamento.

Sabe o que mais acontece aqui hoje? É gente vendendo e comprando lote. Apesar de ser proibido está acontecendo muito e até hoje ninguém perdeu. Na minha opinião, as pessoas vendem o lote porque não têm coragem para trabalhar e porque não gostam de viver na terra. Os que não gostam de trabalhar são acostumados a passar a mão no que é dos outros e eu percebi que de um tempo para cá aumentou o número de ladrões neste mundo, tanto na cidade como no sítio (*risos*). Um dia desses pegaram um caminhão de boi roubado aqui perto do assentamento. Teve um tempo que a coisa aqui estava feia, você não podia deixar uma novilha na beira da estrada que no outro dia você não via mais ela, porque passava a mão e roubava, mas agora deu uma paradinha. O roubo agora é a coisa mais comum, tem em todo lugar assim como a violência, hoje em dia você vê gente matando gente na rua.

Por conta disso que eu não gosto da cidade, só vou lá em momento de precisão, quando têm que resolver algum problema aqui do sítio, fazer a compra ou passar nos médicos. Algumas vezes uma das minhas filhas me acompanha porque a mulher não pode ir, então eu só apareço lá para resolver as minhas necessidades. Graças a Deus nunca morei em cidade, o único momento que fiquei na cidade foi na época que morei no Rio Branco em Minas Gerais até os 12 anos e dali nós mudamos para outro lugar onde eu completei meus 18 anos e fiz meu registro. Depois fui para outra cidade chamada São Sebastião na divisa com Miraf e Muriaé, também em Minas Gerais. Morei nesses lugares até os 21 anos e depois vim para cá.

Eu me casei em Planaltina e já andei meio mundo por aí, conheço bastante lugares no Brasil. Fui pra Rondon, depois fui para perto de Maringá e depois fui pros lados das terras gaúchas. Quando vim de Minas morei em Monte Castelo e lá até que não era tão ruim e trabalhava tocando café. Quando morei em Querência a gente andava numa distância como se fosse daqui até na porteira e encontrava uns 8 a 10 jagunços pelo caminho. O pai de um amigo nosso que gostava muito de caçar foi encontrado morto na beira da estrada e todo mundo desconfiava desses jagunços. Eles eram muito perigosos. O meu sogro contava que quando ia entrar no picadão no meio da mata para cortar árvores ele via esses sujeitos, que a cada 100 metros que ele andava ele encontrava um jagunço na espreita vigiando a fazenda. Naquele tempo era bem comum encontrar os jagunços, mas hoje não.

Quando eu entrei nessa terra pela primeira vez era tudo diferente, era um matagal. Só tinha mato! Eu vim do Paraná pra cá em 1987 e nós entramos numa sede que tinha lá embaixo e as terras dessa fazenda pertenciam a família Sodré. Então, primeiro nós entramos na sede da fazenda e depois pegamos dois alqueires para tocar uma roça e lá nós plantamos milho, mamona, feijão e só depois entramos aqui no lote.

Nós entramos aqui nos tempos do prefeito Miltinho e eu garanto que ele foi o melhor prefeito que existiu na história de Teodoro. Acho que ele ficou de 1991 até 1999 se não me engano. Ele foi o melhor porque sabia como lidar com o povo assentado, quando ele entrou na prefeitura, mandou comprar material para construir as casas do pessoal aqui do assentamento. A nossa casa era bem diferente de agora, eu aumentei com o passar do tempo, fiz mais cômodos e, também, não tinha essa área. Não tinha nada do que você está vendo hoje, no começo tinha um barraco que eu dividia com meu irmão e a minha família. Aí, o Miltinho veio ver a nossa situação e mandou entregar material para fazer as casas dos assentados, na época nós fizemos uma casa de 3 cômodos e depois com esse negócio de aposentado fazer empréstimo, eu peguei um dinheiro e investi na casa, ajeitei o que estava quebrado e deixamos ela mais bonita.

No começo eles mandaram o “gradão”, que era tipo de um tratorzão, descer para gradear a terra pra gente poder trabalhar nela. Eu lembro até dos matos e das árvores que tinham aqui, era a leiteira e a grama do mato grosso, elas estavam espalhadas por todos os cantos, um matagal enorme. Eles iam cortando o mato, tirando as árvores, depois gradeava a terra e entregavam para o povo tocar dois alqueires de roça. Meus dois alqueires ficavam numa baixada e lá eu plantei mamona e milho. Lá eu colhi uns 9 carros de milho, uns 6 quilos de mamona e, também, colhi feijão.

Quando o Miltinho era o prefeito de Teodoro foi quando nós viemos para aqui. A maioria dessas casas aqui do assentamento já foram aumentadas, mas quase todas elas foram o prefeito que ajudou a fazer. O material veio do Cardoso, mas quem mandou fazer foi o Miltinho e por conta disso eu acho que ele foi o melhor prefeito que Teodoro já teve, nem outros que passaram depois trabalharam que nem ele. Mas, é aquele ditado que o povo sempre fala: - “*Tudo que é bom dura pouco*!” (risos) O coitado era tão bom, mas morreu muito cedo.

Energia e água? (risos) Isso nem existia para a gente na época. Quando nós entramos não existia nem energia e nem água. A energia veio no tempo que o prefeito Gelson ganhou. Estrada era outra coisa que não tinha e se precisasse fazer uma compra lá no Planalto teria que ir de a pé e passando no meio dos córregos. Quando esse prefeito

entrou, ele fez estrada e trouxe energia para cá e hoje graças a Deus a vida foi melhorando e vivemos com um pouco mais de conforto.

No começo foi dureza para a gente se virar sem água, luz e estradas. Quando entramos aqui não tinha luz e nem energia, então a gente se virava com querosene. Tinha que comprar um lampião que vinha com um bujãozinho pequeno para de gás ligar com o querosene. Hoje em dia não vejo mais esse tipo de bujão, acho que nem vende mais, porque o povo na cidade e no sítio tem energia em casa.

A água nós usamos daquela caixa que você passou perto dela e agora nós temos um poço. Com a venda do café que plantava e mais umas mudas de eucalipto eu mandei fazer um poço que ficou em 7200 reais. Graças a Deus eu sou uma pessoa que todo mundo confia. Quando acabou de abrir o poço, tínhamos que abrir os canos e comprar a bomba, porque não podia deixar o poço aberto sem colocar os canos. Podia deixar ele sem colocar a bomba, mas não podia deixar sem os canos se não ele desbarrancava. Aí, eu falei: - *“E agora? O que eu vou fazer para comprar esse cano”*. Aí, eu vendi umas novilhas e paguei o poço que foi 1800 reais.

Antes de eu dar entrada nesse poço tinha uma pessoa em Teodoro que eu fazia empréstimo, ele pegava o papel no Bradesco e deixava lá. E todo mês o banco me chamava para fazer o pagamento. Dessa vez eu conversei com o gerente e perguntei se tinha direito a algum empréstimo. Aí ele falou para mim: - *“O senhor tem direito a 9000 reais. E outra coisa, o senhor não pode fazer empréstimo acima de 9000 porque já tá com 79 anos. Então, o senhor só pode fazer no valor de 7700. A ligação voltou porque o senhor já está com 79 anos e o banco não faz o empréstimo completo”*. Eu pensei: - *“Tá bom!”*

Com esse dinheiro que peguei no banco fui ao homem que vendia cano e falei que demorei pra buscar os materiais que faltava porque estava sem dinheiro. Ele me surpreendeu dizendo: - *“Suas vacas não vão morrer de sede por causa da falta dinheiro, não. Eu vendo tudo o que você precisar. Sabe por que eu vou vender para você, por causa de 10 reais que eu confiei e você me pagou certinho e hoje vou te vender tudo o que você precisa. Você me paga quando quiser e do jeito que quiser. Não vou marcar na caderneta e nem te dar boleto, você vai me pagar do jeito que quiser”*. Fiquei muito agradecido e falei que queria a bomba mais barata. E ele me falou: - *“A bomba mais barata que tenho aqui é de 1000 a 1500 reais, mas não vou te vender ela não. Eu quero te vender uma bomba boa porque seu poço é de 90 metros, se eu te vender uma bomba pequena quando o senhor instalar ela vai queimar. Então, vou te vender uma bomba que puxa 3000 litros de água por hora e vai durar até o resto de sua vida. Também vou te*

vender 90 metros de mangueira e uns canos bons". Eu comprei umas 15 barras de cano, tão boas que tem até hoje umas ali. Depois, perguntei como iria pagar a ele. E ele disse para eu pagar do jeito que eu pudesse. Você arruma o dinheiro e vem pagando quando puder. E eu falei: - *"Tá bom!"*

Eu tenho 7 filhos no total. São 4 filhas mulheres, 3 são casadas e moram por aqui e uma delas morreu com 16 anos, também tenho 3 filhos casados que moram lá perto de Campinas. O mais velho tem 40 anos que trabalha dentro de uma firma carregando carreta e direto ele liga falando perguntando como eu e a mãe dele estamos e ela sempre fala: - *"Filho! Estamos bem. O seu pai tá com uns problemas na mão e foi desenganado do médico, mas ele tem muita fé em Deus que está sendo curado aos poucos"*. Isso aqui ficou desse jeito! Tudo inchado! E os braços e as duas mãos estavam nessa situação³⁸. Quando passei no médico em Teodoro ele perguntou como eu aguentava ficar com as mãos tão inchadas e com dor. Eu comentei com ela que doía direto, de dia doía os dois braços e a noite doía o corpo todo que eu não consigo dormir. E os médicos me desenganaram e falaram que eu morreria disso, porque artrose não tem cura. Um deles falou que tinha muita dó de mim, mas que infelizmente eu morreria daquilo.

Mesmo desenganado eu não falei para o doutor, mas pensei no meu coração: - *"Para ele não tem. Eu sei que para ele não tem cura, mas, pra Deus tem! Quando eu cheguei em casa, fui direto pro meu canto, eu não durmo com a minha esposa, ela posa junto com a neta porque ela é muito agressiva. A noite eu sempre venho ajudar pra cuidar dela e durmo na minha cama separada, se eu ficar muito perto ela me agride devido aos problemas dela. Até hoje tenho cicatriz de quando ela me agrediu e bateu no meu braço, por isso que eu durmo separado. Assim que cheguei em casa entrei no meu quarto, ajoelhei e pedi a Deus que ele me curasse, pois fui desenganado do médico, mas tinha a certeza de que não seria desenganado por ele. Orei e depois de 6 dias retornei a Teodoro e passei no mesmo médico e o doutor olhou para mim e falou: - *"Que foi que o senhor melhorou tão depressa assim? Aí, respondi para ele que quem tem fé em Deus e tinha fé no milagre. Só pensei na vontade de falar para ele que: - *"Você não cura, mas Deus cura!"* Mas, ele poderia interpretar mal e falar: - *"Se Deus curou, o que você veio fazer aqui então?"* (risos) Seria engraçado (risos). Resolvi evitar, se não iria falar bobagens pra ele (risos). Eu pensei no meu coração que se pra ele não tinha cura, mas que pra Deus e pra mim sim.**

Era uma situação muito ruim que chegava ao ponto de ir no caixa do banco e não conseguir apertar os botões da senha por causa do inchaço e das dores nas mãos e nos

³⁸ Neste momento, o recordador mostra o braço e as mãos inchadas em decorrência da artrose.

braços. Era horrível, não conseguia fazer nada por causa desse problema no braço, tudo me impedia, desde fazer algo em casa ou mexer no café.

Depois que me curei virei outra pessoa e faço tudo que você imaginar nesse lote. Trabalho com roça, faço cerca quando precisa fazer, eu carpo o café que tem ali, planto napiê para as vacas, corro nas invernadas para saber onde as vacas estão. Você está com sorte porque é raro alguém me achar em casa (*risos*). Toda vez que acabo de almoçar eu me sento no banco e vou fazer meia hora ali e daqui a pouco eu não estou mais lá, saio andando por esse pasto para saber onde as minhas vacas tão, depois vou ver o meu café, cuido de um bicho, conserto uma cerca e assim vai. Não consigo ficar muito tempo parado.

Eu gosto muito de andar pelo sítio e pelo pasto, ver as minhas vacas e os meus pés de café. Tem um monte de árvore tudo grande que fui eu que plantei por causa do café, não é árvore nativa daqui igual as leiteiras que são nativas daqui eu não posso cortar de jeito nenhum. Essas que plantei tenho que conservá-las e não posso sair cortando todas. As árvores que tenho aqui no sítio me ajudam muito, porque a gente que é pobre não tem dinheiro para tá pagando 300 contos numa dúzia de lascas, então é mais econômico. Meus filhos não podem me ajudar tanto, porque estão todos distantes, as três filhas que estão aqui ajudam a limpar a casa para a mãe ou fazem qualquer serviço que a gente precise. Disso eu não posso reclamar, eles fazem o que podem pela gente.

Eu comecei a trabalhar desde os 8 anos de idade e hoje tô com 84, já faz um tempão, quer dizer que tô com mais de 70 anos trabalhando nessa vida. Tem vezes que alguém fala: - *“Não sei como o senhor aguenta. Já era pra tá parado e descansando”*. Mas, penso que mesmo com a idade que tô hoje eu ainda aguento trabalhar. Para te falar a verdade nada me atrapalha em relação a idade, se me mandar carpir o mato que tá aqui no sítio, pegando a distância daqui de casa até a porteira eu carpo tudo e só saio de lá depois que meu espinhaço cansar. E olha que não sinto dor no corpo. Tem gente muito mais nova que eu que não faz o que eu faço.

Há uns tempos passei nesse médico que comentei com você porque começou a doer na nuca, atrás do pescoço. Uma dor insuportável. Aí ele falou assim comigo: - *“Isso aí é coluna”*! Fiquei pensando se era isso mesmo, mas ele acabou confirmando que sim e me mandou passar no médico da coluna. Quando cheguei lá, me sentei numa cadeira e o médico me perguntou o que o outro doutor tinha dito: - *“Doutor, o médico me mandou pra cá por causa do problema na coluna”*. Aí, esse médico olhou e falou pra mim assim: - *“Você sente dor aqui?”* E eu respondi que não, pois acordo todo dia cedo, às 3h da

manhã e tiro leite de 13 vacas para entregar para o caminhão que recolhe o laticínio. Depois quando dá 5 horas pego as minhas coisas e vou arrancar braquiária e nunca senti dor. Eu tiro o leite sentado no calcanhar e não uso bota, a minha bota é o calcanhar. Eu me sento em cima dele, peio³⁹ a vaca e tiro leite de 13 vacas e nunca senti dor. Aí, ele falou que o meu problema não era a coluna, porque se fosse ela, teria que tá doendo bem no centro das costas e ataca as pernas que a gente não consegue nem se sentar. Não era a coluna porque não sentia dor naquele lugar que o doutor apontou. Minha coluna é boa, trabalhei anos colhendo algodão e tirando leite de vaca e nunca senti essas dores e graças a Deus acabou.

A diferença que senti quando estava ficando mais velho é no corpo. Quando eu entrei na terra eu me aposentei na base de uns 50 e poucos anos e nessa época facilmente eu pegava um palanque e carregava ele para fazer cerca. O difícil era eu pegar e levantar ele, mas depois que apoiava ele certinho, levantava ele no ombro e levava para qualquer lugar. Hoje não! Hoje eu não consigo fazer mais isso. Eu até carrego uma estaca se me pedirem, mas é de teimosia minha, porque sei que meu corpo não é a mesma coisa que antes. Se não tem alguém pra ajudar aqui no sítio, eu sou obrigado a fazer. Hoje em dia até uma estaca tá difícil pra pegar por causa da idade, né.

Eu comecei a trabalhar com 8 anos e já pegava uma enxada para ajudar o meu pai nos pés de mato. Para quem tem 84 quer dizer que tem 76 anos mexendo com trabalho. Eu vim para o Paraná em 60, na cidade de Querência e só lutando com serviços pesados, colhendo café, carregando caminhão de adubo, carregando caminhão de café, colocando e tirando café da secadora.

Trabalhei em serviço pesado que chega num ponto onde o corpo não aguenta mais e dá uma diferença por conta da idade. Agora para carpir a diferença foi pouca, não mudou muita coisa, porque gosto de pegar uma enxada para carpir. É a minha diversão quando pego numa enxada bem amolada e encabada, lembro que colhi bastante braquiária no começo do assentamento.

Nós fizemos muitas amizades aqui, conhecemos um senhor de Promissão que morava aqui na região e um dia ele apareceu aqui uma vez atrás de mim para colher café para ele. Fui com meu genro e colhemos esse café juntos, trabalhamos o dia todo para levantar 9 sacas de café e do bom ainda. Todos os dias eu levantava 9 sacas de café que o homem ficou admirado e veio me perguntar: - *“Lá onde o senhor mora tem outra pessoa que colhe café que nem você”*. Aí, eu falei para ele: - *“Tem que ver, deve ter alguma pessoa que também faz esse serviço, porque o café vai da prática da pessoa”*.

³⁹ Forma de ordenhar a vaca no retiro do leite.

Eu perguntei o porquê e foi quando ele respondeu: - *“Eu estou pegando 13 pessoas no Planalto, homem e mulher, só que eles não produzem como você, quando vou pegar o café deles são 13 sacos todos os dias. Então, quer dizer que saí 1 saco por cada pessoa e você sozinho levanta 9. Se eu arrumasse um igual a você eu dispensava os 13”*. Ele tentou encontrar outra pessoa, mas acabou não dando certo e eu continuei colhendo café pra ele.

Eu também colhi braquiária em todo canto, já colhi em Epitácio, Euclides, Teodoro e todo lugar que tinha braquiária eu trabalhei e é por isso que eu ando tão cansado, mesmo assim eu trabalho. Hoje mesmo eu tirei um monte de coisas do chiqueiro de porco, arranquei uns pés de milho, eu ainda faço as coisas, mas não é do mesmo jeito que eu trabalhava antes por conta do cansaço e desse problema de derrame que deu, então não posso fazer muita força. Eu faço coisas que muita gente aqui não faz.

Eu me casei com a minha esposa em 66 e essa mulher me ajudou muito. Ela e esses dois filhos casados que moram em São Paulo me ajudaram a pegar esse lote. Então, eu penso que quando Deus chamar eu e ela, a minha tenho vontade é de trazer um desses dois filhos para tomar conta por que foram eles que me ajudaram a conquistar tudo que nós temos hoje. Por isso que sempre falo, se ela e os meus dois filhos me ajudaram a pegar esse lote a base de muito sofrimento, eu vou pegar esse lote e vender? Não vendo por conta disso, eles sofreram junto comigo para ter essa terra e, também, sei que vou gastar o dinheiro como outros que já venderam. Nós temos conhecidos que venderam o lote e hoje estão sem nada e no arrependimento.

Você pode pegar 1 milhão, mas se toda semana você gastar vai chegar uma hora que não terá mais nada. Se eu pego isso aqui e vendo num momento em que os meus filhos são mandados embora das firmas que trabalham e acabam desempregados, se eles não tiverem uma rendinha e lugar para onde ir, eles podem vir para cá, porque espaço não falta e é um direito deles essa terra. É uma segurança para eles, então nós não vendemos por conta disso. Esse sítio é para todos eles, filhos, filhas, netos, netas e até bisnetos. É uma herança que se Deus quiser vamos deixar para eles seguirem em frente. O meu desejo é que algum deles tome conta no dia que eu e a mulher faltar aqui na terra.

Você me perguntou sobre como a idade atrapalha a gente no sítio. Eu digo para você que ela atrapalha quando não conseguimos fazer mais nada por causa do corpo ou da cabeça, aí se não tiver alguém para tomar conta no lugar o trabalho e o sítio vão ficar parados. Essa é a coisa mais ruim, você ver essas terras todas paradas, sem plantação ou alguma criação, é triste quando a pessoa até tenta trabalhar, mas a idade não deixa.

Outra coisa que tá difícil é a situação no Brasil. Onde já se viu um aposentado ganhar pouco mais de mil reais por mês, isso não dá para fazer nada, você paga as contas, faz uma comprinha básica e compra os remédios que faltam e acabou o dinheiro. Está difícil, meu filho. Imagina quem mora na cidade e paga aluguel, deve tá pior ainda.

No mês passado eu peguei 1224 reais e se você me perguntar para onde foi esse dinheiro eu não sei te dizer, porque não sobra um tostão, tá tudo caro e o pobre é o que mais sofre com isso. O meu alívio é que terça-feira vai sair o pagamento e eu espero receber uma parte do décimo terceiro para conseguir aliviar as contas. Eu acho que essa crise começou por causa da roubalheira dos políticos que não pensam na gente que precisa.

Tirando esse lado ruim que estamos passando, eu acredito que o governo poderia investir mais nos assentamentos para que o povo não venda seus lotes. Deveria ter mais financiamento para quem tem vontade de trabalhar, apesar dessa idade se eu tivesse um financiamento que me ajudasse eu estaria colhendo e vendendo o meu café. Tenho experiência com o manejo e plantei mais de 6 mil pés de café nessa terra. Quando morei no Paraná eu plantei 4500 pés de café quando morava no Paraná eu colhi 470 sacas. Até meus filhos falaram que no lote era para eu colher mais de 600 sacas de café, porque o café é assim, você tem que adubar a terra para o café insistir e poder crescer a árvore e se der certo no mês de junho ele vai brotar, que é quando ele começa soltar aqueles botões para sair a flor. É necessário ter uma qualidade de adubo que você joga como uma forma do café segurar a flor e não perder a cauda, mas isso aqui eu não tenho.

Eu nunca tive ajuda de nada e de ninguém para adubar esse café, nenhum financiamento e apoio do governo. Por isso que o café acabou e não foi para frente e esses aqui também vão acabar porque tem um monte de serviço para fazer e eu não tenho como dar conta sozinho e sem recurso. É dureza eu ter 6 mil pés de café plantados e saber que no fim eles não vão para a frente, tem muito serviço para fazer, tem que carpir, adubar, passar veneno e eu sozinho não dou conta.

Qual segredo? Ah! O segredo para eu conseguir fazer as coisas nessa idade? (risos) Meu filho! Eu penso que é ter fé em Deus e ter vontade de trabalhar, acho que isso é o que me mantém de pé até hoje. Tenho coragem para tudo, eu planto, carpo, ajeito as coisas do sítio, só não tô muito bem para fazer cerca. Se for preciso plantar café eu planto, cuidar de roça, eu sou assim, se eu tenho a vontade de fazer aquele pedaço de roça faço e tombo na enxada mesmo, porque não sou de esperar pela vontade da prefeitura ou de qualquer pessoa. Quando vi as lagartas acabando com aquele tanto de

braquiária eu meti a enxada e carpi, porque plantei feijão de corda, melancia e abóbora e não podia perder para as lagartas.

Eu sou uma pessoa que não tem tempo ruim para nada. Não tenho preguiça de trabalhar e até falo com meu genro que nunca vou vender meu lote, porque conheci minha mulher em 63 e me casei com ela 66, nunca tive e nem sei o que é preguiça. Agora eu acho que serviço não mata ninguém porque se o serviço me matasse já teria morrido. Já a preguiça, se ela for demais mata a pessoa. Graças a Deus ele é bom para mim e para todos nós. Ele é bom para quem crê nele.

Eu digo para você que não me arrependo de nada do que fiz para chegar até aqui e que ter pegado essa terra foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Aqui eu vivi com a minha família e criei os meus filhos todos. Sempre levamos uma vida tranquila, sossegada e sem muita preocupação como na cidade. A parte mais legal foram as muitas amizades que fiz com os companheiros e graças a Deus estou vivo e trabalhando até hoje.

Pontos brilhantes na narrativa de Sr. Café

Vender nunca foi uma opção para mim. Eu não vou vender a minha morada de jeito nenhum, pois só Deus sabe o que pelejamos para conseguir essa terra. Foi um sofrimento para conseguir essa terra, se não fosse a mulher e os meus filhos mais velhos jamais teria conseguido entrar e ficar nesse lote, eles ajudaram bastante. Quando eu precisava ir lá para o trevo eles ajudavam minha mulher a cuidar das coisas. Se precisasse de carpir, plantar café ou trabalhar em diária eles faziam, eu não vendo por isso, porque eles me ajudaram a ter esse lote. Agora, imagina se eu vou pensar em vender, nunca. Teve gente aqui que vendeu o lote por 3 cruzeiros e tão pagando aluguel na cidade, porque perderam tudo. Três cruzeiros hoje não compram nem um pacote de arroz, porque Cruzeiro nem existe mais (risos) (Sr. Café - 84 anos - Assentamento Água Sumida/abril de 2022).



Ilustração: Zilda Oliveira.

O Sr. Café é uma das figuras emblemáticas da Água Sumida, falante e extrovertido, reconhecido por todos os demais idosos como um dos pioneiros da luta pela terra na região. Ele conseguiu trazer sua família para o assentamento através de suas batalhas com o latifúndio. À medida que sua memória se desdobra em nossa mais longa entrevista de campo, ele vai desvendando toda a sua trajetória de vida, passando pela infância, escola e juventude, detalhando sua dinâmica no trabalho e ressignificando os desafios da vida adulta, em que formou a sua família, lutou pela terra, conquistou lote, se reproduzindo no assentamento, e envelheceu no meio rural.

Nosso entrevistado, natural de Rio Branco, no interior de Minas Gerais, tem pouca lembrança de onde nasceu, apenas acontecimentos relacionados à imagem de seu pai. Durante o processo de reconstrução, o pai foi um dos principais suportes da volta do Café ao passado.

Sua primeira lembrança é de quando foi retirado da escola porque não conseguia se ajustar à dinâmica de aprendizagem em ambientes fechados como as salas de aula. Devido a essas dificuldades e alguns conflitos com seus colegas de classe, seu pai decidiu tirá-lo da escola para ajudá-lo a trabalhar nos estábulos. Por essa razão, o Sr. Café não aprendeu a ler nem escrever, tendo sua trajetória escolar interrompida através de sua inserção no mundo do trabalho, ainda criança. Isso foi determinante para o seu baixo grau de escolaridade.

Uma segunda lembrança relacionada ao pai veio quando o entrevistado contou como os sonhos de ingressar no exército foram frustrados pela idade e pela escolaridade, que era um dos requisitos na época. Café conta com orgulho como se tornou homem quando conseguiu tirar seus documentos pessoais aos 16 anos. Na época, com a ajuda do pai e de um farmacêutico, registrou-o por dois anos a mais do que de fato tinha e obteve uma carteira de identidade de 18 anos de idade. Significou muito para Café, pois seria seu passaporte para ingressar no exército, mas ele se frustrou ao ver seus sonhos desmoronando quando lhe pediram para assinar a carteira de reservista da instituição. Por não saber ler nem escrever, finalmente foi descartado da seleção e decepcionado pela primeira vez em sua vida. Ele se lamenta porque tinha todos os requisitos para servir nas forças armadas, exceto a exigência de comprovar seu diploma de estudos.

Ao entrar em detalhes sobre sua infância e adolescência, o entrevistado aprofunda nas formas de trabalho desempenhadas por sua família na época. Neste sentido, Café disse que seu pai tinha muitos filhos, mas só conhecia seus três irmãos, e os outros não teve a chance de se relacionar. Ele lembra que quando ele e o pai cuidavam dos cavalos no estábulo, recebiam cerca de 1.000 réis por mês. Entusiasmado com essas

lembranças, ele detalhou a cor das notas da época e comparou com a minha bermuda, dizendo que elas tinham o mesmo tom de amarelo. Segundo ele, essa quantia era suficiente para manter a alimentação e sustentar a família. Ao final dessas memórias, ele lembra que, antes do plano real, acompanhou várias mudanças relacionadas à moeda do país e disse ter pegado em suas mãos os réis, o vintém e o cruzeiro.

O conhecimento prático sobre a produção na cafeicultura está no auge de sua memória de trabalho. O Sr. Café revela como essa atividade atravessou o seu destino para tornar uma das principais estratégias econômicas do lote. Ao reconstruir sua trajetória de trabalho, seu pai é o principal suporte de memória. Em Minas Gerais, ele conta como aprendeu a tocar roça de café junto ao pai, adquirindo também a experiência nas lavouras de cana e arroz. Essa fase foi uma das mais importantes para o entrevistado e, com a colaboração de seu pai, desenvolveu habilidades de produção agrícola que ainda hoje são utilizadas. É importante destacar a dimensão emocional por trás do processo, pois nesta fase ele ainda tem a companhia de seu pai, que faleceu tempo depois. Para Café, todo esse conhecimento é entendido como um legado deixado por seu pai.

A morte do pai é um dos momentos mais tocantes para o Sr. Café, essa perda tem um duplo significado para ele: forçar sua família a se mudar do campo para a cidade e apresentá-lo oficialmente à idade adulta, pois ele tem que assumir a responsabilidade de cuidar de sua mãe e irmãs mais novas. Assim, o êxodo rural e a transição da juventude para a vida adulta são destaques dessa memória.

Como forma de melhorar as condições de vida da família, Café mudou-se para o Paraná e tentou recomeçar depois de perder o pai. Havia rumores na época de que as pessoas que migravam para lá ganharam muito dinheiro. Ele chegou ao estado por meio de um amigo caminhoneiro ligado a um fazendeiro que procurava uma família para trabalhar em sua fazenda. Ao chegar ao Paraná, a cafeicultura voltou a cruzar seu caminho e ele recomeçou a vida como cafeicultor. Ao final desta memória, ele faz um balanço e conclui que, apesar de toda a sua exploração, além de aprimorar seus conhecimentos sobre café, ganhou um bom dinheiro com seu trabalho.

Os métodos de produção que aprendeu com seu pai foram reproduzidos por ele em seu sítio. Atualmente, suas plantações de café são cultivadas juntamente com outras variedades vegetais, como mandioca, feijão, banana e árvores frutíferas. Adotou essa técnica do café sombreado como uma herança que adquiriu enquanto morava com o pai.

O deslocamento pelo espaço levou o Café a buscar uma mudança de vida e, segundo ele, seu bem-estar e qualidade de vida só melhorou quando chegou ao

assentamento. Em mais de 30 anos na terra, ele e sua esposa nunca se arrependeram pela experiência de acampar e lutar, e dizem que estar na Água Sumida foi a melhor coisa que já aconteceram.

Segundo ele, ambos são aposentados e têm dificuldades financeiras para viver na terra, pois, com a instabilidade econômica dos últimos anos, o salário-mínimo não acompanhou a inflação de preços dos bens de consumo. Sua principal reclamação é sobre a diminuição do poder de compra dos mais pobres no contexto atual de nosso país.

Quando questionado sobre o envelhecimento em si, o entrevistado mencionou a dimensão da saúde física. Ele contou como o derrame quase o matou, afetando seu corpo e memória, refletindo na visão parcial e auditiva. Além disso, ele cita como suas experiências em trabalhos degradantes no passado produziram sequelas em seu corpo.

Café narra que foi desenganado pelos médicos e que, graças às suas crenças, foi curado de uma doença nas articulações. A dimensão sobrenatural ganha força em sua narrativa ao detalhar as noites de oração em que pediu a cura e as bênçãos dos milagres em sua vida como resultado de sua fé. Na época, ele sofria de artrose, que causava dores no braço, afetando sua mobilidade e capacidade de realizar tarefas diárias.

Essa passagem foi marcante na memória do entrevistado, pois ele revelou como essas dores interferiam em seu cotidiano, o impediam de trabalhar no sítio e, muitas vezes, o mantinham acordado por não suportar a intensidade de sua dor.

Café e sua família chegaram ao Pontal do Paranapanema por meio de ações de movimentos sociais que publicizaram os conflitos em torno da questão agrária regional e os convidam a participar da ocupação de áreas devolutas como possibilidade de conquista da tão sonhada terra. Ao chegarem à ocupação, foram recebidos por Zé Rainha, um dos coordenadores da luta na época, e depois se estabeleceram em Euclides da Cunha, onde construíram uma barraca de lona à beira da estrada, e ali ficaram até saírem os lotes no assentamento.

Café veio com a esposa e os filhos, e depois de acampar, os sogros e o cunhado os acompanhavam nesta jornada. Para ele, esse momento foi importante, pois percebeu que a necessidade de terra, alimentos e moradia tornou-se uma luta coletiva para que toda a família viesse ao acampamento. Nas falas do entrevistado, os tempos dos barracos foram extremamente difíceis e carentes, e vivenciaram inúmeras dificuldades que perpassam as dimensões da existência. As viagens mensais para o Paraná delinearão essa experiência, e ele e sua família se viram divididos entre o acampamento e o arrendamento.

A chegada ao lote é celebrada como uma conquista que mudou sua vida. Quando soube pelo sogro que eles haviam se beneficiado com o estabelecimento do assentamento, a sensação daquele momento foi marcante e inesquecível, descrita com tantos detalhes que nem o tempo conseguiu apagar de sua mente. Outro ponto importante na reconstrução foi a viagem que fez a São Paulo para receber os papéis dos lotes e esse momento coroa toda sua trajetória de luta e de resistências. Café tem guardado esses documentos até hoje e os preservam como tesouros. Ele se lembra de tê-lo recebido do governador na época. De um modo geral, acreditamos que estes elementos reforçam a sua memória do processo de conquista da terra dedicadas à instauração de um novo modo de vida em novos espaços sociais, nomeadamente os assentamentos.

Como visto em outras memórias, o início da Água Sumida foi marcado por um cenário dominado por dificuldades financeiras, questões de alimentação e infraestrutura, que se refletiram na falta de ambiente construído, água, luz e estradas. Os assentados trabalharam arduamente para transformar esse espaço em uma paisagem diversificada de objetos naturais e artificiais, como casas, estruturas de produção de gado, plantações e áreas comunitárias. Foi inicialmente um período de luta e trabalho duro, descreve Café, com as famílias explorando o potencial da terra em suas hortas para conseguir financiamento para construir uma mangueira de ordenha e erguer as casas. As memórias ilustram detalhadamente essas mudanças no tempo e no espaço.

Atualmente, Café vive uma vida ativa e independente no assentamento, citado na entrevista a produção de café, ordenha, roças, construção de cercas, capim e pastagem como suas atividades diárias. Cultivar café e retirar o leite das vacas são listados como seus trabalhos favoritos. Em um momento de nostalgia, ele está animado, dizendo que plantou todas as suas árvores presentes no lote e enfatizando que elas são fruto do seu trabalho.

Refletindo sobre o próprio envelhecimento, o entrevistado apontou o corpo como marca registrada dessa experiência. Segundo ele, suas capacidades físicas diminuíram com a idade, e ele deu o exemplo da construção de uma cerca, atividade que realizava com frequência no lote. Para ele, era mais fácil levantar o peso das madeiras quando era mais jovem do que quando mais velho agora. Por isso, ele garante que o trabalho que exige mais resistência precisa ser feito com mais cuidado e com a ajuda de outra pessoa, pois com o tempo ele sentirá na própria pele os efeitos do trabalho que exige carga excessiva.

Nosso entrevistado tece uma relação interessante, afirmando que o trabalho que exerce desde criança pode ter impactado seu corpo. A memória identificou que ele ingressou no mundo do trabalho aos 8 anos e acumula uma vida laboral há mais de 70 anos. Ao reconstruir sua trajetória profissional, verificamos que o entrevistado trabalhou em diversos segmentos ao longo da vida, porém predominaram atividades mais pesadas, onde colhia café, capinava, carregava cargas e construía cercas. Isso pode ter afetado seu corpo e o processo de envelhecimento.

Realizar a vida na terra é o que motiva o Sr. Café no assentamento até hoje. O desejo de um lugar seguro para criar seus filhos e produzir sua própria comida o levou ao acampamento para lutar por melhores condições de vida. Todas as suas lutas e resistências em viver em barracas de lona por muitos anos explicam por que o entrevistado não desiste de morar neste lugar. Eles passaram por muitas provações e tribulações para conquistar o lote. Esposa, filhos, sogros e cunhados lutaram bravamente para chegar aonde estão hoje.

Seu maior desejo é que um dos filhos tenha vontade de continuar a vida e o trabalho no lote. Ele sonhou que um dia os veria reunidos nesta terra. A liberdade do espaço, o sossego, a segurança e a produção de alimentos diretamente da terra são os elementos que lhe dão sentido para viver no assentamento. Um lugar que produz resultados econômicos e permite a construção de vínculos baseados no afeto, no apego e na identidade à terra.

Eu me chamo Rosa⁴⁰, nasci em 16 do 09 de 1942 e vou completar meus 80 ainda neste ano. Nasci em São João do Paraíso, uma cidadezinha na divisa com Minas Gerais, mas fui criada aqui na região mesmo. Eu tive 4 irmãos, mas eles se foram e ficou só eu e infelizmente os outros já morreram. Entre eles eu sou a única que entrou nessa luta para conseguir um pedacinho de terra e estou nela até hoje, só desisto depois que Deus me levar.

Os meus pais sempre mexeram com roça e nós trabalhávamos como arrendatários para os outros e lá eles deixavam a terra para plantar e colocava a gente para trabalhar. Lembro que nós tínhamos que nos mudar a toda hora e sempre fazíamos uma casa nova em cada fazenda que chegava. Nisso, a gente ia trabalhar para eles ganhando uma diária e foi dessa forma que os meus pais me criaram e meus irmãos.

Eu sempre gostei de mexer com essas coisas de roça, desde pequena sou criada assim e não tem jeito, desde que nasci sei que o meu lugar é no sítio. Meu filho! A vida toda morei em sítio mexendo com as coisas de roça, só agora em Sandovalina/SP que estou vivendo na cidade, mas antes de chegar até aqui eu morava na roça. Eu lembro que quando eu vim para Sandovalina nós saímos da beira do rio para plantar um arroz no varjão e milho no espigão por aqui. Eu acredito que deve ter uns 50 anos que moro em Sandovalina e foi aqui que eu vim conhecer e entrar no Movimento Sem Terra.

Como eu cheguei no Movimento Sem Terra? Eu sempre digo que eu fui convidada a conhecer a luta, nós tínhamos nossos militantes ali perto de Sandovalina e todas as pessoas que eles sabiam que eram de roça eles foram convidando para entrar no movimento. Como eu gostava dessa vida de plantar e viver em roça foi quando entrei junto com eles.

O primeiro movimento que entrei foi em Santa Fé, encostadinho em Sandovalina, faz muito tempo, acho que foi em 93 e 94, não lembro direito o ano certinho. Lá em Santa Fé nós ficamos acampados uns 3 anos e a turminha que estava junto comigo foram todos para a terra, mas foram lá para Cuiabá Paulista. Na época eu falei para os meus militantes que não iria para Cuiabá porque era muito longe e eu queria pegar por ali mais perto, foi difícil não ter ido com meus companheiros, mesmo assim eu continuei na luta.

Naquele tempo eu ainda trabalhava na cidade e estava saindo do meu emprego na prefeitura para ficar no acampamento e estou nessa vida até hoje. Nessa época eu trabalhei por uns 10 anos na prefeitura, mas antes de vir para a cidade eu trabalhei na

⁴⁰ O nome verdadeiro da recordadora foi preservado como uma forma de proteção de sua identidade.

roça como boia fria e era muito bom, eu plantava milho, arrancava feijão e fazia muitas coisas na terra. Então, eu tenho aquilo gravado na minha mente e no meu sangue, por isso eu descobri que as terras não eram dos fazendeiros e sim devolutas. Eu entrei no movimento MST para que eu também pudesse conquistar essa terra. Nisso, eu já perdi duas vezes a chance de entrar na terra, aqui na São Domingos eu fiquei 3 anos e o povo que estava lá foram assentados na Irmã Doris, mas eu não fui para lá, porque eu queria mais próximo da São Domingos, só que não saiu nada ainda.

Depois dessas lutas na Santa Fé e na São Domingos surgiu a oportunidade de estar nesse acampamento aqui. Sei que já tiveram muitos acampamentos por aqui, mas agora eu vim junto dos meus companheiros para cá. Nesse acampamento aqui nós já estamos há uns quase 7 anos, nós temos o da base também, que é pertinho e, nesse nós fazemos todas as atividades do movimento. É isso! O assentamento da base tem uns 7 anos e nesse nós estamos desde novembro, já tem uns 8 ou 9 meses que estamos aqui fazendo as nossas atividades de luta. Estamos há quase 1 ano e estamos só esperando ser mandados embora.

Na época que ainda trabalhava na prefeitura eu tinha o meu marido junto comigo, só que infelizmente ele sofreu uma doença e acabou morrendo, mas eu fiquei e estou firme na luta por causa dele. Ele não chegou a participar, mas fez uns cadastros pela prefeitura para pegar a terra, mas nunca saía e eu continuei. Eu só continuo na luta por causa dele, pois sei que ele queria muito. Ele queria muito voltar para a roça junto comigo. Ele é igual a mim, foi criado e sempre viveu em roça, nunca trabalhou na cidade. Depois que ele faleceu eu continuei lutando por esse sonho e estou até hoje e mesmo eu tendo alcançado a idade não vou desistir, já faz mais de 20 anos que estou nessa luta. De lá da Santa Fé até aqui já deve ter mais de 20 anos de luta.

Eu entrei na luta na época que o meu marido morreu, ele morreu em 1998, então, já tem mais de 20 anos que eu tô nessa vida, as vezes eu vou e depois volto, é sempre assim, mas desistir jamais, meu filho. Não desisto desse sonho por nada desse mundo e é o que um finado amigo sempre falava para nós: - *“Quando tá no sangue não tem como desistir, tem que se manter na luta”*.

Nosso acampamento deve ter a base de umas 40 famílias cadastradas no momento, então nós estamos aqui esperando sair a nossa vez, porque essa terra aqui já foi provada como devoluta e vai ser nossa, mas o governo fica enrolando para colocar o povo na terra. Eu tenho um genro que é técnico e ele falou para mim que isso aqui já era para estar nas nossas mãos faz tempo. Ele fala direto: - *“Porque não pega a terra e entrega logo para vocês?”*. Ele já morou em Mirante e isso aqui ele conhece de ponta a

ponta, agora ele tá trabalhando lá para os lados de Machado. Agora, ele está tomando conta de um escritório que mexe com terras e quando ele estava por aqui ele ajudava o povo ensinando a plantar e adubar a terra para produzir melhor.

A minha história é essa! Hoje sou viúva e tenho um filho. Hoje você está com quantos anos?

- 30. Estou com 30 anos.

Ah sim! O meu filho é um pouco mais velho que você, já fez 40 anos. Ele sempre me acompanhou nessas andanças por aí, tanto que quando ele era miudinho, bem pequeno eu já estava na luta. E eu também peguei os documentos dele e levei lá no Itesp para ver se consigo um pedacinho de terra para ele também, ele não casou e tá junto comigo nessa luta. Ele está solteiro, mas mesmo que tivesse casado eu lutaria por ele também, porque família é isso! Tem sempre que se ajudar e se apoiar.

Um momento que me marcou muito? Deixa pensar! Ah! Eu lembro de uma história que aconteceu com a gente lá na São Domingos. Foi uma das primeiras vezes que entramos numa fazenda e nessa os proprietários apareceram com tudo e chamaram até a polícia para tirar a gente, foi uma reintegração de posse, na época eu fiquei um pouco assustada com aquilo. Outra coisa que me marcou na luta, que eu fiz e hoje eu já não faço mais, porque sei que não aguento. Acredita que eu e os companheiros fizemos uma caminhada de Teodoro até Presidente Prudente, uma caminhada longa, meu filho. Acho que demorou uns 3 dias para a gente chegar até lá (*risos*). Nós fomos parando no meio do caminho, pousamos em Tarabai e depois na beira de uma mata, lembro que os homens fizeram umas caminhas de plástico para colocarmos o colchão em cima para dormir e naquele sono, ninguém nem lembrava se tinha uma cobra para passar por cima da gente. (*risos*) Só por Deus! E fizemos tudo isso com alegria, viu? Com bastante alegria! Uma das coisas que aprendi no movimento é que é um por todos e todos por um. Então, isso aí ficou na minha mente e eu estava ali com os meus companheiros, um por todos e todos por um e por isso nos mantemos juntos até hoje.

Naquele tempo o povo era muito unido, tinha os homens e a “*mulherada*”, era todo mundo junto, a gente se levantava cedo e ia para os banheiros tomar banho, era muito gostoso. Eu gostava muito disso, tanto que estou até hoje nessa luta, mesmo com o meu marido já falecido, acredito que se tivesse com ele até hoje, talvez não teria continuado por causa da idade. Eu acho que continuaria na luta só se ele caminhasse atrás de mim, mas talvez ele não viria porque tinha que trabalhar, e provavelmente eu teria que ficar em casa cuidando das coisas para ele. Sei que foi muito difícil para mim, porque ele morreu, mesmo assim, eu continuo firme na luta. Eu pensei, nossa: - “*Agora*

eu vou ficar viúva e amoitada dentro de casa esperando a morte chegar? Não! Eu vou para o meio do povo. Vou para a luta!". Com isso, eu aprendi a ficar no meio do povão e me dar bem com todo mundo, sou muito conhecida dentro do movimento, tanto que nos assentamentos lá de Cuiabá e da Irmã Doris tem bastante conhecido meu que ficaram nos acampamentos juntos comigo.

Esses dias eu visitei uns conhecidos do acampamento, fui para rever eles e, também, pela curiosidade em conhecer o assentamento onde esse povo conseguiu a terra. Lá eu pude ver a morada e o lugar que eles tiveram que esperar durante 3 anos antes de construir as casas, também vi uma montoeira de barracas na beira da fazenda, tudo caído no chão, depois desse tempo eles saíram dali e foram para as casinhas dentro do lote. Lá na Margarida Alves onde está a turma do meu primeiro acampamento eu ainda não consegui visitar ninguém que está assentado por lá. Eu quero ir agora que o povo já tá há mais tempo na terra, com os pomares tudo cheio de fruta e o quintal todo preparado, quero ver esses meus colegas bem. Esses tempos nós fomos plantar umas árvores e encontrei umas amigas e foi muito bom, a gente se abraçou e lembrou da dureza daquele tempo dos acampamentos. Teve uma amiga desse assentamento que falou: - *"Oh, Rosa! Quero te levar para ficar uma ou duas semanas lá com a gente"*. Vamos ver se consigo ir, não é? Mas, graças a Deus eu fiz muita amizade no movimento e não deixei nenhuma intriga.

Hoje eu fico dentro de casa, tenho o meu filho para cuidar e mais dois cachorrinhos, levo uma vida de dona de casa e até hoje Deus tem me dado força e coragem para cuidar da minha casa, eu não tenho coragem para encostar e ficar quieta num canto sem precisar trabalhar. Eu preciso tá me mexendo para ficar boa para lutar dentro de casa e lutar com a turma aqui.

Então, como eu já te disse, uma das coisas que mais me marcou foi essa viagem que fomos caminhando até Prudente. Eu falei para o povo que não queria ninguém me ajudando, eu não queria receber ajuda e queria aguentar até onde dava para ajudar o meu povo nessa luta. Fizemos essa marcha para mostrar que a gente estava na luta, tinha muita gente reivindicando, mais de 700 pessoas, era muita gente andando na beira da estrada. Eu fiquei lá atrás andando com a turma que era igual a mim, os mais lentos (*risos*), já aqueles mais novos eram mais rápidos e iam na frente puxando o resto do povo. Quem olhava de longe via aquela multidão de gente andando pela beira da estrada. Os mais novos queriam me ajudar, mas eu falava que não, eu queria era andar e foi muito bom. Foi cansativo, mas fizemos isso com muita alegria, mas hoje não sei se faria de novo porque acho que não aguentaria andar tudo isso.

Também, lembro da vez que o Agripino, prefeito de Prudente, trancou a estrada para a gente não passar. Nós ficamos uma noite virados esperando liberar a rodovia. Ele trancou a ponte lá do Rio Santo Anastácio com medo dos Sem Terra se manifestarem em Prudente. Então, tudo isso me marcou. Só de ter conseguido fazer essa caminhada sem que ninguém me ajudasse é uma vitória enorme para mim. Quando chegamos na igreja para fazer o ato eu me senti aliviada e feliz por ter conseguido chegar lá andando, graças a Deus. Hoje eu acho que não consigo fazer isso.

Nós fizemos muita luta, muita luta mesmo. Já passamos por situações de despejo quando estávamos fazendo alguma atividade, foi bastante coisa que passamos para lutar. Aqui nesse acampamento não chegou a vir polícia para tirar a gente, mas sempre chega umas cartinhas falando para a gente sair da terra. Enfrentar a polícia foi só na época da fazenda São Domingos, porque o neto do fazendeiro era muito bravo e só tirou nós de lá com a ajuda da polícia. Isso também me marcou.

Hoje nosso acampamento está dividido entre o da base e esse que estamos aqui hoje, em que fazemos nossas reuniões e atividades. Eu, o Seu Cedro e a Dona Margarida⁴¹ montamos nossos barraquinhos todos perto um do outro para nos ajudarmos na hora de uma precisão. Então, nós construímos perto para um socorrer o outro, mas aí nós moramos aqui há bastante tempo e depois nós saímos para arrumar o barraco lá de cima⁴². Nós aparecemos neste acampamento de atividades somente aos domingos, com a pandemia as coisas ficaram mais difíceis para a gente se reunir. Quem fica mais aqui é a coordenadora, coitada, porque às vezes ela fica sozinha, mas ela também deu umaajeitada e se mudou para o outro barraco lá de cima. Ela até comentou que está trazendo as coisas dela de Mirante para ficar no barraco, ela vem para morar de vez no barraco. O restante do povo não fica aqui não, só vem aos domingos para as atividades, mas estão sempre online e se comunicando com o movimento. Agora nós estamos preparando e organizando a festa junina que vai acontecer no domingo do dia 26 de junho, hoje estamos terminando de acertar umas coisas para conseguir fazer a festa nesse dia. Já no domingo que vem eu não venho para o acampamento, eu vou pular e só voltar no dia da festa junina.

É isso aí meu filho! Quando ficamos acampados na fazenda São Domingos os militantes falaram que a gente só podia ficar 3 anos acampados para depois ir para a

⁴¹ O Sr. Cedro e D. Margarida, também idosos, são amigos de D. Rosa no acampamento e estiveram próximos durante o momento da entrevista. Foi relatado que ambos construíram suas barracas umas próximas das outras com a intenção de se ajudarem. Percebeu-se uma forte relação entre os idosos do acampamento, baseada na confiança e na solidariedade.

⁴² A recordadora refere-se ao barraco do acampamento de base.

terra, naquele tempo funcionava assim e agora não, ninguém vai para a terra. O povo fica mais de 3 anos acampado e o governo demora para colocar a gente na terra. Antes, a gente tinha mais apoio do povo, lembro que tinha bastante ajuda para a alimentação e até vinha cesta básica de Bauru e outros lugares mais distantes. Era lotado de cesta e todos nós tínhamos direito a uma cesta básica grande para ter condições de ficar morando no acampamento lá de cima, porque sem comida não dá, não tem como ficar sem. A gente ia na cidade para comprar uma mistura e depois voltava para dentro do barraco e eu morava lá porque estava todo mundo ali juntos. Todo mundo ajudava. Se aqui os barracos estivessem cheios de gente eu também estaria aqui, mas para eu ficar aqui sozinha eu não venho não. É por isso que eu venho só aos domingos mesmo.

Nos barracos lá de cima tem mais coisas do que daqui, tem fogão, energia, colchão e lugar para dormir, só não tem geladeira ainda. O barraquinho lá tá todo arrumadinho, parece até uma casa. Lá está arrumadinho e a hora que a gente for despejado daqui nós vamos para lá, o bom que lá tem energia e tem água, dá para se virar tranquilo. Só não tem muito luxo, mas de vez em quando nossos militantes trazem uma cesta básica para a gente. Eles se ajeitam lá com o padre e o pessoal da igreja e dão um jeito de trazer uma cesta para as pessoas que estão morando aqui dentro.

Este acampamento aqui não tem energia e nem água, nós até vimos uma mina ali para baixo para poder buscar água na mina, mas é muito complicado. Chegou no ponto de ser muito difícil para as pessoas ficarem aqui sem energia e água, por isso, a nossa coordenadora se mudou lá para cima e só aparece aqui para cuidar dos barracos e das nossas coisas e participar das atividades nos domingos. Como ela está mais perto, ela consegue ir e voltar nos dois acampamentos sempre. Já nós não podemos ficar de lá para cá, é mais longe e por isso é que nós só aparecemos aos domingos. Já é um sacrifício vir todo domingo porque tem que gastar, tá tudo caro, gasolina e transporte. Eu tenho que me virar para conseguir vir, às vezes venho com o Seu Cedro, outras com outros companheiros e assim vou indo para não desanimar e nem desistir da luta. Por isso, nós sempre temos que dar uma ajudinha para eles pagarem o combustível.

As pessoas que estão acampadas aqui hoje são todas da região, tem uma turma boa de Mirante, tem a gente de Sandovalina, tem um pessoal que vem de Prudente e a outra parte são os agregados dos que já estão assentados e dos que moram nos sítios. O bom é que o povo tudo já se conhece e são parentes. Têm uma turma que já tem o lote, mas entrou aqui para lutar pelos filhos, netos e irmãos a conseguirem a terra, principalmente para os agregados.

As terras da fazenda já estão como devolutas e estamos aguardando a nossa vez para entrar nela. O fazendeiro já morreu, só tem a mulher e o filho, mas não fica ninguém ali, só os funcionários mesmo. Não tem mais o que eles recorrerem, o governo já entregou e pagou mais de 30% das terras para sair o assentamento para o povo, é pouco mais foi, e o restante nós estamos aguardando o governo pagar para a gente entrar, mas eles estão enrolando demais. A gente tá na esperança dessas terras saírem para nós e por isso temos que resistir para conseguir pegar. Nós estamos esperando mudar de governo, porque esse governo que tem aí eles não gostam de Sem Terra e ainda paga para os fazendeiros, e até querendo dar o título para eles ficarem quietos e os trabalhadores vão ficando por aí, chupando os dedos e sem nada.

Menino! Eu gostei tanto dessa luta do MST porque estou vendo como o povo está melhor que antes, hoje está todo mundo plantando dentro de suas terras, mesmo com as dificuldades. Lembro da época que estava dentro da cidade e fiquei numa vontade de comer mandioca, só que tive que ir lá no mercado comprar para poder comer. Aí pensei, quer saber de uma coisa, eu vou lá no Sr. Limão, um amigo que pegou um lote ali para os lados de Sandovalina e peguei um baita de um pé de mandioca com a esposa dele e matei a minha vontade, despenquei tudinho e coloquei dentro de um saco e fui para casa. A partir desse dia eu comecei a enxergar lá longe como seria bom se a gente vivesse dentro da terra. Meu filho! Não esqueço até hoje disso. Eu peguei aquela mandioca e vim pensando em como seria melhor a minha vida se eu estivesse morando num sítio e plantando. Foi ali que tive a certeza do sonho da terra, e eu não tinha entrado no movimento, com isso, fui criando mais força e coragem para lutar por esse sonho.

Depois disso, vi que na cidade o povo estava se organizando e saindo para fazer barraco e eu fui atrás deles para fazer esses barracos e estou nessa até hoje. Uma coisa que sempre digo é que a luta é gostosa e depois que você entra no assentamento, você está mais tranquilo e feliz, porque sabe que vai conseguir plantar e colher. Olha o caso do Seu Cedro, esse homem gosta de roça, até aqui no acampamento ele está plantando e colhendo, ele carpiu todo aquele mato ali em cima e fez uma roça pequena, plantou feijão, quiabo e até mandioca. Neste domingo mesmo eu fui lá e peguei o feijão dele e colhi maduro e depois levei para casa e fiz um virado com farinha gostoso. Eu estava numa vontade de comer feijão verde porque vi a mulher ali debulhando, aí peguei o feijão dele e levei para cozinhar e fiz dois pacotes de meio quilo e tirei uma foto e mandei para ele: - *“Vem buscar o seu, porque o meu eu vou cozinhar”*. Quando foi esses dias eu falei: - *“Como você não veio eu vou comer o seu também”!* (Risos). Aí, ele falou que podia comer e eu comi o dele também (Risos). E tornei a comer outro dele.

Menino! É muito bom essas coisas, ter um lugar para plantar o que a gente vai comer, não existe coisa melhor. Então, se você está na sua terra você tem fartura. Muita fartura. É por isso que nós estamos aqui nessa luta, esse é o nosso objetivo. Mesmo de idade eu já me imagino na minha terra e cuidando das minhas plantas, plantando e vivendo mais tranquila. Os que já estão assentados falam que lá longe é só pasto e é lugar de vaca e perto da casa é lugar de plantar árvores, é lugar de plantar pés de fruta e é isso que eu vejo. Quanto mais perto de casa é mais fácil de cuidar. E eu falei assim, que aquilo ali eu cuido. Aí, para os meninos que estão aqui comigo eu sempre falo: - “*Se tiver vaca eu não cuido, as vacas são vocês que cuidam pra mim*”. (risos). Eu vou cuidar só do quintal e em volta da casa, vou aguardar os pés de manga, os pés de laranja, os pés de limão, isso eu gosto e eu vou cuidar. Vou carpir, não vou deixar sujo e depois vou chamar uma pessoa para vir tombar meio alqueire daquele pasto lá para mim só para plantar as minhas coisinhas. Vou plantar feijão, vou plantar mandioca e um pedacinho daquele feijão de arranca que você bate, seca e depois põe no saco. Sei que se entrar na minha terra eu vou conseguir fartura.

O povo lá fala para mim que por eu ser de idade deveria ficar quieta em casa, mas eu não penso desse jeito, eu acho que enquanto a gente tiver vida ainda tem que lutar, eu estou nesse objetivo já faz anos e não vai ser agora que vou desistir. Eu vim pra cá e a única coisa que plantei até agora foi cebola, que eu até separei umas para levar para a senhora aqui do acampamento fazer o almoço. Lá em casa eu também tenho plantado, plantei aqui porque não estou aqui só para comer né. Domingo passado eu tirei umas folhinhas de cebola e levei para a mãe dela fazer uma salada, chegamos agora e já está cheio de folha de novo.

Eu gosto muito de plantar e de carpir, eu sou de idade, mas gosto de carpir também, não tem tempo ruim para mim, pois trabalhar é comigo mesma, não gosto de ficar parada. Eu gosto de carpir até suar, gosto de cansar, agora mesmo já passou o frio, porque dei uma carpida até cansar.

A velhice não me atrapalha quase em nada, mesmo de idade eu consigo fazer as minhas coisinhas, carpo, planto e cuido do serviço em casa. Eu cheguei aqui e estava amarrada, aí meus colegas pegaram no meu braço e me levaram no barracão para assistir às reuniões e eu dei uma animada, agora não precisa mais, consigo andar nas barrancas e em todo o acampamento, fui perdendo o medo. No começo parecia que eu ia cair, mas agora já estou acostumada a andar por aqui e perdi o medo de cair ou de escorregar nessa terra. Então, a gente tem que se acostumar no lugar que a gente vive. Se chegar num lugar novo como o sítio, você tem que se acostumar. Eu acredito que a

idade não foi um problema para me acostumar no acampamento. A idade não atrapalha a minha luta.

Quando eu vim para esse acampamento eu comecei a dividir o barraco com minha amiga Margarida, pois assim a gente conseguiria se ajudar. O marido dela era bem companheiro e vinha sempre aqui, buscava água para nós, ele é muito bom e ajudava bastante, mas depois voltava para cuidar do serviço dele e eu ficava com ela aqui. Nós dormíamos aí dentro e o ruim de ser de idade é que não tinha como armar uma cama, nós tínhamos que botar o colchão no chão e se deitar no chão, isso era sacrifício, tanto para mim quanto para ela. Ficar as duas no mesmo barraco foi um sacrifício, porque ela tem dor nas costas e olha que ela é mais nova que eu. Já eu sofria por conta da artrose no joelho, ficava difícil para levantar, deitar era rapidinho, era só deitar e pum. O lado ruim era na hora de se levantar e sair aqui para fora e fazer as necessidades hein. Isso era difícil. Levantar depois que deita é uma coisa difícil para a gente de mais idade.

Ah, e foi indo e depois disso eu pensei, tenho que fazer o meu barraco, em duas fica mais difícil para a gente se mexer e se levantar, mas ainda estamos perto para nos ajudarmos. Andei para cima e para baixo, ajeitei as coisas e mandei um amigo nosso fazer esse barraquinho para eu morar e ele fez num instantinho. O barraco está aí até hoje, dá pra fazer tudo nele. Dá para cozinhar, dá para dormir e fazer as minhas coisas, o espaço é pequeno, mas dá para eu me virar sozinha.

Algo ruim é quando faz muito frio ou muito calor, o plástico da lona fica muito quente e não dá para ficar dentro. Quando está muito quente o povo abre as barracas e ficam todos para fora debaixo das árvores, porque ninguém aguenta essa quentura. A parte ruim é esse desconforto que a gente sente quando o tempo muda. Nessa barraca aqui eu dormi só duas noites, não estava muito frio e quando esfria a gente bota mais cobertas. O que mais me coloca para cima é a alegria de lutar, se fosse lutar sozinha não estaria aqui eu tô aqui por causa do povo, estou aqui por causa deles. Por isso que aqui nós falamos que é um por todos e todos por um.

Eu vejo essas famílias com crianças querendo pegar terra e eu fico animada também, eu já lutei ali atrás quando era mais nova e estou até hoje, eu sempre falo para eles: - *“Se sair essas terras aqui para vocês e quiserem me colocar lá dentro, eu vou também”*. Eu entro lá e todo mundo vai ver e tirar o chapéu para mim porque vou trabalhar, mesmo com a idade que tenho eu sei que vou trabalhar bastante lá dentro.

O meu dia a dia é corrido, eu não paro de jeito nenhum. Não consigo ficar parada. Além do serviço da casa nós também temos atividades dentro do movimento, faço as minhas caminhadas e tem as atividades do CCI, no clube do idoso e é muito bom. A

gente se sente bem se movimentando porque as dores do corpo somem. Graças a Deus eu consigo fazer muita coisa ainda, tem gente mais nova que eu que não faz as coisas que eu faço.

As vezes falo para o meu filho e pros parentes que parece que estou sarando, e ainda me perguntam: - *“Não sei o que a senhora fica fazendo nessa luta, andando atrás de sem-terra e sofrendo dentro de barraco”*. Eu já penso diferente porque sei que é isso que me faz bem, me sara de todos os problemas é o que me dá vida. Lutar dá ânimo para a minha mente e cura as minhas dores. Teve um tempo que eu vivia cheia de dores que não aguentava nem ir ao mercado comprar as coisas que as pernas já pareciam que estavam dormentes e graças a Deus acabou tudo e eu não sinto mais dor. Primeiro eu tinha dificuldades para levantar da cama depois que dormia e depois que eu levantava e descia da barraca era muito ruim, porque parecia que o corpo ficava todo dormente, todo dolorido, eu falava: - *“E agora?”*. Eu estava me preparando para a morte. *“Ah não, eu acho que vou morrer”*. E depois as dores sumiram. Eu acredito que na medida que a gente luta e faz o que gosta, com Deus lá no céu cuidando da gente, os problemas e as dores saram tudo. Eu mesmo estou bem graças a Deus.

Eu não me sinto uma pessoa velha, só percebo que não estou mais nova quando vejo a idade. (risos) A minha idade normal é 77, mas no registro eu tenho 3 anos a mais porque precisei aumentar para conseguir casar na época. Eu era muito nova quando me casei, por isso tive que mudar a minha idade, eu casei com 14 anos. Aí, minha mãe precisou aumentar porque eu e o rapaz queríamos nos casar, na verdade ele queria mais do que eu e mãe ficou com medo de nós fugirmos, aí ela teve que fazer isso. Ela foi lá no cartório para aumentar a minha idade e só assim que me casei. Por isso que os meus documentos têm 3 anos a mais, eles precisaram aumentar para eu me casar, pois minha mãe tinha medo de eu fugir com o rapaz. Apesar disso eu ainda me sinto nova, estou com 77 anos e sou ativa, meu genro tem a mãe dele lá no norte com 93 anos e eu sempre falo: - *“E meu genro, será que chego nessa idade. Acho que não chegarei nessa idade, não!”* - *“Oh, Dona Rosa! A senhora chega até mais. A senhora chega mais, porque a senhora é muito ativa”*. Ele fala.

Eu penso que envelhecer no campo e na roça é bem melhor do que na cidade. Eu escuto falar que na cidade o povo vive tomando um monte de remédios e vivendo de médico em médico. Eu não vivo em médico e o povo do Posto de Saúde até admira isso em mim porque eu não vivo lá atrapalhando o serviço deles, eu não estou doente. As vezes que apareci lá foi quando meu joelho inchou por causa da artrose e nem eles conseguiram tratar do joelho e eu resolvi tratar em casa com folha de mato, folha de

graviola, folha disso e folha daquilo e vou me curando. Saio pelo quintal arrancando todo tipo de folha, pego galho de andu e fervo e depois coloco nas minhas pernas, graças a Deus minhas pernas estão melhorando e ficando boas. Eu também compro uma pomada de uma mulher, uma pomada que chama “Milagrosa”, e toda a noite eu faço massagem no joelho e passo ela e pronto. As minhas pernas já estão boas e eu tô andando e to bem.

As minhas filhas dão risada de mim quando pergunto a idade do meu neto caçula, e ela fala que ele já vai fazer 12 anos, e eu falo: - “Não, minha filha! É que todo mundo me pergunta a idade dele e eu falo que ele tem 8 anos”. E ela fala: - “Oh, mãe! E a senhora tem 30.” E eu dou risada, porque está todo mundo ficando velho, os filhos e os netos, e está certo. E eu onde tô? Estou mais velha ainda (risos). Esses dias liguei para o meu filho chamando ele para almoçar e ele reclamou que estava com preguiça e que mais tarde aparecia, aí dei uma dura nele, que ele estava reclamando demais. Eu nesta idade não tenho preguiça para nada. Eu sou chique e tô muito bem. Já fui para a igreja, cheguei e fiz almoço e já vou preparar as coisas na mala para amanhã eu ir para o acampamento. Aí ele me responde: - “Oh, mãe! A senhora está melhor do que eu. Eu tô todo lascado”. E eu falei para ele: - “Fica aí. Fica aí bebendo cerveja, fica! A cerveja mata e acaba com a vida das pessoas”. Eu nunca bebi na minha vida, então eu tenho saúde, graças a Deus.

Pelo corpo eu não senti tanto a idade, mas percebi que estava ficando velha quando vi que os meus cabelos estavam ficando brancos. No começo eu não gostei muito de ficar velha, mas pensei que tem gente mais nova que eu com cabelo branco, então não acho que é só pela idade que embranquece. Às vezes os cabelos ficam branco por causa do sangue da pessoa. Mas, o que me tocou foi o cabelo. Aí, eu comecei a comprar tinta e passar no cabelo para não ficar velha (risos). Nós fizemos uma dinâmica esses dias lá na igreja e percebemos que ninguém quer ficar velho. Me chamaram lá na frente para falar sobre o problema de ficar velho, igual você está falando aí. E eu fui lá e falei: - “Ninguém gosta de ficar velho. Eu tô ficando velha, mas não é do meu gosto. Eu não quero ser velha, só que tem que estar preparada para isso”. Olhei para os jovens que estavam dentro da igreja e falei: - “*Você tem que estar preparado para enfrentar isso no futuro e ficar bem*”! Para você ver, eu amo a juventude e sei lá, se eu não aceito ser velha.

Eu amo os jovens. Eu amo os jovens e não os trato pelo nome, eu chamo eles de “filho”. - “Oh, filho vem cá. Oh, filho!” Só chamo eles de filho, é mais carinhoso. Eu também tenho orgulho de ver o jovem, porque se eu tiver que pegar algo em cima daquela árvore eu não vou conseguir por conta da idade, mas ele vai para mim. Ele sobe. Está lá

em cima daquela árvore e num instantinho ele sobe e pega para mim, rapidinho desce. Já eu não faço isso, não subo na escada porque tenho medo de cair.

A gente enxerga a velhice dessa forma e tenta mandar ela embora por causa desses problemas, pois na medida em que vai aumentando a idade nós vamos fazendo caminhada para diminuir e não ficar mais velha. Aí, usamos também uma tintura no cabelo para disfarçar os brancos, se arruma e a idade vai embora. E assim a gente continua jovem e a idade não, a idade não acaba, mas o espírito sim. Eu tive uma nora que mora comigo que sempre falava: - *“Oh, Dona Rosa! Faz seu serviço dentro de casa aos pouquinhos. Um dia você arruma a cozinha, outro dia você limpa o quarto, não faz tudo de uma vez, não.”* Ela falava isso para mim: - *“A gente está vendo que o espírito da senhora tá preparado, mas a carne não tá mais. A carne não aguenta mais”*.

Ela falava assim para mim e me dava um desespero porque achava que logo iria morrer. Eu fazia assim, lavava roupa, fazia comida e limpava a casa tudo ao mesmo tempo. Por isso que ela falava isso comigo, que eu tinha que fazer menos serviços para não cansar o corpo e pior que era verdade. Quando eu teimava e fazia tudo de uma vez eu terminava, mas quando eu terminava eu ficava moída. O corpo ficava todo dolorido e parecia que eu tinha levado uma surra de vara, ficava toda moída porque tinha trabalhado demais. Depois que terminava o serviço eu ia sempre para a cama e deitava por lá, esticava o corpo todo por causa da dor. Tinha vezes que eu tomava até um remédio para melhorar. Depois disso, fui perceber que com a idade eu tenho que fazer o serviço dividido se não o corpo fica moído e não aguenta.

A prefeitura daqui eu não sei como eles agem, mas a de Sandovalina apoia mais a gente, me falaram que o prefeito daqui não apoia a gente não. Me parece que ele não gosta de Sem-Terra, tanto que ele nem aparece e nem traz nada para o povo aqui do acampamento. Pode ser que ele esteja ajudando o povo que já está assentado, depois que assenta e entra no lote ele dá uma mão e ajuda. Dizem que ele está ajudando o povo que está assentado aqui, mas ajudar nós que estamos nos barracos ele não dá nenhuma força, ele é igual ao Bolsonaro, que não dá força para nós e nem gosta do MST. Eu lembro que na campanha eu escutava ele falando que não gostava de Sem-Terra. Pode ser que ele volte atrás, mas ele falava.

Desculpa por não parar de falar, mas a minha história é grande (risos). Eu tô acampada todo esse tempo por causa de um sonho, do sonho de ter a minha terra. Além do sonho, como eu falei para você, eu gosto muito da lavoura e da terra, eu já fiquei velha e tô aqui ainda. Nem sei se vou pegar, mas se me der ao menos 1 alqueire eu já fico satisfeita. Lá dentro eu faço a minha casinha e vou plantar as minhas coisinhas. Eu estou

aqui pelo povo também. Meu sonho é conseguir entrar e morar na terra, trazendo o meu filho junto comigo. Trazer o meu filho para dentro da terra para trabalhar e fazer alguma coisa. Eu sempre pensei em montar uma granja para ele me ajudar e arrumar um servicinho para ele para tirar uma rendinha.

Pontos brilhantes na narrativa de D. Rosa

Eu só continuo na luta por causa dele, pois sei que ele queria muito. Ele queria muito voltar para a roça junto comigo. [...] Depois que ele faleceu eu continuei lutando por esse sonho e estou até hoje e mesmo eu tendo alcançado a idade não vou desistir, já faz mais de 20 anos que estou nessa luta. Eu entrei na luta na época que o meu marido morreu, ele morreu em 1998, então, já tem mais de 20 anos que eu tô nessa vida, as vezes eu vou e depois volto, é sempre assim, mas desistir jamais, meu filho. Não desisto desse sonho por nada desse mundo e é o que um finado amigo sempre falava para nós: - “Quando tá no sangue não tem como desistir, tem que se manter na luta”. (D. Rosa - 79 anos - Acampamento Gercina Mendes/abril de 2022).



Ilustração: Zilda Oliveira.

Conheci Rosa em uma manhã fria de outono. Ela é uma mulher negra de estatura baixa, cabelos brancos, com rugas e marcas de sol espalhadas em seu rosto, revelando seus 79 anos. Nascida no início da década de 1940 em São João do Paraíso, uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, mudou-se ainda criança para o estado de São Paulo e completou sua formação na região de Presidente Prudente (SP).

D. Rosa é uma figura marcante dentro do acampamento Gercina Mendes, devido ao seu histórico de luta pela terra na região. É conhecida pelas idas e vindas dentro do movimento, tendo participação ativa em ocupações, marchas e acampamentos promovidos pelo MST desde os anos 1990. Rosa foi a primeira pessoa a nos receber na ocupação, com um sorriso no rosto e uma voz rouca marcante, ela nos mostrou os cenários do acampamento e falou sobre a situação das pessoas idosas dentro do movimento sem-terra.

O campo sempre fez parte de sua existência, nascida e criada no rural, a entrevistada recria com orgulho a trajetória de trabalho em fazendas e sistema de arrendamentos na Bahia e em São Paulo. Seu relato comprova que a origem e perfil familiar podem influenciar em sua relação com o rural. Quando evocada, a terra se manifesta como uma dimensão indissociável de sua existência e trajetória de vida.

A dimensão política é explorada com maior intensidade em sua memória. Sua narrativa ganha vida através da descrição das estratégias de luta pela terra adotadas pelo movimento, entre elas, destacam-se as marchas, ocupações em fazendas e acampamentos na beira das estradas. Essas ações são definidas como a espacialização das lutas pela terra.

As tensões e os constrangimentos relacionam-se à trama de conflitos entranhada na composição das terras irregulares da região, que Rosa recorda em pormenor. Nesse sentido, um momento interessante é a memória de como se deu a ocupação da Fazenda São Domingos. Por medo da violência e do despejo, a presença de fazendeiros e policiais em um episódio de reintegração de posse marcou a narrativa de Rosa. Nesta mesma ocupação Rosa conta sobre as situações em torno da figura de um fazendeiro com fama de bravo e temido pelos sem-terra, narrando os medos e as ameaças de despejo. No acampamento atual, o fazendeiro envia cartas e recados para as famílias deixarem a área e isso é visto como uma forma de ameaça e intimidação por D. Rosa.

A caminhada quilométrica de Teodoro a Presidente Prudente é também lembrada como um marco em sua trajetória sem-terra. Os três dias de marcha são narrados com muito orgulho e alegria por Rosa, é um feito histórico que reuniu centenas de famílias da região em prol de uma batalha coletiva por reconhecimento dos direitos e da cidadania

na terra. A figura de Agripino marca a memória de Rosa, pois ao final da caminhada foram impedidos de se aproximarem de Presidente Prudente, sujeito à atitude antipática do ex-prefeito que fechou as vias de acesso à cidade⁴³.

Ao estudar as relações intergeracionais e o envelhecimento no MST, Silva (2008) constatou que todos os sujeitos, independentemente da idade, participaram das ações de luta no contexto do Rio Grande Sul. Ao relacionarmos esse fato com as histórias apresentadas nesta tese, constatamos que os idosos do acampamento Gercina Mendes também participam e contribuem com essas ações, e são os protagonistas da luta pela terra no atual contexto de desigualdade no Brasil.

Desse modo, utilizar a reconstrução da memória em uma narrativa autobiográfica foi a melhor estratégia para compreender a constituição de toda a vida de Rosa, pois, percorremos os momentos antes de entrar no movimento, abordando a dimensão da família, do trabalho à compreensão da formação de sua trajetória enquanto mulher sem-terra.

O sonho da conquista da terra se fortaleceu com a entrada no MST, onde D. Rosa pode conhecer de perto os princípios e motivações dessa luta. Ela entra no movimento através de um convite feito pelos militantes que organizaram a luta na região durante o início dos anos 90. A recordadora lembra-se com detalhes da primeira vez que pisou em um acampamento para lutar, durante os anos 90, numa ocupação que durou 3 anos, na Fazenda Santa Fé em Sandovalina (SP).

Como desdobramento dessa luta, os companheiros sem-terra de Rosa conquistaram a terra e se estabeleceram no entorno de Cuiabá Paulista, porém, ela decidiu não ir a este assentamento devido à distância do local e de sua família. Ela manteve seus objetivos em outras ações do movimento de luta pela terra. Rosa revelou a dificuldade de tomar a decisão em não ir para o assentamento, e disse que duas vezes perdeu o acesso à terra. No vai e vem dessa luta contínua, Rosa tem uma trajetória marcante no Movimento Sem Terra, e este retorno marca quase sete anos de atuação e engajamento na ocupação da Fazenda Santa Cruz do Kurata.

A relação com os companheiros de luta que passaram por sua jornada é lembrada com muito respeito e carinho. Rosa visitou recentemente amigos que se estabeleceram no assentamento Margarida Alves, em Mirante do Paranapanema, e reforçou os vínculos estabelecidos em suas primeiras ocupações nos anos 90. Em suas

⁴³ Marcha do MST com destino a Presidente Prudente, realizada em 2002. **Prefeito fecha estrada e barra MST.** Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3001200211.htm>. Acesso em 17/07/2022

falas, ela elogia os amigos pela construção e transformação dos espaços do assentamento, destacando o cuidado com as hortas, pomares e outras árvores.

As lutas são uma dimensão muito explorada da narrativa de Rosa, e sua trajetória pelo movimento sem-terra revela os aspectos particulares de sua memória política. Como condições de acampamentos, ocupações e marchas são contadas em detalhes infinitos, a reprodução da vida e do trabalho na terra ainda está viva e bem nos seus sonhos. O MST se posiciona como um espaço de sociabilidade e de aprendizagem e é muito importante a história da entrevistada.

A idealização da vida e do trabalho na terra, a serenidade do lote e uma relação mais próxima com a natureza são os pontos principais dessa narrativa. São os verdadeiros motivos da peleja e firmeza de Rosa nas lutas e atividades do acampamento. Entretanto, nem tudo são flores e é importante revelar o sofrimento e as resistências dessa luta, contextualizar a situação dos idosos sem-terra no acampamento.

A limitação espacial no interior das barracas e a questão do conforto térmico, decorrente da variação da temperatura da lona, aparecem como obstáculos para a permanência dos idosos no acampamento. Rosa relata que no começo dividia a barraca com uma amiga, mas depois achou melhor construir uma para si devido a questão do espaço. Dormir no chão é visto como um sacrifício em que a entrevistada descreve o desconforto em relação às dores nas articulações e no corpo em geral. Apesar desses impasses, Rosa persevera no acampamento e destaca a alegria de lutar por um mundo melhor e menos desigual para se viver na terra.

Em relação a dinâmica familiar, o marido é revisitado nas memórias como a principal força motriz por trás de sua luta pela terra dos seus sonhos. Ela relata que ele também tem uma origem no rural e sempre quis voltar à terra, mas não conseguiu realizar esse sonho, pois faleceu. A morte do marido é significativa em sua narrativa, pois se aproxima do início de sua trajetória sem-terra.

O filho é outra figura de destaque em sua narrativa, pois sempre acompanha a mãe em suas andanças pelas ocupações da região. Rosa relata que conseguir um lote para viver com o filho é uma de suas motivações em permanecer no acampamento, pois através de seu trabalho na terra viverão melhor que na cidade.

Em geral, a recordadora demonstra uma relação de aceitação com a velhice, evidenciando a idade como uma construção social que permeia as relações entre os sujeitos. Envelhecer no assentamento é considerado um sonho que contribuirá para o bem-estar e qualidade de Rosa e sua família. Neste sentido, todo conhecimento das plantas e ervas que se espalham em seu quintal remonta à relação entre os idosos e as

práticas alimentares e curativas associadas ao mundo camponês. Diante disso, compreendemos que o movimento de luta pela terra é um espaço de transformação social, e Rosa se alegra em ver os companheiros plantar e usar as terras nos assentamentos.

Se eu contar a minha história eu fico o dia inteiro falando para você. Me chamo Cedro, tenho 81 anos e 11 meses, faço 82 no próximo mês. Nasci em Anhumas, sou viúvo e tive dois casamentos. No meu primeiro casamento eu tive 3 filhos e no segundo tive 1 filho, 4 no total.

Eu lembro quase de cor de tudo que passei nessa vida, tenho uma memória muito boa, tenho lembranças de quando era bem criança. A gente nasceu em Anhumas por volta de 1940 e eu tenho lembranças da guerra que aconteceu por volta de 1940 a 1945, depois de 3 anos em diante eu lembro de tudo. Lembro que um dia meu avô chegou e ele falou assim: - “Terminou a guerra!”. Isso em 1945, eu estava com 5 anos, ele assinava o jornal e lia as notícias e um dia ele chegou dizendo que a guerra tinha acabado.

Com 7 anos nós entramos na escola e tínhamos que caminhar 4 quilômetros todos os dias para se locomover até lá, as dificuldades eram muitas, pois a gente morava no sítio e não tinha transporte, tinha que andar de a pé para ir em todos os lugares. Eu fui à escola durante 13 anos e consegui tirar o diploma do primário em 1953 com 13 anos de idade. Nessa época eu já trabalhava na roça, desde os 7 anos eu já trabalhava com meu pai e minha mãe na roça e trabalhamos até 1922. 1922 não (risos), até 1962. No final desses anos nós trabalhávamos tocando café de “ameia” uns com os outros. Trabalhei muito com café nessa época e depois nos mudamos para a cidade.

A doença foi o motivo que levou a gente para a cidade foi, meu pai sofreu derrame e ficou parálítico e eu era o mais velho com 22 anos tive que ficar responsável pela casa, tinha 3 irmãos mais novos, que estavam abaixo de mim. Só tinha um irmão mais velho que eu, mas ele já era casado. Então, eu tive que assumir a casa do meu pai e fomos morar na cidade e lá nós aprendemos algumas coisas, aprendi a profissão de pedreiro, aprendi um pouquinho de carpintaria e trabalhei também numa companhia de terraplanagem.

O bom da cidade foi isso, a necessidade fez que a gente pudesse aprender em várias profissões, porque tinha que trabalhar para sobreviver. Na companhia de terraplanagem aprendi a fazer várias coisas, a gente sempre teve muita vontade para trabalhar e muita curiosidade para aprender. Eu acabei trabalhando também com motoniveladora, era uma máquina pesada e eu trabalhei muitos anos com isso e me sustentei junto a minha família.

Quando foi por volta de 1982 passei a ser encarregado de obra e trabalhei nessa função até 1996 quando me aposentei por tempo de serviço. E assim terminando essa

fase, mesmo aposentado, eu continuei trabalhando em outras companhias por um tempo mais curto. Só em uma firma eu trabalhei durante 23 anos mexendo com isso.

Em 2009 foi quando entrei no movimento, foi o ano que conheci essa luta, ainda morava em Sandovalina e mexia com esses trabalhos que te falei. Eu também fui convidado pelo MST pois muitos deles sabiam que sempre tive esse sonho de ter o pedaço de terra. Naquela época era difícil as coisas porque tudo o que a gente ganhava ia para o sustento da casa, da família e dos filhos e o sonho de ter o pedaço de terra era grande.

A gente entrou nesse movimento achando que ia sair lote, mas não saiu durante o tempo que a gente imaginava, quando saiu o lote eu e minha família estava fora do movimento devido a doença. A minha mulher estava doente e ela não podia ficar no acampamento, então era aquela luta e eu preferi sair para cuidar da saúde dela. Nesse intervalo que eu saí foi quando saíram as terras e eu não consegui pegar por conta que eu estava com ela durante a doença. Logo depois, ela acabou falecendo em 2016 e eu fiquei sozinho até hoje. Dois anos depois dela ter falecido a gente voltou para o movimento e estamos até hoje nessa luta.

Só que essa terra não é mais pra mim. Essa terra é para um filho meu do segundo casamento. Eu estou aqui respondendo e segurando a terra para ele. É o sonho dele, coitado, ele é motorista e ele não tá nem aqui, tá trabalhando no Mato Grosso, mas assim que sair a terra ele vem direto pra cá. O sonho dele é ter um lugar para ele guardar uns boizinhos e ter uma casinha para morar, pois ele tem mulher e filho.

Eu também tenho sonho de estar na terra e plantar mil pés de café (risos). Esse é o meu sonho, ter um pedacinho de terra para fazer essa plantação, tenho até as mudas preparadas lá em casa, agora é esperar sair a terra e plantar. O nosso combinado é que quando sair a terra eu venho junto com eles. Eu acho que se sair vai ser só pelo meio ou final do ano que vem, talvez o próximo governo que vai assumir seja melhor para a gente do que esse que está e não fez nada pelos Sem Terra. Nem sei se pode falar isso, mas nosso candidato é o Lula, se Deus quiser ele entra para fazer essas mudanças que o povo tanto precisa (risos).

Nós estamos na luta para ver se conseguimos pelo menos um meio lote. Incluindo a época que tive que sair por conta da doença da minha esposa eu devo tá uns 13 anos se a gente for somar o tempo de 2009 até 2022. É isso, estou nessa luta há mais de 10 anos. Antes disso, a gente ficou muitos anos trabalhando em companhia de terraplanagem.

Tem bastante pessoas cadastradas e que participam das atividades do acampamento, não sei quantos barracos têm aqui, mas deve ter umas 40 famílias no movimento. De Sandovalina somos em 5, tem o povo de Mirante e os agregados dos assentamentos também.

Uma história marcante que tenho na minha cabeça foi quando montamos o acampamento lá em Sandovalina. Lá fizemos as barracas em uma área da prefeitura, só que quando deu três meses eles mandaram a gente sair das terras e tivemos que ir para a beira da estrada novamente. Nós ficamos acampados naquele trecho onde acaba a cidade de Sandovalina e dali nós mudamos para frente de uma fazenda desse tal de neto que ela comentou, o tal do homem brabo que botou a polícia em cima da gente. Só que nós não entramos na fazenda e ficamos na beira da estrada e dali nós mudamos para um novo acampamento em uma outra fazenda. Nós não entramos na fazenda, mas ficamos acampados na frente dela e toda vez aparecia os donos querendo nos expulsar de lá, mas, mesmo assim, ficamos lá na beirada.

Depois disso nós mudamos para fazenda desse homem, o tal do neto brabo, e fizemos uma atividade dentro da fazenda. Nisso, veio aquele enxame de polícia para tirar a gente da terra, mas nós nunca brigamos e nem revidamos, nós saímos quietinhos e fomos embora. Eu acho que essa foram as vezes que eu mais tive receio em entrar no que é dos outros, certo de que é tudo terra devoluta, mas é complicado para a gente quando os donos estão nela. Eu tive receio por conta disso porque nunca tinha participado de tais coisas, nunca fui briguento e nem briguei com ninguém. Eu confesso que fiquei com receio, porque fulano dava tiro, fulano matou, fulano não sei o que, então a gente fica receoso né. Mas, graças a Deus deu tudo certo.

Eu voltei para o movimento depois que passei pela doença da mulher e recebi o convite dos próprios companheiros e durante esse tempo todo que estamos no movimento fizemos algumas atividades na entrada dessa fazenda que estamos acampados hoje. Eu fiquei um pouco receoso também, porque fazia muito tempo que tinha participado disso aí, de entrar na fazenda e ver o dono passando na nossa frente e querendo chutar todo mundo para fora. Aí, veio a reintegração de posse, saímos e voltamos para nosso barraco. Uma semana depois, os dirigentes falaram que a gente tinha que voltar porque o ministério falou que não era para ter saído e nem dado a reintegração, aí voltamos e estamos aqui até hoje, desde novembro do ano passado. Mas, eu acho que até o final desse mês vai vir a reintegração de posse. Eu acho que isso vai acontecer porque eles deram o último prazo para sair até o final de junho e tá chegando.

Mesmo na pandemia nós continuamos com nossas atividades, bem recuados e com uso de máscaras, nós sempre fazíamos reuniões no acampamento e os próprios dirigentes achavam que não era vantagem nenhuma ficar fazendo certas atividades né, e por isso, ficou parado por um tempo, durante os dois anos e só no final do ano passado fizemos essa atividade aqui. A pandemia diminuiu bastante nossas atividades.

Só agora que voltamos para esse acampamento que consegui plantar alguma coisinha ou outra. Plantamos feijão, mandioca, abóbora, teve um pessoal que plantou melancia, o duro é se tiver a reintegração de posse porque vai ficar tudo aí perdido. O que já produziu nós aproveitamos, foi pouquinho coisa, mas, deu para encher a barriga do povo.

Aqui, hoje, tem pessoas de todas as idades, tem gente de mais idade, talvez não com uma idade igual à minha, mas tem gente com mais de 60. Eu acho que deve ter uma meia dúzia com mais de 60 anos. Tem bastante adultos não tão de idade, tem os jovens e até a criançada que acompanha as famílias. Acho que a maior parte dos de mais idade como eu e Dona Rosa, querem garantir a terra não só para si mesmo, mas para trazer a família, um filho ou neto que ainda não tem um lote. Não tem como eu falar por todos, mas acho que é por isso que muitos estão aqui.

O que eu posso te dizer sobre a estrutura do acampamento é que o daqui onde acontece as atividades a estrutura é bem carente e temos que trabalhar cada um pra si pra poder ganhar o pão de cada dia porque não vem cesta básica, não tem energia, a água é que nem ela falou, é uma água de mina. Por conta disso ficou combinado que a gente ia vir só durante o final de semana, nos domingos, as várias vezes fazemos almoço comunitário, trazemos teatro para apresentação aqui, teve atividade do Dia das Mães, teve festinha para as crianças e fazemos sempre aqui para poder reunir o povo e não desanimar da luta. É um jeito de manter todos animados na luta e é mais nos dias de domingo que isso acontece.

Aqui nós também não temos muito custos, porque não tem estrutura, só as barracas mesmo. No acampamento de base nós dividimos as despesas entre todos, água e luz. Esse mês nós pagamos 19,90 de energia cada um. Lá tem água porque nós fizemos um poço comunitário.

Eu tenho esse sonho e se a terra sair até o ano que vem, o ano que vem é 2023 né, eu vou para 83 anos, mas eu acredito que ainda tenho força para cuidar dos 1000 pés de café. Eu mesmo vou plantar, as mudas já estão feitas, mas acho que elas não vão servir, porque vão tá crescidas demais até sair essas terras, eu faço outras para quando

me mudar para o lote. Eu tenho café no meu quintal, ontem mesmo eu limpei e consegui tirar 16 litros de café.

Apesar da idade, eu acho que não tenho tantas dificuldades de estar no acampamento, pois graças a Deus a gente ainda está tendo condições de colocar combustível no carro e vir para cá. E assim vamos indo revezando os carros e dividindo o combustível. No dia que um não pode vir, vem outro no lugar, só não pode desanimar, um vai ajudando o outro. Não tenho tanta dificuldade, mesmo pela idade, não tenho dificuldades, sou uma pessoa independente, eu mesmo dirijo e venho até o acampamento. Além das atividades do acampamento eu ainda trabalho com máquina motoniveladora de um cara lá de Pirapozinho.

Por enquanto não vejo tantas dificuldades em relação a ser de idade, eu subo escada e vivo em cima de telhado, se precisar faço até bico de pedreiro e de carpinteiro, faço de tudo ainda. Tem uma mulher que falou assim pra mim: - “Vem aqui ver o porquê que minha laje tá manchando por baixo”. Eu subi lá e mexi na calha, tirei a telha da calha e falei: - “Oh, essa telha você vai ter que mandar o calheiro trocar porque ela tá enchendo de água, tá enferrujando e com lugar em que já tá passando água pela laje”. A mulher coçou a cabeça e me escutou. Resolvi o problema dela (risos).

A minha opinião é que tanto faz envelhecer no sítio ou na cidade, isso vai depender de pessoa para pessoa. Acho que estar bem na velhice depende de cada um né, é viver normal e o dia a dia. Porque muitas vezes as pessoas se prejudicam a si mesmo. Eu fumava, mas larguei de fumar em 1981 e lembro até o dia. Eu larguei de fumar no dia 9 de outubro de 1981. E eu nunca coloquei uma gota de álcool na minha boca. Não fui uma pessoa que consumiu álcool. Nunca gostei de embriagar e, também, nunca fiquei bêbado. Eu acho que isso aí prejudica as pessoas e vai diminuindo os dias de vida de quem bebe e fuma. Cigarro mata. Todo mundo sabe que cigarro mata.

Eu fui perceber que estava ficando velho só pelo calendário mesmo. Eu só senti os anos se passando e a idade aumentando. Eu não me sinto uma pessoa velha, só sinto o calendário passar. Em 1982, eu vou contar um caso que você vai dar risada (risos). Em 1982 nós estávamos trabalhando num loteamento no João Paulo II, lá em Presidente Prudente, você deve conhecer esse lugar. Aí, teve um colega meu que chegou em mim e falou: - “É companheiro, você tá magro hein”. E depois pegou no meu pescoço e puxou, e ele viu que a minha pele não estava tão enrugada e digo para você que até hoje está do mesmo jeito, não mudou muita coisa na minha pele. (risos)

Eu acho que a pessoa envelhece com o passar dos anos é que quando ela percebe que está ficando mais velha. Cada dia que passa você sente que tá aumentando

a idade e assim que é a vida, todo mundo vai envelhecer um dia. Dá 50, e 60, dá 70, dá 80 e quando chegar perto dos 90 não tem como não falar que estou velho.

Um ponto positivo e um ponto negativo da velhice? Ah! Uma coisa ruim de ser mais velho é que a gente tem aquela certeza de que tá chegando o dia da partida, pois quanto mais dias passa menos dias está faltando. Eu penso que essa é a parte ruim da velhice, nós ficamos mais próximos da morte. Uma coisa boa que vou levar dessa vida comigo é a gente ser amigo de todo mundo, não pode ter inimigos e nem ficar se escondendo do fulano ou ciclano, você tem que ser amigo de todo mundo e isso aí eu sou. Eu tenho amigos espalhados por todo lado. Eu acho que isso é uma coisa importante na história de um homem e de um ser humano.

O que me mantém firme neste acampamento e na luta é aquela alegria e o sonho de ter a terra. Nós estamos aguardando e esperando que não demore mais anos, porque quando sair a terra nós vamos construir a casa e ter nossas criações e plantações. Eu já falei para o meu filho que a nossa casa sou eu quem vai construir, mesmo com essa idade eu faço questão de fazer a minha casa e a dele. Já brinquei com ele que vou ser o pedreiro (risos). Então, o que move todos nós aqui é a alegria da luta e o sonho de ter a terra e a tranquilidade do sítio. É uma alegria ser companheiro de todo mundo que está aqui acampado ou na atividade, é bom quando a gente é amigo de todo mundo e todo mundo são nossos amigos, é uma coisa muito boa quando todos se dão bem. Aqui todo mundo se ajuda e o que puder fazer para ajudar o próximo eu faço.

Eu sempre digo que o MST é fundamental para manter o povo animado. Agora não estamos podendo fazer muita coisa devido as dificuldades da pandemia. De início a gente até recebia umas cestas básicas, mas hoje em dia não está tendo mais essas coisas e o movimento não tem aquele poder aquisitivo para ajudar nisso, né. Eu não tenho muitas coisas do que reclamar do movimento, os nossos dirigentes são sempre parceiros da gente e a lei do acampamento é essa, manter a luta para colocar o povo na terra. A vontade do movimento é ver o povo assentado, mas muitas vezes não depende só dele, depende de outros setores, tipo o governo e o estado, depende da vontade deles também.

Eu acho que essa lei não vai acabar, eles podem até bagunçar, mas não tem jeito de acabar. Não tem para onde ir, ela tem que continuar, não pode acabar, pois se acabar o povo morre. Oh, meu filho! Dentro da cidade o povo mora dentro de buraco. O povo mora dentro de uma buraqueira que a chuva vem e mata tudo, eu vejo na televisão. Tem outros que vai trepando uma casa em cima da outra e mora lá em cima daqueles

morros, porque não tem onde morar na cidade. Sempre vejo aquelas casas caindo dos barrancos e os prédios tudo indo abaixo, desmontando tudo.

Então, se esse povo que não tem onde morar estivesse nas roças estaria tranquilo e só morreria na hora que Deus chamar. Viveriam sossegados e de boa, mexendo com a terra e plantando, se chega uma visita vai lá e pega as coisas no quintal para fazer as comidas. Se precisar fazer uma sopa vai lá no terreno e faz um frango, num instantinho mata e prepara. Já na cidade você tem que recorrer ao mercado. Eu gosto de roça, roça é outra vida. Eu morei por muito tempo na roça e só mudei para a cidade por causa da doença do finado meu pai, se não, não tinha mudado e estaria na roça até hoje.

Pontos brilhantes na narrativa de Sr. Cedro

Ah! Uma coisa ruim de ser mais velho é que a gente tem aquela certeza de que tá chegando o dia da partida, pois quanto mais dia passa, menos dias está faltando. Eu penso que essa é a parte ruim da velhice, porque ficamos mais próximos da morte (Sr. Cedro - 81 anos - Acampamento Gercina Mendes/maio de 2022).

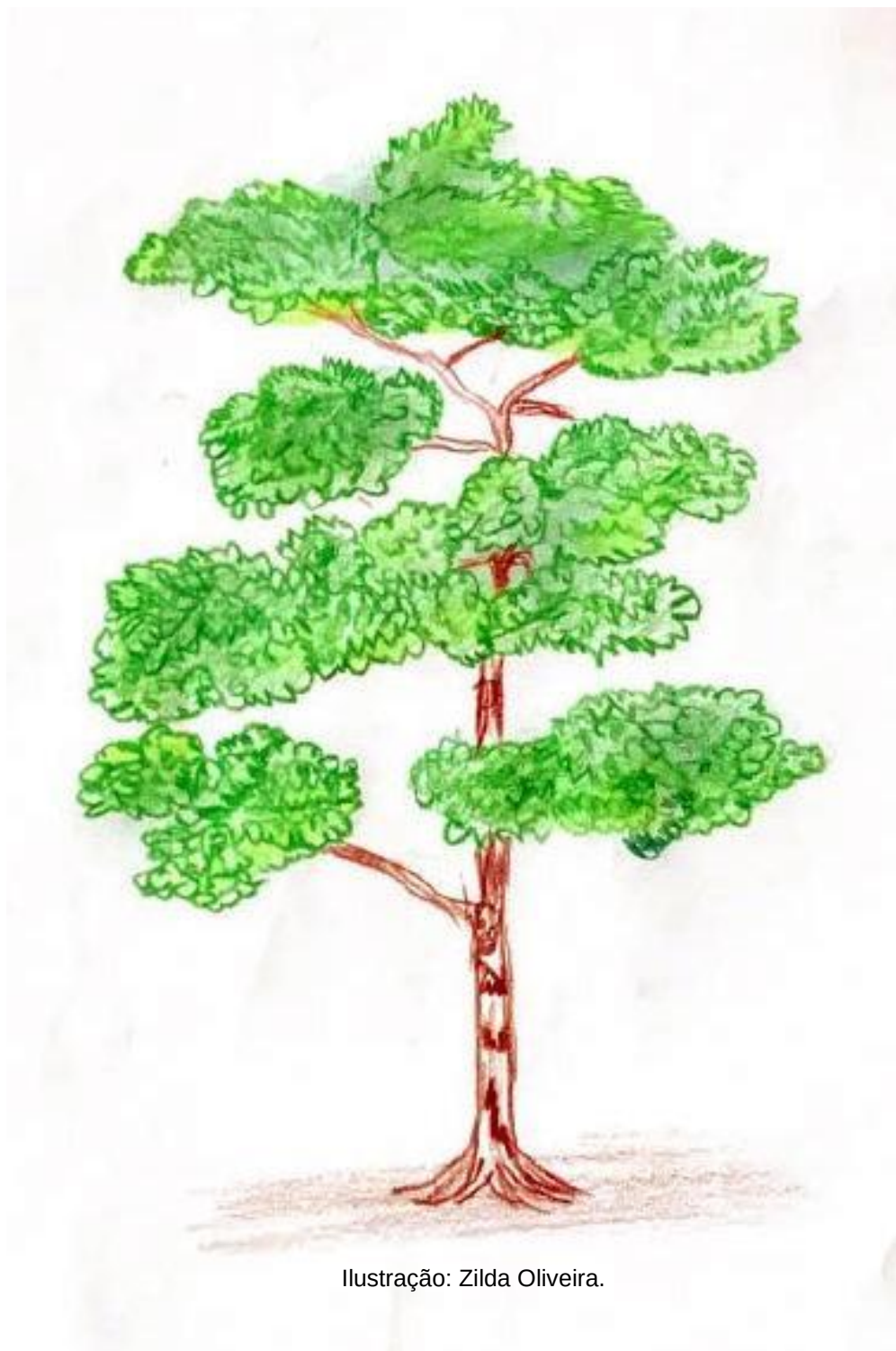


Ilustração: Zilda Oliveira.

Conheci o Sr. Cedro na atividade do MST no acampamento Gercina Mendes em uma manhã fria de maio de 2022. Ele esteve presente durante uma entrevista com D. Rosa, inclusive preenchendo lacunas de informações e dados, e se dispôs a se voluntariar para nossa pesquisa de campo.

Cedro é um senhor branco alto, de bigode e cabelos grisalhos e dono de uma memória primorosa no auge dos seus 81 anos. Nascido e criado em Anhumas (SP), casou-se por duas vezes e teve quatro filhos, do qual um está envolvido no processo de luta pela terra. Um dos motivos de Cedro ter permanecido no acampamento foi a conquista de terras para o filho, revelada numa luta familiar.

As memórias de Cedro são reconstruídas com bastante precisão em termos de datas, lugares e pessoas. Suas lembranças são claras e cheias de detalhes, remontando à sua infância em Anhumas com sua família. Um fato marcante é uma recordação dos acontecimentos históricos relacionados ao seu avô, que lia o jornal diário e disse que a Segunda Guerra Mundial havia acabado. Cedro, que tinha 5 anos na época, lembrava-se dessa cena com muitos detalhes.

Ao contrário de outras memórias de infância, a do Sr. Cedro são notavelmente precisas, ele descreve as dificuldades de sua trajetória escolar no meio rural nas décadas de 40 e 50. O entrevistado conta o desconforto em andar 4 quilômetros diariamente para chegar à escola, pois naquele tempo não havia meios de transporte que o levasse até o local. Por conta disso, recorda-se também do sofrimento em ter que se deslocar a pé para todos os lugares. Estudou até os 13 anos, conseguindo concluir o ensino primário.

Cedro descreve como sua trajetória profissional está vinculada à sua infância, demonstrando os inúmeros problemas de ser uma criança pobre do campo nos anos 1950. As memórias indicam que apesar de todo esforço da sociedade e do Estado em preservar a criança e o adolescente, naquela época não havia uma ideia da separação da infância e do trabalho no mundo adulto. Assim como o Sr. Cedro que teve sua vida laboral iniciada aos 7 anos, os demais recordadores também são inseridos por suas famílias no mundo do trabalho ainda na infância.

Sobre as memórias familiares, o recordador conta como a morte do pai afetou sua trajetória familiar e profissional. Por ser o filho mais velho e solteiro naquele momento, esse incidente fez com que Cedro assumisse a responsabilidade da casa e da família, fazendo uma transição para a vida adulta. Esta memória também remonta a saída de Cedro e sua família do campo para a cidade, período que ele aprendeu novos ofícios nos ramos da construção civil, carpintaria e terraplanagem, sua profissão de registro na carteira.

O Sr. Cedro conheceu o movimento de luta pela terra em 2009, quando ainda residia em Sandovalina, ao participar de atividades a convite do MST teve a certeza de que a terra seria o lugar de moradia e de trabalho. Ele conta que naquele momento passava por inúmeras dificuldades em relação ao aluguel e manutenção da família na cidade, e a adesão ao movimento ampliou seu campo de possibilidades de vida.

Assim como D. Rosa, Cedro tem sua trajetória no movimento e na conquista da terra interrompida por acontecimentos familiares. A doença da esposa significou que o entrevistado teve que deixar as atividades de luta para dedicar-se exclusivamente aos cuidados de saúde da cônjuge. Nesse período, um grupo do qual Cedro fez parte foi assentado na terra, mas por causa de sua família, ele não conseguiu realizar esse sonho. Em 2018, dois anos após a morte de sua esposa, o recordador voltou ao MST para lutar pela tão sonhada terra e oferecer uma vida mais digna ao filho que não tem residência fixa.

Em sua memória, a ligação com a terra é reacendida quando o recordador traça seu futuro no assentamento. Cedro conta que, assim que entrar no lote, a primeira coisa que irá fazer é plantar todas as mudas que havia preparado até então. Seu desejo é ocupar todo o espaço da terra por meio da agricultura, e sonha em plantar mais de 1.000 pés de café nas terras do assentamento. Pensando nisso, Cedro idealiza uma vida baseada no trabalho familiar e na reprodução da terra. No acampamento, ele é uma das pessoas mais produtivas da área, cultivando feijão, mandioca, abóbora, milho e outras culturas. Tudo é colhido para consumo das famílias do acampamento,

O envelhecimento é visto como um processo natural para o Sr. Cedro. Para ele, o ato de envelhecer pressupõe uma responsabilidade individual e social, no qual o acesso a oportunidades nos campos da saúde, da renda, do trabalho e do lazer podem influenciar em boas ou más experiências de envelhecimento. Além de uma questão individual, o Estado também tem responsabilidade com as pessoas em processo de envelhecimento por meio de suas políticas de saúde, lazer e proteção social. No entanto, ao comparar o avanço da idade com o declínio, ele estabelece uma relação entre envelhecimento e morte.

Em suma, a luta pela terra se posiciona como uma possibilidade transformadora de reencontro dessas famílias na terra. Com a história de vida de Sr. Cedro, podemos aprender que apesar dos cenários de crises e disparidades econômicas, muitas vezes aprofundadas nas condições de vida dos pobres do campo, ainda é possível pensar em outras formas de velhice que ultrapassam o modelo capitalista de envelhecimento bem-sucedido. Os idosos acampados e assentados mostram que é possível envelhecer bem

e com dignidade através de uma relação mais próxima com a terra, a autonomia do trabalho familiar e a natureza.

Me chamo Ipê e estou com 67 anos hoje. Eu nasci no estado do Sergipe, numa cidadezinha chamada Nossa Senhora das Dores. Eu tenho 3 filhos e sou viúva. Quando saí do Sergipe eu tinha mais ou menos 3 anos, eu era bem pequena, só que me lembro de muitas coisas, naquele tempo parecia que as pessoas tinham uma mente melhor para gravar as coisas.

Lá em Sergipe nós morávamos todos em sítio. Num sítio que era do meu avô por parte de pai. Ele trabalhava com farinha e mexia com farinheira. O negócio dele era plantar mandioca para depois transformar em farinha. Ele gostava de mexer também com essas plantas que dá em ramas, que nem alfafa, feijão de vara e milho, porque era o que dava para todo mundo se alimentar. As criações eu lembro que minha avó criava muitos cabritos, carneiros e esses animais que servia somente para a alimentação, isso aí eu me lembro muito bem.

Outra coisa que lembro dos tempos de lá é o jeito que o povo fazia as casas. As casas eram feitas todas com barro, depois pegava aquelas varinhas de pau e assentava para segurar a casa em pé. Eu lembro que era tudo desse jeito, pegava as varetas de pau e depois completava com barro e todo mundo morava desse jeito.

Já a água era buscada em mina, de mina não, como é que fala? Água de fonte, no Norte, chamava fonte e não era mina. Então, a gente tinha que carregar a água naqueles potes que até hoje eu me lembro. A minha mãe mesmo era a que mais buscava e mesmo a gente tudo pequeno tinha que acompanhá-la até a fonte, e rapaz, pensa na distância de um lugar longe. A gente fazia aqueles potes redondos, acho que você nem sonha como é isso (risos).

Você já viu aquelas casinhas de marimondo, que são feitas de barro também, era mais ou menos desse jeito as casinhas por lá. O povo não faz nem ideia de como era, mas todo mundo vivia assim e hoje o povo faz pouco-caso dos mais velhos, mas eles ensinavam muitas coisas. Sabe aquele barro das casinhas do marimondo, feito de terra, o povo mais antigo usava para tratar da caxumba. Eu me lembro de muita coisa do norte e o que lembro é que era uma vida sofrida. O meu pai casou mas morava de favor nas terras do meu avô, tinha que trabalhar a semana toda para poder sustentar a família e naquele tempo não era como hoje em que a pessoa só tinha um filho, meus pais tiveram 3, mas meus avós tiveram 4, 5 ou 6, tiveram muito mais. Sei que era uma vida muito sofrida porque tinha que trabalhar por dia para que no fim de semana tivesse dinheiro para comprar os mantimentos que precisasse, né.

Nós éramos 3 irmãos e quando meu pai veio para São Paulo trouxe todos nós juntos. Minha irmã mais velha tinha 6 anos quando chegamos no estado de São Paulo e eu tinha 5 e meu irmão mais novo 3 anos. Quando viemos para São Paulo chegamos direto nesse abençoado Mirante (*risos*). Nós chegamos numa fazenda de um homem que era sobrinho da minha avó lá no Sergipe, ele tinha terra aqui e nós viemos para cá. Me lembro que o primeiro lugar que chegamos chamava Água da Prata.

Na época em que nós chegamos era um frio e até as lãs do algodão em que a gente trabalhava, congelava de tanto frio. Era muito frio. Nós sofremos muito, porque ficamos muito tempo, acampados no que é dos outros até arrumar um sítio para a gente mudar e poder trabalhar. A gente trabalhava junto com meu pai para ganhar por dia e naquela época nós nem sabíamos o que significava um estudo, nem escola e nem nada, porque meu pai e minha mãe também nunca estudaram. Nós estudamos muito pouco e só entrei na escola com 6 para 7 anos de idade, era muito difícil naquele tempo. Como te disse, nós chegamos bem pequenos aqui e foi aí que começou toda essa luta.

A vida toda foi esse sofrimento de ficar morando no sítio dos outros, aí trabalhava, plantava e pagava só a renda para poder sobreviver. A gente não tinha o costume de comprar essas coisas boas ou ter algum tipo de luxo, pois tudo que a gente consumia era tirado diretamente da terra, era um alimento ou outro, uma galinha, um ovo e era isso que a gente comia, essas coisas que a gente consegue plantar e criar no sítio. Era muito sofrimento mesmo, desde pequena eu lembro desse tempo difícil aqui em São Paulo e graças a Deus eu agradeço de ter chegado nessa idade, é muito bom.

Eu não me arrependo de quase nada nessa vida, faz 4 anos que meu pai faleceu e eu cuidei dele até o momento que ele se foi, graças a Deus, não o abandonei. Filho! Te digo que apesar da vida do campo ter os seus sofrimentos, é uma vida muito boa, tenho só lembranças felizes da época que morei na roça. É igual quando falei para as minhas filhas sobre as chances de vir para essas terras devolutas, decidi que era o que tinha que ser feito, pois a vida toda nós moramos no que era do outro e isso era muito ruim, porque você não podia fazer uma casinha melhor, você não podia arrumar nada porque aquilo ali não era seu. Você só morava e trabalhava ali para pagar a renda e não sobrava quase nada.

Bom! Pelo que me lembro desde os 7 anos nós já íamos todos para a roça, todo mundo tinha que tá ajudando em alguma coisa, eram duas mulheres e um menino, então não tinha para onde correr. Infelizmente, a minha mãe faleceu quando a gente era pequeno ainda e acabamos ficando sem mãe, mesmo assim nós nunca deixamos de trabalhar. A gente ia trabalhar e eu voltava para casa e pegava aquelas panelas para

fazer a comida, pois quando dava 10 horas tinha que tá no caminho para levar para quem estava trabalhando, no caso era o meu pai e um tio que morou junto com a gente por muitos anos. Então, eu era pequena e já tinha que fazer aquilo, já tinha aquela responsabilidade de cozinhar e de cuidar da casa, fui crescendo desse jeito e tô nessa até hoje.

Eu sou uma pessoa que já trabalhou em tudo que você imaginar nessa vida. Já trabalhei com enxada, trabalhei arrancando mato, tombando terra e mexendo com animal, todas essas coisas eu fiz. Eu até brinco com as minhas filhas que os meus netos já não sabem lidar com a terra como na minha época. Sempre falo a eles: - *“Esses meninos nunca pegaram numa enxada. Tem que ensinar, onde já se viu um menino desse tamanho não saber mexer na enxada”*. Aí eu sempre digo que vou ensinar eles.

Bom! Se for para plantar essas coisas que tem semente, feijão, amendoim, milho e mandioca, isso aí eu sei de cor e ninguém precisa me ensinar, porque isso aí eu sei desde pequena. Daí para frente, como diz a história, eu tive que carregar água na cabeça, lavar roupa em mina, correr atrás de boi no meio do posto, isso tudo eu já fiz para seguir a vida. Hoje em dia eu moro em Mirante, na cidade mesmo, moro numa casa que era do meu pai e ele deixou para mim.

Como eu conheci a luta e o acampamento? Ah sim! [*suspiro*] Há muitos anos o meu genro acampou e mostrou para a gente que era possível conseguir a terra através desse movimento. A família dele entrou no assentamento a partir dessa luta. E essa menina que tá comigo aqui hoje falou: - *“Mãe! Eu não vou atrás de sítio, não. Eu tenho medo de cobra”*. Aí, esse meu genro foi indo e desanimou, largou dela, foi-se embora e nós ficamos por aqui. Depois disso, sempre que eu via essas terras ou se eu ia nos assentamentos já me imaginava realizando o sonho de ter a minha própria terra com as minhas plantações e minha casinha.

Eu sei que não é fácil você entrar num mato destes e sem nada para começar, mas, também você não é obrigado a fazer tudo de uma vez. Você vai fazendo aos poucos, né. Eu penso que o bom de ter o próprio pedaço de terra é que você pode fazer as coisas como quiser, pode construir a casa do jeitinho que gosta, pode ter um pomar e fazer o que quiser. Agora se você mora no que é dos outros é ruim porque você não pode plantar nada, é ruim pois você não mora no que é seu. Se eu tivesse no sítio hoje cuidaria daquela terra e sairia plantando de tudo, ajeitando as coisas que precisam e cuidaria da horta e das criações.

Bom, eu fiquei sabendo desse acampamento aqui por causa da minha neta que se juntou com um rapazinho que tinha um lote no assentamento daqui de Mirante. Aí, um

dia fui com ela conhecer o assentamento dele e achei muito bonito e bem cuidado, gostei que tinha bastante árvores, umas grandonas que já foram plantadas há muito tempo e fazia sombra para o povo.

Naquele momento da visita ele percebeu que eu fiquei encantada com o assentamento e comentou comigo que tinha um acampamento perto que daria para entrar para conseguir a terra, pois tinha esse resto da fazenda que foi comprovado como terra devoluta. Na hora eu gostei da ideia porque sabia que era um acampamento perto e daria para eu ir sempre na cidade por causa da minha casa, se fosse longe já me desanimaria, por conta da distância.

Um dia eu conversei com ele e pedi para me trazer no acampamento, nós montamos num carrinho velho que a gente tinha e viemos para cá. Quando nós chegamos nesse acampamento eu fui ver que a luta era séria e fiquei um pouco assustada com o sofrimento do povo vivendo nessas barracas. Nós conversamos com uma senhora que tomava conta e ela falou para a gente que tinha um barraco vazio e que se a gente quisesse era só entrar e ajeitar ele para ficar. Aí na hora falei para o marido da minha neta: - *“Filho! Você quer? Se quiser, eu te ajudo e dou uma força para você. Aí, eu te ajudo”*. Na hora a gente se apoiou e estamos aqui até hoje. Esse menino sempre foi doido para pegar um sítio para ele, porque lá onde mora é dos irmãos e não vai ficar uma coisa para ele. O rapaz é muito trabalhador, ele hoje trabalha na usina e ainda ajuda bastante a família, mexe no pasto e com os bichos, mas ele sempre quis ter algo para ele.

Apesar da idade que estou hoje, eu ainda consigo dar uma forcinha para eles. Quando viemos para cá a mulher explicou para a gente como funciona o acampamento, sua organização e a importância em ter presença e participar das reuniões do movimento. Por conta disso, estamos praticamente todos os domingos participando das atividades aqui.

Eu penso que mesmo que eu não consiga pegar o terreno e ficar em definitivo na terra, eu tenho minha consciência limpa de que estou aqui lutando pelos mais novos, incentivando eles a trabalhar e fazer alguma coisa para mudar de vida. Estamos há quase dois anos nessa luta e esse é o primeiro acampamento que eu participo. Estou aqui já faz um ano e meio ou algo assim, não sei a data certinha, mas sei que viemos para cá antes da epidemia.

Ao chegar aqui a primeira coisa que fizemos foi ajeitar o nosso barraco no acampamento da base e só depois que viemos para esse aqui. Desde então nós estamos vivendo essa luta para conseguir a terra, eu consegui trazer a minha menina junto com a

gente e até ela deu o nome para o cadastro Graças a Deus tô firme e forte para dar uma força e lutar com eles.

Quando sair as terras cada um vai fazer um galpão para morar viver e o bom dessas terras é que elas são perto da cidade. Depois que a gente entrar podemos até pensar em ver um carrinho melhor, porque Deus me livre, mas a gente nunca sabe na hora de uma precisão né, aí temos um socorro.

Filho! Nós estamos nessa luta ainda por conta dessas terras que já estão dadas como devolutas e nós só estamos aguardando sair. É uma espera sofrida porque não sabemos quando vai sair, estamos esperando e pedindo para Deus abençoar que saia logo. O povo comenta que já tá ganhando, mas tem coisas ainda que não entendo, não sei o porque está demorando todo esse tempo. Eu mesma, só saio daqui quando liberarem as nossas terras.

Hoje nós estamos em mais ou menos 40 famílias cadastradas aqui no acampamento, agora o total de pessoas eu não consigo te informar, porque não vem todo mundo nos domingos, às vezes vem outras pessoas da família para garantir a presença. E aqui tem gente de tudo que é jeito, tem homem, tem mulher, jovem, criança, tem um bocado de idoso também, todo mundo participa deste sonho e dessa luta.

Nesse acampamento aqui nós não temos muita estrutura ainda porque ficamos nele mais para as reuniões e as atividades do domingo. Ainda não temos energia e a água temos que pegar numa mina ali pra baixo. Já no outro acampamento, que fica na estrada, nós temos a água que vem do poço até a caixa, também temos luz nos barracos, mas nós ainda não conseguimos puxar para o nosso poste. Infelizmente não podemos ficar a semana toda no acampamento porque todo mundo trabalha, tanto a minha filha, quanto a minha neta e o marido dela. Os meninos todos trabalham e as crianças estudam, então não tem como a gente ficar diretamente aqui, mas procuramos estar no acampamento pelo menos no final de semana para fazer as atividades do movimento.

Em relação aos alimentos, o pessoal do movimento sempre traz algumas coisinhas para a gente comer, tanto que de vez em quando o pessoal dos assentamentos mandam umas verduras e folhas para apoiar a gente. Eles também mandam arroz, feijão, óleo e essas coisas que dá para a gente se virar. Vem um pouquinho que a gente consegue dividir entre todos.

Lá no meu barraco eu fiz um fogãozinho de lenha que adoro cozinhar nele, também tenho uma mesa e um pedacinho de armário para guardar as louças e as comidas. Quando a gente vem para dormir ou ficar mais dias nós trazemos uns colchões.

A gente não deixa muito alimento aqui porque acaba estragando com essa quentura da lona.

O pessoal que tá com a gente nessa luta é tudo daqui do município de Mirante, Sandovalina e tem um pouquinho de Prudente e se tiver gente de outros lugares eu já não sei. Sei que a maioria do povo aqui é do município de Mirante.

Eu estou nessa luta por esse sonho da terra, mas as vezes bate um desânimo e uma vontade de desistir, porque passamos por muita dificuldade e sofrimento. Essa menina⁴⁴ que está aqui hoje é professora e trabalha nas creches. Ela se inscreveu várias vezes para tentar ganhar aquelas casinhas do governo lá em Mirante, mas a gente nunca conseguiu ganhar nada nesses sorteios. Ela já deu o nome várias vezes e mesmo assim nunca saiu, nem para suplência, nem nada. Até eu já tentei esse sorteio, mas antes de ter a casa do meu pai, nós nunca tivemos sorte em sair em nenhuma suplência. Aí, já tem essas duas netas, que são filhas dela, também tentaram esse sonho de ter a casa, mas não conseguiram também.

Rapaz! Para ninguém desanimar eu falei com elas que ia vir para o acampamento e ficar até sair alguma coisa para nós e se não sair a gente continua andando pra lá e pra cá (*risos*). Pelo menos aqui a gente se diverte e luta ao mesmo tempo, é gostoso vir para cá nos finais de semana, e se Deus abençoar, alguma coisa vai sair para a gente.

Sabe o porquê gosto daqui? Eu gosto daqui porque o povo é amigo e sossegado, se fosse num lugar que tivesse muita guerra ou briga eu não ficaria, pois não gosto de furdunço e nem de confusão. Graças a Deus não acontece esse tipo de coisa aqui, todo mundo é unido e ninguém nunca mexeu com a vida do outro.

O que mais me motiva a ficar nessa vida de acampamento é o sonho de pegar a terra para mim e a para eles, eu estou aqui ajudando e dando uma força. Como eu gosto da terra, eu venho para cá sempre e peço a Deus para conseguir. Se eu falar que nunca pensei em abandonar a luta, é mentira. Eu já pensei em desistir por conta das dificuldades, nós não temos um salário bom e nem um carrinho para vir para cá, muito menos dinheiro para a gasolina para nos deslocarmos.

Filho! É muito sofrimento, toda semana é um sufoco pra gente se deslocar para cá, as coisas estão cada vez mais caras, tá subindo tudo. Para mim uma grande dificuldade do acampamento é a condução para chegar até aqui, e é duro não ter um carro bom para vir pra cá, pra ajudar ainda as estradas são tudo de chão. O bom seria se tivéssemos condições e confiança para vir toda semana, mas com o preço que a gasolina está fica difícil pra gente.

⁴⁴ A filha estava nas atividades do acampamento.

Eu já falei para as minhas meninas e os meus meninos que fazer uma casinha vai ser a primeira coisa que vamos fazer quando entrarmos no sítio, tem que ter pelo menos um lugarzinho para dormir. A cozinha a gente pode fazer num barraquinho improvisado com qualquer coisa para cozinhar. Tendo um cantinho para dormir e um lugarzinho para fazer comida já está ótimo. Também já vamos plantar para ter o que comer. Vou plantar mandioca, milho, batata e tudo que dá para comer. Vamos fazer um lugar para criar galinha, porque a galinha vai dar o ovo para a gente e é mais rápido, você também pode comprar pintinhos para se virar.

Temos que começar investindo no mais básico para depois ir crescendo com o tempo, principalmente as criações e a alimentação, porque se você planta depois você tem o que comer. Sei que no começo a gente vai fazer tudo isso no braço, porque não vai ter um tratorzinho para ajudar no trabalho.

Depende muito do tempo que a gente vai ficar, mas no começo vou chamar os meninos para carpir e fazer um eito para gente plantar feijão de vara, mandioca e uma batata para a gente comer. O único problema é que os passarinhos e as seriemas acabam com a mandioca, eles vêm e arrancam tudo, mas a vida é assim mesmo, pelo menos a gente divide com a natureza (risos). Teve um homem que me contou que a seriema acabou com a horta e com a plantação de mandioca dele, então, o jeito vai ser nós dividirmos os alimentos com os animais. Teve um senhor que plantou bastante couve aqui no acampamento, depois ele ia vender, mas parece que ele descuidou um pouquinho quando ele foi olhar a horta viu que os coelhos tinham comido tudo e acabou perdendo. O feijão de vara mesmo eles comem as vagens e as folhas, então eu tenho certeza de que quando eu chegar no assentamento vou ter que dividir o alimento com os animais, porque se não ficar de olho eles comem mesmo (risos). A galinha é outra também que se a gente for criar tem que cercar a horta com grade ou tela para ela não entrar e ciscar as plantas.

Eu sei que é uma luta tudo isso que estamos passando e não é fácil, mas se tudo der certo logo vai sair essa terra para nós viver nela. Se Deus abençoar a gente vai pegar um lugar com rio perto ou ele vai abençoar com bastante chuva para a gente plantar. Quando sair essa terra eu vou encher o quintal de pés de árvores para fazer uma sombra gostosa. Na minha casa eu tenho pé de tanta coisa, pé de manga, pé de goiaba, pé de acerola e de maracujá e ainda tenho bastante mudas. É “facinho” fazer mudas, primeiro você tira um galho da própria planta e depois replanta e meses depois você vê a muda crescendo e dando frutos. Então, meu filho! É luta! Eu tenho fé em Deus que ele vai e dar saúde para ajudar eles nesse sonho.

Até agora eu não me sinto diferente dos outros por causa da idade. Graças a Deus, eu trabalho e ajudo igual a todo mundo que está aqui no acampamento, se for para dormir no chão da barraca eu durmo, se for para carpir, cavucar ou plantar eu faço também, não tenho preguiça para nada. A última vez que viemos para ficar mais dias nós tivemos que ajeitar essa barraca de novo porque essas lonas são fracas, mas foi bem de boa, lembro que colocamos um colchão no chão e dormi tranquila, eu acendi uma lâmpada de querosene para não ficar totalmente escuro, eu pego o óleo e acendo o pavio da lamparina e ficamos bem a noite inteira. E outra, para a gente que foi criada em sítio meu filho, não tem dificuldades para lidar com a terra. Hoje em dia tem pessoas que falam: - “Deus me livre! Eu vou para a terra ou morar no sítio”. Já para nós é o contrário, a terra é tudo para gente, é de onde tiramos nosso alimento e sustento. Se esse pedacinho de terra aqui da fazenda fosse meu eu já estaria aqui há muito tempo.

Se pudesse, eu ficaria mais tempo aqui com os companheiros, mas ainda tenho que resolver as coisas na cidade, essas crianças estudam ainda e o povo também trabalha, mas quase todo domingo estamos aqui no acampamento fazendo nossa parte. As vezes só vem eu e a menina, porque o povo está trabalhando e quando não venho é porque tô olhando os netos para elas irem pro serviço. Eu queria ajudar mais para um dia não eles não falarem que eu sabia da luta e não fiz nada para tentar melhorar nossas vidas. Graças a Deus, mesmo com as dificuldades eu faço o que posso por eles.

Meu filho! Se saísse essa terra hoje, amanhã mesmo eu já estaria aqui com as minhas coisas e montando meu barraco. Não ia esperar nem um dia, ia me virando com o que tem, me mudaria de vez, sem água e energia mesmo. A água eu ia buscar na mina ali embaixo e assim ia me virando. Também já ia começar a plantar minhas mudas e fazer minha hortinha. Não vejo a hora desse dia chegar, eu fico ansiosa só em pensar.

Velha, eu? (risos) Eu vou dizer uma coisa que você vai dar risada. Eu tô com a cabeça branca, mas eu não me sinto velha (risos). Mas, sim, eu me sinto mais de idade hoje e eu fui perceber que estava ficando velha por causa do meu cabelo que tava ficando branco e por conta do corpo mais cansado também. Eu sempre falo que a doença que mais pega o povo hoje em dia é [...] você sabe qual é a doença que está atacando todo mundo hoje? Você que estuda deve saber? Sabe qual é?

– Sei não. É a depressão?

Não, meu filho! A doença que o povo mais se queixa hoje é a coluna. É todo mundo, gente nova e mais velha, também. Tá todo mundo sobrecarregado por causa do problema de coluna e se ela não tiver boa não conseguimos fazer nada, dependemos dela pra tudo. Tenho um afilhado que mora pertinho da minha casa e ele gosta de jogar

bola, e ele joga bem, bola para ele é tudo. Acredita que ele tem só 14 anos e já tá fazendo fisioterapia para a coluna, a gente acha que ele caiu e não contou para ninguém, hoje em dia esses meninos aprontam e não contam para as mães. Eu acho que ele deve ter caído daquele negócio que anda assim, não lembro o nome, aquele negócio que fica em pé e tem rodinhas.

– Skate?

Isso mesmo. Qual o nome? Skate? Eu desconfio que o menino tomou uma queda e ficou com esse problema. Então, se não tiver com a coluna boa você não é nada. Teve um outro menininho que caiu no asfalto de cima desse negócio e como ele é pequeno não sentiu muito, mas a queda foi grande pelo jeito. E o meu afilhado eu acho que ele deve ter caído, não é possível que tão novo ele já esteja com esse problema na coluna.

Graças a Deus eu ainda estou boa. Eu sinto um pouco de dor nas costas por causa da coluna, mas sei que em questão de dois ou três dias que estiver trabalhando a dor some e não sinto mais nada, parece que o corpo se acostuma. Então, hoje em dia eu falo que o problema mais sério que as pessoas têm é o da coluna.

Domingo passado eu fui à casa de uma menina que tá junto com meu neto, eu falo junto porque não casaram, mas tão morando na mesma casa e o pai dela tem um sítio num assentamento ali perto de Cuiabá. Quando cheguei lá o pai dessa menina me mostrou 5 canteiros de alho que ele plantou sozinho, ele tá com 56 anos, e fez essa plantação que tá a coisa mais linda. Eu adorei ver aquilo, ainda mais que sou apaixonada por horta e na minha casa eu tenho 6 carriolas com cebolinha, alface, alho e tomatinho. O meu pé de tomatinho está lotado e todo dia eu passo veneno para não dar lagartinha nele. Nesse dia, o pai da menina do meu neto carpiu o “*meinho*” dos canteiros e eu abaixada arranquei tudinho de mão os matos, foi um trabalhão, mas como eu gosto muito de mexer com plantação eu nem senti na hora. Só pensei: - “*Semana que vem eu não vou nem conseguir levantar da cama*” (risos). Pensei nisso porque trabalhei abaixada e o corpo nessa idade que eu tô já não é a mesma coisa que antes. Até comentei com a minha neta que depois dessa trabalhadeira toda na horta eu ficaria uma semana de cama. E brinquei com ela: - “*Quer fazer as unhas, vamos mexer na terra lá nos canteiros de alho*” (risos).

Meu filho! Pensa numa horta linda de se ver. Ele plantou 5 canteiros de alho e 2 de alface. Quando voltei lá eu levei umas mudas de cebolinha para ele plantar e, também, ajudei a carpir os canteiros porque o mato cresce rapidinho. Já que estava lá aproveitei e trouxe umas mudinhas de alho para plantar no meu quintal. Não sei se você sabe, mas

o alho nós plantamos na semana santa, no período da quaresma e esse ano eu plantei uma carreira de alho e tá a coisa mais linda na carriola.

Sabe por que planta alho só na quaresma? Porque eu sempre escutei dos mais velhos que a semana santa é a época certa para plantar o alho. Se você plantar na quinta feira ou na Sexta-Feira Santa pode ter certeza de que o alho vai sair muito bom e esse alho é ótimo para fazer remédio, usar nos chás. É bom para gripe e para náuseas. O alho também é bom para a dor de ouvido, você o queima com óleo Singer, pisa ele e põe numa colher junto com o óleo, depois pega um algodãozinho e sopra bem esse óleo, coloca no ouvido e pronto, rapidinho você fica bom da dor. Cura mesmo.

Eu deixo essas plantações tudo no fundo de quintal que é onde ficam os pés de árvores, lá eu tenho pé de jabuticaba, de acerola, um pé de romã que já está grande, tenho uns pés de café, um pé de limão taiti e um pé de laranja, só que ele nunca deu fruta, que às vezes me dá vontade de arrancar ele.

Todas essas coisas que eu falo e que podem me prejudicar por ficar velha é a coluna. As únicas coisas que tenho mais dificuldade de fazer por conta da idade é da coluna, por exemplo, quando tenho que abaixar para carpir ou cuidar das plantas, às vezes incomoda.

Uma coisa que eu sempre fazia e deixei de fazer por conta da idade é subir numa árvore como aquela lá, eu acho que não dou conta de subir mais não (risos). Eu tinha umas goiabeiras em casa e tinha uma vizinha que se incomodava quando as goiabas apodreciam e caíam em cima da casa dela, então eu tive que dar um jeito para resolver essa situação.

Eu já era mais velha e mesmo assim subi no pé de goiaba, peguei um facão e cortei parte dos galhos dela e ainda aproveitei a madeira como lenha para o meu fogão, pensa numa lenha boa para queimar. Quando subi no pé eu consegui ter a visão de toda a cidade de tão alto que era, cortei a maioria dos galhos e essa vizinha nunca mais encheu o saco, porque parou de cair as goiabas podre na casa dela. Quando eu fiz essa aventura devia ter uns 50 anos já e hoje em dia eu não sei se conseguiria subir numa árvore. Então, essa é uma dificuldade que tenho por causa da idade. Se você continua trabalhando é lógico que vai sentir que o seu corpo não é o mesmo de 50 anos atrás.

Uma coisa certa que um homem falou pra mim é que o travesseiro estraga as costas da pessoa, eu mesma já parei de usar travesseiro faz anos, porque a gente se deita em cima dele e depois acorda com dor nas costas na hora de levantar. Outra coisa que não dou conta por causa da idade é levantar peso, antes eu pegava um bujão de gás

sozinha, hoje em dia eu não consigo mais. A gente tem que ver que nessa idade não podemos abusar muito e fazer tanta força como antes.

Em casa eu posso dizer que o meu serviço é leve. Geralmente eu acordo cedo, levanto e vou fazer meu café, depois varro o quintal porque tenho bastante plantas e árvores que soltam folhas, também varro uma árvore que faz sombra pra gente na calçada e limpo toda a frente da casa. Depois eu vou olhar os meus canteiros, jogo água nas verduras, mexo com a minha cebolinha e vou olhar uns gados que ficam no pasto lá pertinho.

Gosto muito de mexer com a terra, faço esterco para as plantas e vou jogando terra, depois adubo e vou jogando a enxada. Não é todos os dias que é dessa forma, mas procuro trabalhar na maioria dos dias para não faltar adubo para as plantações. Como não tem muito espaço para plantar na cidade eu planto em carriola dali ou em garrafas pet e encho de terra para colocar a muda. Eu sempre estou procurando plantar alguma coisa, planto uma cebolinha, uma couve e o bom que ela fica boa desse jeito, adubo ela e depois planto na garrafa e espero um tempo para poder comer. As minhas netas chegam em casa e falam: - Vó! Quanta couve, cebolinha e alface. Que fartura! Aí, eu digo que é só elas ir à horta e pegar o tanto que quiserem e fazer uma salada. Isso é muito bom. Tirar da terra nossa própria comida, sem precisar comprar no mercado.

Esse é o meu dia a dia, eu sou uma pessoa que não consigo ficar parada, mesmo com a idade que estou procuro fazer alguma coisa. Quando acabou o meu serviço eu fui à casa da vizinha e peguei uma enxada para ajudar a fazer os canteiros para ela. Tem outra vizinha muito amiga minha que ficou viúva há pouco tempo e sempre que nos vemos vamos mexer com a terra, cavucamos, carpimos e fazemos canteiros e hortas.

Gosto muito disso, de mexer com a terra. Eu e essa amiga fizemos um monte de muda de mamão para plantar por aí. Também tenho uns pés daquelas plantas que são grudadas nos paus e todos os dias eu olho e molho uma por uma. Meu dia é assim e graças a Deus eu ainda tenho força para trabalhar e não fico parada.

Eu que vivo na cidade te digo com toda a certeza que envelhecer no sítio é muito melhor que na cidade. Sabe por quê? Porque aqui temos mais tranquilidade e sossego. Eu tenho um neto que adora som alto no carro e eu sempre falo pra ele que não vou andar arrastando minha bunda no chão nesse carro baixo e barulhento. Desculpa pela palavra (*risos*) eu não gosto de som e ele fala: - “Vó! Quando eu pegar o lote e morar no sítio vou estrondar o som que ninguém vai reclamar”. Ele fala isso por causa do espaço aberto que temos aqui, mesmo assim vai espantar a galinha e os bichos todos com essa barulheira de som (*risos*).

Eu acho que viver no sítio é bem melhor porque aqui você tem sossego e segurança. Eu gosto muito de tá mexendo com as minhas plantas e com a terra, então é uma coisa muito boa para o idoso, filho. No sítio ninguém fica parado e entrevado como na cidade. Para o idoso a melhor coisa que existe é o sítio, porque aqui você tem saúde, se quiser tomar banho tem o rio, tem as árvores e o ar mais limpo, fora o sossego. Aqui ninguém fica doente. Ali pra baixo tem uma lagoa que é a coisa mais linda, a água limpinha e boa pra refrescar. Quando minha netinha vem pra cá, ela sempre toma banho nesta lagoa e se diverte bastante com a molecada do acampamento. Então, eu acho que no sítio você tem mais saúde, na cidade eu fico muito preocupada, é só problemas.

Sabe o porquê eu gosto de viver no sítio? É por causa do sossego e da calmaria que encontramos aqui, nada paga isso. Lá na cidade, além do barulho, você sente cheiro ruim de coisa queimada, de fumaça e esgoto e é muito abafado. No sítio é tão bom para o idoso quanto para criar criança, quando amanhece você sente o cheiro bom da relva, o cheiro do mato, da terra e das árvores, é uma coisa muito boa. Minha opinião é essa, quero continuar envelhecendo no sítio porque é muito melhor que na cidade e a minha luta no acampamento é para realizar o sonho de ter a terra para viver com a minha família.

Uma coisa triste da velhice é que quando você fica idoso muitos filhos abandonam o pai e a mãe por estarem velhos, deixam eles num lugar deserto ou trancados em um asilo para não ter que cuidar, eu acho muito triste isso. Tem muitos que abandonam os pais no sítio e nem aparecem para visitar ou perguntar se os velhos tão precisando de alguma coisa. Na cidade eu também não vejo grandes diferenças em relação a esse abandono, é uma coisa que acontece tanto no sítio como na cidade.

Uma coisa boa do sítio e da velhice? Eu acho que a melhor coisa quando você está velha é ver seus filhos e sua família se preocupar e cuidar de você com carinho e com amor. Porque tanto no sítio como na cidade se você não tiver alguém para ver e conversar, você acaba entristecendo e sofrendo, porque é muito triste a pessoa trabalhar a vida toda e no momento da velhice não ter apoio ou carinho de ninguém, isso não é bom.

Nossa vida no acampamento é essa, na base de muita luta. Geralmente vem eu, minha filha e o marido da minha neta e as crianças e eu dou uma força para eles conseguirem essas terras e assim a gente vai lutando. Essa luta é muito importante não só para mim, mas para minha família, é um sonho que todos querem, e se Deus quiser ainda vamos viver nessas terras aqui. Além de realizar um sonho meu eu sou muito agradecida porque mesmo ficando velha eu estou ajudando eles a conquistar esse sonho

para eles também. Imagina se eu ficasse lá na cidade e não fosse para o acampamento, eu ia desanimá-los desse sonho e assim não.

Eu tenho uma cunhada que tenta desanimar a gente, pergunta o que a tanto fazemos no acampamento, que é sofrer à toa, que eu só ganhei dor no corpo vindo pra cá. Ela só falta me engolir (risos). Ela é solteira e nunca se casou, só ela reclama e o restante da família me apoiam nessa luta. Ela é a mais desanimada e toda vez eu brinco com ela que quando fizer um barraco no sítio, vou trazê-la para ficar um tempo comigo que ela não vai querer ir mais embora. Mesmo com esses comentários ruins sobre o movimento e acampamento, eu não desisto, porque sei o quanto a terra é importante para minha família, principalmente os mais novos que não tem casa ainda.

Gosto muito disso, meu filho. O sítio é o que sonho desde que saí do Sergipe com minha família. Igual esses dias eu acordei de madrugada e deixei uma fresta da barraca aberta e vi aquele céu todo estrelado, pensa numa coisa mais linda, céu limpinho e cheio de estrelas iluminando a gente. Eu falei: - “Meu Deus! Que coisa mais linda esse céu”. Na cidade não se encontra uma visão bonita dessas, as luzes, a poeira e a fumaça não deixam o céu ficar tão bonito. Você só vê o céu se sair no escuro. O ruim do acampamento é quando tá muito calor aqui no acampamento a gente vai tudo pra debaixo das árvores, porque se ficar debaixo da barraca você cozinha dentro de tão quente.

Pontos brilhantes na narrativa de D. Ipê

“Apesar da idade que estou hoje, eu ainda consigo dar uma forcinha para eles [...] Eu penso que mesmo que não consiga pegar o terreno e ficar em definitivo na terra, eu tenho minha consciência limpa de que estou aqui lutando pelos mais novos, incentivando eles a trabalhar e fazer alguma coisa para mudar de vida” (D. Ipê - 67 anos - Acampamento Gercina Mendes/abril de 2022).



Ilustração: Zilda Oliveira.

O encontro com D. Ipê aconteceu na manhã mais fria de 2022, quando a temperatura estava em torno de 8°. O calor se dissipou quando chegamos ao acampamento, pois avistamos uma área aberta com poucas construções, o que agravou a sensação térmica. Como proteção contra o frio, sugeri que fizéssemos a entrevista entre os espaços laterais das duas barracas, para evitar a exposição direta ao vento gelado e absorver um pouco do calor irradiado pelo sol naquela manhã. Acompanhados de várias xícaras de café, o frio marcou nossa calorosa conversa sobre a relação entre luta pela terra, envelhecimento e espaço.

Ipê é uma mulher negra de sessenta e sete anos. Ela é natural de Nossa Senhora das Dores, em Sergipe, e atua na ocupação do acampamento Gercina Mendes há quase três anos. Viúva e mãe de três filhos, mudou-se ainda criança para o estado de São Paulo, onde reconstruiu suas trajetórias pessoais e familiares.

Atualmente D. Ipê mora na zona urbana de Mirante do Paranapanema e vê a luta pela terra como uma possibilidade de mudança social em sua vida. A terra é considerada o centro de sua narrativa, aparece em vários momentos de sua história, aspecto importante da reprodução familiar na infância, da manutenção e produção de alimentos para a vida adulta, idealizada para o projeto de futuro na velhice.

O acampamento é entendido como um espaço transitório e de socialização da luta, é o lugar que dá ânimo e vontade para as famílias se manterem firmes em seus propósitos. O assentamento foi idealizado como um local para viver e replicar o trabalho na terra. Por isso, é o lugar para realizar o sonho de reprodução da família. Ipê é um exemplo de perseverança, mesmo nas condições da velhice, continua lutando por ela e pelos jovens. Sua história é uma verdadeira lição de resistência aos filhos e netos, e é ela quem dá a coesão essa luta familiar.

Quando questionada sobre o impacto do envelhecimento na luta pela terra, Ipê revelou que a idade não limita sua participação nesta jornada. Entretanto, a redução da mobilidade e das forças físicas atrapalha um pouco o seu deslocamento e vivência dentro da barraca de lona, devido a limitação do espaço e da falta de conforto. A instabilidade financeira e os deslocamentos da cidade para o acampamento também são alguns dos impasses citados em relação à luta. No entanto, o impulso para conquistar o lote é proporcional ao aumento da idade, e o sonho da vida na terra se fortalece ainda mais na velhice.

Entrar na terra e levar sua família junto é o principal projeto de vida da entrevistada no momento. Construir uma casa e uma roça será a primeira ação de D. Ipê no espaço do assentamento. Esse momento é projetado como uma retomada do vínculo

com a terra, onde a entrevistada poderá plantar todas suas mudas de plantas e árvores, cultivadas com tanto apreço para este momento.

Acampar simboliza a luta pelo sonho coletivo de vida familiar e reprodução na Terra. Nessa narrativa, a família é o ponto focal e descrito em termos de relações de afeto, é a força que mantém Ipê viva nesta jornada de conflitos e resistências, manifestada no tempo e no espaço do acampamento. As filhas, netos e os bisnetos revezam a participação da família nas atividades do acampamento.

A relação com a terra também é um momento importante na construção da narrativa de Ipê. Trata-se de conhecimento do trabalho, adquirido desde cedo, onde a entrevistada mostra-se orgulhosa por saber lidar com a enxada, semear e cultivar alimentos.

Na narrativa, a casa é o melhor suporte para a reconstrução da memória. Transformada em vários momentos de sua trajetória, é lembrada como espaço de construção do afeto entre os familiares, e símbolo do modo de vida rural sergipano, onde foram construídas casas em pau-a-pique.

Em geral, o sítio foi revisitado como local de produção e trabalho familiar, onde seu avô cultivava mandioca e depois produziria farinha com farinheira artesanal. Em suas memórias, Ipê lembra como seu avô produzia feijão, feijão de vara, alfafa e milho para o consumo familiar. A avó é rememorada com afeto, sendo descrita como uma pessoa que gostava de lidar com a terra e com os cuidados dos animais, criando carneiros, cabritos e galinhas, a base de sua alimentação familiar.

Em seu relato, Ipê explicitou que não existe idade certa para lutar por um sonho. Embora as dificuldades encontradas no processo de luta pela terra e materializadas na vivência sob as lonas da ocupação, a entrevistada enxerga o acampamento como um espaço de aprendizagem e sociabilidade, é, portanto, uma porta de entrada para viver a vida no assentamento.

A vida na terra é concebida como uma forma de realização de um projeto baseado na tranquilidade e sossego, de trabalho familiar baseado na agricultura e pecuária, de produção para o consumo familiar, autonomia de tempo e trabalho, entendidas como evidências de reprodução e resistência camponesa no assentamento.

Em nosso trabalho, a construção do conceito de campesinato supera os estereótipos que retratam os camponeses como sujeitos atrasados, desvinculados da modernidade e da sociedade. Ressaltamos que não há um modelo social teórico geral para a explicação das trajetórias e experiências desta categoria. Por este ângulo, Ferrante (2012) discute a identidade e a resistência camponesa por meio da categoria de

construção de luta, dando possibilidade em aprender o movimento real desses sujeitos pelo espaço, suas motivações e a diversidade de estratégias de reprodução no rural brasileiro.

Os sujeitos, através do habitus, têm uma forma de agir/pensar não necessariamente produzida por meio de um cálculo racional. A prática dos sujeitos não é um jogo de cartas marcadas, há sempre espaço para a transformação criadora. O campesinato possui um habitus de classe, isso não impede as variações, as heterogeneidades, a manifestação de habitus cotidianos específicos, como o habitus da luta, do enfrentamento (FERRANTE, 2012, p.5).

Portanto, evitamos estudar essa categoria a partir da lógica fatalista, pois a modernidade prevê uma extinção que eles consideram independentemente de sua historicidade, suas estratégias de luta e resistência no âmbito do Brasil rural do século XXI.

Em sua narrativa, Ipê rompe com as leituras essencialistas que compreendem o camponês através dos estigmas associados à pobreza, miséria, dependência tecnológica, baixo nível cultural e atraso. Nossa análise pressupõe que eles estão integrados em toda a sociedade, contribuindo na economia, na dimensão familiar, na produção agropecuária e na produção intelectual, ocupando diversos espaços sociais até pouco tempo negados pela lógica capitalista.

Por todos esses aspectos, as memórias reconstruídas indicam que a família foi uma dimensão importante em sua luta pela terra, o que motiva D. Ipê a acampar todos os domingos. O sonho de conquistar e libertar seus familiares da insegurança urbana e do aluguel é o que a mantém na luta.

CAPÍTULO 5 O ENVELHECIMENTO DO SER NO
ESPAÇO: CONSTRUINDO MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS
ESPACIAIS NAS RELAÇÕES ENTRE O CORPO, A
CASA, O LOTE E A TERRA

Em sua obra Bosi discute como os sujeitos constroem distintas relações com o espaço de acordo com o contexto socioespacial em que vivem. No caso dos idosos entrevistados em nosso trabalho essa relação se estabelece de maneira mais próxima a partir da casa e do lote, sistemas de objetos necessários para a reprodução desses sujeitos na terra.

O lote evoca a relação mais íntima com a terra, é o espaço de produção de alimentos, de criação de animais e de construção de saberes ligados à uma dimensão produtiva. A casa aparece como um elemento central em todas as narrativas autobiográficas, expressando um lugar de acolhimento familiar, de refúgio, sossego e tranquilidade.

A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções (BOSI, 2004, p.435).

A casa por excelência é o primeiro espaço das memórias da infância, é o local onde são construídas as primeiras relações afetivas, integradas no imaginário infantil com outros espaços como o quintal, parte da rua e o bairro (BOSI, 2004). Na narrativa de D. Ipê a casa é o espaço de recordação de sua infância pobre no interior do Sergipe.

A casa foi um dos suportes encontrados pela recordadora lembrar-se das relações familiares, do seu modo de vida e do estilo arquitetônico em que as casas da região eram construídas na época. Em sua memória, a casa de pau a pique é o espaço de recordação de sua infância que evoca situações de pobreza e precariedade, mas também é evocada como espaço de construção de relações e encontros familiares.

Em sua memória D. Ipê descreve o fazer-se das casas estilo pau a pique e sua estrutura, traz as brincadeiras realizadas no entorno das casas e relata a vida na roça, como trabalhavam e o que plantavam. Nesta narrativa a casa é compreendida como o espaço de recordação da vida em tempos e espaços anteriores.

Ipê trabalha desde os 7 anos de idade e é um dos exemplos em que a memória da infância aflora com maior intensidade, consegue recordar-se do trabalho na roça e que produziam na terra alimentos para o consumo familiar.

As trajetórias de migração pelo espaço constroem outras percepções em dos sujeitos em relação a dimensão da casa como um espaço de memórias. O montar e desmontar das casas e a reconstrução das vidas em um novo lugar remontam outra relação espacial e afetiva dos sujeitos com a casa.

A casa que o Sr. Oiti construiu em seu lote representa um espaço de recordações, é o local onde viveu com sua esposa e criou seus filhos.

Os sujeitos descrevem como o trabalho na terra altera o espaço e a paisagem do assentamento, desde a implantação até o presente. Remoção de vegetação para delimitação de lotes, construção de casas, lavouras e estruturas de produção relacionadas à pecuária são as principais mudanças dentro do assentamento. Em relação ao entorno, os idosos observaram que a expansão das usinas sucroalcooleiras na região mudou a paisagem em função do agronegócio canavieiro. Em um de seus fragmentos de memória, D. Aroeira esboça grandes mudanças no espaço e na paisagem local ao longo do tempo.

Em suas memórias, os idosos descreveram sua chegada ao assentamento como um momento de instabilidade, com dificuldades agravadas pela falta de infraestrutura básica para se estabelecerem na área. O início desta nova fase é um dos destaques do Sr. Quando Palmeira pôs os pés nas terras de Água Sumida, a sua primeira memória foi do matagal e das árvores da Leiteira, que se espalharam por toda a área do assentamento. Ainda não tinham moradias construídas e nem cana-de-açúcar ao redor, tão marcantes hoje.

Lutas, enfrentamentos e resistências são palavras marcantes nas falas dos idosos sobre o início no assentamento. Esse momento crucial em suas trajetórias é caracterizado por muitos impasses e incertezas em relação ao futuro e a permanência na terra. As lembranças sobre a vida no assentamento vêm acompanhadas de indignação e revolta devido à falta de apoio em relação a oferta de água, energia e infraestrutura necessária que garantisse o mínimo da qualidade de vida. Em sua memória, o Sr. Palmeira demonstra sentimentos de humilhação aos primeiros momentos no lote, em que se sentia tratado como um “bicho” pelas condições degradantes e ruins em que estava inserido.

D. Primavera reitera a descrição de Palmeira dos primeiros anos difíceis no assentamento. Uma vez em seus lotes, essas famílias enfrentam muitos desafios em função da falta de moradia, do acesso a água, a energia elétrica e da infraestrutura viária.

Com o acesso ao lote, a luta pela cidadania e pela permanência na terra se amplia, os assentados se viram em um ambiente abandonado pelo Estado, e por meio de tensões e disputas, desenvolveram muitas estratégias de resistência para sobreviver no projeto e se manterem firmes na terra.

Os assentados modificaram os espaços e a paisagem do assentamento de acordo com o ambiente construído, espacializando suas casas e lotes, e ampliando as áreas de

produção para agricultura e pecuária, materializada pelo plantio de hortas, criação de roças e de mangueiras para retirada do leite. Ao longo do tempo, a paisagem da antiga fazenda foi substituída por um novo espaço baseado numa relação mais íntima entre os sujeitos e a terra que foi dinamizada pelo trabalho das famílias assentadas.

As principais transformações no espaço se deram em função das atividades ligadas ao agronegócio canavieiro, que modificou a paisagem rural em função da cana. Os recordadores relatam que no passado não existia tanta cana no entorno e dentro do assentamento. Antes do período de fortalecimento dos arrendamentos da cana, os usos da terra giravam em torno da criação de gado extensiva e da produção do algodão e da soja, nos tempos da antiga fazenda, anterior à constituição do assentamento (Silva e Feliciano, 2015).

Figura 13. Transformação dos lotes no assentamento em 1990.



Fonte: Acervo pessoal da família Caminhoto (2022).

Ao abordarmos a questão do envelhecimento do espaço verificamos que as principais mudanças se deram na organização doméstica e produtiva dos lotes, alterando a paisagem local, por meio da construção e expansão das casas e da organização dos quintais; das atividades produtivas relacionadas à agricultura e a pecuária (construção de hortas; das mangueiras e dos pastos). Essa dinâmica também envolve a transformação

dos equipamentos de uso coletivo na Água Sumida, tais como a escola, o posto de saúde, o salão comunitário e as igrejas. Neste sentido, entendemos que as ações dos sujeitos no espaço dinamizaram os objetos e as ações no assentamento, promovendo uma transformação.

Figura 14. Espaços de uso coletivo no assentamento (Posto de Saúde e Barracão Comunitário).



Fonte: Trabalho de campo abril/2022.

Os idosos apontaram que uma das principais estratégias de manutenção das famílias no assentamento é o arrendamento de parte do lote para as produções de amendoim e mandioca em troca da reforma no pasto, para a criação bovina e produção do leite.

Figura 15. Pecuária leiteira no lote de D. Primavera.



Fonte: Trabalho de campo em julho de 2021.

Outro ponto observado foi a crescente na venda das benfeitorias nos lotes. De acordo com os entrevistados, esse processo ocorre por inúmeros motivos, desde a origem e perfil das famílias, a falta de aptidão para o trabalho rural, ausência de infraestrutura, sucessão familiar e a falta de mão-de-obra no lote, solidão e velhice.

5.1 Memória da Terra

Quando nos referimos à memória da terra, estamos pensando sobre as relações e os vínculos que os idosos estabelecem com esse domínio ligado a sua reprodução no campo. Para dar conta desse tema realizamos um trabalho de reconstrução considerando a totalidade histórica dos sujeitos, suas lembranças da infância, a sua origem familiar, vida pessoal, sua trajetória profissional entre outros elementos. Nosso objetivo foi produzir dados para compreender como a terra aparece pela primeira vez na vida dos sujeitos e de que maneira ela permanece em seus horizontes.

Todos os idosos entrevistados neste trabalho nasceram e foram criados no campo. A origem e a trajetória de vida, familiar e de trabalho no rural é o vínculo que aproxima as memórias reconstruídas. A dimensão do rural e a reprodução dos sujeitos na terra foram os pontos de partida e de chegada para verificarmos de que maneira o espaço pode impactar de maneira positiva ou negativa a trajetória de vida e as experiências de envelhecimento em áreas de acampamento e de assentamento rural.

Nas memórias discutidas neste capítulo, localizamos o momento crucial em que os recordadores decidiram se aventurar nessa jornada árdua e conflituosa que é lutar por reforma agrária no Brasil. Descrevemos as motivações dessa jornada, perpassando os impasses e bloqueios, como também as resistências e as conquistas desse processo por reconhecimento de direitos. A pesquisa de campo nos permitiu conhecer os idosos em seus contextos espaciais, além de entender o cotidiano e a organização do seu modo de vida em áreas rurais.

Em algumas narrativas a terra manifesta-se como o vínculo que une as famílias que se desagregaram nos contextos da urbanização e migração, e se reconstruíram nos lotes do assentamento. A terra é o cerne na vida desses idosos, foi a razão que os levou a se arriscarem em áreas de conflito e tensões para conseguirem realizar o sonho de reproduzir-se em seus lotes.

De modo geral, entrevistamos pessoas com trajetórias e lugares sociais distintos, mas que tinham um objetivo em comum, viver e se reproduzir na terra. Reconstruímos histórias de pessoas já assentadas no lote e outras que estão na luta pela realização deste sonho.

Verificamos que as memórias e as narrativas são atravessadas por pessoas que apesar das diferenças, têm muitos pontos em comum. A realidade nos acampamentos e nos assentamentos se apresenta de forma complexa e com sujeitos de inúmeras clivagens, portanto trata-se de uma realidade heterogênea. As origens dos sujeitos e as estratégias utilizadas para a sua permanência na terra ou entrada no lote vão variar de acordo com o contexto socioespacial.

O campo como um espaço destinado apenas à produção agropecuária não dá conta de explicar as histórias de vida, nem a realidade social dos assentamentos e dos acampamentos. Neste sentido, nas narrativas dos idosos, a concepção de rural e da vida no lote perpassa a dimensão agrícola e fundiária, ele é construído como um “modo de ser, estar e viver” dos assentados e dos acampados que buscam sua reprodução socioterritorial na terra.

As primeiras famílias desenvolveram diferentes estratégias para manter-se nos lotes, desde a exploração das terras, limpeza de toda a vegetação, a construção das casas até a colheita das primeiras plantações. Foi uma luta árdua, que não cessou com a entrada na terra.

Ao analisar as trajetórias desses sujeitos identificamos algumas peculiaridades em suas histórias. Todos os idosos possuem origem, vivência na infância, juventude e idade adulta no espaço rural. Verificamos também que tanto entre os assentados, como nos acampados, os idosos passaram por experiências de trabalho no campo, seja em sistemas de arrendamentos, como sitiantes ou trabalhando como boia-fria em plantações de algodão, milho, feijão, cana-de-açúcar, entre outras.

Quanto à origem social, identificamos que os idosos são naturais de diferentes estados e que suas trajetórias migratórias passam por diferentes regiões do país antes de se estabelecerem no Pontal do Paranapanema. Todos são aposentados, alguns produzem para o consumo familiar, outros utilizam a pecuária leiteira como estratégia de reprodução econômica.

Figura 16. Primeiras transformações nos lotes do assentamento através do trabalho agrícola nos anos 1990.



Fonte: Acervo pessoal da família Caminhoto (2022).

A terra é o destaque em todas as narrativas, sendo representada na fala do sujeito como uma dimensão afetiva ao lugar, sua produtividade relacionada ao seu uso e um sentimento de pertencimento ao espaço rural. Vai e vem na vida dos idosos, surge na infância como trabalho familiar nos sítios, fazendas ou no arrendamento, ganha vida na vida adulta com a luta pela terra, e se mantém acesa na velhice como um território de reprodução social.

As trajetórias dos idosos mostram que a relação com a terra se estabelece desde cedo e se desenvolve ao longo dos anos. Mesmo o processo de desterritorialização decorrente da urbanização e industrialização, que obrigou muitas famílias a se mudarem para as cidades, não destruiu essa relação. A luta pela terra e o cotidiano do assentamento comprovam que essa relação só se fortalece com o tempo e persiste na velhice.

Em sua memória, Ipê se orgulha da relação que construiu com a terra, em sua fala recorda-se dos saberes ligados ao mundo da agricultura adquiridos ainda na infância. No que diz respeito à entrevistada, a relação com a terra se aprofunda com a idade e, embora more na cidade, o sonho de viver no seu cantinho no campo não se desfaz. O gatilho para a adesão de Ipê ao movimento de luta pela reforma agrária foi a questão de produzir e consumir alimentos diretamente da terra, pois sempre se arrependeu de ter que comprar alimentos no mercado que poderiam ser produzidos em casa, como mandioca, abóbora e milho, mencionou na entrevista.

D. Ipê lembra com detalhes o dia em que decidiu lutar pelo sonho da terra, quando procurava mandioca na casa de um amigo que se estabeleceu em Sandovalina, naquele momento a recordadora teve a confirmação de que a terra era um elemento fundamental em sua vida, necessário para a reprodução de sua família através do trabalho. A partir desse momento ela teve a certeza de que o seu sonho era viver na terra.

Outros sujeitos viram na terra uma possibilidade de mudanças em seu horizonte de vida e uma fuga do sofrimento em situações de arrendamento, ou da violência e desemprego encontrados no espaço urbano. D. Primavera descreve as relações de trabalho no sistema de arrendamentos nas fazendas durante a época em que morou no Paraná. Sempre instável, poderia ter que mudar a qualquer momento, era bastante explorada pelos patrões e a partir deste momento teve a certeza/confirmação de que precisava investir no seu sonho e lutar pela reprodução na terra.

As memórias reconstruídas demonstram como a construção de lutas pautadas na organização do movimento permitiu que os idosos recuperassem o vínculo com a

terra, rompidos na infância ou juventude, em função do desemprego, da urbanização e da vida nas cidades.

5.2 Memória Familiar

A infância foi o período de maior dificuldade de reconstrução de lembranças dos recordadores. Com exceção de D. Ipê e Sr. Cedro, a maioria dos recordadores apresentaram lapsos e dificuldades em lembrar-se de acontecimentos marcantes do tempo em que eram crianças.

A primeira memória da infância evocada na narrativa do Sr. Palmeira é o momento em que migrou com sua família da Bahia para se fixar no estado de São Paulo.

Em memória a perda de seus pais Mandacaru exterioriza lembranças amargas, expressas no desgosto e no sofrimento que emergem no contexto de uma família desestruturada. As memórias da infância são repletas de ressentimento em função de todo o abuso e exploração que sofreu, quando fala da relação com os irmãos a memória estremece, perde a voz e chora relembando esse período difícil de sua vida.

Os momentos dramáticos aparecem com maior frequência na reconstrução das memórias da infância. Esse período emerge com maior dificuldade nas lembranças dos sujeitos e quando aparece é revisitado por quadros de fome, pobreza, trabalho infantil, exploração e vulnerabilidade econômica.

Os relatos da infância vêm sempre acompanhados de dificuldades, pobreza, vida dura e difícil. D. Ipê destaca a perda da mãe como um evento triste em sua trajetória. No trecho abaixo é possível observar as relações familiares, o modo de vida na época em que vivia no Sergipe, além das dimensões do cotidiano, do trabalho e a dramática luta pelo acesso aos recursos hídricos.

Com exceção de D. Sapucaia e D. Mandacaru, as memórias foram reconstituídas de maneira espontânea, fluindo de acordo com a história de vida dos recordadores. No caso de Sapucaia e Mandacaru foi necessário um maior direcionamento no conjunto de questões e de um membro familiar para auxiliar na recomposição das informações pessoais, profissionais, familiares e da vida no assentamento. Devido às condições físicas naturais da velhice.

D. Mandacaru expressa em sua memória a importância do companheiro na conquista da terra. A realização do sonho se deu a partir de uma luta familiar, em que cada membro da família ficou responsável por alguma atividade, neste caso, enquanto o marido estava nas ocupações e no acampamento, Mandacaru assumiu a linha de frente no que diz respeito à casa, ao trabalho e à família.

A recordadora expressou em sua memória a importância de seu marido na conquista da terra. O sonho se tornou realidade a partir de uma luta familiar em que cada membro da família ficou responsável por alguma atividade, neste caso Mandacaru assumiu a linha de frente em termos de casa, família e trabalho enquanto o companheiro estava no acampamento.

A dimensão familiar foi um dos pontos mais explícitos na memória de D. Mandacaru. Os irmãos, o filho e o marido são as figuras mais marcantes na construção de sua narrativa sobre a terra e o envelhecimento. As recordações destes familiares sensibilizaram a recordadora, potencializando suas emoções em torno dessas histórias. A gratidão pelo matrimônio e pela conquista do lote é o sentimento marcante nas lembranças do marido, sempre lembrado com muito afeto e pesar por ter falecido sem aproveitar o lote.

D. Primavera em sua memória familiar lembra-se da origem e das atividades laborais realizadas pelos pais durante a infância no estado do Paraná.

Ao longo da transcrição das entrevistas percebemos que a memória familiar em muitos casos se mistura com as da infância, com as sensações e lembranças das comidas, dos cheiros, dos lugares e dos familiares. Na memória familiar os pais aparecem com maior ênfase nas lembranças dos idosos, sendo descritos como figuras centrais em suas trajetórias de vida. São os responsáveis pela manutenção familiar e pela transmissão de valores necessários à sobrevivência na vida social.

Na maioria das narrativas os pais são lembrados de maneira carinhosa pela criação ofertada aos filhos. A figura materna aparece associada ao espaço doméstico e é descrita como a responsável pelas primeiras relações de afeto entre os membros da família.

O Sr. Café e D. Sapucaia posiciona o pai como uma figura central na construção de sua personalidade e de sua vontade em trabalhar. Em suas memórias o pai é a grande figura de sua infância, aparecendo em vários momentos de sua narrativa. No caso de Sapucaia o pai é uma personalidade importante em sua narrativa por ser um dos responsáveis por sua criação.

Alguns idosos, como os casos de D. Aroeira e D. Mandacaru, relatam a tristeza por não terem conhecido os pais. No caso de Mandacaru os irmãos são as figuras mais presentes em sua memória familiar e são evocados pelo ressentimento e tristeza. Nesta narrativa a recordadora lembra dos momentos de trabalho forçado na infância e das marcas causadas pela rigidez dos irmãos mais velhos em sua criação. Apesar das

passagens de tristeza, os irmãos são as figuras da infância da recordadora, os mais vividamente recordados.

Bosi (2004) aponta que a maioria das memórias sobre os irmãos são fixadas na infância, período que será lembrado com maior frequência nas memórias dos recordadores. De acordo com a autora, os amigos e outros familiares que se perderam ao longo da vida são fixados na memória da juventude, caracterizada como um período de maior socialização entre as pessoas.

Os irmãos são os personagens mais marcantes na memória familiar de Mandacaru. Em outra passagem ela se emociona ao relembrar toda angústia e sofrimento vividos na época em que perdeu seus pais e acabou sendo criada pelos irmãos mais velhos. O trecho a seguir foi o momento mais dramático durante a realização da entrevista, a recordadora expressou todo o desgosto de uma vida de muitas lutas e sofrimento. É um relato forte constituído por situações de abuso e de violência.

Notamos que na memória familiar os períodos da infância e da juventude surgem com maior frequência nas narrativas dos idosos. Os namoros, casamentos, relações de amizade com as pessoas dos lugares que passaram também são temas evidentes nessas memórias.

O esquecimento é um elemento necessário para os sujeitos narrarem suas experiências e recordarem de momentos marcantes em suas trajetórias, pois, a partir dele emergem as emoções, muitas vezes expressas na forma de choro ou de risos.

As memórias evidenciam o percurso e os itinerários dos sujeitos pelo território brasileiro, demarcando no tempo e no espaço as idas e vindas muitas vezes traçadas pelo sofrimento, exploração e degradação do trabalho. Na reconstrução foi possível identificar os avanços e retrocessos, as perdas e os ganhos nas vidas desses sujeitos que envelheceram em contextos de subordinação ao capital. Os momentos dramáticos em que muitas famílias foram separadas e reconstruídas motivaram a esperança desses sujeitos por uma vida melhor e digna e este sentimento é o que une e dá coesão às trajetórias migrantes dos recordadores pelo campo e pela cidade e é também o que nutre o sonho dessas pessoas pela vida e reprodução social na terra.

Na memória de Sr. Cedro a presença e depois a perda do pai e da esposa é um ponto significativo em sua narrativa. Com a morte do pai, o recordador tornou-se o “arrimo” da família, mesmo jovem viu-se na obrigação de assumir a responsabilidade econômica com a mãe e os irmãos mais novos sob um cenário de instabilidade.

Este momento define-se como uma passagem antecipada ou mesmo que forçada da adolescência para a vida adulta, caracterizada como a fase da responsabilidade, do

compromisso com a família e o trabalho. A morte do pai é também um momento de ruptura na trajetória de Sr. Cedro, significa o êxodo rural, em que se viu obrigado a deixar o campo para ir para a cidade em busca de emprego e melhores condições de vida para a família, algo presente na vida de muitos brasileiros e brasileiras na época.

A fase da doença da esposa remonta uma segunda ruptura com o sonho da terra. Neste momento o Sr. Cedro é obrigado a se afastar com os compromissos com o movimento e a abandonar as atividades das ocupações e do acampamento em função dos cuidados necessários à saúde e ao bem-estar da esposa durante a doença.

Nesta narrativa a esposa é retratada como uma âncora na vida do recordador, pois por muito tempo foi o ponto de segurança na vida de Sr. Cedro e de sua família. Ela foi fundamental na construção familiar, na criação dos filhos e no estabelecimento de uma vida melhor, mesmo que na cidade. As lembranças da esposa são acompanhadas de sentimentos bons e nostálgicos, carregados de afeto e respeito pela história que fizeram juntos ao longo da vida.

Nas narrativas de Sr. Cedro a família é um elemento que conflui com a dimensão da terra num sonho familiar. Mesmo com a perda do pai e com a doença da esposa, o recordador jamais pensou em desistir da terra e de lutar em ocupações, marchas e acampamentos.

Esses momentos de dor e luto fortaleceram sua luta pessoal e familiar pelo sonho da vida na terra, tanto que mesmo idoso, o Sr. Cedro se mantém firme, participando de atividades ligadas ao movimento tanto na ocupação quanto no acampamento. Os sonhos e as realizações não perdem força e nem morrem com o avanço da idade, eles se fortalecem e se confluem com outros projetos de vida amparados na garantia de direitos, na cidadania e na reprodução do modo de vida na terra.

Outro ponto interessante sobre a memória pessoal e familiar dos recordadores é a questão da antecipação da maioridade na época da juventude em função do trabalho ou de matrimônio como observado nas narrativas de Sr. Cedro e D. Rosa.

A questão familiar é muito forte nas narrativas construídas neste trabalho. Quando a memória se aprofunda afloram as emoções, alegrias, angústias e as tristezas. Ao trabalharmos no nível da reconstrução é que percebemos os traços e as marcas pessoais que os sujeitos carregam em relação à família, ao trabalho e a vida em geral. Por meio dessa escuta foi possível acessar e registrar os cenários de pobreza na infância dos recordadores, acompanhando as trajetórias degradantes de trabalho, as perdas familiares e a entender os sonhos da vida e a reprodução na terra.

5.3 Memória do Trabalho

As entrevistas demarcam o trabalho como um componente fundamental para a reprodução dos sujeitos na sociedade a partir de sua dimensão econômica. Todos os entrevistados descrevem com dignidade os ofícios acumulados ao longo de suas trajetórias profissionais. Em geral, os entrevistados conseguem lembrar o que faziam, como faziam e o quanto recebiam por suas atribuições no trabalho em tempos anteriores.

Dos 11 entrevistados, todos lembram-se dos ofícios e demarcam a infância como o início de suas trajetórias no mundo do trabalho. Em um contexto de pobreza e dificuldades, o trabalho na roça foi uma das formas encontradas para a sobrevivência familiar desses sujeitos no espaço rural.

Em sua memória trabalho D. Primavera narra com precisão a trajetória profissional antes de vir morar no assentamento. Ela detalha as funções desempenhadas em cada serviço realizado, demonstrando como a exposição a relações de trabalho degradantes pode impactar de maneira negativa os corpos e a vida dos trabalhadores, sobretudo na velhice.

Nas memórias do Sr. Oiti, Sr. Café e do Sr. Cedro as dimensões do trabalho são tratadas de maneira positiva, descritas como uma ação natural em que todos os sujeitos necessitam para sobreviverem economicamente e se reproduzirem no espaço.

É importante destacar que as narrativas revelam que as marcas da exploração do trabalho no corpo e na memória carregados pelos sujeitos se aprofundaram na velhice. Os velhos trabalhadores relatam como os problemas físicos decorrentes da função que exerciam no trabalho se intensificaram na forma de dor ou de incômodo quando ficaram mais velhos.

Os idosos exteriorizam memórias de muito sofrimento e exploração quando descrevem as diversas experiências de trabalho no decorrer de sua existência enquanto sujeito que trabalha. O labor iniciado na infância retrata condições de vida hostis, caracterizadas por muitas dificuldades financeiras, trajetórias de migração em função do trabalho e situações de pobreza extrema.

Uma das questões levantadas durante a realização das entrevistas foi compreender como os idosos do campo enxergam e percebem o trabalho em suas vidas e de que maneira eles associam essa dimensão ao processo de envelhecimento. De modo geral, os dados analisados indicam que os idosos têm apreço pelo trabalho e valorizam essa atividade de acordo com três concepções: 1º) o trabalho é visto como algo que os dignifica enquanto homens e mulheres na hierarquia da sociedade; 2º) o

trabalho é compreendido como uma necessidade básica para a manutenção econômica de suas famílias e 3º) no caso dos idosos, o trabalho é uma atividade que os mantém vivos e independentes na velhice.

Os recordadores passaram anos em condições de trabalho degradantes, mesmo assim, consideram-se realizados ao reconstruir suas experiências profissionais. Em sua memória trabalho Sr. Oiti se orgulha de continuar trabalhando mesmo após a aposentadoria.

Uma memória latente na narrativa de D. Sapucaia é a lembrança que tem dos pais trabalhando arduamente durante a sua infância para manter a família. Destacamos uma memória do trabalho em D. Sapucaia, a mais velha entre os entrevistados. Trabalhou por muito tempo na roça, que mesmo com a doença de Alzheimer não esqueceu os ofícios desenvolvidos quando morava no sítio em Minas Gerais. Depois que descobriu o Alzheimer, D. Sapucaia é auxiliada pela neta que vive com ela no sítio, devido às alterações no corpo e na memória. Sapucaia é reconhecida por ser uma das pioneiras e a pessoa mais velha de todo o assentamento. De acordo com a neta, mesmo com as alterações no corpo e na memória devido à doença, a avó se mantém firme e forte trabalhando nas atividades domésticas e produtivas no lote.

No caso do Sr. Café um dos pontos mais significativos em sua narrativa é a relação da memória com o trabalho na cafeicultura, ofício herdado do pai e presente em sua vida desde a infância. Esta atividade o acompanha até hoje no lote, onde mantém um cafezal cercado por outras árvores.

O Sr. Café se orgulha pelo domínio que tem sobre todas as etapas do processo de produção do café. Em uma passagem ele descreve o momento em que foi elogiado pelo patrão por sua produtividade em relação à colheita do café, episódio em que o seu conhecimento e sua força de trabalho é comparada ao trabalho de muitas pessoas. Esta narrativa evidencia as formas de trabalho empregadas na produção do café. O recordador consegue relembrar todo o conhecimento das etapas de produção, desde o trato com a terra até o momento da torra e da comercialização.

Figura 17. Cafeicultura no lote do Sr. Café.



Fonte: Trabalho de campo abril/2022.

Na memória trabalho de Sr. Oiti é possível perceber sua estreita relação com a pecuária leiteira, compreendida como uma estratégia importante para a manutenção de sua família no assentamento e o sustento dos filhos na universidade.

Figura 18. Mangueira de retirada de leite no lote do Sr. Oiti.



Fonte: Trabalho de campo em julho/2021.

Nas entrevistas os recordadores apontam algumas marcas de trabalho em seus corpos em função das condições degradantes acumuladas ao longo de suas trajetórias profissionais no campo e na cidade. São problemas adquiridos em decorrência da exploração do trabalho e intensificados na velhice.

Essas marcas se aprofundaram ainda mais na velhice e tem relação com as experiências degradantes de trabalho na vida. Portanto, entendemos que as condições de trabalho podem influenciar os sujeitos em suas experiências de envelhecimento, de maneira ativa ou dependente. Condições de trabalho e oportunidades adquiridas ao longo da vida podem impactar o estado de saúde e descartar os velhos na velhice. No capitalismo os velhos trabalhadores acumulam em seus corpos marcas decorrentes de suas trajetórias de trabalho em condições adversas ao clima e de exploração.

Na memória do trabalho buscamos compreender como os corpos envelhecidos lidam com essas marcas. Bosi (2004) afirma que o trabalho impacta os sujeitos a partir de duas dimensões. A primeira está relacionada à maneira pela qual os movimentos do corpo adentram a vida psicológica do trabalhador. A segunda dimensão do trabalho insere os sujeitos nas relações econômicas e sociais a partir do emprego.

A compreensão da memória-trabalho foi importante para reconstituição das trajetórias profissionais dos recordadores, do início na vida pública, das formas de trabalho, na maior parte degradante.

5.4 Memória Política

De acordo com Bosi (2004) a memória política difere-se da memória individual quando o sujeito não se contenta em narrar fatos públicos como uma “testemunha neutra”. Neste caso, o sujeito se posiciona e defende uma versão da história, reafirmando seu julgamento sobre tal situação. As experiências em marchas, passeatas, reuniões, ocupações e em acampamentos podem enquadrar-se como exemplos de uma memória política em torno dos conflitos agrários e da luta pela terra.

Segundo a autora, por meio da dimensão política da memória é possível localizar a classe, a profissão e a posição social de quem estão lembrando. As memórias reconstruídas demarcam que todos os recordadores entrevistados foram inseridos na vida pública a partir do trabalho durante a infância. Os recordadores se inseriram no mundo do trabalho através do trabalho na roça, em atividades ligadas à agricultura e à pecuária.

A memória política dos idosos confirma a tese de que a terra continua sendo um tema relevante e uma questão central na vida de muitos no século XXI, um elo que conecta histórias de famílias dilaceradas pela migração e representa uma dimensão da reprodução dos sujeitos da terra.

Em sua memória política, o Sr. Palmeira destacou a adversidade que enfrentou ao acampar numa barraca de lona. As questões de qualidade de vida e sua relação com a exposição às condições climáticas e mudanças de temperatura afetaram o conforto térmico do recordador, ponto a ser destacado nesta narrativa.

As lembranças reforçaram as motivações desses sujeitos para se juntar ao movimento de luta pela terra ao longo de suas vidas. O restabelecimento do vínculo com a terra, o sossego e um estilo de vida baseado na atividade agrícola foram os principais motivos que os levaram ao acampamento.

O Sr. Oiti não esteve envolvido nas ocupações e acampamentos que marcaram os cenários de luta pela terra na região ao longo das últimas décadas, ele e sua família são a segunda geração do lote e entraram na terra após a saída de uma família que não se manteve. Apesar de não ter participado de todo movimento, o recordador revelou que sempre sonhou em morar na terra e se reproduzir na pecuária leiteira, atividade que exercia desde a juventude.

Um dos casos em que as lembranças da luta pela terra afloraram com mais ênfase foi durante a entrevista de D. Rosa, mineira acampada em uma fazenda declarada como terra devoluta, a entrevistada recordou-se de momentos marcantes na história dos conflitos agrários da região, quando o ex-prefeito de Presidente Prudente mandou bloquear as rodovias que davam acesso à cidade durante uma marcha organizada pelo MST.

Na memória política aparecem as resistências e os constrangimentos nos momentos da luta pela terra. Por meio dessa dimensão reconstruímos episódios de reintegração de posse e despejos na época do acampamento e das ocupações. Para Bosi (2004) a memória política expressa-se a partir de lembranças de certos acontecimentos públicos como: greves, guerras, revoluções e pandemias.

As memórias reconstruídas traçaram encontros da trajetória individual com eventos da história social e política. Em algumas narrativas os idosos relembram do contexto da Segunda Guerra Mundial, citam as mudanças na moeda oficial do país, a relação cidade-campo no contexto da urbanização, assim como abordam as rupturas e as transformações políticas no território brasileiro. A partir dessas narrativas autobiográficas os idosos analisam fatos individuais e públicos a partir de suas memórias.

Os conflitos agrários são o plano de fundo em que se materializa o processo de reconstrução de memórias. Em algumas dessas memórias, os idosos remontam a técnicas e objetos utilizados no passado e algumas mudanças nos sistemas de produção. Um exemplo é a substituição da lamparina por eletricidade, citada nas memórias de D. Ipê e Sr. Cedro.

Neste sentido, compreendemos que as memórias são definidas por pessoas, lugares, objetos e acontecimentos que vão impactar os sujeitos ao longo de suas vidas. A partir de estímulos do presente os idosos lembram-se do que foi importante e significativo em suas vidas.

5.5 Memória, corpo e espaço

Esta seção visa contribuir teórica e empiricamente para o aprofundamento da geografia do envelhecimento no contexto da pesquisa brasileira. Como forma de tornar isso possível, realizamos um estudo qualitativo da vida de idosos residentes no meio rural em contexto de luta e conquista de terras. Nesse sentido, entendemos que o envelhecimento é um fator importante para pensar a relação do idoso com o espaço, porém pouco explorado na geografia brasileira.

Mowl et al (2000) mostram como, nos últimos anos, a geografia de língua inglesa reavivou o interesse dos geógrafos pelo envelhecimento. Esse interesse se deve ao aumento da população idosa em todo o mundo. A maioria desses estudos foi desenvolvida sob a influência de ideias feministas e pós-modernas, explorando a relação entre espaço e idade. Laws (1992); Harper (2000); Mowl et al (2000); Schwanen et al (2012) são exemplos de geógrafos que mergulharam na relação entre envelhecimento e espaço.

Laws (1994) discute o impacto do espaço na vida dos idosos por meio da relação entre a casa e o envelhecimento. Usando uma descrição de pessoas mais velhas inglesas, as autoras mostram como os lugares definem temas em termos de idade, ilustrando algumas das maneiras pelas quais o espaço fornece uma dimensão importante para identificar se alguém ou outros são mais velhos (MOWL et al., 2000).

A separação doméstica dos idosos é um fenômeno relativamente recente, mas que pode ser considerado como um reflexo tanto da diferença corporal em relação ao resto da população, quanto da marginalização social. É um estereótipo popular que a casa é um lugar apropriado para pessoas mais velhas, com uma expectativa geral de que passaremos mais tempo lá à medida que envelhecemos (MOWL et al, 2000, p. 193).

Em nossa pesquisa todos os entrevistados viviam de forma independente no acampamento e no assentamento, e apenas Sapucaia, a mais velha do grupo, recebeu os cuidados da neta da própria casa devido à progressão do Alzheimer no corpo e na memória.

Nos estudos realizados pelos autores, a compreensão dos idosos sobre a relação entre casa e envelhecimento variou. De acordo com o estudo, "ficar em casa" pode ser visto tanto como um sinal de envelhecimento e, portanto, algo a ser evitado, quanto como uma forma de combatê-lo.

O significado do "ficar em casa" é influenciado por ideias sobre gênero, bem como corpos envelhecidos para nossos entrevistados. O apego à casa foi influenciado

não tanto pela idade cronológica como Rowles sugeriu, mas fatores como o estado de saúde (passar o tempo em casa foi visto como ligado ao declínio físico, que é visto como anunciando a velhice), e gênero (era visto como mais importante para os homens passar tempo fora de casa após a aposentadoria do que as mulheres) (MOWL et al, 2000, p.193).

Em campo, notamos que os idosos desenvolvem relações mais positivas com a vida rural. A casa é retratada como um lugar afetivo de convívio familiar, mas também é concebida como um espaço de trabalho para as mulheres, e as idosas continuam realizando a maior parte dos afazeres domésticos. O lote também se posiciona como espaço de trabalho, parte importante da vida independente dos idosos rurais. Trabalhar na terra é um sinal de velhice, pois alguém incapaz de se movimentar e cuidar da própria terra é retratado como um homem velho na narrativa construída.

Mowl et al (2000) argumentam que a associação do espaço doméstico com o declínio físico está relacionada à perda de papéis econômicos produtivos. A relação entre envelhecimento e casa pode variar de acordo com o gênero, e sua significância em relação aos papéis femininos e masculinos na dimensão familiar é diferente após a aposentadoria. As autoras compreendem como as dimensões de idade e gênero dão sentido aos espaços domésticos como lugares para mulheres e idosos.

É importante enfatizar que o corpo é um componente central da percepção dos idosos sobre o envelhecimento em si e nos outros. Portanto, a relação entre corpo, espaço e envelhecimento é importante para a compreensão do modo de vida dos idosos. Marcas no corpo podem ser sinal de velhice e, no caso de D. Araucária, a perda de pele e músculos e o embranquecimento natural dos cabelos foram os sinais identificados em sua memória.

Ao estabelecer uma relação com o preconceito de idade, dizem as autoras, nossa sociedade usa a aparência física como forma de identificar a idade das pessoas. Em nosso estudo, idosos pesquisados que percebem o envelhecimento por meio de alterações físicas e de memória relataram que pele, cabelo, força física e perda de memória eram sinais de envelhecimento.

Neste sentido, o corpo expressa a centralidade da vida do idoso, por meio do qual esse sujeito percebe e compreende as mudanças trazidas pelo processo de envelhecimento. Mowl et al (2000) demonstram como os discursos de idade e envelhecimento centrados nas dimensões do corpo afetam a escolha, o uso e o significado do espaço, tomando como exemplo as diferentes relações entre idosos e famílias. As autoras argumentam que lugares e corpos identificados como “velhos” são moldados por gênero, classe e habilidade.

As autoras definiram aparência, fragilidade e capacidade física como três possíveis marcadores da velhice ao analisar a situação dos idosos no Reino Unido no final do século XX. Ao estabelecer a relação entre memória e experiência espacial em áreas rurais, nossos entrevistados construíram uma imagem do idoso com base na aparência, perda de memória e desempenho no trabalho. Para eles, o velho é aquele que não pode mais trabalhar, sua vida está estagnada, ele esqueceu as coisas, seu cabelo está grisalho e enrugado. No entanto, alguns sujeitos mostraram em suas narrativas que a velhice pode ser compreendida além da ordem cronológica e vinculada às condições físicas e mentais. Assim, os sujeitos também compreenderam que a idade nada mais é do que um número que organiza a sociedade em faixas etárias.

Ao aprofundarmos nessas dimensões, percebemos que os idosos do acampamento e assentamento não se sentiam velhos e não se identificavam com a condição. Em sua memória, Oiti associa o envelhecimento ao desempenho no trabalho, reduzindo o processo à capacidade física e afirmando que somente quem está impossibilitado de trabalhar ou realizar atividades no campo sente envelhecer neste momento. Para ele, “o trabalho não envelhece nem mata ninguém” (Sr. Oiti – 67 anos). Na visão de Primavera, a velhice parece estar relacionada à fragilidade física, pois quando questionada se já se sentiu velha, a idosa respondeu que a fraqueza e a perda de força são indicadores de seu processo de envelhecimento. Quando era mais jovem, ela disse que conseguia se envolver em mais atividades, mas se sentia mais ativa e produtiva vivendo na terra do que quando morava na cidade.

O fato de poder trabalhar no lote e em atividades domésticas e movimentar-se pelo assentamento foi comemorado como uma conquista no discurso da recordadora. Para ilustrar melhor essa questão, Primavera conta o caso de um idoso morador que acabou adoecendo na cidade pensando na vida ativa que levava.

Apesar disso, Primavera e Oiti dizem que as relações familiares também foram se moldando com a idade. À medida que envelhecem, os filhos começam a se importar e se preocupar mais com sua condição de velhos. No entanto, a velhice é uma situação ambígua como qualquer outra, tanto que relatam dois casos constrangidos pela velhice. Oiti sentia que as pessoas não confiavam nas opiniões e ações dos idosos, e às vezes percebia que sua família duvidava de sua capacidade de realização por conta da idade. Primavera disse que apesar dos cuidados extras de sua família, às vezes ela se sentia solitária e abandonada no lote. Uma de suas queixas é que os filhos que moram no assentamento não a visitam ou entram em contato com ela com frequência, e ela sentiu a dureza da solidão durante a pandemia.

Em geral, os idosos mostram-se revigorados com o envelhecimento e apresentam perspectivas positivas, onde prevalece a aceitação desse processo. Araucária compreende o avanço da idade como algo natural e comum a todas as pessoas. *“Eu acho tão bonitinho cabelo branco de velhinho [...] Eu tenho que aceitar a idade, afinal não nasci pra semente”* (D. Araucária - 74 anos).

As memórias indicam que o trabalho é o eixo de interação entre os idosos e o espaço e, para eles, envelhecer com dignidade está diretamente relacionado à capacidade de realizar os afazeres agrícolas e domésticos. O campo, concebido através da reprodução da vida e do trabalho na terra, promove a independência desses sujeitos na velhice. As falas dos idosos se completam ao dizer que o rural trouxe uma sensação de segurança, tranquilidade e qualidade de vida.

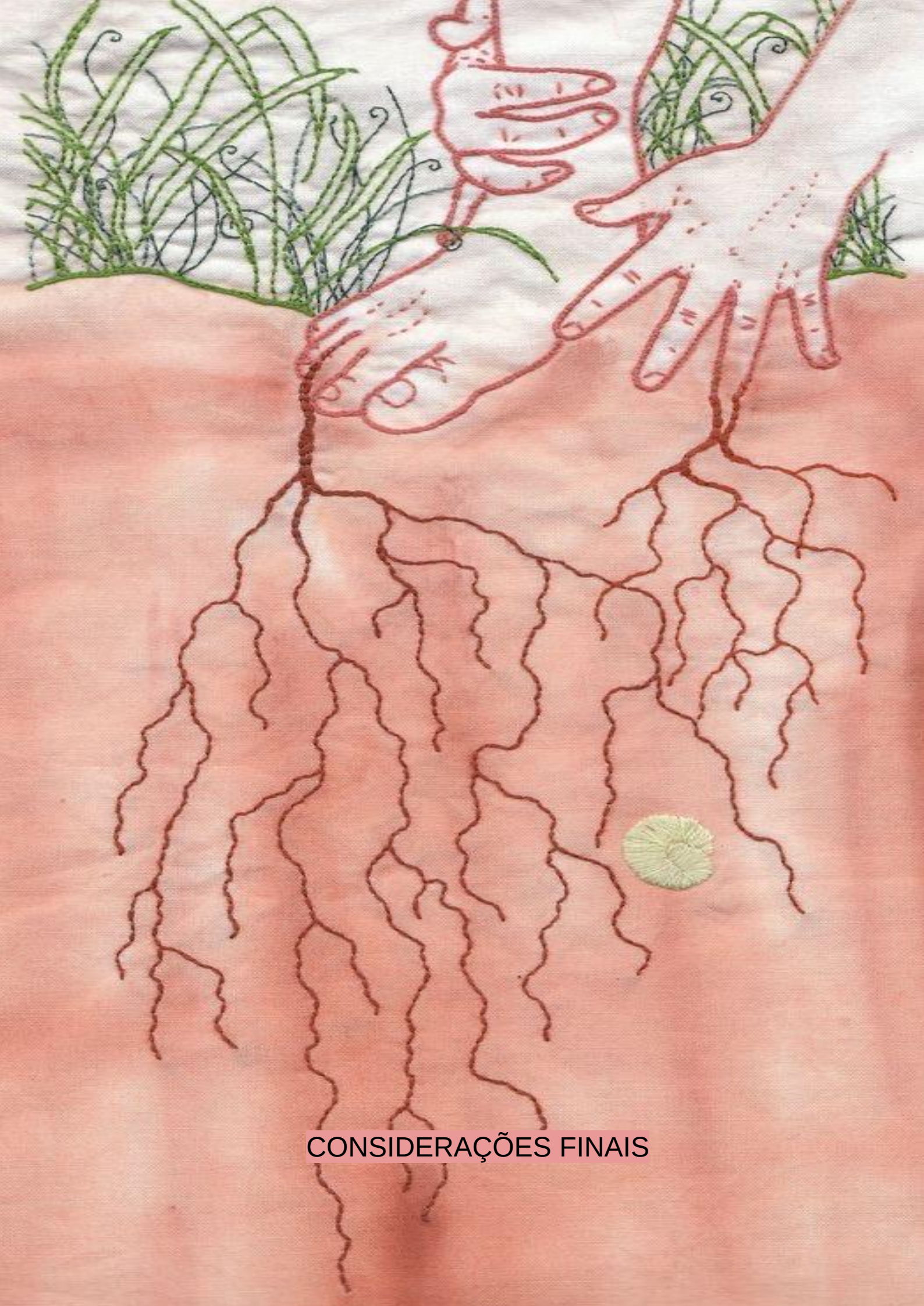
Os velhos assentados revelam em seus relatos que sua chegada à terra foi um momento crucial em sua trajetória de vida, marcando o início de uma jornada de coragem e resistência em que um novo modo de vida está tomando forma e impactando positivamente na qualidade de vida de sua família. A vida antes do assentamento é retratada como um momento de ruptura, exploração e miséria, com a cidade posicionada como um espaço inseguro onde prevalece o desemprego, a desigualdade e a violência. Descrito como um espaço de conexão com a terra e expansão da liberdade, o lote é um lugar em que se consolidou as lutas e sonhos.

Os velhos do acampamento também falaram da terra como uma dimensão que mudou vidas por meio da reforma agrária, produzindo mudanças sociais e espaciais. Geralmente, a principal motivação para esses sujeitos é possuir um pedaço de terra para reproduzir-se com a família e, como se vê nas histórias de Cedro e Ipê, a terra adquire o status de sonho familiar. Cedro tem uma trajetória no movimento de luta pela terra, participação em ocupações, marchas e acampamentos. Conquistar o lote para seu filho é a razão pela qual ele está envolvido na ocupação neste momento. *“Essa terra é para um filho meu do segundo casamento. Estou aqui respondendo e segurando a terra para ele. É o sonho dele”* (Sr. Cedro – 81 anos).

Os casos estudados confirmam que a questão agrária não está separada da questão urbana, o problema social se reflete em ambos os lugares, o assentamento é visto como uma solução para o problema da habitação e do problema das pessoas em situação de rua, e o lote aqui se tornará o espaço habitacional. Ipê revelou que ter um lugar no assentamento para manter seus filhos e netos longe do aluguel a levou a continuar lutando na ocupação na fazenda.

Apesar do impasse por negligência estatal, falta de infraestrutura e assistência técnica e a expansão do agronegócio canavieiro no entorno dos assentamentos, a saúde, o trabalho e o modo de vida foram afetados, na forma de trabalho e pulverização aérea de veneno. Os idosos persistiram por meio de suas estratégias de reprodução da vida e do trabalho na terra, tornando suas vidas melhores por meio do estabelecimento de assentamentos em áreas improdutivas e griladas, mostrando que a luta pela terra valeu a pena.

Essa visão está em diálogo com o entendimento de que o desenvolvimento pode ser construído em uma perspectiva multidimensional que integre justiça social e bem-estar das pessoas, supere visões econômicas e expanda os horizontes de vida em condições de liberdade (SEN, 2010). Quando comparados com a vida antes da entrada no assentamento, os idosos contam que a conquista e a permanência na terra melhoraram suas condições de vida.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com memória de velhos foi uma experiência necessária para compreensão das dimensões da vida, do cotidiano e das práticas espaciais de sujeitos que lutaram e ainda lutam por um mundo menos desigual, por justiça social e pela reprodução socioterritorial na terra.

As narrativas reconstruídas e contadas nesta tese demonstram que a memória não é linear, nem homogênea e que os idosos também estão sujeitos a falhas e deslizos na cronologia e na organização do pensamento na hora de visitar o seu passado. Portanto, o ato de lembrar não é tão simples como parece, de modo que encontramos lacunas nas lembranças desses sujeitos, pois o processo de reconstrução não é apurado nem perfeito, ele se apresenta a partir de estímulos do presente, podendo ocorrer de forma espontânea ou direcionada.

A reconstrução das memórias em narrativas autobiográficas evocou nos idosos momentos de alegria e sentimentos de nostalgia, de tristeza, de luto e principalmente de esperança, expressando que a luta por melhores condições de vida se fortalece mesmo aos impasses e resistências vivenciadas em contextos de conflito por terra.

Sendo assim, a relação entre o espaço e o envelhecimento foi o fio condutor para a reconstrução das lembranças de velhos em áreas de acampamento e de assentamento, expressas na luta pela terra e pela permanência na terra. Reconstruímos momentos da vida individual e coletiva e apresentamos várias versões de um mesmo acontecimento.

Em nossa sociedade, baseada nas relações econômicas e na competitividade, os idosos têm seus papéis sociais reduzidos aos de avôs/avós e aposentados, condicionados à subordinação e controle da família, pois, no capitalismo “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor” (BOSI, 2004, p.77). Nessa lógica os velhos sempre serão superados pelos mais jovens, em que a experiência será substituída pela inovação e os velhos tendo seus destinos renegados ao esquecimento.

O envelhecimento varia de acordo com o tempo e o espaço, cada sociedade vive de maneira diferente essa experiência. Simone de Beauvoir (1970) comenta em sua obra sobre a velhice que a sociedade industrial é maléfica aos velhos e que ao longo da história tiveram sociedades em que os velhos alcançaram uma posição social de prestígio e honra, onde seus conhecimentos e saberes eram valorizados. Porém, existiram outras formas de organização social em que os velhos eram desvalorizados e sacrificados em função da idade e reduzidos à sua capacidade física e mental. Silva (2004) argumenta que a idade é um dos exemplos de hierarquia temporária na vida das pessoas, pois se permanece criança, jovem ou velha por algum tempo de suas vidas.

Os dados produzidos em campo demonstram que os recordadores explicitam a existência de outras leituras de envelhecimento alheias à estrutura capitalista. Na lógica do tempo do capital, os idosos são invisibilizados e retratados como incapacitados, improdutivos e descartáveis, na medida em que não oferecem uma maior contribuição econômica à sociedade, portanto são tratados como um fardo ao sistema de pensões e de aposentadoria e são responsabilizados pelas crises no sistema de saúde.

Na lógica camponesa, evidenciada no modo de vida no sítio, mesmo que subordinados à lógica capitalista, os idosos detêm, mesmo que parcial, o controle sobre o tempo de trabalho e a forma de produção no campo. As estratégias de reprodução evidenciadas no cotidiano do acampamento e do assentamento demonstram que os idosos do campo estão ativos e levam uma vida independente na velhice, tomando decisões e protagonizando momentos de luta e de resistência nas condições desiguais e precárias em que estão inseridos. A luta pela terra sob a condição camponesa construiu e ainda constrói outras referências espaciais e de memória para pensarmos o envelhecimento.

Além de ser um destino de todos os sujeitos, a velhice é uma categoria social importante na compreensão das relações de idade e das posições identitárias que cada corpo ocupa em nossa sociedade. As construções de envelhecimento baseadas na lógica do mercado e no descarte de velhos para o capital reduzem esses sujeitos a números, imobilizando-os de tomar as rédeas de suas vidas, no qual muitas vezes perdem o controle e autonomia na velhice. As relações entre mercadoria e idade colocam os velhos em posição de subordinação aos mais jovens.

Nossa tese se baseia na geografia enraizada na realidade espacial e no cotidiano de nossos sujeitos, não abordamos o envelhecimento e suas dimensões apenas estatisticamente, mas levamos em conta a experiência espacial e as relações que os idosos estabelecem com o espaço.

A passagem do tempo e o envelhecimento das pessoas que lutam pela terra foi um dos temas abordados em nosso trabalho. Acompanhamos a luta dos mais velhos por melhores condições de vida, sobrevivência e reprodução na terra. Tal luta não se constitui somente no plano direto, o plano da conquista, mas representa também uma batalha permanente por melhores condições de vida, reconhecimento da cidadania, estabelecimento de vínculos com a terra, entre outras dimensões. Portanto, estamos falando de uma luta dupla, a luta pela terra e pela integração social. Em suma, observar tais perspectivas das quais a terra é a base, nos inspira a buscar pelos nossos próprios sonhos.

Ao longo do trabalho conceituamos o envelhecimento a partir da lógica da indissociabilidade do espaço e do sujeito, na medida em que os dois coexistem. Referimo-nos também à visão defendida por Massey (2008) para entender que, embora espaço e tempo sejam dimensões distintas, são indissociáveis na análise social e no movimento dos sujeitos e suas práticas espaciais.

Em geral, a prática espacial é um meio que a geografia utiliza para compreender a relação dos sujeitos com o espaço e as dimensões da vida cotidiana. Essas práticas são motivadas pelas necessidades da vida (MOREIRA, 2009). Foi necessário também compreender as estratégias de luta e resistência na terra para desvendar os dilemas do envelhecimento dos trabalhadores rurais idosos em acampamentos e áreas de assentamento de reforma agrária.

A pesquisa de campo confirmou a hipótese de que o espaço desempenha um papel ativo na trajetória dos sujeitos. As memórias do tempo de acampamento, especialmente na época dos “*ranchinhos*”, assim como as memórias da casa e do sítio, revelam que o lugar tem grande valor nas narrativas construídas pelos recordadores, expressando a dimensão afetiva presente na relação sujeito e espaço. Com base nisso, constatamos que os sujeitos e os contextos espaciais não são passivos, pois o espaço pode impactar de inúmeras maneiras as experiências espaciais e influenciar o estilo de vida e o cotidiano dos sujeitos de forma solidária ou desafiadora, ou seja, ambos se constroem de maneira mútua.

O espaço e suas dimensões ajudam os sujeitos a construir suas memórias, possibilitando-os fincar raízes com o lugar em que vivem e estreitar os laços com as pessoas à sua volta. Conceituamos a memória como um acúmulo de experiências e aprendizados adquiridos ao longo da vida onde cada sujeito vai experimentar um evento ou acontecimento de maneira muito pessoal e particular, pois, o mesmo fato pode ser lembrado de inúmeras maneiras entre os sujeitos.

Para embasar essa pesquisa é importante compreender alguns conceitos presentes na nossa sociedade. Um exemplo é a utilização de termos como “velho”, “terceira idade” ou “idoso”, estas são categorias socialmente construídas e que se referem a grupos específicos que têm como base critérios de idade. Dessa forma, entendemos que a categoria “velho” não deve ser analisada isoladamente, mas sim de forma integrada, pois tal terminologia só adquire sentido quando há a comparação com outros sujeitos também classificados através de um recorte cronológico.

A velhice é relativa e varia de acordo com o sistema social e os contextos socioespaciais. Ainda de acordo com Woortmann e Woortmann (2004) existem

experiências plurais de velhice, eles afirmam que há velhos em todos os lugares, mas a maneira pela qual são tratados é muito variável e depende de contextos específicos.

Nas narrativas construídas pelos recordadores, percebe-se que, embora fossem considerados inativos, os idosos continuam plenamente ativos até a velhice. Mesmo após a passagem para a aposentadoria, eles se mantêm trabalhando em atividades domésticas e produzindo seus modos de vida a partir de práticas ligadas à agricultura e à pecuária. Dito isso, a pesquisa de campo mostrou que, mesmo não trabalhando ativamente na terra, os idosos têm controle sobre o que e como vão produzir em seus lotes. Em geral, a sabedoria e a experiência adquiridas com o “suor do trabalho” é um ponto valioso nos discursos dos sujeitos.

Segundo Woortmann e Woortmann (2004) na sociedade camponesa, o velho é aquele que detém o poder na família e na sociedade em geral. Nesta perspectiva, a categoria “velho” está relacionada ao saber e a dimensão do trabalho e da saúde. De acordo com os autores, no grupo camponês ser velho está associado à capacidade física de realização do trabalho, enquanto o sujeito consegue trabalhar ele não é considerado velho.

No caso dos idosos entrevistados em nosso estudo, constatamos que para eles o conceito de envelhecimento vai além de uma questão que leva em conta só a idade, há uma relação entre trabalho e velhice, eles descrevem como idosos aqueles que não podem mais se locomover, trabalhar na terra ou levar uma vida independente.

Ao estudar as relações não capitalistas do campesinato na Rússia, Chayanov (1974) organizou as famílias camponesas em unidades de produção e unidades de consumo. Nesta divisão, os velhos e as crianças estariam classificados como unidades de consumo, na medida em que consomem mais do que produzem, e, os adultos seriam as unidades de produção por produzirem mais a partir do seu trabalho.

No entanto, estabelecer uma relação entre produtividade e dependência da idade não faz sentido hoje, pois todos contribuem de uma forma ou de outra para a manutenção das famílias, da economia e do trabalho. Tal afirmação pôde ser constatada durante o período incerto causado pela pandemia do Covid19, situação em que os idosos contribuíram, através de suas aposentadorias, para o sustento de muitas famílias em todo o Brasil, em vista do desemprego gerado (Mendes e Oliveira, 2020).

Vale ressaltar que a teoria clássica de Chayanov condiz menos ainda com a realidade estudada em nossa tese, pois os idosos da zona rural ainda são ativos no espaço, realizando tarefas domésticas e outras atividades produtivas no sítio.

Compreendemos, porém, que ao tratar de aspectos relacionados à vida dos sujeitos, é preciso ir além da perspectiva econômica, considerando que as pessoas acumulam conhecimentos, entendimentos, memórias e experiências que essa lógica não pode medir. De acordo com os autores nas sociedades camponesas, os idosos são definidos como “guardiões da memória” e das tradições, dos saberes acumulados e da identidade de grupo.

Entretanto, Bosi (1979) apresenta um estudo psicológico da velhice, sob a tese de que o velho não tem armas, nós temos que lutar por eles. Para a autora, na sociedade capitalista, o idoso está condicionado a mecanismos de opressão que perpassam a dimensão institucional, psicológica, técnica e científica. Neste sentido, Létti (2008) reforça a ideia de que no capitalismo a pessoa idosa é oprimida por meio de mecanismos institucionais: asilos e burocracia da aposentadoria e pensão; psicológicos: tutela e discriminação; técnicos e científicos: os estudos que mostram a incapacidade física e social do idoso.

Bosi desenvolve uma nova proposta metodológica para o estudo dos velhos, ao não dissociar a relação sujeito-objeto, tendo em vista que ambos coexistem. Essa proposta tem o mérito de estabelecer uma relação próxima e simétrica entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Seu estudo rompe com as leituras catastrofistas e estereotipadas que colocam o velho como um sujeito frágil e incapacitado, no qual o envelhecimento é compreendido apenas como um processo de perdas.

Halbwachs (1998[1925]) trabalha a memória através dos quadros sociais nos quais ela é produzida. Para ele, a memória não é fruto de um sonho, mas resultante do esforço e do trabalho de lembrar, por meio de ideias presentes e experiências passadas, é reconstruir o passado a partir dos estímulos do presente. Nessa lógica, os quadros são utilizados como referências para a evocação das lembranças. Bernd e Graebin (2018) ressaltam que a linguagem, o tempo e o espaço são os três quadros fundamentais desse esquema.

O lugar, os sujeitos e os objetos são elementos importantes na construção das narrativas dos idosos, pois, a partir desses suportes eles conseguem evocar lembranças de tempos anteriores e reconstruir cenários e momentos de sua história individual e da vida coletiva. Dessa forma, a memória tem a capacidade de remeter e conectar os sujeitos a lugares e pessoas.

Partindo desse referencial analítico, nosso texto nasceu da realização de entrevistas aprofundadas com onze pessoas idosas que possuem a dimensão da terra como o cerne de suas vidas. Nesse sentido, reconstruímos trajetórias de pessoas que

envelheceram batalhando por melhores condições de vida em contextos de luta e de sobrevivência na terra, portanto, a história dos conflitos agrários no Pontal do Paranapanema/SP é revisitada através da memória social de sujeitos que participaram de sua construção.

As entrevistas foram analisadas a partir da perspectiva dos pontos brilhantes das narrativas (SILVA, 2004) imprimindo-lhe forma e significado, iluminando as memórias reconstruídas pelos idosos. A partir disso, estabelecemos um debate teórico e empírico acerca das dimensões da memória com o objetivo de reconstruí-las e dar sentido e existência às narrativas de velhos rurais em contextos de acampamentos e assentamentos de reforma agrária, sobre suas experiências de envelhecimento e trajetórias de vida.

De maneira geral, nossa tese debate as maneiras pelo qual os(as) idosos(as) rurais em contextos de acampamento e de assentamento estão vivenciando o processo de envelhecimento a partir da intersecção entre espaço e velhice. Para atingir este objetivo, entrevistou-se homens e mulheres que tinham em comum a idade, superior aos 60 anos, e um espaço social representativo em suas trajetórias de vida, o assentamento. Basicamente, buscou-se registrar a partir da memória, momentos importantes da vida de pessoas idosas que vivem no campo. “Sujeitos que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós” (BOSI, 1994).

Delimitamos as experiências de luta pela terra e a vida no assentamento e, as vivências espaciais de envelhecimento, como os pontos centrais de nossa análise acerca do envelhecimento no campo. De maneira geral, realizamos entrevistas com os sujeitos que vivenciaram e protagonizaram toda essa experiência de construção de lutas pela terra no Pontal do Paranapanema e vivem na terra desde o início da implantação do assentamento até os dias atuais.

Nosso trabalho conceitua o envelhecimento como um processo comum e irreversível a todos os seres humanos e que se expressa de maneira individual e particular em cada sujeito por meio das dimensões do corpo e da memória. Quando questionados sobre as percepções que tinham em relação ao próprio processo de envelhecer, os entrevistados apontaram que ser velho só é bom quando se tem qualidade de vida e saúde para se movimentar, para trabalhar e ter controle sobre o próprio corpo. Portanto, a mobilidade e a vida independente são pontos relevantes para uma experiência de envelhecimento. Os pontos negativos do envelhecimento aparecem quando os entrevistados descrevem as doenças, o cansaço, a perda de forças e a limitação física como o lado ruim de ser velho.

Outro componente aprofundado na pesquisa de campo foi a questão cidade-campo e sua relação com o processo de envelhecimento. No decorrer das conversas os entrevistados situam a cidade como um espaço desafiador a velhice e muitas vezes limitante a mobilidade e a sociabilidade dos idosos, na medida em que segundo eles, há poucos lugares e espaços para os velhos no espaço urbano. De acordo com os entrevistados, a cidade não está preparada para lidar com os desafios e as oportunidades geradas pelo processo de envelhecimento, pois, ainda existem espaços que limitam a acessibilidade e a liberdade de ir e vir dos idosos. Para eles, viver no estilo de vida urbano é comparado a uma condição degradante, é como se estivessem numa prisão cercados por grades, bastante barulhenta e com forte movimento de pessoas e meios de transporte.

O rural, evidenciado como o sítio, é compreendido pelos entrevistados como um espaço apoiador do envelhecimento, no qual o trabalho no lote, associado às condições ambientais de ar mais puro e da presença áreas verdes, promovem uma boa experiência de envelhecimento pautada na qualidade de vida, na liberdade e na tranquilidade. Além dessas dimensões, foi relatada uma forte relação econômica com o rural, em que os idosos demonstram inúmeras vantagens da vida no sítio utilizando como referência o menor custo com os alimentos, com o gasto de energia e os impostos.

Desse modo, entendemos que a pesquisa de campo nos possibilitou compreender como o espaço, em sua dimensão rural ou urbana, podem impactar de maneira positiva ou negativa as experiências de envelhecimento das pessoas idosas residentes em áreas rurais. Os dados produzidos em campo apontam que os sonhos e projetos de futuro não diminuem e nem morrem com a velhice, pois, os velhos não deixam de sonhar, expressando vontade e desejos a serem realizados no campo pessoal, familiar e profissional.

O trabalho de campo foi realizado em duas etapas (julho de 2021 e março/maio de 2022) com o objetivo de estabelecer um contato mais próximo com os(as) idosos(as) residentes no assentamento e em situação de acampamento de luta pela terra. Por meio dessa aproximação, foi possível obter informações relativas ao processo de envelhecimento no campo e a sua relação com o espaço e a família. Também, foi possível partir da memória pessoal e individual dos entrevistados ao nível de reconstrução da memória familiar, social e coletiva da constituição do assentamento.

Em termos de perspectiva de campo, nos baseamos no método de abordagem empírica defendido por Bosi (1994) em sua tese de livre-docência na área da Psicologia Social, na Universidade de São Paulo. O método utilizado pela autora estrutura-se na

formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores, que revelaram as dimensões de suas vidas a partir do processo de reconstrução de memórias. Portanto, nessa lógica entende-se “a pesquisa como um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa” (BOSI, 1994, p.2).

A autora defende que o envelhecimento é uma experiência que todos nós participamos, sujeito e objeto da pesquisa, portanto uma comunidade de destino para os sujeitos nas diversas etapas de suas vidas. Concordamos com Bosi (1994) no sentido de que a partir do processo de reconstrução de memórias é possível recompor a vida e o pensamento das pessoas idosas que têm a terra como elemento central de suas trajetórias de vida. A partir delas, torna-se possível debater o envelhecimento em sua totalidade e multidimensionalidade.

O contato estabelecido a partir da experiência de campo permitiu pensar o envelhecimento e suas dimensões a partir de uma perspectiva crítica, ampliando a relação entre envelhecimento e desenvolvimento, na medida em que as desigualdades nos níveis de renda, espaço, gênero, cor/raça e sexualidade se aprofundam com a questão da idade. Compreendemos que mesmo com os avanços no campo da ciência, da medicina e das políticas públicas, ainda há pessoas envelhecendo em contextos de mazelas, pobreza, violência e desigualdades socioespaciais.

Ao estreitar a relação entre envelhecimento e ageismo foi possível notar que as pessoas velhas ainda convivem com a invisibilidade social, onde predominam ideias e ações baseadas no etarismo, entendidas como formas de opressão e de discriminação as pessoas pelo simples fato de envelhecer. Mesmo lidando melhor com esse processo, percebeu-se que o ageismo ainda está impregnado nos discursos dos recordadores quando expressam uma forte relação entre envelhecimento e declínio da capacidade física, em que esse processo é compreendido apenas como uma fase de perdas e de proximidade com a morte.

Laws (1998); Castro (2021) apontam que o discurso ageista fundamenta-se na consolidação da forte indústria antienvelhecimento, que movimenta bilhões de dólares todos os anos, onde o desejo da juventude eterna é o elemento que deixa essa indústria mais poderosa. Nesse sentido, a busca pela juventude “foi o que mexeu com a imaginação de todas as civilizações desde o início da humanidade. Em busca de soluções capazes de deter o processo de envelhecimento” (CASTRO, 2021, s/n).

Em conversa com uma das responsáveis pela Unidade da Saúde da Família que atende as famílias do assentamento, percebemos que as principais reclamações relatadas pelos idosos nas consultas de rotina estão relacionadas à carência física e

emocional, ao estado de depressão e ansiedade, à solidão e tristeza. De acordo com a responsável, a falta de interação no núcleo familiar corrobora com as queixas dos idosos.

Em relação a contemporaneidade do nosso objeto de pesquisa, notou-se que a partir do segundo semestre de 2021 vem ocorrendo um intenso debate entre representantes de diversos países e instituições de saúde em pedir a retirada do termo velhice da classificação internacional de doenças a ser atualizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2022. “A avaliação é que o novo item pode relacionar velhice a doença, impedir o registro correto das causas de mortes e aumentar a discriminação contra a população em idade mais avançada” (Agência Câmara de Notícias, julho/2021). Essa atualização no Cadastro Internacional de Doenças (CID) pode contribuir para ações de opressão e de discriminação em relação aos corpos envelhecidos, além de estigmatizar os velhos, reduzindo-os a uma situação de fragilidade e vulnerabilidade.

De maneira geral, os dados e as informações produzidas em campo, a partir da memória e das narrativas dos recordadores, contribuem para o desenvolvimento da ideia de que não existe uma única maneira de envelhecer, há velhices diferentes que se materializam em distintos contextos e lugares.

As entrevistas demonstram que o sexo e a sexualidade na velhice ainda são temas polêmicos para os idosos, sendo evitados por todos os recordadores durante o campo. Compreende-se que as mudanças no corpo e as falhas na memória foram os primeiros sinais notados em relação ao envelhecimento dos idosos.

Entendemos que envelhecer é um processo contínuo em nossas vidas, inicia quando nascemos e cessa quando morremos, logo uma comunidade de destino para os seres humanos. Além de que, torna-se necessário o debate sobre o tema e os sujeitos idosos, pois em pleno século XXI nem todos conseguem envelhecer bem e com dignidade, acessando direitos, lazer, bem-estar, saúde e qualidade de vida. As desigualdades também se expressam nas condições de velhice.



REFERÊNCIAS

Agência Câmara de Notícias. **Debatedores pedem retirada do termo velhice da Classificação Internacional de Doenças. Saúde.** Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/786247-debatedores-pedem-retirada-do-termo-velhice-da>. Acesso em 15/09/2021.

ADES, César. A memória partilhada. Resenha. **Psicol. USP.** 15 (3), São Paulo, 2004.

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira et al. Velhice e espaço rural: (re) desenhos dos discursos. **Revista Kairós Gerontologia**, 18(2), pp. 209-226. ISSN 2176-901. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2015.

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. Ministério Público Militar: o discurso da Justiça Militar através das fontes orais: o esquecimento como recurso metodológico. In: WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Ideologia e esquecimento. **Aspectos negados da memória social brasileira.** Letras Amargem, Presidente Venceslau – SP, 2010, p.235-266.

ANDREWS, Gavin J.; KEARNS, Robin A.; KONTOS, Pia Kontos.; WILSON, Viv. “Their finest hour”: older people, oral histories, and the historical geography of social life. **Social & Cultural Geography**, Vol. 7, No. 2, April 2006.

BEAUD, Stephanie; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo.** Editora Vozes, Petrópolis, 2007. (Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida).

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice - a realidade incômoda.** Trad. Heloysa de Lima Dantas. 2 ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1976, v. 1.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; NORDER, Luis Antonio Cabello. **O que são assentamentos rurais.** Coleção Primeiros Passos. Brasiliense, São Paulo, 1996.

BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. (Org.). **Memória Social:** revisitando autores e conceitos, 2018.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales.** v.62-63, jun., p. 69-72, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade.** Lembrança de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social.** São Paulo:

Ateliê Editorial. 2003.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Primeiros resultados definitivos do Censo 2010: a população do Brasil é de 190.755.799 pessoas. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias.2010> Acesso em: 13/05/2018.

BRASIL – Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso** / Ministério da Saúde – 3. ed., 2. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL - **Projeto de Lei nº 4348, de 2019**. Senado Federal, Brasília - DF, 2019. Disponível em <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/140554>. Acesso em 09/07/2022.

CALASANTI, Toni; KING, Neal. Intersectionality and age. In: TWIGG, Julia Twigg; MARTIN, Wendy Martin. **Routledge Handbook of Cultural Gerontology** - 1st Edition, Junho 2015. Acesso em: 20/08/2020.

CALASANTI, Toni; GILES, Sadie. “The Challenge of Intersecting Inequalities.” **Generations**, 41(4): 69-76. 2018. Acesso em: 27/08/2020.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange.; MELLO, Juliana Leitão e. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, Ana Amélia (org). **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004

CAMARANO, Ana Amélia. **Brazilian population ageing: differences in well-being by rural and urban areas**. Discussion Paper – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília, January, 2015.

CHAYANOV, Alexander. **La Organización de la Unidad Económica Campesina**. Buenos Aires. 1974.

Conselho Nacional de Saúde. **CNS é contrário à inclusão do termo “velhice” na classificação internacional de Doenças**. Ministério da Saúde. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1959-cns-e-contrario-a-inclusao-do-termo-velhice-em-classificacao-internacional-de-doencas>. Acesso em 12/11/2021.

CREENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10 – 1º semestre, 2002.

CUNHA, J. M. P. **Migração em São Paulo**, n. 2. Campinas, SP: [s. n.], 1992.

DATALUTA – **Banco de Dados da Luta pela Terra: Relatório Brasil**. 2014.

DEBERT, Guita Grinn. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

DO CARMO, J. G.; BRÚSSOLO, R. G. Análise Dos Impactos Socioterritoriais Do Assentamento Rural Água Sumida No Município De Teodoro Sampaio/Sp. **Revista Tamoios**, v. 11, n. 1, p. 70–91, 2015.

FELICIANO, Carlos Alberto. **Território em disputa: Terras (re)tomadas no Pontal do Paranapanema**. 575 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). FFLCH, São Paulo, 2009.

FELICIANO, Carlos Alberto. Violência, desmatamento e luta pela retomada das de terras griladas no Pontal do Paranapanema: da destruição dos territórios indígenas à construção de uma região em disputa de classes. **Revista Pegada** – vol. 19 n.3. Setembro/Dezembro, 2018.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST, formação e territorialização em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Brasil: 500 anos de luta pela terra. **Revista de Cultura Vozes**, número 1. Editora Vozes. Petrópolis, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Entrando nos territórios do território. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (Orgs). **Campesinato e território em disputas**. 1 Ed., São Paulo, Expressão Popular, 2008.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, Marco Aurélio de; SPÓSITO, Eliseu Savério. (Org) **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1 Ed. São Paulo, Expressão Popular, 2009.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta; BARONE, Luis Antonio. As políticas de assentamentos em São Paulo: por um balanço da trajetória das experiências em distintas regiões. **Retratos de Assentamentos**. Araraquara/SP: UNIARA, Nupedor (Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural), n.13, 2010.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **O sujeito camponês: identidade e resistência**.

V Simpósio sobre Reforma Agrária e Questões Rurais. Políticas públicas e caminhos para o desenvolvimento. Araraquara, 2012.

FUNDAÇÃO DO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO“JOSÉ GOMES DA SILVA” – ITESP. **Resultados da Caderneta de Campo Safra 2013/2014**. São Paulo, 2018.

G1 Presidente Prudente. **MST ocupa fazenda em Mirante do Paranapanema e pressiona governo do Estado de São Paulo a arrecadar mais terras para assentamentos rurais**. Presidente Prudente, 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2021/10/23/mst-ocupa-fazenda-em-mirante-do-paranapanema-e-pressiona-governo-do-estado-de-sao-paulo-a-arrecadar-mais-terras-para-assentamentos-rurais.ghtml>. Acesso em 10/07/2022.

GAUER, Gustavo; GOMES, William B. A experiência de recordar em estudos da memória autobiográfica: aspectos fenomenais e cognitivos. **Memorandum**, 11, Belo Horizonte, 2006. 102-112.

GEERTZ, Clifford. Estar lá, escrever aqui. **Diálogos**, São Paulo, v.22, n.3, 1989.

GIRARDI, Eduardo Paulon; FERNANDES, Bernardo Mançano. A luta pela terra e a política de assentamentos rurais no Brasil: a reforma agrária conservadora. **Agrária**, São Paulo, no. 8, pp.73-98, 2008.

GOLANT, Stephen M. The geographic literature on aging and old age: An introduction. May 2013. **Urban Geography** 5(3):262-272.

HAGESTAD, Gunhild O; SETTERSTEN, Richard A. Aging: It's Interpersonal! Reflections From Two Life Course Migrants. **The Gerontologist**, Volume 57, Issue 1, 1 February 2017, Pages 136 – 144, <https://doi.org/10.1093/geront/gnw117>.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Edição eletrônica realizada por Jean-Marie Tremblay a partir da primeira edição de 1925 (Paris: Librairie Félix Alcan). Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/cadres_soc_memoire/cadres_soc_memoire.html>. Acesso em 05/09/2021.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5) 1995: pp. 07-41.

HARDILL, Irene. Introduction: Geographies of Aging. **Journal The Professional Geographer**. Volume 61, 2009.

HARPER, Sarah. Ageing 2000 – questions for the 21st century. **Ageing and Society**, 20, 2000, 111–122.

HELP AGE INTERNATIONAL. **Insight Report**. 2015. Disponível em <www.helppage.org/global-agewatch>. Acesso em 10/01/2021.

HOPKINS, Peter; PAIN, Rachel. Geographies of age: thinking relationally. **Area**. Vol. 39 No. 3, pp. 287–294, 2007.

IBGE - **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD**. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?t=erramos>>. Acesso em 12/10/2020.

JAHN, Elisiane de Fátima. **Envelhecimento, campesinato e o crédito consignado: o papel educativo de Movimentos Sociais em relação às estratégias de educação financeira com idosas camponesas e idosos camponeses**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós – Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2018.

KEATING, Norah, SWINDLE, Jennifer, and FLETCHER, Stephanie. Aging in Rural Canada: A Retrospective and Review. **Canadian Journal on Aging / La Revue canadienne du vieillissement** 30 (3): 323 – 338 (2011). doi:10.1017/S0714980811000250.

KLIMA, Ewa; JANISZEWSKA, Anna; MORDWA, Stanisław. Elderly people and their quality of life – challenges for Geography. **Space – Society – Economy**. No 13, 2014. University of Lodz. (p.173-189).

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Tradução de Ivone C. Benedetti. Editora Unesp, 2000.

LAWS, Glenda. Oppression, Knowledge and the Built Environment. **Political Geography** – POLIT GEOGR. 13. 7-32. 1994.

LEAL, G. **Impactos socioterritoriais dos assentamentos rurais do município de Teodoro Sampaio - SP**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

LEITE, José Ferrari. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo, Hucitec/Fundação Unesp, 1998.

LINHA DO TEMPO. **A velhice no Brasil**. Entrevistada: Cristina Madi. Entrevistadora: Inês de Castro. [S. l.]. Spotify, 2021. Disponível em <https://open.spotify.com/show/51hJCTZrVmTdfWSpwHiklo>. Acesso em 10/11/2021.

LITTLE, Willian. Aging and the Elderly. In: **Introduction to Sociology** – 2nd Canadian Edition. OpenStax College, 2016.

MARTINS, José de Souza. O sujeito da reforma agrária (estudo comparativo de cinco assentamentos). In: MARTINS, José de Souza. **Travessias. A vivência da reforma agrária nos assentamentos**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009, p. 11 – 52.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MASSEY, Doreen. Concepts of space and power in theory and in political practice. **Doc. Anal. Geogr.** 55, pp. 15 – 26, 2009.

MEJÍA, Rafael E. Etnografia, cartografia e devir: potencialidades da escritura nas pesquisas antropológicas contemporâneas. In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela. **Vida & grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015, p. 90-110.

MENDES, Lidiana de Pinho; OLIVEIRA, Fernando Henrique Ferreira de. Os vulneráveis em tempos de pandemia. **Revista Pegada**, v. 21, n. 2 (2020).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Prefácio: Envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo da vida brasileira. In: **Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**. Organizado por TRENCH, Belkis; ROSA, Tereza Etsuko da Costa. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011. 290p.

MORAIS, Eliane Pinheiro de. **Envelhecimento no meio rural: condições de vida, saúde e apoio dos idosos mais velhos de Encruzilhada do Sul – Rio Grande do Sul**, 2007.

MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso: para a crítica da Geografia que se ensina**. Editora Dois Pontos, 1987.

MOREIRA, Ruy. As categorias espaciais da construção geográfica das sociedades. **Geographia**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, 2001.

MOREIRA, Pedro Paulo. **Envelhecer. Histórias, encontros, transformações**. 3ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MOWL, Graham., PAIN, Rachel., TALBOT, Carol. (2000), The ageing body and the homespace. **Area**, 32: 189-197. <https://doi.org/10.1111/j.1475-4762.2000.tb00129.x>.

NEUMANN, Lycia Tramuja Vasconcellos; ALBERT, Steven M. Aging in Brazil. **The Gerontologist**, Volume 58, Issue 4, August 2018, Pages 611–617, <https://doi.org/10.1093/geront/gny019>.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. Reflexões teóricas sobre o cotidiano e a geografia no envelhecimento humano. **Estudos interdisciplinares de envelhecimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 865-881, 2015.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. Revisão e aportes sobre a geografia do envelhecimento. **Revista Formação** (ONLINE) Vol. 1; n. 24, Jan-Abril/2017. p.34-62.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. **Geografia do envelhecimento: algumas questões para o debate**. Editora CRV - Curitiba, 2020

NUNES, Xavier Camila. **Geografias do corpo: por uma geografia da diferença**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Porto Alegre, RS – BR, 2014.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Envelhecimento populacional e políticas públicas: desafios para o Brasil no século XXI. **Espaço e Economia**, 8, 2016.

OLIVEIRA, Fernando Henrique Ferreira de. **Aspectos da cultura rural tradicional na Reforma Agrária: estudo nos assentamentos de Presidente Venceslau, SP**. 2015. 1 CD-ROM. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) - Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015.

OLIVEIRA, Fernando Henrique Ferreira de. **Memórias, luta pela terra e permanência na terra: histórias de vida das primeiras gerações de famílias pioneiras em Araraquara – SP**. 2018. Dissertação de Mestrado (Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente) - Araraquara: Universidade de Araraquara, 2018.

ONU (Organização das Nações Unidas) - Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental. **Envelhecimento**. 2021. Disponível em <<https://unric.org/pt/envelhecimento/>>. Acesso em 15/05/2021.

PAIVA, Sálvea de Oliveira Campelo. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo da capital**. Cortez Editora, 2014.

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia i: conceitos para uma geografia do que acontece. **FINISTERRA – Revista Portuguesa de Geografia**. Vol. 52 N.º 106 (2017).

PANAZZOLA, P; LEIPERT, B. Exploring mental health issues of rural senior women residing in southwestern Ontario, Canada: A secondary analysis photovoice study. **Rural and Remote Health**. 2013; 13: 2320. <https://doi.org/10.22605/RRH2320>.

PHILLIPSON, Chris; SCHARF, Thomas. Rural and urban perspectives on growing old: developing a new research agenda. **European Journal Ageing** 2, 67–75 (2005). <https://doi.org/10.1007/s10433-005-0024-7>.

QUINTANA, Mário. **Esconderijos do Tempo, conferido e digitado por mim mesmo de Poesia Completa** – Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 479.

RUA, João. Repensando a geografia da população. **Geo UERJ**, 57-72, 1997.

RIBEIRO, M.M.C; NETO, J. A. F; DIAS, M. M; FIÚZA, A. L. C. Análise das causas da evasão em assentamentos de reforma agrária no Estado do Tocantins. **Revista Extensão Rural**, DEAER/PPGExR – CCR –UFSM, Ano XVII, nº 22, Jul – Dez de 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 2006.

SARAIVA, Kátia Maria Pacheco. **Ateliê Narrativo de Memórias Autobiográficas: teoria e prática**. (Curso). Portal do Envelhecimento, Espaço Longevidade - São Paulo, 2022.

SEADE - Perfil dos municípios paulistas. **Teodoro Sampaio/SP**. Disponível em <https://perfil.seade.gov.br/>. Acesso em 30/04/2021.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHEIDT, Rick J. The Defense of My Aging Self: A Report From the Field. **The Gerontologist**, Volume 57, Issue 1, 1 February 2017, Pages 110–115, <https://doi.org/10.1093/geront/gnw082>.

SCHWANEN, Tim; HARDILL, Irene; LUCAS, Susan. Spatialities of ageing: The co-

construction and co-evolution of old age and space. **Geoforum**, (43), 2012. 1291 – 1295.

SILVA, Katiane Machado. **Gerações no movimento do Movimento: Um estudo do envelhecimento no MST**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós – Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2008.

SILVA, Cacildo da; FELICIANO, Carlos Alberto. A formação e ordenamento territorial do assentamento Água Sumida/Teodoro Sampaio-SP. **Centro de Estudos de Geografia do Trabalho**, p. 20, 2011.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. In: Cláudia Luisa Zeferino Pires; Álvaro Luiz Heidrich; Benhur Pinós da Costa (Org.). **Plurilocalidade dos sujeitos**. 1ed. Porto Alegre: Compasso, 2016, v. 1, p. 56-75.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A luta pela terra. Experiência e memória**. 1. ed. São Paulo: Edunesp, 2004. v. 1. 135 p.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. Assentamento Bela Vista, a peleja para ficar na terra. In: MARTINS, José de Souza. **Travessias. A vivência da reforma agrária nos assentamentos**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009, p. 107 – 158.

SILVA, Raimundo Pires da. **Assentamento rural: um novo momento de ocupação econômica no pontal do Paranapanema**. 2003. Dissertação (Mestrado em Economia) Universidade de Campinas, Campinas.

SKINNER, Mark; CLOUTIER, Denise; ANDREWS, Gavin J. Geographies of ageing: progress and possibilities after two decades of change. **Progress in Human Geography**, 1 – 24, 2014.

STUTZ, Frederick P. Prisoners of Space? Exploring the Geographical Experiences of Older People by Graham K. Rowles. **Geographical Review**, Vol. 69, No. 4 (Oct., 1979), p. 473. <http://www.jstor.org/stable/214813>.

SYLVESTRE, Gina. The geography of aging: a geographical contribution to gerontology. **Prairie Perspectives**. 214 – 224. 1999.

TARRANT, Anna. Constructing a social geography of grandparenthood: A new focus for intergenerationality. **Area** 42 (2), 190-197, 2011.

TURRA NETO, N. **Pesquisa qualitativa em Geografia**. In: XVII Encontro Nacional de Geógrafos – XVII ENG, 2012, Belo Horizonte. Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos: entre escalas, poderes, ações, geografias, 2012.

UNA/SUS - **Envelhecimento da População Brasileira**. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2020.

VALENCIANO, R. C. Processo de Luta pela Terra e Seus Desdobramentos no Município de Teodoro Sampaio. **Pegada - A revista da Geografia do Trabalho**, v. 2, n. 1, p. 1–9, 2001.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; FIAMENGUE, Elis Cristina. Memória feminina: trabalho, amor e escola. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v. 2, 1995.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; FIAMENGUE, Elis Cristina. Memória masculina: trabalho, lutas e política. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v. 2, 1995.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; FIAMENGUE, Elis Cristina. Memória da terra: rupturas e possibilidades de reconstrução. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v. 2, 1995.

WOORTMANN, Ellen F; WOORTMANN, Klaus. Velhos Camponeses. In: Altair Lahud. (Org.). **Terceira Idade**. Brasília: Editora da UNB, 2004, p. 55-70.